

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

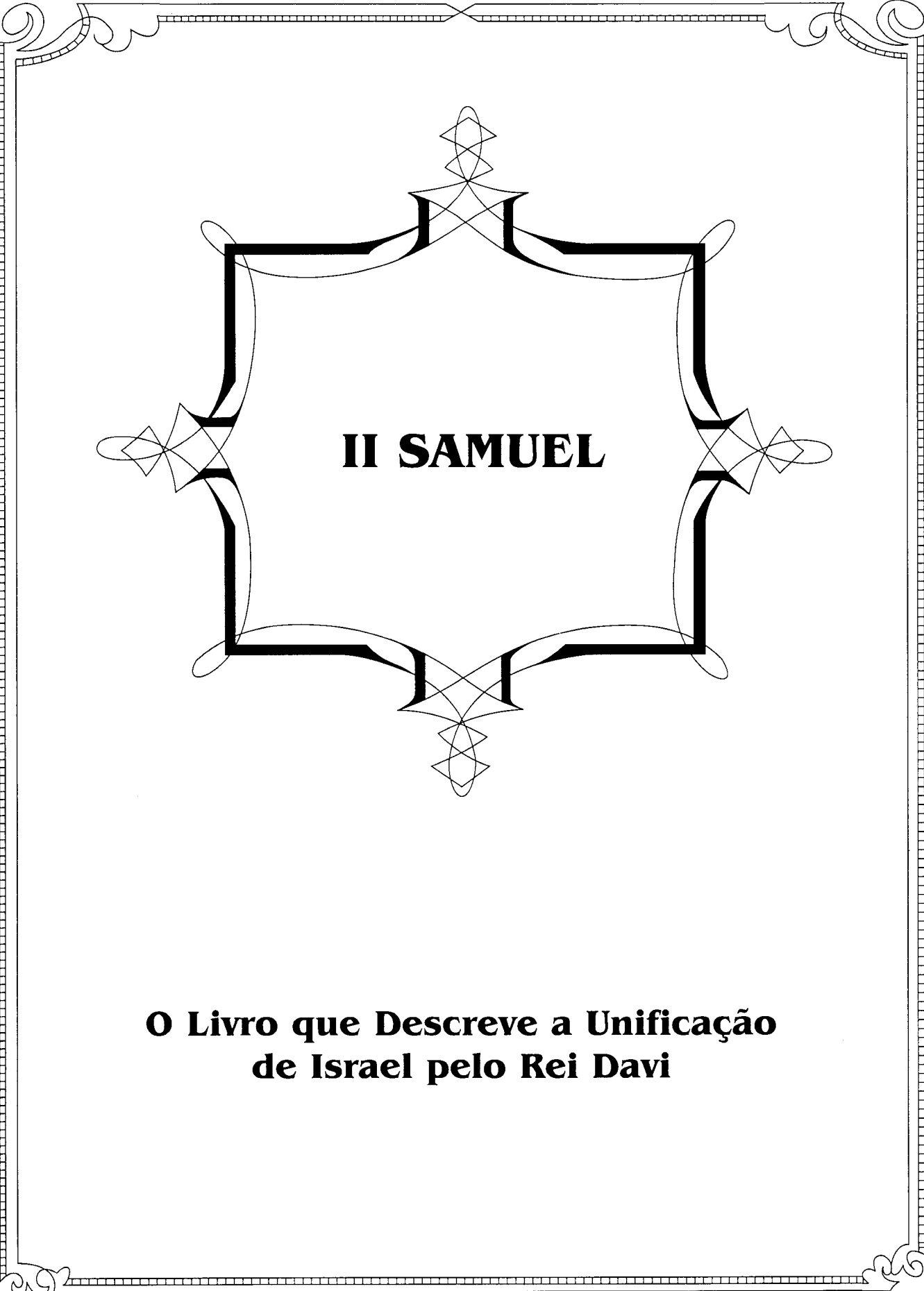
VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor

R. N. Champlin, Ph. D.

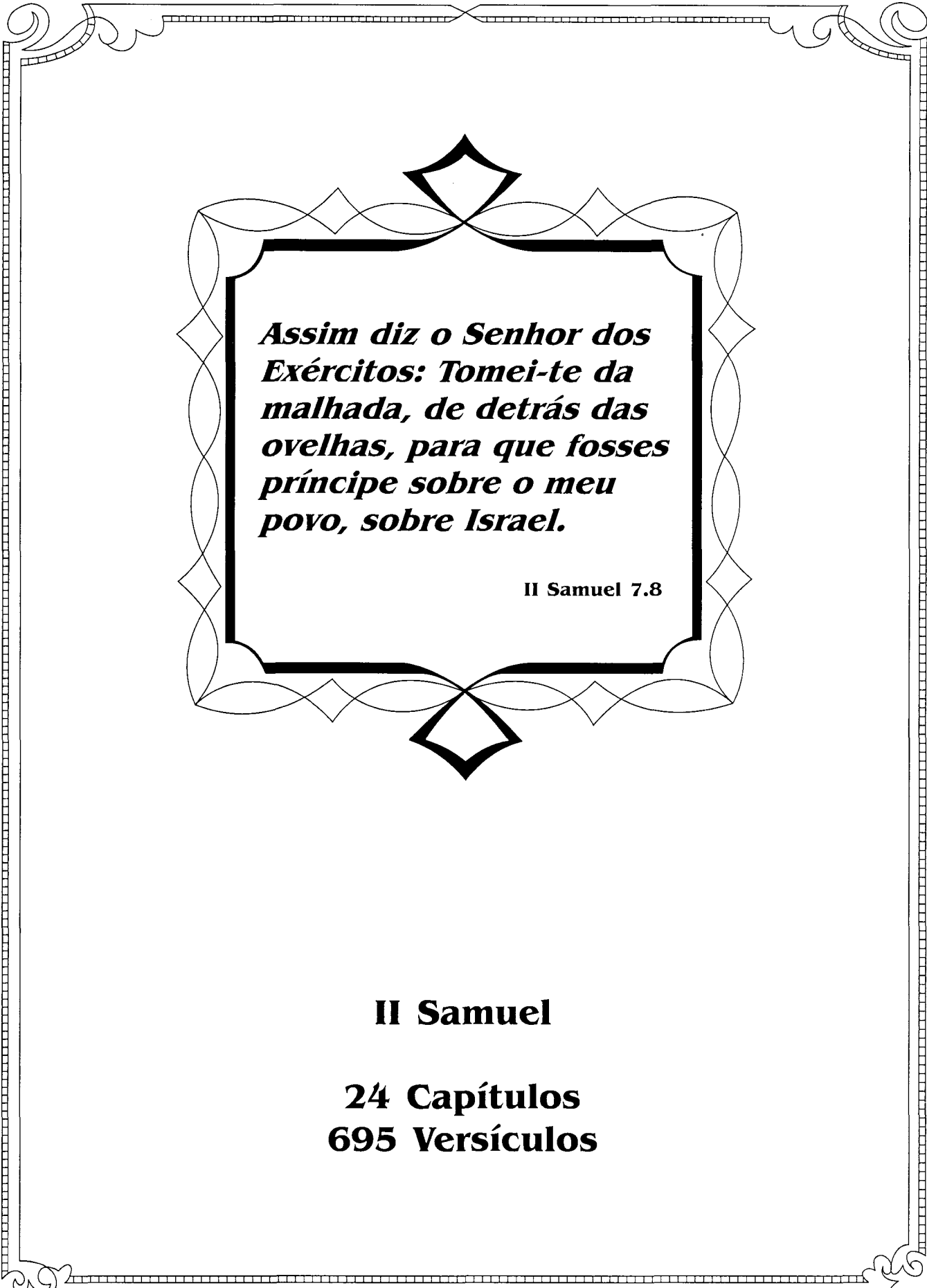
2 SAMUEL





II SAMUEL

**O Livro que Descreve a Unificação
de Israel pelo Rei Davi**



***Assim diz o Senhor dos
Exércitos: Tomei-te da
malhada, de detrás das
ovelhas, para que fosses
príncipe sobre o meu
povo, sobre Israel.***

II Samuel 7.8

II Samuel

**24 Capítulos
695 Versículos**

INTRODUÇÃO

Ao Leitor

A Bíblia dos hebreus não separava I e II Samuel conforme fazem nossas Bíblias hoje. A versão da Septuaginta foi o primeiro dos documentos históricos a apresentar esses dois livros separadamente. Essa divisão foi seguida por outras versões e também adotada pela Bíblia em português.

Apresentei uma única introdução a I e II Samuel, pelo que o leitor deve consultar a introdução àquele livro.

O leitor sério, ao analisar II Samuel, preparará o caminho para o estudo lendo a introdução, que aborda questões como: nome, autoria, data, propósitos, estado do texto, problemas especiais, teologia, conteúdo e cronologia.

Em I e II Samuel são traçados os pontos históricos de *três* personagens principais, quase como em uma biografia: Samuel, o último dos juízes de Israel, que foi também o precursor da era dos profetas; Saul, o primeiro rei de Israel; e Davi, o segundo rei de Israel. A história de Saul está contida em I Samuel, mas a história de Davi acha-se tanto em I quanto em II Samuel. Os críticos identificam várias fontes informativas para os livros, algumas antigas e outras tardias, e atribuem a compilação final dos livros à época seguinte ao exílio babilônico, porquanto certas referências pertencem, historicamente, àquele período. Esses problemas são discutidos conforme progride a exposição.

A *Scofield Reference Bible* faz os seguintes comentários sobre II Samuel: "Assim como I Samuel assinala o fracasso dos homens em Eli, Saul e até no próprio Samuel, II Samuel assinala a restauração da ordem através da entronização do rei divino, Davi. Este livro também registra o estabelecimento do centro político de Israel em Jerusalém (5.6-12), e de seu centro religioso em Sião (5.7; 6.1-17). Quando tudo estava assim ordenado, Yahweh firmou o grande *Pacto Davidico* (7.8-17; 23.1-7), a partir do qual, doravante, toda a verdade sobre o reino é desenvolvida. Em suas *palavras finais* (23.1-7), Davi descreve o reino milenar que ainda surgiria".

"O livro de II Samuel relata o governo de Davi, primeiramente como rei apenas sobre Judá (capítulos 1 a 4), e então como rei sobre Judá e Israel (capítulos 5 a 24). Os capítulos 9 a 20 dizem respeito particularmente às tribulações domésticas e políticas do reinado de Davi. Os capítulos 21 a 24 formam uma espécie de apêndice, constituído de *dois hinos* (22; 23.1-7), além de vários eventos que, cronologicamente, foram escritos fora de ordem. Visto que tão grande parte de II Samuel pertence à *fonte mais antiga*, essa classificação será acompanhada nos comentários, a menos que se anote de outra forma. Graças ao gênio do autor dessa fonte primitiva, II Samuel é um dos mais claramente escritos, mais homogêneos e mais compreendidos livros bíblicos. Isso se dá especialmente com os capítulos 9 a 20, nos quais o autor sacro parecia estar escrevendo com base em seu conhecimento pessoal. Por toda a narrativa do reinado de Davi, brilha a convicção de que Israel é o povo do Senhor e de que Sua providência está em ação na história deles" (Introdução a II Samuel da *Oxford Annotated Bible*).

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Davi Lamenta a Morte de Saul e Jônatas (1.1-27)

Conforme já afirmamos, na Bíblia hebraica, havia um único livro que mais tarde foi dividido em dois, como aparece hoje na Bíblia em português. Ver a introdução antes destes comentários.

O capítulo final de I Samuel registra as mortes trágicas de Saul e seus filhos. O primeiro capítulo de II Samuel continua essa história, relatando como Davi lamentou essas mortes.

O leitor também poderá observar várias discrepâncias na história aqui exposta sobre a morte de Saul, quando comparada a I Sam. 31. Muitas tentativas de reconciliação têm sido feitas, mas nenhuma delas é realmente satisfatória. A principal diferença é que I Sam. 31 diz-nos que Saul cometeu suicídio, depois de ter sido ferozmente atingido por uma flecha, para impedir sua tortura e humilhação às mãos dos filisteus. Mas o presente capítulo diz-nos que *certo amalequita* foi quem deu o golpe de misericórdia que pôs fim à vida de Saul. Os críticos supõem que I Sam. 31 seja o relato mais acurado, historicamente falando, e que, se algum amalequita esteve envolvido, então o próprio amalequita inventou a história, tendo em vista sua autoglorificação e talvez em uma tentativa de agradar a Davi e obter dele benefícios, visto que Saul, por longo tempo, havia atacado aquele homem. Mas, se esse foi o seu propósito, então o plano inteiro do amalequita foi um tiro pela culatra, pois Davi, irado que tal homem tivesse assassinado o “ungido do Deus”, matou-o no mesmo local. I Sam. 4.9,10 também menciona o amalequita. Isso posto, I e II Samuel registram duas histórias da morte de Saul, sem nenhuma tentativa de reconciliação entre elas.

Tentativas de Reconciliação:

1. *Muitos críticos* supõem que é impossível e desnecessário reconciliar os dois relatos. Eles acreditam que essas narrativas baseiam-se em *fontes informativas* diferentes, que eram simplesmente contraditórias. A maioria dos críticos considera a narrativa de I Samuel mais exatamente histórica.

2. *Muitos estudiosos conservadores* “reconciliam” os dois relatos supondo que a história contada pelo amalequita tenha sido uma *fabricação*, e não reflita o que realmente aconteceu. O homem teria inventado a história para agradar Davi, que se tornara conhecido inimigo de Saul. A dificuldade dessa “reconciliação” é que o compilador de I e II Samuel não afirma tal coisa. Ele não dá nenhuma indicação de que o amalequita estivesse mentindo, e, por isso mesmo, relatando uma história contraditória.

3. *Podemos tentar* uma reconciliação entre os dois relatos supondo que eles sejam *suplementares*, e não contraditórios. Talvez a questão toda tenha acontecido como se segue:

a. Saul foi ferido por uma flecha e, potencialmente, ferido de morte. Ele sangraria até morrer.

b. Temendo a tortura às mãos dos filisteus, caso o encontrassem ferido (embora ainda não morto), Saul pediu que o escudeiro terminasse com sua vida. Mas o escudeiro, temeroso de tratar dessa maneira o ungido de Yahweh, recusou-se a atender ao pedido.

c. Diante disso, Saul *tentou suicidar-se*, mas realizou um trabalho inepto. Tudo quanto conseguiu foi outro ferimento horrível, dessa vez por meio de sua própria espada.

d. A essa altura do drama, chegou o amalequita e encontrou Saul agonizante (ver II Sam. 1.9). Saul pediu que o homem pusesse fim à sua vida, ao que o amalequita atendeu, presumivelmente usando sua espada ou lança (ver II Sam. 1.10).

Isso nos fornece alguma reconciliação, mas de *nossa própria* invenção, e não uma reconciliação provida pelo autor (ou pelos autores) de I e II Samuel. Naturalmente, não há razão alguma para nos preocuparmos em reconciliar os relatos. A fé religiosa não depende desses detalhes, nem de uma harmonia absoluta, que geralmente é obtida através de alguma *manipulação desonesta*. Somente conservadores fanáticos e os céticos crêem que tal atividade é importante, os primeiros na tentativa de provar que as Escrituras não contêm erro, e os outros para mostrar todos os erros das Escrituras. Ambos acabam recorrendo à categoria das manipulações desonestas.

1.1

Depois da morte de Saul. Dessa maneira, II Samuel começa vinculando seu material ao último capítulo de I Samuel, como uma continuação do livro anterior. Na Bíblia dos hebreus, I e II Samuel formavam um só livro. Assim sendo, o primeiro capítulo de II Samuel é simplesmente outro *parágrafo* do relato de Saul e seus filhos, a respeito de como eles morreram, e não um livro independente de I Samuel.

A menção da volta de Davi depois de ter matado os amalequitas leva-nos de volta à história de I Sam. 30. Davi retornou a Ziclague em Aquis, um príncipe filisteu que lhe fornecera quartel-general em seu território. Quanto a isso, ver I

Sam. 27.6. Davi tinha fugido para o território estrangeiro, a fim de escapar da incansável perseguição movida por Saul, em suas intenções assassinas. O centro do príncipe Aquis era *Gate*, uma das cinco principais cidades dos filisteus. Por algum tempo, Davi se fizera vassalo daquele homem e passara eliminando populações inimigas de Israel, na parte sul do país, sobrevivendo do saque. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Ziclague*.

1.2

Sucedeu ao terceiro dia. Isso após o retorno de Davi, depois de ele ter matado em massa aos amalequitas (ver I Sam. 30). O homem amalequita veio do campo de batalha, sobre o monte Gilboa, e trouxe as notícias da morte de Saul e seus dois filhos. Ele chegou com as roupas rasgadas (supostamente como sinal de consternação pela morte do rei de Israel) e com pó sobre a cabeça (outro sinal de luto). Ele prestou homenagem a Davi, caindo prostrado sobre o solo. Trazia uma solene mensagem. A história contada por ele não concordava com o relato da morte de Saul em I Sam. 31, e o autor (compilador) não procurou reconciliar as duas narrativas. Ver a introdução ao presente capítulo, a respeito do que os eruditos dizem sobre a questão, e de como alguns tentam obter alguma reconciliação.

Supomos que esse amalequita fosse membro do exército de Saul, razão pela qual estava presente por ocasião da morte do primeiro rei de Israel. Por outra parte, ele pode ter sido um habitante daquela região do país, sem nenhuma relação com o exército dos filisteus ou com o exército de Saul. Aconteceu-lhe chegar por acaso à sangrenta cena da morte de Saul e matá-lo como um ato de misericórdia, a pedido do próprio rei. Ele também conhecia Davi e sua rivalidade com Saul, e sabia que Davi desejava notícias a respeito de Saul, pelo que pronunciou a terrível mensagem.

Alguns comentadores judaicos identificam o homem amalequita com *Doegue*, o idumeu (*Pesikta*, em Jarchi, *in loc.*). Mas isso é pura fantasia. Os amalequitas, contudo, eram uma das raças iduméias, pelo que a conjectura não representa grande contradição.

Cf. I Sam. 4.12 quanto aos rituais de lamentação também registrados neste versículo. Ver no *Dicionário* sobre *Lamentação*, especialmente a seção III, *Alguns Modos e Costumes de Lamentação*. “A recepção das notícias da derrota, por parte de Davi, deveria ser comparada com I Sam. 4, com o que tem muito em comum, tanto quanto ao estilo como quanto aos detalhes” (John George B. Caird, *in loc.*).

1.3

Fugi do arraial de Israel. Isso subentende que o amalequita estivera no exército de Saul. Por outra parte, ser apanhado na cena de uma batalha selvagem teria sido perigoso para qualquer um, estivesse ou não esse alguém diretamente envolvido na guerra. As palavras “por acaso”, no vs. 6 deste capítulo, podem dar a entender que o homem simplesmente estava no monte Gilboa quando a batalha ocorreu. Ou podem indicar que foi por acaso que ele apareceu na cena em que Saul agonizava. Não importa, porém, determinar exatamente o sentido dessas palavras. Além disso, o amalequita pode ter inventado a história toda para obter favor diante de Davi, passando por um herói que eliminara o seu principal inimigo.

1.4

Como foi lá isso? Davi indagou, ansioso, sobre “como ocorreria a batalha”, somente para ouvir as espantosas notícias de que Israel havia sofrido grande derrota, fugira em confusão, e Saul e seus filhos, incluindo Jônatas, haviam sido mortos. *Yahweh* tinha voltado as costas a Israel naquele dia. Chegara a hora de Saul. Ele encontrou sua sorte merecida. Coisa alguma tinha acontecido por acaso. Saul e sua dinastia estavam acabados.

1.5

Como sabes tu que Saul e Jônatas... são mortos? Davi pressionou o amalequita quanto a maiores informações, especificamente *como ele sabia* tanto sobre o que havia acontecido. Isso o forçou a confessar (ou a jactar-se) como havia dado em Saul o golpe de misericórdia que o livrara de sua agonia. Mas essa confissão, longe de agradar a Davi, custou ao amalequita a própria vida (vs. 15).

1.6

Cheguei por acaso à montanha. Sucedeu que o homem passou pelo monte Gilboa quando Saul agonizava. O amalequita podia ou não fazer parte do exército de Saul. Ver a discussão no vs. 3. A expressão “Saul estava apoiado sobre a sua lança” provavelmente significa apenas que Saul, cansado de fugir, tinha-se apoiado em sua lança para descansar. Alguns estudiosos sugerem que esse apoio significava uma tentativa de suicídio, mas I Sam. 31.4 diz-nos que Saul se suicidou com sua espada. Ellicott (*in loc.*) considera a história de I Sam. 31 o “verda-

deiro relato”, ao mesmo tempo que supõe que a história do amalequita tenha sido uma invenção. Quanto a uma discussão sobre as discrepâncias nos dois relatos da morte de Saul, ver as notas de introdução a 1.1 deste livro. Ali oferece as reconciliações possíveis entre as duas narrativas.

A batalha começou em *Jezreel*, mas foi apenas natural que Israel, derrotado, tivesse procurado refugiar-se no monte Gilboa. Ver I Sam. 31.1 e cf. 29.1.

1.7

Viu-me e chamou-me. Em sua agonia, Saul viu o amalequita nas proximidades e chamou-o implorando que o matasse. II Samuel nada nos diz sobre a flecha do arqueiro que feriu a Saul, nem sobre a tentativa de suicídio; mas este versículo apresenta indícios que ele havia sido gravemente ferido, embora não corresse perigo de morte iminente (vs. 9). O relato de II Samuel também nada diz sobre o temor de Saul de que os filisteus o encontrassem vivo e o sujeitassem a torturas (ver 31.4), o que representava a exata razão pela qual ele desejava morrer imediatamente.

1.8

Saul queria saber quem era aquele homem desconhecido que estava nas proximidades, se era um amigo ou um inimigo. Talvez o amalequita fosse membro do exército de Saul, alguém que poderia dar o golpe de misericórdia. Se fosse um filisteu, Saul não lhe teria feito tal pedido. Se fosse um israelita, sem dúvida poderia tê-lo feito. Ele havia implorado ao escudeiro que executado o trabalho, mas este havia recusado (ver I Sam. 31.4). O amalequita era uma espécie de figura neutra, capaz de terminar com a agonia de Saul. Os amalequitas, antigos inimigos de Israel, haviam atacado os israelitas quando estes tinham acabado de deixar o Egito (ver Êxo. 17.8-13), e assim carregavam sobre si a maldição de Yahweh, o que significava que seriam aniquilados de forma absoluta. Ademais, eles abusaram dos filhos de Israel em várias ocasiões. Ver Deu. 25.18; Jui. 3.13; 6.3. Saul havia administrado uma contundente derrota sobre os amalequitas, não fazia muito tempo (ver I Sam. 15.4-9). Essa louca história, que sempre mantivera Israel e os amalequitas em conflito, não importava a Saul naquele momento. Saul queria apenas morrer, e qualquer um serviria como matador, exceto um filisteu.

1.9

Os vss. 9 e 10 dizem-nos definitivamente que Saul estava ferido, mas não corria o perigo de morrer imediatamente. Mais provavelmente ficaria sangrando até morrer. A história aqui não fala sobre a flecha do arqueiro nem sobre o suicídio de Saul, detalhes que figuram na história de I Sam. 31. Saul estava em *angústia*, agonizante, mas a história de II Samuel, em seu primeiro capítulo, não nos explica por quê. Talvez o autor espere que nos lembremos da primeira narrativa, pelo que não seria necessário repetir os detalhes. Alguns intérpretes, entretanto, salientam que a palavra “me sinto vencido de cáibra” (ou alguma outra tradução) é uma tentativa de traduzir um termo hebraico desconhecido, o qual implicaria que Saul estava mortalmente ferido. Talvez ele apenas estivesse “estonteado” (conforme certa versão portuguesa diz, “uma vertigem se apoderou de mim”). Mas o vs. 10 é contrário a isso. O amalequita estava certo de que Saul não sobreviveria por muito tempo, e isso só pode ser explicado pela suposição de que ele havia sido ferido de morte.

1.10

Com uma espada ou lança, o amalequita atendeu à solicitação de Saul e tirou-lhe a vida. Dessa forma Saul escapou do alcance dos temidos filisteus. Ainda assim mutilaram-lhe o corpo, deceparam-lhe a cabeça e penduraram o seu tronco em uma parede, em Bete-Seã. Ver I Sam. 31.9,10. Isso foi algo brutal e drástico da parte dos filisteus, mas Davi fez a mesma coisa com Golias (ver I Sam. 17.54 ss.).

“Saul morrera pela mão de um membro da tribo contra quem (no começo de seu reinado) ele falhara em executar o juízo divino (ver I Sam. 15). Ele foi rejeitado por sua desobediência, e por causa disso Davi foi secretamente ungido rei. Agora o julgamento completara o círculo, e um membro do povo de Agague foi o homem que matou a Saul” (Ganse Little, *in loc.*).

Tomei-lhe a coroa... e o bracelete. Essas eram insígnias da realeza, conforme dito em II Reis 11.12. Isso implica pelo menos três coisas: 1. o amalequita queria prova de que havia matado o rei de Israel; 2. provavelmente ele queria obter o favor de Davi, recebendo uma recompensa por aquele ato, visto que Saul, por tanto tempo, havia perseguido Davi como se este fosse um animal, com intuídos assassinos, e era conhecido como o arquirrival que não lhe dava um momento de sossego; 3. e, finalmente, é possível que ao trazer as insígnias reais ele estava reconhecendo Davi como o novo rei de Israel. Poderíamos esperar que um filho de Saul herdasse o trono, mas Samuel já havia

anulado essa possibilidade (ver I Sam. 13.13,14). Ademais, Samuel é quem tinha nomeado Saul como rei, e estava dentro de seu direito nomear outro rei. De fato, ele assim fez, tendo ungido a Davi como rei quando Saul estava no auge do poder (ver I Sam. 16). Talvez todos esses fatos fossem largamente conhecidos.

Josefo diz-nos que tanto homens quanto mulheres usavam jóias (ver *Antiq.* 1.6, cap. 14), e as jóias de Saul eram feitas de “ouro”, de conformidade com os comentários de Josefo. Cf. Gên. 38.18; Eze. 23.42 quanto ao uso de jóias. Os militares apreciavam muito certas peças de joalheria que os adornavam nas batalhas (Vid. Liv. *Hist. Decad.* 1.1.10, cap. 44). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jóias e Pedras Preciosas*.

1.11

Apanhou Davi as suas próprias vestes e as rasgou. Esse ato de rasgar as roupas era *senal comum* de lamentação ou consternação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das*. Ver também sobre *Lamentação*, sobretudo a seção III, quanto a informações sobre os costumes de lamentação. Os homens de Davi imitaram seus atos, e um terrível acesso de choro e lamentação seguiu-se durante horas. Cf. Gên. 37.34, onde vemos que esses atos de lamentação eram esperados no caso de pessoas proeminentes.

1.12

Jejuar fazia parte dos ritos de lamentação, e o cenário aqui, podemos ter certeza, abrangia mais que mero jejum, não somente porque o temido Saul e o amado Jônatas haviam morrido, mas também porque o povo de Israel tinha sofrido grave derrota naquele dia, e muitos jaziam mortos no campo de batalha. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jejum*.

A narrativa mostra-nos que Davi não somente era um patriota, mas também que ele se entristeceu diante da morte de Saul, a despeito de aquele homem, por muito tempo, tê-lo perseguido da maneira mais desgraçada. Ademais, Jônatas era o amigo mais querido de Davi (ver I Sam. 18.1-3). Eles se amavam mutuamente “como às suas próprias almas”. A morte de Jônatas foi especialmente sentida, e nada havia de apenas ritualista ou fingido sobre as lamentações que perduraram até o pôr-do-sol.

1.13

Perguntou Davi ao moço portador das notícias. O texto dá a entender que somente depois de todo aquele terrível choro e lamentação Davi dirigiu novamente sua atenção ao amalequita. Ou talvez isso tenha sido feito imediatamente antes das lamentações. Seja como for, o pobre mensageiro de más notícias, que pensou estar fazendo um favor a Davi, não sobreviveu ao incidente. Outras perguntas de Davi revelaram que se tratava de um amalequita, um representante do povo amaldiçoado por Yahweh, por causa de seus atos terroristas contra Israel, durante todo o curso de sua história. O artigo intitulado *Amalequitas*, no *Dicionário*, conta a história inteira. Ver I Sam. 15, quanto a como Saul foi envolvido na maldição contra aquele povo e falhou de cumprir todo o seu dever, em razão do que foi rejeitado como rei de Israel.

Sou filho de um homem estrangeiro, amalequita. O pai do homem aparentemente tornara-se um prosélito da fé hebraica, o yahwismo. Tais pessoas tornavam-se virtuais cidadãos em Israel, pela força das leis que favoreciam o *ger*, o *estrangeiro* que vivia em Israel como imigrante. Os estrangeiros desfrutavam de proteção, mas não de plenos direitos civis. Eram favorecidos pelo descanso sabático (Êxo. 20.10; 23.12; Deu. 5.14) e esperava-se que observassem os costumes religiosos sem nenhuma infração (Deu. 16.10,11,13,14; 26.11). Um estrangeiro também estava sujeito a atos de caridade (Deu. 14.28,29; 24.14,19,20). Ver o artigo intitulado *Peregrino*, no *Dicionário*, quanto a detalhes completos. Ali o termo hebraico *ger* é discutido juntamente com outros, que também são traduzidos como “peregrinos”, nas páginas do Antigo Testamento.

Podemos *presumir* que esse filho de um prosélito também era adepto da fé hebréia, mas nem isso salvou a sua vida. De fato, ainda que um israelita tivesse levantado a mão contra um dos reis de Israel, sua vida não seria poupada.

1.14

Como não temeste estender as mão...? O armeiro de Saul teve *medo* de estender a mão para matar o ungido do Senhor (ver I Sam. 31.4), embora Saul lhe tivesse ordenado aplicar o *golpe de misericórdia*. Como, pois, o amalequita (um cidadão de segunda classe) imaginou cometer tal ato sem retaliação? O desejo de morrer de Saul e sua necessidade de auxílio para fazer isso, configurando o que seria uma *matança por misericórdia*, impressiona nossa mente. Assim, parece injusto que o homem tivesse sido morto por haver obedecido ao rei. Mas Davi não pensava da nossa maneira. Para ele, era um crime permitir que o amalequita continuasse vivo. “Davi agiu aqui sob o impulso de um sentimento religioso genu-

ino, chocado por um ato de *sacrilegio* aberto e desavergonhado" (George B. Caird, *in loc.*).

"Aos olhos de Davi, o regicídio não era apenas um crime político; ele tinha demonstrado em mais de uma ocasião de grande tentação (ver I Sam. 24.6; 26.9,11,16) que considerava tirar a vida do 'ungido do Senhor' uma *ofensa religiosa* da maior magnitude. Portanto, foi um crime especialmente grave para um estrangeiro, um *amalequita*, matar àquele a quem Deus ungira como o monarca de Israel" (Ellicott, *in loc.*). Esse sentimento não foi mitigado na mente de Davi (como talvez seja mitigado em nossa própria mente) pelo fato de que Saul já estava mortalmente ferido, e a execução final era tanto misericordiosa quanto salvara Saul de qualquer outra desgraça nas mãos dos filisteus.

1.15

Então chamou Davi a um dos moços. Davi despachou o pobre amalequita por meio de um jovem soldado, que assim adicionou outra vítima a seus registros. Pessoalmente, parece-me difícil ver como essa ação pode ser considerada correta. Parece ter sido o produto de uma mente bem intencionada mas primitiva, para a qual tirar a vida alheia era uma questão cotidiana e aprovada como ato de heroísmo ou mesmo de serviço prestado a Deus. Davi e seu bando de 600 foras-da-lei estavam acostumados a viver pela espada e, assim, alguém que fosse supostamente culpado de *alta traição* dificilmente teria oportunidade de continuar vivo, após cair em suas mãos. É anacrônico discutir se Davi tinha ou não o direito de ordenar a punição capital. Homens dotados de autoridade, real ou militar, não estavam sujeitos ao julgamento dos tribunais e dos juizes.

1.16

O teu sangue seja sobre a tua cabeça. O homem *era culpado* de alta traição e do ato sacrilégio máximo — a morte do rei ungido de Israel. Suas palavras foram testemunho suficiente contra ele. Não foi nem mesmo necessário convocar testemunhas e nomear um tribunal. Davi ignorou quaisquer apelos do amalequita, que necessariamente incluíram o fato de que o próprio Saul desejara morrer, antes que os filisteus o apanhassem vivo. Saul precisava morrer, mas o amalequita não tinha o direito de cumprir as horrendas profecias que pairavam contra o rei e sua casa. Para mim, é um absurdo fazer *deste texto* um ponto de discussão sobre o problema da predestinação/livre-arbítrio, conforme acontece com Mat. 18.7: "Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo". Assim também Jesus precisou ser traído para que o plano divino de Sua morte pudesse operar, mas ai de Judas! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Predestinação (e Livre-arbítrio)*. Ver também o artigo separado chamado *Livre-arbítrio*. "Deus prova Sua inclinação por fazer a ira dos homens louvável, e de usar o egoísmo dos homens para realizar a Sua vontade (Ganse Little, *in loc.*).

O Poema de Lamentação de Davi (1.17-27)

1.17

O texto sagrado sintetiza a história das lamentações em favor de Saul e Jônatas, levando-nos de volta ao vs. 12. Ver nas notas do vs. 11 referências a artigos que tratam de costumes relacionados às lamentações. Segue-se um belo e breve poema que captura a consternação de Davi em choro por Saul e Jônatas. Até os críticos dizem que podemos atribuir "com segurança" este poema a Davi, o qual tinha altas qualidades como poeta, conforme demonstra o livro de Salmos. Também já sabemos que Davi era músico de elevada estirpe (ver I Sam. 16.16 ss.). "Sobre os méritos desse breve trabalho poético, Davi tem o direito de ser colocado entre os maiores poetas líricos do mundo" (George B. Caird, *in loc.*). Davi "compôs a elegia que se segue por causa da morte de seus amigos, e cantou-a com uma música apropriada, ele e os homens que o acompanhavam" (John Gill, *in loc.*). "Essa é uma das mais excelentes odes do Antigo Testamento, plena de nobres sentimentos e originada de uma emoção profunda e santificada, na qual, sem nenhuma alusão à sua própria relação para com o rei caído, Davi celebrou, sem o menor laivo de inveja, a bravura e as virtudes tanto de Saul como de seu filho, Jônatas, e lamentou amargamente a perda de ambos" (Keil, *in loc.*). Cf. II Sam. 3.33,34 (a lamentação pela morte de Abner) e II Crô. 35.25 (a morte de Josias, lamentada por Jeremias), que foram poemas "seculares" similares no Antigo Testamento.

1.18

O Hino ao Arco. Davi, poeta e músico, ensinou Israel a usar a poesia e a musicá-la. O texto hebraico também diz como Davi ensinou até mesmo as crianças a usar o *arco* (habilidades militares), o que a Septuaginta omite, considerando-o deslocado do contexto. Essa omissão é seguida pela Revised Standard

Version. Mas a tradução Atualizada, em português, tem o *Hino ao Arco* entre as coisas que foram ensinadas por Davi. Todavia, a tradução da Imprensa Bíblica Brasileira também omite a referência militar.

Davi, o herói militar deixou os legados da poesia, da música e das artes militares, quanto aos quais ele era um especialista, e nada há de estranho em que todas as três artes sejam mencionadas juntas no presente versículo.

Ellicott corta o nó górdio ao interpretar que a elegia que se segue foi chamada de "Hino ao Arco", porquanto falava da guerra na qual Saul e Jônatas encontraram a morte, e a tradução portuguesa que usamos está de acordo com isso. Presumivelmente, o pequeno poema que se segue foi chamado por esse nome. Nesse caso, há uma referência ao ensino das artes militares por parte de Davi. Mas a questão permanece em discussão. O poema pode ter sido uma "ode marcial", conforme também sugeriu Ellicott.

No Livro dos Justos. Ver as notas em Jos. 10.13. Este livro foi, ao que tudo indica, uma antologia de poemas anteriores de Israel. Além do texto presente, o livro também é mencionado em I Reis 8.13. Muitas composições literárias não devem ter encontrado espaço no Antigo Testamento, tornando-se livros extracanônicos. Ver Núm. 21.14, quanto ao livro chamado "Guerras do Senhor". No hebraico, temos aqui a palavra "Jasar", que significa "o Justo", e algumas versões dão como título "o Livro do Reto". Ver o artigo geral, no *Dicionário*, denominado *Livros Perdidos da Bíblia*.

O Poder Transformador da Literatura. Escreveu certo autor: "Todos os livros que tenho lido me transformaram pelo menos um pouco, preenchendo espaços vazios em meu cérebro com novas informações". Esse mesmo autor prossegue dizendo como livros específicos ajudaram-no de formas específicas, começando com os livros infantis que ele leu quando ainda era um infante. Por certo o *antiintelectualismo* (ver a respeito no *Dicionário*) é uma idéia perversa, promovida por religiosos que dependem exclusivamente das experiências místicas para sua inspiração. O intelecto é o guardião que permanece à porta e nos poupa de muitas veredas absurdas na vida religiosa. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios de*. Há vários modos de desenvolvimento espiritual. O intelecto é uma parcela importante desse desenvolvimento, e a literatura muito ajuda o intelecto. O homem é um ser multifacetado, e a abordagem multifacetada do desenvolvimento espiritual é a mais frutífera.

O Poema (1.19-27)

1.19

A tua glória, ó Israel. Temos aqui uma referência a Saul e a Jônatas. Quão gracioso e generoso foi Davi ao incluir o violento Saul em suas referências à demonstração da glória de Israel. Seja como for, Saul foi um homem valente que, a despeito de seus erros, cumpriu a essência de sua missão como rei, ou seja, debilitou os inimigos de Israel. Ficou a cargo de Davi a tarefa de realmente libertar Israel de todos os inimigos no território da Palestina. As ameaças passaram a ser, então, as potências externas (a Assíria e a Babilônia) e a guerra civil interna, além dos fracassos morais que levaram a nação de Israel a um fim prematuro, tanto na porção norte (as dez tribos) quanto na porção sul (Judá).

Sobre os teus altos. Em outras palavras, essa glória era vista elevada sobre as colinas de Israel. A expressão é metafórica. "Vê-os glorificados ali, no alto! tão conspícuo e tão belo!" Cf. os vss. 21 e 25. A glória de Israel, pois, *foi morta* nos lugares elevados, o que o também afirma o versículo presente. Dois dos mais poderosos homens de Israel, o rei Saul e o seu general, Jônatas, foram derrubados nas alturas do monte Gilboa.

O cântico de Davi começa e termina com o choroso refrão: "Como caíram os valentes!" (vss. 19 e 27, que devem ser comparados a II Sam. 1.25).

1.20

As notícias da temível vitória dos filisteus, que desgraçaram os homens mais fortes de Israel, espalhar-se-iam como fogo fátuo. O poeta preocupava-se com que a questão permanecesse desconhecida das cidades filistéias, para que as filhas dos filisteus não saíssem às ruas cantando e dançando, celebrando a tremenda vitória. Essa celebração acrescentaria insulto à injúria. Os pagãos *incircuncisos*, que não respeitavam nem Israel nem Yahweh, o Deus de Israel, mostrar-se-iam extremamente desgraçados em seus gritos de vitória, às expensas de Israel. "As mulheres dos filisteus, assim faziam como as mulheres de Israel, sairiam cantando e dançando para receber seus guerreiros de volta à casa, vitoriosos, após a batalha. Cf. I Sam. 18.6" (George B. Caird, *in loc.*).

O poeta não queria ouvir os gritos de vitória do inimigo, nem mulheres exultando sobre a derrota de Israel, com seus cânticos e suas danças.

Filhas dos incircuncisos. Os "incircuncisos" eram pagãos que não participavam do *signal* do pacto abraâmico, o que significa que eram estrangeiros e

ímpios. Ver nas notas expositivas de Gên. 15.18 sobre o *Pacto Abraâmico*. Nos livros históricos, o termo “incircuncisos” é usado para indicar exclusivamente os filisteus. Cf. Juí. 14.3; 15.18; I Sam. 14.6; 17.26,36; 31.4; I Crô. 10.4. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Circuncisão*. Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos no *Dicionário*. Ver Gên. 17.10-14 para a circuncisão como o sinal do pacto abraâmico.

Havia cinco principais cidades entre os filisteus. As duas aqui mencionadas representam a totalidade. Ver I Sam. 6.17 quanto às cinco cidades.

1.21

Montes de Gilboa. O lugar onde os poderosos tinham caído mortos foi amaldiçoado pelo poeta. Não mais seria um lugar frutífero. Tornar-se-ia estéril. Foi ali que o escudo de proteção de Saul perdeu valor. Foi lançado fora, inútil. Tinha-se mostrado ineficaz para proteção do rei. Tinha sido lançado foram vilmente pelo inimigo, que dominava a situação. Era como nada e deixara desprotegido o próprio ungido de Yahweh. O escudo tornou-se um símbolo de desespero. Tinha falhado em seus propósitos. A unção de Yahweh deveria ter sido suficiente para proteger o rei, mas suas próprias falhas haviam anulado essa proteção.

Foi nos “montes de Gilboa” que Saul, Jônatas e muitos dos guerreiros de Israel foram mortos (ver I Sam. 31.1; II Sam. 1.16). Esse lugar servira como “um estágio para Saul e Jônatas em sua defesa heróica mas infrutífera contra o inimigo, II Sam. 1.21,22” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

1.22

O arco de Jônatas... a espada de Saul. O poeta retratou a flecha e a espada como devoradoras de monstros, que bebiam o sangue e comiam a gordura dos adversários. Antes de Saul e Jônatas terem sido mortos, ambos haviam cumprido a contento suas respectivas missões: a flecha tinha bebido o sangue de muitos inimigos; a espada havia comido a gordura de muitos dentre eles. Saul e Jônatas eram grandes matadores, e suas habilidades tinham sido aplicadas durante muitos anos, e novamente nas batalhas de Jezreel e de Gilboa, mas isso não impediu que se tornassem finalmente vítimas. Cf. II Sam. 2.26; 11.25; 18.8 e Deu. 32.42. O mesmo simbolismo é usado acerca do fogo, em I Reis 18.38, bem como acerca da fome e da pestilência (ver Eze. 7.15) e também acerca da seca (Gên. 31.40).

1.23

Saul e Jônatas. Embora Saul e Jônatas tivessem diferenças de opinião a respeito de Davi (ver I Sam. 20.30 ss.), de modo geral, estavam unidos em todas as suas realizações, permanecendo juntos até a morte. O poeta não poupa descrições de louvor quanto a ambos: eles eram “queridos”, “amáveis”, “ligeiros” (as águias) e “fortes” (os leões). Graciosamente, Davi não pronunciou nenhuma palavra negativa. Ele não falou sobre como fora odiado e perseguido sem descanso. Referiu-se a Saul como se fosse um homem ímpoluto e digno de encômios em todos os aspectos.

“Estranhas foram essas palavras de tributo incandescente, proferidas por um homem mais nobre que Saul, mas que, apesar disso, foi incapaz de despertar, em qualquer de seus filhos, lealdade correspondente à de Jônatas. Em certo sentido, a casa de Davi nunca mostrou ser uma verdadeira casa real, pois nunca foi uma casa leal” (Ganse Little, *in loc.*).

1.24

Entre suas realizações, Saul tinha enriquecido a Israel. As filhas de Israel foram convocadas a chorar pelo homem que lhes trouxera excelentes trajes e jóias, e as beneficiara e ornamentara. Ele lhes dera muitos despojos de guerra. Ele havia participado de muitas campanhas militares bem-sucedidas. Israel engordara com o saque.

“Os filisteus, os amonitas, os amalequitas e outros tinham sentido o poder do braço de Saul e a relação, entre Israel e as nações circunvizinhas havia mudado admiravelmente para melhor durante o seu reinado” (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com Isa. 3.18-23 e Eze. 16.10-13 quanto a descrições das excelências da vida dos ricos, expressas sob a forma de vestes e jóias.

1.25

Este versículo repete o refrão “Como caíram os valentes”, com o qual começou o cântico (vs. 19), e que uma vez mais se repete no fim do poema (vs. 27). E também repete a afirmação de que Jônatas (amigo de Davi) caiu nos lugares altos de Israel, o que já fora dito acerca tanto de Saul como de Jônatas, nos vss. 19 e 21. Houve *emoção* especial e pungente no fato de que Jônatas não havia escapado ao terror em Gilboa.

“Um grande tema foi tocado nesse clamor pungente de Davi, onde ele lamenta a morte do melhor amigo. A amizade é um dos mais preciosos dons de Deus... A

vida prova, por vezes sem conta, essa gloriosa verdade. ‘Mas há amigo mais chegado do que um irmão’ (Pro. 18.24). As experiências de guerra intensificam a convicção dos homens de que podem significar tudo e podem fazer tudo, incluindo morrer, uns pelos outros, sem um único pensamento quanto a si mesmos” (Ganse Little, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Amigo, Amizade*.

1.26

“... foi Jônatas que Davi celebrou com emoção especial. Todos os anos de sua inquebrantável amizade foram capturados neste tributo imorredouro: ‘Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres’” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

*Um amigo em uma vida é muito;
Dois é muito; três é dificilmente possível.*

(Henry Adams)

Nunca injuriei a um amigo, nem mesmo de brincadeira.

(Cícero)

A única maneira em que poderás ter um amigo, é sendo um.

(Ralph Waldo Emerson)

Se tens um verdadeiro amigo, tens mais do que tua partilha.

(Thomas Fuller)

Não há deserto como não ter amigos.

(Baltasar Gracián)

“Eles passaram juntos muitas horas agradáveis, mas agora não veriam mais um ao outro, face a face, neste mundo” (John Gill, *in loc.*).

Jônatas esperava estar com Davi quando este se tornasse rei de Israel, estar perto dele e ser seu melhor amigo (I Sam. 23.17). Seu destino não lhe concedeu o cumprimento desse desejo, mas a eternidade os reunirá novamente. Algum dia, Davi juntou-se a seu amigo. A morte só separa temporariamente.

1.27

Este versículo reitera, pela *terceira* vez, as palavras: “Como caíram os valentes”, com as quais o poema começara (vs. 19) e que se repetiram no vs. 25. Ver a exposição naqueles versículos. Mas aqui o autor adiciona que as armas de guerra também tinham perecido, indicando, provavelmente, que elas deveriam ter protegido Saul e Jônatas da morte, mas falharam em sua tarefa, e, assim, pereceram juntamente com eles. Ou então temos um paralelismo poético, que fazia de Jônatas e Saul as próprias armas de guerra.

“Os melhores elementos do país tinham sido mortos: a riqueza da nação foi consumida; os recursos naturais da nação foram desviados para um uso improdutivo, e coisa alguma isso resolveu. Restava agora os filisteus serem derrotados por Davi, e tanto a Filístia quanto Israel haveriam de curvar-se diante de exércitos ainda mais fortes, sendo absorvidos em maiores impérios” (Ganse Little, *in loc.*). O mesmo autor concluiu seus comentários do capítulo, ao dizer: “Para que a guerra seja abolida, precisamos mais do que da mente de Davi sobre a questão — precisamos da mente de Cristo!”.

Pereceram as armas de guerra! “O autor poderia estar pensando em Saul e Jônatas, os quais, visto serem os escudos do povo, por isso mesmo eram as *verdadeiras* armas e os *instrumentos* de guerra, e assim toda a glória militar pereceu” (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Dois

Davi Torna-se Rei (2.1 – 24.25)

Sobre Judá (2.1-7)

Saul e sua potencial dinastia pereceram no monte Gilboa (1.21), e isso fez de Davi, na ocasião já ungido rei por Samuel (I Sam. 16), o rei potencial que agora se

tornava o *segundo rei de Israel*. Gradualmente, Davi assumiu poder sobre todo o Israel, começando pela tribo de Judá, o assunto dos sete versículos à nossa frente. Mas ele não se tornou rei sem consultar o oráculo. Ele queria certificar-se de que todas as coisas seriam feitas decentemente e em boa ordem. Davi não estava interessado em autoglorificação. Ele realmente queria fazer a coisa certa. Tinha sido ungido por Samuel cerca de quinze anos antes, e agora finalmente chegara o seu dia, após grande miséria e temor. Com a morte de Saul, houve um vácuo de poder especialmente em Judá, e Davi seguiu adiante para cumprir isso. Havia descendentes de Saul que poderiam tentar ocupar o reinado. Por conseguinte, era crucial agir em concordância com a vontade de Yahweh.

2.1

Consultou Davi ao Senhor. Davi precisava descobrir o que fazer e como fazer, pelo que buscou as respostas da parte de Yahweh, o verdadeiro rei de Israel. Sua própria unção (ver I Sam. 16) pode ter sido resposta suficiente; mas Davi precisava de confirmação e orientação quanto ao *modus operandi* pelo qual subiria ao trono. Presume-se que ele tenha pedido que Abiatar consultasse o *Urim-e o Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*) ou lançasse as *sortes sagradas* (ver a respeito no *Dicionário*), que deram respostas positivas às suas indagações. Acreditava-se que as respostas dadas por esses métodos eram sempre corretas, contanto que o coração do inquiridor fosse puro. Cf. I Sam. 30.7 ss. quanto a outra ocasião em que Davi consultou o oráculo.

Para Hebrom. Ver a respeito dessa cidade no *Dicionário*. Foi um local razoável no qual Davi deveria começar a consolidar seu poder, e sair do exílio e entrar na correnteza principal da vida de Israel. Portanto, é provável que Davi, com isso já em mente, tenha indagado se deveria avançar na direção do território de Israel. E a resposta foi "sim". Então ele perguntou se deveria ir a Hebrom. E, novamente, a resposta foi "sim".

"A pergunta mais importante de nossa vida é: 'O que Deus quer de mim?'... A maioria das pessoas, incluindo os crentes, erroneamente supõe que o mais difícil de descobrir é 'a coisa certa', ou seja, qual é 'a vontade de Deus'. Na verdade, o difícil é chegar ao ponto de fazer honestamente essa pergunta. O coração que estiver voluntariamente disposto a fazer a coisa certa não terá muita dificuldade para descobrir qual é a coisa certa... Deus reserva Suas respostas aos que realmente desejam fazer o que é certo. A determinação honesta de *cumprir* a vontade de Deus... usualmente a descobre" (Ganse Little, *in loc.*). O Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, como Descobri-la*.

Hebrom é uma das mais antigas cidades do mundo, situada em um vale entre as colinas do sul da Judéia. Era um dos abrigos dos patriarcas de Israel. Fica cerca de 36 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário*. Era um bom lugar para um quartel-general de onde alguém poderia assumir o poder em Judá.

Foi assim que Davi deixou sua residência em Ziclague, que o príncipe filisteu, Aquis, lhe dera como quartel-general quando ele estava no exílio, fugindo de Saul. Ver I Sam. 27.6.

2.2

Subiu Davi para lá. Davi tomou tudo quanto possuía a fim de mudar-se, todo o saque que tinha juntado em seus ataques, matando e saqueando na região do sul (ver I Sam. 27.8 ss. quanto a essa atividade). Ele também tinha ganhado duas esposas nominalmente mencionadas aqui. Ver I Sam. 25.42,43 quanto a uma citação prévia dessas duas mulheres. Ele primeiramente se casara com Mical, filha de Saul, mas Saul a entregara a outro homem, na ausência de Davi. Ver I Sam. 25.24 quanto a esse fato. Davi foi buscar Mical de volta, mas isso não consertou a situação. O antigo amor nunca mais reviveu. Teria sido melhor deixá-la com o segundo marido. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Poligamia*.

2.3

Fez Davi subir os homens que estavam com ele. Davi também levou consigo os 600 homens que o acompanharam no exílio. Eles também tinham esposas, e podemos imaginar que havia muitas crianças que também foram para Hebrom. Eles se apossaram de Hebrom e também das aldeias circundantes. Ver I Sam. 22.2 quanto aos 400 homens originais que tinham formado o exército de foras-da-lei de Davi. Esse número cresceu para 600, conforme sabemos com base em I Sam. 23.13. É bem provável que, na época em que Davi se mudou para Hebrom, esse número de seguidores tivesse aumentado consideravelmente, embora, no presente texto, não sejamos informados sobre isso. I Crô. 12 nos dá várias outras informações sobre o exército de Davi, e como ele foi ainda mais engrossado por deserções do exército de Saul.

O pequeno exército de renegados de Davi, pois, desenvolveu-se em um poder de elite, com generais renovados e guerreiros bem treinados. Assim sendo, Davi avançou em poder e logo estabeleceu sua autoridade sobre todo o Israel, a começar por Judá.

2.4

Então vieram os homens de Judá. Os anciãos de Judá acolheram Davi e o ungiram pela segunda vez como rei. I Sam. 30.26 ss. mostra-nos como Davi foi generoso com muitos lugares de Judá, compartilhando com eles os despojos tomados. Torna-se assim evidente que a consolidação do poder de Davi sobre Judá não se deu mediante a força das armas, mas pelo consentimento unânime do povo e de seus anciãos. Coisa alguma é dita acerca dos filisteus. Teria Davi permanecido, pelo menos nominalmente, sob o poder de Aquis? Por que lhe fora permitida tão grande liberdade logo após a morte de Saul? Talvez Aquis continuasse a confiar nele, e não esperasse que ele se tornasse tão poderoso inimigo dos filisteus a ponto de aniquilá-los e libertar Israel completamente do poder deles. Ver I Sam. 29.3 ss. quanto à grande confiança de Aquis em Davi. Davi, naturalmente, tinha orquestrado cuidadosamente a questão, e não era um súdito leal como Aquis imaginava.

Em Hebrom Davi ficou sabendo que a população de Jabes-Gileade havia dado aos ossos de Saul um sepultamento decente, após ter removido seu corpo da parede em Bete-Seã. Ver o relato em I Sam. 31.11 ss. Davi queria estender sua autoridade àquele lugar, obtendo sua lealdade e sujeição. *Jabes-Gileade* (ver a respeito no *Dicionário*) pertencia à tribo de Manassés. Portanto, ao avizinhar-se daquela gente, Davi procurava estender sua autoridade para o norte (Israel). Mas começava a formar-se uma frente de oposição em torno de Abner, e uma guerra civil estava prestes a estourar.

2.5

Enviou Davi mensageiros. Eram mensageiros de confiança, enviados na tentativa de estender seu poder para o norte (o território que se tornara Israel, em contraste com Judá, ao sul), depois que o reino foi dividido em duas nações distintas. Em seus esforços diplomáticos, Davi primeiro congratulou os habitantes de Jabes-Gileade por seu ato humanitário de dar aos ossos de Saul um sepultamento decente. Pronunciou sobre eles a sua bênção, e invocou sobre eles a bênção de Yahweh. Não há razão para supor que ele não tivesse sido sincero em todos esses atos. Pois ele, mesmo quando caçado pelo assassino Sul, continuou a respeitá-lo como ungido do Senhor.

Humanidade. No hebraico, *hesedh*, que pode significar tanto "bondade" quanto "lealdade" (I Sam. 2.9; 20.8). O povo de Jabes-Gileade demonstrara ambas as qualidades. Saul tinha sido o benfeitor deles, libertando-os do inimigo, quando eles foram ameaçados de destruição de ser transformados em escravos. Ver o relato em I Sam. 11. Em gratidão, eles honraram Saul em seu sepultamento. "Para os judeus, sepultar os mortos sempre foi considerado uma instância de humanidade e bondade e, realmente, de *pietade*, um ato feito em imitação ao próprio Deus, que sepultara a Moisés (ver Deu. 34.6). Esperava-se que esse ato fosse acompanhado pela bênção divina" (John Gill, *in loc.*).

2.6

O Senhor use convosco de misericórdia e fidelidade. Visto que tinham demonstrado *bondade* para com Saul (ver o versículo anterior), assim também Yahweh usaria de misericórdia e fidelidade para com eles. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Uma das fontes dessa bondade divina seria o próprio Davi, que garantiria a segurança deles contra os ataques dos filisteus ou dos antigos seguidores de Saul. Davi agiria em bondade com seus *súditos*, conforme é mostrado nos versículos seguintes. Eles seriam abençoados *sob* esse poder, e não em separação ou oposição a ele. Mas aquela gente, estando tão distante no norte, não seria capaz de aceitar as ordens de Davi por um bom tempo ainda por vir. Teria de haver primeiramente uma guerra civil, por causa de dois reis, Davi no sul, e Is-Bosete (um dos filhos de Saul), no norte. Ver as notas expositivas sobre o vs. 8.

2.7

Sejam fortes as vossas mãos. Eles haviam sido e continuavam sendo homens *valentes*. Tinha arriscado a vida para retirar o corpo de Saul de Bete-Seã. Mas agora, afinal, seu senhor, Saul, estava morto, e eles seriam forçados a prestar a outro rei — Davi — a sua lealdade. Em Hebrom, e, de fato, em todo o território de Judá, a lealdade já tinha sido dada a Davi. Portanto, ele os exorta aqui a usar de bom senso e entrar na linha, aceitando o novo poder. Davi não apelou por ter sido ungido por Samuel, o que teria sido um bom e convincente argumento. Davi exortou-os a ser "valentes", fortalecendo as mãos, ou seja, eles precisavam de coragem para juntar-se ao novo rei. Ele lhe prometeu proteção dos inimigos, incluindo os que agora tentariam perpetuar o poder de Saul através de outro rei. Além disso, havia os temidos filisteus, que precisavam ser derrotados. Todo Israel necessitava de um único rei que eliminasse a ameaça filistéia.

Oposição a Davi (2.8 – 4.12)

A estrada para o governo de Davi não foi fácil. Houve uma guerra civil. Abner tentou elevar ao trono o filho mais jovem de Saul, de forma que a autoridade continuasse nas mãos da família de Saul. Mas a vontade de Yahweh favorecia a Davi, pelo que Is-Bosete estava destinado ao fracasso. A linhagem de Saul havia sido amaldiçoada por Yahweh, através de Samuel (ver I Sam. 13.13,14). Davi, já ungido rei (ver I Sam. 16), através de muitas dores e lutas, haveria de cumprir o seu destino.

2.8

Abner, filho de Ner. Quando todo o Israel deveria unir-se contra a ameaça comum, Abner, braço direito de Saul, quis continuar montado em um cavalo morto. Ele não estava pronto para admitir que seu herói havia morrido e desaparecido, e que era inútil tentar prosseguir com sua dinastia rejeitada. Ele estava provocando a guerra civil, mas sua causa falharia, a despeito de seu entusiasmo. Abner era tio de Saul, e esse fato sem dúvida o encorajou a tentar propagar o poder real na família. Ver o artigo detalhado sobre *Abner*, no *Dicionário*. Cf. I Crô. 9.35, onde Ner é chamado de irmão de Quis, pai de Saul.

Is-Bosete. (Ver sobre *Es-Baal*, no *Dicionário*.) Como quarto filho de Saul, foi o escolhido de Abner para ser o rei, embora não fosse o escolhido de Yahweh. Essa circunstância só poderia significar tragédia; Abner, porém, estava mais interessado no poder do que em evitar um sofrimento inevitável.

Em I Crô. 8.33 e 9.39, Is-Bosete é chamado de *Esbaal* (o fogo de Baal). Seu sobrinho, *Mefibosete* (II Sam. 4.4) também era chamado de *Meribaal*, e até Gideão tivera por sobrenome *Jerubaal* (ver Jui. 6.32 e 8.35). Isto posto, o povo do norte (Israel) não hesitava em usar nomes pagãos compostos por *Baal* (ver a respeito no *Dicionário*). *Is-Bosete*, ao que parece, indica "homem de vergonha". Não sabemos dizer por que ele foi assim chamado. Algumas vezes os nomes eram escolhidos sem razão aparente, da mesma forma que atualmente a maioria das mães batiza os filhos sem a menor idéia do que os nomes significam.

Abner, em seu tolo desejo de manter a realeza na família, cedeu à tentação de fazer de seu sobrinho, Is-Bosete, o rei. Mais tarde, porém, Abner mudou de idéia e tornou-se leal a Davi. Is-Bosete nunca atraiu grande apoio popular e terminou sendo assassinado.

Maanaim. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Famosa localidade na história de Jacó (Gên. 32.2), a leste do Jordão, não muito distante do ribeiro do Jaboque, foi uma cidade dada aos levitas (ver Jos. 21.38) e gozava de comparativa segurança da ameaça dos filisteus. Por esse motivo, foi escolhida como o lugar da coroação do rei espúrio, Is-Bosete. Maanaim ficava no território da tribo de Gade, na fronteira da meia tribo de Manassés, um lugar na Transjordânia. Maanaim era a capital da região de Gileade, que encabeçaria a federação.

2.9

E sobre todo o Israel. Desde esse tempo já havia uma espécie de divisão natural entre o norte e o sul, que acabaria por resultar na formação de duas nações distintas, Israel (ao norte) e Judá (ao sul). O versículo diz-nos que Abner tinha autoridade suficiente para fazer "todo o Israel" (isto é, o norte, excetuando Judá) submeter-se ao rei temporário, Is-Bosete. Este versículo menciona alguns dos mais importantes centros de autoridade que se submeteriam a Is-Bosete: Gileade, os assuritas, Jezreel, Efraim e também Benjamim. Ver no *Dicionário* verbetes sobre todos esses lugares.

É provável que este versículo também expresse a *expansão gradual* do território governado por Is-Bosete, presumivelmente conforme os filisteus foram sendo derrotados naqueles lugares. É provável que se tenha passado um longo período de tempo na realização de todos esses acontecimentos.

Assuritas. O Targum chama-os de aseritas, provavelmente indicando a tribo de *Asur*. Temos aqui mera suposição a respeito do nome, mas nenhuma explicação satisfatória foi dada ao significado do termo. A *Vulgata Latina* dá o nome de *gesuritas*, o que é apenas outra adivinhação.

2.10

E reinou dois anos. Não somos informados sobre por quanto tempo o reino de Is-Bosete foi preparado, mas este versículo parece dizer que ele, realmente, reinou por apenas *dois anos*. O autor sacro não se deu ao trabalho de esclarecer os processos históricos envolvidos. Entrementes, Davi reinou no sul (Judá) por seis e meio anos, pelo que possivelmente houve alguma espécie de vácuo de poder no norte, durante esse período. Não sabemos dizer por que Is-Bosete não estava com seu pai, Saul, no monte Gilboa, quando este último morreu. Seria ele ainda menor de idade, despreparado para a guerra? Nesse caso, que se passou durante todo aquele período até ele atingir os 40 anos de idade? Is-Bosete era o

mais jovem dos filhos de Saul. Encontramos, pois, aqui, outro quarenta bíblico (ver no *Dicionário*), que alguns críticos tomam como artificial no presente contexto, e que não retrata, de fato, a idade real do homem. Outros dizem que os dois anos mencionados aqui antecederam aos sete anos e meio de Davi, como rei de Judá. O autor não satisfaz nossa curiosidade acerca da cronologia envolvida na história, nem é importante que ela seja satisfeita acerca de tais questões. Ben Gerson observa que Is-Bosete reinou não por um total de dois anos, mas havia reinado por dois anos quando os ocorreram os eventos prestes a ser descritos. Nesse caso, não sabemos dizer precisamente qual foi a duração de seu reinado.

2.11

O tempo que Davi reinou em Hebrom. Entrementes, enquanto todas aquelas manipulações ocorriam na parte norte da nação (vss. 8-10), Davi reinava em paz em Judá, por sete anos e seis meses. O dia de Davi tinha parcialmente chegado. Ele havia obtido poder no sul, mas estava sendo necessário muito tempo e esforço para que sua autoridade alcançasse a parte norte da nação. Ele tinha de lidar com processos históricos que obedecem ao cronograma divino. O relógio de Deus, por isso mesmo, não estava parado. O tempo estava chegando. "Paciência era a palavra de ordem." Cf. este versículo com II Sam. 5.5, onde temos uma nota cronológica. É difícil esperar que o cronograma de Deus opere o que é melhor. Mas devemos lembrar que há um poder no cronograma divino, e não há poder fora dele. O reinado de Davi haveria de estender-se por quarenta anos e seis meses, arredondados para o número quarenta, que incluíam os sete anos e meio referidos nesta passagem. Ver II Sam. 5.4,5 e I Reis 2.11. Deus o levou à fruição no tempo devido, no tempo certo. Esta é uma lição que nos compete observar.

2.12

Todos os nomes próprios referidos neste versículo aparecem comentados no Dicionário, pelo que a informação não é repetida aqui. A primeira providência para promover o reinado de Is-Bosete, e assim preservar a dinastia de Saul, foi submeter a tribo de Benjamim à sua autoridade. Os generais do novo monarca reuniram-se em Gibeom, na tribo de Benjamim, cerca de quase 10 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Os "homens" aqui citados eram os oficiais permanentes da corte, os cabeças de divisões de um pequeno exército permanente. Ver Jos. 28.25.

2.13

Perto do açude de Gibeom. Esse açude existe até hoje (cf. Jer. 41.12). Foi ali que os oficiais de Is-Bosete se encontraram com alguns amigos de Davi, incluindo o temível *Joabe*, um homem matador e selvagem que haveria de tornar-se o principal general de Davi. Ver sobre ele no *Dicionário*. O antigo local de Gibeom é atualmente a moderna ej-Jib.

É neste versículo que nos encontramos pela primeira vez com *Joabe*, sobrinho de Davi (ver I Sam. 26.6), que desempenhou importante papel na história subsequente de Davi. Ele prestava a Davi feroz e inquestionável lealdade. Nenhuma tarefa lhe parecia por demais perigosa e difícil. Ele possuía aquele tipo de coragem que desconsidera completamente os resultados de seus atos. Ele aspirava a um *segundo lugar* no reino, e não permitia quem ninguém o lançasse em eclipse. Mas esse segundo lugar existia somente para promover o *primeiro lugar* de Davi. *Joabe* sempre foi dominado por uma disposição tempestuosa, capaz de poderosos atos de amor ou ódio.

O texto sagrado não deixa isso claro, mas talvez o que tenha acontecido é que Abner esperava ganhar Davi para a sua causa. E Davi, em contraste, queria ganhar Abner para a sua própria causa, e unificar o reino de Israel sob um único rei. *Joabe*, contudo, ao que tudo indica, tinha um plano traiçoeiro. Estava ali naquele dia a fim de matar, e tentaria enfraquecer Abner e sua causa ao destruir alguns de seus melhores homens. *Joabe*, pois, não estava interessado em transigir ou firmar alianças com Abner. Seu homem era Davi, este haveria de ser rei, a despeito da quantidade da violência necessária para levar isso a bom termo. Ver os comentários sobre o vs. 14 quanto a uma interpretação dessa questão.

2.14

Disse Abner a Joabe. Não sabemos o que realmente aconteceu diante do açude de Gibeom. Aparentemente planejou-se um torneio ou competição de alguma espécie, em que *Joabe* acabou por matar doze homens escolhidos do exército de Abner, todos da mesma maneira e ao mesmo tempo.

Ellicott (*in loc.*) rejeita a idéia que eles deveriam *brincar* (conforme diz a versão inglesa da King James). Ele acredita que a competição fosse de morte, uma espécie de circo romano no qual doze dos melhores homens de Davi lutariam contra doze dos melhores homens de Abner, e, presumivelmente, o vitorioso ganharia Israel como recompensa. Isso pouparia muito derramamento de sangue. Nesse caso, temos a mesma situação que se desenrolou entre Golias e Davi. Da competição surgiria um campeão, e qualquer outra guerra seria esquecida. Henry,

no *Speaker's Commentary*, relata um acontecimento similar entre os Horácios e os Curiáceos (*Lívio*, I. cap. 10.25), que também haveria de determinar o vencedor, sem que houvesse derramamento de sangue generalizado.

John Gill, concordando com a idéia de Ellicott, refere-se ao torneio a ser realizado com *espadas*, no qual os lutadores agiriam como gladiadores ou duelistas: "A esse sanguinário e bárbaro exercício, Abner chamou de "brincadeira", como se fosse uma diversão e um passatempo, no qual veria homens a ferir e matar uns aos outros". Joabe aceitou o desafio de Abner, e logo seus homens mataram todos os competidores do inimigo.

2.15

E doze dos homens de Davi. Esses homens eram soldados escolhidos, provavelmente oficiais dos exércitos em oposição. A atividade deles era matar, e não servir na corte real, realizando tarefas de mensageiros para o rei. "Tropas de elite", foi o comentário de Eugene H. Merrill (*in loc.*), e sem dúvida sua opinião está correta. O mesmo comentarista sugeriu que a competição era uma espécie de luta livre que terminou com o uso de adagas, quando os temperamentos explodiram, mas isso é apenas uma conjectura.

2.16

Cada um lançou mão da cabeça do outro. Os homens de Abner realizaram o feito quase inacreditável de matar cada um o seu oponente, subitamente e ao mesmo tempo, a saber, mediante um golpe súbito da adaga na pleura do inimigo, cada um segurando sua vítima pelos cabelos. Assim, todos eles caíram juntos. Isso, presumivelmente, deveria ter posto fim à disputa, e Davi deveria ter sido declarado rei de todo o Israel. Mas, em vez disso, os soldados restantes dos dois lados imediatamente entraram em ação, e houve uma matança generalizada.

Adam Clarke pensa que a "cabeça" aqui referida era antes a "barba". Nesse caso, os homens de Joabe tomaram a barba dos homens de Abner com uma das mãos enquanto, com a outra, aplicaram o golpe com a adaga. O ato até parece ter sido *treinado*. O astucioso e violento Joabe deu prosseguimento ao plano que se mostrou bem-sucedido quando submetido a teste.

"Alexandre ordenou que todos os macedônios rapassem a barba. Quando Parmênio lhe perguntou por quê, ele respondeu: 'Você não sabia que na batalha não há melhor agarre do que a barba?'" (Adam Clarke, *in loc.*).

Campo das Espadas. No hebraico, *Helcate-Hazurim*. Os eruditos não têm certeza do que essas palavras realmente significam, pelo que damos várias conjecturas. Elas poderiam significar "campo de rochas", e, nesse caso, as rochas são uma metáfora aos *homens fortes* que tombaram naquele dia. Outros dizem "campo dos fios amolados", referindo-se às adagas ou espadas que foram usadas na matança. Ver no *Dicionário* explicações possíveis sobre o termo. Os *Targums* dizem aqui "a herança dos que foram mortos", aparentemente considerando herança o *campo* onde seriam sepultados.

2.17

Seguiu-se crua peleja naquele dia. A batalha que houve era desnecessária. Os soldados escolhidos de Joabe já haviam vencido a disputa. Mas isso não foi aceito, pelo que houve uma batalha generalizada, da qual resultaram muitos mortos, enquanto Abner recebeu forte derrota naquele dia. Mas isso não encerrou a questão. Uma "longa guerra" entre a casa de Saul e a casa de Davi deveria seguir-se, conforme aprendemos de II Sam. 3.1. Em um só dia, 19 dos homens de Davi e 360 homens escolhidos de Abner morreram, mas este foi apenas um exemplo dos derramamentos de sangue ocorridos. Ver os números nos vss. 30 e 31.

2.18

Os três filhos de Zeruia. Aqui o autor nos dá o nome da mãe de Joabe, chamada *Zeruia* (ver a respeito no *Dicionário*). Ela era filha de Jessé e irmã de Davi, e mãe dos grandes oficiais militares de Davi: Joabe, Abisai e Asael (sobrinhos de Davi). Ver I Crô. 2.16. Cada um desses três filhos é comentado separadamente em artigos no *Dicionário*. *Asael* recebeu o comentário especial que afirmou sua excepcional capacidade de correr. Ele era tão rápido quanto uma *gazela selvagem*, o equivalente hebraico do grego *Aquiles*, aquele que tinha os pés rápidos, conforme disse Homero (*Iliada* 1.15). Segundo é dito, os soldados romanos treinavam para serem capazes de correr rapidamente e por muito tempo, e também para nadar com desenvoltura. Tais habilidades podiam salvar muitas vidas no calor da batalha. Mas, naquele dia, a velocidade excepcional de Asael com os pés significaria a sua morte. Ele perseguiu e alcançou o homem errado, a saber, Abner.

2.19

Asael perseguiu Abner. Asael perseguiu um grande prêmio a ser morto, Abner. Teria sido um tremendo feito matar o principal general do exército opositor.

Asael mostrou-se incansável, e sua excepcional velocidade garantiu que alcançasse o oponente. Abner parecia uma presa fácil para ele, mas *na realidade*, ocorreu exatamente o contrário. Ele se deixou entusiasmar e superestimou suas habilidades. Ele tinha capacidade de alcançar Abner, mas não a capacidade de despachar aquele guerreiro superior. "A corrida nem sempre pertence aos mais rápidos" (John Gill, *in loc.*). Abner era um guerreiro veterano, e Asael era um jovem que só tinha entusiasmo. A experiência venceria o entusiasmo.

2.20,21

O incansável Asael tinha um único objetivo: despachar Abner, o homem número um do inimigo. Abner olhou para trás e reconheceu o jovem, mas, para certificar-se, perguntou: "És tu, Asael?". O jovem confirmou sua identidade. Abner, enquanto continuava correndo, tentou convencer o entusiasmado Asael a escolher um prêmio menor, como um de seus jovens soldados, que seria relativamente fácil de matar. Esse seria um prêmio suficiente. Ele poderia ficar com a armadura do jovem e exibi-la como troféu de vitória. Mas o entusiasmo de Asael havia-se transformado em *estupidez*, o que por tantas vezes ocorre com os jovens. Ele continuou sua corrida fatal, fatal para ele, e não para Abner.

Os jovens servem mais para inventar do que para julgar; são mais apropriados para execução do que para prestarem conselho.

(Francis Bacon)

Jovem, quando eu era verde no julgamento.

(Shakespeare)

Quão diferente dos homens presentes eram os jovens de dias anteriores!

(Ovidio)

Razões pelas quais Abner Não Queria Matar Asael. Talvez ele simplesmente tivesse sido tomado por um momento de misericórdia. Ele sabia que o jovem entusiasmado não resistiria à sua superior experiência. Ele sentiu uma ponta de piedade. Lemos que, algumas vezes, no calor da batalha, homens pouparam o inimigo quando poderiam tê-lo matado com tanta facilidade. Alguns intérpretes, entretanto, supõem que Abner agiu movido por sabedoria militar. *Joabe* era irmão de Asael, e homem tão poderoso que ninguém tinha coragem de enfrentá-lo. Se Abner matasse Asael, teria de preocupar-se com *Joabe* pelo resto da vida. Um amargo choque de famílias seria o resultado. *Joabe* era totalmente violento. Abner não o queria como inimigo especial. Conforme as coisas acabaram ocorrendo, Abner finalmente reconciliou-se com Davi, que chegou a honrá-lo nomeando-o chefe do exército. Mas *Joabe* acabou transtornando tudo isso ao matar a Abner. *Joabe*, o vingador do sangue, escapou à punição (II Sam. 3.6-39).

Embora motivado por essas razões, Abner foi obrigado a matar o atrevido Asael.

2.22

Então Abner tornou a dizer-lhe. Abner continuou seus apelos a Asael: "Desiste desta coisa. Ou serei obrigado a matar-te". Mas Asael, em seu estúpido entusiasmo, continuou sua perseguição. "... pouco valor há em um entusiasmo mal orientado. Os equívocos da inexperiência geralmente mostram-se desastrosos. Asael não era páreo para Abner, e sua morte foi um sacrifício estéril. Deus certamente tinha algo de melhor para ele. *Mais que isso*: por meio de sua presunção e teimosia, ele pôs em chamas uma inimizade de sangue entre *Joabe* e Abner, que permaneceu por uma geração para servir de praga a Davi e à causa do reino unificado (II Sam. 3 e I Reis 2.5 ss.)" (Ganse Little, *in loc.*).

Lembramos que Moisés, frustrado no deserto do Sinai, após o uso tolo de violência, no Egito, aprendeu a autodisciplina. Na sarça ardente (ver Êxo. 3.3), ele descobriu o e o caminho de Deus. É melhor permanecer vivo do que sofrer uma inútil vida de mártir, embora os homens sempre louvem aos mártires.

2.23

Abner foi assim forçado a matar para não ser morto, pois entre as duas escolhas drásticas preferiu viver e lutar outro dia, e então enfrentar *Joabe*. Mas sua vez de ser morto logo chegaria. Assim o hábil matador Abner administrou um único golpe com sua lança e atravessou o tolo Asael com sua lança. O jovem provavelmente ficou surpreso de que estivera enganado o tempo todo.

Paravam. O choque de ver Asael morto ali, com seu terrível ferimento, perdendo sangue em profusão, parou a busca. Os soldados de Davi paravam, de queixo caído. Mas os dois irmãos de Asael continuaram a busca, inutilmente. Aquele não seria o dia em que Abner morreria.

"Quando os homens de Davi chegavam ao local e viam Asael morto, não tinham mais ânimo de continuar a busca, tão perturbados e tristes ficavam diante de sua morte" (John Gill, *in loc.*).

2.24

Indignados de tristeza e ira, Joabe e Abisai continuaram a perseguição, decididos a terminar com a vida de Abner naquele mesmo dia. Eles continuaram correndo até a noite, quando se tornou impraticável prosseguir. E foi assim que chegaram a uma colina chamada Amá, que ficava perto de Gia, na estrada deserta de Gibeom. Ver todos esses lugares comentados no *Dicionário*. Com exceção de Gibeom, os lugares mencionados têm identificação incerta, mas fica claro que eles eram próximos daquela aldeia. A espada nunca se satisfaz com suas festas. Há sempre mais para matar. Quão moderno é tudo isso. O homem é um animal predador, caçador e assassino. Para ele, a paz significa tédio.

2.25

Puseram-se no cume de um outeiro. Entrementes, Abner e os que estavam com ele pararam em uma colina (não-identificada), à distância de um grito de Amá, onde Joabe e seus homens haviam parado. Joabe estava tão próximo e, no entanto, tão distante; seu propósito de despachar Abner não teria cumprimento naquele dia. Ele deveria esperar por outra ocasião. Assim fez, e sua oportunidade acabou chegando. Ele, finalmente, despachou Abner e consolidou sua posição como chefe do exército de Davi. Esse tempo demoraria a chegar, mas Joabe jamais esqueceu o ocorrido. Seu irmão tinha de ser vingado.

A maior parte das forças de Abner havia sido morta ou irremediavelmente dispersa, mas ele reteve consigo alguns poucos homens valentes. Seria preciso reconstituir o exército, mas os homens gostam de ocupar-se dessa atividade, na expectativa de outro dia de matança.

2.26

Então Abner gritou. Isto é, de uma colina para outra, e dirigiu-se ao destemido Joabe. Ele tinha uma mensagem que o inimigo ouviria e seguiria. Haviām ocorrido matanças suficientes naquele dia. O próprio Joabe estava cansado daquilo tudo, conforme demonstra o versículo seguinte.

Consumirá a espada para sempre? As palavras de Abner tocam nas cordas de toda a história da humanidade. Os implementos de guerra mataram, continuaram a matar, estão matando e permanecerão nesse intento. Isso nunca terminará? O general George Patton, do exército americano, durante a Segunda Guerra Mundial, nunca sofreu uma derrota. Ele era um soldado porquanto se deleitava nas artes da matança. Acreditava em reencarnação e supunha que durante todas as várias vidas fora sempre sido um soldado e estivera sempre envolvido em guerras. Ele escreveu à sua esposa, durante a guerra: "Eu gosto das guerras e estou me divertindo". Outros homens dizem "A guerra é um inferno", e professam não gostar delas. Mas as guerras nunca cessam.

Na guerra não há vencedores.

(Neville Chamberlain)

Como eu gostaria que as coisas fossem arranjadas de tal maneira que aqueles que declarassem a guerra também tivessem de lutar.

(Finley Peter Dunne)

A guerra é a pior praga que pode afligir a humanidade. Qualquer praga é preferível à guerra.

(Martinho Lutero)

Guerras e rumores de guerra.

(Mateus 24.6)

2.27

Respondeu Joabe. Joabe estava prestes a desistir da perseguição, e tê-lo-ia feito mesmo que Abner não tivesse falado aquelas sábias palavras. Ele jurou

esse fato a Elohim. Ele não cessara a perseguição para agradar Abner ou provar a sabedoria das palavras do inimigo. Simplesmente ele não foi capaz de cumprir seus desejos naquele mesmo dia. Mas ele voltaria e, *algum dia*, haveria de matar Abner, e também ajudaria Davi a tornar-se o único poder em Israel. Joabe era um homem selvagem, ansioso por matar e resolver disputas através da violência, mas também tinha bom senso suficiente para, em certas ocasiões, preferir descansar do que seguir o jogo da morte.

Alguns intérpretes vêem outra (menos provável) interpretação. Eles se referem às palavras de Abner como se ele tivesse sugerido que os oficiais mais jovens lutassem até a morte. Abner sugerira, e Joabe concordara (ver o vs. 14). Fora isso que dera início às hostilidades, pelo que Joabe lançou a culpa sobre Abner por toda a confusão.

2.28,29

Embora eles houvessem combatido o dia inteiro e perseguido Abner e seus soldados, Joabe e seus homens ainda tiveram força para caminhar a noite toda, passar por parte do deserto de Arabá, atravessar o Jordão, atravessar a ravina chamada Bitrom e, finalmente, descansar em Maanaim (vs. 29). Joabe convocara para a caminhada noturna o que deveria ter sido um exército extremamente cansado, e eles ainda faziam soar a trombeta (vs. 28)! Que condicionamento físico! E tanto maior se a palavra que aparece em certas versões — Bitrom, uma localidade desconhecida — for traduzida como "toda a manhã", conforme alguns entendem o termo (conforme diz a Revised Standard Version e a nossa própria versão portuguesa, com base na conjectura de W. R. Arnold, discutida no *American Journal of Semitic Languages*, XXVIII, 274-283). Isso significaria que eles caminharam a noite inteira e parte do dia seguinte.

Ver os nomes próprios que aparecem nestes versículos no *Dicionário*, quanto a detalhes que não figuram aqui.

De Gibeom a Maanaim, supõe-se que a distância tenha sido de 65 quilômetros. Parece impossível que até um exército moderno, descansado, pudesse ter viajado por uma noite e parte do dia seguinte. Talvez o autor sagrado tenha deixado de mencionar, em suas descrições, um dia.

2.30,31

Joabe deixou de perseguir a Abner. A primeira batalha da guerra civil estava terminada, mas muito mais haveria de ocorrer (3.2). Essa batalha custou a Davi apenas 19 homens, mas quando falamos sobre a perda insensata de vidas humanas, dificilmente poderemos usar a palavra "apenas". Abner, por sua vez, perdera 360 homens, uma considerável perda, quando consideramos que o texto está falando em tropas de elite. Observemos também que Saul e Jônatas, e grande número de seus homens, tinham perdido a vida no monte Gilboa (I Sam. 31). O norte (Israel) estava sendo enfraquecido. Era apenas uma questão de tempo até que Davi, tendo o selvagem Joabe como general, assumisse o poder total e governasse o Israel unido sob uma única monarquia. Isso fez parte necessária da história de Israel, sob a orientação de Yahweh. Abner e seu cisma não poderiam resistir diante do *propósito divino*. Ellicott (*in loc.*) afirma que a vitória de Davi foi fácil porque ele lutava contra os *remanescentes de um exército derrotado*.

Na história de Roma há um notável paralelo. Júlio César matou em três acampamentos (Juba, Cipião e Labienus) 10.000 homens, e perdeu apenas 50! (Hirtius, *de Bello African*, cap. 86). Se acreditarmos em *Diodor. Sic.* (l. 15. par. 333), saberemos que houve um acontecimento ainda mais admirável. Diz-se ali que os espartanos mataram 10.000 arcadianos sem sofrerem a perda de um único homem!

2.32

Levaram a Asael e o enterraram. O cadáver de Asael, a quem Abner matara (vs. 23), foi levado e recebeu honroso sepultamento no sepulcro de seu pai, em Belém. Não se sabe dizer quem foi seu pai, o qual, é provável, morreu prematuramente, algo demonstrado pela circunstância que os três irmãos (Joabe, Abisai e Asael, vs. 18) são sempre chamados de filhos de *Zeruia*, a mãe deles.

Joabe e seu irmão Abisai, e outros soldados de Davi, estavam presentes para o sepultamento; e imediatamente eles encetaram viagem, à noite, para Hebrom, chegando ali ao romper do dia. Essa viagem foi por cerca de 36 quilômetros. Em Hebrom, Davi esperava pelo "grupo fúnebre" e, por ocasião da chegada de Joabe, o exército reuniu-se novamente.

"A batalha estava terminada, mas não a guerra" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Três

Este capítulo dá continuação à seção iniciada em 2.8. Ver as notas de introdução naquele ponto. O capítulo começa com o comentário editorial sobre o

prosseguimento por longo tempo da guerra civil entre Abner-Is-Bosete e Davi (o norte, Israel, contra o sul, Judá). Não sabemos dizer quantas batalhas ocorreram, pois isso não nos foi informado.

3.1

Durou muito tempo a guerra. Mas a vontade de Yahweh estava sendo cumprida por meio das batalhas. Era uma infelicidade que Abner continuasse insistindo em montar um cavalo morto. Ele lutava contra a correnteza histórica e, quando foi assassinado por Joabe (3.27), toda a sua ambição por poder cessou. Antes disso, porém, ele continuou em sua insensata guerra civil, empurrando seu pato alejado, Is-Bosete. Quanto maior era a matança, mais a parte norte da nação se enfraquecia, e mais o sul se fortalecia. Abner era o real poder do norte. Os intérpretes provavelmente estão corretos ao chamar Is-Bosete de “incompetente”.

“I Crô. 12.19-22 relata uma importante passagem para Davi, por parte da tribo de Manassés, às vésperas da batalha final de Saul, e faz outra menção de contínua passagem para Davi, ‘dia após dia’. Como resultado dessa constante transferência de forças para Davi, ‘a casa de Saul foi ficando cada vez mais fraca’” (Ellicott, *in loc.*). O que nós admiramos é que a disputa tenha durado tanto tempo. O vs. 6 mostra que Abner era o real poder no norte. O seu desejo era limitar o reinado de Davi ao sul (Judá).

Infelizmente, tudo isso fazia parte da guerra e era necessário nas transições históricas.

*Não é mal. Que eles brinquem.
Que os canhões ladrem e o avião de bombardeio
Fale suas prodigiosas blasfêmias.*

...
*Quem se lembraria do rosto de Helena,
Sem aquele terrível halo de lanças?*

...
*Nunca chores. Que eles brinquem.
A antiga violência não é antiga demais
A ponto de não poder gerar novos valores.*

(Robinson Jeffers)

3.2

Famílias de Davi. O autor volta momentaneamente sua atenção para informar-nos sobre as famílias de Davi. *Famílias*, sim, porquanto a *poligamia* (ver a respeito no *Dicionário*) era a regra da época. Somente um homem pobre e sem poder possuía apenas uma esposa. Em meu artigo sobre Davi (ver no *Dicionário*), provi um gráfico que retrata a genealogia de Davi, e outro que mostra quantas esposas ele teve e onde as conseguiu. O fato é que, por onde quer que Davi andasse, escolhia uma ou duas esposas para somar a seu *harém*, algo que representava grande prestígio entre os reis do Oriente naquela época. Além de suas esposas, Davi tinha no mínimo dez concubinas (ver II Sam. 5.13) e, portanto, muitos filhos que os narradores da história de Davi nem se deram ao trabalho de nomear.

Davi tinha esposas de cada área geográfica pelas quais ele passava; lugares por onde vagueara; esposas de Hebrom e esposas de Jerusalém.

Lemos em I Sam. 25.43 que Davi primeiramente tomou Abigail e Ainoã como esposas, estando ainda no exílio, embora sua verdadeira primeira esposa fosse Mical, uma das filhas de Saul. Mas eles não tiveram filhos, e ele acabou sendo dada a outro homem, na ausência de Davi (I Sam. 25.44). O filho primogênito de Davi foi Amnom, filho de Ainoã. Ver os nomes próprios no *Dicionário*, quanto a detalhes. Embora essas duas esposas tivessem sido tomadas na época do exílio, seus filhos nasceram em Hebrom, que Davi transformara seu quartel-general ao começar a consolidar o seu poder como rei (ver II Sam. 2.1 ss.). O filho primogênito de Davi terminou em desgraça e tristeza (ver II Sam. 13), morto por seu meio-irmão, Absalão.

3.3

Abigail deu a Davi o filho aqui mencionado, Quileabe; e então Maaca deu à luz ao rebelde Absalão, que tentou arrebatar o trono de seu pai, e, por isso mesmo, também terminou mal. Ver no *Dicionário* os nomes próprios referidos neste versículo. Ficamos admirados com a maneira pela qual os filhos de Davi se portaram. Quanto a isso, Saul deu-se melhor. Sua família parece ter estado unida na vida e na morte, apesar dos estúpidos erros cometidos pelo pai. Ver II Sam. 1.23. Em contraste, quase tudo saiu errado nas famílias de Davi.

Uma das consternações que os pais precisam suportar são as coisas tolas que seus filhos fazem, e nenhum treinamento parece ser suficiente para impedir desgraças. Estudos da genética moderna nos mostram uma razão para tudo isso.

Em certo sentido, a “genética acaba prevalecendo”, tanto positiva quanto negativamente. A bagagem genética que uma criança traz consigo (boa ou má) é muito poderosa. Os *gêmeos*, se separados por ocasião do nascimento e criados por pais diferentes, são e fazem coisas admiravelmente similares, a despeito das diferenças de meio ambiente e educação.

Além disso, há a bagagem *espiritual*, e não somente a bagagem física. Isso não quer dizer que a criança não deva ser rigorosamente educada. Mas significa que os pais devem receber menos crédito (do que usualmente acontece) se seus filhos se saírem mal. Certamente existe uma bagagem espiritual que acompanha as famílias, além de uma herança meramente física. O *aprimoramento* moral e espiritual, que todos devemos buscar com diligência, acontece gradualmente, e não de forma instantânea e miraculosa. O ensino é importante; o exemplo é ainda mais importante. Três coisas um pai deve a seus filhos: exemplo, exemplo e exemplo. Ver o verbete chamado *Educação*, no *Dicionário*, e o artigo maior ainda, sobre o mesmo assunto, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

3.4

Continuamos aqui a tratar com as esposas e os filhos de Davi em *Hebrom*. Ver o artigo sobre Davi, no *Dicionário*, onde apresento um gráfico de suas esposas e seus filhos de diferentes áreas geográficas. Todos os nomes próprios que figuram neste versículo são comentados no *Dicionário*. Após a morte dos três irmãos mais velhos, Adonias considerou-se o legítimo herdeiro ao trono e, por rebeldia, amargurou os anos finais da vida de Davi. Ver I Reis 1. Seu meio-irmão, Salomão, mandou executá-lo (I Reis 2.25). Nada se sabe sobre Sefatias, porquanto não há nada de especial sobre ele.

3.5

Coisa alguma se sabe sobre a esposa de Davi mencionada neste versículo, Eglá, nem sobre o filho dela, Itreão. Uma absurda tradição identifica Eglá com a primeira esposa de Davi, Mical, mas sabemos que Mical não teve filhos. Ver o artigo sobre ela no *Dicionário*. Outra tradição absurda é a que faz de Eglá viúva de Saul. Quanto a essas duas tradições, ver o *Talmude Babilônico Sanhedrim*, foi. 21.1 e *Kimchi* e *Ben Gerson*, em seus comentários sobre o texto.

3.6,7

Abner se fez poderoso na casa de Saul. O autor sacro, depois de ter-nos concedido algumas notas sobre a vida pessoal e familiar de Davi, retornou à questão da guerra civil. O começo dessa guerra é descrito no segundo capítulo, e o fato de que ela se prolongou por muito tempo nos é contado no primeiro versículo deste capítulo. Agora recapitulamos o que já sabíamos: *Abner*, e não *Is-Bosete*, é quem realmente governava a parte norte da nação, Israel. A menção a esse fato introduz a breve história que se segue. *Is-Bosete* estava sob obrigação para com Abner, quanto a tudo quanto possuía. Que importava se Abner quisesse tirar vantagem de certa concubina de Saul? Provavelmente, *Is-Bosete* pensava que todo o *harém* de Saul era sua propriedade. Mas ele apenas queria criar confusão. Pois a mulher por certo não era sua progenitora.

Rispa era o nome da mulher, indubitavelmente bonita, mas sem na mais que a distinguísse. Ela é novamente mencionada em II Sam. 21.1-14. Ver no *Dicionário* o artigo *Rispa*, quanto ao que pode ser dito sobre ela.

O *costume usual* era que o *harém* de um rei passava para seu sucessor, neste caso *Is-Bosete*. Cf. II Sam. 16.22 e I Reis 2.22. Abner, porém, tratou a questão como se a objeção tivesse sido feita sobre bases *morais* e despachou-a como um assunto de somenos. Ele não via moralidade alguma misturada à questão. Além disso, não tinha ficado com o *harém* inteiro, apenas com uma mulher, e nem parecia que queria conservá-la indefinidamente. Ele estava apenas satisfazendo suas paixões momentâneas.

3.8

Então se irou muito Abner. Abner conseguiu realmente ficar indignado com a questão, como se seu títere, *Is-Bosete*, tivesse algum direito de regulamentar sua conduta. Então acusou o “rei” de tentar reduzi-lo a nada mais que uma “cabeça de cão” (ou seja, algo totalmente inútil e desprezível), ao fazer objeções à sua ação. Afinal, fora ele quem defendera o norte do sul e impedira que o selvagem Davi tomasse posse de tudo. Se Davi obtivesse a vitória sobre *Is-Bosete*, este seria executado, conforme era o costume de reis que vencessem a outros monarcas. Somente Abner se interpunha entre Davi e *Is-Bosete* e protegia o último da execução.

Sou eu cabeça de cão para Judá? “... uma pessoa má, vil, desprezível, não melhor que um cão, e tão inútil e sem préstimos como um cão morto... cf. I Sam. 24.14 e II Sam. 9.8” (John Gill, *in loc.*).

Abner ignorou a real acusação de *Is-Bosete*: “Ela é minha, visto que sou o rei e possuo o *harém* de meu pai”, transformando a questão inteira em uma questão

moral de segunda categoria. Mas o fato é que o verdadeiro rei era Abner, e ele tinha direitos sobre qualquer mulher que desejasse.

3.9,10

Assim faça Deus segundo lhe parecer a Abner. Ao que tudo indica, Abner refere-se aqui a um oráculo ou profecia não registrado, que garantia a Davi o reino inteiro de Israel. Abner estava em posição de ajudar essa profecia a frutificar. Nesse caso, Is-Bosete seria certamente executado. Assim, em um sentido bem real, Abner ameaçou Is-Bosete, fazendo-o saber que ele próprio era o único poder que poderia mantê-lo vivo.

Alguns intérpretes relacionam a profecia às palavras de Samuel, em I Sam. 16.1-13, quando, em Belém, Davi foi ungido rei. Outros estudiosos referem-se ao oráculo de Aimeleque, o sacerdote, em I Sam. 22.9,10. Seja como for, ficara largamente conhecido que Davi seria o segundo rei de Israel, e vários oráculos podem ter predito esse fato. Ver também I Sam. 15.28,29.

Desde Dã até Berseba. Ou seja, do extremo norte (Dã) ao extremo sul (Berseba). Isso aponta para todo o território de Israel, como diz o versículo, incluindo Judá, onde Davi já julgava, e Israel (a parte norte da nação), onde Abner governava controlando seu títere, Is-Bosete. A declaração “desde Dã até Berseba” tornou-se proverbial para indicar *todo o território de Israel*. Ver também Juí. 20.1; I Sam. 3.20 e II Sam. 17.11.

3.11

E nenhuma palavra pôde Is-Bosete responder. Is-Bosete, contudo, não se convenceu com os argumentos de Abner. Eles não eram irretorquíveis, mas, por outro lado, Abner era homem perigoso e facilmente poderia pôr fim à falsa dinastia que Is-Bosete supostamente encabeçava. O que tem o poder de tirar a vida de outro não precisa de argumentos convincentes. E não demorou muito para que Abner buscasse obter o favor de Davi e assim livrar-se de Is-Bosete, conforme demonstram os versículos seguintes. Finalmente, Abner conseguiu fazer seu intento, somente para cair pela espada de Joabe. Assim sendo, ele deu o mal e recebeu o mal. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

3.12

O ato de Abner, ao tentar obter o favor de Davi, com o intuito de que as profecias fossem cumpridas (Davi se tornar o único governante de Israel), pode ter sido provocado, ao menos em parte, pelo incidente com a concubina de Saul (vss. 7-11). Por outro lado, a razão mais provável é que Abner estava cansado da farsa do norte e percebera que a guerra civil em nada o favorecia. Ele ganharia muito mais se tivesse Davi reinasse sobre todo o Israel, enquanto ele, Abner, naturalmente, seria seu braço direito. Suas riquezas aumentariam, bem como sua glória pessoal. Portanto, chegara o tempo em que Abner decidira livrar-se de Is-Bosete, esquecer a dinastia condenada de Saul e prosseguir com as negociações conforme elas deveriam ser administradas. Abner, pois, reconheceu ter cometido um equívoco: sua rebeldia custara a Israel muito derramamento de sangue e o pusera sob a ameaça constante do sul; em resumo, a situação se desvantajosa para ele. Portanto, ele buscou firmar um acordo com Davi, prometendo-lhe entregar o norte da nação, para assim unificar o reino sob o governo davídico.

De quem é a terra? Isso, sem dúvida, significa: “Davi, eu sou o proprietário das terras do norte. Está em meu poder dá-la a ti, se ao menos pudermos chegar a um acordo”. Ou então poderia significar: “Sei que toda a terra de Israel te pertence, porque Yahweh prometeu dá-la a ti. Agora estou preparado para ajudarte a atingir esse ideal, se pudermos chegar a um acordo”. Seja como for, Abner era uma importante personagem no drama. Ele só queria um favor de Davi, uma vez que este passasse a exercer a autoridade universal sobre todo o país.

3.13

Bem, eu farei aliança contigo. Davi estava disposto a firmar um pacto com Abner. Afinal, ambos se conheciam havia muitos anos, e Abner poderia tornar-se um elemento importante no reino unificado. Davi daria a Abner a posição de general-em-chefe e lhe concederia grande autoridade, e ambos seriam beneficiados com o acordo. Mas Davi tinha *uma condição*: ele queria receber de volta sua antiga esposa, Mical. Saul, pai de Mical, a havia dado a outro homem, durante a ausência de Davi, sem dúvida, a fim de espicaçá-lo. Ver I Sam. 25.44. Davi teria seu pedido atendido, mas o antigo amor havia morrido, pelo menos por parte de Mical, e ela só lhe seria motivo de tribulação. Algumas vezes, a despeito de boas intenções, é impossível restaurar antigas circunstâncias. As coisas morrem e, em alguns casos, é melhor deixá-las mortas. Havia uma lei (ver Deu. 24.1-4) que pregava que um homem não deveria tomar de volta uma esposa que, ao depois, havia-se casado com outro homem. Mas o rei Davi não quis que essa legislação interferisse em sua

vida. Os rabinos desculparam Davi assumindo, absurdamente, que o casamento entre Mical e Paltiel nunca fora consumado. II Sam. 6.20-23 mostra como Mical não foi capaz de renovar seu amor a Davi. Provavelmente Paltiel era um homem bom, e agora ela sentia falta dele, tendo transferido para ele o seu amor.

3.14

Também enviou Davi mensageiros a Is-Bosete. Davi sabia que o filho de Saul, Is-Bosete, teria algum poder sobre a questão, pelo que lhe enviou mensageiros, requerendo que Mical lhe fosse restaurada. Davi enfatizou o fato de que ele havia *ganhado* Mical por justiça, tendo matado a 200 filisteus e trazendo deles os prepúcios, um ato requerido por Saul para que Mical lhe fosse entregue por esposa. Ver I Sam. 18.25 ss. quanto ao relato. Na verdade, Saul só havia exigido 100 prepúcios, mas Davi fora além da conta e trouzera 200 prepúcios. Josefo, porém, diz-nos que ele obtivera 600 prepúcios (*Antiq.* 1.7, cap. 1, sec. 4), no que é seguido pelas versões siríaca e árabe. Mas não é provável que Davi tivesse exagerado *tanto*.

Is-Bosete atendeu prontamente ao pedido de Davi e devolveu-lhe Mical. Talvez tenha reconhecido que a causa de Davi era justa, porém o mais provável é que tenha agido movido pelo temor, tanto de Abner quanto de Davi. O texto não nos deixa subentender que Is-Bosete sabia que o pedido fazia parte de um acordo com Abner que poria fim ao poder de Is-Bosete. Provavelmente ele não tinha conhecimento do plano entre Davi e Abner.

3.15,16

Encontramos aqui um drama patético. Abner agiu como o homem que faria Mical voltar a Davi. Is-Bosete, o rei títere, baixou a ordem. Mical foi removida da casa de Paltiel. Paltiel objetou a isso e seguiu Mical por algum tempo. Ele a seguiu debulhado em lágrimas, mas ninguém se importou com isso. Abner, com cara feia, ordenou que Paltiel “desaparecesse”, conforme uma expressão idiomática popular. Se ele não obedecesse, Abner tê-lo-ia despachado ali mesmo. Podemos sentir-nos tristes por Paltiel, mas devemos lembrar que ele havia recebido Mical por meio de um ato injusto. Por conseguinte, foi em consonância com a lei da colheita segundo a sementeira que a estava perdendo, mesmo que agora parecesse injustificado. Por outro lado, de um ângulo *prático*, pela história que se seguiu sabemos que teria sido melhor para Davi, Mical e Paltiel se Davi tivesse deixado as coisas conforme estavam.

Baurim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baurim*, *Barumita*, onde há boa quantidade de informações que não repito aqui.

“Se não mais existisse afeto genuíno entre Davi e Mical, foi uma pequena tirá-la de Paltiel... No entanto, Davi tinha direito legal sobre ela, pois nunca se divorciara dela, e ela lhe fora tirada à força” (Adam Clarke, *in loc.*).

“É evidente que Is-Bosete cedeu diante do inevitável e tentou fazer o melhor de um mau negócio... Maridos, esposas, pais, mães, filhos, mestres, oficiais executivos, obreiros de igreja, todos impõem uns sobre outros ditaduras sob as quais todos eles estremeçam e se sentem infelizes... ‘Vinde a mim, vós que labutais e andais sobrecarregados, e eu vos darei descanso’ (Mat. 11.28)” (Ganse Little, *in loc.*).

3.17,18

Falou Abner com os anciãos de Israel. A *Comunicação de Abner*. Tendo cumprido a condição de Davi, que era devolver Mical a Davi, Abner promoveu o reinado de Davi perante todos os anciãos (norte). É admirável ver quão facilmente se resolveu a questão. Eles simplesmente concordaram com a mudança de poder. Is-Bosete em breve seria assassinado (4.6), e o restante da casa de Saul seria colocado em fuga, excetuando Mefibosete (4.4), o filho de Jônatas a quem Davi protegeu. A guerra civil tinha terminado, e Davi tornou-se rei sobre todo o povo de Israel.

Os Argumentos Irretorquíveis de Abner:

1. Davi já gozava de largo apoio no norte, pelo que, de certa maneira, ele se tornou rei pela vontade de muitos, se não mesmo da maioria. Portanto, Abner argumentou: “Que seja assim. Que Davi seja feito rei de uma vez por todas”. Is-Bosete, o rei títere, provavelmente tinha pouca influência, executando a que Abner lhe emprestava. Portanto, uma vez removida essa influência, não havia razão para continuar a farsa. Abner disse: “Agora, façam o que vocês sempre desejaram. Façam de Davi o vosso rei” (vs. 18). “I Sam. 18.5,7,16,30 e I Crô. 11.1-3 testificam, de modo suficiente, a grande popularidade de Davi em toda a nação, e a confiança do povo em seu valor e sabedoria. Fora a influência e a atividade de Abner que até ali tinham impedido seu reconhecimento geral como rei” (Elliott, *in loc.*).
2. A vontade de Yahweh é que Davi fosse rei de Israel. Ver as notas sobre os vss. 9 e 10, que oferecem referências quanto a isso. Abner não explicou por

que *ele* fizera tudo quanto era possível para não permitir que a vontade de Yahweh se cumprisse. Um *homem falso* proferiu *palavras verdadeiras*, o que, algumas vezes, acontece.

3. Como escolhido de Yahweh, Davi estaria em posição de terminar a ameaça filistéia (e outros adversários de Yahweh), o que constituiria grande benefício para toda a nação de Israel. Naqueles dias de guerras e matanças constantes, a *qualificação primária* de um rei era sua capacidade de proteger o povo dos constantes assaltos dos inimigos. Abner não se sentia capaz de cumprir a tarefa, e era óbvio que Is-Bosete também não tinha essa capacidade. Portanto, que as fortunas de toda a nação de Israel fossem deixadas nas mãos de Davi.

Embora nenhum trecho das Escrituras contenha, com exatidão, as palavras de Abner, isso fica implícito nas Escrituras com que contamos. As palavras de Abner baseavam-se em “uma *inferência* razoável de algumas profecias que tinham sido prometidas” (Ellicott, *in loc.*), pelo que não temos aqui referências às profecias sobre Davi, que não foram incluídas nas Escrituras canônicas, mas que podem ter sido *proferidas* ou escritas em outras fontes.

3.19,20

Abner era um homem ocupado, manipulava o tratado entre o norte e o sul, e negociava diretamente com as tribos, a fim de que promover a unidade. Em primeiro lugar ele convenceu a tribo de Saul, Benjamim; em seguida, conferenciou com Davi e, finalmente, com todo o povo de Israel. As coisas estavam correndo a contento; tudo se ajustava. Assim, a fim de celebrar, Abner tomou vinte de seus conselheiros e dirigiu-se a Hebrom. Ali ele e Davi, e seus atendentes especiais, tiveram uma celebração festiva. A guerra civil tinha terminado, e a paz e a unidade haviam sido estabelecidas. Abner demonstrara ser um *diplomata* capaz. A maior dificuldade poderia dar-se com Benjamim, a tribo de Saul; mas o próprio Abner também pertencia a essa tribo, pelo que começou com a tarefa mais árdua e terminou com a melhor, a grande festividade que ocorreu em Hebrom.

A *festividade* não visou apenas celebrar. Também envolveu os sacrifícios necessários que consagraram todos os tratados firmados. Cf. Gên. 16.30; 31.54 e I Reis 3.15. Foi uma observância tanto religiosa quanto civil, um ato solene que incluiu o *pacto* de paz e unidade.

Ao mostrar-se tão habilidoso diplomata (ele já era conhecido como guerreiro valente), Abner naturalmente tornou-se, na mente de Davi, o segundo homem de Israel, mas esse soerguimento de sua pessoa lhe custaria a própria vida.

3.21

Então disse Abner a Davi. Houve pelo menos um homem que, ao ouvir sobre a questão, franziu o cenho, a saber, *Joabe*. Ele nunca esqueceu o fato de que aquele “diplomata” é quem havia matado seu irmão, *Asael* (ver II Sam. 2.19 ss.). Na qualidade de “vingador do sangue” (ver a respeito no *Dicionário*), ele tinha o direito de matar Abner. Além disso, estava muito perturbado diante de toda a atenção que Davi dispensava ao “inimigo”. Joabe, pois, haveria de resolver o caso com violência, o modo usual de resolver os problemas na época.

Tendo firmado o tratado e o pacto preliminar, Abner percorreu todo o Israel para explicar a situação e consolidar o acordo. Outros pactos teriam de ser firmados com tribos individuais. Abner não podia falar por todas as tribos, mas o seu sucesso, até aquele ponto, dava boas indicações de que ele cumpriria todos os seus desejos.

3.22,23

Joabe estivera fora, em uma missão de matança, perseguindo o inimigo. Ao terminar a missão, ele voltou, somente para ouvir a muito desagradável mensagem de que seu arquiinimigo, Abner, firmara aliança com Davi. Naquele momento, nem mesmo os grandes despojos que ele havia tomado ao inimigo lhe serviram de consolo. Pensemos nisso! Enquanto ele estivera arriscando a vida contra algum inimigo, como os filisteus, os amalequitas ou algum dos outros adversários de Judá, estava sendo efetuado um ato de *traição*. Ele praticamente não podia acreditar que seu senhor, Davi, a quem vinha servindo há tanto tempo e com tanta lealdade, poderia ter algo que ver com o assassino e cismático *Abner*. Deve ter parecido incompreensível a Joabe que Davi recebesse *aquele homem*, fizesse acordos com ele e o enviasse em paz. Além disso, era bastante evidente que Davi tirara vantagem da ausência de Joabe para entreter Abner, de modo que os acordos não se estragassem. Joabe era capaz de iniciar uma batalha, ali mesmo, em meio às festividades. Davi não podia dar chance ao quente temperamento de Joabe que, a qualquer momento, poderia rebentar em atos de violência.

3.24,25

Que fizeste? Foi essa a tentativa de dissuasão de Joabe. Ele acusou Abner de má-fé e Davi de ingenuidade. Abner era, sem dúvida, um *espião*, e Davi, em sua inocência, providenciara um bom espetáculo que lhe permitiria atacar com

mais facilidade. Joabe estava irado com os atos estúpidos de Davi, por receber o arquiinimigo em seu próprio acampamento, tratá-lo bem e despedi-lo em paz, além de firmar importantes acordo com ele. Alguns intérpretes supõem que Joabe estava certo. Mas nunca o saberemos com certeza. Joabe matou Abner antes que ele tivesse chance de fazer qualquer coisa. Se Abner tinha boas intenções, elas se foram com ele. Se tivesse más intenções, elas também desapareceram com ele. Foi assim que Joabe tentou envenenar a mente de Davi acerca de Abner, esperando reverter a questão da unificação da qual Abner era o principal ator.

“Joabe sabia que ele era indispensável para Davi e tirou vantagem disso tanto na liberdade do discurso que proferiu a Davi quanto com respeito à sua freqüente desconsideração para com as ordens de Davi. Não há razão para supormos que Abner merecesse os ataques caluniadores de Joabe” (George B. Caird, *in loc.*).

3.26

Enviou mensageiros após Abner. Joabe agiu com rapidez e sem o conhecimento de Davi. Enviou mensageiros que conseguiram alcançar Abner. Encontraram-no no poço de *Sirá* (ver a respeito no *Dicionário*). O autor não nos informa se os mensageiros de Joabe enganaram Abner, dizendo-lhe mentiras para induzi-lo a voltar, do tipo: “Meu senhor, Davi, precisa vê-lo imediatamente. Ele precisa discutir coisas com você”. Ou talvez eles tenham obrigado Abner a voltar. Essa é, provavelmente, a possibilidade mais remota, pois, nesse caso, certamente teria havido uma pequena luta.

O “poço de Sirá” não ficava longe de Hebrom, pelo que podemos deduzir que Joabe conseguiu alcançar Abner, assim que este deixou a presença de Davi. Essa circunstância custou a vida de Abner. Por outra parte, com o selvagem Joabe por perto, buscando vingança, a morte violenta de Abner era inevitável.

3.27

No interior da porta. Joabe nem ao menos foi discreto. Matou Abner bem no portão de Hebrom, onde o ato deve ter sido testemunhado por várias testemunhas. A Septuaginta tenta suavizar a ação de Joabe, dizendo “ao lado do portão”, como se Joabe, pelo menos, tivesse conduzido Abner a alguma distância do portão. Hebrom era uma cidade de refúgio, mas Abner não era um refugiado.

E ali o feriu no abdômen. O autor sacro não se importa em dar-nos uma descrição longa. Joabe assassinou Abner, e isso foi tudo. Vários intérpretes queixam-se da traição praticada por Joabe, mas devemos lembrar que, de acordo com a lei do vingador do sangue (ver a respeito no *Dicionário*), ele estava com a razão. Contra o que poderíamos supor, na guerra essa lei dificilmente teria qualquer aplicação. Ver I Reis 2.5 e os comentários sobre o vs. 20 deste capítulo. “A moralidade tribal requeria que a vingança do sangue fosse executada pelo parente mais próximo (o *goel*). Mas, ao efetuar seu dever, Joabe pode ter sido impulsinado pelo temor ciumento de ser suplantado por um rival e também por sua apreensão quanto aos melhores interesses de Davi. Seu ato precipitado foi um golpe severo no esquema proposto de união, e facilmente poderia ter custado a Davi a lealdade das tribos nortistas” (George B. Caird, *in loc.*).

Em vingança do sangue de seu irmão Asael. Esta parte do versículo mostra-nos que o ato foi um ato do vingador de sangue, portanto, legal e impunível, conforme provam os eventos subsequentes.

Adam Clarke julga severamente Joabe: “Esse assassinato foi um dos menos provocados e mais ímpios. Tal foi o poder e a influência daquela nefário general, que o rei não ousou levá-lo à justiça. Por igual modo, ele matou Amasa, algum tempo depois (II Sam. 22.10). Joabe era um homicida de sangue frio, um assassino consumado. ‘Traição e assassinio sempre andam juntos, como dois demônios ligados’”. Por outra parte, era assim que as coisas corriam naqueles dias, em meio a uma matança constante. O próprio Davi cometera diversos assassinatos insensatos (II Sam. 27.8 ss.). Portanto, que significava mais um assassinio? A maioria dos homicídios nunca era castigada. Sempre havia um argumento para justificá-los.

3.28,29

Depois Davi, disse. Sabedor do que acontecera, a despeito da lei do vingador de sangue, Davi reconheceu que fora cometido um assassinio por inveja, o qual ele jamais poderia aprovar. Assim, Davi declarou a si mesmo e ao seu governo inocente do ato. E chegou ao extremo de invocar uma *maldição* contra Joabe. Sua família seria plena de terrível enfermidades, incluindo a temível *saraat*, uma doença cutânea de várias espécies, que incluía a lepra. A família de Joabe sofreria a morte pela espada e até pela fome. Nem mesmo o *goel* podia matar sem que houvesse um julgamento para determinar sua culpa ou inocência. Mas o cabeça quente Joabe não estava interessado em tais formalidades.

Quem tenha fluxo. Isto é, a gonorréia, considerada infame e imunda, que tornava as vítimas imundas para a adoração. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Limpo e Imundo*, e as muitas causas que provocavam a imundícia.

Quem se apóie em muleta. O sentido mais provável destas palavras é alguém incapacitado para a guerra, aleijado ou enfermo.

Quem caia à espada. O sentido mais provável destas palavras é que haveria *suicidas* na família de Joabe, embora a referência possa indicar apenas mortes violentas. Não havia como o violento Joabe pudesse escapar a uma morte violenta. De fato, foi mediante um ato de violência que ele morreu (I Reis 2.31-35). Estranhamente, foi por ordem de Salomão que Joabe encontrou seu fim.

Quem necessite de pão. A pobreza que leva à falta de comida.

A vontade de Yahweh, contudo, foi realizada. Abner precisava morrer. Por isso John Gill (*in loc.*) afirmou: “Foi pura vingança da parte do Senhor contra Abner por ter ele lutado contra Deus e agido contra os ditames de sua própria consciência; por sua rebeldia contra Davi e por sua perfídia contra Is-Bosete, e por ter sido causa de tanto derramamento de sangue em Israel”.

3.30

O autor sagrado fornece-nos um pequeno sumário do incidente, repetindo o que já havia dito: Joabe agiu por vingança. Ele agiu como o vingador do sangue, conforme anotado no v. 27 deste capítulo.

Davi confessou sua *fraqueza*. Os filhos de Zeruia eram fortes demais para ele (vs. 39). Ele não podia punir Joabe conforme gostaria de fazê-lo. Em seu leito de morte, porém, Davi encarregou Salomão de corrigir esse e outros erros que o selvagem Joabe havia cometido (I Reis 2.5). Salomão teria o poder de fazer o que o fraco Davi não conseguia efetuar. Joabe seria morto de forma violenta por sua violência estúpida e infundada. Este versículo parece indicar que o assassinato no *processo da guerra* não era corretamente punido pelo vingador de sangue. A matança em guerra é uma espécie de matança legalizada que até os homens *louvam*. Mas ela não deveria ocorrer no estado de paz. Se assim acontecesse, tornar-se-ia *homicídio*.

E seu irmão Abisai. Embora Joabe tenha efetuado o homicídio, ele contava com o apoio e o encorajamento do irmão, *Abisai*. Josefo diz-nos que tal homem estivera presente por ocasião do assassinio (*Antiq.* 1.7, cap. 1, sec. 5).

3.31

Rasgai as vossas vestes. Davi tinha autoridade suficiente para forçar o selvático Joabe a participar nas *lamentações* por Abner. O modo usual das lamentações foi seguido, com as roupas rasgadas, o vestir do cilício e as lamentações. Mas aqui não se diz que eles lançaram *pó sobre a cabeça*, que também fazia parte do ritual (ver I Sam. 4.12; II Sam. 1.2). Ver o artigo geral sobre *Lamentação*, no *Dicionário*, especialmente a terceira seção, quanto aos modos de lamentação.

Davi tomou toda precaução para dissociar-se do ato traiçoeiro de Joabe. Ele ainda tinha de preocupar-se com a unificação do reino. O fato de ter dado a Abner o correto ato de lamentação e sepultamento cooperou para seus propósitos políticos, embora não haja razão para duvidarmos de sua sinceridade.

Talvez o fato de que Joabe teve de lamentar juntamente com outras pessoas a morte de Abner fosse visto como um ato de penitência pública; e, nesse caso, por mais hipócrita que tivesse sido, poderia ajudar a causa da unificação defendida por Davi. “O próprio Davi acompanhou o esquife, como o principal lamentador” (Ellicott, *in loc.*).

la seguindo o féretro. Abner era um homem rico. Sua família proveu o melhor para ele. Seu esquife era impressionante. Alguns esquifes mortuários eram dourados. Outros eram feitos de marfim. O esquife de Herodes era inteiramente feito de ouro, e incrustado de pedras preciosas, e grandes multidões o seguiram até o local de seu sepultamento (Josefo, *Guerras*, 1.1, cap. 33, sec. 9). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Féretro*, quanto a detalhes. A palavra hebraica para “féretro”, *mittah*, é usada exclusivamente neste versículo. Alguns intérpretes vêem aqui somente uma cama leve ou colchão, um veículo comum para sepultamentos na antiga nação de Israel, tanto para ricos quanto para pobres. Ver Luc. 7.14.

3.32

Hebrom. Este foi o quartel-general de Abraão e de outros antigos patriarcas, e se tornou o lugar de descanso de Abner, um homem como a maioria de nós, que mesclava características boas e más, pontos fortes e fracos. Uma grande lamentação nacional despidiu sua alma. As estúpidas circunstâncias de sua morte agravaram ainda mais o a sensação de tristeza. Parecia tão desnecessário que Abner tivesse morrido como morreu.

Gibeom (ver I Crô. 7.29,33; 9.33) tinha sido o lugar do nascimento de Abner e era a terra de sua família. Não sabemos dizer por que ele não foi sepultado ali.

Talvez Is-Bosete, agora seu oponente, controlasse o local. As tradições judaicas indicam que ele nasceu *dentro* da cidade, e não fora (*Cippi Heb.*, parte 8), mas isso teria sido um desvio radical das leis do puro e do imundo, dificilmente possível para hebreus piedosos.

3.33,34

E o rei, pranteando a Abner, disse. Nessa ocasião, o poético e musical Davi criou uma pequena elegia para Abner. Queixava-se da maneira traiçoeira, estúpida, aparentemente insensata em que um grande campeão de Israel tinha morrido. E demonstra a profunda emoção e a *consternação* que Davi sentiu sobre a questão. Adam Clarke (*in loc.*) dá-nos uma excelente paráfrase da composição:

*Abner morreu
de uma morte como de um vilão?
Suas mãos não foram amarradas,
nem foram aplicadas algemas aos seus pés.
Como cai alguém perante os filhos da culpa,
Assim caíste?*

Ele não foi colhido por um ato da lei, nem caiu em batalha, que teria sido uma morte honrosa para um homem como ele; mas foi morto como um vilão, pela traição de um rival. Ele caiu como um tolo que não sabia defender-se.

“Abner, tão valente na guerra, com as mãos livre para defender-se, e com os pés sem correntes, sem suspeitar do mal, caiu pelo ato traiçoeiro de um homem ímpio, súbita e inesperadamente” (Ellicott, *in loc.*). Foi assim que um ato vil de Joabe furtou o velho guerreiro de uma morte respeitável, e levou-o a morrer como se fora um cão.

3.35

Então veio todo o povo fazer que Davi comesse. Inconsolável, Davi nada comeu, a despeito da insistência das ofertas. Por motivo de respeito e tristeza, ele resolveu que jejuaria até o pôr-do-sol (ou seja, até o dia seguinte, segundo o modo hebraico de computar as horas do dia). Ver o artigo geral, no *Dicionário*, sobre *Lamentação*, quanto aos costumes associados.

O costume era lamentar até a noite, quando então aos lamentadores era servida uma refeição. Os sepultamentos sempre ocorriam durante as horas do dia. Os gregos e os romanos tinham costumes similares (Kirchman, *De Funer. Roman.* 1.4, caps. 5 e 6). Em Israel, uma refeição com frequência assinalava o fim das lamentações oficiais, mas nunca no mesmo dia (*Mish. Sanhedrin*, cap. 2, sec. 3).

3.36

Todo o povo notou isso. O povo aprovou a tristeza genuína de Davi, apesar do fato de que ele tinha sido um rival de Abner, e por tanto tempo sofrera oposição da parte dele. “O narrador teve o cuidado de mostrar que Davi foi inteiramente inocentado aos olhos do povo” (George B. Caird, *in loc.*). Isso o ajudou a consolidar o poder sobre todo o Israel, incluindo a parte norte da nação, onde a morte de Abner foi, muito naturalmente, agudamente sentida e lamentada.

Eles estariam dispostos a suportar o temível Joabe, enquanto Davi fosse o rei. E não lançaram a culpa sobre Davi pelos atos selvagens daquele homem. Além disso, qual homem melhor poderia estar ao seu lado, numa luta contra os filisteus?

O autor sagrado aproveita essa ocasião para enfatizar que Davi agradou ao povo *em todas as coisas*, em todos os atos, e isso sempre ocorreu em sua vida. A despeito do que tinha acontecido com Abner, eles ansiavam ter Davi como rei.

3.37

Ficaram sabendo que não procedera do rei que matassem a Abner. Embora consternados por toda a questão, eles não lançaram sobre Davi a culpa pela morte de Abner. Eles já conheciam Joabe. Coisa alguma que ele fizesse haveria de surpreendê-los. Ele tinha agido sem autorização. O que passara era lamentável, mas não ocorrera por vontade de Davi. O autor sacro continua a enfatizar que não houve recuo nos planos de unificação. Israel poderia passar sem Abner, mas não sem Davi. Este tinha um papel a desempenhar, um missão a cumprir, e ninguém poderia impedi-lo de fazer isso. Os Targuns enfatizam que o ato assassino de Joabe foi efetuado “sem o conhecimento de Davi, e sem o seu consentimento e, sim, de modo contrário à sua vontade e mente”.

3.38

Hoje caiu em Israel um príncipe e um grande homem? Sim, um grande homem havia tombado naquele dia. Cf. com isso a lamentação sobre Saul e Jônatas: “Como caíram os valentes!” (II Sam. 1.19,25,27), o refrão tríplice da elegia por aqueles dois homens. “A compaixão e o espírito perdoador de Davi são evidentes aqui, qualidades que o separavam dos homens ordinários” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Abner era tio de Saul e, por conseguinte, pertencia à família real; fora valente guerreiro; era muito habilidoso e notável comandante. De acordo com os padrões antigos daquele povo guerreiro, ele era um homem excelente, de todas as maneiras superior. Davi, em sua generosidade, deixou de mencionar todas as coisas más em que Abner se envolvera e que tinham levado Israel a envolver-se em uma guerra civil, durante a qual houve muito derramamento de sangue insensato.

3.39

Retribua o Senhor ao que fez mal. Normalmente, Davi teria matado o vilão, conforme fizera em outras oportunidades. Ver II Sam. 1.5 e 4.12 como exemplos. Mas ele aqui confessou a sua incapacidade de tratar com Joabe, o filho de Zeruia. Joabe era um mafioso, que aterrorizava todos, incluindo o poderoso Davi. Portanto, com um suspiro de resignação, Davi entregou o selvagem Joabe ao julgamento de Yahweh, que certamente ocorreria. Ironicamente, Joabe morreu por ordem baixada por Salomão (ver I Reis 2).

Joabe, aquele homem de singular violência e força, sem dúvida foi dotado de grande influência no exército de Davi. Davi poderia envolver-se em uma amotinação se tivesse ordenado a execução de Joabe. Ademais, o homem tinha agido como vingador do sangue (ver a respeito no *Dicionário*), e, de acordo com uma antiga lei dos hebreus, tinha o direito de matar Abner. Pelo menos, muita gente poderia ter interpretado a questão por esse prisma. Ver os comentários sobre II Sam. 3.30 quanto a outras observações. Ver também as notas relativas ao vs. 27 deste capítulo. Joabe e Abisai, seu irmão, eram filhos de uma das irmãs de Davi, Zeruia. A violência era a especialidade da família.

Capítulo Quatro

Este capítulo dá continuação à seção iniciada em II Sam. 2.8, onde aparecem as notas de introdução. A morte de Abner logo tomou de Is-Bosete toda a força que ele possuía, porquanto ele próprio exercia pouquíssima influência. A morte de Abner foi a execução de Is-Bosete. Os reis antigos seguiam o exemplo de violência de seus antecessores, eliminando qualquer possível cooperação. Is-Bosete era, virtualmente, um homem morto. Davi poderia ter eliminado a maior parte da família de Saul. Porém, havia prometido a Saul que não faria isso (I Sam. 24.21,22). Mas, quando chegou a hora, Davi quebrou sua promessa (ver II Sam. 21.4 ss.). Naturalmente, a narrativa que temos à frente não lança a culpa sobre Davi. Certos entusiastas tomaram a questão em suas mãos e assim tentaram obter favor diante de Davi.

4.1

"Abner tinha sido não somente a coluna mestra do reino, mas também seu administrador. Com sua morte, *fracassou a coragem* de Is-Bosete, e os negócios do estado caíram em total confusão" (George B. Caird, *in loc.*). O pânico se abateu sobre todos. Isso facilitou mais ainda a Davi assumir autoridade na região norte da nação. Davi era por demais poderoso para alguém oferecer-lhe resistência e tinha ao seu lado o temível Joabe, que havia tirado a vida de Abner (capítulo 3). Portanto, a providência divina abriu caminho para a unificação em Israel. E Davi era o rei inevitável. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

4.2

Houve dois oficiais militares, no exército de Saul, que perceberam claramente que Is-Bosete não resistiria por muito tempo. Eles queriam alcançar glória matando aquele homem, esperando obter favor diante de Davi, o qual, obviamente, em breve seria o seu rei. Eles eram irmãos e se chamavam Baaná e Recabe, e merecem artigos separados no *Dicionário*. Todos os demais nomes próprios deste versículo também são comentados no *Dicionário*.

Beerote. Esta cidade era, originalmente, membro da liga gibeonita de cidades cananéias que tinham mantido independência de Israel (ver Jos. 9.17). Quatro cidades faziam parte da liga. A região foi alocada à tribo de Benjamim (Jos. 28.25) e eventualmente caiu nas mãos daquela tribo.

4.3

Tinham fugido os beerotitas para Gitaim. O autor sacro não nos informa por que os habitantes de Beerote desertaram da própria cidade e fugiram para uma cidade de Benjamim, chamada Gitaim (ver a respeito no *Dicionário*). Sem dúvida foram atacados por algum povo guerreiro e fugiram para salvar a própria vida. Presumimos que a cidade deserta tenha sido subsequentemente ocupada pelos benjamitas. Cf. Nee. 11.33. Beerote tem sido identificada com a moderna el-Bireh, 14,5 quilômetros ao norte de Jerusalém, na estrada para Betei. Talvez os ataques ao lugar estivessem associados àquele que Saul fez contra os gibeonitas (21.1-14), mas nesse caso não fica claro por que eles fugiram para uma cidade de Israel.

4.4

A Exceção. A casa de Saul seria totalmente removida, ou pela matança ou pela fuga. Uma exceção seria feita, a saber, Mefibosete, filho de Jônatas. Davi havia prometido a Jônatas que trataria bondosamente aos seus descendentes quando subisse ao trono (I Sam. 18.3; 20.14-17. Ver também II Sam. 9). O procedimento normal, seguido pelos antigos reis orientais, era matar a casa real anterior, a fim de remover qualquer eventual competição. Isso foi, essencialmente, o que aconteceu a Davi quando ele subiu ao trono, mas não rigidamente por sua própria ordem. Havia muitos homens violentos que cuidariam da tarefa. Não obstante, Davi também participou do expurgo.

Mefibosete, aos 5 anos de idade, tornara-se um aleijado dos pés devido a uma queda fatal. Quando Saul e Jônatas foram mortos em Jezreel (ver I Sam. 31), sua ama deu início a uma fuga, esperando salvar Mefibosete do assassinio por parte de atacantes filisteus, e, em sua pressa, deixou a criança cair, provocando o aleijamento. Fisicamente ferido, ele não estava preparado para tornar-se rei, mas a bondade de Davi não lhe foi estendida meramente por não ser ele um competidor. O amor de Davi por Jônatas, que inspirou um pacto entre eles, levou-o a agir bondosamente para com o pobre menino aleijado. Ele escapou do expurgo de Davi contra a família de Saul (ver II Sam. 21.4 ss.). Supomos que aquele não foi o único expurgo efetuado por ordem de Davi.

Ver no *Dicionário* o artigo sobre **Mefibosete**, quanto a maiores detalhes. Seu nome original era **Meribe-Baal** (ver I Crô. 8.34). A casa de Saul foi reduzida de tal maneira que coisa alguma, além de um menino aleijado, poderia ter continuado a sua dinastia. Foi assim que se cumpriu a maldição de Samuel contra a linhagem de Saul. Ver I Sam. 13.13,14.

"A mudança no nome é similar à mudança de Esbaal para Is-Bosete, mas aqui a mudança foi de "Baal contende" para "da boca da vergonha" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). A vergonha em foco provavelmente é a vergonha dos ídolos, os deuses falsos adorados pelos pagãos.

4.5

Voltando agora à história do assassinato de Is-Bosete, são vistos em ação os dois valentes, **Recabe** e **Baaná**. Matar o rei do norte, um pato aleijado, seria fácil, além do que, conforme pensavam, esse ato agradaria a Davi, que os recompensaria grandemente por sua "coragem". Porém, assim como Davi havia matado o amalequita que tirara a vida de Saul (ver II Sam. 1), da mesma despacharia aqueles homens ímpios (vs. 12) que tinham ousado matar um homem muito menos maligno, considerado por Davi "justo" (vs. 11). Davi tinha o costume de falar bem dos que morriam. Is-Bosete não era nenhum santo. Ele tomara parte na rebelião, mesmo que Abner tenha sido a força principal por trás de tudo. Seja como for, Davi não apreciou o "serviço" que os dois vilões realizaram, presumivelmente *em favor do rei*. Davi não se mostrara capaz de tratar com o selvagem Joabe, mas os dois patifes não apresentavam problema.

Estando este a dormir, ao meio-dia. Era costumeiro, em todos os países quentes, trabalhar ou viajar muito cedo e muito tarde, mas descansar ao meio-dia, no calor do dia" (Adam Clarke, *in loc.*).

Os Targuns falam aqui de maneira deveras pitoresca: "Ele estava dormindo o sono dos reis", pois tinha direito à sua sesta do meio-dia. John Gill (*in loc.*) criticou Is-Bosete por sua *preguiça*. Por outra parte, John Gill vivia na fria Inglaterra, e não entendia a utilidade das sestas, conforme se vê nos países de clima quente.

4.6

Fingindo que estavam à procura de provisões, os dois patifes traiçoeiros foram direto ao dormitório de Is-Bosete, na parte mais fresca da casa, e o apanharam dormindo; então, sem dizer palavra, despacharam-no enquanto ele dormia. Ele nunca soube o que o atingira, e sua alma foi surpreendida por acordar fora de seu corpo, a caminho dos mundos da luz. Ninguém testemunhou o ato atrevido, e os dois assassinos escaparam facilmente da casa sem serem flagrados.

Como que vindo buscar trigo. Os armazéns de Is-Bosete provavelmente ficavam perto de sua residência, ou talvez no mesmo complexo de edificações. Os dois assassinos provavelmente tinham, como parte de seus deveres, buscar provisões; e assim foi fácil cumprir a missão assassina. A Septuaginta enfeita o texto, falando sobre uma mulher que cuidava dos armazéns, a qual também estava dormindo, pelo que não foi testemunha ocular do homicídio.

4.7

Cortaram-lhe depois a cabeça. 1. Davi cortou a cabeça de Golias e fez dela um espetáculo público, exibindo assim seu desgosto com o gigante. Foi um troféu horrendo (ver I Sam. 17.41 ss.). 2. Em retaliação, os filisteus cortaram a cabeça de Saul e fizeram disso um espetáculo, demonstrando seu ódio e deleitando-se com o horrível troféu (ver I Sam. 31.9). 3. Assim também os dois bandidos dece-

param e levaram a cabeça de Is-Bosete a Davi, supondo que o rei se alegraria ao ver a cabeça do rival. A cabeça serviria de prova absoluta da matança. Para os dois, aquilo era o *troféu da traição*.

Andando toda a noite pelo caminho da planície. Ou seja, a planície de Arabá, na direção de Hebrom. Era natural tomar esse caminho para quem ia de Maanaim para Hebrom, e ninguém os perseguiu porque ninguém sabia do ocorrido. Foi um crime perfeito, até que eles mesmos o revelaram a Davi. A jornada foi de cerca de 110 quilômetros, pelo que fizeram um considerável sacrifício para cumprir o seu designio.

4.8

Assim o Senhor vingou hoje ao rei meu senhor. Os dois assassinos lançaram a culpa toda sobre Yahweh. Os homens têm o terrível hábito de invocar a Deus para justificar seus malfeitos. Os homens usam a palavra “Deus” com imensa facilidade e geralmente de forma abusiva. Contraste-se isso com o antigo uso hebraico em que o *tetragrama*, YGWH, nunca era vocalizado, ou, se vocalizado, era corrompido de tal modo que o nome sagrado jamais era proferido pelos lábios dos homens. Os dois bandidos, pois, disseram: “Foi obra de Yahweh. Você deveria alegrar-se. Seu arquiniimigo está morto, e nós somos os heróis que cumprimos esse feito. Quão grande será a recompensa que darás a nós por esse grande serviço?”. Tais foram os pensamentos e as palavras dos dois patifes. Seja como for, a profecia de Samuel estava sendo cumprida, de modo que a linhagem de Saul não continuaria no poder. Não haveria nenhuma linhagem real de Saul. Mas haveria uma casa real de Davi. Ver I Sam. 13.13,14.

“Mediante um verdadeiro estilo oriental, os assassinos fizeram do Senhor cúmplice de seu crime... Isso ilustrava o perigo constante da religião de Israel — uma crença na predestinação... um determinismo que dizia que tudo quanto acontecia era algum ato direto da parte de Deus” (George G. Caird, *in loc.*). A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias (humanas), tendendo a atribuir tudo a Deus, tornando-O assim a causa do mal, e não meramente do bem. As modernas teorias da predestinação continuam a cometer o mesmo erro. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Predestinação (e Livre-arbítrio)* e também *Livre-arbítrio*, quanto a uma discussão dos problemas envolvidos.

Quão triste é quando más ações são atribuídas à divindade. Tal é a perversão da mente humana. Até os mais corruptos entre os políticos falam sobre Deus. Os sistemas opressivos são chamados justos, supostamente determinados e dirigidos pela sorte.

4.9,10

Tão certo como vive o Senhor. Em sua resposta, Davi também usou a palavra *Yahweh*. De fato, o poder divino o tinha libertado de todos os seus inimigos. Aquele homem maligno, Saul, havia recebido o fim merecido, mas o amalequita que assim agiu foi executado imediatamente por Davi. Não havia *adversidade* que pudesse subjugar a Davi. Entretanto, ele não precisava de atos assassinos para ajudá-lo em seu programa. Os dois patifes não se dariam melhor do que o amalequita que agira da mesma maneira e com o mesmo propósito (ver I Samuel 1 quanto à narrativa). Tanto o amalequita quanto os dois patifes estavam atrás de *recompensa*; e ambos tinham julgado muito mal quais seriam os sentimentos de Davi; ambos subestimaram seu espírito religioso, e como ele respeitava e até temia qualquer autoridade constituída por Yahweh. “Eles pensavam, como fizera o pobre e mentiroso amalequita, que agradariam Davi com aquele ato abominável” (Adam Clarke, *in loc.*). No vs. 10, a Septuaginta usa a famosa palavra grega, *euangelis* (boa notícia), o singular sendo o evangelho do Novo Testamento.

Os Targuns falam sobre o *simpático presente* que aqueles indivíduos malvados esperavam receber da parte de Davi. Eles queriam dinheiro e posição social.

“Quão terrível e estranha é a propensão de homens pecaminosos encobrir os crimes mais ultrajantes com o cobertor blasfemo que diz ‘Esta foi a vontade de Deus!’... mas isso não engana Deus... ‘Eu te vomitarei da minha boca’ (Apo. 3.16)” (Ganse Little, *in loc.*).

4.11

Mataram a um homem justo. Quando falava sobre os mortos, Davi tinha o hábito de exagerar em seus louvores. Até mesmo quando escreveu a elegia a Saul (II Sam. 1.19 ss.), ele deixou de lado todas as coisas que o primeiro rei de Israel tinha feito e falou como se nada houvesse de mal nele. Is-Bosete participou do plano de impedir Davi de chegar ao trono, agindo de modo contrário à profecia de Samuel. Is-Bosete era um homem fraco que obedecia a Abner e não fizera objeção à guerra civil, se esse fosse o meio pelo qual ele se manteria no poder. Em comparação com Saul, ele era um homem bom, mas isso é o máximo que podemos dizer a seu respeito.

Seja como for, se o amalequita que matara um óbvio homem ruim teve de morrer, o mesmo também aconteceria aos dois patifes, que mataram um homem *comparativamente* bom. Ambos tinham estendido a mão contra um rei de Israel. Ademais, no caso de Is-Bosete, tratava-se de um ato covarde. Eles surpreende-

ram o pobre rei durante o sono. Ele não tivera chance de defesa. Foi assim que Davi “requereu o sangue do homem inocente das mãos deles”, isto é, eles tiveram de pagar por seu crime com a própria vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

4.12

Brutalidade foi o nome do jogo. Uma vez que Davi ordenou a execução dos dois assassinos, ele mandou decepar suas mãos e seus pés, aos pendurou perto do açude de Hebrom. E se dizia a todos quantos passavam por ali: “Estais vendo estas mãos e estes pés? Eles pertencem aos dois assassinos de Is-Bosete, o filho de Saul. Cuidado para que coisa semelhante não vos aconteça, se fizerdes a mesma coisa toda”. Decepar mãos e pés era, essencialmente, o mesmo que cortar a cabeça e serviria ao mesmo propósito.

A *mutilação* era uma maneira de lançar o inimigo na desgraça. Os criminosos também eram mutilados, tal como acontece até hoje nos países islâmicos. Por outra parte, à cabeça de Is-Bosete foi dado um sepultamento decente, no sepulcro de Abner, que fora amigo e aliado de Is-Bosete.

Suas *mãos* tinham praticado aquele ato atrevido. Seus *pés* tinham-no levado a derramar “sangue inocente”. Portanto, foi apropriado que aquelas partes de seu corpo fossem exibidas em desgraça.

Davi se mostrara fraco demais ao punir o ímpio Joabe, por ter matado a Abner (ver II Sam. 3.39). Tivera de deixar a questão nas mãos do Senhor. Algum dia, o poder de Deus haveria de equilibrar essa *conta*. Usualmente, porém, Davi despachava conspícuos pecadores sem demonstrar misericórdia. Cf. este versículo com II Sam. 1.15.

Alguns intérpretes entendem que foram os *corpos* dos dois patifes que foram pendurados em exibição. Se essa é a verdade do caso, então não sabemos o que sucedeu às suas mãos e pés. Seja como for, o ato de *mutilação* serviu de advertência a todos.

Capítulo Cinco

Sobre Todo o Israel (5.1-12)

O *autor* foi cuidadoso em relatar, detalhadamente, como Davi consolidou o seu poder sobre todo o povo de Israel, depois que Saul foi morto, e ele próprio se mudou para Hebrom. Em primeiro lugar, Davi exerceu poder em Judá, na parte sul da nação (2.1-7). Seguiu-se uma guerra civil com a parte norte, sob o comando de Abner, que promovia a continuação da linhagem de Saul através do rei temporário e títere Is-Bosete. Essa guerra civil prolongou-se por bastante tempo (ver II Sam. 3.1). Mas Abner gradualmente percebeu que ele estava apoiando o homem errado, e que Davi, de acordo com as profecias de Samuel (ver I Sam. 16), eventual e inevitavelmente, seria o rei de toda a nação. Cf. isso com a admissão do fato por parte de Abner (II Sam. 3.17,18). Assim, Abner fez primeiramente um acordo com o próprio Davi (um acordo de boas intenções), e então passou a promover ativamente o reinado de Davi, o que é descrito no capítulo terceiro. Naturalmente, Abner abandonou Is-Bosete, que não tardou a ser assassinado (I Samuel 4), e isso significou o fim de qualquer oposição sistemática à subida de Davi ao trono. Todo o Israel tornou-se, dessa maneira, seu domínio, quando a parte norte da nação (Israel), através de seus anciãos, estabeleceu um pacto com Davi em Hebrom (II Sam. 5.11-3). Davi tinha 30 anos de idade quando isso sucedeu, e reinou por um total de quarenta anos, incluindo os sete anos e meio em que reinou sobre Judá (ver II Sam. 5.4,5).

5.1

Todas as tribos de Israel vieram a Davi, a Hebrom. Os anciãos de Israel (vs. 3), representantes das tribos do norte (Israel), vieram a Hebrom rvs. 1) e admitiram formalmente o direito de Davi governar sobre todo o território de Israel. Reconheceram o seu *reinado* (como alguém do mesmo sangue e da mesma carne). Ele não era um estrangeiro. Samuel tinha prometido o reino a Davi, e o havia ungido exatamente com essa finalidade (I Sam. 16). Davi tinha todas as qualificações e era o único homem em Israel que poderia derrotar todos os seus inimigos, algo que Josué não fora capaz de fazer. Sansão e Saul tinham debilitado aqueles inimigos, mas coube a Davi concluir o trabalho. I Crô. 12.23-40 informa-nos que a comissão enviada a Hebrom, pelas tribos do norte, foi numerosa, e grandes ajuntamentos de guerreiros também estavam envolvidos. Multidões de Judá juntaram-se ao grupo e assim ocorreu uma grande assembleia com numerosas representações vindas tanto do norte quanto do sul, algo que este capítulo não afirma.

5.2

Razões pelas quais Davi Assumiu o Reino. Suas credenciais:

1. Davi era parente deles. Cf. Gên. 29.14 e Júi. 9.2. Ele não era um estrangeiro, vs. 1.

2. Até mesmo durante o reinado de Saul, Davi fora um poderoso comandante de Israel e até ultrapassara a capacidade de Saul abater inimigos, pois matara 10.000, enquanto Saul matara 1.000 (I Sam. 18.7; 21.11 e 29.5).
3. Ele era o escolhido de Yahweh, tendo sido ungido rei por Samuel (ver I Sam. 16). O fraseado exato deste versículo não aparece em nenhuma promessa concernente a Davi, mas pode ser deduzido de passagens como II Sam. 3.18. Talvez haja referência aqui a alguma promessa não registrada por escrito, que era mais parecida com o presente versículo.

Os reis eram chamados *pastores* e realmente o eram, em um sentido metafórico. Estão em vista a proteção e o suprimento, os deveres de um pastor. Ver Sal. 78.71,72; Eze. 34.23,24 e 37.24.

5.3

Ungiram a Davi, rei sobre Israel. Foi grande o dia em que o norte adicionou sua unção à de Samuel e à de Judá (II Sam. 2.4). Com essas três unções, pois, Davi estava supremamente qualificado para ocupar o ofício de rei, tendo obtido reconhecimento universal. Isso foi efetuado como um culto religioso (assim foi aos olhos de Yahweh), não sendo apenas um cerimônia civil. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*, onde falamos sobre todos os atos e costumes que circundavam a ocasião. O pacto davídico sem dúvida envolvia um juramento para que se fizesse tudo quanto Moisés havia ordenado a respeito dos reis de Israel (ver Deu. 17.14-20).

A *presente passagem* não nos fornece os termos do acordo, mas sabemos que coisa alguma foi negada a Davi. Ele se tornou-se monarca absoluto, com poder absoluto, governado somente pelas restrições da lei mosaica. Cf. I Crô. 12. O vs. 3 nos dá um relato sem enfeites do que aconteceu.

5.4,5

O autor, que escreveu após a morte de Davi, diz, antecipadamente, quando duraria o reinado de Davi. Encontramos aqui outro *quarenta* bíblico. Esse número foi conseguido mediante a adição aos sete anos e meio nos quais Davi reinara somente sobre Judá. Parece que Davi tinha 30 anos quando começou a reinar sobre todo o Israel. "Os quarenta anos de seu reinado cabem dentro da cronologia geral do livro dos Juízes, que é dividido por períodos regulares de *quarenta anos*" (George B. Caird, *in loc.*). II Sam. 2.11 já nos havia informado sobre os sete anos e meio durante os quais Davi havia governado somente sobre a tribo de Judá, mas não sobre toda a nação de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quarenta*.

Da idade de trinta anos era Davi. A mesma idade com a qual os sacerdotes começavam a servir (Núm. 4.3; I Crô. 23.3). Cf. os números que aparecem em I Crô. 29.26,27. Davi morreu aos 70 anos de idade (I Crô. 29.28).

Jerusalém torna-se a Capital de Davi (5.6-16)

5.6

Partiu o rei... para Jerusalém. Davi, agora rei sobre todo o Israel, desejava em seu coração fazer de Jerusalém a sua capital. E como ele conseguiu isso, é descrito nos vss. 6 a 16 deste capítulo. O texto representa a captura de Jerusalém como o primeiro ato digno de nota do reinado de Davi. Seja com for, essa foi um acontecimento que afetaria toda a história subsequente de Israel, incluindo a da moderna nação de Israel.

"Visto que Jerusalém tinha permanecido sob o controle dos jebuseus desde os dias de Josué (ver Jos. 15.63), era considerada *neutra*. Assim a residência de Davi ali demonstraria imparcialidade tribal. Mas o próprio fato de que Jerusalém permanecera nas mãos dos jebusitas indicava sua *segurança* e inexpugnabilidade. Isso é visto claramente na resposta zombadora de seus cidadãos ao cerco de Davi da cidade: 'Não entrarás aqui, porque os cegos e os coxos te repelirão', disseram eles" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Jebuseus*. O rei de Jerusalém havia sido derrotado e morto por Josué (Jos. 10.23-26 e 12.10). Judá a havia conquistado (Juí. 1.7,8), mas caíra de novo sob o controle dos jebuseus (ver Juí. 19.11,12) e assim permaneceu até os dias de Davi. Davi viu a necessidade de deslocar os antigos habitantes cananeus daquela área se quisesse consolidar o reino em todo o Israel.

5.7

Esta é a cidade de Davi. Depois que Davi tomou a cidade, ela passou a ser conhecida como "a cidade de Davi", informação repetida no vs. 9. Era ele quem tinha o poder de fazer o que outros não tinham conseguido efetuar, pelo que seu nome veio a ser vinculado à cidade. Em primeiro lugar, ele conquistou uma fortaleza que ficava fora da cidade, e assim assumiu uma posição de poder. Mas a cidade era tão inexpugnavelmente fortificada que era preciso encontrar uma maneira especial de acesso para nela entrarem. Eles não podiam fazê-lo através

de um de seus portões, da muralha ou por sobre a muralha. Todos esses lugares eram extraordinariamente fortificados. O vs. 8 narra como esse acesso foi obtido. A arqueologia ilumina a questão.

5.8

Davi naquele dia mandou dizer. Este versículo, corrompido e quase impossível de ser entendido no hebraico, comunica sua mensagem como segue. Davi prometeu que qualquer um que fosse inteligente o bastante para descobrir como entrar na cidade seria promovido a comandante-em-chefe de seu exército. Em I Crô. 11.6, vemos que Joabe encontrou a chave para o sucesso, passando pelo túnel que ligava Jerusalém a uma fonte de onde vinha água para os reservatórios da cidade, conforme indica o versículo. Esse túnel subia pela *rocha* sobre a qual a cidade estava edificada. Os reservatórios eram alimentados pela fonte da Virgem, defronte da aldeia de Silóé, sendo a única fonte de água natural disponível para a cidade. O túnel, quase na vertical, cortava a rocha e possibilitava a obtenção de água sem que alguém tivesse deixar as muralhas ou atravessar um dos portões da cidade. Tratava-se de uma fenda perpendicular, que percorria a rocha por um espaço de 13,40 m, então em uma subida íngreme, a 45°, por uma distância de 13,72 metros. A seguir percorria, quase na horizontal, uma distância de mais 12,20 metros e subia por mais 15,25 metros, terminando no topo de um colina. Juntando este trecho com I Crô. 11.5,6, parece razoável supor que Joabe descobriu a chave e conduziu seus homens através desse túnel. Alguns eruditos, entretanto, duvidam que isso tenha realmente sucedido. Não obstante, a Revised Standard Version, em inglês, diz "water shaft", "canal de água", um sinal positivo em favor dessa teoria. John Gill, duzentos anos atrás, citou o autor hebreu Áquila, que afirmou que a captura da cidade se deu por meio de um *aqueduto*. E Dio Cassius (*Hist.* 1.66) fala em passagens subterrâneas através das quais os judeus escaparam de Jerusalém, quando a cidade foi assediada. Isso significa que haveria mais de uma dessas construções, mas a passagem em questão, no versículo presente, era um canal de água, conforme descrevemos aqui.

Nem cego nem coxo. Tornou-se proverbial que todos os inimigos de Davi se compunham de somente cegos e coxos, tão impotentes mostravam-se diante dele. Esse ditado foi criado à base da circunstância do cerco de Jerusalém. Davi referiu-se, sarcasticamente, a *todos* os habitantes (jebuseus) de Jerusalém como aleijados impotentes e pessoas cegas que não lhe podiam resistir. A alma de Davi *odiava* a todas essas pessoas, por causa de suas zombarias, e o fim delas, nas mãos dele, era a morte.

"Elas eram aleijadas no espírito e cegas na imaginação. Confiavam na inviolabilidade do *status quo*" (Ganse Little, *in loc.*). A história ensina que a única coisa permanente é a *mudança*, conforme disse Heráclito: *panta rei*, "tudo está em fluxo".

5.9

Assim habitou Davi na fortaleza. Este versículo parece indicar que a *fortaleza* que Davi ocupou era a própria cidade, e não uma fortaleza fora dela. Se isso está correto, então o vs. 7 já nos havia dado a informação de que a *cidade* fora capturada, e o vs. 8 faz uma digressão para dizer-nos como isso *tinha acontecido*. Essa fortaleza veio a ser conhecida como "a cidade de Davi" desde que ele ganhara fama por separar o que não podia ser separado. Ver esse nome também em II Sam. 6.12 e I Reis 2.10.

Desde Milo e para dentro. Os eruditos esforçam-se por entender o que significa a palavra Milo. A NIV (uma versão inglesa da Bíblia) diz aqui "terraços de apoio". A própria palavra hebraica significa "enchimento", o que poderia querer dizer uma área entre as colinas da cidade. Talvez esse vale tivesse sido preenchido com vistas a facilitar sua ocupação. Mas alguns estudiosos fazem a palavra referir-se ao *aterro* ali levantado para proteger a cidade de ataques vindos do norte, conforme também se lê em I Reis 9.15,24. Salomão fechou o *hiato* entre as colinas, conforme vemos em I Reis 11.27, e isso poderia estar em vista aqui. O parapeito norte da cidade estava dividido por uma fossa, e Salomão parece ter preenchido essa depressão. Mas não estamos seguros se é isso que está em foco neste versículo. O que é claro é que Davi fortificou a cidade e estabeleceu algumas grandes mudanças na topografia da cidade, uma vez que ali estabeleceu sua capital. Josefo, por sua vez, chamou *Milo* de fortaleza, e disse que Davi a ligou ao restante da cidade mediante mudanças topográficas, erigindo uma muralha ao redor do conjunto (*Antiq.* 1.7, cap. 3, sec. 2).

5.10

la Davi crescendo em poder cada vez mais. Tendo realizado o impossível, a captura de *Jerusalém*, Davi continuou a crescer, surpreendendo a todos com suas realizações. Definitivamente, ele era o homem da hora! Estava fazendo coisas que Josué, Sansão e Saul só realizaram em parte. Sua fama cresceu de acordo com isso, e o povo via que *Yahweh* era o poder por trás dele. O Espírito o tornara um novo homem. Os Targums dizem aqui que "a Palavra do Senhor era sua ajudadora".

5.11

Hirão. Ver o artigo sobre esse homem, no *Dicionário*. I Reis 5.1 diz-nos que ele tinha um afeto especial por Davi, e podemos presumir que eles já se conheciam há muito, chegando o tempo de Hirão edificar uma casa para Davi. John Gill supunha que o Hirão do presente texto fosse o pai do homem do mesmo nome que esteve associado a Salomão.

“É evidente que os israelitas tinham pouca habilidade arquitetônica, visto que dependeram dos fenícios quanto a pedreiros e outros operários na construção deste palácio, e nas construções de Salomão e do templo” (Ellicott, *in loc.*).

Que edificaram uma casa a Davi. O povo de Israel não era muito bom nas belas artes, na tecnologia e na arquitetura. Assim, quando Davi resolveu construir a sua casa, precisou contratar ajuda estrangeira. Em uma ocasião posterior, Hirão, rei de Tiro, também ajudou a Salomão como a força principal na edificação do primeiro templo. A casa que aparece aqui em questão era uma residência para o próprio Davi, e não um templo ou tabernáculo. “Provavelmente essa foi a primeira casa real de tijolos e madeira na qual Davi vivera. Sua possessão tornou-se sinal da *segurança firmada* que, finalmente, lhe fora concedida, após tantos anos de perambulação no exílio. Tal é sempre o valor de uma casa própria... Não obstante, a segurança espiritual nunca se deriva de coisas que nos pertençam, mas somente daquilo ao que *pertencemos*” (Ganse Little, *in loc.*).

Jesus assegurou-nos que há mansões na casa do Pai, e essas são nossas reais residências (João 14.2). Até o corpo de um homem é comparado a uma tenda, ou seja, uma residência temporária. Mas existe uma casa, lá nos céus, eterna, não feita por mãos humanas (ver II Cor. 5.1). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários artigos sob o título *Imortalidade*.

5.12

Reconheceu Davi que o Senhor o confirmara rei. Davi estava em um excelente fase. Mas reconheceu que Yahweh lhe dera tudo quanto possuía, e que ele fora exaltado e recebera poder, não por sua causa pessoal, mas por causa de Israel.

... que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste,
por que te vanglorias, como se o não
tiveras recebido?

(I Coríntios 4.7)

Isso significa que tudo quanto temos foi-nos dado pela providência divina. Ver sobre a *Providência de Deus*, no *Dicionário*. Deus estava operando através de Davi. Ele libertaria Israel de todos os inimigos dentro do território da Palestina, e sobre esse fato a monarquia israelense prosperaria e Israel chegaria a frutificação como nação.

Uma Importante Lição Espiritual. Este versículo ensina-nos que tudo quanto nos é dado, tudo quanto somos, servem ao próprio propósito de capacitar-nos a servir ao próximo. Essa é a lei do amor, a maior de todas as leis, que incorpora todas as demais em si mesmo (ver Rom. 13.8 ss.). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor*.

Feitos Vários de Davi (5.13 - 10.19)

5.13

Certo número de incidentes miscelâneos, na vida de Davi é apresentado aqui, não necessariamente na ordem cronológica. Por toda a exposição, são oferecidos subtítulos a cada um desses feitos.

Davi Amplia o Seu Harém (vss. 13-16). Ao longo do caminho, enquanto Davi fazia grandes coisas, não negligenciava as mulheres. Por onde quer que fosse, adicionava mulheres a seu harém. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Poligamia*. O artigo sobre Davi provê um gráfico que ilustra como o harém de Davi crescia, e lista suas esposas e seus filhos. Mas ele tinha muitas concubinas e filhos que não são mencionados por nome. Davi possuía pelo menos dez concubinas cujos nomes não são citados (ver II Sam. 5.13 e 15.16). E possuía tantos filhos que os autores que os mencionam nem se importam em fornecer seus nomes. Ver II Sam. 3.2-5 quanto a outra passagem que aborda a questão e provê comentários adicionais. Ao chegar em Jerusalém e desfrutar, pelo momento, de relativa paz, Davi decidiu tomar algumas mulheres daquela região. Devemos lembrar que os monarcas orientais obtinham fama e reputação devido a seus grandes haréns. “Ao multiplicar mulheres, Davi estava conformando-se ao uso do Oriente, onde o prestígio de um governante era proporcional ao tamanho de seu harém” (George B. Caird, *in loc.*).

5.14-16

O texto hebraico lista onze filhos nestes três versículos (14-16), mas a Septuaginta fala em nada menos que vinte e quatro filhos! Isso pode estar histórica-

mente exato, repousando sobre manuscritos hebraicos mais antigos do que os que estão disponíveis para nós, hoje em dia. A mesma lista (como a do presente texto hebraico) é dada em I Crô. 3.5-8; 14.5-7, com variações realmente pequenas. A passagem de I Crô. 3.5 diz-nos que os primeiros quatro filhos mencionados eram filhos de Bate-Seba, os quais, na verdade, nasceram posteriormente durante o reinado de Davi. As genealogias de Mateus e de Lucas mencionam Salomão e Natã como os dois filhos de Davi por meio dos quais a genealogia de Jesus pode ser traçada. Embora Salomão figure em último lugar na presente lista, ele parece ter sido o mais velho dos filhos de Bate-Seba, de acordo com as informações dadas em II Sam. 12.24. Os manuscritos hebraicos apresentam os nomes com diversas variações, o que tem dado origem a várias confusões. Acerca de todos os nomes próprios que figuram nesses três versículos, há artigos no *Dicionário*, razão pela qual não repito aqui essa informação.

Davi Obtém Vitória sobre os Filisteus (5.17-25)

Davi deixou novamente o seu harém (vss. 13-16) por tempo suficiente para ocupar-se, de novo, em uma batalha contra os filisteus. Sua estrela estava ascendendo, pelo que ele foi bem-sucedido. Davi foi rei de Israel por ter lutado e destruído os inimigos de Israel, o que significa que ele não negligenciou seus deveres.

5.17

“Os filisteus observaram com especial atenção a prosperidade de Davi. Talvez por todos os seus anos em Hebron, ele fosse considerado um rei vassalo dos filisteus (ver I Sam. 27.5-7; 29.3,6-9). Agora, entretanto, eles sabiam, acima de qualquer dúvida, que Davi, como sucessor de Saul, era um adversário implacável. Após obter a promessa da bênção divina (ver II Sam. 5.19), Davi marchou contra os filisteus que se tinham reunido para a batalha, no vale de Refaim, que ficava a somente 5 ou 6 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, e ali lhes administrou uma ressonante derrota” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Desceu Davi à fortaleza. Ou seja, à sua elevada fortaleza, a cidadela de Sião. Mas alguns estudiosos dizem que a fortaleza de Sião, à qual ele desceu, foi a caverna de Adulão, que ficava cerca de 13 quilômetros a sudeste de Belém. O autor não se refere a detalhes como a derrota de Saul pelos filisteus, que assim tinham tomado boa parcela do território de Israel. Davi anularia gradualmente essa situação.

5.18

Vale de Refaim. Ver o artigo detalhado no *Dicionário* sobre o local. Este vale tem sido identificado com a moderna planície de *el Baqa*, que corre para sudoeste de Jerusalém. Jos. 15.8 traduz a palavra como “vale dos gigantes”, identificando-o com a fortaleza de alguma antiga raça de gigantes. Era um vale frutífero, cerca de cinco milhas ao sudoeste de Jerusalém. Separava-se do vale de Hinom por uma estreita serra. O lugar era espaçoso o suficiente para prover um amplo acampamento. Foi ali que os filisteus estacionaram suas forças, e logo outra gigantesca matança umedeceria o terreno com sangue.

5.19

Ali estavam, uma vez mais, as horas filistéias. Eles nunca desistiam. Uma batalha ganha significava apenas outra batalha a ser ganha. Uma batalha perdida significava que haveria outra a ser efetuada. Mas Davi transformaria tudo isso. Ele acabaria por aniquilar os filisteus, de uma vez por todas.

Antes de qualquer movimento importante, Davi consultava o oráculo, usualmente através do *Urim* e do *Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*). Eram supridas respostas “sim” ou “não” e, mediante a manipulação de perguntas, todas as respostas desejadas podiam ser obtidas. Ver o artigo do *Dicionário* intitulado *Adivinhação*. Yahweh era o superior de Davi. Ele mesmo era o comandante-em-chefe de Israel. Mas Davi não se poria em movimento sem a direção de Seu superior. Isso representa o *teísmo*, e não o *deísmo* (ambos os termos são explicados no *Dicionário*). Deus é visto como o Criador, mas também está presente para recomendar, punir e guiar. O deísmo retrata um Deus ausente (deus, ou poder cósmico), que abandonou a Sua criação, submetendo-a às leis naturais em todas as coisas.

5.20

Baal-Perazim. Quanto a informes completos a respeito, ver o *Dicionário*. Provavelmente era uma antiga aldeia cananéia, a julgar por seu nome, que significa “Baal irrompe”, referência a uma fonte divina. Davi empregou o nome para falar sobre uma *brecha* que ele conseguira fazer através das forças de defesa dos filisteus, derrotando assim os exércitos inimigos. Davi deflagrou um ataque repentino e levou de roldão o inimigo à sua frente. Séculos mais tarde, a localidade

foi lembrada como o local de uma grande vitória alcançada por Davi (ver Isa. 28.21). Na boca de Davi, *baal* era palavra que significava apenas "senhor" (cf. com II Sam. 2.8). Embora pareça que foi Davi quem deu ao lugar esse nome, é mais provável que Davi deu ao nome uma nova significação. Parece muito difícil que ele tenha nomeado algum lugar com a palavra *baal*, embora possa ter atribuído ao nome um novo significado, para servir a seu próprio propósito.

Os filisteus tinham-se acampado em *Refaim*, mas depois avançaram para esse lugar, não muito distante do primeiro, para a batalha real. O local não tem sido identificado com certeza.

5.21

Os *filisteus* tomaram com eles os seus *deuses*, tal como, às vezes, Israel tomava a arca como proteção e meio de invocar a presença e o poder de Yahweh em seu favor (ver I Sam. 4.3). Os filisteus tiveram o infortúnio de ter suas imagens cativadas em meio à batalha, o que, em sua atitude mental supersticiosa, deve ter-lhes parecido um grande golpe. Isso significava que seus deuses não tinham sido capazes de protegê-los e, de fato, tinham-nos desertado. "Era costume da maioria das nações antigas transportar seus deuses com eles às batalhas" (Adam Clarke, *in loc.*), o qual também conjecturou que Israel levava a arca às batalhas, em *imitação* aos costumes dos pagãos.

Davi e seus homens os levaram. A King James Version da Bíblia em inglês diz que "Davi e seus homens os queimaram". Essa versão está certa. Isso foi feito em acordo com a lei de Deu. 7.5,25. Cf. I Crô. 14.12. O mal era associado a esses ídolos, reais ou imaginários, e o "fogo" tem eficácia (simbólica) contra os ídolos.

5.22

Os filisteus tornaram a subir. Os filisteus tornaram a experimentar a sorte, reagruparam-se, formaram uma nova linha de defesa na *Refaim* próxima, e esperaram, dessa vez, alcançar melhor resultado. Josefo informa-nos que eles receberam auxílio e agora tinham forças *três vezes* mais poderosas (*Antiq.* 1.7, cap. 4, sec. 1).

5.23

Davi consultou o Senhor. Davi sentiu necessidade de consultar novamente o oráculo, tal como ocorrera no vs. 19 (ver as notas expositivas). Se Josefo estava com a razão, isto é, se as forças filistéias tinham aumentado em três vezes, então podemos compreender o *porquê* da nova consulta. Uma vitória não garantia a seguinte, especialmente quando alguém estava lidando com aqueles selvagens filisteus. A informação detalhada deste versículo, que apresenta os estratégias da batalha, parece ir além do *modus operandi* de um simples "sim" ou "não" do *Urim* e do *Tumim* como respostas. É assim que certos intérpretes supõem que tais instruções tenham sido dadas por algum *profeta*. As instruções foram não arriscar-se a um confronto direto, mas fazer uma manobra hábil pela retaguarda, próximo de algumas amoreiras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amoreiras*.

5.24

Ao que tudo indica, este versículo quer dar a entender um milagre. No alto das árvores, os israelitas ouviram uma espécie de som farfalhante, como a marcha de um exército. Isso serviria de sinal para avançar e atacar. Podemos presumir que Yahweh estaria controlando os ventos ou enviando um vento divino para produzir o som apropriado. A palavra aqui traduzida por "estrondo" é usada em Jui. 5.4 e Sal. 68.7 para a marcha dos exércitos do Senhor. Ao ouvir o tal ruído, Davi deveria mostrar-se "apressado", isto é, alerta e enérgico, e atacar imediatamente. A versão árabe diz aqui "o ruído de cascos de cavalos", mas isso parece dramático demais. Outros estudiosos opinam que o estrondo seria feito por um exército de anjos, que ajudariam os filhos de Israel na batalha. Pelo menos é assim que dizem os Targums, mas isso parece ir além da intenção do texto sagrado.

5.25

Fez Davi como o Senhor lhe ordenara. A um *obediente Davi* foi dada uma vitória singular, talvez auxiliada pelos anjos, conforme supõem alguns intérpretes. O campo de batalha estendeu-se de Geba até Gezer, tendo havido grande fuga dos filisteus, que corriam à frente dos israelitas. Esses dois lugares estavam separados por cerca de 36 quilômetros, estando Gezer a oeste do outro lugar. Ver sobre ambos os locais no *Dicionário*. Gezer é a moderna *Tell Jezer*. Ficava na fronteira com a Palestina. As cartas de Tell el-Amarna (ver no *Dicionário* um detalhado artigo a respeito) mencionam o lugar. As escavações arqueológicas têm demonstrado que aquele local foi habitado desde, pelo menos, os tempos neolíticos.

"Davi obedeceu pontualmente às orientações do Senhor, e por isso todas as coisas sucederam segundo a sua vontade" (Adam Clarke, *in loc.*).

*Quando caminhamos com o Senhor,
À luz de Sua Palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho!*

(J. H. Sammis)

Alguns intérpretes insistem que Geba deveria ser Gibeom, o que significa que a perseguição ocorreu pelo espaço de 19 quilômetros, e não por 36 quilômetros. "Se estamos certos ao identificar o vale de Refaim com o platô a noroeste de Jerusalém, então *Gibeom* seria um lugar mais apropriado para o começo da fuga dos filisteus do que Geba" (George B. Caird, *in loc.*). I Crô. 14.6 indica que Gibeom era, realmente, o lugar.

"Assim sendo, amigos e adversários podiam ver a evidência da proteção e do poder de Deus sobre Davi e seu reinado" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Capítulo Seis

A Arca da Aliança Levada a Jerusalém (6.1-23)

Esta passagem pertence à seção iniciada em II Sam. 5.13, onde há uma pequena introdução. Estamos tratando com certo número de incidentes relatados à vida de Davi, que não foram apresentados, necessariamente, na ordem cronológica correta. O incidente diante de nós relata como a arca da aliança foi levada à nova capital, Jerusalém. Davi estava consolidando seu poder ali, e, obviamente, o tabernáculo tinha de ser movido para aquele lugar, de modo que ali ficasse centralizada a adoração de Israel. Essa centralização tornar-se-ia tão forte que outros oráculos seriam, finalmente, proibidos. Mas esse foi um ideal que nunca se concretizou completamente.

Por ato de Salomão, O tabernáculo em breve seria incorporado ao templo, e cessariam suas vagueações. O artigo sobre o tabernáculo demonstra como ele foi deslocado de lugar para lugar, acompanhando as vicissitudes históricas de Israel. Mas, no templo, o tabernáculo ficaria ligado a um *edifício permanente*. A *tenda*, que podia ser desmontada e movida de lugar em lugar, deixaria de existir, mas tudo quanto havia nela acabou incorporado ao templo, à sua estrutura e a seus rituais.

"O primeiro passo dado por Davi para fomentar as reivindicações de Jerusalém, como o novo centro nacional, foi conduzir a arca para lá... Nenhuma resposta satisfatória foi dada à questão de *por que* os israelitas se satisfizeram em deixar a arca, por tanto tempo, na obscuridade, em Quiriate-Jearim (ver I Sam. 6.21)" (George B. Caird, *in loc.*).

O tabernáculo, eventualmente, foi erigido sobre o monte Sião, a arca foi posta dentro dele, e assim Jerusalém se tornou o novo centro nacional de adoração, iniciando uma nova era.

Ver o relato mais completo sobre esse episódio, nos capítulos 13 a 16 de I Crônicas. É evidente que o tabernáculo foi construído em Jerusalém em tempos posteriores, depois que a arca foi trazida. Parece que a arca da aliança ficou separada do tabernáculo por cerca de cem anos. Foi efetuada, portanto, uma reunião em Jerusalém. Zadoque exerceu seu ofício sumo sacerdotal no tabernáculo, em Gibeom (I Crô. 16.39). Mas Abiatar tinha a arca em sua companhia; e disso resultou certa rivalidade. No templo, porém, todas as questões disputadas seriam colocadas em harmonia.

Talvez os Salmos 15, 24, 26 e 101 tenham sido compostos (ou, pelo menos, utilizados em parte) para celebrar o episódio narrado no presente capítulo.

6.1

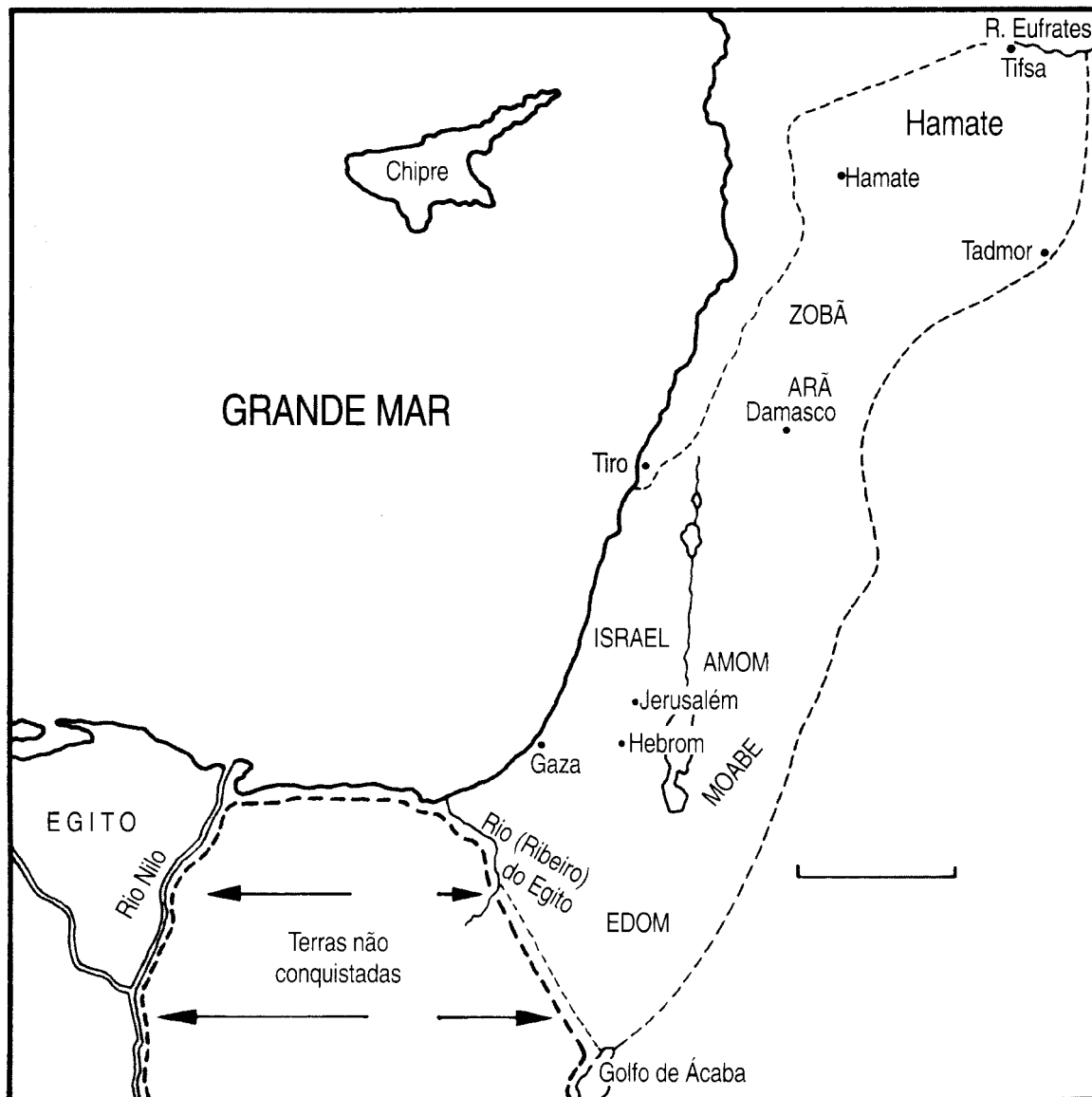
Tornou Davi a ajuntar. Davi tinha uma importante tarefa a realizar. Ele tomou consigo 30.000 homens, a fim de que o transporte da arca para Jerusalém não sofresse nenhum percalço, como o ataque de alguma força inimiga, que se deleitaria em interferir em questão tão importante para Davi. Ele transformou a ocasião em um imenso *acontecimento nacional*. A Septuaginta, porém, aumenta o número desses homens para 70.000, mas dificilmente isso corresponde à realidade. I Crô. 13.1 mostra-nos que Davi juntou essa grande força armada por conselho de seus oficiais, os quais queriam proteção contra qualquer perigo oculto.

6.2

Dispôs-se e, com todo o povo. Tropas especiais de Judá haveriam de ajudar na empreitada. Talvez essas tropas fizessem parte dos 30.000 homens mencionados no vs. 1, ou eram tropas adicionais.

Partiu para Baalim de Judá. Este nome significa "senhores de Judá". Por isso, alguns intérpretes supõem que estejam em foco os senhores (oficiais, anciãos etc.) que Davi tomou de Judá para ajudar na transporte da arca. Mas muitos estudiosos, como os que estão por trás de nossa versão portuguesa, creem que

EXTENSÃO DO REINO DE DAVI COMPARADA ÀS TERRAS PROMETIDAS NO PACTO ABRAÂMICO



Observações:

1. As terras indicadas com linhas quebradas e setas entre o Nilo e o Rio (Ribeiro) do Egito foram prometidas a Abraão, mas Israel nunca as possuiu. A fronteira ocidental, o Rio do Egito (o Nilo, Gên. 15.18); permaneceu fora do alcance de Israel.
2. A fronteira do norte, o rio Eufrates, também não foi alcançada, embora pareça que Salomão tivesse alguma representação militar naquela região. Também não sabemos até onde a fronteira deveria ter corrido ao longo do Eufrates.
3. A fronteira do leste nunca foi definida, nem no Pacto Abraâmico nem em qualquer época da história de Israel.
4. A fronteira sudoeste de Davi foi marcada com o Ribeiro do Egito, também chamado de Rio do Egito, que foi confundido com o Rio do Egito, o Nilo.

Davi foi um tipo de Cristo como rei. Com ele e seu filho, Salomão, o reino de Israel alcançou seu território maior. Salomão trouxe a *época áurea* do país. Com Cristo, o reino será universalizado e espiritualizado.

*** **

Estas cousas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fechará, e que fecha e ninguém abre.

Apocalipse 3.7

está em foco alguma localidade. Nesse caso, temos aqui algumas dificuldades. Alguns dizem que se trata do mesmo lugar que é chamado, em Jos. 15.9 e em I Crô. 13.5,6 de *Baalá*. E esses mesmos intérpretes o identificam com Quiriate-Jearim, localizado na estrada que liga Jerusalém a Joze. Os críticos apontam para o fato de que Baalá era uma cidade de Judá (Jos. 18.14), ao passo que Quiriate-Jearim ficava no território de Benjamim (Jos. 18.28), e supõem que os dois nomes não possam referir-se ao mesmo lugar. Esses críticos supõem que o lugar em pauta seja Quiriate-Jearim, e o outro nome tenha entrado por equívoco no texto sacro. Mas I Crô. 13.6 identifica os dois nomes como um único lugar. Não dispomos de uma explicação absolutamente adequada, nem ela é necessária à nossa fé.

A arca era chamada pelo nome de Yahweh e representava Seu lugar de habitação, ou seja, onde Ele se manifestava, entre as figuras dos querubins. Não há, contudo, certeza de que Abiatar foi capaz de levar o aparato inteiro quando fugia diante de Saul e se juntou a Davi no exílio (ver I Sam. 22.20). Os querubins faziam parte da estrutura da arca e, provavelmente, o aparato tinha permanecido inteiro, a despeito de suas perambulações.

6.3

Puseram a arca de Deus num carro novo. Um carro novo foi construído para transportar a arca. O carro teria essa única função a desempenhar e seria então destruído, para nunca mais ser usado de novo. Isso foi feito por respeito à sua missão singular. Era um carro santo e assim continuaria, pois não mais seria usado em outra missão de transporte. Ou então seria queimado como um sacrifício a Yahweh.

Ver I Sam. 7.1 quanto a como a arca tinha sido trazida para a casa de Abinadabe, em Quiriate-Jearim. Eleazar foi santificado por seu uso ali, e um oráculo foi estabelecido.

Que estava no outeiro. Algumas traduções dizem aqui *Gibeá*, o que, presumivelmente, era uma colina próxima a Quiriate-Jearim.

De acordo com as regras originais, somente os levitas poderiam transportar a arca, e sobre os ombros. Isso significa que provavelmente Davi cometeu um grosseiro erro (sem dúvida, por descuido) ao preparar um carro para seu transporte. Mas I Crô. 15.2 mostra-nos que Davi, mais tarde, reconheceu sua falta e a corrigiu.

Uzá... Aiô. Eram filhos de Abinadabe, e irmãos mais jovens de Eleazar. Provavelmente, tanto o pai como o irmão mais velho tinham morrido, e o serviço sagrado passou aos irmãos mais novos. *Uzá* haveria de morrer por causa do transporte da arca por intermédio do carro, conforme a história passa a contar. A palavra *Aiô*, por uma leve alteração do hebraico, pode significar "irmão". Nesse caso, o autor sagrado diz-nos que Uzá efetuou o serviço sagrado no lugar de seu irmão, Eleazar, mas falhou em dar-nos o nome. Alguns fazem o irmão ser Zadoque, que parece ter sido o guardião da arca.

6.4

Presumivelmente, se houve mesmo o envolvimento de dois irmãos, então um deles, Uzá, seguia atrás, e Aiô seguia na frente, enquanto a arca era transportada. Mas novamente, poderíamos ler "irmão" em lugar de Aiô, e então compreenderíamos o trecho como: "O irmão (ou seja, o irmão de Eleazar, isto é, Uzá) seguia na frente da arca". A arca foi removida da casa de Abinadabe, que ficava localizada na colina (*Gibeá*) de Quiriate-Jearim.

O versículo parece supérfluo e há linhas omitidas na Septuaginta. Este versículo também não aparece no paralelo de I Crô. 13. O vs. 2 já nos dera essa informação.

6.5

Alegravam-se perante o Senhor. Uma grande celebração foi ajudada pelo somido de instrumentos musicais de várias espécies, enumeradas neste versículo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Música, Instrumentos Musicais*, quanto a uma descrição desses instrumentos. Havia muito pelo que os israelitas poderiam sentir gratidão. Havia muita coisa a celebrar. A nação estava unificada sob a liderança única de Davi. Jerusalém havia sido capturada dos tenazes jebuseus e transformada na nova capital de Israel. A arca estava sendo transportada para a nova capital, a fim de que o culto religioso pudesse ser ali unificado.

"O uso de instrumentos musicais era comum na adoração de Israel, conforme constatamos, por exemplo, em II Sam. 6.5. Ver também o Salmo 150, onde é listada a maior parte dos instrumentos usados no culto religioso. Ver também o paralelo em I Crô. 13.8.

Com pandeiros. Palavra usada somente neste versículo. A julgar por sua etimologia, parece tratar-se de um instrumento de metal, talvez com sinetas, que emitiam som quando sacudidas. I Crô. 13.8 diz "trombetas".

6.6

O Erro Fatal de Uzá. No original hebraico, este versículo é bastante obscuro. As palavras "a mão" não se acham no original, e aparentemente foram supridas em I Crô. 13.9 como uma emenda, na tentativa de dar sentido à frase. Os bois fizeram alguma coisa (o que também não fica claro no original hebraico), que perturbou o equilíbrio da arca. A Vulgata Latina diz "tropeçaram". A Septuaginta indica um "impulso para a frente". A King James Version, em inglês, diz "sacudiram". A Revised Standard Version segue a Vulgata. Independentemente do que tenha acontecido, Uzá aparentemente estendeu a mão ou, em algum outro sentido, tentou segurar a arca. Ele tocou na *caixa sagrada*, o que não era permitido. De fato, a arca nem ao menos deveria ter sido transportada em um carro, mas nos ombros dos levitas. A questão tinha começado com erro e terminou com erro e um homem morto jazendo no caminho.

À eira de Nacom. O autor sacro informa aqui onde ocorreu o incidente com a arca, mas os comentadores, desconhecendo essa eira, não conseguem identificá-la. Para complicar ainda mais a questão, o trecho paralelo em I Crô. 13.9 diz "eira de Quidom". O vs. 8 deste capítulo dá-nos como equivalente (quanto ao lugar onde o episódio ocorreu) o nome Perez-Uzá. Esse nome significa "o irrompimento sobre Uzá", referindo-se a seu julgamento e morte súbita. Mas este texto em nada nos ajuda a identificar o local. Os comentadores judaicos preferem o texto de I Crô. 13.9. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Quidom*.

6.7

A ira do Senhor se acendeu contra Uzá. O anjo do Senhor matou Uzá ali mesmo, embora não sejamos informados sobre "como". Uzá foi culpado de grande sacrilégio. Ele havia tratado insensatamente com o item mais sagrado de Israel, embora sem intenção.

Entramos aqui a ira de Deus em uma súbita explosão de julgamento. A morte de Uzá foi desnecessária e poderia ter sido impedida pelo conhecimento aplicado. Uzá envolveu-se no manuseio profano do divino. Naturalmente, alguns críticos vêem aqui um acontecimento natural, que as tradições dos hebreus teriam transformado em incidente divino. Pois talvez tudo quanto se tenha passado foi que o carro caiu e esmagou Uzá quando este tentou impedir a queda.

Eu soube de um caso dessa espécie. Um jovem fazendeiro tentou amparar um peso em um vagão que ameaçava tombiar. Mas a carga tombou, e o homem morreu esmagado, por não ter pulado fora do caminho da carga. Seja como for, os levitas deveriam estar carregando a arca sobre os ombros, presa em varas que passavam por laçadas de metal. Dessa maneira, eles carregavam a arca evitando qualquer contato físico. Uzá, pois, quebrou uma regra sagrada.

"Uzá tornou-se um tipo de todos os que, com boas intenções, humanamente falando, embora com mentes não-santificadas, *interferem* nos negócios do reino de Deus, supondo que estão em perigo e esperando salvar-se" (O. von Gerlach, *in loc.*). Naturalmente, é óbvio que juízos dessa natureza eram temporais e nada tinham que ver com o bem-estar da alma nas esferas celestiais. "Ele cometeria um pecado para morte, mas sem dúvida a misericórdia de Deus atingiu sua alma" (Adam Clarke, *in loc.*, numa alusão a I João 5.16, que comento ricamente no *Novo Testamento Interpretado*).

6.8

Desgostou-se Davi. Davi ficou desagradado porque Yahweh se tinha "voltado contra Uzá", a ponto de matá-lo, quando tudo o que ele estava fazendo era cumprir ordens. Em Êxo.19.22 a mesma palavra é usada para indicar um súbito julgamento divino, por motivo de irreverência. A expressão, contudo, não define como o anjo despachou o homem, a não ser que algum poder súbito lhe tirou a vida. Alguns intérpretes vêem aqui Davi rebelando-se contra Yahweh. Ele teria achado que o juízo divino fora desnecessário e injusto. Outros supõem, contudo, que Davi se tenha indignado com as circunstâncias, e não com Yahweh. Seja como for, a questão inteira foi terrivelmente desagradável e vexou a alma de Davi ao máximo.

6.9

Temeu Davi ao Senhor. O temor lançou Davi em um dilema. Ele conduziu a arca a Jerusalém e agira como acreditava ser adequado. No entanto, eis que um homem é repentinamente morto. Yahweh continuaria a tratar a ele e a seu pessoal daquele maneira? Que outros golpes de morte o Senhor teria em reserva, que poderia empregar subitamente? Ele ficou muito temeroso de que Yahweh, em Seus juízos, matasse até pessoas de boas intenções, dedicadas ao serviço divino. "A dureza da disciplina do Senhor deve ter sido aplicada à luz de Sua absoluta santidade, que requeria que as tarefas sagradas fossem feitas de maneira sagrada (cf. I Sam. 6.19-7.2)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

6.10

Mas a fez levar à casa de Obede-Edom. Foi um adiamento temporário. Para ganhar tempo de pensar sobre um *modus operandi* diferente de conduzir a

arca a Jerusalém, Davi temporariamente deixou a arca depositada na casa de Obede-Edom, o geteu. Ver sobre esses nomes próprios no *Dicionário*. O homem, sem dúvida, era um *ger* (um estrangeiro, um estrangeiro), que tinha sido admitido à adoração sagrada como prosélito. Tradições posteriores, entretanto, fazem dele um *levita*, para que as exigências doutrinárias acerca do manuseio da arca pudessem ser satisfeitas. “É interessante que, em uma época em que o domínio dos filisteus estava sendo quebrado, um colono *filisteu*, proveniente de Gate, pudesse ser não apenas aceito como morador na terra de Israel, mas também ocupasse uma posição que envolvia considerável confiança” (George B. Caird, *in loc.*). Cf. I Crô. 15.16 ss.

Alguns intérpretes, procurando evitar a referência a Gate como aldeia nativa de Obede-Edom, falam sobre Gate-Rimom, uma cidade levítica nos confins do território de Dã e Manassés (ver Jos. 21.24,25). Esse lugar era um centro dos levitas coititas (ver Jos. 21.20). “Os Obede-Edoms dos tempos de Davi eram porteiros do tabernáculo, músicos levitas, que participaram ativamente do transporte da arca para Jerusalém, e, mais tarde, ministraram perante ela (ver I Crô. 15.16,18,21,24; 16.4,5,37,38; 26.1,4,13-15)” (Ellicott, *in loc.*). Independentemente da raça do homem envolvido, a arca permaneceu na casa dele por três meses. Isso deu a Davi tempo de planejar outra maneira de fazer o transporte que não provocasse a ira divina.

6.11

E o Senhor o abençoou. Foi grande honra ser o guardião da arca. O autor sacro informa-nos que, por causa da presença da arca na casa, Obede-Edom prosperou devido à bênção direta de Yahweh.

*Enquanto fazemos a Sua boa vontade,
Ele permanece conosco,
E com todos quanto Nele confiam e obedecem.*

(J. H. Sammis)

“Quem quer que entretenha os mensageiros de Deus ou consagre sua casa ao serviço de Deus, *infallivelmente* receberá as bênçãos divinas” (Adam Clarke, *in loc.*).

Josefo informa-nos que Obede-Edom era muito pobre antes desse incidente, mas logo em seguida se tornou extremamente muito rico, e a questão ficou conhecida por toda a nação de Israel (*Antiq.* 1.7, cap. 4, sec. 2). A mente dos hebreus sempre vinculava a prosperidade material à piedade, e não há nisso nada errado.

*Deus pode fazer-vos abundar em toda graça,
a fim de que, tendo sempre, em tudo,
ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*

(II Coríntios 9.8)

Qualquer labor espiritual é mais bem promovido quando há abundantes recursos materiais que o suportam. Oh, Senhor, conceda-nos tal graça!

E a toda a sua casa. O suprimento abundante da graça divina ampliou-se ao homem e à sua família, o que constitui para nós uma excelente promessa. Que os crentes tenham abundância espiritual e material, para que abundem quanto a toda boa obra.

6.12

Então avisaram a Davi. Ao ouvir dizer que Obede-Edom e seus familiares estavam desfrutando prosperidade, porque a arca estava com eles, Davi tomou isso como um *signal* de que Yahweh estava satisfeito e era chegado o tempo de fazer outra tentativa de transportar a arca para Jerusalém. O tempo parecia ter suavizado a ira divina, e as bênçãos de Deus estavam fluindo de novo.

Com alegria. Talvez haja uma influência exercida pelo vs. 5. Algumas versões (a Vulgata Latina e a Septuaginta) informam-nos que tudo foi feito em meio a grandes celebrações, com o uso de instrumentos de música, sacrifícios etc. As versões siríaca e caldaica, porém, ficam com a simplicidade do texto em hebraico. Dessa vez, Davi obedeceu às regras de transporte da arca, conforme mostram os versículos seguintes.

6.13,14

Estes dois versículos não afirmam, especificamente, que o transporte da arca foi feito de acordo com a lei mosaica, mas a nós cumpre compreender isso. I Crô. 15, entretanto, nos fornece um relato detalhado de tudo isso. Sacer-

dotes e levitas foram santificados com o propósito específico e passaram a cumprir o seu dever. *Ninguém* mais pôde carregar a arca, salvo os santificados com essa finalidade (ver I Crô. 15.2). Ver os vss. 12-15 quanto aos elementos específicos da narrativa do transporte. Tudo foi feito “como Moisés tinha ordenado” (vs. 15). Ver Núm. 7.9 e Êxo. 25.14 ss. quanto às leis originais acerca da questão.

Tinham dado seis passos. Os transportadores da arca avançavam, de cada vez, apenas seis passos. Davi, por assim dizer, estava “testando as águas”. Ele queria checar se, dessa vez, Yahweh abençoaria a empreitada, em lugar de ferir os carregadores com algum julgamento fatal. Eles avançaram seis passos e nada sucedeu, pelo que grandes gritos de júbilos subiam, a música tocava, eles começavam a dançar e realizar sacrifícios, celebrando assim a aprovação de Yahweh.

Estava cingido duma estola sacerdotal de linho. Em outras palavras, Davi usou vestes sacerdotais e, ao que tudo indica, atuou diretamente nos sacrifícios. “O fato de que Davi não somente usava uma estola sacerdotal, mas também ofereceu sacrifícios e também proferiu bênçãos sobre o povo (vs. 18), mostra-nos que as funções sacerdotais ainda não tinham sido limitadas a uma classe de homens consagrados com tal finalidade (George B. Caird, *in loc.*). Alguns intérpretes, entretanto, supõem que tudo isso tenha sido feito através de agentes sacerdotais, por ordem de Davi, pelo que esses atos foram atribuídos a ele. Mas isso parece ser contra a compreensão simples do texto.

As danças, por ocasião da adoração religiosa, são estranhas à maioria dos crentes modernos, mas devemos lembrar que os hebreus eram (e continuam sendo) um povo do vinho, dos cânticos e das danças, e essas atividades faziam parte de seu culto religioso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dança*. A dança é uma expressão de alegria animal, sensual ou não, mas também pode exprimir alegria espiritual. O artigo dá detalhes sobre a questão, os quais não repito aqui. Alguns usam danças para produzir um estado de transe, envolvendo assim a questão nas experiências místicas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo*.

Davi, pois, dançou *com todas as suas forças*, e isso *diante do Senhor*, presutando-Lhe honra e louvor. Podemos acreditar que Davi realmente vivia um *frenesi* de alegria. Ver também sobre a dança religiosa em Êxo. 15.20,21; Jui. 11.34; I Sam. 18.6.

6.15

Com júbilo, e ao som de trombetas. Davi continuou sua dança e seus gritos selvagens, talvez fazendo-se acompanhar por algum tipo de instrumentos de cordas (conforme apontam várias versões). *Tudo o Israel* juntou-se à exultação de Davi. As trombetas soavam, as danças eram frenéticas, o ar estava cheio de gritos de louvor. I Crô. 15.25 diz que todos os anciãos e capitães de milhares estiveram envolvidos. I Crô. 15.27,28 conta acerca do envolvimento de instrumentos musicais. Josefo fala sobre sete corpos de cantores treinados, que iam à frente do cortejo (*Antiq.* 1.7, cap. 4, sec. 2).

6.16

Mical, filha de Saul. A Amarga Mical. Em meio a toda essa celebração, a expressão de alegria e de triunfo nacional, Mical, esposa de Davi e filha de Saul, encontrou oportunidade de ser *amarga*. Ela viu Davi aproximando-se em meio a todo aquele barulho, dançando como um louco. Alguns intérpretes sugerem que tudo quanto ele estava usando era a *estola sacerdotal* (vs. 14), e, ocasionalmente, sus partes íntimas podiam ser vistas claramente. Era uma desgraça, conforme Mical pensava. Ver o vs. 20. Mical certamente objetava à *nudez* comparativa de Davi. Por outra parte, provavelmente o amor que houvera entre eles já tinha morrido; ela teria preferido permanecer com Palti, seu segundo marido (I Sam. 25.44); e encontrava muitas ocasiões para expressar sua frustração, que se transformara em *ódio*. Casais alienados tiram vantagem de toda ocasião possível para dar vazão ao seu descontentamento. Mical tinha-se apaixonado por Davi quando ele ainda era um soldado-herói. Mas agora tudo isso tinha passado. O pai dela estava morto, juntamente com a maior parte de sua família. E o restante da família tinha sido dispersa. Não é possível que ela não sentisse tudo isso. Mical não se preocupava com a pompa e a dignidade real que Davi tivesse violado. O problema dela era um casamento que havia azedado.

“Mical pode ter ficado ressentida por haver sido separada de seu marido, Paltiel (II Sam. 3.15,16), ou diante da descoberta de que era apenas uma dentre as muitas mulheres de Davi, ou diante do declínio da fortuna de sua família (vss. 16, 20)” (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

6.17

Introduziram a arca do Senhor. O cortejo havia chegado a Jerusalém, e Davi pôs a arca em seu lugar provisório, enquanto ela esperava ser colocada no templo que seu filho, Salomão, construiria para a unificação da adoração nacional.

O Lugar. “Não era aquele o tabernáculo de Davi... este continuava em Gibeom, onde permaneceu até o tempo de Salomão (I Crô. 21.29; II Crô. 1.3,4). Era um lugar onde Davi havia pendurado uma ou mais cortinas em torno da arca... não era, igualmente, sua própria casa, pois é dito que ele foi para ali, *depois*, mas era algum ponto na cidade de Davi” (John Gill, *in loc.*).

Davi ordenou grande celebração, efetuada *através dos sacerdotes*, oferecendo as ofertas adequadas e os ritos que eram próprios à ocasião. Em primeiro lugar, Yahweh foi honrado com as porções das oferendas que Lhe cabiam, o sangue e a gordura. Então o resto, juntamente com outros dons de alimento, era distribuído aos participantes, incluindo o povo comum (vs. 19).

6.18

Tendo Davi trazido holocaustos e ofertas pacíficas. *Tipos de Oferas.* Ver sobre isso nas notas expositivas de Lev. 7.37. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sacrifícios e Sacrifícios e Oferas*. Ver o gráfico ilustrativo dos sacrifícios e seus significados imediatamente antes da exposição sobre Lev. 1.1. Quanto às oferendas *pacíficas* ou *de cereais*, ver Lev. 6.14-18; e, quanto às *oferas queimadas*, ver Lev. 1.3-17 e 6.9-13. Ver sobre *sacrifícios de paz* em Lev. 7.11-33.

Bênçãos e louvores foram primeiramente endereçados a Yahweh e então ao povo. Foi uma celebração religiosa séria para enfatizar que *algo importante* tinha acontecido. A arca foi posta em Jerusalém. Ver no *Dicionário* sobre *Arca da Aliança*.

Alguns intérpretes supõem que Davi tenha participado pessoalmente das oferendas em algum tipo de cerimônia oficial, porquanto as funções sacerdotais ainda não eram claramente restritas à casta sacerdotal. Por ocasião da dedicação do templo (I Reis 18.14,55), Salomão pronunciou a bênção real, conforme Davi fez aqui. Então havia a *bênção sacerdotal*, cuja forma aparece em Núm. 6.22-26, para não ser confundida com as bênçãos de Davi e Salomão. Mas Clarke (*in loc.*) supõe que Davi, naquela ocasião, tenha agido como se fosse um sacerdote.

6.19

E repartiu a todo o povo. Certas porções das oferendas só podiam ir, em primeiro lugar, a *Yahweh*, e, em segundo lugar, aos *sacerdotes*. Ver quanto a Lev. 3.17 quanto às regras sobre o *sangue e a gordura* (as porções pertencentes a Yahweh). Ver as *oito porções* que eram atribuídas aos sacerdotes, em Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28,38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,18. O restante podia ser dado aos adoradores, e é possível que, nessa ocasião, outros produtos de alimentos fossem providos.

Um bolo de pão. Talvez um tipo de pão, cozido sem fermento, que era bastante fino (Adam Clarke, *in loc.*).

Um bom pedaço de carne. Porções dos sacrifícios permitidos ao povo, e talvez de outros animais sacrificados na ocasião.

Passas. Não uma “garrafa de vinho”, conforme dizem algumas versões. Outras versões dizem um “cacho de uvas”. A palavra “vinho” não está no hebraico original.

Tendo terminado as celebrações, o povo teve sua refeição comunal, através da generosidade de Davi. E então cada pessoa voltou à sua residência. Algo grandioso havia acontecido em Israel. A arca foi posta em Jerusalém e, nos dias de Salomão, descansaria permanentemente no templo que ele ainda construiria ali.

6.20

Voltando Davi para abençoar a sua casa. Davi havia desempenhado seu papel diante do Senhor. Ele não se sentia um desgraçado. Antes, havia cumprido uma grande tarefa. Mas Mical, filha de Saul e esposa de Davi, estava esperando por ele, para repreendê-lo duramente. Mical acusou-o de desavergonhada nudez diante de qualquer mulher que estivesse nas celebrações. Ela o comparou a aqueles tipos de perversos que se satisfazem com exibições, uma perversão sexual comum, geralmente inofensiva, mas que, apesar de tudo, é sem pejo. Alguns intérpretes tentam desculpar Davi, supondo que ele apenas deixara entrever a roupa de baixo. Mas dificilmente isso satisfaz os amargos queixumes de Mical. Ver o v. 16 quanto às *razões* para as *reais diatribes* de Mical. Mical acusou-o de um *espetáculo de nudismo*. John Gill acusou Mical de um “exagero apaixonado”. Mas podemos estar certos de que Mical não se estava queixando de nada.

6.21,22

Disse, porém, Davi a Mical. Davi apenas defendeu os motivos de sua dança de nudez. Ele fizera tudo “perante Yahweh”, não para ser visto por mulheres insensatas que poderiam estar ali. Ele dançara de alegria porque Yahweh lhe dera grande vitória. E o que aconteceria se alguma mulher tivesse visto seu órgão

genital? Para agradar a Yahweh, Davi estava disposto a ser “mais vil” do que jamais fora. E lembrou a Mical que ele fora escolhido para tomar o lugar do pai dela. Isto posto, ele era o homem da hora, o vaso escolhido, e não merecia as reprimendas da esposa. O eclipse familiar, provavelmente, era parte da razão *real* do espírito amargurado de Mical. Ela não estava preocupada somente com a nudez de Davi. A *maioria* das brigas de família ocorre por falsas razões, e as causas reais continuam ocultas.

“Não me envergonho de humilhar-me diante do Deus que rejeitou a teu pai, por causa de sua obstinação e orgulho... e até as servas, ao saberem o *motivo* de minha conduta, reconhecerão que ela foi própria, e me tratarão com um respeito adicional” (Adam Clarke, *in loc.*).

6.23

Algumas versões trazem aqui o errôneo “portanto”, antes de dizerem que Mical permaneceu sem filhos, como se essa fosse a razão de sua esterilidade, ou seja, um resultado direto de sua arrogância, que levou Davi a evitá-la como mulher. Essa palavra, “portanto”, não se acha no original hebraico. Apesar disso, porém, o versículo parece ser uma nota acrescentada à anterior “briga familiar”, para dizer-nos que Mical foi punida por Deus com a esterilidade. Entre os israelitas, a esterilidade feminina era a pior calamidade que poderia acontecer às mulheres, sempre tida como um julgamento divino. Por conseguinte, era como se o autor sagrado dissesse que Mical estava “sob maldição”, e que Deus tinha boas razões para puni-la. “A falta de filhos era considerada grande infortúnio. Cf. Gên.30.1 e I Sam. 1.6-11” (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Mical criou filhos, mas não os seus próprios. Ver II Sam. 21.8. Alguns intérpretes supõem que a esterilidade de Mical tenha sido um julgamento de Deus contra a linhagem de Saul. Sob nenhuma circunstância os filhos de Mical poderiam competir com os filhos de outras mulheres, que poderiam ocupar o trono após Davi. Alguns supõem que Davi tenha passado a rejeitar a Mical como mulher, a partir daquele momento, devido à sua arrogância, o que garantiria que ela não teria filhos que competissem, mais tarde, pelo trono.

Capítulo Sete

A Profecia de Natã (7.1-29)

A *seção geral* à qual a história que se segue pertence começa em II Sam. 5.13, intitulada *Vários Feitos de Davi*, a qual se prolonga até II Sam. 10.19. Entre suas diversas experiências houve aquela narrada no capítulo que ora começa, vagueando em temor e geralmente padecendo alguma necessidade. Tudo isso agora pertencia ao passado. Davi agora vivia no luxo, e isso em contraste com o estado relativamente empobrecido do culto religioso durante o qual os instrumentos divinos permaneciam abrigados na tenda, no deserto. Natã, o profeta, aparentemente repreendeu a Davi por seu luxo, enquanto a casa do Senhor continuava sendo apenas uma tenda. O tabernáculo em vista é aquele improvisado quando Davi transportou a arca para Jerusalém (capítulo 6); mas podemos estar certos de que, em Gibeom, a tenda do deserto também foi contrastada com a *casa de cedro* de Davi. Ver I Crô. 21.29; II Crô. 1.3,4 quanto ao fato de que o tabernáculo de Moisés continuava existindo nessa época. Chegara o tempo de uma grande mudança. Reinava uma paz relativa e algo mais adequado tinha de ser feito a respeito do culto religioso. Isso seria realizado por Salomão, filho de Davi, que construiria o *primeiro templo*. A arca e todos os implementos do antigo tabernáculo descansariam naquele magnífico edifício.

Os *críticos* vêem problemas de unidade no capítulo à nossa frente, supondo que haja porções antigas e mais recentes. Em outras palavras, eles acreditam que um editor posterior compilou seu conteúdo. Por exemplo, os vss. 8b, 9a, 10, 12 e 14-16 são tidos como partes de um antigo problema que vieram a ser incorporadas na narrativa. Os críticos observam a exagerada *verbosidade* da prosa e não vêem como o escritor principal de I Samuel poderia estar envolvido nisso. A despeito desse problema, o capítulo aponta para a importância da unificação do culto de Israel, por meio da construção de um templo em Jerusalém. Outros santuários supostamente cessariam de funcionar. Mas, embora eles fossem diminuindo, coisa alguma livrou Israel de certa diversidade de adoração, porquanto a centralização, embora fosse o ideal, nunca se tornou realidade plena. E foram retidos alguns santuários, como o de Betel.

O *templo de Jerusalém*, nos dias do cristianismo, foi substituído pelos homens individuais que se tornam templos de Deus, certamente um avanço na espiritualidade. Ver Efé. 2 e I Cor. 6.19.

“Depois que Davi se estabeleceu firmemente em Jerusalém e desfrutava um período de paz, seus pensamentos voltaram-se à idéia de edificar uma estrutura mais permanente onde o Senhor pudesse residir entre o povo. A *tenda*, conforme Davi pensava, não era mais apropriada, especialmente em comparação com seu próprio elaborado palácio de cedro (5.11)” (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

7.1

Em sua própria casa. Em contraste com todas as perambulações pelo deserto, fugas de Saul, perigo constante, fome e cansaço. Em lugar de tudo quanto ele tinha sofrido, agora Davi vivia no luxo, pelo que aprendera a andar humilhado e a abundar em recursos materiais (ver Fil. 4.12).

Tendo-lhe o Senhor dado descanso. Foram necessários cerca de 500 anos para livrar a Palestina das sete nações cananéias que ocupavam o território quando os israelitas ali chegaram. Foi Davi quem, finalmente, concretizou esse feito. E, embora ele não tenha obliterado completamente todas aquelas populações, pelo menos foi capaz de confiar nas que ainda não tinha destruído. O resultado foi a completa liberação da terra, o que abriu o caminho para a instituição da monarquia e o crescimento e a prosperidade de Israel como nação. Isso foi necessário para o propósito que Deus tinha planejado realizar naquela nação. O território pátrio que fora prometido a Abraão finalmente tornou-se realidade. Ver em Gên. 15.18 informações completas sobre o *pacto abraâmico*.

Hirão, rei de Tiro, construiu a casa de Davi (II Sam. 5.11). Os filhos de Israel nunca foram muito bons nas lides da arquitetura. O próprio Salomão precisou valer-se da ajuda estrangeira, a fim de construir o templo. Sobre aquele homem, ver o artigo no *Dicionário* chamado *Hirão*. Ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1 quanto às sete nações que precisaram ser expulsas da Palestina.

7.2

Porventura, Natã, o profeta, repreendeu a Davi? É provável que ele tivesse feito observações que levaram Davi a sentir-se desconfortável com todas as suas riquezas e seu lazer na vida, enquanto o culto divino continuava a ser processado em uma mera tenda. Seja como for, Davi, inspirado pelo Espírito Santo e/ou pela presença e pela atividade de Natã, reconheceu o grande contraste entre seu estilo de vida e o que se passava com a adoração divina. Isso o inspirou a agir em favor da *casa de Deus*. Mas seria Salomão quem realizaria tudo quanto estava no coração de Davi, porquanto Yahweh não entregaria a um homem de guerra e de derramamento de sangue a tarefa de edificar Seu templo. Quanto ao que se sabe e se especula acerca de Natã, ver o detalhado artigo sobre ele, no *Dicionário*.

Em casa de cedros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cedro*. O cedro era uma notável madeira de construção, usada no fabrico de casas para os ricos, entre muitas outras aplicações. Essa madeira nobre (da casa de Davi) é aqui contrastada com as humildes *peles de animais* usadas no fabrico da *tenda* do culto. Ver Êxo. 16 quanto às cortinas do tabernáculo. Ver também Êxo. 36.

... se acha numa tenda. Ou seja, a tenda provisória que Davi fizera para abrigar a arca da aliança, e não o tabernáculo construído no deserto, que ainda estava em Gibeom. Ver I Crô. 21.29 e II Crô. 1.3,4. Ver também as notas em II Sam. 6.17 quanto à tenda provisória.

7.3

Vai, faz tudo quanto está no teu coração. Natã reconheceu o propósito divino que operava em Davi, pelo que, entusiasmado, encorajou-o a prosseguir com o projeto. Natã, portanto, deu um bom exemplo a ser seguido. Devemos encorajar ativamente os outros não somente a ter boas qualidades na vida, mas também a ocupar-se em boas obras que se aplicam espiritualmente à vida diária. Tal como no caso de Davi, há um destino e um propósito espiritual em tudo. Primeiramente, Natã deu um bom *exemplo*. Ele era um homem espiritual que pensava e agia de modo espiritual. Ele era homem pacífico. Davi tornara-se igualmente pacífico, e agora estava preparado para dedicar-se a um novo projeto. Ele tinha sido um superguerreiro. Agora seria um superconstrutor, embora Salomão viesse a ser o real construtor.

É evidente que Davi *consultou* Natã para obter sua opinião e instrução. Ele cria que o Espírito lhe daria orientação através do profeta. Consultou um conselheiro positivo e obteve uma idéia positiva, embora não lhe fosse concedido concluir a construção real.

Talvez tenha sido nessa época que Davi compôs o Salmo 132, que fala sobre o juramento e o voto de encontrar um lugar para a construção.

O Pacto Davidico (7.4-15)

7.4

Os vss. 4-15 nos dão os elementos essenciais do *pacto davidico*, o sétimo dos pactos bíblicos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos*. O pacto davidico ocupa o quinto lugar dentro desses pactos. Os outros são: edênico (Gên. 1.23); adâmico (Gên. 3.15); noaico (Gên. 9.1); abraâmico (Gên. 15.18); mosaico (Êxo. 19.25); palestínico (Deu. 30.3); novo (Heb. 8.8). Dou plenos comentários sobre o pacto palestínico nas notas de introdução a Deu. 29.

Davi tinha consultado Natã quanto ao seu desejo de construir um lugar permanente para a arca da aliança (e, naturalmente, para o restante do tabernáculo, onde se processava o culto divino). Isso provocou uma revelação divina direta ao profeta, de modo de que Davi pudesse receber instruções apropriadas para a tarefa.

Nessa barganha, Davi (através de Salomão) construiria uma casa para Yahweh, e Yahweh edificaria uma casa para Davi (seu reino, que traria o Messias, o Rei, a este mundo).

Naquela mesma noite. A mensagem não veio pela consulta ao Urim e ao Tumim, mas por meio de uma visão (visual e audível), em um sonho vívido e divino. Questões importantes estavam em jogo, e coisa alguma poderia ser deixada ao acaso.

7.5

Assim diz o Senhor. Uma expressão-chave do Pentateuco, que nos fala sobre a realidade da inspiração divina. Ver as notas em Lev. 1.1 e 4.1. A revelação fala conosco acerca do *teísmo*, em confronto com o *deísmo*. O Criador não abandonou o universo, mas está presente a fim de recompensar, castigar e orientar. O *deísmo* ensina que uma força criativa qualquer abandonou a criação às leis naturais e não faz nenhuma intervenção. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo*.

"Com freqüência, professores e pregadores, em sua sinceridade, passaram juízo errôneo sobre os planos e propósitos humanos" (George B. Caird, *in loc.*). Por causa dessa verdade foi necessário a Natã receber instrução divina direta, que ele transmitiu para Davi. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A mensagem de Natã aprovou, grosso modo, a idéia de Davi, mas salientou que ele mesmo, como homem de guerra e derramamento de sangue, não poderia dedicar-se à construção do templo. Não obstante, ele seria o inspirador da construção, enquanto seu filho, Salomão, faria o trabalho real de construção. O homem que *inspira uma idéia* é, com freqüência, tão ou mais importante que aquele que a efetua. Cf. I Crô. 17.4, onde uma resposta negativa foi especificamente dada à idéia de Davi efetuar, pessoalmente, a construção.

Eupolemus (Apud Euséb. *Evangel. Praepar.* 1.9, cap. 20, par. 447) referiu-se ao *anjo do Senhor* que falou diretamente a Davi, e afirmou que nenhum homem poluído com sangue humano (como o era o guerreiro Davi) teria permissão de erigir o altar de Yahweh.

7.6

Porque em casa nenhuma habitei. Em toda a história passada, desde o êxodo do Egito até o dia presente, Yahweh tivera somente a Sua tenda, o humilde *tabernáculo* (ver a respeito no *Dicionário*). No período de transição de Israel, antes de o império ser formado na Palestina, com a capital Jerusalém, Yahweh nunca exigiu mais do que a tenda. Israel era, então, humilde; a habitação de Yahweh era humilde. Mas agora, tudo isso havia mudado. Israel não era mais um pequeno país. Bem pelo contrário, eles tinham tomado toda a Palestina. Portanto, o culto divino não deveria continuar sob condições humildes. Mas Davi não era o homem apropriado para a construção, embora tivesse sido o homem a inspirar a idéia.

"A tenda era formada pelas cortinas de pêlos de cabra, e o tabernáculo era formado pelas cortinas de linho. Ver Êxo. 16.1,6,11-13. Em I Crô. 17.5, vemos a expressão "tenho andado de tenda em tenda", a qual não visa falar sobre uma variedade de tabernáculos, mas da mudança de lugares onde a tenda repousara" (John Gill, *in loc.*).

7.7

Em todo lugar em que andei. Vendo o estado humilde de Israel e as mudanças constantes em meio à hostilidade, *Yahweh* nunca fez nenhuma exigência desarrazoada. Assim, Deus jamais ordenara que os filhos de Israel construíssem uma casa de cedro para Seu culto. Agora, com o soerguimento da nação de Israel, *Yahweh* tornava-se mais exigente. É possível que tenha havido alguma espécie de edifício substancial em Silo (ver I Sam. 2.22), e, nesse caso, o autor ignora o incidente, que foi atípico. A presença de Deus sempre acompanhava o povo, com ou sem a tenda, mas era útil ter um local específico de manifestação, ritos e culto.

A quem mandei apascentar o meu povo. Os líderes (cujos nomes não são especificamente declarados no texto) receberam ordens para cuidar do povo. Cada tribo tinha um líder. Seus deveres eram espirituais, humanitários e materiais. Por ordem de *Yahweh*, as tribos receberam cuidado, mas Deus não exigiu coisa alguma para Si mesmo.

Tribos. Mediante uma leve modificação dessa palavra hebraica, temos o termo *juizes*; algumas traduções adotam esse texto como se ele fizesse mais sentido, e assim ignoram a tradução *tribos*. Cf. I Crô. 17.6, onde a palavra "juizes" aparece no texto hebraico.

7.8

História Passada. Por intermédio de Natã, Yahweh lembrou a Davi as origens humildes dele, deixando entendido que se não fora... pela graça e pelo poder divino, Davi continuaria cuidando de ovelhas, seu trabalho original. Yahweh estava mostrando a Davi como a vontade e o propósito divino dominam, pois, sem isso, ninguém pode fazer coisa alguma de valor. Assim sendo, um mero pastor foi transformado em rei, um feito que somente Deus poderia ter realizado. Davi era um instrumento divino, e não o operador dos milagres. Esse mesmo poder divino, após a morte de Davi, realizaria, por meio de seu filho, Salomão, o que estava em seu coração para realizar. Por conseguinte, era inútil Davi encher-se de ansiedades, porque as coisas são inspiradas, orientadas e efetuadas pelo poder de Deus. Há um propósito a ser cumprido. Deus é o autor do propósito, e devemos deixá-los *arrebatar por esse propósito*. Por isso, agradecemos. É grande fazer *parte* de algo que Deus faz.

Este versículo parece ser (em parte) um excerto de um antigo poema que louvava a eternidade do reino de Davi. Ver as notas de introdução a este capítulo quanto a outros alegados fragmentos do suposto poema.

O grande Agamenom, em Homero (*Iliada*, 2), foi chamado de *pastor* do povo, pelo que a palavra era empregada para indicar os grandes líderes que cuidavam das respectivas nações, como se elas fossem suas ovelhas. Jesus é o grande líder espiritual (João 10).

7.9

E fui contigo, por onde quer que andaste. A mensagem de Yahweh, dada por intermédio de Natã, o profeta, oferece-nos um breve sumário de todas as orientações de Deus, ao conduzir a Davi, passo a passo, em sua peregrinação de pastor a rei. Ele teve de enfrentar e derrotar inúmeros inimigos para chegar àquele lugar exaltado. Mas sempre houve graça divina e poder suficiente para aquela que era uma tarefa quase impossível. *Tarefas impossíveis* tomam-se *possíveis* por uma longa série de *passos* ou estágios divinamente orientados, e assim acontece com todo homem espiritual que tenta fazer algo que aparentemente está "acima dele mesmo". A idéia de Davi edificar o tempo era uma grande idéia, mas muito avançada quanto ao tempo. Contudo, em seu filho, Salomão, a mesma graça e poder divino operaria de tal maneira que a nobre edificação se tornaria realidade.

O passado era a garantia do futuro. Davi havia derrotado a Golias e substituído o violento e assassino Saul. Agora, ele tinha expulsado os inimigos de Israel. O poder sempre estivera presente e continuava ali. Residiria também no filho de Davi, Salomão. O propósito de Deus era firme.

7.10

Prepararei lugar para o meu povo. O *pacto abraâmico* (comentado em Gên. 15.18) garantia que, afinal, Israel teria seu território e seu reino. Davi foi um dos maiores instrumentos para produzir isso. Ainda recentemente, ele havia conquistado Jerusalém, uma das últimas fortalezas dos pagãos da Palestina. Aos adversários de Israel que Davi não pôde obliterar, ele confinou a bolsões. Embora nem todo o território que tinha sido prometido a Abraão se tornara de Davi, *quase todo* esse território era dele. Israel nunca se estendeu até o "rio do Egito", o rio Nilo, que fazia parte da promessa, mas de maneira geral e essencialmente Davi conquistou toda a Terra Prometida no pacto. Ver Gên. 15.18, onde é mencionado o rio do Egito, juntamente com o rio Eufrates, que formavam a fronteira nordeste *ideal* da Terra Prometida. A *influência* de Salomão parece ter atingido tal ponto, ainda que ele não tivesse chegado a possuir, realmente, todo o território. Alguns estudiosos supõem que no reino milenar as fronteiras de Israel atingiram essas fronteiras ideais. Seja como for, alguns vêm aqui uma profecia sobre as condições milenares, e não meramente uma certeza de que o reino davídico se estabeleceria sobre as terras prometidas a Abraão.

7.11

Desde o dia em que mandei houvesse juízes. São mencionados aqui outros *estágios* dos tratos de Yahweh com Israel. Yahweh tomou conta de Seu povo nos dias dos juízes. Outros governantes poderiam também estar incluídos nesse termo. Yahweh sempre tivera os Seus *líderes* para cuidar de Seu povo. A tarefa de Davi, de entregar a Palestina nas mãos de Israel, estava bem adiantada. A porção que restava ser feita não permaneceria inconclusa. Seguindo-se, pois, haveria a *monarquia*. Portanto, temos aqui três estágios distintos de realização: os juízes; a plena conquista do território que cabia a Israel (deixada incompleta por Josué, ver Jos. 13); e o estabelecimento do reino davídico. O plano divino movia-se de estágio para estágio de modo *infalível*. Não havia razão para ansiedades. Mas o plano requeria a cooperação humana e grande quantidade de trabalho árduo.

Este versículo, que faz parte de um poema utilizado pelo autor sagrado, provavelmente deve ser entendido como um trecho *messiânico*, e não meramente como uma história dos tempos de Davi. A casa e o reino perdurariam *para sempre* (vs. 13), e isso só pode ser verdade no locante à administração do reino, por parte

do Messias. O próprio Jesus era o *templo vivo* que podia ser destruído, mas que voltaria à vida ao terceiro dia (ver Mar. 14.58; 15.29; João 2.19).

7.12

Farei levantar depois de ti o teu descendente. Em *Salomão*, o propósito divino continuaria. A morte de um indivíduo não surte efeito sobre a continuação dos propósitos de Deus, e o reino era um grande propósito divino. Em lugar de "descendente", o original hebraico diz *semente*, e não "filho", como aparece, erroneamente, em algumas traduções. Daí o propósito, embora efetuado em Salomão, também ser maior que Salomão e estender-se até o Rei Messias, e não meramente através de algum mero membro da família. A maioria das grandes tarefas espirituais consiste em *esforços de equipe*, pelo que ninguém tem motivo algum para mostrar-se arrogante.

"A promessa de que Davi e sua *semente* seriam *reis* cumpriu a bênção ainda mais antiga do pacto abraâmico, de que os patriarcas seriam pais de reis (Gên. 17.6,16; 35.11)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

7.13

Este edificará uma casa ao meu nome. Está em pauta o *templo* a ser edificado pelo filho de Davi, *Salomão*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo*. A mensagem divinamente inspirada a Natã, a ser transmitida a Davi, era prova de que este estava sendo impulsionado pelo Espírito de Deus para cuidar do projeto do templo, embora ele mesmo não fosse digno da sua construção. No entanto, Davi inspiraria seu filho, Salomão, a cumprir tudo quanto estava em seu coração. Sem profecia ou visão, o povo perece (ver Pro. 29.18). Davi, pois, recebera a *visão*. Salomão estaria qualificado para o trabalho a ser feito. O presente versículo era conhecido pelo autor de I Reis, conforme lemos em 5.5; 6.12,13 e 8.14-21. Sua mensagem da parte de Yahweh foi propagada por todo o Israel, e assim a nação estava preparada para o avanço no culto espiritual, com a centralização da fé e a prática do yahwismo em Jerusalém, a nova capital.

Seu reino. Com a casa de Davi, seria iniciado o *reino eterno* do Messias, o Filho maior de Davi. As palavras "para sempre" que figuram aqui certamente fazem dessa passagem um trecho messiânico e têm sido universal e tradicionalmente tratadas como tal. Cf. com II Sam. 23.5. Naquele versículo, a questão aparece vinculada ao *pacto davídico*. Ver sobre *Pactos*, no *Dicionário*, quinta seção. Naturalmente, esse pacto dependia do pacto abraâmico (seção IV daquele artigo), visto que todas as bênçãos fluíam do fato de Yahweh ter escolhido Abraão e sua semente para fazer deles uma grande nação.

Cf. este versículo com Isa. 9.7, que apresenta uma mensagem similar de forma mais poética e completa. Ver sobre *Reino de Deus*, no *Dicionário*. Ver também Luc. 1.32,33.

7.14,15

Eu lhe serei por pai. Esta promessa aponta tanto para Salomão como para seu descendente maior, o Messias. Estes versículos também prevêm que Salomão cometeria sérios erros, como parte integral da profecia de Natã. Contudo, isso não anularia o reino de Salomão, conforme aconteceu a Saul. Haveria uma relação ativa de pai e filho que garantiria que Yahweh, como Pai, trataria de Salomão de forma gentil, embora eficaz. Seu reino perduraria somente por quarenta anos, mas seria perpetuado através de sua linhagem e, finalmente, desembocaria no aspecto eterno do Messias, o Filho maior de Davi.

"Saul sofreu uma punição direta da parte do céu, porquanto *perdeu* todo contato com o Deus de quem dependia quanto à orientação. Se *qualquer* dos descendentes de Davi viesse a pecar, Deus usaria agentes humanos para castigá-lo, mas de maneira mais suave e gentil" (George B. Caird, *in loc.*).

A lei da *Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) continuaria necessariamente em vigor, mas isso com vistas a construir, e não a destruir, que é a razão pela qual Deus castiga Seus filhos (ver Heb. 12.8).

"Deus será sempre o Pai que acha, nos tesouros de *seu* próprio grande amor, os meios pelos quais pune, tolera e perdoa os pecados de Seus filhos" (Ganse Little, *in loc.*).

Todos os julgamentos divinos são *remediais*, e não apenas retributivos, mesmo no caso dos perdidos. Ver I Ped. 4.6 e o artigo do *Dicionário*, intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. E na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o verbete *Descida de Cristo ao Hades*, como uma demonstração desse aspecto dos juízos de Deus. Esse aspecto do juízo divino sempre fez parte da teologia da Igreja Ortodoxa Oriental, para nada dizermos sobre outras tradições religiosas. A cruz foi um terrível julgamento de Deus contra o pecado, mas dali flui a graça salvadora de Deus.

"A Palavra divina olha para a frente, para uma longa sucessão de *profetas humanos* ou cabeças da teocracia que, por algum tempo, e sempre que possível, preenchem o lugar do verdadeiro Profeta e Rei, tudo culminando, finalmente, Nele, que faria a vontade do Pai e cumpriria plenamente o reino" (Ellicott, *in loc.*, que também pede que comparemos essa passagem com Luc. 1.32,33).

7.16

Porém a tua casa e o teu reino. Este versículo enfatiza novamente o aspecto eterno do reino, repetindo o que já havíamos visto no vs. 13. As notas expositivas que ali aparecem também se aplicam aqui. O trono do reino fala de sua *autoridade e poder*, e também devemos dar atenção ao fato de que esse poder também pertence a Yahweh, Aquele que fizera a promessa. Ver sobre *Trono*, no *Dicionário*, quanto aos significados e simbolismos envolvidos. Todas essas provisões fazem parte do *pacto davidico* (ver no *Dicionário* sobre *Pactos*, quinta seção).

A mais bem conhecida declaração bíblica acerca da eternidade do reino de Davi acha-se em Isa. 11.1-9. Essa crença, ao que tudo indica, vem dos dias do próprio Davi, e persistiu mesmo quando não mais existia o reino davidico. Seu reino literal e terrestre terminou em 587 A. C., diante do cativeiro babilônico. Essa crença, necessariamente, tornou-se messiânica, pois de outro modo não teria significado. A promessa primeva dizia: "... o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gên. 3.15). Essa mesma promessa foi feita de modo mais específico a Davi, o instrumento do reino. A princípio ela foi limitada aos descendentes literais de Abraão (ver Gên. 22.18), mas o próprio pacto abraâmico já vislumbrava a universalidade, porquanto, em Abraão, *todas as nações da terra* seriam abençoadas. Ver Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico*. Cf. I Crô. 17.14.

O texto ensina-nos que, naturalmente, "Deus está na história" (John C. Schroeder); e isso reflete a posição do *teísmo*, em contraste com o *deísmo* (ver ambos os termos no *Dicionário*). Deus usa o mundo como um palco, para demonstrar Seus propósitos e Sua vontade. Deus intervém e *entra na história*, sem importar se essa história enfoca o mundo ou algum indivíduo.

7.17

Assim falou Natã a Davi. O profeta Natã mostrava-se sensível para com a palavra de Yahweh; ele recebia visões e sonhos reveladores. Portanto, foi por meio dele que a mensagem chegou a Davi. Natã cumpriu sua tarefa entregando tudo quanto lhe fora dito. Dessa forma, Davi foi informado quanto à vontade de Deus, de que o templo de Jerusalém fosse construído, centralizando assim o culto religioso na capital do reino, um grande acontecimento em Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Visão (Visões)* para descrições completas sobre essa forma de experiência mística. Ver também *Misticismo*. A fé religiosa nunca se restringe ao estudo e à oração. Precisamos desse *toque divino* em nossa vida. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. Há várias maneiras de crescer espiritualmente e de obter informações espirituais. O intelecto (estudo) é importante, mas a oração e a meditação são igualmente importantes. As experiências místicas diretas (as experiências espirituais) também são necessárias para o pleno crescimento do homem de Deus. E essas experiências não se limitam aos profetas. Mas deixo que os artigos desenvolvam o tema.

7.18

Então entrou o rei Davi na casa do Senhor. O impacto da profecia foi grande sobre Davi, que, de pronto, reconheceu sua indignidade em ter sido escolhido para iniciar tal reino, como Natã acabara de descrever. Quanto mais um homem é um instrumento nas mãos de Deus, *mais* humilde ele se sente, porquanto sabe que foi *apanhado* em algo muito maior do que ele mesmo.

*Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;
Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;
Sabemos que nada somos — mas Tu nos ajudas a ser algo.
Bendito seja o Teu Nome. Aleluia!*

(Alfred Lord Tennyson, *The Human Cry*)

Ficou perante ele, e disse. Talvez no mesmo lugar onde havia provido um descanso temporário para a arca, que estava recoberta por cortinas. Ver II Sam. 6.17, quanto à tenda provisória. Talvez a declaração "perante ele" signifique "ajoelhado", ou em alguma outra posição, em oração e humildade, buscando a presença de Yahweh.

A King James Version, versão inglesa da Bíblia, diz aqui "sentou-se". Isso pode favorecer a idéia da postura de Davi diante da arca. Ou então está em pauta a noção de ajoelhar-se: Davi sentou-se sobre seus calcanhares, estando na posição ajoelhada.

7.19

Foi isso ainda pouco aos teus olhos. A revelação foi surpreendente, levando Davi a maravilhar-se de como ele, um simples pastor, poderia ter sido feito partícipe de um plano divino que envolvia o reino *eterno*. Tais negociações podem ser *simples na mente divina*, mas são gigantescas para a *mente humana*. Cf. I

Crô. 17.18. Davi foi tratado como homem de elevada posição, e assim, de fato, aconteceria. Mas a escolha dele, por parte de Yahweh, ocorreu em um tempo onde ninguém teria imaginado quão importante ele se tornaria. Foi uma obra divina, e não humana. Os homens prestam favores a seus *superiores*. Mas Yahweh conferiu Suas bênçãos sobre um *pastorzinho*, que então se tornou superior a suas capacidades pessoais. Davi foi um homem envolvido em um destino especial. Isso, naturalmente, ocorre com todos os homens, embora não seja evidente. Se um homem for transformado segundo a imagem de Cristo (que é o sentido essencial da salvação), será maior que qualquer rei terreno. Ver Rom. 8.29. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Transformação segundo a Imagem de Cristo*. É assim que os homens chegam a compartilhar da natureza divina (II Ped. 1.4), um dos temas do artigo mencionado.

7.20

Que mais ainda te poderá dizer Davi? Davi ficou mudo diante do que havia acontecido, porque não havia o que dizer a Yahweh sobre o caso. Qualquer coisa que ele dissesse era, essencialmente, tolo. "À guisa de auto-aviltamento ou em agradecimento por tão admiráveis favores... faltaram-lhe as palavras" (John Gill, *in loc.*). Era como se ele tivesse dito: "Yahweh sabe do meu estado", dando a entender que ele era realmente humilde, pleno de pecados e violência, faltando-lhe as qualidades pelas quais os grandes são julgados. "Como posso exprimir diante de Ti as minhas *obrigações?*", disse ele, conforme observou Adam Clarke. Todos os homens acham-se na mesma situação, porque todos os homens tocam pelo amor e pela misericórdia de Deus nada merecem.

A mensagem essencial do evangelho é que os que *nada merecem* são justamente os favorecidos. O amor é a maior força do universo, e qualquer amor humano é a imitação do amor divino, porquanto os homens remidos compartilham a imagem divina.

7.21

Por causa da tua palavra. Em toda essa transação, a vontade divina ocupava o primeiro lugar. Ver no *Dicionário* os verbetes *Predestinação e Determinismo*. A Bíblia ensina essas verdades. Mas a Bíblia também ensina o livre-arbítrio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Livre-arbítrio*. Esses são pólos de uma verdade maior que não compreendemos plenamente. Estão equivocados os homens que enfatizam uma verdade às expensas da verdade contrária. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não *saibamos* dizer como Ele faz isso. Para nós, parecem duas verdades contrárias, mas na *mente divina* as duas coisas se reconciliam. Algum dia, porém, haveremos de entender essa reconciliação. Entrementes, fazemo-nos de tolos teológicos ensinando uma delas e negligenciando a outra. Ademais, muitos distorcem versículos que ensinam claramente uma ou outra dessas verdades aparentemente contraditórias, por não possuímos poder mental de reconciliar as duas. Essa é uma atividade desonesta.

Yahweh operou a grandeza que Davi vislumbrava e então levou-o a tomar *conhecimento* dela. Não foi Davi quem operou essas maravilhas. Ele não merecia o grande favor divino de que era alvo. Ele foi apanhado no propósito divino, não arbitrariamente, como é óbvio, porquanto Deus não age caprichosamente. Mas *por que* Davi foi um instrumento especial é algo que fica sem explicação, e as nossas justificativas não afastam o mistério das operações de Deus.

*Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?
Ou quem foi o seu conselheiro?*

(Romanos 11.34)

Davi dirigiu-se a Yahweh como Soberano Senhor (vss. 18-20,28,29, em um total de sete vezes), e o texto fala sobre essa soberania. Outros textos, porém, falam do papel dos homens, e como suas vontades são livres para escolher e efetuar, ou para não escolher e não efetuar. Por dez vezes, Davi chamou a si mesmo de *servo* de Deus (vss. 19-21,25-29), e assim assumiu a postura conveniente diante da soberania divina.

7.22

Grandíssimo és, ó Senhor Deus. Este versículo é uma clássica declaração veterotestamentária da grandeza de Deus (Elohim), vinculada ao ensino do *monoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*, juntamente com o artigo geral, *Deus*. E ver também os artigos *Deus, Nomes Bíblicos de e Atributos de Deus*). Davi viu *grandeza* de pessoa e *grandeza* de amor demonstradas juntamente com a realização de grandes propósitos. Talvez seja verdade que a fé dos hebreus fosse, originalmente, o *enoteísmo*, em lugar do monoteísmo. Em outras palavras, para nós há somente um Deus, ainda que teoricamente existam outros, e talvez, realmente, existam outros poderes divinos, aos quais não nos sujeitamos, mas outros povos se submetem. Quanto ao *enoteísmo*, ver a seção III.2 no artigo sobre *Deus*. Qualquer que seja a verdade quanto a isso, parece seguro que na época de Davi

um verdadeiro monoteísmo já se tornara realidade na teologia dos hebreus, pelo menos no que toca à teologia central da nação. Alguns eruditos rejeitam o monoteísmo no texto presente, supondo que ele ensine apenas que o Deus único de Israel era seu Deus, por tê-lo escolhido em amor, ao passo que os deuses dos pagãos (reais ou imaginários) estavam ligados a seus respectivos povos pela *próprio escolha deles*. Em outras palavras, os pagãos criavam ou escolhiam os seus deuses, e assim produziam a relação, mas Elohim havia escolhido, por amor, a Israel.

Seja como for, o versículo refere-se ao avanço religioso ou espiritual no qual Deus amorosamente se tornara pessoal ao povo de Israel. Antigas divindades impessoais não eram mais suficientes para o homem espiritual, capaz de pensar. É nesse ponto que temos o encontro divino-humano ao qual os teólogos se têm referido, como a relação do *eu-tu*, de Emil Brunner.

Segundo tudo o que nós mesmos temos ouvido. As descobertas de Davi eram, na realidade, afirmações de um corpo teológico que já existia nas tradições escritas e orais dos hebreus, incluindo os livros sacros, aquelas porções do Antigo Testamento que antecederam o livro de II Samuel. Cf. Deu. 6.6; II Reis 17.14; 18.12 e Nee. 9.28. O registro histórico que mostra o surgimento de Israel como nação serve para mostrar como seu Deus pessoal, poderoso e amoroso fizera deles aquilo em que se tinham tornado. Cf. este versículo com I Sam. 2.2, que é similar e que tem notas adicionais ao que foi dito aqui.

7.23

Quem há como o teu povo...? O Deus único de Israel era um Deus teísta, um *Redentor*, como enfatiza este versículo. Todas as nações dependiam dos atos de seus deuses para alcançarem o que precisavam. Elas tinham deuses teístas, dotados de expectativas teístas. Mas Israel tinha uma história especial, um drama de redenção. O autor não está falando sobre a redenção em termos do Novo Testamento, que é um aspecto da salvação da alma. Antes, sua redenção é terrena e histórica — a história de como Deus tirou a nação de Israel do Egito e lhes deu uma terra pátria, cumprindo assim as profecias que feitas no pacto abraâmico. Assim sendo, Davi viu certa *superioridade* no Deus de Israel, devido a Seus atos redentores, que, segundo ele pensava, faltava à história de outros povos.

Israel, como *povo especial*, é um tema comum no Antigo Testamento, que foi transportado para o Novo Testamento, quando se fala sobre o Novo Israel, a Igreja. Uma das melhores passagens do Antigo Testamento sobre o *caráter distintivo* de Israel é Deu. 4.4-8, que adiciona detalhes ao presente versículo. Israel era um povo privilegiado, sábio, compreensivo e grande (naquela passagem), essencialmente por causa do dom da lei dado por intermédio de Moisés. O fato de que Israel fora tirado “para fora do Egito”, através do ato remidor de Deus, também é muito enfatizado. Ver as notas expositivas a respeito em Deu. 4.20. Ocorre por mais de vinte vezes no livro de Deuterônimo.

“A totalidade desse aspecto da oração (a redenção do Egito) evidentemente se funda sobre Deu. 4.7,32-34” (Ellicott, *in loc.*).

7.24

O ato remidor de Deus fez de Israel uma nação especial para um Deus especial, ou, conforme pensavam os hebreus, a única verdadeira nação (em contraste com os povos pagãos) para o único e verdadeiro Deus.

“Deus só se faz Deus de Israel na medida em que cada indivíduo, dentro da comunidade amada, aceita o privilégio e a responsabilidade de uma relação pessoal com Deus... O chamado filho pródigo (do Novo Testamento) não pôde admitir voltar para casa enquanto não reconheceu a relação eu-tu com o pai. Mas seu irmão foi, igualmente, um filho desviado, porquanto recusou-se a entrar na relação eu-tu com seu próprio irmão, colocando assim seriamente em dúvida a validade de seu relacionamento com o pai” (Ganse Little, *in loc.*).

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus: e todo aquele que ama é nascido de Deus, e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.

(I João 4.7,8)

Ver sobre a *relação eu-tu*, no artigo da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, intitulado *Buber, Martin*.

“... o Senhor havia-se tornado o seu Deus do pacto, porque eles o aceitaram como seu Deus, e Ele os aceitou como Seu povo, ver Deu. 26.17,18” (John Gill, *in loc.*).

7.25

Confirma-a para sempre, e faz como falaste. Davi terminou seu discurso de louvor e admiração fazendo um pedido especial por *tudo* quanto Deus havia falado mediante Natã, o profeta, de que suas palavras se cumprissem e fossem

estabelecidas. A profecia nada é, a menos que tenha cumprimento, mas não pode ter cumprimento sem o poder divino. Portanto, o que Davi solicitou aqui foi que Yahweh injetasse poder nas palavras proféticas e as cumprisse.

“De confissões de indignidade e da bondade de Deus, e de um recital de favores conferidos a ele e ao povo de Israel, Davi passou a fazer algumas petições... a realização firme da promessa de Deus acerca de si mesmo e de sua família, e a estabilidade e perpétua continuação do reino... e teve uma preocupação especial com o Messias, o descendente prometido” (John Gill, *in loc.*). A eleição divina estava em operação e tinha de ser efetuada. Cf. Deu. 7.7,8 e 9.4,5, onde esse tema é elaborado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Eleição*.

7.26

Este versículo reitera, para efeito de ênfase, coisas que já haviam sido ditas: 1. *O nome de Yahweh-Elohim* devia ser exaltado e magnificado, pois Ele é a fonte de toda a vida e de todas as bênçãos. Ele age como um pai para Seus filhos, e esses filhos são o povo especial de Israel. Seu motivo é o amor, e Sua benevolência é abundante. 2. *Ele é o Senhor dos Exércitos* (ver comentários sobre o vs. 27), isto é, das forças celestiais, e Sua força conferiu o território a Israel, mediante a conquista militar. Deus foi o general que liderou o caminho dos israelitas em toda batalha, em toda a vitória. 3. *Ele operaria* agora através da casa de Davi, transformada em uma dinastia permanente, que jamais poderia terminar, porquanto o Messias, o Filho maior de Davi, garantiria a sua perpetuidade.

“Davi desejava a concretização dessas coisas não tanto por sua própria causa, mas por causa de sua família, o que contribuiria para a glória de Deus. Sua grande preocupação era que Deus fosse magnificado e Sua grandeza fosse exibida ao fazer dele, Davi, e de sua família, grandes” (John Gill, *in loc.*). “Davi, aqui, no espírito da oração do Pai Nosso, pôs na frente de sua petição o ‘santificação seja o teu nome’ (Mat. 6.9), e essa foi a característica mais notável de toda a sua vida, a despeito dos pecados que, algumas vezes, o derrotaram” (Ellicott, *in loc.*). Ver as notas expositivas no vs. 16 deste capítulo quanto a comentários sobre a porção final daquele versículo, que aborda a questão do reino eterno.

7.27

O Senhor dos Exércitos. Ou seja, o Capitão dos Exércitos, o *Elohim Sabaoth*, conforme diz o original hebraico, que conquistara para Israel o seu território pátrio, mediante vitórias militares. Metaforicamente, o termo aponta para a grandeza e o poder de Deus, mas com frequência isso se reveste de um sentido literal. Israel pensava que Yahweh liderava seus exércitos da maneira mais literal e assim garantia a vitória na guerra. *El* é um nome divino que fala de poder, e o Poder que governava e utilizava os exércitos de Israel era seu general-em-chefe. A expressão ocorre com grande frequência no Antigo Testamento, aparecendo por cerca de cento e cinquenta vezes ali. Também temos *Yahweh Sabaoth* como um dos nomes divinos, isto é, “Senhor dos Exércitos”. Esse nome figura em I Sam. 1.3. Mas *Elohim* é o nome divino quase sempre usado nessa combinação de termos. Ver o artigo geral no *Dicionário*, intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

O General dos Exércitos de Israel estabeleceu o reino depois que todos os inimigos foram obliterados ou confinados. Esse *El*, o grande Poder, agia assim em favor de Davi, que foi inspirado a fazer essa oração, no texto presente. A oração de um crente repousa não somente na teoria, mas sobre fatos; isto é, aquelas coisas que o poder de Deus realiza e que são claramente vistas. O ato de *ver* inspira o ato de *crer*, e faz o crente *pedir mais favores* ainda. Qualquer um que ora sabe o que isso significa. William James disse que uma idéia precisa ter “valor de compra”, ou seja, produzir algo de valor, para que seja válida. A oração prova ter “valor de compra”.

7.28

No hebraico, o nome divino que aqui aparece é *Yahweh-Elohim*, ou seja, o Eterno Todo-poderoso. Suas palavras são verazes e Seu poder faz com que todas elas sejam cumpridas na realidade. Suas palavras foram *promessas*, e elas têm cumprimento em Seus filhos. O *amor* é a força inspiradora de todo o processo. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado denominado *Amor*. Ver também ali o artigo chamado *Oração*. A oração é a *arma* ofensiva do crente, que lhe possibilita alterar as circunstâncias. Dessa maneira, o homem que ora não é uma vítima das circunstâncias. Ele pode ter uma vida *criativa* e, mediante o poder de Deus, pode moldar seu próprio destino. Mas isso, naturalmente, só pode ser feito através das orientações imprimidas pela vontade de Deus.

7.29

Este versículo repete, uma vez mais, os elementos da oração anterior: 1. A casa de Davi foi estabelecida pelo poder de Deus. 2. O amor divino abençoara essa casa. 3. Parte da bênção era que a casa-reino de Davi continuaria para sempre, na pessoa de seu Filho maior, o Messias. 4. A Palavra de Deus estava por trás de todas as promessas que a tornavam segura e operante. 5. A bênção divina deveria prosseguir para sempre.

A Oração do Pai. Os pais preocupam-se com o conforto material dos filhos, que eles tenham lares, empregos e o suficiente para todas as necessidades. Alguns pais também anelam que os filhos tenham poder e fama. Os pais ricos garantem tais coisas comprando outras pessoas com dinheiro e favores, contanto que os filhos possam elevar-se na sociedade. Os pais também preocupam-se com a saúde dos filhos, e desejam para eles uma longa vida física. E alguns pais têm espiritualidade suficiente para se preocuparem, *acima de tudo*, com o bem-estar e crescimento espiritual dos filhos. O pior erro que um pai pode cometer é conhecer os ensinamentos da espiritualidade e da verdade, mas não transmiti-los aos filhos. Outrossim, o exemplo será sempre uma questão crítica.

“Vós são as orações que buscam riqueza e prestígio... E não são mais importantes as orações que pedem um mínimo de segurança, saúde e segurança. Mas que nossos filhos e netos possam *continuar diante de Deus*, nisso consiste o apelo de um pai que conhece que a realização de um grande caráter espiritual é de máxima importância” (Ganse Little, *in loc.*, com algumas adaptações).

Capítulo Oito

Vitórias Militares de Davi e o Estabelecimento do Reino (8.1-18)

Esta seção geral, iniciada em II Sam. 5.13, estende-se até II Sam. 10.19 e descreve vários feitos de Davi. Este oitavo capítulo fornece-nos um *sumário* das muitas *conquistas militares* de Davi, mencionando algumas vitórias-chaves que serviram de instrumento na obliteração ou no confinamento dos povos inimigos, de modo que Israel, afinal, veio a possuir e controlar a totalidade do território da Palestina. As vitórias de Davi, contudo, não ampliaram o reino até o rio do Egito (o Nilo), nem até o rio Eufrates, pelo menos de conformidade com alguns eruditos. Portanto, as fronteiras sul-ocidental e norte-oriental de seu reino nunca atingiram o que foi prometido no pacto abraâmico (mas ver o vs. 3 deste capítulo). Ver Gên. 15.18.

No entanto, as vitórias foram o suficiente para que a *essência* do que Deus prometera a Abraão fosse cumprida por Davi. As realizações de Davi tornaram possível a *monarquia*. O reino de Saul foi anulado pela palavra de Yahweh, em razão de sua desobediência, arrogância e desconsideração à lei. O reino de Davi, em contraste, deveria perdurar para sempre. Embora tenha terminado em 587 A. C., pelo cativo babilônico, que levou Judá e Benjamim (as tribos do sul) para o exílio, esse reino está destinado a ser renovado no rei Messias, durante a era milenar e eterna. Essa é a esperança que continua, embora alguns intérpretes vejam essa questão por um ângulo espiritual, e não esperem nenhum reino terreno literal. Eles consideram a realização desse reino na Igreja, o Novo Israel. O capítulo anterior nos deu indicações sobre a natureza e a extensão desse reino, e sobre como Yahweh prometera a Davi tal coisa, que seria realizada através de sua família.

Os críticos supõem que o sumário deste capítulo tenha sido compilado pelo autor D das fontes originárias J.E.D.P.(S.). Ver o artigo sobre essas alegadas fontes no *Dicionário*.

8.1

Depois disto feriu Davi os filisteus. Parte do *pacto davidico* (ver sobre *Pactos*, seção V, no *Dicionário*) rezava que ele obteria sucesso contra todos os inimigos. Ele seria o vitorioso universal, e então toda a Palestina ficaria sob o controle de seu reino. Ver II Sam. 7.11 quanto a essa provisão. Josué havia deixado muita coisa por fazer em suas conquistas, conforme lemos em Jos. 13. Davi, pois, terminou a tarefa iniciada por Josué. Assim, foram necessários cerca de 500 anos para que a conquista da Palestina se tornasse uma realidade completa.

Filisteus. Dentre todos os adversários de Israel, ninguém foi mais feroz e mais persistente, mais brutal e mais sem misericórdia do que os filisteus. Portanto, a vitória de Davi sobre esse inimigo é posta na lista dos vencidos em primeiro lugar. A inimizade (e as batalhas constantes) entre os filisteus e Israel ocuparam cerca de 125 anos. Havia *sete* nações a serem expulsas (ver Êxo. 33.2 e Deu. 7.1), e nenhuma delas era mais terrível que os filisteus. Quanto a completas informações, ver *Filisteus*, *Filistia* no *Dicionário*.

As rédeas da metrópole. Assim diz a nossa versão portuguesa, em lugar do nome próprio locativo Metegue-Ama, conforme aparece na King James Version. A grande maioria dos nomes próprios que aparece neste capítulo conta com artigos no *Dicionário* ou descrições neste comentário.

Alguns eruditos, entretanto, pensam estar em foco a cidade de *Gate*. O hebraico original desse nome é “rédeas da mãe”, ou “cidade-mãe, a metrópole”, e isso ajusta-se a *Gate*. I Crô. 18.1 parece provar que *Gate* está mesmo em foco, por ser trecho paralelo à presente passagem. Há outras especulações sobre a identidade desse lugar. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Metegue-Ama* e *Gate*.

Seja como for, alguma grande vitória final entregou os filisteus nas mãos de Davi, de tal sorte que, dali por diante, esse povo cessou de ser uma ameaça para seu recém-formado reino. Nos dias de Salomão, o remanescente dos filisteus eram sujeitos a Israel (ver I Reis 4.21,24). Parece que *Gate* se tornou a principal dentre as *cinco* mais poderosas cidades dos filisteus, e sua derrota deu a Davi uma espécie de vitória final no muito prolongado conflito entre os filisteus e os israelitas.

8.2

Também derrotou os moabitas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moabe*, *Moabitas*. O texto parece indicar que Davi dizimou esse povo, matando cerca de dois terços deles e submetendo o outro terço a trabalhos forçados e tributos. Dois terços da população moabita foram sujeitados a holocausto, sendo oferecidos a Yahweh como oferenda. Em outras palavras, os moabitas foram *completamente obliterados* como parte da *guerra santa* (ver as notas a respeito em Deu. 7.1-5 e 20.10-18). O sentido poderia ser que o *exército* moabita que ameaçara a Israel foi tratado assim, e não a população em geral. Mas é impossível determinar o que realmente sucedeu. Seja como for, o tratamento aos moabitas foi muito severo. Moabe tornou-se estado vassalo a Davi, mas houve períodos de revolta, como por exemplo após a morte do rei Acabe (ver II Reis 1.1). Não sabemos dizer, por igual modo, por quanto tempo, durante a duração da linhagem de Davi, os moabitas lhe foram tributários. Davi tinha raízes ancestrais em Moabe, mas isso não o inspirou a tratá-los com mais favor que a outros inimigos de Israel. Ver I Sam. 22.3,4.

E os mediu: duas vezes um cordel. Davi fez isso para decidir quais seriam mortos e quais seriam transformados em escravos. Davi utilizou-se de um cordel para fazer algum tipo de medição com linhas. Mas não sabemos dizer exatamente como isso foi feito. Por esse motivo, alguns estudiosos pensam que temos aqui uma descrição metafórica, e não literal. A tradição reza que Davi tratou os moabitas com tamanha severidade por terem matado o seu pai, mãe e irmão, aos quais deixara em segurança nas mãos do rei de Moabe, quando ele fugia de Saul (ver I Sam. 22.3). Essa informação consta em *Bemidbar Rabba*, 1.14, col. 212, mas não sabemos quão exata ela é.

8.3

Também Hadadezer, filho de Reobe, rei de Zobá. Este versículo parece dizer que Davi foi capaz de estender sua fronteira nordeste até o rio Eufrates, tal como havia prometido o pacto abraâmico. Mas muitos eruditos afirmam que, apesar de ele ter exercido *influência* até ali, faltam evidências históricas de que ele tenha ocupado esses territórios do norte. Ver Gên. 15.18 quanto à promessa feita a Abraão. Os vss. 3-8 são um sumário dos eventos descritos em 10.6-19. É possível que tenha havido ocupação ou vassalagem, mas, nesse caso, nenhuma das duas coisas foi duradoura o bastante para tornar aquelas regiões parte integrante do reino de Davi. Seja como for, Salomão reteve o reino de Davi como uma unidade. Mas o reino de Davi não demorou a ser dividido, tornando-se duas nações distintas (o norte e o sul), para todos os propósitos práticos. Ato contínuo, ambos foram levados por potências estrangeiras (o norte pela Assíria, em 722 A. C.; e o sul pela Babilônia, em 587 A. C.).

Independentemente do que tenha acontecido, no clímax do poder, Davi foi capaz de derrotar os arameus (sírios) ao norte. Zobá ficava ao norte de Damasco, pelo que Davi ultrapassou a capital síria. Todos os nomes próprios que aparecem neste versículo recebem artigos detalhados no *Dicionário*. As vantagens conseguidas por Davi, naquela direção, permaneceram nos dias de Salomão (ver I Reis 4.21-24). O “rio” do vs. 21 é uma referência ao Eufrates. Mas continua em disputa exatamente quanto Davi e posteriormente Salomão *controlaram* as áreas ao norte. Qualquer que tivesse sido o controle, ele se perdeu quando o reino foi dividido. Israel tinha chegado longe demais para exercer controle até esse ponto.

8.4

Jarretou a todos os cavalos dos carros. Os carros de combate eram inúteis nas terras montanhosas da Palestina, mas no norte podiam ser empregados. Até esse tempo, Israel não fora um povo habilitado a guerrear com cavalos e carros de combate; suas forças armadas limitavam-se às atividades de infantaria. Mas Davi modificou isso até certo ponto. *Mil* carros de combate são um número considerável. Mas, de acordo com algumas versões, esse foi o número que o autor diz que Davi capturou do inimigo, o rei Hadadezer. Ele jarretou a maioria dos cavalos tomados, mas manteve em operação 100 carruagens, e com elas foi à batalha. As traduções variam quanto a isso. Alguns pensam que os carros de combate tomados foram 100, e que 1.000 era o número de cavaleiros, pelo que temos de adicionar os 1.000 a 700 outros, dando-nos um total de 1.700 cavaleiros. Isso parece ser uma maneira melhor de compreender o texto. Seja como for, os números mostram-nos que Davi obteve enorme vitória no norte, e derrogou um poderoso exército, segundo os padrões antigos.

Uma *diferença numérica* aparece no presente texto, em comparação com o trecho paralelo de I Crô. 18.4 e com a versão da Septuaginta. Isso ocorre com frequên-

cia nas narrativas do Antigo Testamento, e o número original (e/ou verdadeiro) fica na dúvida. Cf. II Sam. 10.18, onde é fornecido um jogo diferente de números. Os intérpretes desesperam-se diante de tudo isso, quando esperam conseguir a certeza numérica, mas isso não envolve nenhuma questão de fé. Conforme disse corretamente Adam Clarke (*in loc.*): “É difícil determinar os números certos neste e em outros lugares semelhantes”. E esse mesmo autor passa a observar como o sistema numérico empregado pelos hebreus encorajava o erro quando se tratava de números. É melhor, por isso mesmo, confessar que há erros numéricos no texto sagrado do Antigo Testamento do que tentar reconciliação a qualquer custo, mesmo que à custa da honestidade. I Crô. 18.4 fala em “mil carros”, e isso é confuso, para dizermos o mínimo, quando, no texto presente, esse número parece referir-se aos cavaleiros, e não aos carros de combate, conforme a maioria das traduções compreende a questão. Questões dessa espécie têm importância somente para os que querem conseguir harmonia a qualquer custo, ou aos céticos, que se deleitam em encontrar erros nas Escrituras. Pessoalmente, não sou nenhuma coisa nem outra, pelo que não me deixo perturbar por tais questões.

8.5

Vieram os siros de Damasco. Estes e aqueles que eram governados por Hadadezer pertenciam à mesma cepa racial aramaica, e, embora não formassem uma nação consolidada, tinham uma espécie de aliança e amizade frouxa. Assim sendo, foi natural que o exército de Damasco fosse enviado a Zobá, nome que indica um reino, e não uma cidade. A distância (para o norte) não era grande. A maior parte dos sírios era controlada por Damasco, que atuava como uma espécie de capital da região.

“Os arameus... consistiam em uma federação frouxa de cidades-estados, levantaram-se à proeminência, ao mesmo tempo em que a monarquia de Israel se levantava sob Saul e Davi” (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

Mas os que vieram em ajuda ao rei Hadadezer se encontraram com o furioso e selvagem Davi, que não demorou a aniquilar 22.000 deles, uma horrenda perda para qualquer exército antigo. O autor sacro nos poupou os detalhes, mas esse número diz que Davi e seu exército formavam uma temível máquina de matar, habilidosa em grandes matanças e totalmente mortífera.

8.6

Davi pôs guarnições na Síria de Damasco. Tendo derrotado completamente os exércitos do rei Hadadezer e dos sírios de Damasco, Davi sujeitou facilmente a tributo todo o país. As ameaças “Cuidado! Voltarei para fazer mais matanças!” mantiveram os sírios em cheque e sob o jugo dos impostos. Salomão parece ter seguido a mesma orientação política. Portanto, é correto falarmos sobre a “influência” de Israel no norte, mas não sobre a conquista de territórios e de uma província sujeitada. É possível que, periodicamente, Davi enviasse agentes políticos para garantir que nenhuma revolta estava sendo planejada e que os impostos estavam sendo recolhidos. Davi colocou no norte *guarnições militares* para assegurar sua vitória e seu avanço econômico, o que significa que ele tinha comandantes militares que cuidavam de seus interesses, mas ele não parece ter colocado ali reis. Ele permitiu que os sírios se autogovernassem, mas sob certo preço.

8.7

As guerras sempre produzem despojos para os vitoriosos, e um despojo incomum da guerra, na ocasião da luta contra os arameus, foram seus escudos de ouro. De fato, vários povos antigos faziam escudos de ouro. Era um ato de ostentação, visto que o ouro é um metal mole demais para ser usado no fabrico de implementos de guerra. Salomão, que gostava de ostentar-se quanto a várias outras coisas, como na multiplicação de cavalos e de mulheres, também teve escudos de ouro (ver I Reis 14.25-28). É provável que somente certos chefes militares tivessem tais escudos. Pois é difícil imaginar um soldado comum a usar um escudo de ouro. A Septuaginta diz aqui *braceletes* de ouro, e o siríaco diz *aljavas* de ouro, reduzindo assim a riqueza do exército. Jardim e R. Isaiah dizem aljavas, tal como faz Josefo, ao comentar sobre este versículo (*Antiq.* 1.7, cap. 5, sec. 1). Isso nos deixa em dúvida se *escudos* é, realmente, o verdadeiro texto. As versões da Septuaginta e do siríaco poderiam ter preservado o original hebraico, em contradição com os manuscritos hebraicos que possuímos.

8.8

Mui grande quantidade de bronze. Tendo vencido a batalha, Davi tirou vantagem de sua superioridade militar para saquear certas cidades sírias, como as duas aqui citadas, *Betá* e *Berotai*. Quanto ao que se sabe (e o que não se sabe) sobre esses dois lugares, ver o *Dicionário*. Entre muitas coisas de valor que Davi deve ter tomado daqueles lugares, destacavam-se itens feitos de bronze, o que pode significar apenas *cobre*. O bronze é apenas uma mistura de cobre e zinco que resulta em um metal mais forte. Em I Crô. 18.8, vemos que Salomão fez o

mar de bronze e os pilares de seu templo de bronze. Ele possuía grande minas de cobre. Ver o artigo chamado *Minas do Rei Salomão*, no *Dicionário*. O autor sagrado nada diz exatamente a respeito de quais itens de bronze Davi se apossou, mas podemos afirmar que esses itens eram de paz e de guerra, de ornamentação, para construção ou armas de guerra. Talvez, conforme supõem alguns intérpretes, muito desse bronze tenha terminado na edificação do templo, o que pode estar implícito em I Crô. 18.8. Ver também o vs. 11 deste capítulo. Portanto, nem todo esse metal redundou no salário para os soldados. Davi lembrou-se do novo projeto, o templo, e já estava recolhendo material para a construção.

8.9

Ouvindo Toí, rei de Hamate. Ver sobre esses dois nomes no *Dicionário*. Toí era um antigo inimigo de Hadadezer e provavelmente havia sofrido muitos atos de violência da parte dele. Certamente ficou alegre por Hadadezer ter sofrido tão má sorte, mas também estava ansioso por evitar o mesmo tipo de tratamento. Assim, procurou *apaciar* Davi enviando-lhe seu próprio filho em embaixada de paz, e muitos ricos presentes para garantir o efeito de aplacamento. *Hamate* também era uma cidade-estado dos arameus, o que significa que tinha havido competição e guerras entre eles. Toí decidiu que seria melhor tornar-se vassalo de Davi e pagar-lhe impostos anuais, do que sofrer violência e derrota na terra. I Cor. 18.3 informa-nos que o reino de Toí ficava bem perto do lugar onde Davi obtivera vitória sobre o rei Hadadezer, pelo que ele tinha de agir rapidamente. Zobá e Hamate desfrutavam de uma fronteira comum.

8.10

Mandou seu filho Jorão. Toí não foi mediar a paz com o próprio Davi, mas enviou seu filho Jorão, o segundo homem de seu reino, que provavelmente ocuparia o trono depois dele. Jorão, pois, tinha autoridade de fazer qualquer tipo de negócio com Davi. I Crô. 18.10 dá o nome dele como *Hadorão*. O artigo sobre o homem, no *Dicionário*, foi dado sob esse segundo nome, sendo ele o segundo da lista. Provavelmente, o nome Jorão era uma contração de Hadorão. Esse nome contém uma referência ao deus-temporal dos sírios, esperava-se que qualquer um assim chamado que fosse um homem de guerra.

Hamate ficava às margens do rio Orontes e talvez pertencesse ao império hitita. Nesse caso, era de povos indo-europeus, e isso talvez explique o antagonismo com o rei Hadadezer, que era um semita. Mas os lugares antigos trocavam tão rapidamente de mãos, por motivo da guerra, e a maioria dos lugares permanecia com populações misturadas etnicamente.

Ricos presentes de metais preciosos tiveram poder de convencimento, e Davi, pensando em todas as coisas de que o templo precisaria (vs. 11), não se mostrou difícil de convencer. Ele estava recolhendo os despojos de várias conquistas, conforme nos diz o versículo seguinte.

8.11

Embora não seja dito especificamente que todos os benefícios dos saques que Davi havia realizado contra seus inimigos (em suas muitas conquistas militares) destinavam-se à construção do templo, isso certamente fica implícito. Seja como for, Davi investiu grandes somas no *culto divino*. Ele não se mostrou um mero dizimista. Ele dava pesadamente, o que é, com frequência, o sinal de um homem espiritual que não raciona seus fundos no tocante à espiritualidade. “Davi, proibido de construir pessoalmente o templo, fez toda provisão para a sua construção” (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com I Crô. 18 e 19, que falam especificamente sobre as riquezas que Davi ajuntou nos saques e dedicou à construção do templo.

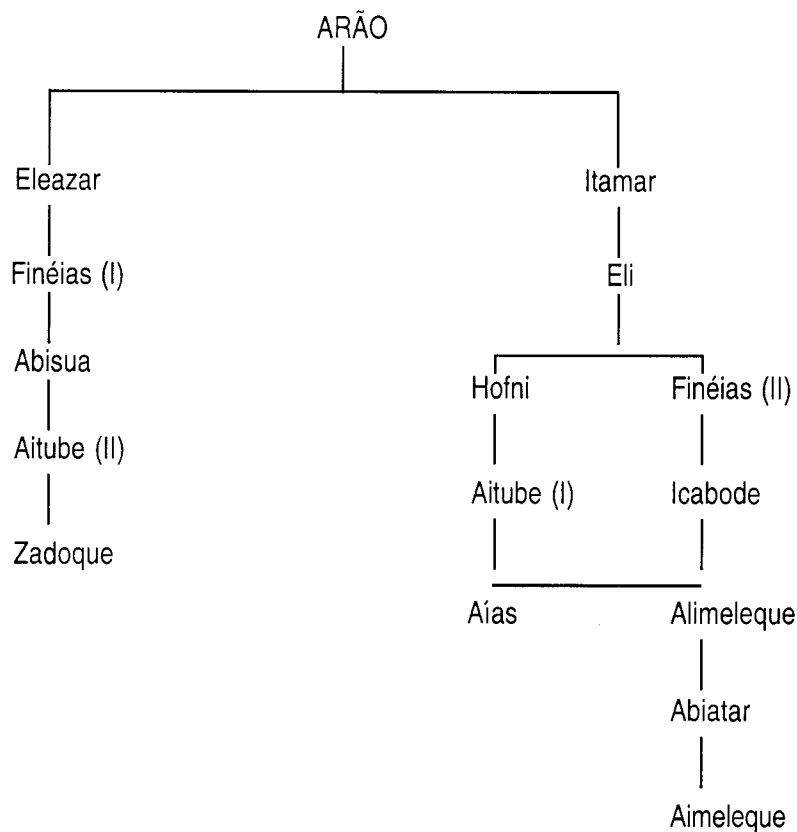
8.12

O autor sacro apresenta novamente os nomes dos vários inimigos que Davi tinha derrotado, alguns dos quais já haviam sido descritos neste capítulo. Ele adicionou aqui os amonitas (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amom* (*Amonitas*) quanto a detalhes completos). Também mencionou os *amalequitas* (ver a respeito no *Dicionário*). Somente aqui temos alusão à batalha contra eles, uma vez que Davi se tornara rei. O escritor pagão Eupolemo confirmou a informação do presente versículo e acrescentou vários outros povos que o escritor bíblico não cita como inimigos derrotados por Davi: idumeus (edomitas), nabateus (árabes), Siron, rei de Tiro e da Fenícia (Apud. Eusébio. *Praepar. Evan.* 1.9, cap. 30, par. 447). As conquistas de Davi foram extensas, e dessa forma ele terminou a tarefa que Josué tinha deixado por fazer (ver Jos. 13), cerca de 500 anos antes. Isso preparou o caminho para o estabelecimento da monarquia, um aspecto necessário do plano divino.

8.13

Ganhou Davi renome. Davi tornou-se um guerreiro incansável, e isso o ajudou a consolidar seus ganhos e impedir o ataque de potências estrangeiras. As

A LINHAGEM SACERDOTAL QUE RESULTOU EM ZADOQUE E ABIATAR



OBSERVAÇÕES:

Samuel profetizou que a linhagem de Eli terminaria (I Sam. 3.10-14).

Através da linhagem de Zadoque (que teve início com Eleazar), o sacerdócio continuou até o fim do Antigo Testamento.

A linhagem sacerdotal tornou-se obsoleta com a chegada de Jesus, o Cristo. Ele assumiu a responsabilidade de ser o Único mediador entre Deus e os homens.

Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.

(I Timóteo 2.5)

Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque.

(Hebreus 5.6)

coisas caminhavam para a paz relativa que caracterizaria o reinado de Salomão. E então grande riqueza estava tomando conta de Israel. Os dias de humilhação tinham passado. Dias de glória estavam chegando.

Os siros. Algumas traduções dizem aqui os edomitas. O hebraico diz “os siros”, mas a Septuaginta diz os “edomitas”, o que é adotado pela maioria das traduções modernas. Mas outras versões dão apoio aos edomitas, juntamente com alguns manuscritos hebraicos. Essa é a informação que temos também no trecho paralelo de I Crô. 18.12. A diferença, no original hebraico, é apenas a substituição do *d*, em Edom, pelo *r*, em Aram. Davi novamente prevaleceu em batalha e despachou 18.000 pobres almas.

Vale do Sal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sal, Vale do*. Talvez esteja em pauta o wadi el-Milh, perto de Berseba. Cf. II Reis 14.7. Essa vitória foi incorporada no título do Salmo 60, atribuído a Joabe. I Crô. 18.12 dá crédito a Abisai por isso. Davi obteve o crédito, porque aqueles homens foram seus instrumentos, como generais de seu exército. O Vale do Sal é variegadamente localizado, conforme demonstra aquele artigo.

8.14

Pôs guarnições em Edom. Davi manuseou o território dos idumeus da mesma maneira que havia manuseado os arameus (vs. 6). Ele não colocou ali um governante político, mas controlava a área com seu poder militar e sem dúvida arrecadava tributos. Tudo quanto ele fazia era enriquecer seu reino e preparar o caminho para a paz e a prosperidade que haveria nos tempos de Salomão.

Edom tornou-se servo de Davi, “cumprindo assim o oráculo entregue a Rebeca e a bênção profética de Isaque, Gên. 25.23; 27.29,40” (John Gill, *in loc.*). Yahweh esteve presente em tudo, conforme o autor sagrado afirma aqui. Era tempo da ascensão de Israel. A derrota ocultava-se para séculos vindouros. A vitória final viria pelo Messias, quando Israel seria transformado no Novo Israel.

8.15

Reinou, pois, Davi sobre todo o Israel. O autor sagrado terminou sua revisão das guerras e vitórias de Davi e agora volta a atenção para os negócios de seu governo. Estamos certos de que o governo de Davi era justo e eficaz. Ele era mais do que um temido guerreiro. Ele era um estadista.

“Neste sumário do reinado de Davi, o historiador chama nossa atenção para as guerras e vitórias de Davi sobre outras nações, para os negócios internos de seu reino. Substancialmente a mesma lista de *oficiais* aparece em II Sam. 20.23-26” (Ellicott, *in loc.*).

Embora o império de Israel fosse pequeno para os padrões modernos (o território era menor que o estado de São Paulo), era extenso o bastante para requerer muitos governantes subordinados e para “a criação de uma burocracia para administrar seus negócios” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

8.16

Ver todos os nomes próprios da lista no *Dicionário*. Uma informação substancial não é repetida aqui. Joabe era quase tão grande guerreiro quanto Davi e, naturalmente, como general-em-chefe, foi honrado em tempos de paz com uma posição de poder. Ele se tornou, por assim dizer, ministro da defesa e continuou a exercer sua autoridade sobre o exército. Os inimigos de Israel pensariam duas vezes antes de irritar o selvagem Joabe.

Josafá, filho de Ailude. Ailude era o cronista, no hebraico, *mazkir*, o “relembreador”, alguém que conservava registros escritos dos acontecimentos no reino e das operações do exército. Era um ofício diferente do de um escriba (um serviço realizado por *Seraías* (vs. 17)). Cf. II Reis 18.18-37 e II Crô. 34.8. Podemos imaginar que Ailude era também uma espécie de *conselheiro do rei*. E ainda uma espécie de *historiador* contemporâneo, que tinha o cuidado de anotar registros exatos de todos os eventos supostamente importantes para a época e para Israel, mostrando as lições do passado. R. Isaiah chamou-o de “conselheiro do rei”.

8.17

Zadoque (ver no *Dicionário*) era o sumo sacerdote. Davi não negligenciava o culto divino. A leitura do texto pode dar a impressão de que havia dois sumos sacerdotes. *Aimeleque* (de acordo com alguns intérpretes) era o segundo encarregado, sendo o primeiro deputado do sumo sacerdote. Mas John Gill salientou que *ambos* eram sumos sacerdotes, mas em tempos diferentes. Nos dias de Davi, *Abiatar* era o sumo sacerdote e permaneceu assim até que Salomão o destituiu, e então *Zadoque* foi nomeado em seu lugar. E então *Aimeleque* se tornou também sumo sacerdote nos tempos de Salomão.

A *confusão* parece ter entrado na história dos sumos sacerdotes, e não posso fazer melhor do que dar a explicação de Ellicott, que pode ou não ser inteiramente correta: “Aimeleque, filho de Abiatar. Assim Aimeleque também é descrito em I Crô. 18.16; 24.6. Por outra parte, lemos expressamente na narrativa de I Sam. 22.20-23 que Abiatar era filho de Aimeleque. Essa dificuldade aumenta devido à notícias dos homens que tinham esses nomes. Aimeleque certamente era o sumo sacerdote que dera dos pães da proposição a Davi e foi morto, em consequência disso, por Saul (ver I Sam. 21 e 22). E Abiatar, que fugira para Davi e mais tarde se tornou o sumo sacerdote, e finalmente fora tirado do sumo sacerdócio por Salomão (ver I Reis 1 e 2), certamente era filho dele. Por outra parte, em I Crô. 24.3,6,31, Aimeleque aparece como co-sacerdote de Zadoque, durante o reinado de Davi, e nosso Senhor disse que Davi comeu dos pães da proposição nos dias de ‘Abiatar, o sumo sacerdote’ (Luc. 2.26). Esses fatos aparentemente conflitantes têm ocasionado desnecessária perplexidade. A solução simples para essa dificuldade parece ser que *ambos* eram nomes de pai e filho, de forma que ambos são referidos, algumas vezes por um nome e, de outras vezes, por outro dos nomes”.

Devemos salientar, entretanto, que a sugestão de dois nomes idênticos em operação para indicar duas pessoas diferentes é um antigo truque dos que buscam harmonia a qualquer preço. Outras tentativas de harmonia são feitas pelos antigos e pelos modernos, sem nenhum resultado certo, e nem nenhum resultado certo tem grande importância. “Ele (Zadoque) aparece como colega de Abiatar, em custódia da arca (ver II Sam. 15.24-29). E quando Abiatar foi deposto por Salomão, ele se tornou o único sacerdote e o ancestral dos sacerdotes de Jerusalém que, após a reforma instituída por Josias, tornou-se o único sacerdote legítimo de Israel (I Reis 2.27; II Reis 23.9)” (George B. Caird, *in loc.*).

Seraías era o *escrivão* de Davi. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. O *escrivão* guardava, produzia e reproduzia documentos oficiais, e poderia estar envolvido na escritura de alguns registros históricos.

8.18

Benaia. Sua tarefa era encabeçar um corpo de guarda-costas composto por mercenários estrangeiros. Esse corpo de guarda-costas formava tropas de elite que serviam o rei de maneira especial. Eles pareciam estar relacionados aos filisteus. Davi não hesitava em utilizar-se do serviço deles porque se tinham distinguido como soldados habilidosos e, sem dúvida, se tinham convertido à fé dos hebreus. Além disso, eles tinham uma história anterior de serviço prestado a Davi, que os separara para serem recompensados quanto chegassem tempos de paz.

Os filhos de Davi... eram seus ministros. Algumas versões dizem aqui “sacerdotes”, mas nossa versão portuguesa e outras dizem “ministros”, a fim de evitar a idéia de que quaisquer filhos de Davi (que não eram da tribo de Levi) pudessem ter servido como sacerdotes. O trecho paralelo de II Sam. 20.26 deixa de lado tal informação, mas menciona que *Ira* era um sacerdote dos tempos de Davi. Talvez o termo hebraico *cohen* (a palavra aqui usada, e que significa “sacerdote”) seja uma reminiscência dos tempos anteriores, quando os cabeças das tribos também funcionavam como sacerdotes. Embora esse uso se tenha tornado obsoleto quando um sacerdócio anterior foi estabelecido, a palavra ainda pode ter sido usada ocasionalmente, no sentido mais lato, e o texto presente pode ser uma instância disso. Ver sobre II Sam. 20.26 quanto a outros comentários a respeito.

Capítulo Nove

A seção geral a que pertence este capítulo 9 começou em II Sam. 5.13, e estende-se até 10.19, descrevendo os vários feitos de Davi. O nono capítulo fala sobre a preocupação de Davi com quaisquer sobreviventes da família de Saul. Nas monarquias orientais, era costume à nova família real, ao assumir o poder, matar os membros da família real antecedente. Davi havia jurado a Jônatas que nunca esqueceria a amizade especial que os unia, e trataria bondosamente aos seus descendentes (ver I Sam. 20.14-17). Davi também fizera uma promessa similar a Saul (ver I Sam. 24.21,22), embora esse juramento não tivesse sido cumprido em nenhum grau. II Sam. 21 relata que Davi executou um bom número de filhos e descendentes de Saul. O juramento de Davi foi debilitado por forças externas que impediram o cumprimento cabal da promessa. Quanto a outras instâncias em que uma antiga linhagem foi morta por um novo rei em Israel, ver I Reis 15.29; 16.11 e II Reis 10. Pelo menos Davi honrou sua promessa a Jônatas, e este capítulo é o relato das circunstâncias relacionadas à questão.

Os *críticos* atribuem o material deste capítulo a uma fonte muito antiga e supõem que, cronologicamente, este capítulo siga logicamente a II Sam. 21.1-14, que relata a história de como Davi quebrou seu voto a Saul e permitiu que os gibeonitas matassem alguns da família real. O capítulo 9, pois, informa-nos que o voto foi parcialmente cumprido, por amor de Davi a Jônatas.

9.1

Resta ainda, porventura, alguém. Para compreender este versículo, comparemos ver a introdução acima. Muitos membros da família de Saul foram mortos. Davi procurava algum sobrevivente, a fim de favorecê-lo, por amor a Jônatas. Jônatas tinha sido um amigo especial de Davi, e um voto entre os dois incluía o tratamento bondoso dos membros da família sobrevivente, especialmente quando Davi assumisse o poder e pudesse matar, de forma absoluta, os membros da família real anterior, a fim de consolidar seu reino e não sofrer interferência e conluios.

Bondade. No hebraico, *hesedh* (cf. I Sam. 20.8). Havia em Davi um amor que buscava expressão e estava baseado na obrigação criada pelo voto feito (ver I Sam. 20.14-17).

Alguns críticos pensam que este capítulo abriga a mais antiga história autêntica do Antigo Testamento, e muitos observam sua qualidade literária: "Como narrativa, ela não pode ser ultrapassada em intensidade dramática e frequência tocante" (Ganse Little, *in loc.*). "Uma obra prima de peça em prosa do Antigo Testamento" (*Oxford Annotated Bible*, sobre o primeiro versículo deste capítulo).

Os capítulos 9 a 20 algumas vezes são chamados de Narrativa da Sucessão. "Seu propósito é mostrar os passos que Davi tomou para suceder a Saul e garantir a permanência de sua própria dinastia. O primeiro passo de Davi foi solicitar o apoio das tribos do norte, estendendo favor aos membros sobreviventes da casa de Saul" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Mefibosete tinha apenas 5 anos quando seu pai foi morto (II Sam. 4.4). Agora ele tinha um jovem filho (vs. 12), o que significa que um bom número de anos se passara, desde que Davi começara a reinar em Jerusalém.

9.2

Ziba. Ver no *Dicionário* o que se sabe sobre este homem. Ele tinha sido servo do rei Saul e agora atendia a Mefibosete, filho de Jônatas. Portanto, Ziba deveria saber informar, com precisão sobre o assunto que interessava a Davi: Havia algum sobrevivente da casa de Saul, que ele, Davi, poderia favorecer por amor a Jônatas? Ver I Sam. 20.42.

Josefo junta que Ziba era de ascendência cananéia, um escravo que fora libertado por Saul quanto demonstrou ser um servo especial (*Antiq.* 1.7, cap. 5, sec. 1). Não sabemos, porém, quão exata é essa informação. Talvez o homem se tenha tornado servo de Davi ou de seus familiares. Seja como for, era alguém conhecido, e foi fácil entrar em contato com ele para obter a informação necessária.

9.3

Disse-lhe o rei. Davi indagou pessoalmente a Ziba, inclinado como estava por demonstrar bondade, conforme as notas expositivas no vs. 1. E Ziba deu a informação de que Davi precisava.

Ainda há um filho de Jônatas. Mefibosete tinha apenas 5 anos de idade quando Jônatas morreu (ver II Sam. 4.4), mas agora tinha um filho seu (vs. 12). Ele não nascera aleijado por defeito genético, mas como infante havia sofrido uma queda severa que injuriou, de forma permanente, ambos os seus pés. Quanto a isso, ver II Sam. 4.4. Há algo de irônico no fato de que o único a quem Davi encontrou para demonstrar bondade era um homem **incapacitado para a guerra**, um homem humilde e aleijado. O forte há muito tinha perecido. E o fraco colheria os benefícios da amizade de Davi com Jônatas. A história subsequente de Mefibosete não foi plenamente brilhante, porquanto, ao que parece, ele se envolveu em um conluio para livrar-se de Davi como rei. O artigo sobre ele no *Dicionário* fornece os detalhes. Mas Mefibosete jurou inocência, e talvez tenha dito a verdade. Seja como for, Davi poupou a sua vida, porquanto não havia certezas razoáveis quanto a um ato traiçoeiro da parte dele.

Mefibosete, conhecedor pleno do costume original de "matar todos os membros da família real anterior", vivia em completa obscuridade e só foi achado devido à informação prestada por Ziba, que estava presente desde o começo e permaneceu informado sobre os membros antigos da corte de Saul e de sua família sobrevivente.

9.4

Está na casa de Maquir. Ziba sabia de todos os detalhes sobre Mefibosete. Sabia onde Mefibosete vivia e na casa de quem. Ver os nomes próprios deste versículo no *Dicionário*, quanto aos detalhes. Maquir era homem rico e influente, conforme aprendemos em 17.27. Lo-Debar ficava no lado oriental do rio Jordão, 8 quilômetros ao sul do wadi Yarmuk. Provavelmente deve ser identificada com Debir (ver Jos. 13.26), em Gileade, ao norte do ribeiro do Jaboque, não distante de Maanaim, a residência de Amiel, cujo filho, Maquir, entretinha Mefibosete. O lugar tem sido identificado com a moderna Ummad-Dabar, que fica ao sul do wadi el 'Arab, a leste do rio Jordão.

É provável que Maquir tivesse sido um simpatizante da causa de Saul, mas Davi logo o conquistou para defender o novo regime. Quando, mais tarde, Davi sofreu

perseguição de seu próprio filho, Absalão, que queria tomar o lugar dele como rei, Maquir provou ser amigo fiel e útil. Ver II Sam. 17.27-29.

9.5

Então mandou o rei Davi trazê-lo de Lo-Debar. Tendo recebido a informação necessária, Davi enviou representantes para trazer Mefibosete à corte de Jerusalém. Mefibosete veio tremendo por sua vida, a despeito dos esforços por mostrar-se tranqüilo.. Ele "fora achado". Talvez Ziba tivesse ido como guia para garantir que o homem seria facilmente localizado.

9.6

Prostrando-se com o rosto em terra. Mefibosete prostrou-se diante dos pés de Davi, temendo por sua vida diante do brutal e poderoso guerreiro que havia sujeitado a nação inteira de Israel à sua vontade. Mas seus temores eram infundados. Na verdade, ele estava prestes a receber favores especiais, embora ainda não soubesse disso. Portanto, ali estava Mefibosete, como um cão morto, diante de Davi, chamando-se de "escravo" do rei. Algumas vezes, obtemos o que queremos mostrando-nos arrogantes e auto-assertivos. Mas em outras oportunidades, a humildade serve-nos melhor. E então, em raras ocasiões, as pessoas são realmente humildes, bem à parte do autoglorificação.

Ver sobre o outro nome de Mefibosete, *Meribe-Baal*, em I Crô. 8.34 e 9.40. Provi um artigo separado sobre esse nome alternativo, no *Dicionário*. Esse nome significa "Baal é advogado" e mostra que nomes pagãos eram dados a filhos israelitas, até mesmo na família real. Cf. o Is-Bosete e sua variação (II Sam. 2.8 e I Crô. 8.33).

9.7

Não temas, porque usarei de bondade para contigo. A generosidade de Davi para com Mefibosete, por amor a Jônatas, imediatamente aliviou os temores do aleijado. Ele receberia de volta as terras reais que tinham sido tiradas da família de Saul durante a transição para o reino de Davi. E também obteria uma pensão permanente da nova casa real, como se fosse um filho daquela casa. Embora ainda fosse um jovem, receberia uma aposentadoria parcial, e assim, de súbito, tornar-se-ia um rico proprietário. Contraste-se esse tratamento com a matança dos filhos de Saul, permitida por Davi (ver II Sam. 21.1-14). Alguns intérpretes supõem que esse evento já tivesse ocorrido antes de a presente passagem ter sido escrita, e, nesse caso, Mefibosete tinha boas razões para mostrar-se temeroso.

"Comer na mesa do rei (isto é, receber suprimentos da parte da família real), sem importar se a pessoa vivia ou não com a família, era uma grande honraria no antigo oriente. Foi assim que Mefibosete obteve grande prestígio, bem como dinheiro, suprimentos e terras. Cf. Luc. 22.30". John Gill supõe que lhe tenha sido dado um apartamento na corte real, e que Mefibosete passou a residir no palácio real.

9.8

Quem é teu servo...? Favores especiais e inesperados sempre humilham quem os recebe, e Mefibosete não se mostrou diferente disso. Ele se sentiu avassalado pela generosidade de Davi e por sua súbita boa sorte. Ele havia recebido repentina e abundante vitória, que serviria a ele e à sua família pelo resto da vida. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Um cão morto. Sentimos grande piedade por um cão que acaba de ser atropelado na rua, pois, em um instante, foi reduzido a nada. Assim também a expressão "cão morto" significa algo inteiramente inútil, sem valor algum. O próprio Davi passara por tal humilhação quando Yahweh o tornou rei e lhe prometeu, com sua família, uma casa eterna (ver II Sam. 7). O próprio Davi chamou-se de *cão morto* diante do temível Saul, que procurava tirar-lhe a vida (ver I Sam. 24.14; e cf. I Sam. 17.43 e II Sam. 3.8 e 16.9).

9.9

Chamou Davi a Ziba. Ziba foi prontamente informado da generosidade de Davi para com Mefibosete. Ziba, naquele momento, foi encarregado de continuar como servo da casa de Saul e, mais especificamente, de Mefibosete. Desse modo, compartilharia da generosidade de Davi e receberia uma tarefa vitalícia. Sua segurança estava garantida. Ele e Mefibosete, finalmente, entrariam em conflito, fazendo sérias acusações mútuas, que envolviam traição contra Davi. Mas Davi nunca tomou de volta o que havia dado e, visto que agora havia uma dúvida, não prejudicou a nenhum deles nem tomou suas terras. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mefibosete*, onde essa história é relatada.

"Embora ele tivesse de comer na mesa do rei, como marca de honraria assinalada, Meribaal naturalmente teria uma casa sua na cidade, e seria para

conservá-la que ele receberia rendimentos das propriedades de seu avô" (George B. Caird, *in loc.*).

Foi assim que o Senhor preparou uma mesa para Mefibosete, na presença de seus supostos inimigos (ver Isa. 23.5).

Analogia. O evangelho provê para nós uma mesa na mesa do Rei, e a eucaristia é um símbolo disso. Mefibosete, pois, tornou-se um dos filhos de Davi (vs. 11), e essa é também a experiência do crente (João 1.12).

9.10

Trabalhar-lhe-ás, pois, a terra, tu e teus filhos. Ziba tinha quinze filhos e vinte servos, e Davi ordenou que, com toda a sua casa, servisse a Mefibosete, trabalhando em seus campos e, de modo geral, cuidando de suas propriedades e negócios. Ziba, pois, tornou-se uma espécie de mordomo geral, cuja responsabilidade seria cuidar para que a bondade de Davi fosse plenamente cumprida. Além dessa provisão, Mefibosete continuaria recebendo suprimentos especiais diretamente da nova família real. Aprendemos aqui a lição da *abundância* suprida pelo amor. Mefibosete foi tanto honrado quanto bem suprido com todas as coisas boas.

Analogia. O homem espiritual recebe os suprimentos físicos mesmos em abundância, a fim de poder abundar em toda boa obra (ver II Cor. 9.8). O amor é o inspirador da *generosidade*, que é o seu modo natural de ação. O coração regenerado, naturalmente, ama. O amor provê, naturalmente, para as necessidades e até para os prazeres.

A verdadeira bondade origina-se no próprio coração do homem.

(Confúcio)

A coisa mais importante, em qualquer relacionamento, não é aquilo que você obtém, mas sim, aquilo com o que você entra.

(Eleanor Roosevelt)

9.11

Disse Ziba ao rei. Davi, o soberano, não poderia ser desobedecido; e, seja como for, Ziba anelava por realizar tudo quanto lhe havia sido ordenado. Assim sucedeu que o que foi planejado, foi colocado em prática. *Mefibosete* tornou-se assim um rico proprietário de terras e tinha abundância de servos, incluindo os quinze filhos de Ziba e seus vinte servos, e também a honra de ter acesso diário à mesa do rei. O amor foi o autor daqueles notáveis acontecimentos. O amor é a única lei universal. E todas as demais leis fazem parte da lei do amor, conforme aprendemos em Rom. 13.8 ss. Eis a razão pela qual Deus é chamado de *amor* (ver I João 4.8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

9.12

Tinha Mefibosete um filho... cujo nome era Mica. Alguns estudiosos pensam que a nota sobre o filho de Mefibosete foi adicionada por antecipação, sendo ele muito jovem para ter um filho por essa época. Outros eruditos supõem que tempo bastante se tinha passado desde que Davi se tornara rei. Mas não há como ter certeza sobre a questão, visto que a cronologia do texto não pode ser determinada com precisão.

Mica. Este é um nome masculino comum nas páginas do Antigo Testamento. O homem do presente texto é comentado em terceiro lugar no artigo Mica que há no *Dicionário*. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o simples fato de que era filho de Mefibosete, e as tradições coisa alguma adicionam. Cf. I Crô. 8.35 e 9.40-44. O único filho de Mefibosete, a ser registrado por nome foi Mica, mas este teve alguns filhos. Mefibosete e seus netos foram bem servidos por Ziba por longuíssimo tempo.

9.13

Este é um pequeno versículo de sumário: Mefibosete mudou-se para Jerusalém; continuou a ser servido na mesa do rei; era aleijado de ambos os pés, uma circunstância causada por um acidente quando ele era um bebê de colo. Ver o vs. 3 deste capítulo. Tais coisas compõem sua simples descrição. Ele não se destacou em nenhuma outra coisa, exceto pelo fato de que, posteriormente, foi acusado de ter-se envolvido em um conluio contra o próprio Davi. Ver o artigo no *Dicionário*, quanto a tudo quanto se sabe a respeito dele.

Mefibosete. Ele é símbolo da criança sofredora. Durante toda a sua vida, sofreu o aleijão causado por um tolo acidente, algo que ele mesmo não havia

provocado. Embora inocente, ele sofreu. Contudo, houve graça abundante que o tornou um homem abastado. Quantas crianças, através da história violenta de nossa raça, têm sofrido aleijões e ficado incapacitadas devido a atos estúpidos e violentos de outros, ou através de **enfermidades e tragédias** provocadas por uma natureza aparentemente insensível. Nossa fé ensina-nos que todas essas coisas são revertidas, finalmente, pela graça de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal*. Por que os homens sofrem, e por que eles sofrem da maneira como sofrem? O artigo citado oferece os tipos de respostas que são dados a essa pergunta.

Capítulo Dez

Este capítulo faz parte da seção geral, que começa em II Sam. 5.13 e comenta os vários feitos de Davi. O autor dos livros de Samuel não estava interessado em prover somente uma crônica das guerras, e de como Davi sempre se mostrou vitorioso. Ele também estava interessado na vida particular de Davi e enfatizou muitas lições morais e espirituais que dela podem ser derivadas. Mas o capítulo diante de nós fala de guerra, do começo ao fim, algo que, infelizmente, era constante na vida de Davi. O fato de que ele foi um guerreiro brutal e bem-sucedido possibilitou o estabelecimento do reino. Na época de Davi, não havia como conquistar reinos através de paz e diplomacia.

Os pactos eram firmados com frequência, mas com igual frequência eram quebradas (por causa dos interesses próprios dos partidos envolvidos). Portanto, amizades declaradas muitas vezes revertiam em inimizades.

"Outro aspecto da sucessão de Davi eram suas *relações internacionais*. Davi havia sujeitado muitas nações em derredor a pagar tributos (II Sam. 8.12). Incluída entre elas estava Amom, um reino diretamente a leste do rio Jordão" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Naás mantinha relações de amizade com Davi, mas, quando seu filho subiu ao trono, seus conselheiros lançaram dúvidas sobre essa amizade e logo o tornou hostil a Davi. Quando à história de Naás, ver I Sam. 11. Temores estúpidos e suspeitas azedavam as coisas.

"Há uma inata incapacidade da mente pequena, carregada de suspeitas e egoísmo, em confiar no pacto com outros, porque ela sabe que, quando sua própria palavra mantida interfere nos interesses próprios, toda a amizade é ultrapassada... Somente a graça de Deus no coração dos homens e nos líderes de homens pode deter a maré do cinismo" (Ganse Little, *in loc.*).

10.1,2

Morreu o rei dos filhos de Amom. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amom* (*Amonitas*), quanto a informações completas sobre o reino desse povo e seu relacionamento com Israel. Houve uma longa história de hostilidades entre esse povo e os israelitas, interrompida por algum período ocasional de harmonia. O Amom original era filho de Ló (ver Gên. 19.38). Os descendentes desse homem ocuparam uma faixa de terras a leste dos amorreus, vivendo separados dos moabitas pelo rio Arnom. Os amonitas tomaram um território antes ocupado por uma raça de gigantes (ver Deu. 2.20). Quanto a outros detalhes, consultar o artigo.

Rei dos filhos de Amom. (ver o vs. 2). Ver o artigo sobre *Naás* no *Dicionário*. Saul derrotou esse homem, mas ele tratou bem a Davi, e uma amizade se desenvolveu entre eles. Davi, agora, quis retribuir a bondade. Ver II Sam. 10.2 e I Crô. 19.1,2. Ver como Saul derrotou a Naás e sua gente, em I Sam. 11.1-11; 12.12. O texto bíblico não nos diz exatamente como Naás se mostrou bondoso para com Davi, mas as referências dadas reafirmam o fato. Talvez ele tenha ajudado Davi quando este fugiu de Saul e ficou a perambular pelo deserto.

Hanum. Quanto ao que se sabe sobre este homem, ver o artigo no *Dicionário*. Por causa da bondade do pai de Hanum, Naás (alguns dizem que Naás foi avô de Hanum), Davi resolveu mostrar-se bondoso para com ele, estabelecendo laços de amizade e ajuda mútua. Para facilitar as coisas, enviou representantes, levando sua mensagem de paz.

Para os consolar acerca de seu pai. Ou seja, devido à morte de Naás. Este foi o primeiro ato de bondade de Davi. Outros seguir-se-iam, se Hanum resolvesse tornar-se amigo de Davi, conforme ocorrera com seu pai. É possível que já houvesse um tratado entre Davi e Naás, e era desejo de Davi que esse tratado continuasse.

10.3

Mas os príncipes dos filhos de Amom. Hanum provavelmente teria sido conquistado amigavelmente por Davi, mas ele tinha *maus conselheiros*. Eles se lembraram do violento Saul, que havia matado muitos amonitas. E não esperavam

tratamento melhor da parte de Davi. Por muito tempo, os amonitas e os israelitas haviam sido inimigos, e períodos de hostilidade tinham irrompido. Assim sendo, os príncipes amonitas não esperavam nada de bom da parte de Davi, e acusaram seus embaixadores de ser espíões. Eles tinham certeza de que algum truque estava sendo efetuado. Pensavam que eram sábios, mas sua estupidéz logo prejudicou toda a nação. Eram homens de mentes fechadas e pequenas. E assim lançaram fora um valioso tratado, ocasionando grande derramamento de sangue. Quando os povos agem motivados pelos interesses próprios, todos os tratados tornam-se inúteis, meros papéis rotos. A retribuição está sempre presente, para tomar vingança dos que tratam com menosprezo as ofertas bem intencionadas.

Por causa de ofensas anteriores, os amonitas não tiveram permissão de entrar na congregação de Israel por dez gerações (ver Deu. 23.3,6). As coisas haviam mudado tanto que Davi resolvera mostrar-se amigável para com eles? “É uma questão de justas queixas que, por toda a história da humanidade, tem havido pouca sinceridade nas cortes reais” (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, a suspeita usualmente é a atitude correta. Davi era uma exceção à lei do engano, mas os amonitas não queriam acreditar nisso.

10.4

Tomou então Hanum os servos de Davi. Foi um ato humilhante. Os embaixadores não foram fisicamente feridos, mas foram psicologicamente humilhados e desmoralizados. Eles devem ter parecido uma visão engraçada, com metade da barba raspada e as roupas cortadas pela metade! *Lançar mãos* sobre um embaixador, de acordo com os costumes antigos, era uma ofensa. Rapar qualquer porção da barba era um sinal de *efeminação* nos países do Oriente Próximo e Médio. E rapar metade da barba era um *insulto* nunca antes ouvido. Além disso, houve a indecente exposição acerca da qual os povos semitas sempre se mostraram muito sensíveis. Nadar publicamente, praticamente sem roupas, era uma vergonha indizível. Dentre os povos antigos, somente os gregos eram liberais quando à exposição do corpo. Para os árabes, a barba era um sinal de honra e, para os povos semíticos, um símbolo da própria dignidade. Heródoto tem uma história um tanto paralela à do texto presente. Um ladrão tentava capturar o cadáver de seu irmão, para ser sepultado, o qual estava retido na casa do tesouro do rei Ramsínito. Ele conseguiu embestar os guardas e, quando estes estavam no seu estupor, ele rapou o lado direito de seus rostos, removendo metade da barba. Isso foi um insulto para eles e para o rei, e configurou parte do sucesso do homem em vingar a morte de seu irmão (Ver *Hist. II.121*). Shakespeare, em *Hamlet*, ato II, cena dois, tem algo similar. Cf. Isa. 15.2 e 20.4 quanto à vergonha da barba rapada, da cabeça rapada e do corpo exposto. A barba só era aparada como sinal de luto. Esse era um ornamento masculino que demandava respeito da parte dos orientais. Somente escravos ou criminosos seriam tratados como o foram os embaixadores de Davi. Lemos também que soldados romanos eram *punidos* por meio de tais atos (Valer. *Maxim*, 12, cap. 2).

Os amonitas enviaram-nos de volta a Davi, dessa maneira ridícula, zombando deles, sem a menor sombra de dúvida.

10.5

Estavam sobremaneira envergonhados. Os embaixadores enviados por Davi estavam tão envergonhados (pelas razões explicadas nos comentários sobre o versículo anterior), que Davi lhes permitiu ficar em Jericó, até que suas barbas crescessem de novo. Isso significa que eles não circulavam em público, tendo de suportar os sorrisos e zombarias de outros, que achassem sua aparência tão engraçada. No tempo em que essas palavras foram escritas, a cidade de Jericó ainda não havia sido reconstruída, mas na área havia cabanas de pastores e outras habitações. Alguns intérpretes supõem que o tempo real da escrita do livro tenha ocorrido depois que aquela cidade já havia sido reconstruída. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Jericó*. A cidade fora destruída por ocasião da invasão original de Israel e esperava agora ser reconstruída. Hiel, o betelita, tentou reconstruir o lugar, e a maldição imposta a quem a reconstruísse caiu sobre ele (ver I Reis 16.34). Isso ocorreu um século após a época de Davi. Jui. 1.16 e 3.13 parece indicar que sempre houve *algumas* habitações ali.

10.6

Vendo, pois, os filhos de Amom. Davi não tomou ação imediata para punir os ofensores. Mas os amonitas, antecipando a vingança, tentaram fortificar-se, apelando para a ajuda dos sírios. A invasão tornou-se inevitável, e eles queriam estar preparados. Os amonitas sabiam que não seriam adversários suficientes para Davi. Assim sendo, alugaram um exército que orçava em 33.000 homens, de diferentes reis vassalos da área.

Bete-Reobe. Ver no *Dicionário* acerca desse lugar. Era uma cidade no distrito dos arameus, perto de Lais (Dã). Talvez seja corretamente identificada com a moderna Baniyas, mas o local exato é desconhecido.

Zobá. Provi um artigo detalhado sobre o lugar no *Dicionário*, pelo que não amplo aqui a questão. O rei também se chamava Zobá e é mencionado várias vezes no Antigo Testamento (livros de Samuel, Reis e Crônicas).

Maaca. Oito diferentes pessoas e lugares são assim chamados no Antigo Testamento, e todos são comentados no *Dicionário*. Esta Maaca é comentada em primeiro lugar na lista.

Tobe. Este era o nome de um distrito e de uma cidade na Síria, anotados no *Dicionário*. Portanto, os amonitas congregaram um exército bastante numeroso, todos da Síria, na esperança de deter a fúria de Davi e seu general selvático, Joabe. A *retribuição*, pois, haveria de transformar aqueles soldados em polpa.

Em I Crô. 19.6,7 temos a informação adicional de que custou 1.000 talentos de prata alugar o exército que eles equiparam com carros de combate. O número dado ali é de 32.000 carros de combate. Ver o artigo geral sobre *Dinheiro*, quanto ao valor monetário do talento de prata. Ver também sobre *Pesos e Medidas*, seção IV, A. *Talento*. Mil talentos de prata pesavam cerca de 37 toneladas e, se estamos corretos (em I Crô. 19.6), então uma soma prodigiosa em dinheiro foi paga por aqueles mercenários. Ver as notas sobre esses versículos quanto a detalhes. O talento era a mais pesada medida entre os hebreus. Alguns estudiosos afirmam que o talento de prata valia cerca de 2.000 dólares, mas não há como comparar o dinheiro moderno com os antigos valores em pesos de metais. O talento podia ser de bronze, de prata ou de ouro, com diferentes valores correspondentes.

I Crô. 19.1-19 dá detalhes (quanto as forças reunidas) que não fazem parte do presente capítulo.

10.7

Enviou contra eles a Joabe. Joabe era o mais forte, mais capaz e mais feroz dos generais de Israel, pelo que Davi entregou a ele a tarefa de acabar com as forças sírias. Ver sobre *Joabe* no artigo do *Dicionário*. Podemos estar certos de que ele se alegrou com a oportunidade de fazer o melhor possível o que sempre lhe havia rendido os mais altos louvores: matar e aniquilar.

O exército dos valentes. Havia três corpos armados militares em Israel: 1. o exército (8.16) sobre o qual Joabe tinha controle direto; 2. os valentes, um exército permanente de veteranos; e 3. a guarda pessoal, tropas de elite que serviam pessoalmente a Davi. Ver II Sam. 20.7 quanto a esse corpo de elite. Parece que os dois primeiros corpos foram dados a Joabe para serem utilizados na guerra. O texto indica que a Joabe foi entregue a “flor do exército” de Israel (Adam Clarke, *in loc.*).

10.8,9

O exército sírio e os amonitas formaram dois grupos e vieram contra Joabe pela frente e por trás, para apanhá-lo no meio de duas pinças. Uma das forças estava estacionada no portão de Medeba (ver I Crô. 19.7). A outra permanecia a distância, no campo, tendo obtido uma posição atrás de Joabe e de seu exército.

“Apanhado entre dois fogos, Joabe percebeu que a chave da batalha era a derrota dos sírios, pelo que separou uma força escolhida do exército” (George B. Caird, *in loc.*). O restante do exército foi enviado após o outro grupo, que Joabe entregou ao comando de Abisai, seu irmão (ver o vs. 10). Abisai também era um guerreiro destemido e temido, pelo que Joabe não precisou temer não estar dirigindo pessoalmente aquela parte do exército. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Joabe* e *Abisai*.

Joabe tomou sobre si mesmo a tarefa de enfrentar a força mais poderosa (os sírios) e fê-lo com os melhores soldados de Israel. A tarefa menor foi entregue a Abisai, que comandava um exército um tanto menos habilidoso. E a decisão foi eficaz, conforme a narrativa passa a relatar-nos. Naturalmente, *Yahweh* (ver o vs. 12) estava com ambos os exércitos (o de Joabe e o de Abisai), e essa era a garantia da vitória.

10.10

Os filhos de *Amom* haviam iniciado a confusão e, percebendo sua comparativa fraqueza, tiveram de contratar aquele bando de mercenários, os 33.000 homens com seus 32.000 carros de combate. Quão melhor teria sido simplesmente aceitar a amizade oferecida por Davi, mas a sorte ditava que eles cairiam, e que Davi continuaria a subir. A estrela de Davi estava definitivamente em ascensão e continuaria assim por muito tempo ainda. Dessa forma a monarquia de Israel se firmaria e Davi conseguiria controlar a totalidade da Palestina e as áreas fronteiriças ao redor.

Abisai, terrível matador, não muito inferior a Joabe, seu irmão, é quem cuidaria dos amonitas. Se a batalha se agravasse para Joabe ou para Abisai, um correria em socorro do outro para fazer mudar a maré. Portanto, houve um plano de ajuda mútua, se isso se tornasse necessário (vs. 11). Mas *Yahweh* não permi-

tiara nenhum fracasso naquele tempo de crise (vs. 12). Ele era o verdadeiro general do exército de Israel, o *Senhor dos Exércitos*.

10.11

Ajuda Mútua. A maior parte dos grandes projetos é realizada mediante um *esforço de equipe*.

*A vida não é meramente continuar vivo,
Mas é estar bem.*

(Marcial)

E esse “estar bem” com frequência significa que há outros prestando ajuda e forças. A força de um indivíduo geralmente é pequena demais para produzir o que sua mente diz que deve ser feito. Portanto, esse indivíduo precisa ser ajudado por outros, que adicionam sua força à força dele. Além disso, há a força do alto. Recolhamos energia dos seres espirituais, que cuidam de nós, chamando-os pelo nome de anjos guardiães ou por algum outro nome. Isto posto, nossas forças não são meramente nossas. Elas se compõem também das forças que obtemos de outros seres, visíveis e invisíveis.

Joabe era homem poderoso e temível, mas não concluiu sua tarefa, naquele momento, sem seu irmão, Abisai. As forças deles, combinadas, mostraram ser suficientes para qualquer tarefa.

10.12

As forças de Davi vinham de El, o Deus Todo-poderoso, de Elohim, o nome de dupla dignidade. Suas forças vinham de Yahweh, o Deus eterno. Joabe mostrou-se forte por estar associado a Davi e à sua estrela ascendente, e sua estrela ascendia porque Yahweh assim desejava, com algum elevado propósito, a saber, o estabelecimento do povo de Israel em seu território pátrio.

*Elevo os olhos para os montes;
de onde me virá o socorro?
O meu socorro vem do Senhor,
que fez o céu e a terra.*

(Salmo 121.1,2)

Pelas cidades. No hebraico, essas palavras, com leve modificação, podem significar “pela arca”, sendo mesmo possível que, no original hebraico, a referência fosse à arca que com frequência era levada à batalha para assegurar o sucesso. Quanto a essa prática, ver I Sam. 4.3.

*O heroísmo sente e nunca raciocina,
pelo que também está sempre com a razão.*

(Ralph Waldo Emerson)

10.13

E travaram peleja contra os siros. Joabe obteve tremenda vitória. Os sírios, embora mais poderosos, cederam diante dele e de suas forças e, apesar do número impressionante de carros de combate, fugiram do campo de batalha. Assim, aconteceu tal e qual Joabe sabia em seu coração que aconteceria. Os hebreus, nas cidades e fazendas, ficaram mais seguros naquele dia, por causa do que ocorreu no campo de batalha.

*Nunca, no campo do conflito humano, tanto foi
devido a tão poucos.*

(Winston Churchill, referindo-se à defesa da Inglaterra pela Royal Air Force, durante a Segunda Guerra Mundial)

Josefo forneceu-nos uma descrição mais detalhada dessa batalha sangrenta, fazendo observações sobre o longo tempo que ela perdurou (*Antiq.* 1.7, cap. 6, sec. 2).

10.14

Também eles fugiram de diante de Abisai. *Abisai*, pois, duplicou o feito de Joabe, pois os amonitas, mais fracos que os sírios, fugiram de diante deles ao ver os mercenários sírios derrotados. Não sabemos por que os dois irmãos não reuniram forças para saquear a cidade. Talvez já tivesse havido matança suficiente para um dia, e nada seria ganho se houvesse maior pressão.

Tendo feito tudo quanto pensavam que deveria ser feito, os dois irmãos e suas forças retornaram a Jerusalém, para contar a alegre história da vitória. Eles

voltaram “em triunfo, para narrar a Davi a vitória que ele (através deles) tinha obtido” (John Gill, *in loc.*).

10.15,16

As Guerras Nunca Terminam. Os sírios haviam sofrido uma derrota severa e devastadora, mas imediatamente se recompuseram, no remanescente de suas forças, a fim de continuar a guerra. Seu *orgulho* não permitia que eles considerassem a questão uma má idéia, o que realmente era. Eles não tinham razão alguma em defender os insensatos amonitas. Tão ansiosos estavam para continuar a matança e ser mortos que enviaram mensageiros para além do rio, ou seja, além do Eufrates, profundamente ao território do norte, para obter a ajuda de *Sobaque, do Helã*. Ver no *Dicionário* sobre os nomes próprios desses dois versículos. Comentários sobre o homem são dados sob o artigo *Sobaque*. Ele era outro sírio (aramaico). O pobre homem não haveria de sobreviver à guerra. Sua participação seria fatal. Portanto, outro erro estúpido foi adicionado ao primeiro, cometido pelos filhos de Amom.

Não se sabe a localização exata de Helã, mas ao que tudo indica não ficava muito longe além do rio Eufrates. Eze. 47.16 põe-na ao norte de Damasco, mas nenhuma declaração precisa é dada. Talvez esteja em vista a moderna *Alma* (antiga *Alema*). Ver I Macabeus 5.26.

Davi e Salomão exerceram *influência* até o rio Eufrates, embora não pareça que seu governo tenha sido exercido ali de forma direta. Guarnições militares foram estabelecidas naquelas áreas do extremo norte para manter as coisas em ordem e impedir revoltas. Ver as notas sobre II Sam. 8.6. Assim a maior parte do território prometido a Abraão, no pacto abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18), foi garantida por Davi, excetuando a área no extremo sudeste, que se estendia até o Nilo, a qual Israel nunca conquistou.

Josefo informa-nos que as forças sírias combinadas, com os reforços vindos do extremo norte, chegavam a 80.000 infantes, 10.000 cavaleiros e grande número de carros de combate (*Antiq.* 1.7, cap. 6, sec. 2). Mas não dispomos de meios de averiguar a exatidão dessa informação. Seja como for, Davi estava enfrentando outra crise, quando os sírios desistiram da guerra contra Israel.

Hadadezer. Pudemos vê-lo descrito no capítulo 8 deste livro de II Samuel, mesmo porque as guerras anteriores de Davi, no norte, foram feitas contra ele. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. O que aconteceu foi uma força síria virtualmente universal, reunida contra Israel, em grande frente unida.

10.17

Ao enfrentar o poder sírio universal, Davi foi forçado a convocar “todo o Israel” para ajudá-lo na empreitada. Aquela não era apenas mais uma confrontação local. Era “nação contra nação”. Também não seria uma batalha local, mas uma guerra total. Podemos estar certos de que, enquanto Davi foi para a frente da batalha, para dirigir a guerra, os temíveis e selvagens Joabe e Abisai também estavam presentes para emprestar a Israel suas habilidades na matança.

10.18

Porém os siros fugiram de diante de Israel. O autor sagrado poupa-nos dos detalhes. A batalha deve ter sido longa e amarga, e uma notável matança foi efetuada. Davi matou os dirigentes de 700 carros de combate e 40.000 cavaleiros, além de não se sabe quantos soldados da infantaria síria. As guerras antigas eram, com frequência, resolvidas em uma única batalha, no espaço de um dia ou poucos dias. A estratégia principal era simplesmente matar o maior número possível de soldados, tornando inviável o exército inimigo. O notável general sírio Sobaque foi uma das incontáveis vítimas, pelo que houve uma espécie de sobremesa, terminado aquele tremendo dia de guerra total, no qual Israel obteve vitória esmagadora.

Quanto aos 700 homens dos carros de combate, I Crô. 19.18 fala em 7.000. Os números variam conforme as versões e os escritos de Josefo. Já vimos que os números, no texto hebraico, estavam sujeitos a erros, visto que *letras* parecidas eram usadas em lugar de números. Muitos erros eram assim efetuados, gostemos disso ou não. Questões assim são triviais e nada têm que ver com a fé religiosa, e só as notamos por causa dos harmonistas que desejam harmonia a qualquer preço (até o preço da honestidade), e por causa dos críticos, que se apegam a qualquer coisa para promover suas doutrinas de dúvidas. O trecho paralelo de I Crô. 19 fala em 40.000 soldados a pé, enquanto aqui os 40.000 homens são de cavaleiros. Não há razão alguma para tentar harmonizar essas discrepâncias, nem há motivo para dizer que elas não existem. Os harmonistas e os críticos são irracionais em sua abordagem, mas elas não merecem a nossa atenção.

Adam Clarke confessa, quanto a esse trecho, que existem *erros* no texto hebraico com respeito aos números, e mostra-nos, no presente caso, como exatamente as letras hebraicas, sendo bastante parecidas entre si, eram confundidas. John Gill tem uma infeliz “reconciliação”, ao supor que houve 700 carros de combate que continham 7.000 homens. Mas isso faria haver 10 ho-

mens para cada carro de combate, algo que simplesmente não era verdade nos tempos antigos. *Kimchi* tentou outros meios de reconciliar as declarações, tentativas igualmente inúteis e fúteis. Todas essas propostas reconciliações apenas contradizem as simplesmente declarações dos textos hebraicos, em II Sam. 10 e I Crô. 19.

A mensagem deste versículo é clara, embora não sejam claros os números envolvidos. A grande matança pôs fim à ameaça síria, e logo todos aqueles povos se tornaram vassalos de Israel (vs. 19).

10.19

E temeram os siros de ainda socorrer aos filhos de Amom. Os tolos siros continuaram a pagar por sua errada decisão de aliar-se aos amonitas. Davi fez deles vassalos. Eles foram pesadamente taxados com impostos. Outrossim, os amonitas foram permanentemente postos em seu lugar. Depois disso, nenhum outro povo correu para socorrer os filhos de Amom.

Os próprios amonitas foram virtualmente destruídos em quase sua totalidade (ver 11.1). Dessa maneira, Davi consolidou seu poder até as margens do rio Eufrates, conforme comento em II Sam. 8.6 e nos vss. 15 e 16 do presente capítulo.

No espaço de cerca de dezenove a vinte anos, Davi enfrentou e ganhou *oito guerras*:

1. A guerra civil contra Is-Bosete.
2. A vitória sobre os jebuseus, o que possibilitou o estabelecimento da capital de Israel em Jerusalém.
3. A maioria dos filisteus e seus aliados foram derrotados, e o que permaneceu deles foi confinado, deixando de ser uma força ameaçadora.
4. Guerras adicionais somente contra os filisteus, que consolidaram as vitórias anteriores.
5. Os moabitas foram derrotados.
6. Hadadezer foi derrotado, a primeira vitória importante no extremo norte.
7. Os idumeus foram conquistados.
8. Os amonitas e as forças sírias em geral foram destruídos e os que restaram foram sujeitados a pagar tributo. II Sam. 8 descreve as vitórias iniciais sobre os siros, e o capítulo 10 fornece-nos a consolidação e extensão dessas vitórias.

Capítulo Onze

O primeiro versículo deste capítulo pertence ao material do capítulo 10, a vitória final sobre vários inimigos, que deram a Davi seu vasto reino, em concordância com as promessas do pacto abraâmico (anotado em Gên. 15.18). E o segundo versículo inicia uma nova seção.

O Pecado de Davi (11.1 - 12.31)

"Agora deixamos para trás a *primeira porção* do livro, na qual encontramos o Davi grande, glorioso e piedoso. E aqui chegamos à *segunda porção*, na qual observaremos como ele se desviou de Deus, como sua alma ficou contaminada no pó por crimes da natureza mais atroz. Aquele que pensa que está de pé, tenha cuidado para que não caia" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Nesta altura da narrativa, o autor inicia o retrato íntimo das tribulações domésticas e políticas pelas quais a família real e a corte de Israel passaram, com toda a sua sordidez e trágicas consequências... O notável realismo da narrativa só poderia ser conseguido por uma pessoa que tivesse conhecimento dos fatos em primeira mão. Tal escritor não poderia mesmo omitir o pecado de Davi e Bate-Seba (como em I Crô. 20.1-3) ou tê-lo interpretado (conforme se vê em I Sam. 13.14)" (*Oxford Annotated Bible*, introdução a este capítulo 11).

Isso posto, temos neste capítulo um exemplo da antiga história — "grandes homens, grandes vícios" — dos quais nenhum homem está imune.

Três Lições Teológicas que Podem Ser Extraídas da História de Davi. Ver essas três lições esboçadas nos comentários sobre o vs. 2 deste capítulo.

Orígenes nos deu valiosas sugestões quanto à interpretação do Antigo Testamento. Ele sugeriu que a interpretação segue os elementos do corpo e do espírito, conforme combinados no homem:

O corpo: Interpretações literais.

A alma-mente: Ensinos éticos.

O espírito: Interpretações místicas.

Orígenes acreditava que, com frequência, nas páginas do Antigo Testamento, não podemos obter muita vantagem da interpretação literal, que abordam questões (por exemplo) nas quais Yahweh alegadamente envia pessoas para matar outras pessoas e fazer coisas que poderiam ser consideradas duvidosas, eticamente falando. Mas sempre podemos encontrar ensinos éticos que correspondem à alma-mente humana. E, ainda de outras vezes, podemos encontrar lições místicas e espirituais, mesmo em meio a passagens empapadas de sangue. Em um livro como o

Apocalipse, no Novo Testamento, geralmente temos de ignorar o que seria uma interpretação literal e ir diretamente ao sentido místico, visto que o livro é uma colcha feita de retalhos de símbolos e visões. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Interpretação Alegórica*.

Nesta altura, exorto o leitor a ler a introdução a este capítulo, que tem materiais que apresentam a seção. O vs. 1 deste capítulo pertence ao capítulo anterior, que descreve as muitas guerras encetadas por Davi para consolidar o reino. O vs. 2, entretanto, começa a história pessoal e doméstica da vida e dos problemas de Davi.

Enquanto Joabe esteve em Amom, guerreado contra os amonitas, a *oitava guerra* em que Davi se viu envolvido em um período entre dezenove e vinte anos (ver as notas no fim do primeiro capítulo), Davi, em relativo período de paz, permaneceu em Jerusalém. Isso armou palco para o seu pecado com *Bate-Seba*. Estando em descanso, ele resolveu brincar, mas brincou demais, e isso preparou terreno para problemas muito sérios. Sua alma desceu ao lamaçal da degradação e ele praticou coisas irracionais e estúpidas. As narrativas dos capítulos 11 e 12 nos ensinam valiosas lições, mas principalmente as seguintes:

Três Lições Teológicas:

I. *O Problema do Mal.* Ofereço, no *Dicionário*, um artigo detalhado sobre isso. Por que os homens sofrem, e por que sofrem da *maneira* como sofrem? Muitos ateus são ateus por causa do sofrimento humano, causado pela natureza: incêndios, inundações, enfermidades, desastres naturais, como os terremotos (o mal natural); ou males causadas pela desumanidade do homem (o mal moral). O indivíduo ateu pergunta: "Onde está Deus? Como pode existir um Deus, quando tais coisas acontecem? Onde está o poder de Deus? Onde está o Seu amor?". O que espera pelo homem é a *morte*, que parece ser o pior de todos os males, resultado tanto do mal natural quanto do mal moral.

Um caso brasileiro ilustra esse ponto: Uma jovem teve uma festa de aniversário. Sua família e seus amigos reuniram-se e houve um tempo de alegria. No dia seguinte, ela foi atropelada por um caminhão e morreu. Onde estava Deus? Um tio dela tornou-se ateu naquele momento.

O filho recém-nascido de Davi morreu. A morte foi lançada na conta de Davi, mas por que a *criança* foi tratada daquela maneira. A criança, porventura, era culpada? Há mortes de crianças que não podemos lançar na conta do pecado. Deve haver alguma outra coisa em operação. A morte de uma criança é uma instância pungente do problema do mal.

O artigo sobre o *Problema do Mal* apresenta argumentos e razões a respeito do *porquê* do sofrimento humano.

II. *A Morte de Crianças.* A morte de uma criança nos deixa chocados. Tendemos a ficar amargurados diante da morte de um pequenino. D. Scott Rogo fez muitas pesquisas a respeito da questão, e coletou várias experiências de quase-morte que envolveram crianças. Também coligiu visões de crianças antes de morrerem. Ele concluiu que existem elevados poderes espirituais que cuidam de crianças, e elas se vão deste mundo em felicidade e alegria. Ele declarou: "Esses estudos ajudaram-me a não ficar tão amargurado diante da morte de crianças". Apesar de isso ser bonito, muitas pessoas deixam de derivar consolo de estudos feitos por outras pessoas. A morte de uma criança, para sua mãe, permanece uma experiência muito amarga, um golpe esmagador.

Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, apresento artigos sobre *Experiências Perto da Morte*, e, pelo dr. D. Scott Rogo, *O Mundo Psíquico de Crianças Moribundas*, que é o décimo artigo do artigo geral intitulado *Parapsicologia*.

Por que as Crianças Morrem?

1. Em muitos casos, não podemos descobrir uma razão para tais eventos. Não encontramos pecados envolvidos na criança ou em seus pais que expliquem essas mortes. Dizemos, então: "Seja feita a vontade de Deus", mas isso é vago demais para nos satisfazer.

2. Em alguns casos, pode haver julgamento contra o pecado. Mas isso deve ser a grande minoria dos casos de morte infantil, considerando quão comum ela é. Davi pensou que seu filho recém-nascido tinha morrido por causa de seu ato de adultério. Mas perguntamos: E que dizer sobre a *criança*? Por que a criança de Davi foi tratada daquele modo? Seria ela culpada de algum crime hediondo? Pode o destino brincar tão superficialmente com uma criança, no tocante à sua vida, por causa do pecado de seus pais? Os discípulos de Jesus pensaram que certo homem, cego de nascença, tinha assim nascido por causa de algum pecado dele mesmo ou de seus pais (João 9). Naquele caso particular, segundo disse Jesus, não estava em pauta pecado algum. Antes, havia um propósito de Deus (algo positivo) que estava sendo operado no cego. Assim pode acontecer, por igual modo, na morte das crianças. Somente Deus sabe quais propósitos podem estar envolvidos.

3. A Igreja Ortodoxa Oriental ensina a *preexistência da alma* e encontra na eternidade passada (na história da alma), razões para muitas acontecimentos funestos entre as crianças, inclusive o caso de mortes de crianças ou de adultos, quando tais mortes tomam deste mundo a vida de uma pessoa, *antes* que sua tarefa de vida esteja terminada. Essa é uma idéia razoável, que não

pode ser desprezada negligentemente. Ver sobre a *Origem da Alma*, no artigo chamado *Alma*, em sua seção I, no *Dicionário*.

4. Algumas pessoas fazem da *reencarnação* parte das experiências de vida da alma preexistente. Provi um artigo detalhado sobre esse assunto, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Os que se apegam a essa idéia vêm, em vidas anteriores, as razões para a morte de uma criança na vida atual. A reencarnação, embora rejeitada emocional e calorosamente por muitos cristãos, é uma questão que precisa ser investigada, e não rejeitada, à base de dogmas. Ela pode prover respostas inesperadas para certos problemas difíceis.

5. *Caos*. Alguns supõem que haja um *estado caótico* neste mundo, e muitas coisas que acontecem são desesperadas e desprovidas de razão. Alguns radicais defendem essa teoria tão fortemente que acreditam que perdemos tempo ao investigar o problema do mal em geral, e a morte de crianças em particular. Admitamos simplesmente que vivemos em um mundo terrível e hostil, e topamos constantemente com tragédias irracionais, que fazem parte da própria natureza do ambiente em que vivemos. Paulo admite a existência de caos no mundo, no terceiro capítulo de Romanos, mas vê até nisso um fator que força os homens a buscar a Deus. Seja como for, há boas evidências para afirmar que, se o caos existe, não é o poder que governa esta vida. Há poderes mais altos em operação.

6. *O Caos Transformado em Propósito*. Alguns estudiosos supõem que, na qualidade de pessoas criativas, podemos transformar o caos em eventos dotados de propósito. Esses eventos não são caóticos por si mesmos. Mas podemos transformá-los em acontecimentos caóticos mediante nossas reações. Para tanto, contudo, é preciso mais poder que a maioria das pessoas possui.

7. Temos de manter fé no amor e nos propósitos de Deus, e algumas das sugestões dadas acima fornecem meios para aplicarmos esses princípios. Se Deus tem consciência e está preocupado até com a queda de um humilde pardal, então por certo Ele se preocupa com todas as crianças. Ver Mat. 10.29-31.

III. *Que Dizer sobre a Alma da Criança que Morre?* Ela estará salva? Será enviada a o inferno? Será enviada ao limbo? Será reencarnada? Provi detalhado artigo sobre esse assunto, pelo que não entro em detalhes aqui. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos*. Esse artigo provê oito respostas possíveis a esse dilema.

11.1

Davi envolveu-se em oito guerras separadas durante um período de dezenove a vinte anos, a fim de consolidar seu reino e obliterar os inimigos ou confiná-los, a fim de deixarem de ser ameaças contra Israel. Ver as notas sobre isso no fim dos comentários sobre o capítulo 10 deste livro.

Este versículo mostra-nos as oito guerras. Tendo derrotado os mercenários sírios que os amonitas haviam contratado para ajudar a enfrentar Davi (o que é descrito no capítulo 10 deste livro), Davi deu a seu principal general, Joabe, a tarefa de exterminar os amonitas. Eles eram antigos inimigos de Israel, e o artigo do *Dicionário*, *Amom (Amonitas)*, conta a história inteira. O capítulo 10 fornece detalhes sobre como Davi estava relacionado pelo sangue àquele gente.

O autor sacro poupa-nos dos detalhes sangrentos, informando apenas que Joabe foi altamente bem-sucedido, de modo geral, e especificamente cercou, derrotou e saqueou a principal cidade deles, *Rabá*. Quanto a detalhes sobre esse lugar, ver o artigo com esse nome, no *Dicionário*. Se os reis lideravam suas forças às batalhas, naqueles dias, pois os reis vassalos usualmente eram os mais poderosos militares, Davi, entretanto, permaneceu em Jerusalém, a fim de cuidar dos negócios do reino. Ter Joabe na frente de batalha era tão bom quanto estar ali em pessoa.

Decorrido um ano. “Literalmente... no fim do ano. Isso se refere a II Sam. 10.14. Joabe tinha passado o inverno ou a estação chuvosa em Jerusalém. Agora, porém, retornava a Amom. Davi evidentemente tinha apressado sua campanha contra Hadadezer, para impedi-lo de juntar forças com seus aliados, e Joabe, muito provavelmente, tinha sido enviado, a princípio, com apenas uma pequena força para manter os filhos de Amom sob controle... o grosso do exército agora foi com Joabe” (Ellicott, *in loc.*).

Está em foco o mês de adar (fevereiro). Visto que nesse mês terminava o período chuvoso, o mês seguinte, nísá, era uma boa ocasião para iniciar campanhas militares.

Rabá. Ver a respeito desta cidade no *Dicionário*. Essa era a capital dos filhos de Amom, e atualmente a moderna cidade de Amã marca o local. Ficava cerca de 36 quilômetros a leste do rio Jordão, no deságuaço do wadi Amman.

11.2

Andava passeando no terraço da casa real. O palácio de Davi ficava em uma colina, de onde ele via o restante da cidade, e daquela elevada posição podia

olhar e ver os quintais de outras habitações. “O novo palácio de Davi, na colina oriental, dominava a vista das casas lá embaixo” (George B. Caird, *in loc.*).

Se a casa de Urias fosse como as casas típicas da Palestina, então havia um pátio central em torno do qual os edifícios eram construídos. Esse pátio era aberto para o céu, e alguém que estivesse em posição elevada veria tudo quanto acontecesse dentro dele.

“Uma tarde, desassossegado em seu leito, Davi levantou-se, foi para o terraço do palácio e dali observou Bate-Seba, a esposa de seu vizinho, Urias, tomando um banho ao ar livre” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

É provável que Davi, no fim da tarde, tenha ido para o terraço de seu palácio para relaxar ou tomar uma sesta, e, naquele momento, presenciou o espetáculo inesperado. A mulher era de incontestável beleza física, e Davi, cansado da batalha e em um período de relaxamento, não pôde resistir à tentação.

11.3

Davi mandou perguntar quem era. Devemos entender que Davi havia construído recentemente o seu palácio, ou que Urias e sua esposa recentemente se tinham mudado para perto do palácio. Isso aconteceu porque Davi não sabia quem ela era, embora, como fosse óbvio, conhecesse Urias, um de seus principais guerreiros. Davi mandou investigar o caso e logo soube quem era a mulher. Foram-lhe dados completos detalhes, incluindo o fato de que ela era uma mulher casada e exigiria o respeito dele. Quanto aos nomes próprios que aparecem neste versículo, ver o *Dicionário*.

Eliã. Em II Sam. 23.34 temos a informação de que este homem era filho de Aitofel. Considerando o que Davi tinha feito com sua neta, compreendemos a hostilidade posterior de Aitofel contra Davi, e como ele tomou o lado de Absalão na disputa pelo poder.

Urias. Este era um dos combatentes estrangeiros que servia a Davi e ocupava elevada posição no exército de Israel (ver II Sam. 23.39). O homem, sem dúvida um convertido à fé dos hebreus, tinha-se casado com uma mulher de Israel, Bate-Seba. É possível que Urias originalmente fosse um *ger*, um perambulador que eventualmente se tornou uma cidadão pleno de Israel. As regras que se aplicaram posteriormente na época de Neemias e Esdras, sobre os estrangeiros e sobre o casamento, ainda não estavam em vigor. Urias era um dos trinta soldados da elite de Davi (ver II Sam. 23.39).

O heteu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hittitas, Heteus*.

Talvez a intenção original de Davi fosse incorporar a mulher ao seu harém. Por onde quer que ele fosse, aumentava o número de mulheres que o serviam e se deitavam com ele. Mas, mesmo quando descobriu que ela era uma mulher casada, isso não o impediu de manter relações sexuais com ela.

A parte mais lamentável da história foi que Urias era um dos trinta guerreiros de maior capacidade e de confiança de Davi, e nem mesmo esse fato fez parar as intenções e os atos de Davi. Isto posto, ele traiu alguém que o servia por tanto tempo e com tanta lealdade, e que, por várias vezes tinha arriscado a própria vida pelo rei. Quanto a detalhes, ver os vários artigos no *Dicionário*, sobre os nomes próprios.

11.4

Enviou Davi mensageiros, que a trouxessem. Davi não perdeu tempo. Embora informado de que a mulher era casada, e a despeito de saber que era esposa de Urias, ele a mandou buscar imediatamente. A natureza virulenta de seu crime foi demonstrada pela frieza com que ele agiu, contra toda a razão e contra toda a propriedade. Se o rei lhe está chamando, você irá; portanto, Bate-Seba foi. Ela não tinha escolha. Portanto, o que Davi fez foi violência sexual. É difícil imaginar que ela não tenha protestado. Ela se rebelou, mas Davi estava inclinado ao mal. Embora ele talvez tivesse quarenta mulheres em seu harém, na oportunidade, aquela mulher em particular tinha de ser dele: aquela mulher proibida foi exatamente a que ele quis ter como sua.

O autor sagrado ousou contar aqui exatamente como a história aconteceu. Ele não a distorreu (conforme se vê em I Sam. 13.14), nem omitiu coisa alguma (como na passagem paralela de I Crô. 20.1-3). Davi, um grande homem, tinha grandes vícios. Ele possuía grande força e grandes fraquezas. Seu ato para com Bate-Seba tem sido comentado com horror em lições de escola dominical, sermões e textos escritos. Ele cometeu um erro inacreditável. E haveria de praticar um crime ainda pior. Faria com que Urias, seu fiel companheiro de armas, fosse assassinado! O pecado estava em franca progressão em sua vida: de espiar, para inquirir, para forçar a mulher e para matar o marido dela.

Alguns comentadores tentam diminuir a culpa de Davi com observações como: “Bate-Seba não deveria estar-se expondo aos olhares de outros”. A pobre senhora não sabia, contudo, que algum *voyer* a observava do alto do terraço do palácio real! Alguns (como Eugene H. Merrill, *in loc.*) chegou mesmo a lançar a culpa

sobre ela. Disse ele: "Bate-Seba, sabendo da proximidade de seu pátio do palácio real, *provavelmente* abrigava designios interiores para com o rei". Isso significa, conforme suponho, que Bate-Seba provocou *propositadamente* o ataque de Davi e se alegrou quando ele avançou. Mas tal idéia é por demais absurda para ser levada a sério. John Gill, normalmente um venerável comentador, supôs que Bate-Seba não tenha sido forçada, mas consentiu com todo o processo! É melhor dizer, porém, que a corrupta natureza humana algumas vezes prevalece sobre o melhor dos homens.

Alguns pensam que o banho que Bate-Seba tomou seja aquele referido em Lev. 15.19, uma purificação das poluições menstruais, mas não há informação bíblica que o confirme, nem isso faz parte da história ou tem alguma importância. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

Os tanques de água para banhos não eram mantidos no interior das casas, mas nos pátios. Portanto, Bate-Seba teve de tomar seu banho ali.

11.5

Estou grávida. Algum tempo se passou, e a notícia terrível chegou: Bate-Seba estava grávida. Provavelmente houve outros encontros com o rei, que não ficaram registrados, pois a gravidez raramente ocorre de um único encontro. Temos de compreender que Urias estava fora o tempo todo (ver o vs. 6 deste capítulo), pois, de outro modo, poderia ter sido natural para ela supor que o agente de sua gravidez fosse seu marido, e não Davi. Por outra parte, as mulheres parecem saber quem é o indivíduo "culpado", quando há mais de um companheiro sexual. Nesse caso, contudo, não havia dúvidas, porquanto Urias, cumprindo seu dever como era usual, estava lutando na guerra, ao lado de Joabe, contra os amonitas (conforme aprendemos no vs. 1 deste capítulo).

As notícias da gravidez de Bate-Seba fizeram Davi esquematizar um plano. Em primeiro lugar, ele mandou buscar Urias, para tentar transferir a culpa para ele, supondo, naturalmente, que haveria sexo entre marido e mulher. Mas tendo esse plano falhado, Davi simplesmente ordenou um plano diabólico no qual Urias sucumbiria diante do inimigo. Não podemos imaginar um homem agindo daquela maneira, mas Davi estava mergulhado na degradação, e nunca se recuperaria disso, nem de seus tremendos efeitos.

Davi não permitiria que seu pecado fosse "desmascarado", pelo que qualquer medida era aceitável naquele momento. E também seria difícil para Bate-Seba se fosse descoberto que ela havia cometido adultério, mesmo que seu companheiro de sexo fosse o próprio rei. De acordo com as provisões da lei mosaica, ela poderia ter sido executada por apedrejamento. De fato, *ambos* os adúlteros teriam sido punidos com o apedrejamento (ver Lev. 20.10). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Apedrejamento* e *Adultério*.

11.6

Manda-me Urias, o heteu. Este estava engajado, sob as ordens de Joabe, na guerra contra os filhos de Amom. Era um dos mais poderosos homens de Davi, pertencente a um grupo de tropas de elite de trinta e sete guerreiros (23.39). Estivera com Davi desde os dias em que este fugia de Saul, temendo por sua vida. Agora, porém, Urias seria sacrificado sobre o altar da loucura de Davi. O primeiro plano foi simplesmente enviá-lo para casa, na suposição de que ele faria sexo com sua esposa, e então poderia ser responsabilizado pela gravidez.

Mas Davi esquecera de Yahweh, ou seja, seu Juiz Final. Haveria uma prestação de contas.

*Este é o mundo de meu Pai,
Que eu nunca me esqueça disso:
Que embora o erro pareça tão forte,
Deus continua sendo o governante.*

(De um hino de Maltbie D. Babcock)

Davi tentou legitimar a gravidez, mas as coisas não operariam como ele tinha planejado. Agora, ele teria de apelar para medidas mais drásticas.

De Rabá a Jerusalém distavam apenas 103 quilômetros, mas essa era uma grande distância para os antigos, pelo que um homem que estivesse na guerra não retornaria para casa a menos que houvesse uma razão muito especial. Ver o vs. 1 deste capítulo quanto à cena da batalha, e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Rabá*.

11.7

O plano ardiloso de Davi foi perguntar a Urias como iam as coisas na frente de batalha. Provavelmente não ocorreu a Urias que era estranho que ele fosse chamado para prestar tal informação. "Davi pareceu estar meio perdido sobre o que diria a Urias. Essas perguntas eram banais e poderiam ter dado a Urias, com justiça, causa para suspeitas... Davi, sem dúvida, recebia informes diários sobre o progresso da guerra" (John Gill, *in loc.*).

11.8

Davi ordenou que Urias fosse para casa e até "bondosamente" enviou-lhe um "presente", que algumas traduções definem como uma provisão alimentar. Supostamente, Urias teria uma refeição romântica, à luz de velas, e então o sexo que se seguiria armaria o palco para a suposição de que *ele* era o pai da criança que estava a caminho.

Presente. Assim dizem a Revised Standard Version e nossa versão portuguesa, embora a King James Version diga uma "porção de carne". A nossa versão portuguesa, entretanto, prefere ficar com a tradução literal, "presente". Gên. 43.34 usa a mesma palavra que este versículo e evidentemente indica que foi enviado algum prato escolhido. Urias estava sendo honrado pelo rei. Mas a cena toda foi uma farsa.

"... um prato delicioso, para comer com sua esposa antes de ir para a cama, para excitá-lo ainda mais o desejo por ela. Esse acepipe consistia, de acordo com Abarbanel, em pão, vinho e carne" (John Gill, *in loc.*).

Nesse ponto do drama, Davi não tinha a intenção de matar Urias, nem tentaria trazer Bate-Seba para seu harém. Davi simplesmente queria resolver o "problema da gravidez". As coisas estavam indo de mal a pior, e acabariam em assassinato.

11.9

À porta da casa real. "Provavelmente na câmara da guarda, na entrada do palácio. Cf. com I Reis 14.27,28" (Ellicott, *in loc.*). Havia guardas estacionados para vigiar o palácio à noite. Urias usou um dos apartamentos dos guardas como lugar para dormir.

E não desceu para sua casa. Urias, sentindo que se estava furtando de seu dever como soldado, concluiu que não seria apropriado descer à sua casa e desfrutar de tempo com sua mulher, enquanto outros soldados estavam em Rabá arriscando a vida pelo reino. Assim, em vez de ir para casa, ele dormiu com os servos do rei, em abjeta humilhação. "O senso de lealdade de Urias por seus camaradas prevaleceu sobre o desejo por sua esposa" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ele nem ao menos saiu dos recintos do palácio real.

*Haveria eu de ser levado aos céus,
Nos canteiros floridos do lazer,
Enquanto outros lutam para ganhar o prêmio,
E velejam através de mares sangrentos?*

(Isaac Watts, em um hino)

11.10,11

O Primeiro Plano de Davi Falhou. E logo ele soube por quê. Urias tinha um senso incomum de dever e propriedade. Até a *arca bendita* do pacto continuava abrigada em uma tenda portátil (ver II Sam. 7.2), e muitos em Judá e Israel ainda não tinham habitações mais sólidas, mas abrigavam-se em tendas. Os soldados que cercavam Rabá (Joabe e os demais) dormiam em campo aberto. Considerando tais condições, Urias julgou impróprio para ele, como membro das tropas de elite de Davi (II Sam. 23.39), desfrutar de uma vida doméstica pacífica e prazeres físicos com a esposa. O rei havia ordenado que Urias fosse para casa (vs. 10), mas seu coração estava entregue a uma ordem superior. Urias tinha percorrido os 103 quilômetros desde Rabá à capital e precisava de descanso. Teria sido ótimo ir para casa e descansar *ali*. Mas Urias preferiu a humilde casa da guarda e deitar-se no chão. O coração e a consciência de Davi devem ter palpitado diante de tal demonstração de dedicação e lealdade, enquanto, a todo o tempo, ele planejava um horrendo esquema contra Urias, o homem de suprema devoção. "Aquele reação de Urias deveria ter ferido Davi na consciência, mas sua consciência estava tão amortecida pelo pecado que o único efeito foi conduzi-lo a meios ainda mais baixos de ocultamento do pecado" (Ellicott, *in loc.*).

11.12,13

Outro Plano. Davi percebeu que a dedicação de Urias à causa do reino era tão grande que nada o convenceria a voltar para casa. Não sabemos dizer por que Davi simplesmente não *ordenou* que ele fosse para casa, de modo que não pudesse ser desobedecido. Aparentemente, Davi estava tentando mostrar-se "diplomático" acerca da questão. Davi agiu como se estivesse enviando Urias de volta à frente da batalha, onde deveria permanecer, mas demorou-se a mandá-lo por mais um dia. Seu plano era fazer Urias embebedar-se, para que, nessa *condição*, com a vontade enfraquecida (conforme Davi pensava), ele procuraria sua casa e sua esposa. De fato, Davi conseguiu fazer o homem embebedar-se, ao comer com ele no palácio; mas, mesmo *nessas condições*, Urias, uma vez mais, dormiu na casa da guarda, e não voltou para casa. Mesmo intoxicado pelo

excesso de vinho, Urias reteve sua leal determinação. O autor sacro poupa-nos, no relato, de saber quão irado Davi deve ter ficado, mas podemos ter certeza de que ele perdeu toda a paciência com a diplomacia e passou à abordagem direta: o *homicídio*.

11.14

Pela manhã Davi escreveu uma carta a Joabe. Quase não podemos acreditar no que lemos neste e nos próximos versículos. Pois não somente Davi enviou uma carta, dando orientações a Joabe sobre como fazer com que Urias fosse morto, mas também usou Urias como o portador da carta: “Isso foi o cúmulo da traição e da vilania” (Adam Clarke, *in loc.*). Foi assim que Urias transportou seu seguro de morte. Urias levou sua própria e injusta condenação.

Uma História Paralela. Belerofon era filho de Glauco, rei de Efira. Ele estava visitando o rei Proetus, rei de Argives. Esse homem tinha uma bela esposa, a rainha Estenoboea, que se apaixonou pelo visitante Belerofon e fez avanços amorosos. Mas ele a recusou de forma terminante. Isso a enfureceu, pelo que ela o acusou falsamente perante o marido, dizendo que Belerofon tinha tentado seduzi-la. Proetus resolveu não matar o homem em sua própria casa, o que teria sido uma violação das regras da hospitalidade e teria irado o rei Glauco, provocando uma guerra. Portanto, Proetus enviou Belerofon como portador de uma carta a Jobates, rei da Lícia, que era pai de Estenoboea. A ordem dada ali era a de matar o homem, por causa de sua alegada tentativa criminosa contra a rainha. Mas, em lugar de matá-lo, ele o enviou em um ataque perigoso e sem solução contra um poderoso povo chamado solimi. Para surpresa de todos, porém, Belerofon obteve notável vitória. Vendo isso, Jobates enviou-o a outras missões igualmente perigosas e impossíveis. De cada vez, porém, Belerofon surpreendia a todos mediante suas notáveis vitórias. Jobates, pois, chegou a perceber que Belerofon era homem valioso demais para morrer. Portanto, entregou-lhe como esposa uma de suas filhas. Isso o manteve próximo para outras expedições militares. A maldosa Estenoboea ouviu o que tinha acontecido e suicidou-se!

Da história de Belerofon foi que surgiu o provérbio que diz: “Bellerophontis literas portare”, ou seja “levar a própria condenação”. Essa história foi contada por *Apolodorus de Deorum Orig.*, 1.2, parte 70.

Belerofon definitivamente saiu-se melhor do que o pobre Urias.

11.15

Ponde a Urias na frente... da maior peleja. Joabe deveria esperar um momento de dura peleja, em que os exércitos se estivessem entrecrocando e cada soldado estaria dependendo que restante que fizesse a sua parte, a fim de que pelo menos um bom número de soldados pudesse sobreviver. Exatamente quando Urias necessitasse mais de seus companheiros, eles deveriam retirar-se, deixando-o sozinho, a fim de que os filhos de Amom o atacassem em massa, garantindo a sua morte. Naturalmente, esse plano era *assassinato*.

Joabe era o tipo de homem que obedeceria ao amigo devida inteira, a despeito do que ele lhe ordenasse fazer. Também era um parente próximo de Davi, sendo filho de uma meia irmã de Davi, chamada Zeruia (ver II Sam. 2.18). Joabe, como sobrinho de Davi, teria razões adicionais para obedecer-lhe. Ademais, era um homem selvagem e essencialmente destituído de escrúpulos. “Joabe era do tipo de homem que faria qualquer coisa que Davi lhe pedisse, sem perguntas esquisitas” (George B. Caird, *in loc.*). “... o inescrupuloso general obedeceu sem fazer qualquer pergunta” (adaptado de Ellicott, *in loc.*).

11.16

Pôs a Urias no lugar onde sabia que estavam homens valentes. Joabe inventou um esquema eficaz para garantir a morte de Urias. Infelizmente, outros atacantes também seriam mortos, porque o ataque seria próximo demais da muralha de onde seriam atirados misseis, fazendo vítimas fáceis. Mas que importava se alguns poucos outros também morressem, contanto que Urias estivesse entre eles? Davi lamentaria ao ouvir que uma batalha bastante insensata tinha custado a vida de valiosos soldados, mas alegrar-se-ia ao saber que Urias estava entre eles.

Foi desse modo que Joabe se tornou cúmplice de assassinato. Mas, afinal, eram apenas negócios. Os arqueiros sobre as muralhas forçaram Joabe a recuar um pouco, matando alguns pobres soldados israelitas que estavam muito avançados, entre eles, Urias. Portanto, houve mais que um único homicídio naquele dia.

11.17

E morreu também Urias, o heteu. É evidente que isso significa que certo número de homens de Joabe, juntamente com Urias, aproximou-se demais da muralha, e os arqueiros não demoraram a acabar com eles, o que compreendemos examinando, mais adiante, o vs. 20. Davi teria ficado muito infeliz com Joabe se ele não tivesse cuidado sobre uma providência básica: permanecer longe das muralhas. Mas Joabe estava disposto a sacrificar alguns homens, a fim de livrar-

se de Urias, conforme Davi havia ordenado. Sabendo que seu propósito tinha sido cumprido, Davi deixaria de lado a “estupidez” de Joabe. Como é óbvio, Urias não poderia ter ficado sozinho em um lugar tão perigoso. A traição teria sido óbvia demais, nesse caso. Supostamente eles deveriam retirar-se de Urias e deixá-lo vulnerável, mas ao que tudo indica essa parte do plano (vs. 15) não funcionou como esperado.

11.18

E fez saber a Davi tudo o que se dera na batalha. Joabe tinha recebido ordens e agora as cumprira. Davi esperava ansiosamente pelo relatório. O relatório era bom: Urias estava morto. Mas o relatório também tinha um aspecto negativo: outros soldados de Israel haviam morrido, por causa da manobra que fora necessária ser posta em operação.

11.19

O relatado foi cuidadosamente avaliado. Joabe esperava que houvesse desprazer da parte de Davi, em face do que havia acontecido, mas ele também supôs que a ira de Davi seria aplacada quando soubesse que seu objetivo fora cumprido.

11.20

Não sabíeis vós que haviam de atirar do muro? Houve certa lógica na aparente estupidez de Joabe. Nenhum bom general haveria de enviar seus homens até tão próximo de uma muralha, pois ali seriam alvos fáceis dos arqueiros inimigos. Mas Joabe queria que Urias fosse um alvo fácil e dispôs-se a sacrificar alguns soldados escolhidos para que o “trabalho” fosse feito. O rei certamente ficaria ao mesmo tempo desagradado e agradado, mas com Urias fora do caminho ele não faria uma cena por causa da questão.

11.21

Tebes. Ver no *Dicionário* sobre este e todos os nomes próprios que figuram neste versículo.

11.22

Este versículo *sumaria* o conteúdo dos vss. 18 a 21. O mensageiro cumpriu seu dever e apresentou a Davi o relatório decorado. Os versículos seguintes repetem a matéria, conforme dita pela boca do mensageiro. Esse homem tinha uma missão nervosa e potencialmente perigosa. Deveria anunciar notícias más e boas o, e não tinha idéia de como Davi reagiria. Ele poderia matar o homem, conforme fora feito a outros mensageiros (ver II Samuel 1). Ele fez a viagem de Rabá a Jerusalém (103 quilômetros de distância) e deve ter passado grande ansiedade.

A *Septuaginta* tem aqui um texto mais longo, que põe na boca de Davi as perguntas que Joabe pensava que ele diria. Esse acréscimo pinta um Davi muito indignado. Mas sua ira já estava prevista nas respostas decoradas. Alguns eruditos pensam que a *Septuaginta*, quanto a isso, representa o texto original, que algum editor, ao preparar manuscritos em hebraico, abreviou por causa das repetições.

11.23,24

Estes versículos deixam de fora a aproximação demasiada da muralha, mas o fato de que os arqueiros mataram alguns homens, quando se aproximaram, sugere tal coisa. Talvez o mensageiro tenha abreviado o relato na esperança de evitar a ira de Davi, por não dizer-lhe toda a verdade. Seja como for, os filhos de Amom evidentemente lutaram melhor do que se havia antecipado. E muitos mataram ou foram mortos naquele dia. Por enquanto, pois, a batalha favorecia os amonitas, o que talvez continuasse dessa maneira até o tempo em que a história foi contada. Portanto, Davi encorajou o mensageiro a voltar e desafiar Joabe a atos mais bravos de heroísmo, para salvar o dia (vs. 25). Contar com detalhes a Davi quão terrível fora a batalha funcionaria como meio de fazê-lo ficar muito preocupado com as perdas em vidas, sem importar quantas tivessem ocorrido. A guerra é uma coisa *terrível*. aceitemo-la conforme ela é. Com frequência é inútil “esperar o melhor” quando os homens estão lá fora, brincando seu jogo de matar.

11.25

Davi ficou tão comovido com o relatório do mensageiro que, longe de levantar perguntas sobre o que aconteceu, simplesmente encorajou Joabe a fazer o melhor que pudesse. Davi mostrou-se filosófico sobre a questão inteira: “A guerra é assim mesmo. A espada devora a muitos, e é difícil dizer a quem ela devorará em seguida. A espada não escolhe. Simplesmente devora. Portanto, aceita essas grandes perdas com bom espírito”. A *verdade* da questão, porém, era que Davi

estava antes *tremendamente aliviado com a morte de Urias*. E que importava se tantos outros também tinham morrido?

O que *importava agora* era que Joabe demonstrasse suas brilhantes habilidades como guerreiro e revertesse a maré da batalha derrotando os amonitas de uma vez por todas. Isso daria a Davi sua *oitava* vitória na guerra, conferindo-lhe o controle total sobre a Palestina. Os inimigos que ele não obliterou, conteve em áreas restritas. Quanto a isso, ver o comentário no final do capítulo 10 de II Samuel.

A espada devora "tanto oficiais quanto meros soldados; tanto os fortes quanto os fracos; tanto os valentes e corajosos como os timoratos. Os eventos da guerra são variegados e incertos, e devemos submeter-nos a eles, em lugar de revoltar-nos... O coração de Davi estava endurecido por causa do pecado, pelo que ele desprezou a morte de seus soldados" (John Gill, *in loc.*).

"Que abominável hipocrisia temos aqui!" (Adam Clarke, *in loc.*).

11.26

Ela o pranteou. Os comentadores geralmente zombam das lamentações de Bate-Seba como se esse lamento não fosse real. Não nos são fornecidos detalhes, mas podemos ter certeza de que ela estava muito triste diante de tudo quanto aconteceu, e que, finalmente, causou morte de seu marido. Sem dúvida haveria remorso pelo resto de sua vida, embora a situação lhe tivesse sido imposta. Em minha opinião, Adam Clarke está completamente equivocado quanto a seus comentários: "Ela derramou lágrimas com relutância e forjou lamentações de um coração relutante".

O período usual de lamentações era de *sete dias* (Gên. 1.10; I Sam. 31.13). Algumas vezes, as viúvas lamentavam aos maridos por mais tempo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lamentação*, cuja seção III dá detalhes sobre os modos e os costumes.

11.27

Passado o luto, Davi mandou buscá-la. Davi não perdeu tempo. Presumimos que imediatamente após os sete dias de lamentação, ele mandou buscar Bate-Seba para seu palácio, e então ela se tornou membro de seu harém. Muitas pessoas devem ter suspeitado de alguma coisa, e provavelmente a maioria soube que o filho era de Davi, quando a criança nasceu. Urias estava morto. Davi e Bate-Seba estavam felizes. Mas *Yahweh* estava indignado. Uma retaliação haveria de ocorrer. Entrementes, podemos estar certos de que o coração endurecido de Davi começara a amolecer, quando ele, pouco a pouco, passou a perceber as coisas terríveis que havia praticado.

Em tempos posteriores, certa viúva lamentou-se por noventa dias (ver *Mish. Yebamot*, cap. 11, sec. 6), mas parece que há muito isso deixara de ser costume, nos tempos de Davi. Talvez ele tenha esperado mais de uma semana para fazer as coisas parecer normais, enganando as pessoas acerca da questão.

De acordo com a legislação de Lev. 20.10, Davi e Bate-Seba deveriam ter sido executados, mas podemos ter certeza de que, mesmo que os crimes de Davi fossem conhecidos, ele teria sido poupado. No momento, ninguém poderia tocar em Davi, cuja estrela estava em ascendência. Mas eventos que o próprio Davi pusera em movimento acabariam por apanhá-lo, em um final que assinalaria sua vida com remorso, enquanto ele vivesse.

Capítulo Doze

A *história de Davi e Bate-Seba* começa em II Sam. 11, pelo que a introdução aparece no começo do capítulo 11. Quanto a uma completa compreensão das implicações da história, consultar aquele material, que inclui importantes questões teológicas. Ver também, nos comentários ao capítulo 17 de I Samuel, os gráficos. "Genealogia de Davi, desde Abraão" e "Tabela Genealógica da Família de Davi", para maiores esclarecimentos a respeito.

As Três Lições Teológicas. 1. O problema do mal; 2. a morte das crianças; e 3. o que acontece à alma das crianças que morrem na infância é abordado em 11.2, que também contém outras notas de introdução à história. Vários artigos no *Dicionário* provêem detalhes adicionais a essas questões.

12.1

O Senhor enviou Natã a Davi. Visto que o rei era também juiz do superior tribunal da nação, nada haveria de estranho em Natã ter ido falar com Davi ostensivamente. O caso era o do próprio Davi, mas o fato só lhe foi revelado quando ele deu sua opinião franca sobre o homem que agira tão maldosamente, tudo dito como se fosse uma parábola.

O texto ensina-nos que os profetas de *Yahweh* não hesitavam em repreender aos reis, visto que não deviam ter respeito por pessoas. Eram os falsos profetas que sempre falavam bem aos reis, pensando assim em ganhar-lhes o favor.

"A famosa parábola da cordeira, narrada por Natã. O profeta demonstrou ter coragem, mas não originalidade. Davi tinha praticado o erro, mas de acordo com os padrões da época. Posteriormente, Natã tornou-se um apoiador ativo de Bate-Seba (ver I Reis 1.5-11)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

"Essa história é uma obra-prima de sentimentos e piedade. Assemelha-se às parábolas de Jesus como um instrumento eficaz para perturbar a consciência e produzir arrependimento" (Ganse Little, *in loc.*).

Natã. Quanto a notas completas sobre ele, ver o artigo no *Dicionário*.

12.2

Tinha o rico. A parábola de Natã foi simples, direta e óbvia. Mas Davi, endurecido em seu pecado, precisou que alguém a explicasse. Seu senso espiritual havia sido amortecido por seus atos degradantes. *Dois homens* (vs. 1) formavam a base da história, um deles rico e poderoso, e outro pobre e fraco. O rico era o próprio Davi. O pobre era Urias, vítima de Davi. Contrastes violentos haveriam de destacar a incrível depravação dos atos violentos de Davi.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Parábola*, bem como o artigo maior sobre o mesmo assunto na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Gado em grande número. As riquezas, antigamente, compunham-se, pelo menos em parte, de animais domesticados e grandes plantações e, em alguns casos, quase exclusivamente de coisas assim. Aquele homem rico também tinha muita prata e ouro, e outras formas de riquezas, embora Natã não se tenha importado em mencionar.

Além de todo o seu gado, terras e ouro, aquele homem rico também tinha um grande harém. O artigo sobre *Davi*, no *Dicionário*, ilustra esse fato. Por onde quer que Davi fosse, adicionava mulheres a seu harém; assim sendo, ele era "geograficamente" enriquecido em todos os seus movimentos. Naqueles tempos, ter muitas mulheres era sinal de prestígio e riqueza, como é, em certa medida, até hoje. No mormonismo, que praticou a poligamia no século XIX, várias mulheres eram permitidas aos que pudessem assumir a responsabilidade de ter várias famílias, e isso só podia acontecer se um homem possuísse muito dinheiro. O resultado disso era que a maioria dos mórmons não praticava a poligamia, por razões financeiras, mesmo que não houvesse outra razão. As mulheres, naturalmente, não tinham direitos equivalentes.

12.3

Mas o pobre não tinha coisa nenhuma. Isso formava um violento contraste que atingia o pobre em todas as coisas. Ele não tinha terras, nem rebanhos, nem ouro. Tinha apenas uma possessão significativa: uma excelente cordeira, que na parábola representa *Bate-Seba*. Alguns intérpretes, por isso mesmo, supõem que os vastos rebanhos de Davi representavam suas *muitas esposas* na parábola. A cordeira crescera com ele, ou, em outras palavras, era uma possessão vitalícia, e, portanto, muito amada. Isso pode significar, se aplicarmos estritamente cada detalhe da parábola, que Urias e Bate-Seba se tinham conhecido fazia longo tempo, talvez desde a infância, e então, finalmente, se casaram. Fazer violência a *esse tipo* de relacionamento era algo especialmente maligno, foi a mensagem de Natã. Essa cordeira era como uma filha e compartilhava de todos os aspectos da vida dele, comendo de sua mesa, bebendo de seu copo e até deitando-se com ele na mesma cama.

Essas várias expressões referem-se "... aos cuidados, à gentileza, ao amor e à ternura de um marido carinhoso, cujos afetos... tinham feito sua esposa uma participante de tudo quanto ele possuía" (John Gill, *in loc.*). Bochart (*Hierozoc*, parte 1.12, cap. 46) dá exemplo de casos em que cordeiros eram, realmente, tratados de maneira especial, como bichinhos de estimação.

"Eles cresceram juntos. Todas essas circunstâncias são estranhamente misturadas para aumentar a pena do ouvinte quanto ao indivíduo *oprimido*, e fazer crescer sua indignação contra o *opressor*" (*Speaker's Commentary*).

12.4

Vindo um viajante ao homem. O rico era tão ganancioso e tão pão-duro que, quando recebeu um visitante e teve a responsabilidade de alimentar e cuidar dele por algum tempo, não se dispôs a tomar uma sequer de suas cordeiras, dentre seus vastos rebanhos, mas sacrificou a única ovelha do homem pobre. Isso fala do adultério e do assassinio praticado por Davi, atos incompreensíveis de ganância e malignidade. Por assim dizer, ele havia matado tanto Bate-Seba quanto Urias.

Alguns estudiosos pensam que o viajante seja o próprio Satanás. Foi por causa dele que Davi cometera todas aquelas monstruosidades, mas isso parece ser ver demais em cada detalhe da parábola. Outros acreditam que o viajante tenha sido uma *má imaginação*, um coração depravado, apetites de concupiscência etc.

Davi tinha muitas esposas e concubinas. Quando desejou Bate-Seba, poderia ter escolhido uma ou mais delas para satisfazer seus desejos. Pelo contrário,

estendeu a mão e apanhou a cordeira única de Urias. Natã salientou que Davi não tinha nem necessidade e nem direito de procurar Bate-Seba. Ele já era um homem de grandes excessos sexuais, e não havia limite para o número de mulheres que pudesse ter legalmente e com a aprovação de todos os homens que *admirassem* um harém numeroso.

12.5

Então o furor de Davi se acendeu. Isso aconteceu quando ele ouviu a parábola contada por Natã. Até aquele momento, a mente de Davi estava por demais embotada para compreender que Natã falava sobre o *próprio Davi*, o tempo todo. Assim, com grande indignação, o rei pronunciou a execução do rico. Ele merecia a morte e deveria morrer! Talvez Davi passasse a sentença sobre o homem em uma corte de justiça (I Sam. 26.16). O mais provável, ainda, é que saísse atrás do homem pessoalmente, ou enviasse seus melhores soldados para despedaçá-lo. De acordo com a lei, uma *ovelha* furtada ou morta tinha de ser substituída por *sete vezes* (conforme determina a Septuaginta), ou por *quatro vezes* (conforme determina o Antigo Testamento no original hebraico, em Êxo. 22.1). Mas Davi, como rei, poderia decretar qualquer punição que achasse justa. Ele não estava atrás de *restauração*. Ele queria o homem morto.

"Quão facilmente nosso ressentimento acenddfesae-se em casos de injustiça óbvia... que não dizem respeito, diretamente, à nossa própria segurança, orgulho ou posição, ou nossos próprios desejos egoístas? Quão facilmente, todo o tempo, praticamos nossas próprias formas de injustiça!" (Ganse Little, *in loc.*). O temperamento fogoso de Davi imediatamente fez acender sua ira, conforme por muitas vezes aconteceu com ele (ver I Sam. 25.13,22,33); e, no entanto, ele não estava irado consigo mesmo, o *ofensor* da parábola. Ele estava ansioso para dirigir seu desprazer contra *outra* pessoa. Assim, externamente, desculpamos em nós mesmos o que condenamos, com *veemência*, em outras pessoas.

12.6

Peia cordeirinha restituirá quatro vezes. Além de ser *executado*, o homem também faria restituição ao pobre, quanto ao que ele perdera, ou seja, *quatro vezes mais*, conforme requeria a lei (Êxo. 22.1). Em outras palavras, Davi providenciaria para que fosse feita justiça completa, chegando mesmo a ultrapassar a lei. Kimchi observou que o número aqui usado, no hebraico, é *dual*, e isso poderia significar o dobro do que a lei exigia, ou seja, *oito vezes mais*. Os hebreus duplicavam o número dual até que viesse a significar sete. Portanto, dois significava quatro; quatro significava oito; cinco significava dez etc.

A Perda de Crianças. Os intérpretes judeus salientam que Davi perdeu exatamente *quatro filhos*, por meios violentos e morte prematura, a saber, o filho que nasceu de Bate-Seba; Amnom; Tamar; e Absalão. Ben Gerson substituiu Tamar, uma filha, por Adonias, preservando assim o número quatro e fazendo todos eles filhos homens.

12.7

Tu és o homem. Esta é a interpretação direta da parábola. De súbito, o coração endurecido e embotado de Davi foi iluminado pela interpretação direta da parábola. O homem ofendido era Urias; o ofensor era Davi; a cordeira era Bate-Seba. O truque de Davi de súbito assumiu terrível *aura*. Tudo quanto ele havia feito era a forma mais crassa de depravação. Ele havia quebrado dois importantes mandamentos. Ver sobre os *Dez Mandamentos* no *Dicionário*.

Bondade Esquecida. A fim de prover um pano de fundo para sua denúncia, Natã repassou diante de Davi tudo quanto Yahweh tinha feito por ele. Fora *Yahweh*, o *Elohim* de Israel, que tinha agido em seu favor. O *Eterno*, o *Todo-poderoso Deus*. Ver esses nomes divinos explicados no *Dicionário*, no artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Deus primeiramente ordenara sua unção para que Davi tivesse poder divino de ocupar o alto ofício de rei (ver I Sam. 16.1,12,13). Isso não foi pouca coisa para um menino pastor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*. E, seguida, quando o poderoso e assassino Saul o perseguiu pelo deserto, Davi foi continuamente livrado da morte, recebendo o poder de superar cada crise com sucesso. Essa foi outra conspicua evidência dos cuidados e do propósito divino.

"Quanto a reprimendas proféticas similares a ofensores reais, ver I Sam. 15.21-23; I Reis 21.21-24; Isa. 7.3-25; Mat. 14.3-5" (Ellicott, *in loc.*).

12.8

Dei-te a casa de teu senhor. Continua aqui a lista das coisas que Deus havia dado a Davi. Por causa desse acúmulo de bênçãos dadas por Yahweh, não haveria fim de suas tribulações. Davi seria chamado a passar por uma grande variedade de testes, medidas punitivas e disciplinadoras, a fim de que ele pagasse por seus pecados. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Embora fosse rei, um poder sobre os homens, Davi não

tinha mais poder do que Deus. Ele teria de pagar de forma adequada pelo que havia feito. Platão disse que a pior coisa que poderia acontecer a um homem era cometer um erro e não pagar por ele. Dessa forma, sua própria alma se corrompe.

Davi tinha agora muitas mulheres, mas com o tempo as perderia para outros. Ele mesmo havia ganhado o harém de Saul. Era prerrogativa de um rei ficar com o harém de seu antecessor (ver II Sam. 16.21,22; I Reis 2.17-25). Que Davi teve o "privilégio" de assim acontecer-lhe, ao tornar-se rei, foi citado pelo profeta Natã como um dos *benefícios* que ele recebera ao tornar-se rei. Portanto, desde o começo ele tivera muitas mulheres e as adicionava continuamente a seu harém; mas nada disso o satisfazia. Ele teve de possuir também Bate-Seba.

E, se isto fora pouco. Se ainda faltasse alguma coisa a Davi, incluindo mulheres, essas poderiam ser-lhe acrescentadas. Mas uma mulher estava fora de seu alcance, exatamente a que ele pensara que poderia ter. Portanto, o desastre lhe sobreviera.

O Antigo Testamento não registra como Davi se apropriou de tudo quanto Saul possuía. Não somos informados sobre alguma transferência de harém. Talvez, já possuindo muitas mulheres, ele preferiu não tomar mais nenhuma. Talvez tenha ficado com algumas poucas mulheres de Saul. Seja como for, toda a casa de Saul, o que sobrevivera dela, tornou-se sujeito a Davi, para fazer como melhor lhe parecesse.

12.9

Por que, pois, desprezaste a palavra do Senhor. Temos aqui a aplicação de tudo. Visto que Davi possuía riquezas e potencial ilimitado, por que ele precisou tomar a *única coisa* que não poderia ser dele? Por que ele mandou que se assassinasse um de seus principais soldados, membro de suas tropas de elite, um dos seus melhores trinta homens (ver II Sam. 23.18,24)? Urias o acompanhara por muitos anos e havia compartilhado de todos os perigos da guerra, quando Davi estava consolidando o seu reino. Ver as notas sobre o fim do capítulo 10, quanto às *oito* guerras que Davi precisou desfechar a fim de consolidar o reino e estabelecer Israel em toda a Palestina. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Urias*, quanto aos muitos anos de serviço altruísta por ele prestado.

Embora conhecesse bem a lei mosaica, Davi havia violado o sexto e o sétimo dos *dez mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele não tinha vivido à altura da luz que possuía. Por causa de ambas as violações, ele deveria ter sido executado. Mas foi poupado da execução porque seu pecado lhe fora *perdoado* (ver o vs. 13). Assim sendo, sua vida foi poupada pelo próprio Yahweh, que tinha o direito de assim fazer, embora os homens nunca admitissem tal coisa. Davi ainda tinha de cumprir uma parte de sua missão, pelo que valia mais para Yahweh (fisicamente) vivo do que morto. Ver sobre o vs. 13.

É verdade que os amonitas é que tinham matado Urias, mas foi o plano astucioso de Davi que provocara o acontecimento, pelo que Davi era o verdadeiro assassino. II Sam. 11.2 ss. descreve a questão com detalhes.

12.10

Não se apartará a espada jamais da tua casa. O rude e violento Davi seria tratado com rudeza e violência, por pessoas de dentro e de fora de sua casa. "Durante a sua vida, e conforme apareceu na matança de seus filhos Amnom e Absalão, antes da morte de Davi, e Adonias, pouco depois, e em sua posteridade, através de guerras com outras pessoas" (John Gill, *in loc.*). Haveria longa sucessão de amargos ais pelos quais Davi teria de passar, que demonstrariam como opera a lei da colheita segundo a sementeira.

12.11

Eis que da tua própria casa suscitarei o mal. O profeta Natã previu dois incidentes. Falou especificamente da revolta da própria casa de Davi, por meio de Absalão, seu filho, que tentou arrebatar-lhe o poder, fazendo-se, ele mesmo, rei. Além disso, esse mesmo filho fez sexo com várias das concubinas de Davi, da maneira mais gritante e pública (ver II Sam. 16.22). Essas calamidades aconteceriam em plena luz do sol, tornando tudo público diante de todos, ao passo que Davi, em seu caso com Bate-Seba, fizera o mal secretamente, procurando ocultar seus feitos atrevidos. A posseção das concubinas era um *signal* de que Absalão, como filho do rei, já estava tomando o reino de seu antecessor. O fato de esse antecessor ser o próprio pai tornava a questão um escândalo público, feito de propósito para debilitar a autoridade de Davi entre o povo de Israel.

Homero, poeticamente, descreveu o sol como "aquele que vê todas as coisas" (*Odyss.* 11, vs. 119; 12, vs. 39). Assim, à luz do sol, todo o povo de Israel veria as desgraças de Davi.

12.12

Porque tu o fizeste em oculto. "... sabej que o vosso pecado vos há de achar" (Núm. 32.23).

Embora os pecados de Davi tivessem sido praticados em segredo e supostamente sem poder, eles se levantariam de seu lugar oculto e marchariam em público para desgraça de Davi. E também trariam com eles todos aqueles acontecimentos miseráveis que Natã havia predito.

"Há um sentido no qual todos os pecados humanos estão em lugares elevados. Deus fez o homem 'por um pouco, menor do que Deus, de glória e de honra o coroa-te' (Sal. 8.5). O homem está infinitamente acima dos animais e, quando peca, inevitavelmente viola a imagem de Deus que há dentro dele... 'Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?' (I Cor. 3.16). Ser alguém humano, e não apenas um animal irracional, já é elevada coisa. Não desista de sua humanidade em prol da satisfação de instintos animais que reverterem o propósito de Deus no homem. Escreva a palavra pecado com *P* inicial maiúsculo. O castigo é grande porque o pecado é grande" (Ganse Little, *in loc.*).

12.13

Pequei contra o Senhor. Davi havia quebrado duas provisões principais da lei mosaica: adultério e assassinio, e isso era punível mediante execução capital. Como rei, ele escaparia da punição, mas não escaparia da intervenção direta de Yahweh, contra quem, em última análise, ele havia pecado.

Davi havia anulado sua dignidade humana e, durante algum tempo, vendara os olhos para o elevado privilégio e para o destino reservado aos homens: "A dignidade humana não é uma palavra vã. Quando um homem não está convencido disso, e nem tenta atingir a condição de sua dignidade, ele se rebaixa ao nível dos animais ferozes" (Lecomte du Nouy, em seu tratado intitulado *Human Destiny*).

Davi exercera as prerrogativas de reis pagãos e esquecera que ser rei de Israel era algo diferente. Ademais, ele havia assaltado a soberania de Deus. 1. Na qualidade de filho de Deus, ele fora desobediente. Não demonstrara amor pelo Pai. Rebelara-se contra as demandas corretas de seu Pai. 2. Ele era um instrumento escolhido da vontade de Deus, mas agira contra seu alto chamamento e esquecera seus privilégios especiais. 3. Ele se mostrara violento em sua conduta para com terceiros, cometendo crimes hediondos contra seu irmão e sua irmã da fé hebraica. Ele havia desconsiderado os cuidados que Deus tem por outras pessoas, e se tornara o centro de toda a Sua atenção. Nisso ele violara a lei do amor ao próximo. Portanto, ele quebrou a própria intenção da lei: o amor a Deus e ao homem (ver Rom. 13.8 ss.). Diariamente, a maioria de nós faz a mesma coisa, embora não envolva males tão óbvios, profundos e malignos. Contudo, diariamente, violamos o espírito tencionado a lei, por falta de amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

Perdão e Vida Nova. O perdão divino foi estendido a Davi e isso o manteve vivo. Ele poderia retomar sua vida e trabalhar na direção de seu destino. Contudo, seus pecados haveriam de caçá-lo até o fim, trazendo uma amarga colheita.

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim.

(Lamentações 3.22)

O adultério poderia ter causado a execução capital de Davi (ver Lev. 20.10), e igual seria o julgamento do homicídio (ver Lev. 24.17). Mas houve a intervenção misericordiosa e amorosa de Deus. A idéia inteira do evangelho é a intervenção divina na vida humana. Isso reflete o *teísmo*, em vez do *deísmo*. Deus cria, é imanente em Sua criação, guia, pune e recompensa, e não abandonando a Sua criação conforme ensina o deísmo. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*.

Muitos eruditos supõem que, após a entrevista com Natã, Davi compôs o famoso Salmo 51, o salmo de arrependimento e de perdão.

"Os pecados de Davi foram hediondos, mas a graça divina foi mais que suficiente para *perdoá-lo e restaurá-lo*" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Pecado* e *Perdão*.

12.14

O filho que te nasceu morrerá. Esta foi a punição imediata. O pecado de Davi fora complicado porque havia dado aos inimigos de Yahweh ocasião de blasfemar contra o nome divino e a fé estabelecida entre o povo hebreu. Seu pecado não foi uma transgressão privada; também foi pública (comunitária) e cósmica, chegando a afetar o nome divino.

"A integridade de Deus é quase irreparavelmente atingida pelo comportamento dos que professam estar dedicados ao seu serviço. Há muito de hipocrisia no argumento do homem secular que critica a igreja por causa dos hipócritas que há nela. Muito tragicamente, porém, a conduta diária de um número muito grande de cristãos torna-os exatadamente isso" (Ganse Little, *in loc.*). Naturalmente, todo homem espiritualmente sério, bem como o que não se mostra sério, é em certo grau hipócrita, porquanto nenhum homem espiritual vive segundo o padrão que estabeleceu para si mesmo, quanto menos de acordo com o padrão divino.

Notemos a diferença nas traduções. Nossa versão portuguesa diz que os *inimigos* de Yahweh é que tinham blasfemado contra Seu santo nome. Mas a verdadeira tradução é a da Revised Standard Version. Foi o próprio Davi quem blasfemara do nome divino. Alguns escribas posteriores não conseguiram resistir à tentação de colocar a blasfêmia de Davi sobre os inimigos dos hebreus. Nossa versão portuguesa, pois, mantém erroneamente a palavra "inimigos".

Talvez o terrível castigo da morte de um filho infante não fosse grande coisa em uma corte oriental, onde havia tantas mulheres e tantos filhos. Mas Davi era um dedicado homem de família, apesar de seus vários defeitos de personalidade, e sentiu agudamente esse castigo, a ponto, provavelmente, de querer morrer em lugar daquele filho (conforme lhe aconteceu, posteriormente, por ocasião da morte de Absalão, II Sam. 18.33).

Três Grandes Problemas Teológicos. Em II Sam. 11.2 (parágrafo de introdução), examinei os três grandes problemas teológicos que essa história sugere: 1. O problema do mal: por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem. 2. A morte das crianças: por que essas mortes ocorrem? Que esperança há quanto a essa questão? 3. Que dizer sobre a alma dos infantes que morrem? Que acontece com ela?

12.15

E a criança adoeceu gravemente. Pouco depois da predição condenatória feita por Natã, o filho de Davi e Bate-Seba adoeceu e nenhuma medida fez diferença alguma (vs. 14); até a oração, naquela oportunidade, foi inútil (vs. 16). Davi passou a noite inteira em oração e jejum. Aparentemente, ele continuou sua oração e jejum por sete dias, até que criança morreu (vs. 18). Parece certo dizer que Davi nunca buscou a Yahweh com tanta diligência, por coisa alguma na vida, como fez pela vida de seu filho. Esse zelo em oração e esse amor por seu filho revelam-nos certas qualidades positivas da espiritualidade de Davi.

Na grande maioria das mortes infantis, não há envolvimento de nenhum pecado, nem dos pais e muito menos da criança (cf. João 9.1-3). Ademais, a grande maioria das crianças que nasce de mães solteiras não morre, como é evidenciado no Brasil, onde quase metade os nascidos origina-se dessas mães. Por conseguinte, é precário tentar estabelecer qualquer tipo de regra geral a respeito das circunstâncias que cercaram o caso de Davi. Minha discussão sobre os três problemas teológicos que a história que temos à frente apresenta, entra em detalhes sobre a questão.

Crescimento Doutrinário. A fé dos hebreus sempre viu punições de pecados nos eventos trágicos. Existem, de fato, tais casos, mas não na grande extensão em que via a fé dos hebreus. Cf. o presente versículo com a maior iluminação refletida em Miq. 6.7: "Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros? de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão? o fruto do meu corpo pelo pecado da minha alma?". Um filho tem o direito de viver. Ele tem um destino inteiramente independente do de seus pais e não morrerá por causa dos pecados deles. Ele é diretamente responsável, diante de Deus, por seus próprios pecados, e terá de satisfazer às demandas de seu próprio destino. Um ônibus repleto de evangelistas, ainda recentemente (1994), no Brasil, sofreu um desastre, e sua carga de gente foi morta, aparentemente de forma desnecessária. Onde estava Deus? Aí temos alguns mistérios, mas devemos continuar confiando no destino. Além disso, na Bíblia, temos o caso de certos galileus que foram mortos por Pilatos, e os pecados deles serviram de explicação, diante do povo judeu. Mas Jesus afirmou que eles não eram pecadores piores que outros homens, e outros homens não sofrem mortes violentas e aparentemente inúteis (ver Luc. 13.2,3). Portanto, muito ainda temos de aprender sobre os *porquês* da vida e da morte, e minhas declarações em II Sam. 11.2 e nos artigos do *Dicionário* que abordam essas difíceis questões tentam lançar alguma luz sobre elas.

12.16

Passou a noite prostrado em terra. Ficamos impressionados diante da misericórdia, da intensidade e do amor de Davi. Ele tinha tantas mulheres e tantos filhos; e, no entanto, a vida daquele recém-nascida, uma vez ameaçada, ocupou sua vida por uma semana inteira, antes de a criança morrer. "A real importância da passagem jaz na sua evidência por uma crença antiga no poder da oração intercessória" (George B. Caird, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Oração* e *Intercessão*.

O fato de que Davi passou a noite inteira em exercícios espirituais de humilhação demonstrou sua coragem espiritual em ação. Davi não se recolheu ao leito. Ele jazeu na terra dura e fria e continuou orando para que Yahweh impedisse a morte de seu filho e desfizesse a profecia condenatória de Natã. Muitas profecias são condicionais e podem ser revertidas, e, algumas vezes, somos reduzidos a tentar revertê-las mediante a oração. Algumas pessoas vão a santuários e fazem promessas especiais, aparentemente com algum sucesso.

A oração é mais forte que a profecia e pode anulá-la. A misericórdia de Deus governa todas as coisas, e o Seu amor é sempre forte. Algumas profecias, porém, cumprem-se, a despeito das orações e das promessas feitas. Mas outras são,

realmente, anuladas. Davi estava testando as águas espirituais. Ele falhou, mas muitos são bem-sucedidos. Oh, Senhor, concede-nos a graça do sucesso, quando estivermos enfrentando profecias de condenação. Dá-nos vida, não a morte! Dá-nos a presença dos seres amados, que continuem conosco, e não saudades por aqueles que se foram antes.

"O profundo amor de Davi pela criança não deve ser negligenciado" (Ellicott, *in loc.*).

12.17

Então os anciãos da sua casa. Os ajudadores queriam aliviar a tristeza de Davi, levantando-o daquele chão úmido; mas ele repeliu todos os convites. Ele tinha negócios a tratar com Yahweh. A vida de seu filho estava pendurada na balança. Nada mais tinha importância, naquele momento, quanto menos o seu conforto. Os *anciãos*, pois, cuidavam de Davi. Eles não queriam continuar vendo o rei sofrer. Mas naqueles dias, Davi não cuidou de si mesmo. Um grande amor estava ali. Davi, hoje em dia, está com seu filho! Portanto, louvado seja Deus, que reverte todas as tristezas.

Esses "anciãos", muito provavelmente, eram oficiais de sua corte, seus mais elevados subordinados. Talvez pensassem que os negócios do Estado deveriam ocupar os pensamentos do rei. Davi, entretanto, não concordava com essa atitude. Contraste isso com um acontecimento que ocorreu na vida de Mussolini (ditador da Itália durante os tempos da Segunda Guerra Mundial). Um dia em que ele, em sua limusine, estava sendo transportado ao palácio para trabalhar com seus oficiais, uma criança, de súbito, correu à frente do carro. A criança foi esmagada e morta. Mas Mussolini ordenou que o motorista do carro não parasse. E comentou: "O que é uma vida, em comparação com os negócios do Estado?". Davi, em contraste, deixou que os oficiais esperassem por causa da vida de uma criança.

12.18

Ao sétimo dia morreu a criança. Somente a morte da criança pôs fim ao jejum e às intercessões fanáticas de Davi. Ele, porém, não foi informado imediatamente do fato, visto que seus servos temiam suas reações. Se Davi estivesse tão terrivelmente quebrado pela crise antes da morte da criança, poderia agora ser completamente esmagado, e suas reações seriam imprevisíveis.

Três Grandes Problemas Teológicos. Esses três problemas que a história presente sugere são comentados em II Sam. 11.2 (parágrafo de introdução). Ver também os comentários sobre o vs. 15, quanto a idéias adicionais. Ver ainda os artigos no *Dicionário*, referidos nas notas sobre II Sam. 11.2. Nenhuma pessoa vive para si mesmo, e ninguém morre para si mesmo (ver Rom. 14.7). Existe uma comunidade na vida e na morte. Jesus nos ensinou acerca do sofrimento vicário, e esse é o tema de Isaías 53. Por outra parte, é difícil entender por que a criança teve de pagar pelo pecado de Davi, a menos que a preexistência (e/ou) a reencarnação esteja em pauta. Dizemos levianamente: "Seja feita a vontade de Deus"; mas queremos lançar alguma luz sobre os *porquês* e as operações da vontade divina, para que possamos compreendê-las melhor. Por que os homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Ver o artigo *Problema do Mal* no *Dicionário*. A morte de uma criança é especialmente triste. Precisamos de maior luz sobre esse problema. A imortalidade já é uma grande luz, mas admiramo-nos por que Deus, algumas vezes, age com tanta pressa. "Os bons morrem cedo", mas por que tão cedo? A morte "é a cura de todas as enfermidades" (sir Thomas Browne), mas por que deve uma criança ser curada tão cedo? O camelo negro da morte ajoelha-se, finalmente, diante de todos os homens, a fim de levá-los embora; mas por que alguns se vão tão cedo? Será verdade, conforme disse John Donne, que os que morrem não morrem, realmente? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*; e no *Dicionário* o verbete chamado *Alma*. Mas por que alguns não recebem mais chances para viver aqui e cumprir uma missão? Talvez eles vão para outras esferas da vida e façam as mesmas coisas. É provável que essa seja uma das respostas. Outros pensam que a *reencarnação* (ver na *Enciclopédia*) é outra dessas respostas. Continuamos dando respostas e fazendo perguntas. Ver na *Enciclopédia* os artigos chamado *Morte* e *Experiências Perto da Morte*.

Aqueles a quem os deuses amam, morrem cedo.

(Menandro)

Essas palavras de *Menandro* podem indicar uma verdade, pelo menos em alguns casos. Mas por que tão jovens? A verdade maior é esta:

*Onde está, ó morte, a tua vitória?
onde está, ó morte, o teu aguilhão?*

(I Coríntios 15.55)

12.19

Davi, observando os servos, seus olhares furtivos e seus sussurros, sabia que seu filhinho tinha morrido. Portanto, fez a pergunta direta: "Ele morreu?". E obteve a resposta direta: "Sim". O que ele tanto temia, acontecera. Mas a alma da criança estaria bem. D. Scott Rogo compilou impressionantes evidências científicas de que tudo vai bem com as crianças que morrem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Parapsicologia*, seção X, intitulada "O Mundo Psíquico de Crianças Moribundas", quanto à esperança que Rogo encontrou na morte dos infantes. Ele estivera "amargurado" pela morte de infantes, mas suas pesquisas lhe deram razões para não se sentir "tão amargurado". Nós, os crentes, temos contudo a fé bíblica. A alma das criancinhas que morrem fica bem. Doutrinas filosóficas também escudam a nossa fé. O *limbo* católico romano é um "tudo está bem com as crianças *ad hoc*", uma doutrina que surgiu mediante o raciocínio filosófico. A "era da responsabilidade", dos grupos evangélicos, é outro raciocínio *ad hoc* em favor de algumas crianças. *Ad hoc* significa "inventado" exatamente com algum propósito em mira, ou seja, um *argumento* inventado para satisfazer um problema específico, em contraste com as *evidências*, que podem ser achadas na tentativa de solucionar um problema.

12.20

Então Davi se levantou da terra. As lamentações de Davi cessaram. O costume usual era lamentar após a morte de uma pessoa. Davi, entretanto, reverteu o costume. A morte de seu filho assinalou o fim de suas lamentações. Portanto, ele não se desfigurou, nem se vestiu de cilício, nem jogou cinzas sobre a cabeça. Pelo contrário, ele se lavou, pôs roupas limpas e dirigiu-se ao tabernáculo adorar. Sua alma voltara a Yahweh. Então ele foi para casa. A tristeza não havia passado, mas a lamentação sim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*, quanto a detalhes sobre a questão. Talvez o que mais o tenha ajudado foi a certeza da imortalidade. Tudo estava bem com a alma de seu filho. Ver os comentários sobre o vs. 23. Algumas vezes, temos apenas de voltar à fé. É comum as pessoas perderem a fé em grandes tragédias. Mas não se preocupe com isso. A fé retorna conforme a dor passa.

*A fé faz morte com os olhos fechados
para a luz do dia.
Imortalidade, uma grande verdade, dizem,
Aquele grande esperança, promessa Dele.
Fé sem visão, diante de nada reage,
Contudo, não é menos verdade que isso.*

(Russel Champlin)

Sabemos que Davi havia construído um tabernáculo temporário em Jerusalém. Por enquanto, ele não havia trazido o tabernáculo erigido no deserto para aquele lugar. Antes, tinha estabelecido a adoração em um tabernáculo provisório, enquanto esperava que o templo fosse construído por Salomão, seu filho. Ver em II Samuel 6 o transporte da arca para Jerusalém. O vs. 17 daquele capítulo mostra-nos que Davi construiu um tabernáculo temporário, que não era o mesmo que fora erigido no deserto. O tabernáculo do deserto (erigido por Moisés) aparentemente ficara em Gibeom, onde prosseguiu até o tempo de Salomão (ver I Crô. 21.29 e II Crô. 1.3,4). Ver as notas expositivas sobre II Sam. 6.17.

12.21

Disseram-lhe seus servos. Talvez fossem os mesmos "anciãos" referidos no vs. 17. Estes ficaram perplexos coma súbita recuperação de Davi, de sua profunda tristeza, e por ele não ter começado um período de lamentações. Mas era que Davi, naquele momento, seguia os ditames de seu coração, e não os ditames dos costumes da época. Sua lamentação estava feita, conforme vimos no vs. 20. Podemos ter certeza, porém, de que seu coração ainda estava apertado, mas a grande crise havia passado. O tempo cura. Os servos, pois, perguntaram o *porquê* do fenômeno, cuja resposta aparece no vs. 22.

12.22

Respondeu ele. O *raciocínio de Davi* foi que a profecia poderia ter sido revertida ou anulada por sua oração. A profecia de Natã não era, necessariamente, irreversível. E ele precisava testar as águas. Ver como, algumas vezes, Yahweh muda de idéia (Êxo. 32.14).

O que Davi mais temia, aconteceu. Agora nada mais ele tinha para temer. Há ocasiões em que tememos o próprio temor. E há ocasiões em que recebemos graça divina especial para suportar ao que tememos. Por outra parte, tendo deixado o temor de lado, que cada homem viva a sua missão! A *esperança* de Davi era que a criança continuasse a viver; mas agora ela fora substituída pela esperança

de que, embora "morta", a criança continuasse "viva" (vs. 23). Esse pensamento o reconfortava. Cf. este versículo com Joel 2.13,14 e Jon. 3.9,10, quanto a uma esperança potencial que empresta coragem. O arrependimento pode trazer reversão da fortuna. O arrependimento *pode anular* profecias de condenação.

Naquele caso, a morte do filho de Davi era irrevogável. Deus seria gracioso com a alma da criança em algum mundo espiritual. E assim, consolando-se nesse pensamento, Davi foi capaz de suportar a morte irrevogável do filho. Davi exibiu admirável fortaleza de ânimo naquela hora, mas não foi uma fortaleza sem causa. O perdão provocara bons frutos, embora não exatamente o que Davi esperava.

"Quando a criança morreu, Davi humilhou-se diante da poderosa mão de Deus e descansou, satisfeito, com a Sua graça, sem entregar-se a uma dor infrutífera" (O. von Gerlach, citado por Keil, *in loc.*).

12.23

Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim. Luz para o Meu Caminho. Em meio a uma história negra, este versículo lança alguma luz.

*Na esperança de que envie um raio brilhante
Para dentro do caminho que se alarga do futuro.*

(Washington Gladden)

Alguns intérpretes, antigos e modernos, não acreditam que este versículo seja uma declaração favorável à imortalidade. Antes, eles destacam que o Pentateuco não contém nenhuma declaração distinta sobre esse assunto, e supõem, a essa época, mais ou menos 1000 A. C., a fé dos hebreus ainda não havia incorporado a doutrina da imortalidade. Nesse caso, a declaração de Davi, de que sairia ao encontro do filho, mas que o filho não retornaria a ele, significaria apenas que, algum dia, ele também morreria e se juntaria aos mortos, em seus sepulcros, ou em algum hades sombrio, onde os espíritos pairam sem inteligência ou identidade pessoal, como entidades destituídas de "mente". Este versículo ensina um vago "ser reunido aos pais", expressão que significa, simplesmente, uma passagem para o estado dos mortos, e não para um estado de vida superior e melhor.

Quanto a "ser recolhido aos pais" ou ao "próprio povo", ver Gên. 25.8,17 e 35.29,33.

Contra Essa Interpretação. Deve-se entender que, na época dos Salmos e Profetas, a doutrina da imortalidade da alma já havia entrado na fé dos hebreus. Considere-se a história da feiticeira de En-Dor. La certamente tem em mira a possibilidade de um espírito humano morto ser inteligente e ter identidade pessoal. Ver as notas expositivas sobre I Sam. 28.7,8,11,12, que comentam aquele caso particular e outros, além de dar referências a artigos, no *Dicionário*, que provêem informações adicionais. Ver os vários artigos sobre *Imortalidade*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O artigo sobre *Alma*, no *Dicionário*, dá uma lista de referências bíblicas, extraídas tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, que apóiam esse conceito. Essa lista aparece na seção IV, sob o sexto ponto. Quando lemos os Salmos (a maior parte dos quais composta por Davi), encontramos, aqui e ali, claras referências à crença na alma. Considerando essas coisas, creio que é seguro supor que Davi, na declaração que estamos considerando, esperava encontrar-se de novo com seu filho, em alguma terra de luz. Naturalmente, não havia nessa época definições exatas sobre a vida pós-morte, dentro da fé dos hebreus. Essa tarefa foi deixada aos livros apócrifos e pseudepígrafos, que levaram avante e desenvolveram as tradições hebraicas. Contudo, a luz da imortalidade havia raído sobre a mente de Davi e de outros hebreus, naquele antigo período.

*Quando eu chegar ao lado do Senhor,
Que me tirou do abismo onde eu perecia,
Haverei de ir para onde Ele for —
Imorredoura então será minha alegria.
Ao atravessar a porta da cidade,
Onde só entrarão os crentes em Jesus,
Oh! quanta felicidade!
Participarei eternamente em sua luz!
Transformado, em um novo corpo
Eu viverei, com Ele!*

(Hino de João M. Bentes)

"Pouco a pouco ele se reuniria à sua criança" (Kennedy, em seu livro sobre *Samuel*, pág. 248).

"...para o céu e a felicidade eterna, onde a sua alma estava, conforme Davi confortadamente esperava e cria" (John Gill, *in loc.*).

"... essas palavras... dificilmente podem significar qualquer outra coisa senão uma expressão de *confiança* em uma vida de consciência no além-túmulo, e do futuro reconhecimento dos que amávamos na terra" (Ellicott, *in loc.*).

"O dia feliz, quando abandonar esta multidão impura e corrupta e me reunir com aquela companhia divina que saiu desta terra antes de mim! No outro mundo encontrarei não somente as almas ilustres, mas também meu amigo Cato, um dos melhores homens que andou nesta esfera, um homem de virtude e piedade. Fui eu que coloquei o corpo dele na pilha funeral, para ser queimado, enquanto teria preferido que alguém assim me tivesse deitado. Ele viajou, mas nunca me abandonou, está naquele país além me esperando. Conforto-me com esta esperança. Depois de algum intervalo, estaremos juntos de novo" (Cícero, *De Senectute*).

A Idade da Responsabilidade? Alguns intérpretes cristãos têm usado o presente versículo para ensinar a doutrina duvidosa da *idade da responsabilidade*, isto é, aquelas pessoas (crianças) que morrem antes de certa idade não são responsáveis pelos seus pecados. O grupo incluiria débeis mentais ou pessoas insanas. Todavia, é difícil imaginar que uma pessoa, porque teve a sorte de morrer antes de certa idade (digamos oito anos), iria diretamente para os céus. Mais difícil ainda é imaginar que tal alma iria para o inferno. A Igreja Católica Romana inventou, arbitrariamente, a doutrina do *limbo* para receber essas almas. A Igreja Ortodoxa Oriental acredita que tais pessoas continuam nem no inferno nem no céu, mas com plena oportunidade para ter fé na mensagem de Cristo, não aceitando a morte biológica como o fim da oportunidade para *qualquer alma*. Outros acham que essas almas reencarnarão para começar tudo de novo, *nessa terra*. Ver a investigação do problema no artigo detalhado, no *Dicionário*, chamado *Infantes, Morte e Salvação dos*. Infelizmente, as próprias Escrituras não fornecem informações sobre este problema, permitindo-nos adivinhar ou aplicar dogmas duvidosos. De qualquer maneira, a doutrina da "idade da responsabilidade" é racional, não bíblica.

12.24

Conforto. Bate-Seba foi, moralmente, estuprada por Davi, para enfrentar depois uma tragédia que ela não causou. A causa da sua miséria, Davi, correu para o lado dela para confortá-la. Angústia compartilhada diminui, pelo efeito de uma lei psicológica que pouco entendemos. A mulher entrou no harém de Davi e tornou-se mãe de Salomão, um antepassado direto do Messias, Jesus, o Cristo, e assim o plano divino operou através de circunstâncias contrárias.

Salomão se tornou um instrumento especial de Yahweh, o construtor do Templo, e a força que propiciou a *idade aurea* de Israel. Foi um homem grande com grandes vícios, mas a despeito de suas fraquezas, cumpriu sua missão divina. Raramente um grande filho segue um grande pai, mas ele foi uma exceção. Ver *Salomão*, no *Dicionário*.

*Ai daquele que nunca vê
As estrelas brilharem por entre os ciprestes!
Os quais, sem esperança, sepultam seus mortos
E não contemplam o novo dia que raia
Do outro lado dos mármore coloridos da manhã;
Esses não aprenderam, em horas de fé,
A verdade desconhecida da carne e dos sentidos,
Que a vida sempre é Senhora da morte,
E que a morte nunca perde os seus!*

(John Greenleaf Whittier)

12.25

Um Nome Especial. Este versículo não é claro e as traduções variam. Alguns intérpretes acreditam que Natã tenha recebido a tarefa de criar Salomão. Mas provavelmente, a idéia é que Yahweh (vs. 24) inspirou Natã a mandar um mensageiro a Davi, dando ordens para ele chamar o recém-nascido de *Jedidias*. O resultado foi Salomão ter dois nomes, uma circunstância comum em Israel. *Jedidias* significa "amado de Yahweh", o Eterno Deus que lhe concedeu privilégios especiais. Este outro nome de Salomão não aparece mais nas Escrituras, e provavelmente fosse pouco usado.

Uma Lição do Texto. O poder de Deus é adequado para reverter qualquer erro ou deslize, operando maravilhas na vida dos piores pecadores.

A Guerra contra os Amonitas Termina (12.26-31)

A poderosa e terrível máquina de guerra, Joabe, o general de Davi, continuou sua guerra contra os amonitas. Este trecho dá prosseguimento à história que estava sendo contada antes do episódio de Bate-Seba (cap. 10). O inimigo foi vencido e fugiu para sua capital, Rabá, que era uma cidade altamente fortificada (11.1). Davi venceu oito mininações (ver as notas ao fim da exposição sobre o cap. 10). Os amonitas foram a última nação a ser subjugada, passando Davi a ganhar controle de toda a Palestina. Aqueles que não foram aniquilados se torna-

ram escravos e assim iniciou-se para Salomão um tempo de paz. Jerusalém ficou sendo a capital de Israel e com os esforços de Salomão foi efetivada a *Idade Áurea*, um tempo de grande prosperidade e expansão de território. Por um tempo curto, Israel tornou-se *chefe* das nações daquela parte do mundo.

12.26

Cidade real. Melhor traduzir-se *fortaleza de água*, referindo-se às fortificações que defenderam o fornecimento de água para a cidade. Políbio (*Hist.* v.71) explica como Antioco, em 218 AC, capturou as fontes do fornecimento de água de Rabate-Amom e, assim, logo fez a cidade se render. Ver o texto paralelo do presente trecho, em I Crô. 20.2. "Rabate se situava em um vale estreito na parte superior do Rio Jaboque, ocupando os dois lados do riacho. Sua fortaleza se localizava no topo de um rochedo íngreme no lado norte" (Ellicott, *in loc.*).

12.27-28

A Situação. Joabe, aquele guerreiro bravo e brutal, aquela *máquina mortífera*, quase tinha acabado com os amonitas, mas quis dar a Davi o crédito pela vitória final. Assim foi que o próprio Davi comandou o ataque derradeiro. Naturalmente, fora ele que durante muitos anos havia lutado contra os *oito inimigos* de Israel, como está anotado no fim dos comentários sobre o cap. 10. Assim, ele mereceu o *crédito* da vitória final. Joabe não quis o crédito e nem aceitaria uma mudança no nome de *Rabá* para *Joabeville*. Joabe quis ficar no segundo lugar, sendo o general, não o rei; por muitos anos ele ocuparia essa posição com orgulho.

A história romana apresenta um paralelo, um incidente semelhante. O general Aulo Plauto invadiu a Britânia em 43 DC e ganhou muitas batalhas sangrentas. Quando viu que a guerra logo terminaria com grande sucesso, mandou uma mensagem para Cláudio, o imperador, para acorrer ao local da batalha e liderar o ataque final, o que de fato sucedeu. Aulo cumpriu sua missão gloriosamente, mas não tinha pretensões políticas.

Outro Exemplo Histórico. "Cratero, na batalha de Artacacia, prestes a capturá-la, esperou a chegada de Alexandre, para que ele pudesse receber a glória e o crédito da vitória" (John Gill, se referindo a *Curt. Hist.*, 1.6.c.6).

12.29

Davi Fez a Sua Parte. O que Joabe não realizou por completo, Davi concretizou em um tipo de *operação de limpeza*. Davi recebeu o crédito da vitória final, como Joabe tanto quis. Ver os comentários sobre os vss. 27-28.

A Lição. Nenhum grande homem vence sozinho, sempre tem a ajuda de pessoas-chaves que representam uma variedade de talentos.

12.30

Recolhendo os Benefícios. Finda a batalha, o exército de Joabe e Davi efetuou pilhagem considerável. O tesouro nacional dos amonitas passou às mãos de Davi, inclusive a coroa do rei daquele povo, que havia cometido erros irreversíveis ao rejeitar a amizade de Davi (10.1 ss.), ceifando uma colheita amarga. A coroa rica foi perdida, bem como todos os bens do povo.

Talento de ouro. Naquela época, antes do uso de moedas, pesos de metais preciosos serviam como padrões de valores. O talento de ouro pesava cerca de 30 kg. Algumas versões informam que era o *ídolo principal* dos amonitas que "usava" esta coroa, não o rei; mas o Texto Massorético "coloca" esta coroa extremamente pesada na cabeça do rei. (Ver sobre *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*, no *Dicionário*). É difícil imaginar um homem usando uma coroa daquele peso por mais de alguns segundos. De qualquer maneira, era o tesouro principal daquele povo e, no presente texto, representa a perda geral dos amonitas. Ver sobre *Pesos e Medidas*, no *Dicionário*, e também sobre *Dinheiro*.

Rei. no hebraico, *malkam*, uma substituição proposital da palavra comum, se referindo a *Moleque*, que era a divindade principal daquele povo. O *malkam* era o representante de *Moleque* (ver no *Dicionário*).

A coroa foi colocada na cabeça de Davi, o que o tornava rei dos amonitas; seu poder era assim demonstrado e sua pessoa glorificada; ele consolidou suas vitórias nessa cerimônia. Sendo rei, ele assumiu controle sobre todas as riquezas dos amonitas; matou a maioria dos homens; levou cativa a maioria das mulheres, para aumentar os haréns de Israel. Provavelmente, parte da riqueza adquirida foi destinada à construção do Templo.

12.31

Trabalho de Escravo. Os sobreviventes da guerra, normalmente, tornavam-se escravos do povo conquistador. Sempre havia muito trabalho pesado em cons-

truções e escavações. Rabá tornou-se um acampamento de escravos, assim como outras cidades dos amonitas. Aquele povo se juntou aos outros sete vencidos, como uma fonte de trabalho-escravo, e Salomão, construindo seu Império, os utilizou nas suas muitas obras. Todas as classes do povo fundiram-se numa só: a escrava. Ninguém se preocupou com a dignidade humana, e grandes massas de pessoas viveram em condições piores do que os animais. Ver no *Dicionário* os artigos *Escravidão*, e *Escravo*, *Escravidão*.

Serras. O paralelo I Crô. 20.3 traz "ele os cortou com serras"; alguns vêem estes homens usando serras para trabalhar, e não sendo cortados por elas. Provavelmente, as duas coisas aconteceram: alguns foram sacrificados brutalmente enquanto outros trabalharam exaustivamente com serras.

Machados de ferro. Isto é, instrumentos pesados feitos de ferro, freqüentemente equipados com pontos agudos nos lados inferiores, para fazê-los instrumentos apropriados para debulhar grãos. Trabalho duro de fazendas está em vista.

Fornos de tijolos. À margem do texto hebraico lê-se "através de *Malkam*" o que poderia significar que Davi forçou alguns dos cativos a passar através de fornos, isto é, para serem queimados vivos, porque eram ídólatras. Eles passaram através dos fogos de *Moleque*, do mesmo modo que outros foram forçados a fazer. Outros intérpretes acham que esta referência somente fala do trabalho de fabricar tijolos. Talvez as duas coisas fossem praticadas, ou seja, alguns morreram (executados) brutalmente, enquanto outros trabalharam fazendo tijolos e construindo edifícios. Ver *Moleque*, *Moloque*, no *Dicionário*.

Tendo realizado suas conquistas e obtido vitória final sobre os oito povos ídólatras, Davi voltou para Jerusalém para, sentado no seu trono, administrar o reino.

Capítulo Treze

Consequências Temporais do Pecado (13.1 – 19.10)

... o vosso pecado os há de atingir...

(Números 32.23)

A alma de Davi escapou de um julgamento, pelo perdão de Yahweh e pelo princípio da graça. Mas a *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) traria muitas misérias para a vida do rei. Seu adultério e o assassinato de um inocente exigiam sofrimento drásticos. Davi ia pagar por seus pecados e sofrer como ele havia feito outros sofrerem. O profeta Natã profetizou a respeito disso (12.10,11) e tudo precisava ser cumprido para satisfazer a justiça de Deus.

A família de Davi ia sofrer sob a espada do Senhor, como Natã havia falado (12.10); ele destruiu uma família e a sua também o seria. A *lex talionis*, pagamento em gênero, seria satisfeita. Ver esse título no *Dicionário*. Compare-se com Êxo. 21.23-25; Lev. 24.19-21; Deu. 19.21, onde a operação daquela lei se ilustra.

Absalão matou seu meio-irmão, Amnom, vingando o estupro de uma irmã. Absalão se exilou por causa deste ato, receando vingança por parte do rei. Restaurado, não recebeu o favor do rei e se rebelou contra ele, procurando assumir o controle do reino. O sempre fiel general de Davi, Joabe, a máquina de matanças, matou Absalão, o que causou grande sofrimento para o seu pai. Davi, que venceu oito inimigos poderosos, perdeu a batalha de disciplina na sua própria família. Assim, sofreu dores de cabeça e de coração, provocadas por seus filhos, rebeldes pecadores.

"Por causa de seu caso com Bate-Seba, Natã informou Davi que a espada nunca sairia de sua casa (12.10). Logo o rei sofreu o que fora predito: um coração partido, estupro e assassinato no seio de sua família" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

13.1

Absalão. Ver sobre este título no *Dicionário*.

Tamar. Ver no *Dicionário*. Davi tinha muitas esposas e muitos filhos e filhas, que eram inumeráveis meio-irmãos. Essa circunstância armou o palco para certas atrocidades de meio-irmão contra meia-irmã, e meio-irmão contra meio-irmão. Amnom estuproou Tamar (uma meia-irmã); Absalão matou Amnom, seu meio-irmão. Faltou amor na família de Davi; faltou disciplina; faltou decência. Davi, o grande guerreiro, ganhou todas as vitórias contra os inimigos de Israel, mas perdeu a batalha na sua própria casa.

Amnom. Era o filho mais velho de Davi e Ainoã (3.2). Absalão e Tamar eram filhos de Davi com sua esposa Maacá (ver no *Dicionário* sob ponto 2).

A lei proibia relações sexuais entre meio-irmãos (Lev. 18.9), mas, na prática, a despeito da proibição, isso era comum. Ver Gên. 11.29; 20.12. Infelizmente, Amnom ficou doente, devido ao amor por Tamar, e morreria se não a possuísse

(ou assim havia pensado). Ele não tinha planos de se casar com ela, apenas diminuiria o valor da mulher, com um ou mais atos sexuais. Se tivesse proposto casamento no início, provavelmente isto não lhe teria sido negado. Mas, como todos os machos, quis sexo primeiro, para pensar em reparação depois. Não houve tempo para pensar, logo foi assassinado e não pensaria em mais nada. Ver sobre *Incesto*, no gráfico que acompanha Lev. cap. 18, que relata toda a legislação mosaica sobre esse assunto.

Tamar era, sem dúvida, uma moça muito bonita, e a beleza feminina enlouquece os homens. Amnom ficou “louco e doente”, contemplando a beleza da mulher, e logo caiu em fatalidade. Sendo um sedutor experiente, não teve problema em cumprir seus planos desgraçados.

... a amou. “...não de maneira honrada, para fazer dela sua esposa, mas de maneira concupiscente. Quis fazer dela uma prostituta, não uma esposa” (John Gill, *in loc.*).

13.2

Angustiou-se Amnom... O homem “se fez doente” (RSV), com olhares e imaginações devassas, seu desejo perverso ficou fora de controle e ele foi vítima de seu lado animal. Ela era, além de bela, virgem, o que sempre atrai a atenção dos lobos-sedutores-predadores. Qualquer moça hebraica solteira era considerada virgem. A palavra *alma* significa tanto *moça* como *virgem*, embora, primariamente, significasse *moça*.

Uma moça da casa real teria pouca liberdade, portanto, Amnom teve de inventar uma ação extraordinária para ter acesso à presença da mulher, *sozinho*. Sendo um sedutor experiente, um pouco de maquinação forneceu-lhe um plano perfeito.

Um Paralelo Estranho. Antíoco era filho de Seleuco. Ele começou a amar loucamente sua madrastra, adoeceu e desesperou-se por causa desse amor, (pode-se acreditar nisto?). O pai, esperando curar o filho de sua loucura, entregou-lhe a mulher para com ela ter sexo. Minha fonte de informações não informa se o plano funcionou ou não.

Troilus era outro doente de amor; não podia dormir mais, nem comer, ficou parecendo um velho, de tanto auto-abuso (Chaucer, *Troilus e Criseyde*, liv. 1,11. 494-497).

Filo nos informa (*In Flaceum*, par. 977) que na sociedade judaica de seus dias, as virgens eram vigiadas com muito cuidado, para não permitir a aproximação dos lobos. *Focildes* declarou que as virgens devem ser confinadas e vigiadas para evitar dores de cabeça e desgraças múltiplas. (*Poem admon.* v. 203,204)

A segregação de Tamar na casa de sua mãe não deu oportunidade para Amnom aproximar-se e realizar suas loucuras. Mas Amnom criou suas próprias oportunidades, enganando o próprio pai. Era traidor da família. Obviamente, o texto indica que cada esposa do rei tinha sua própria casa e sua família com ela, enquanto o rei *circulava* entre casas e esposas.

13.3

O Plano Audacioso. Nada podia vencer o sedutor-predador Amnom. Lá estava Tamar confinada na casa da mãe, com guardas dando olhares nada amigáveis para qualquer homem que se aproximasse. As moças davam risadinhas com a aproximação dos rapazes, e lançavam olhares sugestivos para os rapazes, que os recebiam com olhares idênticos, mas nada mais sério ocorria. “Os velhos” sempre arruinavam a diversão. Ninguém chegava perto da bela Tamar, até que Jonadabe, primo de Amnom, imaginou um plano diabólico que desfaria a segurança da casa da mãe de Tamar.

Jonadabe era um malandro confesso e muito astuto, tendo seduzido um número recorde de mulheres, inclusive virgens. Por ser sobrinho de Davi, Tamar teria alguma confiança nele como “membro” da família real. Tradicionalmente, as mulheres são fáceis de se enganar, portanto Tamar logo cairia em sua lãbia. Se ela não aceitasse a aproximação sexual de Amnom, ele resolveria o caso com um estupro. Tradicionalmente, as mulheres ficam sabendo tarde demais a verdadeira natureza dos “candidatos ao casamento”.

Siméia. Era pai de Jonadabe e o terceiro filho de Jessé (I Sam. 16.9, onde se chama *Samá*), portanto irmão de Davi. Ver no *Dicionário*.

A Situação Estranha. Um primo traiu uma prima (Tamar) em favor de outro primo (Amnom), o qual partiu o coração do rei Davi, o patriarca da família. A família inteira tornou-se desgraçada. Jonadabe era homem inescrupuloso e cheio de truques, causando muitas dificuldades. Daí resultou, afinal, uma guerra civil, com a conseqüente brecha política em Israel.

13.4

Amnom, doente e louco de concupiscência, piorava a cada dia; ganhou aparência de uma pessoa doída; parou de dormir e emagrecia a olhos vistos. Como Schopenhauer

comentou, “O amor é uma insanidade curável pelo casamento”. Todavia, Amnom ia testar a “cura” através de estupro, não do casamento. Ele tinha pressa de se curar. Jonadabe não entendeu como o príncipe e filho mais velho do rei, podia ter chegado ao ponto onde estava, mental e fisicamente. Afinal, Tamar era somente uma mulher e não merecia toda aquela agonia. Ela era a *raiz* do problema, e Jonadabe decidiu arrancar a raiz do chão, realizando um ato de “misericórdia” em favor do “pobre” Amnom. Ele era o filho mais velho do rei, herdeiro do trono, e era intolerável estar doente, meramente por causa de uma mulher. O bom senso exigia a cura da doença de Amnom, para breve. Note-se que ele chamou Tamar de irmã de Jonadabe, não de sua irmã e, presumivelmente, essa observação diminuiu seu “crime em formação”.

13.5

Uma “Doença” Agiu como Salvação. O “pobre” Amnom, de súbito, ficou *realmente doente* e precisava de ajuda urgente. Ajuda adequada podia surgir somente de Tamar; ela foi eleita para servir o *monstro*. Jonadabe apelou para o espírito humanitário de Tamar, como enfermeira. Ela ia servir Amnom, seu meio-irmão, um privilégio, porque, afinal, ele seria rei algum dia. Grande seria a surpresa dela, descobrindo que Amnom estava doente de concupiscência, o que fizera dele uma besta que a devoraria.

“Não diga que os *dias antigos* eram melhores do que os nossos. Joga fora todos aqueles dias! Devemos agradecer a Deus porque são *passados* e orar para que nunca voltem” (Adam Clarke, *in loc.*).

Pai. A primeira pessoa a ser enganada foi o próprio rei, pai da moça. Somente ele tinha autoridade para deixar Amnom se aproximar de Tamar. Enganado, ele “permitiu a matança da cordeira”.

13.6

Davi visitou seu filho “doente” para confortá-lo. Sentiu pena dele, não percebendo que era um devasso pronto a cometer um crime contra a própria irmã. Amnom era doente, sim, mas era a sua alma que sofria das doenças do demônio. Foi fácil enganar Davi que, sem o saber, deu a “ordem fatal” que permitiu o prosseguimento do plano diabólico. A profecia de Natã contra a família de Davi começou a se realizar. A primeira de uma série de desgraças estava prestes a acontecer. Ver 12.10,11. O próprio rei era culpado de adultério e assassinato por causa de sua concupiscência, e seu filho estava seguindo o mesmo caminho. Um pai deve ao seu filho três coisas: *exemplo; exemplo; exemplo*. Davi tinha dado um exemplo que Amnom seguiu, um exemplo perverso e poderoso.

13.7

Davi mandou um mensageiro à casa da mãe de Tamar, onde a moça morava, e deu uma *ordem* para que ela servisse Amnom. Cada filho do rei tinha sua própria casa e serventes; as esposas do rei tinham suas casas e certa autonomia para cuidar de seus afazeres. Mas a casa da mãe de Tamar ia *emprestar* Tamar para servir o monstro, limpando, cozinhando e fazendo o papel de enfermeira. O processo ia levar diversos dias. Ficamos atônitos lendo que Amnom estupro a pobre Tamar no *primeiro* dia. O diabo tem pressa. Ver os vss. 9 ss. A imaginação carnal não tem paciência, exigindo satisfação imediata.

13.8

Tamar, de nada suspeitando, começou as suas tarefas, inclusive preparando as refeições do malandro-predador. Ele a olhava, seu desejo perverso crescendo a cada segundo. O Talmude (T. Bab. Sanhedrin, fol. 21.1) supõe que ela estivesse preparando um pão leve que não levaria muito tempo para fazer, porque o “pobrezinho” estava com fome. O plano do perverso Jonadabe estava dando certo. Ele tinha um talento especial no tratamento com mulheres. A pobre Tamar não teve chance desde o início.

“A nossa mocidade deve ser advertida contra ‘amigos espertos’. Tenha cuidado com aquele ‘amigo’ que sabe obter, com facilidade, coisas ilegais. Afinal, Jonadabe não era tão esperto como pensava: ele ajudou Amnom a cometer um crime, mas depois não soube evitar as conseqüências desastrosas de seu ato tolo” (Ganse Little, *in loc.*). Tamar foi estuprada, mas no final Amnom foi executado.

13.9

Amnom desenvolveu *grande apetite* que o abalava, não para comer, mas para estuprar uma virgem. Naquela hora, a comida não o atraía, porque ele tinha outro *prato* para consumir, bem mais interessante. A fim de não haver interferência na execução de sua violência, ele mandou todos para fora da casa, menos Tamar. Fingiu dormir e não quis que o perturbassem. Pendurou uma placa com os dizeres “Não perturbe”, na porta. Ficou sozinho com Tamar e seu desejo perverso se inflamou. Tamar, com sua mente inocente, não suspeitou de nada, nem quando Amnom havia mandado todo mundo embora.

13.10

Tamar entrou no quarto do monstro-predador, quando ele a mandou trazer pão. Amnom estava tão “doente” que nem podia se levantar para pegar o pão. Tamar tinha que colocar a comida na boca dele. Ainda de nada suspeitando, obedeceu a todas as ordens dele. Afinal, quando o filho do rei chama, obedece-se.

13.11

Tamar se aproximou da cama, e logo Amnom a agarrou. Ele não empregou nenhuma sutileza, como Jonadabe provavelmente teria empregado. Amnom, queimando de desejo, não tinha tempo para o jogo da sedução: *estupro* era o nome do seu jogo. Jonadabe, com sua língua falaz, teria tentado seduzir, um ato mais “gentil”. Todavia, sedução é uma forma de estupro.

13.12

O Crime de Estupro. Tal ato é uma violação, não meramente contra o corpo de uma mulher, mas contra sua própria pessoa. Vítimas de estupro quase sempre informam a natureza odiosa do ato e como ele causa desgosto, receio e depressão por longo tempo. Amnom perpetrou dois crimes: estupro e incesto ao mesmo tempo. O castigo contra estupro e incesto era execução judicial (Lev. 20.17). Tamar estava livre de culpa, porque fora forçada (Deu. 22.25-29). Na sociedade hebraica, a perda da virgindade antes do casamento era considerada *maldição* (Deu. 22.13-21). Podia ser parcialmente “consertada” se o homem envolvido casasse com a mulher. Ver as anotações sobre Gên. 4.7, que relatam alguma coisa semelhante ao presente texto.

Loucura. Foi a palavra que Tamar usou para descrever o ato de Amnom, mas não sabia a extensão dos danos que aquela loucura traria. O próprio Amnom seria executado por um irmão. Sua loucura o esmagou e iniciou um período de desintegração da família real.

Ainda hoje, em alguns lugares no mundo (como em alguns estados do sul dos EUA), estupradores são executados. Podemos pensar que isto é radical, mas em muitos lugares o *aborto* é legal. Também, a maioria dos países permite o aborto para vítimas de estupro. As leis do antigo Israel consideravam estupro um crime menor, no caso de mulheres solteiras não-írmãs. Era considerado mais sério estuprar uma mulher casada ou uma virgem. Leis modernas não concordam com estas distinções. Uma mulher estuprada é uma mulher estuprada. Infelizmente, vítimas de estupro (em muitos lugares) não são tratadas com o devido respeito, com o resultado de que um grande número de vítimas desta violência não informa as autoridades que foram violadas. Também, a grande maioria dos estupradores nunca sofreu mal nenhum.

13.13

Opórbrio. A jovem que perdia a virgindade antes do casamento não tinha muitas chances de se casar, no antigo Israel. Se aquela atitude continuasse hoje, os casamentos seriam bem raros. As viúvas, em contraste, se casavam facilmente em Israel, sendo *reconduzidas* para o *mercado* do casamento. A poligamia ajudava nesta circunstância, pois muitos homens admitiam as viúvas *razoáveis* em seus haréns. Considere-se o caso de Rute, casável, mesmo sendo estrangeira. Mulheres seduzidas e estupradas freqüentemente faziam *carreira* como prostitutas.

Insensatos. Tamar carregaria sua vergonha e Amnom ganharia a reputação de tolo controlado por instintos animais. “...ele seria considerado um homem vil e seria abandonado pela nação” (John Gill, *in loc.*). Mesmo se não fosse assassinado, ele havia sacrificado qualquer chance de se tornar rei. Davi nunca aceitaria tal homem como substituto. Somente um tolo faria o que ele fez, mas a paixão continua produzindo muitos tolos no nosso mundo de hoje.

Porque ele não me negará a ti. As mulheres, instintivamente, associam sexo com casamento; portanto, Amnom, querendo sexo, devia estar querendo casar, *afinal* – então espere, ela poderia ter dito, raciocinando da maneira que uma mulher faria. Tamar promovia um *mito* feminino: o futuro de amar e casar, pensam *elas*.

Casamento entre Irmãos. A prática, na antiguidade, era comum, até entre os hebreus, como no caso de Abraão e Sara. A legislação mosaica (Lev. 20.17) proibiu o ato, mas o povo ignorou as regras. Provavelmente, no tempo de Davi (com sua poligamia largamente praticada), meio-irmãos se casavam, mas não irmãos nascidos do mesmo pai e da mesma mãe. Lev. 18.9 é contra casamentos entre irmãos de qualquer grau. Ofereço um gráfico ilustrativo sobre *incesto*, na introdução a Lev. cap. 18. O Talmude, evitando a verdade do caso, propõe que Tamar era filha de um casamento anterior de Maacá, não sendo, portanto, meia-irmã de Amnom (*R. Moses Kotzensis*, 122).

13.14

Amnom, queimando de desejo sexual, não quis ouvir nem esperar ou casar. Não escutou os gritos da moça nem os de sua própria consciência. A mulher era inocente, estava sendo forçada (Deu. 22.25-19); Amnom pagaria pelo crime de estupro (ver o vs. 12) com a sua própria vida.

O Poder é Direito. Em um de seus diálogos, Platão rejeitou a idéia de que alguma coisa é certa quando resulta de um poder superior, praticado contra uma pessoa mais fraca. Hume rejeitou a *falácia natural* que afirma que “o que é, deve ser”. Se certas tribos africanas abandonam os velhos para morrer no mato, então, para elas, “abandonar os velhos” é uma verdade, já que é um costume deles. Outras culturas, com razão, rejeitam este costume como perverso. Ver *Naturalismo*, último parágrafo, sob o título *Falácia Naturalista*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

13.15

A experiência humana nos ensina que, freqüentemente, o amor rejeitado torna-se *ódio*. O amor criminoso de Amnom logo se tornou um *ódio criminoso*. Ele não se casaria com Tamar, mesmo se Davi, o rei, insistisse. “A gratificação de suas paixões violentas foi seguida por uma aversão igualmente violenta e irracional. A poesia de amor do mundo é cheia deste tipo de reação. As fontes do amor e do ódio se situam próximas” (George B. Caird, *in loc.*).

Ganse Little, *in loc.*, fala corretamente sobre o fenômeno da *reação da culpa*. A culpa perverte o bom senso e o raciocínio e pratica muitos males. A paixão proibida tira a “tampa da lata de ódio”, e todo o seu conteúdo sai com força. Existe a maldição da *consciência violada que inspira perversidades*. A *novela de Conrad, Lord Jim*, ilustra bem como o homem assombrado por uma consciência violada continua praticando seus ultrajes contra outros. Pessoas que detestam a si mesmas são elementos perigosos na sociedade.

A possessão demoníaca é quase impossível sem o ambiente do ódio, que o Diabo usa para substituir o amor de Deus. O amor é a essência da espiritualidade (I João 4.8 ss.); o ódio é a “espiritualidade” do demônio. Ver sobre *Ódio*, no *Dicionário*. Existe também o *Odium Theologicum* (também anotado no *Dicionário*) que pessoas “espirituais” praticam com entusiasmo. Qualquer tipo de ódio é uma doença da alma.

“É característica da natureza humana odiar alguém a quem se tem prejudicado” (Tácito).

O verdadeiro amor não se modifica, e muito menos torna-se ódio, mas paixão sexual não é amor. O caminho desse tipo de paixão para o ódio é curto. Amnom fez esta viagem em segundos.

Amor não é amor

Se se altera quando encontra alterações.

...

Oh, não! É um alvo sempre fixo.

(Shakespeare)

Levanta-te, e vai-te. Com estas palavras patéticas e cruéis, Amnom, com raiva, mandou a pobre Tamar embora. Para ele, ela tinha se tornado *nada*, e ele quis livrar-se dela para sempre. Semeou semente amarga e recolheria sua própria morte, a morte prematura que os hebreus tanto receavam.

13.16

Tamar não quis ir; não quis fazer uma viagem para uma vida vergonhosa. Ela esperava que Amnom mudasse de idéia, propondo-lhe casamento. Para ela, lançar fora uma mulher violada era pior do que a própria violação. Sofreu uma desgraça secreta que logo se tornaria pública. Ela não agüentou a antecipação de mais um ultraje, pois já estava esmagada pela dor. Amnom a rejeitou violentamente, e a sociedade hebraica ia fazer o mesmo. Nenhum homem a quereria.

Amnom humilhou uma virgem e a lei exigia que se casasse com ela, mas tendo violado uma lei ele não hesitaria em violar outra. (Ver Deu. 22.29).

Maior seria este mal... Estuprar era um mal muito grande, mas o ato de rejeitar Tamar e mandá-la embora era mal ainda maior. Desgraça pública seria inevitável para ela na sociedade hebraica. Nenhum casamento ia ser possível; talvez uma vida de prostituição resultasse do ultraje. O casamento poderia curar a situação, mas Amnom era um destruidor, não um curador.

13.17

Amnom expulsou Tamar enquanto ela implorava por misericórdia. O verdadeiro amor abre o coração para praticar o bem pelos outros, mas o ódio fecha o coração e inspira atos desumanos. O amor restaura e exalta, mas o ódio condena e destrói. O amor opera pela fé e pela bondade; o amor é racional. O ódio é irracional e tem prazer na dor alheia. O amor vive pelo outro; o ódio vive somente pela pessoa que odeia. O

ódio prolongado age como um *parasita* que finalmente mata tanto a pessoa que odeia como a pessoa odiada. A espada do ódio de Amnom executou Tamar.

Amnom até procurou a ajuda de um guarda para expulsar Tamar, que não desistiu de implorar misericórdia. Ela foi lançada fora como lixo; estuprada pela força, foi expulsa da mesma maneira. Amnom pagaria um alto preço exigido pela *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

Tamar sendo expulsa, daria a impressão de que *fora ela* que tinha cometido algum tipo de ofensa contra Amnom. A farsa tornar-se-ia uma espada que cortaria Amnom em pedaços, afinal.

13.18

Túnica talar de mangas compridas. As roupas reais identificavam Tamar como membro da família real. Para qualquer homem, ela teria sido uma esposa digna de muito respeito. A roupa real tinha mangas longas para distinguir das roupas comuns. As roupas reais eram feitas de materiais excelentes e caros, e quem as usava era uma pessoa incomum. Mas Amnom fez lixo de uma princesa. Compare-se com Gên. 37.3. O servente, às ordens do monstro-predador, lançou a princesa fora, com suas roupas finas que não tinham mais significado. Compare-se com as roupas especiais de José, em Gên. cap. 37.

13.19

Tamar rasgou suas roupas reais, do mesmo modo que sua virgindade havia sido rasgada. Toda esperança estava perdida com a destruição das roupas. A mulher entrou em estado de lamentação; moral e socialmente ela havia morrido. Jogou cinzas na cabeça e continuou chorando amargamente, ruidosamente, mas ninguém prestou-lhe a mínima atenção. Ver *Lamentação*, no *Dicionário*, que descreve os costumes dessa prática. O hebraico aqui é gráfico: ela foi indo e chorando, no caminho do desespero. Compare-se com o vs. 31 do presente capítulo, e com Jó 2.12. "Sua lamentação demonstrava a intensidade de sua dor e tristeza; ela tinha perdido sua virgindade, o respeito, e qualquer esperança de um bom casamento" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Compare-se com Josué 7.6 e Jer. 2.27.

13.20

Absalão, o irmão de Tamar por parte de pai e mãe, ouviu a respeito do que tinha acontecido a Tamar, e *fingiu* não ter se impressionado; mas no seu coração, já começara a planejar o assassinato de Amnom. Absalão advertiu Tamar para não fazer grande alarde do acontecimento, porque Amnom, como filho mais velho do rei, tinha muitos poderes e poderia criar maior confusão. A morte de Amnom seria efetuada em um momento de descuido, com Absalão atacando feito cobra, sem aviso. Sem dúvida, Amnom tinha guarda-costas e sua execução só poderia ser realizada com astúcia, não através de confronto. O fraco Davi não faria nada contra o primogênito, assim, a ação seria efetivada sem sua ajuda. Davi não ia defender uma mulher contra um filho, nem essa mulher sendo uma de suas filhas. A responsabilidade e vingança ficaram com Absalão que faria o serviço com habilidade e sem misericórdia.

13.21

O episódio "acendeu a ira" de Davi, o rei, mas isto não resultou em nenhuma ação, justamente como Absalão havia antecipado. Provavelmente, Davi se lembrou de seus próprios crimes sexuais e não sentia autoridade para punir um filho que o seguiu nas suas maldades. Suas ações contra Bate-Seba, e o assassinato de seu marido (arranjado pelo rei), roubaram de Davi qualquer autoridade como pai. Pregadores, freqüentemente, gritam mais alto contra os pecados dos outros do que os cometidos por eles mesmos. De qualquer maneira, gritos de pregadores não reformam pessoas. Davi deu um mau exemplo e isto era *gritante*. Amnom, já autoperverso, não precisava de ajuda para o corromper, de qualquer maneira.

A *Septuaginta* acrescenta a este versículo: "...não puniu Amnom, seu filho, porque o amava por ele ser seu primogênito", mas estas palavras não representam o texto original, sendo uma anotação explicativa. Segundo a legislação, Amnom devia ter sido executado (Lev. 20.17), mas ele tinha "impunidade diplomática", como filho do rei. O "homem humilde" da sociedade teria sido executado, demonstrando que, muitas vezes, "poder é direito", e quem não tem poder sofre a *raiva da lei*, enquanto os poderosos continuam intocáveis. É a velha história da política. A sociedade judaica, em tempos posteriores, criou leis duras contra o estupro de virgens, justamente por causa do episódio que ora estamos comentando (T. Bab. Sanhedrin, fol. 21.1).

13.22

Absalão continuava com sua indiferença, sem mesmo falar duro com Amnom, mas seu coração era duro como pedra e cheio do ódio que, afinal, destruiria seu irmão, o monstro-predador. Um Absalão barulhento poderia ter sido executado pelos guarda-costas de Amnom, ou até por ordem da lei. Ninguém podia opor-se ao primogênito do

rei sem sofrer conseqüências drásticas. Amnom cairia no tempo apropriado. De fato, sua queda chegou cerca de dois anos depois do estupro de Tamar. A sentença de execução já estava escrita na mente de Absalão e não falharia.

13.23

A Oportunidade. Absalão nunca esqueceu o ultraje; nunca desistiu de seu plano de matar Amnom; planejava e esperava uma boa oportunidade. Dois anos depois do estupro de Tamar, no tempo da tosquia das ovelhas, uma ocasião favorável para o assassinato chegou. Uma boa parte dos membros da família real se reuniu para comemorar a tosquia que era um acontecimento muito celebrado. De fato, era um acontecimento social de grande importância, e os hebreus, um povo de dança, música e vinho, aproveitavam tais acontecimentos para beber, ficar bêbedos e se divertirem à beça. Amnom estaria à procura de outras virgens, continuando seu deboche. Como uma aranha, Absalão continuava olhando para o malandro, pronto para atacar e matar. Sua teia estava preparada, e logo, Amnom seria sua presa para ser devorada. Ver I Sam. 25.4, para a celebração da tosquia. Amnom, cheio de vinho, logo estaria coberto de seu próprio sangue.

Baal-Hazor... Efraim... Ver os artigos sobre estes nomes no *Dicionário*. Hazor se localizava cerca de 6 milhas (10 km.) de Silo. Amnom estaria longe de Jerusalém e da proteção da capital. Ele levaria alguns homens, mas Absalão teria mais ajudantes para garantir o êxito da execução. Os dois *irmãos* juntos eram bons amigos, não eram? Assim, todos pensavam, e ninguém mais se lembrou da pobre Tamar, menos Absalão, que nunca esqueceu o que ela havia sofrido. Absalão se tinha mostrado pacífico até na hora de crise e ninguém suporia que ele tivesse planos assassinos no coração. A atividade da tosquia era um acontecimento de *fraternidade* e ninguém suspeitaria que, durante essa festividade, um irmão mataria outro. Ver sobre *Tosquiadores* no *Dicionário*.

13.24

A Farsa. Absalão convidou Davi e seus homens para a festa, esperando, desesperadamente, que ele não aceitasse o convite; ficou muito aliviado quando recebeu o "não" do rei. O convite era parte do plano diabólico, dando a aparência de boa vontade para com todos, enquanto a morte guiava seus pensamentos e seu coração. Amnom seria mandado como *representante* do rei (por sugestão de Absalão), e logo a sentença de morte seria efetuada.

13.25

O rei pediu desculpas, liberando-se de participar da festa; ele realmente não queria ir, o que agradou Absalão, porque sua recusa era uma parte essencial do plano da execução de seu irmão. O rei, sem dúvida, tinha muitas responsabilidades que exigiam sua presença na capital, mas também estava cansado de tantas festividades que o povo sempre estava ansioso para preparar.

A presença do rei exigiria a preparação de comidas especiais, tomando a ocasião mais difícil de se realizar. Para tirar o "peso" da sua presença, o rei mandaria um representante menos ilustre. O convidado menos ilustre seria Amnom; com isto, o palco do massacre estava efetivamente armado. Nem Amnom podia ir sem a permissão do rei, mas sendo generoso, o rei sacrificou a presença de seu primogênito na capital, honrando a festividade em Baal-Hazor.

13.26,27

O rei, presumivelmente, *desapontou* Absalão, recusando seu convite, mas, na realidade, o alegrou com sua "negligência". Para suavizar, por sugestão de Absalão, ele mandou Amnom como seu representante. Logo a execução seria efetuada, para consternação do rei que de nada suspeitava. Para ser ainda mais generoso, o rei mandou outros filhos seus com Amnom. Absalão *insistiu* na presença de Amnom na festa, o que poderia ter levantado suspeitas sobre o motivo verdadeiro, mas o texto não dá nenhuma indicação de que o rei tivesse noção da farsa de Absalão. O próprio Amnom estava ansioso por encontrar-se em qualquer lugar onde houvesse vinho, canções e mulheres.

Absalão, de sua parte, mostrou ansiedade em ter *todos* os filhos do rei na festividade. Talvez ele já planejasse eliminar seus rivais para tomar o trono de Davi e reinar no seu lugar. Pouco depois, ele entraria em plena rebelião contra seu pai, procurando tornar-se rei.

As profecias de desastres feitas por Natã contra Davi e sua família estavam se realizando. Ver II Sam. 12.10.

13.28

A *Septuaginta* acrescenta, imediatamente antes deste versículo, "e Absalão fez uma festa de rei", isto é, a festividade era tão elaborada que se tornou "real" e gloriosa; alguma coisa que somente um rei poderia realizar. No meio daquela

festividade magnífica, Amnom, de súbito, perderia sua vida, e a vingança do estupro de Tamar seria realizada, brutalmente, do mesmo modo que Amnom tinha agido contra sua irmã.

Não temais. Absalão garantiu para seus homens que o ajudariam a matar Amnom, que eles não sofreriam nenhuma retaliação do rei. Teria sido "ele", o grande Absalão, o futuro rei, quem teria dado ordens, pois na mente daquele homem, brevemente ele assumiria o poder como rei. Assim, a rebelião de Absalão contra Davi já estava florescendo.

Foi natural para os homens de Absalão obedecer, por ele ser um príncipe em Israel e um homem de autoridade. Provavelmente, já teria havido conversa entre eles sobre a "boa" possibilidade de que Absalão logo seria o rei. Matar pelo futuro rei era um privilégio para eles, não um crime.

13.29

O ato terrível foi realizado com facilidade surpreendente, e com brutalidade típica dos tempos. A maioria dos outros filhos do rei, se não todos, vendo o que estava acontecendo, fugiu, cavalcando seus asnos. O vs. 27 nos mostra que Absalão quis todos os filhos do rei na festividade, provavelmente com a intenção de matar todos. Se isto fosse parte de seu plano, então Absalão se frustrara, mas o objetivo principal de seu plano teve final esplêndido. Ainda restavam alguns rivais, mas o sábio matador podia cuidar deles em outras ocasiões. De qualquer maneira, era procedimento comum em famílias reais do Oriente, em caso de *matanças*, determinar quem seria o sucessor do rei. Compare-se com os casos de Abimeleque, Jeú e Atalia. Ver Jui. 9.5; II Reis 10.1-7; 11.1. De fato, famílias reais do Oriente se comportavam como um bando de selvagens para obter e reter poder. Laços familiares tinham pouca importância.

Mulo. Este animal era muito utilizado em Israel, no lugar do cavalo, inclusive na família real. Mulos eram os "veículos" de pessoas distintas, como II Sam. 18.9; I Reis 1.33 e 38 nos informam. A lei mosaica proibia a criação de cavalos (Lev. 19.19), mas os judeus não hesitaram em importá-los. Davi tinha cavalos adquiridos como parte dos espólios de guerra. Nos tempos de Salomão, a criação de cavalos tornou-se importante, especialmente para o próprio rei. A multiplicação de cavalos era proibida pela lei (Deu. 17.16; II Crô. 9.24,25), mas Salomão ignorou muitas regras da lei, inclusive essa.

13.30

A história sobre a matança, que chegou a Davi, exagerou a realidade, afirmando que todos os filhos do rei haviam sido mortos, enquanto somente Amnom havia caído (ver o vs. 29). A maioria das histórias ganha detalhes fictícios enquanto circula. A mente humana ama o exagero; uma boa história pode ser feita melhor, e uma história trágica pode ser feita mais dramática, com detalhes bárbaros. Todas as histórias de interesse ganham força no ato de publicação. Considere-se a observação de Virgílio sobre este fenômeno:

*O boato é tremendo! Sem demora
Corre através das cidades;
Corre como uma praga, aumentando no caminho,
Ganhando nova força e vigor enquanto caminha.*

13.31

Davi não meramente caiu triste, mergulhou em angústia sem limites. Algum tempo antes, ele se regozijara quando soube da morte de Urias, o marido de Bate-Seba. Fora ele quem planejara aquele assassinato, quando havia roubado a mulher de Urias. Por contraste, o ultraje de Absalão trouxe-lhe terror, e assim ele continuava ceifando os resultados de seus crimes. Davi rolava no chão gritando e chorando, e os seus assistentes rasgaram as próprias roupas, participando da amarga lamentação.

A Lei Moral da colheita Segundo a Semeadura (ver no Dicionário) golpeou pesadamente o rei. As profecias de Natã contra ele e sua família se realizaram sem misericórdia; ver II Sam. 12.10.

*Embora os moinhos de Deus moam devagar,
Moem com extrema precisão.
Embora com paciência Ele fique esperando,
Com exatidão executa tudo, afinal.*

13.32

A Volta do Planejador Esperto. Jonadabe, tendo criado as circunstâncias que produziram, afinal, a tragédia (ele facilitou o estupro de Tamar por Amnom), vendo como seus conselhos criaram desastre, procurava evitar a explosão de

tudo, apontando para o fato de que somente Amnom tinha morrido, implicando que ele havia merecido morrer, por causa do estupro de Tamar. Ver os vss. 3 ss. Também informou Davi que Absalão planejava o assassinato há muito tempo e que sabia daquele detalhe através de boatos, ou pela jactância de Absalão concernente à sua "façanha". Aquela informação, sem dúvida, escapou do pequeno círculo de Absalão, entrando no círculo maior da família do rei.

Jonadabe falava com tanta confiança que parece que ele sabia, o tempo todo, do plano de assassinato. Até é possível que ele tenha ajudado Absalão a formular o plano diabólico, pois Jonadabe era homem de maldade singular. "Jonadabe era um homem muito maldoso, falando tão friamente daquele a quem ele próprio ajudou a cometer crimes". (Adam Clarke, *in loc.*).

13.33

"Um homem morreu, mas os outros escaparam" era uma mensagem de conforto muito estranha, considerando-se que o morto era o primogênito do próprio rei. Todavia, aquele que morreu merecia, então pode-se concluir que Deus fora o autor do acontecimento. A vontade de Deus seja realizada, mesmo se trouxer consternação. Há um conforto perverso nessa fé, embora, às vezes, "fé" seja acreditar-se em alguma coisa que não é verdadeira. O argumento de Jonadabe tinha certa lógica para a mentalidade hebraica que fazia de Deus a "única causa", do bem e do mal, sem nenhuma exceção. Davi, deitado no chão, lamentando a morte do primogênito, não pensou nos seus outros filhos e esposas. Aquela dia era de grande dor; outro dia haveria de devolver ao rei o espírito que tinha fugido com Amnom.

13.34

Absalão fugiu. O que é que o rei faria? O que fariam os militantes de Amnom? Qual vingança procurariam efetuar? Enquanto tais perguntas se levantaram e pairavam no ar, a verdade da declaração de Jonadabe ficou comprovada: os outros filhos de Davi chegaram sãos e salvos. Com a chegada daqueles homens, uma explosão generalizada foi evitada, e aos poucos, tudo se normalizou. Sem dúvida, o crime de Amnom era o fator principal na pacificação de todos os envolvidos no drama. Afinal, Tamar era filha do rei e merecia ser vingada.

Caminho por detrás. Algumas traduções têm, a Estrada Horonaim, traduzindo o hebraico literalmente. "Horonaim é uma forma dual no hebraico, isto é, um plural que indica dois. A palavra ocorre somente aqui e provavelmente se refere às duas Horons, a superior e a inferior, chamadas Bete-Horom Superior e Bete-Horom Inferior" (George B. Caird, *in loc.*). A estrada que levava às duas cidades se chamava Horonaim. Ver esse título no Dicionário.

13.35

Jonadabe, o centro das conversações, foi o primeiro a ver os filhos do rei (acompanhados por muitos outros) chegando, e sua "predição" logo se mostrou correta: somente Amnom havia morrido. O malandro aproveitou-se da situação para jactar-se da precisão de seu entendimento da situação. O texto não explica como ele sabia tanto, talvez tivesse sorte ou precognição de algum tipo. Ver as anotações sobre o vs. 32.

13.36

A Grande Lamentação. Muitos gritos, choros e lágrimas acompanharam o reencontro de Davi com seus filhos sobreviventes. Davi tinha sofrido uma perda grande e inesperada. Naquele momento, o miserável Amnom tornou-se um santo e todos iam sentir saudades de suas maquinações. Para um pai ou mãe, até a morte de um filho criminoso é um evento duro. Também devemos nos lembrar que Jesus chegou neste mundo perverso para salvar os pecadores e por eles foi ao *hades*. I Ped. 3.19; 4.6, que é uma das histórias mais triunfantes do evangelho.

*O abismo é profundo demais,
No entanto, Jesus, o Salvador,
Pode recuperar almas perdidas.
Contemplai esses homens erguidos por Cristo!*

(Russell Champlin)

Ver Descida de Cristo ao Hades, na Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.

13.37-39

Talmai. Ver este título no Dicionário. Era o avô materno de Absalão e morava em Gesur (ver no Dicionário). Essa cidade se localizava a leste e norte do Mar da Galiléia. Assim foi que Absalão viajou cerca de 160 km. para escapar de qualquer

tentativa de vingança da parte de seus inimigos. Seu avô o protegeria, garantindo sua segurança. Ficaria em Gesur três longos anos, se preparando para tirar o trono de seu pai. A rebelião de Absalão contra Davi seria mais um castigo contra ele e sua família, por causa de seus crimes contra Bate-Seba e Urias, cumprindo parte das profecias do profeta Natã, ver II Sam. 12.10.

Com o tempo passando e Absalão ausente, a dor que Davi sentia por causa da morte de Amnom diminuiu, e a vida voltou à rotina. O tempo sara todas as feridas, o que é uma misericórdia divina. Davi continuava esperando obter algum tipo de restauração e reconciliação no seio de sua família lacerada, mas sua esperança se realizou somente com a morte de Absalão. *O julgamento de Deus* pairava sobre a família real; era um tempo de sofrimento.

*Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade,
A justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,
Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda,
Pois todo o erro, nem a noite esconderá!
O que fizeres, de algum lugar, Deus te vê.
E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais?
Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.
Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,
Ela virá e varrerá da terra os iníquos.*

(Êsquilo)

Este versículo implica que Davi fez alguns esforços para vingar a morte de Amnom, procurando punir Absalão, mas com o passar do tempo, sentiu certo conforto, e afinal, abandonou qualquer desejo de prejudicar o assassino. Esperava ver um novo dia, um dia melhor, porque os homens vivem na esperança, até nas noites mais escuras. Ver *Consolo, Consolação*, no *Dicionário*.

*A prosperidade não existe sem receios e perturbações;
A adversidade nunca é totalmente sem conforto e esperança.*

(Francis Bacon)

Capítulo Catorze

Este capítulo continua a seção iniciada em II Sam. 13.1. Estende-se até II Sam. 19.10, com o título de *Consequências Temporais do Pecado de Davi*, pecado que ele cometeu contra Bate-Seba e Urias. "...sabei que o vosso pecado vos há de achar..." (Núm. 32.23). Natã, o profeta, tinha previsto que a casa e a família de Davi seriam pesadamente atingidos pela retribuição divina, por causa dos pecados de Davi (ver II Sam. 12.10,11). No capítulo 13 temos a morte de Amom (por haver violentado a Tamar) e seu assassinato por Absalão, seu meio-irmão. Além disso, temos o exílio de Absalão em Gesur, onde ele ficou por três anos (ver II Sam. 13.37,38). A *lex talionis* (pagamento conforme a transgressão) estava em operação. Davi tinha destruído uma família, pelo que sua família sofreria por causa disso. A *espada* jamais haveria de deixar sua família. Ele sofreria muitas dores e tragédias.

Este capítulo põe à nossa frente outras vicissitudes que contribuiriam para a punição de Davi. Agora chegaria a vez de Absalão ser removido violentamente, e Joabe seria o instrumento dessa execução. Este capítulo, pois, começa a história de como isso aconteceu.

14.1

Percebendo, pois, Joabe. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. "Esse incidente é outra manifestação do poder e da influência de Joabe, que apreciava tomar nas próprias mãos as questões, embora permanecesse cuidadosamente subserviente a Davi (ver o vs. 22; 12.28)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

Joabe observou com consternação o apego de Davi a Absalão, apesar de ele ter matado Amnom, seu filho primogênito. Ele sabia que Absalão só criaria dificuldades, e pode ter suspeitado que, finalmente, ele se rebelaria e até tentaria tomar o trono do pai. Não obstante, ele estava interessado em livrar Davi e resolver suas saudades e anelo prolongado por ver Absalão. Assim, Joabe traçou um plano mediante o qual Absalão seria tirado de seu exílio e reconciliado com o pai. Conforme as coisas aconteceram, porém, isso serviu somente para ajudar Absalão a tentar apossar-se do trono. Foi bom que Joabe se tivesse preocupado com a questão, mas seu ato de bondade produziu maus resultados.

Os Targuns distorção este versículo. Retrata Davi como alguém *contrário* a Absalão, pronto a tomar vingança do assassinato de Amnom, e, presumivelmente, foi para remover essa *inimizade* que Joabe agira. Os Targuns chegam a dizer que durante *dois anos* Davi nem ao menos olhava para o rosto de Absalão, embora

este tivesse retornado do exílio. A proposição hebraica usada pode ter um sentido favorável ou desfavorável.

14.2

Mandou trazer de Tecoa uma mulher sábia. Ver sobre *Tecoa* no *Dicionário*. Esse foi o lugar do nascimento de Amós, o profeta. Ficava cerca de 10 quilômetros ao sul de Belém, ou seja, próximo de Jerusalém. Foi nesse lugar que Joabe pediu a Tecoa, uma mulher conhecida por sua sabedoria, que ajudasse a realizar o *ardil* que ele tinha em mente para tentar reconciliar Davi e Absalão. Joabe traçou a história e a pôs na boca da mulher.

Fazia parte importante do ato que a mulher se apresentasse como alguém que se lamentava pelos mortos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*. De acordo com Josefo (*Antiq.* 1.7, cap. 8), essa mulher era sábia por seus muitos anos de vida e experiência. As tradições judaicas fazem da mulher a avó do profeta Amós, mas não temos como aprovar a idéia. Seja como for, talvez ela tivesse experiência na profissão de lamentadora, pelo que estava equipada para enganar Davi. Belém era onde Joabe morava, e assim ele estava familiarizado com a vila próxima, Tecoa. Provavelmente, ele já conhecia antes a mulher e sabia que ela desempenharia bem um papel que lhe fosse dado. Não há indício no texto sagrado de que ela fosse uma *feiticeira*, conforme conjecturam alguns intérpretes.

A *parábola* que Joabe pôs na boca dela fazia da mulher: 1. uma viúva; 2. alguém que vivia distante de Jerusalém; 3. uma mulher avançada em anos; 4. uma mulher que estivesse em período de lamentação; 5. alguém que representava a situação de Absalão; 6. alguém que deixaria claro o paralelismo entre sua história e a história de Absalão, mas não de forma tão óbvia demais que estragasse todo o ardil. Tomados juntamente, seus atos e suas palavras dissuadiriam o coração do rei e produziram sua reconciliação com Absalão.

14.3

Quanto à maneira de falar, ver o último parágrafo das notas sobre o versículo anterior. O pequeno ato teatral foi a invenção que Joabe queria que seu senhor assistisse para sair da depressão e reconciliar-se com seu filho, Absalão.

14.4

O *ato da mulher* começou com as dramáticas honrarias que ela realizou, caída de rosto em terra, a face voltada para baixo, chorando e clamando ao rei por ajuda. Isso deve ter chamado a atenção de Davi! Mas não sabemos dizer como ela conseguiu aproximar-se do rei. Talvez o próprio Joabe tenha rogado ao rei que ouvisse o caso dela. As saudações normais devem ter sido: "Deus salve o rei! Que viva o rei!", ou alguma outra expressão similar. E isso foi seguido pelo ato do desmaio.

14.5

Perguntou-lhe o rei. O rei, já sentindo tristeza pela mulher, interrompeu o choro da atriz indagando qual era o seu problema. Ela anunciou que seu marido havia morrido. A *viuvez* era sempre algo que atraía a misericordiosa atenção dos hebreus, que faziam provisões para essa gente impotente em sua lei. Ela pertencia a uma classe que merecia e recebia atenção especial. Ver II Sam. 1.13. "Joabe mostrou grande engenho ao inventar um caso que por certo atrairia tanto o interesse quanto a simpatia do rei. A perda da posteridade que poderia manter vivo o nome de seu marido, significava a perda da única imortalidade conhecida pelos antigos israelitas" (John Cair, *in loc.*). Naturalmente, à época de Davi, a doutrina da imortalidade pessoal tinha entrado na fé dos hebreus. Quanto a isso, ver II Sam. 12.23. Sem importar se ela acreditasse ou não na imortalidade, a sorte da mulher era desesperadora, de acordo com os padrões dos hebreus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Viúva*, quanto a detalhes sobre as implicações do texto sagrado.

14.6

Tinha a tua serva dois filhos. A morte de um irmão e filho foi o *segundo* item da parábola que Joabe pôs na boca da mulher. Portanto, a mulher primeiramente havia perdido o marido e então um filho amado. Essa *calamidade* era a base de sua queixa e a "razão" pela qual ela alegadamente buscava a ajuda de Davi. A situação dos *dois irmãos* representava Amnom (o filho assassinado), e Absalão (o matador), conforme Davi haveria de adivinhar não muito tempo depois. Os detalhes foram diferentes o bastante apenas para enganar Davi por algum tempo, permitindo-lhe absorver a mensagem que a mulher sábia estava comunicando. O fratricídio de que a mulher falou fora provocado sem premeditação e malícia, o que era bastante diferente do caso que envolvia Amnom e Absalão.

14.7

O *terceiro item* da parábola da mulher era a interferência da família na questão, que desejava executar o assassino por causa de seu crime, o que a privaria

de outro filho amado. Isso deixaria a viúva sem qualquer herdeiro, e nenhum filho para continuar a linhagem de seu pai. Qualquer *brasa* deixada a queimar na fogueira da mulher seria apagada, dando a entender que qualquer *valor* que sua vida ainda tivesse seria obliterado. E então ela ficaria absolutamente desolada. Ela perderia todos entes queridos, sua fonte de sustento e o nome de família. Dificilmente poderia ser imaginado algo pior do que isso. Talvez haja uma alusão à possibilidade de que Absalão levasse avanti a linhagem real de Davi, sendo ele não somente herdeiro, mas herdeiro ao trono.

É provável que encontremos aqui uma referência ao costume do *Vingador de Sangue* (ver no *Dicionário*).

14.8

Vai para a tua casa. Pelo momento Davi foi enganado. Ele enviou a mulher para casa, assegurando-lhe que *interviria* no caso, especificamente acalmando a família a fim de que não executassem o irmão restante, e trazendo-o do exílio, a fim de que a mulher pudesse reiniciar uma vida normal.

14.9

A *mulher* tinha apresentado o seu caso, mas continuava insistindo, e a insistência dela tornava cada vez mais claro que estava em foco o caso de Davi, até que, finalmente, ele entendeu o ardil. Agora isso falaria da iniquidade que prejudicaria uma família, tendo como paralelo a maldição que a profecia de Natã fizera recair sobre a família de Davi (ver II Sam. 12.10). Mas a mulher esperava que essa maldição não afetasse o filho remanescente, Absalão, herdeiro aparente do trono de Davi. A *culpa* precisava repousar sobre alguém (II Sam. 12.13), mas ela queria que o filho matador fosse livrado de toda a culpa. A mulher quis dizer que a culpa tinha de cair sobre alguém, e cairia sobre Davi e seu *trono*. Isso aconteceria através das ações da família irada, que, tendo recebido ordens para não tocar no filho ofensor, voltaria sua ira contra o próprio rei e sua casa, talvez tentando matar o herdeiro do trono. A mulher, pois, prolongava a entrevista, numa tentativa pressionar Davi com relação às condições de seu próprio dilema acerca de Absalão, levando-o a tomar alguma providência e pôr fim ao exílio de Absalão.

14.10

Disse o rei. Davi garantiu à mulher de que nenhum homem seria contrário às ordens do rei e obteria bom resultado. Tudo quanto a mulher tinha para fazer era notificar ao rei quem a estava perturbando, e ele poderia tal pessoa em seu lugar, em termos nada incertos. Portanto, Davi deu à mulher *solene* garantia de que ele estaria ao lado dela para pôr fim aos seus sofrimentos. "Entregue-se o perturbador às mãos do oficial apropriado, para que ele seja trazido à minha presença, e eu o castigaria por sua interferência" (John Gill, *in loc.*).

14.11

Disse ela. Pacientemente, Davi continuou a ouvir, enquanto a mulher prosseguia, falando mais e mais, enfatizando os possíveis riscos do caso, o filho em perigo, a família violenta que o perseguia para tirar vingança, pois o vingador do sangue nunca desistia. A paciência de Davi estava acabando, mas ele tolerava a conversa com a maior fortaleza possível. A mulher continuava, naturalmente, com o propósito de, finalmente, forçar Davi a enxergar a própria situação, dentro da parábola, e fazer algo a respeito. Essa era a real razão da visita dela e da recitação da parábola. A mulher chegou a envolver *Yahweh-Elohim* na questão, como se o Senhor estivesse interessado no bem-estar dela (e, por conseguinte, no bem-estar dele). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Ao ouvir a mulher proferir os nomes divinos, Davi jurou por *Yahweh* que cumpriria a promessa. Nenhum dano sobreviria à mulher e a seu filho remanescente. Nenhum vingador do sangue teria permissão de causar perturbação em uma família que já havia sofrido o bastante. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*. Felizmente, o juramento feito em favor da mulher finalmente aplicaria-se a ele mesmo, no tocante a Absalão.

14.12

Então disse a mulher. Quase não podemos acreditar no que lemos aqui. A mulher continuava a falar. Ela não parava. Era campeã da fala. Entrementes, Davi era o ouvinte campeão. Ele dizia, resignado: "Fala", permitindo-lhe continuar com a sua tirada. Mas agora Davi estava examinando o relógio, perguntando quando aquilo terminaria. Ele olhava nervosamente ao redor da sala, inclinando-se e metendo a cabeça entre as mãos. Enquanto isso, a mulher prosseguia, falando sem parar. A mulher já havia conseguido tudo quanto tinha pedido. Ela agora contava com um decreto real ao seu lado, além de um juramento feito em nome da divindade. Que mais haveria de querer?

14.13

Prosseguiu a mulher. De repente, a mulher chocou a Davi revelando o propósito de estar ali, bem como o significado da palavra. "Estou falando sobre ti, ó rei. Que pensas em fazer com todo esse dano contra Israel, continuando com a inimizade em tua própria família? Se concedeste tão grandes favores a uma total estranha e para seu filho de mentira, por que não aplicas tais questões a ti mesmo e à tua própria família, por causa de Israel, bem como por causa de ti mesmo?". "... manter Absalão no banimento era privar o povo de Israel de seu herdeiro ao trono. Coisa alguma poderia trazer Amnon de volta à vida, e Deus, nesse interim, ficaria privado de um servo e de um adorador, visto que Absalão estava fora das fronteiras de Israel, fora da esfera da adoração e do culto" (George Caird, *in loc.*).

"Há circunstâncias, disse ela, sob as quais a pena de morte não precisa ser aplicada, particularmente onde não houve premeditação (ver Núm. 35.15). Embora isso não fosse relevante aqui, porquanto Absalão havia planejado a morte de Amnon com grande antecedência, ainda havia o princípio da misericórdia" (Eugene M. Merrill, *in loc.*).

14.14

A Vida é Incerta. Absalão poderia morrer no exílio e nunca ter a chance de subir ao trono. Davi poderia morrer e deixar as coisas no ar. Israel sofreria assim por causa das incertezas da vida e da morte, e a inércia do rei em solucionar as coisas no tempo próprio e antes que ocorressem calamidades irreparáveis. A vida derrama-se como um líquido no solo. Esse líquido, uma vez derramado, não pode ser devolvido ao vaso. Um dano irreparável será assim cometido.

*Quem quer que sejas, a morte te alcançará.
Embora estejas em torres elevadas.*

(O Alcorão)

*A morte tem mil portas que deixam escapar a vida.
Encontrarei uma delas.*

(Philip Massinger)

*Nada promete: os amigos se separarão!
Todas as coisas terminam, pois todas começam.*

(A. E. Housman)

*A alma fugiu. A fé se perde, a honra morre.
O homem está morto.*

*A vida é o dia de hoje.
A vida é aí que mal soa.
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa.
A vida é sonho que leve,
Que se desfaz como a neve.*

...
*A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente.*

(João de Deus)

Os Argumentos da Mulher Prosseguem. Apesar de ser verdade que Deus não respeita a pessoas, também é verdade que Ele é pleno de misericórdia e amor, e restaura até os culpados. Não há razão para pensarmos que Absalão estava além do alcance divino. "Deus, em Sua ira, lembra-se da misericórdia e não pressiona Sua punição a extremos" (Ellicott, *in loc.*). A morte de Absalão seria uma "punição extrema", e a mulher assegurou a Davi que as coisas não deveriam chegar a esse ponto. Portanto, ele deveria agir e restaurar Absalão, o que ela julgava ser a vontade de Deus. Naturalmente, ela não antecipava a temível "restauração sem reforma" que haveria de caracterizar o caso de Absalão. Mas a mulher aconselhou Davi a *imitar* o Deus misericordioso e liberar seu filho.

14.15

Nos vss. 15-17 a mulher retorna à sua (alegada) situação pessoal. A mulher tentou voltar ao seu ardil e falar de seu próprio perigo, mas Deus já havia entendido a real intenção da visita. Várias pessoas, cujos nomes não nos são dados (certamente incluindo membros da própria família da mulher), de acordo com a parábola, "tornavam-na temerosa", fazendo-a sentir-se ameaçada em sua vida e na vida do filho sobrevivente. Ela invocou novamente a Davi para salvar a vida do filho e garantir a restauração, o fim do exílio. Isso pode ter sido verdadeiro, mas

os versículos à nossa frente (15-17) reverterem à parábola. Ela apelou ao “rei” atrás de uma solução para seu problema *pessoal* e, indiretamente, para uma solução pelo problema *nacional*, que circundava Absalão.

14.16

Porque o rei atenderá. A mulher prosseguiu em seus argumentos, promovendo o *ardil* que Joabe lhe incumbira representar. Ela repetia a si mesmo, por muitas e muitas vezes. Forças malignas “lá fora” buscavam prejudicá-la. Ela e seu filho (que tinha matado ao irmão) eram os objetos do ódio e da destruição. A “herança” dada por Yahweh, que pertencia à sua família, perder-se-ia. O vingador do sangue ocultava-se então em meio às trevas para cumprir sua missão de assassinato. Somente Davi poderia impedir todas essas coisas más.

14.17

Seja agora a palavra do rei meu senhor. Davi era o *senhor e rei da mulher* e tinha poder para salvá-la. Era o “anjo de Deus” que poderia beneficiá-la. Se Davi e Yahweh pleitassem a sua causa, por certo ela triunfaria em sua provação. A mulher, pois, buscava *descanso* de sua perturbação e agitação mental. Ela queria que seus temores fossem *aquietados*. Davi, como se fosse o anjo de Deus (Elohim), veria perfeitamente que sua causa era *justa*, pelo que merecia atenção. Finalmente, ela expressou o desejo de que Yahweh estivesse com Davi e lhe desse sabedoria e poder para agir.

Os Targuns dizem aqui: “A Palavra do Senhor teu Deus esteja contigo para ajudar-te”. Quanto ao anjo do Senhor, cf. I Sam. 29.9; II Sam. 19.27 e o vs. 20 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo*.

14.18

Peço-te que não me encubras o que eu te perguntar. Conforme diz uma expressão popular: “Ele não podia meter uma palavra”, ou seja, dificilmente Davi tivera a oportunidade de manifestar-se, pois a mulher prosseguia falando, sem cessar, sempre pensando em algo novo para dizer ou interminavelmente repetindo coisas que já havia dito. Finalmente, porém, Davi *demandou* a sua vez de dizer alguma coisa. Afinal, ele havia compreendido o *ardil*, reconhecendo que Absalão era o real objeto da diátribe da mulher, e não o alegado filho dela, que teria matado ao irmão.

14.19

Joabe, teu servo, é quem me deu ordem. A *Parábola era Criação de Joabe*. A verdade, finalmente, raiou no cérebro de Davi. Agora tudo ficou claro. Absalão estava sendo promovido por Joabe, aquele astuto planejador, “seu voluntarioso general, político e inescrupuloso” (Ellicott, *in loc.*). Nesse ponto, Joabe pode ter tido algum interesse pelo bem-estar de Absalão. Mas o mais provável era que *tudo* quanto ele fazia era por causa de Davi, por quem tinha feroz e *inquestionável* lealdade e devoção. Seu posterior tratamento a Absalão mostra que ele realmente tinha os interesses de Davi no coração. Qualquer coisa que se ajustasse a esses interesses, Joabe promoveria. E o que não coubesse dentro desse molde, ele tentaria destruir. Foi isso que decretou o fim de Absalão, que teve finalmente de perecer, por causa de Davi, e foi o próprio Joabe quem tomou a questão nas mãos.

A mulher foi forçada a confessar que representara um papel, inventado por Joabe, e não por ela mesma. “... ele me deu suas ordens, dirigiu-me quanto ao que eu deveria dizer ao rei e como conduzir toda a questão” (John Gill, *in loc.*). Não há que duvidar que Davi já estava cômico da esperança que Joabe nutria de que Absalão fosse tirado do exílio, e foi esse um dos fatores que o levaram a reconhecer a autoria da parábola contada pela mulher.

14.20

Sábio é meu senhor. A mulher atribuiu a súbita percepção de Davi sobre a verdade à inerente sabedoria do rei e também à presença do anjo do Senhor, que pairava perto dele e o inspirava, sempre que necessário. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Iluminação* e *Anjo*. Ela exagerou em sua declaração, conferindo a Davi uma sabedoria universal, que se estendia a *todas as coisas* que acontecem na terra. A palavra “terra”, usada no final do versículo, contudo, poderia indicar *Israel*. Davi, pois, seria inspirado a saber o que era melhor para toda a nação sobre a qual ele se tornara rei. “Isso está bem de acordo com o estilo das *lisonjas asiáticas*” (Adam Clarke, *in loc.*). Ver o verbete intitulado *Sabedoria*, no *Dicionário*.

14.21

Então o rei disse a Joabe: Atendi ao teu pedido. A questão já tinha chegado à mente do rei, antes daquele momento, e, de fato, em breve ele a teria

posto em execução. À margem do texto hebraico há as palavras “tu o fizeste”, referindo-se a Joabe, mas essa era uma mudança desnecessária. Joabe estava presente à entrevista com a mulher, ou, mais provavelmente, Davi logo haveria de chamá-lo, informando que o seu esquema havia produzido os resultados pretendidos, e Davi convocaria Absalão do exílio, em busca de reconciliação. Isso poria fim à tristeza de Davi (ver II Sam. 13.39) e melhoraria as coisas na corte real e na nação. A Joabe, pois, foi dada a tarefa de trazer Absalão, e ele tinha homens e recursos à disposição para tanto. O vs. 23 mostra que Joabe cuidou *pessoalmente* da questão.

14.22

Inclinando-se Joabe, prostrou-se em terra. Joabe era humilde quando isso lhe convinha, e essa, naturalmente, é uma boa norma para o homem pragmático. Assim, Joabe prostrou-se em terra, com o rosto voltado para o chão, e agradeceu ao rei por ter atendido aos seus esforços por tirar Absalão do exílio. Podemos estar certos, porém, de que os interesses de Joabe visavam o bem-estar de Davi, e não o de Absalão. Ele faria qualquer coisa, até o exagero, em favor de Davi. Era um servo fanático e dotado de poder, que não hesitava em usar sempre que Davi precisasse. Joabe tinha devoção fanática pelo rei, o que, algumas vezes, chegava às raias da insanidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Devoção*, *Devotar*.

14.23

Levantou-se Joabe. Joabe fez pessoalmente a viagem a Gesur, para contatar com Absalão e escoltá-lo até Jerusalém. Ver II Sam. 13.37,38 quanto ao fato de que Absalão estava em Gesur, vivendo e sendo protegido por seu avô materno. A distância era de cerca de 145 quilômetros, pelo que, ida e volta, somavam cerca de 290 quilômetros, uma grande distância a ser percorrida naqueles dias. Joabe dispunha-se a fazer qualquer sacrifício pelo senhor ilustre, por quem sua devoção desconhecia limites.

14.24

Torne para a sua casa, e não veja a minha face. Davi não recebeu Absalão imediatamente. Certamente seria uma reunião nervosa. Afinal, Absalão tinha *assassinado* o filho primogênito de Davi. O rei, pois, adiou esse momento de tensão. Talvez não estivesse inteiramente reconciliado com ele, a despeito de ter concordado com o fim do exílio. “A reconciliação ainda não estava completa. Quando Davi deveria ter exercido disciplina, ele se mostrara lasso. Mas agora que deveria estender perdão, mostrava-se severo. O *excesso de disciplina*, algumas vezes, pode ser falta tão grande quanto a escassez de disciplina” (George Caird, *in loc.*). “Nem as condições espirituais de Davi nem o coração de Absalão estavam preparados para o retorno de Absalão. Restauração sem reforma é algo fatal. Quão antitética a essa volta para casa foi a do filho pródigo, quando se reconciliou com o pai” (Ganse Little, *in loc.*). Ver em Luc. 15.11 a história que contrasta com este caso de Absalão.

14.25

Não havia, porém, em todo o Israel homem tão celebrado por sua beleza como Absalão. Absalão não era um homem comum. Por esse motivo, o autor-editor agora interrompe a narrativa para dar-nos material de apoio sobre como foi Absalão, afinal, se rebelou contra seu pai e quase conseguiu tomar-lhe o trono.

Para começar, Absalão era o homem mais simpático de todo o Israel, não tinha defeito físico de nenhuma espécie que pudesse detratar de sua incontestável beleza física. Por causa disso, era muito “louvado” por todos quantos supunham que a beleza externa deveria indicar pureza e graça interior. Nisso, todos se equivocavam, mas é popular estar redondamente enganado. Ademais, é tradicional julgar um homem ou uma mulher por sua beleza física. Esse *modus operandi* de julgar uma pessoa é uma ilusão, mas eis que é um poderoso método de avaliação. É também tradicional para o público julgar mediante juízos ilusórios, tornar importantes coisas que não têm importância, e ignorar os valores reais. Consideremos a adulação prestada aos astros de cinema e atletas e, infelizmente, até aos *políticos*. Uma face bonita tem efeitos poderosos, e se a isso adicionarmos palavras certas, a combinação pode enganar a qualquer multidão. Conforme se dizia, Helena era tão bonita que tudo quanto precisava fazer era mostrar o rosto, e mil navios se lançavam à guerra. Absalão, ao mostrar o rosto, era um homem que comandava o poder popular, e não demorou para ele usar a beleza física a fim de promover o mal.

“... a grande massa do público é sempre apanhada e conduzida pelas *aparências externas*” (Adam Clarke, *in loc.*). Apesar de toda a sua beleza, porém, Absalão terminou morto, pendurado pelos cabelos a uma árvore.

O Talmude também dá a Absalão *estatura gigantesca* e força física extraordinária; mas isso parece ser apenas um embelezamento. Se o homem tivesse sido dotado dessa maneira, nosso autor provavelmente estaria ansioso para informar-nos acerca do detalhe.

14.26

Quando cortava o cabelo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cabelos*, que dá informações sobre os costumes de várias nações. Somente os egípcios odiavam os cabelos e até rapavam a cabeça (pelo menos a classe sacerdotal). Paulo proibiu os homens de ter longos cabelos (ver I Cor. 11.14), acreditando que isso seria “degradante” para o sexo masculino. Tal declaração tem deixado os intérpretes perplexos, à luz das pesquisas históricas. Parece que era costume dos gregos que os homens evitassem cabelos longos, embora saibamos que nos tempos de Homero, pelo menos, os soldados espartanos usavam cabelos compridos. Em Israel, na época de Paulo, somente uma prostituta cortaria os cabelos como os de um homem, mas em Corinto, cidade cosmopolita, outras mulheres imitavam o que normalmente se confinava às prostitutas. A história de Absalão mostra-nos que não era incomum os homens jovens trazerem cabelos longos. A representação artística de Jesus com cabelos compridos é, provavelmente, historicamente acurada. Alguns intérpretes judeus dizem que Absalão era um nazireu perpétuo, e isso explica seus cabelos compridos (*Maimôn. e Bartenora, em Misn. Nazir*, cap. 1, sec. 2), mas essa informação não parece historicamente exata. Os jovens de ambos os sexos usavam longos cabelos soltos (ver II Sam. 14.26 e Can. 5.11). Para outros detalhes, ver o artigo chamado *Cabelos*.

Absalão cortava os cabelos apenas uma vez por ano, e então havia uma grande massa de cabelos cortados para mostrar, e eles pesavam cerca de um quilo e meio. Foram os longos cabelos de Absalão que, em ocasião posterior, o levaram a ficar pendurado no galho de uma árvore, onde Joabe o alcançou e, por ordem de quem, Absalão foi travessado por dardos. Portanto, o que era uma de suas glórias terminou para fazê-lo chegar ao fim.

Segundo o peso real. “Havia pelo menos dois padrões de peso naqueles tempos, o comum e o real, ou seja, o *peso do rei*. Este último era um tanto mais pesado” (*Oxford Annotated Bible*, em comentário referente a este versículo). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado, *Pesos e Medidas*, seção IV.

14.27

Três filhos, e uma filha. A *Família de Absalão*. O fato de que ele teve três filhos parece estar em contradição com o que lemos em II Sam. 18.18: “Filho nenhum tenho para conservar a memória do meu nome”. Alguns críticos supõem que isso tenha vindo de diferentes fontes, e que essa informação é contraditória com a que temos aqui. Outros explicam que seus filhos devem ter morrido na infância, e quando II Sam. 18.18 foi escrito eles não mais existiam.

Tamar. O fato de que Absalão deu à sua filha o nome de sua irmã (que foram sexualmente violentada por Amnom) indica que ele tinha uma devoção especial por ela e, subsequente, pela filha. *Ambas* eram mulheres extraordinariamente belas e, visto que o próprio Absalão era conhecido por sua beleza física, podemos entender a questão em termos de genética.

A Septuaginta diz aqui que Tamar se tornou esposa de Reoboão, filho de Salomão, e lhe deu Abia por filho. Mas de acordo com I Reis 15.2, a esposa de Reoboão chamava-se Maaca e era filha de Absalão. Algum tipo de erro, pois, entrou na história. Josefo concordava com a Septuaginta (*Antiq.* 1.7, cap. 8, sec. 5). Cf. Mat. 1.7. Ver também II Crô. 11.20-22. Quanto a detalhes, ver sobre *Tamar* no *Dicionário*, em seu terceiro ponto.

14.28

Tendo ficado Absalão dois anos em Jerusalém. Esse foi o tempo em que Absalão viveu em sua própria casa de Jerusalém, e nem uma vez sequer viu seu pai face a face. Provavelmente isso se deu por ordem de Davi, e Absalão até pode ter ficado sob uma espécie de prisão domiciliar. Tais condições, sem dúvida, contribuíram para seu espírito de rebelião. Davi havia agradado Joabe, que pensou que a presença de Absalão ajudaria o rei a sair de sua depressão (ver II Sam. 13.39), mas a coisa inteira estava ficando amarga. Entrementes, Absalão ganhava popularidade diante do povo, enquanto a fama de Davi se diluía. Afinal, ele não estava mais no campo de batalha, matando e conquistando inimigos (oito deles, ver II Sam. 10.19), em cuja circunstância grande parte de sua fama se originou. O assassinio de Amnom, filho primogênito de Davi, por Absalão, deixara no coração do rei feridas que nunca sararam completamente, pelo que sua relação com Absalão jamais atingiu verdadeira reconciliação.

14.29

Mandou ele chamar a Joabe. Absalão fizera um esforço honesto para reconciliar-se com o pai, mas como nunca foi chamado a visitá-lo, tentou usar Joabe como intermediário, visto ter sido esse homem quem arranjara as coisas para o seu exílio chegar ao fim. Mas Joabe, provavelmente sob ordens de Davi, ou em consonância com a política geral que Davi impusera em relação ao filho, simplesmente ignorou os pedidos de Absalão para obter uma audiência com o pai. Como

é óbvio, Joabe preferia obedecer a Davi, o que concordava com seu modo inflexível de agir, em lugar de satisfazer aos pedidos de Absalão. Essa atitude, pois, deixou Absalão cada vez mais irado. Alguns supõem que ele tivesse algum propósito *sinistro* ao querer ver o rei, e não estivesse realmente interessado em reconciliação, embora o texto sacro não ventile essa possibilidade.

14.30

Ide, e metei-lhe fogo. O *Incêndio que Chamou a Atenção de Joabe*. Irado e desgostoso, Absalão mandou incendiar o campo plantado com cevada, pertencente a Joabe, sabedor de que isso o levaria a uma visita apressada. Os campos de Absalão e Joabe eram contíguos, pelo que a tarefa foi fácil para os servos de Absalão. Os executores do incêndio precisaram realmente ser homens corajosos, para fazerem aquilo com Joabe; mas era tradicional que os servos fizessem qualquer coisa que seus senhores lhes ordenassem, deixando a responsabilidade de seus atos com os senhores. Cf. a informação de como os servos de Absalão mataram Amnom, embora este fosse o primogênito do rei (ver II Sam. 13.23 ss.).

14.31,32

Joabe não reagiu com violência. Ele deve ter reconhecido a justiça da queixa de Absalão. O ato de Absalão era injurioso e, ao que parecia, malicioso; mas igualmente injurioso era o tratamento que Davi lhe dispensava, deixando mojar em sua própria casa. Se ele queria tratar o filho daquela maneira, por que o tirou de Gesur?

Absalão salientou, diante de Joabe, que se ele fora tirado do exílio em Gesur, na verdade continuava exilado. E estaria muito melhor se tivesse permanecido em Gesur. Outrossim, se ele fosse tão grande pecador, e se o assassinato de Amnom nunca receberia perdão (embora tivesse sido provocado por causa do crime sexual de Amnom), então Davi deveria prosseguir e mandar *executá-lo*, em lugar de deixá-lo a enregelar em sua própria casa. Absalão, pois, clamava por justiça e esperava, de forma genuína, que houvesse alguma forma de reconciliação com o pai. Absalão não confessou sua culpa, mas exigiu que, *se fosse considerado culpado*, recebesse perdão ou execução. O que ele não podia resistir era ao *status quo*. “Ele preferiu morrer a viver uma vida como a que estava vivendo” (John Gill, *in loc.*).

14.33

Então Joabe foi ao rei. Joabe conseguiu uma entrevista entre Davi e Absalão. Absalão prostrou-se em sinal de obediência, o que era mesmo de esperar-se. Davi beijou Absalão, conforme se esperava de um pai. Mas não sabemos dizer quão genuína foi essa reconciliação. Se houve algum grau de reconciliação, entretanto, ela não perdurou por muito tempo. Pois logo Absalão estavam em plena revolta contra seu pai.

“A reunião foi ao menos superficialmente cordial, mas, conforme demonstraram os eventos subsequentes, a longamente adiada aceitação de Davi ao filho ocorreu tarde demais. Absalão estava amargurado e decidido a fazer o que fosse necessário para que Davi pagasse por sua intransigência” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

“A tentativa de restaurar corretas relações entre dois pecadores deve estar alicerçada sobre a mútua admissão de pecado, sobre a mútua determinação de tirar proveito dos erros cometidos, sobre a mútua devoção a um propósito mais elevado que os interesses pessoais de qualquer das partes envolvidas” (Ganse Little, *in loc.*).

Capítulo Quinze

A Rebelião de Absalão (15.1,2)

Este parágrafo faz parte da seção maior de II Sam. 13.1 – 19.10.

Conseqüências Naturais do Pecado. Davi nunca ficaria inteiramente livre das temíveis conseqüências de ter adulterado com Bate-Seba e de ter mandado assassinar seu marido Urias. Natã, o profeta, tinha proferido uma maldição contra a família de Davi, que garantiria esse resultado (ver II Sam. 12.10). Em *primeiro lugar*, o filho infante com Bate-Seba morreria uma semana após ter nascido (cap. 13). Em *segundo lugar*, Amnom havia praticado incesto e violência sexual contra Tamar, sua meia-irmã (que era irmã de Absalão) (cap. 13). Em *terceiro lugar*, Absalão assassinara Amnom (que era o primogênito de Davi) (13.23 ss.). Em *quarto lugar*, essa circunstância enviou Absalão para o exílio, privando Davi de outro filho (13.34 ss.). Em *quinto lugar*, embora restaurado a Jerusalém, nenhuma verdadeira reconciliação entre Davi e seu filho, Absalão, foi possível, embora tivesse havido uma tentativa abortada (cap. 14).

Absalão, amargurado pelo que lhe havia acontecido desde que deixara o exílio em Gesur (embora tivesse voltado a viver em Jerusalém, por dois anos seu

pai se recusara uma visita sequer, ver II Sam. 14.28), tomou passos para tornar-se uma força em oposição a Davi. Absalão haveria de tirar vingança disso. Ele reuniu um pequeno exército que se tornou o núcleo de sua rebelião (15.1). Embora esse exército fosse pouco mais do que uma força guarda-costas, era um começo. Ato contínuo, ele se estabeleceu como uma espécie de juiz, assumindo uma autoridade que não lhe pertencia (ver II Sam. 15.5 ss.). Então se proclamou o rei vassalo de Hebrom, e assim a rebelião tomou algum vulto (ver II Sam. 15.10). Em breve havia uma conspiração generalizada em Israel, que tinha por objetivo a substituição de Davi por Absalão no trono. Davi foi obrigado a fugir de Jerusalém (II Sam. 15.14). Mas o selvagem Joabe estava presente, ansioso para resolver imediata e definitivamente a questão.

15.1

Um carro e cavalos, e cinquenta homens. Absalão preparou para si mesmo uma guarda pessoal, grande o bastante para ser o núcleo de um pequeno exército. “Adquirir uma guarda pessoal usualmente é o primeiro passo do homem que pretende usurpar o poder. A mesma norma política foi seguida por Adonias (ver I Reis 1.5), e também pelos tiranos gregos. Para exemplificar, Pisistrato tornou-se tirano de Atenas ao aparecer no mercado coberto de ferimentos e afirmando que ter sido atacado por oponentes políticos. Os atenienses entregaram-lhe então uma guarda pessoal de cinquenta homens, com cuja ajuda ele foi capaz de apossar-se da Acrópole e da cidade inteira” (Heródoto, *Hist.*, I, 59) (John Caird, *in loc.*). Quando morreram Saul e Jônatas, abriu-se o caminho para um rei de Israel que não viesse da linhagem real anterior. A Absalão, porém, não foi garantida coisa alguma como herdeiro do trono de Israel. Além disso, ele estava longe do favor daqueles que ocupavam o poder, pelo que começou a movimentar-se para vir a sentar-se no trono, e não se arriscar diante das vicissitudes da vida. Não era sempre que o filho primogênito de um rei acabava ocupando o trono, mesmo quando uma dinastia prevalecia (ver Deu. 21.15017), e isso adicionava confusão à sucessão.

Ostentação. Os carros de combate e os homens de Absalão corriam à frente dele, e dessa maneira ele obtinha glória. Somos informados de que Nero, o imperador romano, nunca fazia uma viagem com menos de mil homens a acompanhá-lo (Suetônio, em *Vit. Neron*, cap. 30).

Foi assim que os planos e atos de Absalão se ajustaram à tremenda profecia de Natã (ver II Sam. 12.10), que rezava, que, por causa de seus pecados, Davi nunca ficaria livre de dificuldades em sua própria família. Ver a introdução a este capítulo sobre como essa profecia se cumpriu em variadas maneiras.

15.2

Levantando-se Absalão pela manhã. Brincando de juiz. “Meu pai, Davi, está muito ocupado”, dizia ele às pessoas que viessem apresentar casos e queixas, “e ele não pode dar a todos atenção pessoal. Por outra parte, sou um homem do povo, pronto e ansioso por ajudar. Tragam a mim as suas queixas”. Foi assim que Absalão passou a ocupar, arbitrariamente, uma função que cabia exclusivamente ao rei, e ninguém o deteve em suas atividades. Devemos lembrar que o ofício de juiz era parte importante do ofício de um governante, e Israel tivera juízes em lugar de reis. Os reis, pois, absorveram essa função judicial.

Absalão usava a função de juiz a fim de obter popularidade. Ele era um pretendente, um falso protetor do povo, um falso sábio que sempre sabia o que deveria ser feito. O quanto ele realmente cuidava do povo pode ser julgado pelo tratamento que conferiu a Joabe (ver II Sam. 14.28-33). O *romance político* era indutório, sábio, diligente, acordava cedo e continuava a trabalhar até altas horas da noite, cuidando dos interesses populares. Em outras palavras, ele fazia política, como é usual.

Porta. O portão principal de uma cidade era o lugar próprio para julgamentos, e com frequência o local conveniente para reunir concílios. Naturalmente, havia o palácio do rei, onde Davi ouvia os casos, mas o portão de uma cidade era sempre um lugar para ouvir casos e fazer julgamentos.

Ele sempre indagava “De que cidade és tu?” ou “De qual tribo és tu?” antes de iniciar qualquer conversa. Tal como costumamos dizer “Onde nasceste?” ou “De que estado você é?”, algo que as pessoas estão sempre ansiosas a discutir. Absalão também pertencia a uma das tribos de Israel, um bom vizinho e irmão de todos os demais. Ele era da tribo de Judá, a mais poderosa de Israel, e isso lhe aumentava o prestígio.

15.3

Olha, a tua causa é boa e reta. Absalão sempre afirmava que aqueles que vinham a ele tinham o direito de ser ouvidos, pois sempre apresentavam *causas justas*. Mas o rei estava ocupado demais para ouvir as pessoas, sendo essa a razão pela qual Absalão julgava no portão. Ele ouvia alegremente os queixosos, e logo se tornou uma figura paternal diante das massas populares.

Além disso, era Absalão que estava ali para ajudar às pessoas, e não algum outro filho de Davi. Desse modo, ele se distanciava dos “outros candidatos” ao trono de Israel. “Absalão usava as mesmas ‘artes’ que têm sido empregadas pelos demagogos de todos os séculos. Ele não acusava o rei de estar errado, mas insinuava que o sistema de governo era defeituoso e expressava seu desejo de endireitar as coisas” (Ellicott, *in loc.*).

15.4

Quem me dera ser juiz na terra! Em sua falsa humildade, Absalão desejava (provavelmente acompanhado por um juramento divino) torna-se juiz *oficial*, a fim de que pudesse cumprir seus planos de governo. Nesse caso, ele sempre estaria pronto a *fazer justiça*, algo de que o povo precisava desesperadamente. Nisso, ele projetava seu desejo de tornar-se o *rei oficial*, que absorveria em si mesmo os deveres dos juizes. O texto sugeria que Israel não tinha um sistema eficaz de juizes, ou, pelo menos, não tinha um *juiz-em-chefe*, cujo ofício fora absorvido na função geral de rei.

15.5

E o beijava. O *Antigo Jogo dos Ósculos*. Os políticos são contumazes “beijoqueiros”; não porque realmente gostem dessa atividade sem sentido, mas porque os beijos, presumivelmente, emprestam um toque de familiaridade e calor humano. Mas não era a mão de Absalão que era beijada. Absalão era quem beijava. “Mediante essa maneira gratuita, familiar, afável e cortês, estranhamente ele conquistava os afetos do povo” (John Gill, *in loc.*). Os homens de posição (até mesmo figuras eclesásticas) estendem suas mãos para serem beijadas, ou então é o anel no dedo que é beijado; e alguns intérpretes pensam que isso é o que está em foco no versículo (conforme Fortunatus Schachus, *Elaeichism. Myrothe*. 1.3, cap. 34), mas tal opinião não concorda com a tradução fiel do hebraico. “Absalão mostrava ao povo grande afeto por oscular às pessoas, quando chegavam defronte dele” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

15.6

Desta maneira fazia Absalão. Através desses métodos, incluindo o jogo dos beijos (ver o vs. 5), Absalão logo conseguiu o apoio das massas populares. Ele era seu pai político, o *candidato* do povo a ocupar o trono. Mas Absalão não esperaria nenhuma sucessão leal ou pacífica. Ele estava jogando o seu jogo a fim de tomar uma revolução imediata possível e aceitável aos olhos do povo. Absalão, pois, *enganava* o povo. A palavra aqui usada é a mesma empregada em Gên. 31.20,25.

O coração. De acordo com o idioma hebraico, o coração é a sede do intelecto e da vontade, e não meramente das emoções.

15.7

Ao cabo de quatro anos. O texto hebraico fala em *quarenta anos*, mas é evidente que se trata de um erro. Os hebreus usavam letras para representar algarismos, e a leve diferença no formato dessas letras ocasionalmente provocava erros numéricos nos textos sacros, que precisamos reconhecer. Além disso, a fé religiosa não depende dessas coisas, e, como é óbvio, esses (e outros) tipos de erros existem nos manuscritos originais, a despeito do que dizem os ultraconservadores. Somente os céticos (que tentam encontrar erros em tudo) e os ultraconservadores (que tola mente não conseguem descobrir erros em nenhum trecho bíblico) se preocupam com essas questões. Qualquer coisa que tenha passado através da mente e das mãos humanas pode conter erros, e isso não somente quanto a coisas mecânicas (como os números), mas também quanto a *idéias*. O Novo Testamento deixou de lado muitas *idéias* do Antigo Testamento, e isso é uma demonstração regular de que as idéias mudam na revelação, avançando do antigo para o moderno, do inferior para o superior, e assim será *sempre*. Somente a *pessoa de Deus* é infalível. Todas as demais coisas alegadamente infalíveis tornam-se ídolos e compõem parte da *idolatria piedosa*. Piedosa, sim, mas ainda assim *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*).

Josefo diz aqui *quatro anos* (ver *Antiq.* 1.7, cap. 9), tanto quanto as versões siríaca e árabe. Mas a antiga versão de João Ferreira de Almeida e a King James Version apegam-se aos quarenta anos, o que força alguns intérpretes a toda espécie de contorção para defender o texto sacro, como começar a contagem de vários pontos de partida diferentes. O próprio John Gill (*in loc.*), que usualmente tenta, com toda a sua força, reconciliar tais coisas, diz sobre o caso presente: “... (aquelas) tentativas para explicar o número quarenta, no texto, não são inteiramente satisfatórias. Portanto, uma pessoa pode ser tentada a concluir que deve ter havido um equívoco em alguma cópia, estando indisposta a admitir que o autor original teria provocado o erro”.

O Voto Alegado de Absalão. Absalão não hesitou em mentir ao pai acerca da verdadeira razão de querer ir em Hebrom. Ele fizera um *voto*, afirmara, e esse voto era

uma promessa a Yahweh acerca de sua saída do exílio. E Davi deixou-se enganar pela alegação de Absalão. Assim, chegando aquele lugar, Absalão afastou-se consideravelmente da capital. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Voto*. Esse era um negócio sério entre os hebreus, pelo que Davi hesitaria em negar a Absalão a oportunidade de cumprir uma promessa que ele tivesse feito com relação a algum voto.

Logo, encontramos aqui o velho absurdo: "Revolução no nome do Senhor". Hoje em dia, as pessoas fazem de Jesus um revolucionário, na tentativa de angariar apoio para suas causas. A revolução em nome da religião é um "método honrado pelo tempo, pelos charlatões e traidores" (Ganse Little, *in loc.*). A alegada "verdadeira religião" é, com frequência, o inimigo da democracia e da sanidade política, quando essa verdadeira religião é a arma dos revolucionários e dos fanáticos. Foi assim que Adolfo Hitler reviveu os antigos mitos religiosos dos alemães em ajuda à causa que ele defendia, e o comunismo russo transformou em heróis certas figuras tais quais Ivã, o Terrível, e Catarina, a Grande, como alegados precursores de sua revolução.

Atualmente, alguns fazem da própria *Bíblia* um texto de provas para apoiar o comunismo, ao mesmo tempo que negam a existência de Deus, o direito à propriedade pessoal e outros princípios honrados pela Bíblia. Entrementes, seus heróis modernos, os originadores desses movimentos, são assassinos em massa que procuram destruir a igreja e suas instituições.

15.8

Gesur. Ver II Sam. 13.37,38. Esse fora o lugar do exílio de Absalão.

Se o Senhor me fizer tornar a Jerusalém. Não é impossível que Absalão, na realidade, tenha feito esse voto. Nesse caso, pois, ele se tornava duplamente pecador por distorcer suas intenções de ontem, ao promover, *então*, sua revolução, mediante uma viagem a Hebrom, em lugar de simplesmente dar ação de graças por terem sido satisfeitos os seus desejos. O mais provável é que ele estivesse mentindo do começo ao fim. Seu alegado voto era pura invenção para tocar nos sentimentos de Davi, de modo que o rei lhe desse permissão de ir a Hebrom, a fim de traçar melhor os detalhes de sua rebeldia.

A *arca da aliança* estava, durante esse período, em Jerusalém, e a adoração se centralizava naquele lugar. Mas outros *antigos santuários* nunca tinham morrido, e continuavam sendo objetos de peregrinações. Davi nada via de errado em um homem ir a Hebrom com propósitos religiosos. Afinal, esse era um dos quartéis-generais do patriarca Abraão. Até antigos e rígidos presbiterianos escoceses nada viam de errado em cantar sobre "o Deus de Betel". A presença de Deus não se restringe a um único lugar, a um único santuário, a um único centro e a uma única religião. É natural que as experiências místicas e espirituais estejam associadas aos *lugares* onde ocorreram, contanto que um homem não adore um lugar ou qualquer outro objeto físico. Há um hino que fala sobre "andar hoje por onde Jesus andou e sentir ali a Sua *presença*". Pessoas oram ao lado dos sepulcros de pessoas amadas e esperam que, de alguma maneira, tais orações tenham poder. Enquanto nosso coração e nossa mente estiverem fixados sobre o Deus Eterno (Yahweh), não haverá nada de errado em irmos em lugares especiais a fim de buscá-Lo.

"Servirei a Yahweh", disse Absalão, quanto ao voto que tinha feito. Mas a verdade é que ele iria a Hebrom para promover uma campanha de ódio e destruição contra o próprio pai e contra Israel. É provável que em Hebrom houvesse descontentes prontos a colaborar com a causa de Absalão.

"Hebrom era o lugar do nascimento e da infância de Absalão, além de ser uma cidade santa desde há muito tempo e, assim sendo, local apropriado para o desempenho de seu voto... Tal como muitos outros culpados, Absalão velou seu crime sob uma capa religiosa" (Ellicott, *in loc.*).

15.9

Vai-te em paz. Assim respondeu ao filho o rei Davi, completamente enganado. Davi havia procurado reconciliação muito tarde. As sementes do ódio tinham sido implementadas no coração de Absalão. Ver as notas em II Sam. 14.33 sobre a questão. *Hebrom* teria sido um bom lugar para pagar a promessa feita em conexão a um voto, conforme anotado nos versículos anteriores. Portanto, Davi não fez objeções. Absalão foi com duzentos homens (vs. 11), um grande grupo para um homem que queria apenas pagar um voto!

15.10

Absalão é rei em Hebrom. Seria em Hebrom que Absalão se proclamaria rei. Mas seu movimento era nacional. Seus emissários obteriam apoio em todas as tribos; no momento certo, o *novo rei* seria proclamado, e o antigo teria de fugir mais uma vez. Mas o selvagem Joabe esperava por trás dos bastidores, para pôr as coisas no seu devido lugar de novo. Podemos presumir que o plano de Absalão estava sendo planejado por *quatro* anos (ver o vs. 7), e o autor sacro informa-nos apenas os atos finais. Absalão trabalhara subterraneamente.

"Todos os ditadores surgem em cena pelos mesmos métodos. Quão diferentes são os meios empregados por Deus em Cristo, para conquistar o mundo! Jesus foi crucificado por recusar-se a prometer falsamente, a todos os homens, que Seu reino faria justiça automática a todas as injustiças pessoais... Um reino duradouro só pode ser edificado sobre o coração de homens *livres*, atraídos gratuitamente pela verdade... A história assevera esse fato central" (Ganse Little, *in loc.*).

15.11

Absalão levou consigo os duzentos homens, mas eles não foram informados do plano. Nisso ele se mostrou sábio, porque se tivesse levado consigo sua guarda pessoal treinada, Davi poderia suspeitar que algum mal estava sendo planejado. E aqueles duzentos homens podiam passar para a sua causa, uma vez que chegasse o tempo certo. Os homens, sem dúvida, eram soldados e nutriam certa simpatia por Absalão, embora não soubessem da *extensão de seus planos*. Também é possível que aqueles homens fizessem parte de sua guarda pessoal, e que o texto sagrado signifique apenas que, embora estando com Absalão em tudo, eles ignoravam seus planos a longo prazo. Ou então os duzentos homens eram figuras exponenciais de Jerusalém, juntamente com soldados, cujo apoio para a rebelião Absalão tentaria obter no tempo certo.

15.12

Aitofel, o gilonita. Quanto a notas completas sobre ele, examinar o *Dicionário*. Esse homem era conhecido por sua sabedoria especial, e, se fosse ganho para a causa de Absalão, exerceria larga influência e faria com que muitos o seguissem. Ele mediu as probabilidades e decidiu que a estrela de Absalão estava ascendendo, e a de Davi estava em declínio; portanto, movido por interesses pessoais, passou a apoiar o homem mais jovem. Ver o vs. 31. Aitofel acabou suicidando-se. Ver os detalhes no artigo sobre ele. Ele era o avô de Bate-Seba. Talvez parte da razão de ter apoiado a Absalão tenha sido a vingança contra Davi, pelo que o rei fizera com Bate-Seba e seu marido, Urias. Nesse caso, seria outra evidência de que a família de Davi permanecia sob a maldição da profecia de Natã (ver II Sam. 12.10).

Gilonita. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Giló, Gilonita*. Giló era uma cidade da região montanhosa de Judá (ver Jos. 15.51). Talvez a moderna Jálá, a 8 quilômetros de Hebrom, marque o local. Durante muito tempo, Siló foi importante santuário onde a arca permaneceu. Mas a adoração centralizada em Jerusalém não anulou os antigos santuários. Absalão dirigiu-se (ostensivamente) a Hebrom para pagar um voto que tomara, e Hebrom também era um antigo santuário de Israel. Ver as notas sobre o vs. 8 deste capítulo, quanto a essa circunstância que acompanhava muitos santuários. Aitofel era um homem piedoso, que atendia a atos religiosos em Siló, tendo sido chamado daquele lugar para conferenciar com Absalão. Sem dúvida, Absalão também angariou o apoio de outros líderes importantes. Sua "campanha por tornar-se rei" não ignorou nenhum detalhe.

Crescia em número o povo. Absalão obteve muito apoio do povo comum. Sua rebelião tornou-se *popular*. O movimento em favor da entronização fortalecia-se a cada dia.

"Quando Absalão conseguiu o apoio de Aitofel, ele, com efeito, obteve o *primeiro-ministro* do reino" (Adam Clarke, *in loc.*).

15.13

Conforme diz um ditado popular, "Davi foi o último a saber" do plano rebelde. Informaram-no não somente acerca do plano, mas também do grande apoio a Absalão, até mesmo entre o povo comum. É evidente que Davi foi apanhado de surpresa. Jerusalém era uma cidade fortificada e poderia ter resistido, mas o resultado seria uma sangrenta guerra civil. Davi achou por bem fugir, pelo menos por enquanto, a fim de pensar, planejar e lançar uma contra-ofensiva, no momento certo. Portanto, temos aí um grande *absurdo*. O poderoso Davi novamente em fuga, tal e qual havia feito, durante muito tempo, diante de Saul, antes de apossar-se do trono, embora tivesse sido *ungido* rei pelo profeta Samuel. Visto que Absalão contava com tamanho apoio, é provável que Davi também temesse ser traído, *dentro* de Jerusalém. Era melhor fugir a fim de combater em algum outro dia. Davi era agora homem de idade e faltavam-lhe as chamas da juventude. Isso torna os seres humanos *cautelosos*. Joabe estava presente e sempre poderia ajudar no combate, mas agora ele também estava ficando velho, e não era mais senhor de todas as suas forças físicas. Além disso, Joabe era arrogante e opressor, e sua mera presença provavelmente irritava a muitos em Jerusalém. Além de todas essas razões, havia a *maldição divina* contra a família de Davi (ver II Sam. 12.10). Era mister, porém, que Davi superasse todos esses problemas. Ele terminaria vencedor, mas a grande custo. Embora não tivesse sido abandonado, havia tornado sua própria vida dificultosa. Seria preciso lutar para obter cada vitória, no meio de toda essa disciplina.

15.14

Disse, pois, Davi a todos os seus homens. Davi reuniu seus soldados e conselheiros de maior confiança e exortou-os a fugir com ele, antes da chegada de Absalão na cidade, que os executaria a todos. Nos tempos antigos, incluindo a nação de Israel, lemos continuamente sobre como pai matava filho, e como filho matava pai ou irmãos, em meio às lutas pelo poder. Podemos estar certos de que a estimativa de Davi estava correta. Ele não seria poupado por seu filho. Estaria entre as vítimas, e o jovem cuidaria para que houvesse grande matança. Enquanto lemos os primeiros relatos do Antigo Testamento, ficamos impressionados com que *tribos selvagens* estejam sendo descritas, a despeito da espiritualidade que fora implantada entre eles, e embora todos estivessem crescendo na direção de “um dia melhor”. Mas, por enquanto, antes do “dia melhor”, o que imperava era “sangue e tripas”, conforme diz certo ditado popular. Ver o vs. 18 quanto ao núcleo dos apoiadores de Davi, que estavam dispostos a arriscar-se na companhia do velho rei. Eles o tinham visto triunfar contra grandes adversidades, e ainda não eram velhos o bastante para vê-lo sucumbir definitivamente.

15.15

Eis aqui os teus servos. *Lealdade era a palavra* de poucos, pelo que Davi levou consigo aqueles poucos. O restante, em Jerusalém, provavelmente aceitaria de bom grado a mudança no poder. Os poucos haveriam de ficar para defender a cidade, ou para unir-se a Davi em seu novo exílio, ou para fazer qualquer coisa a que ele os instruisse. Eles puseram todos os seus ovos em uma única cesta: a lealdade a Davi, sem importar as consequências que isso pudesse trazer.

15.16

Saiu o rei. A casa de Davi era de considerável tamanho. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele, que apresenta um gráfico de todas as suas concubinas, as quais ele havia reunido enquanto se mudava de lugar para lugar. Mas ele deixou dez dessas concubinas para cuidar das coisas em sua ausência. Essas mulheres, naturalmente, e seus filhos (se Davi os deixasse para trás) seriam alvos de abusos pelo novo poder que estava tomando Jerusalém, e *nisso* haveria outro cumprimento da maldição divina sobre a família de Davi (ver II Sam. 12.10). Ver II Sam. 16.21,22 sobre como Absalão, a conselho de Aitofel, abusou, aberta e publicamente, das concubinas de Davi, a fim de envergonhar o pai e assim trazer descrédito à sua causa. Era costume que um novo rei tomasse o harém do antigo monarca, sendo esse um sinal do seu êxito ao obter o comando.

15.17

Tendo, pois, saído o rei com todo o povo. A *caravana do rei* saiu de Jerusalém e demorou-se em um lugar não muito distante. Ali estava o poderoso Davi na estrada novamente. “Davi e seus cortesãos saíram primeiro e pararam na última casa para ver o restante do exército marchar e passar por eles. Então seguiu-se a milícia e, finalmente, passaram os mercenários” (George B. Caird, *in loc.*). Davi esperou com paciência até que viu todos os seus amigos e apoiadores em segurança, fora da cidade. Foi assim que ele reuniu suas forças e iniciou a fuga, esperando um dia melhor no qual pudesse lançar sua contra-ofensiva.

15.18

É descrito agora o núcleo do novo exército de Davi.

A guarda real. Ver o artigo sobre os *quereteus* no *Dicionário*. Ver I Sam. 4.1 e 30.14. Os *quereteus* tinham alguma espécie de associação com os filisteus (ver Sof. 2.5 e Eze. 25.16). É provável que eles fossem uma tribo cananéia que tinha ocupado partes de Israel antes mesmo dos filisteus. Alguns desses homens tornaram-se soldados leais do exército de Davi.

Os peleteus. Ver sobre eles no *Dicionário*, sob o título *Peletitas*. Talvez eles fosse outro grupo de *filisteus*, que se tinham tornado parte da comunidade de Israel, através das vicissitudes da guerra e da paz. O artigo sobre os *quereteus* oferece maiores detalhes.

Os geteus. Ver no *Dicionário* o artigo sob o título de *gititas*. Eram filisteus que haviam seguido Davi desde *Gate* (ver a respeito no *Dicionário*). “Homens fiéis que o seguiram de Gate, na Filistia, quando ele estava sendo perseguido por Saul: ver I Sam. 23.13; 27.2 e 30.9. Eles também fugiram com Davi” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Alguns intérpretes supõem que esses homens não fossem filisteus de Gate, mas forças que acompanhavam Davi quando ele combateu ali, e então o seguiram quando ele se mudou de lugar. Ver I Sam. 27.2,3. Nesse caso, tais homens eram israelitas, mas israelitas que tinham estado com Davi em Gate. É assim que Josefo afirma que aqueles homens eram *campeões* de Davi em sua primeira fuga

de Saul (*Antiq.* 1.8, cap. 1, sec. 5). Aqueles homens tinham-se juntado a Davi enquanto ele fugia na presença de Saul, vindos de vários lugares (ver I Sam. 22.1,2; 23.13; 25.13; 27.3). Eles compartilhavam da vida e dos feitos de Davi (ver I Sam. 27.8; 29.2; 30.1-9). Foram com ele a Hebrom (ver II Sam. 2.3) e, finalmente, a Jerusalém (ver II Sam. 5.6). Tornaram-se seus principais heróis, seus “homens poderosos” (ver II Sam. 10.7; 16.6; 20.7 e I Reis 1.8). Podemos, pois dizer, que a *antiga guarda* continuava com Davi, ainda compartilhando de sua fortuna, fosse ela boa ou má.

15.19

Itai, o geteu. Ver sobre ele no *Dicionário* e também o verbete *Gitita*. Provavelmente ele era um mercenário, e Davi o aconselhou a buscar empreendimentos mais frutíferos. O novo rei, Absalão, teria algum trabalho para ele. Ele era um estrangeiro e não tinha obrigação de compartilhar da nova e precária vida de Davi. O vs. 20 mostra-nos que ele acabara de chegar a Jerusalém, provavelmente em busca de trabalho como soldado. Por alguma razão desconhecida e não declarada, ele se mantinha leal a Davi. Talvez Davi fosse seu herói, por sua poderosa e generalizada reputação. Seja como for, Itai entregou-se à causa de Davi. Talvez, como antigo guerreiro, ele tivesse alguma *intuição* sobre a guerra e, mediante algum sentimento inexplicável, ele sentia que Davi acabaria vencendo a disputa. Itai logo recebeu o comando de terça parte das forças de Davi (ver II Sam. 18.2). Talvez ele fosse um general experiente, e Davi precisava dele.

15.20

Chegaste ontem. O poderoso Itai, que logo se tornaria um importante elemento do exército de Davi, chegara no dia anterior, em busca de trabalho como soldado. Sempre havia algo ocorrendo em Israel, e ele esperava encontrar ali um trabalho proveitoso. Além disso, na ocasião, Israel vivia o auge das vitórias militares sobre as nações vizinhas, e sempre seria melhor estar no lado vencedor. O fato de que Israel estar entrando em uma guerra civil provavelmente o tomou de surpresa. Contudo, a guerra era seu negócio, e com Davi a fugir, e planejando mais tarde entrar em combate, haveria muito trabalho e também muito despojo. Davi sugerira que ele permanecesse em Jerusalém e ajudasse Absalão, o “novo rei”. Mas Itai já tinha ouvido falar da fama de Davi e queria fazer parte das forças *dele*. Davi, pois, aconselhou-o a servir Absalão (ver o versículo anterior), ou então voltar e levar consigo seus compatriotas. E proferiu a bênção de Yahweh sobre ele, por causa de seu bom espírito.

15.21

Inexplicável Lealdade. É difícil dizer por que Itai, o soldado mercenário estrangeiro, desenvolveu tão rapidamente forte lealdade a Davi. Talvez isso se devesse ao fato de que ele tinha ouvido falar do “poderoso Davi”. Ou porque, uma vez em sua presença, tenha sentido a forte atração de sua personalidade e caráter. “Ele observara o suficiente para sentir a irresistível atração de sua personalidade, que constantemente ganhava para si a imorredoura devoção de todos quantos entravam em seu serviço” (George B. Caird, *in loc.*). Pense o leitor sobre Joabe e sua inflexível lealdade! Grandes poderes nunca deixam indiferentes aqueles com quem se encontram. Esses grandes poderes nos inspiram ou nos repelem. Ademais, devemos levar em conta a vontade de Deus. Embora Davi tivesse de pagar por seus pecados, em *sentido algum* fora abandonado por Deus. Deus fizera provisão por ele em todas as suas dificuldades, e o general Itai era uma dessas provisões. Itai fez um juramento de lealdade a seu novo comandante, e em breve estava servindo por muito mais do que mero dinheiro. Cf. a atitude de Itai com a de Rute (ver Rute 1.16,17).

15.22

Assim passou Itai... e todos os seus homens. Ou Itai trouxera consigo os seus homens, ou informalmente comandava uma companhia de israelitas. Esses homens podiam ser os 600 mencionados no vs. 18, os “geteus”, ou aqueles que tinham combatido com Davi em Gate. Se esses homens também eram geteus, então era apenas natural que Itai se tornasse o general deles, pertencente à mesma raça e falando a mesma língua. Ver sobre II Sam. 8.1 quanto à batalha contra os filisteus. Alguns estudiosos crêem que Itai era filho de Aquis, rei de Gate, que já se sentia apegado a Davi e fora banido da corte do pai, por causa dessa lealdade. Mas não há como submeter a teste essa informação. Quanto às vitórias de Davi sobre *oito inimigos*, ver as notas expositivas em II Sam. 10.19.

15.23

O texto hebraico deste versículo é difícil de seguir e evidentemente está corrompido. Com a ajuda do texto de Luciano, podemos ler: “E todo o país chorava em altas vozes, enquanto o rei se punha de pé no vale do Cedrom, e todo o povo passava por ele na estrada do deserto das oliveiras”. Davi permaneceu ali

parado, enquanto o povo passava por ele, em algum conhecido marco terrestre, a "última casa". Finalmente, o próprio Davi atravessou o ribeiro do Cedrom. Ali estava ele, novamente no exílio, deixando sua amada Jerusalém, que somente ele fora forte o bastante para arrancar das mãos dos jebuseus. O tempo permitira que Davi conquistasse e fortificasse a cidade de Jerusalém. O tempo o removeu daquele lugar, obrigando-o a fugir do próprio filho. "A tristeza da população, enquanto Davi e seus exército saíam da cidade, mostrou que o sucesso de Absalão teve seus limites" (George B. Caird, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* sobre o ribeiro do *Cedrom*. Esse ribeiro era, na realidade, um wadi, tendo água somente no inverno, quando chegavam as chuvas. Ficava bem próximo a Jerusalém, no lado leste, entre a cidade e o monte das Oliveiras.

"O povo saiu das aldeias em redor, ao ouvir que o rei estava deixando Jerusalém por causa da conspiração de seu filho. Quando o viram naquelas circunstâncias, eles choraram" (John Gill, *in loc.*).

O caminho do deserto. Que corria entre Jerusalém e Jericó, ou o texto hebraico tem aqui o intuito apenas de indicar uma direção geral, "na direção do deserto".

15.24

Abiatar... Zadoque. Ver sobre eles em artigos separados no *Dicionário*. Davi, como é evidente, tinha o apoio do sacerdócio ou, pelo menos, dos oficiais maiores daquela classe. Eles marcharam com a arca, depois de Davi. Talvez pensassem que, se a arca fosse levada ao campo da batalha, a vitória de Davi estaria garantida. Quanto a essa prática, ver I Sam. 4.3 e as anotações naquele lugar.

A introdução da palavra *levitas* neste ponto, conforme se vê no hebraico, provavelmente foi uma mudança deliberada por razões doutrinárias, um anacronismo. Ver Deu. 10.8; Núm. 3.31. Aos levitas estava atribuída a tarefa de transportar a arca da aliança, e talvez *Abiatar* se tenha sentido impróprio para realizar esse transporte. A King James Version e a tradução de Almeida dizem levitas, mas a maioria das traduções modernas deixam essa palavra de fora. O vs. 27 menciona *Abiatar*, e esse é o texto geral dos manuscritos, e o mesmo nome aparece no fim do vs. 24. Mas os levitas foram trazidos à cena para fazer o texto concordar coma legislação mosaica sobre as movimentações da arca da aliança. Os sacerdotes tinham consciência de que Davi fora *ungido* rei. Ele era o líder reconhecido, e eles continuaram a prestar-lhe apoio, rejeitando o automeado Absalão.

15.25

Então disse o rei a Zadoque. Davi confiou no favor de Yahweh, mesmo sem a ajuda da casta sacerdotal, levando a arca da aliança à batalha. Yahweh votaria contra ou a favor de Davi, e isso determinaria o resultado da rebelião de Absalão. Os sacerdotes não eram militares e seriam de pouco uso no campo de batalha. Absalão mataria a todos, como fizera Saul quando se sentira ofendido por eles (ver I Sam. 22.13 ss.). Se os sacerdotes quisessem fazer algo por Davi, sendo eles videntes, que inquirissem sobre as batalhas por vir e sobre como Davi se sairia na guerra civil. Eles poderiam enviar-lhe uma palavra de encorajamento, caso Yahweh desse tal recado a ele (ver o vs. 28). Uma boa profecia pode animar um homem que esteja enfrentando uma crise, e Davi esperava esse tipo de estímulo. Talvez o fato de Davi enviar a arca da aliança de volta a Jerusalém tenha marcado certo progresso na fé hebréia. Essa fé estava ficando mais independente de formas e símbolos externos. Mas, por outro lado, certamente houve outra razão. Seria vantajoso para Davi ter alguns amigos em Jerusalém que pudessem agir como espias, mantendo-o informado do que estava sendo planejado ali. Os sacerdotes tinham boas razões para estar no novo centro de fé e atividades religiosas. Talvez Absalão não suspeitasse dos sacerdotes. Além disso, talvez Davi pensasse que a arca da aliança era um item por demais precioso para ser exposto à guerra e à matança, acontecimentos relativamente vulgares. A arca da aliança, em meio à batalha, poderia ser destruída, o que seria uma verdadeira catástrofe. Enquanto isso, Davi teria de confiar que Yahweh cuidaria da arca na presença dos conspiradores.

15.26

Yahweh estava disciplinando Davi, por causa de seus pecados no caso de Bate-Seba e Urias (ver II Sam. 12.10). Talvez essa disciplina reclamasse agora a vida de Davi, e ele encontraria seu fim durante a batalha, em lugar de esperar que alguma enfermidade o ceifasse. Tudo dependeria da escolha de Yahweh. Davi, pois, submeteu-se ao elemento destrutivo. Ele prosperaria ou falharia, viveria ou morreria, de conformidade com a vontade de Yahweh. Portanto, deixou as coisas nesse pé. A vontade de Yahweh seria boa, sem importar o que Ele fizesse de negativo ou de positivo; e, tendo tal fé, Davi entregou o caso nas mãos de Deus. Ele não haveria de marchar em companhia da arca para melhorar suas chances. Com Yahweh não há chances. A vontade de Deus seria feita.

Nunca penso sobre o futuro. Este chega bem cedo.

(Albert Einstein)

*Nem sentado diante de sua lareira, em casa,
Um homem escapa de sua condenação apontada.*

(Ésquilo)

*Aquilo que Deus escreveu em tua testa,
A isso chegarás.*

(O Alcorão)

*A sorte lidera o bem-disposto e arrasta consigo
Aqueles que ficam para trás.*

(Sêneca)

15.27,28

Ó vidente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Profecia, Profetas*. Davi estava resignado com a sua sorte. Por outra parte, gostaria de receber uma palavra de encorajamento que um dos sacerdotes recebesse da parte de Yahweh. A maioria das pessoas procura *videntes* com o propósito específico de receber alguma palavra encorajadora, que as ajude a enfrentar algum problema. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação*. O povo hebreu era dado a adivinhações, envolvendo tanto os que efetuavam as práticas do tabernáculo-templo, como aqueles que não as seguiam, conforme demonstra o artigo. Toda mente humana tem potencialidade de prever o futuro, conforme provam amplamente os estudos dos sonhos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Sonhos*. De fato, temos cerca de vinte a trinta sonhos por noite, e neles o nosso futuro é claramente delineado. Portanto, nesse sentido menor mas real, somos todos profetas. O espírito humano, sem a ajuda do Ser divino, ou de seres diabólicos, é capaz de ter conhecimento prévio (ver a respeito disso na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Davi esperava ouvir o que Yahweh tinha dito aos sacerdotes: "Tudo estará bem contigo, afinal, uma vez que passe esta provação".

"Quanto aos vários nomes próprios referidos no vs. 27, ver os artigos separados no *Dicionário*. *Jônatas*, filho de Abiatar, ocupa o terceiro lugar na lista dos muitos Jônatas do Antigo Testamento. Supunha-se que a casta sacerdotal tivesse habilidades psíquicas e espirituais acima das massas populares. Além disso, havia o *Urim* e o *Tumim* (ver a respeito no *Dicionário*), dos quais podiam ser extraídas informações.

Até que me venham informações vossas. Mediante: 1. *declarações proféticas*, conforme sugerido acima; 2. e/ou trabalho de espionagem acerca de Absalão e seus oficiais. Portanto, cumpria-lhes trabalhar secretamente em favor de Davi, em Jerusalém, durante a sua ausência.

*Os dedos em movimento escrevem, e tendo escrito,
Movem-se. Nem toda a sua piedade e esperteza
Haverão de fazê-lo cancelar meia linha.*

(Rubaiyat de Omar Khayyâm)

15.29

Os sacerdotes obedeceram às ordens de Davi e voltaram a Jerusalém com a arca. Sem dúvida, eles o acompanhavam com boas intenções: buscariam oráculos para proveito de Davi; fariam espionagem e tudo quanto pudessem para ajudar a sua causa e produzir finalmente a derrota de Absalão.

15.30

Tinha a cabeça coberta e caminhava descalço. Esses eram sinais de lamentação, conforme ficamos sabendo através de Jer. 14.3 e Eze. 24.17. Cf. II Sam. 13.19. Ver o detalhado artigo do *Dicionário* chamado *Lamentação*. Davi tinha razão em lamentar-se por seus pecados e pela maneira dura em que a profecia condenatória de Natã estava sendo cumprida (II Sam. 12.10). Ele não sabia até onde essa profecia o levaria, afinal. Talvez ele acabasse perdendo a vida em algum campo de batalha, não muito longe no futuro. Entrementes, os rebeldes, encabeçados por seu próprio filho, devastavam o país motivados por razões egoístas.

"Uma sugestiva comparação nos sobe à mente, entre as tristezas de Davi e a agonia de Cristo. Davi estava em angústia por causa de seu próprio pecado e suas trágicas consequências. Jesus chorou pelos pecados do mundo inteiro. A tristeza de Davi era piedosa... mas não remidora. A tristeza de Cristo... era pela 'cura das nações' (Apo. 22.2)" (Ganse Little, *in loc.*).

Enquanto Davi avançava, com a cabeça coberta e os pés descalços, "... estava não somente na atitude de alguém que se lamentava, mas até na atitude de um réu. Usualmente os réus cobriam a cabeça quando eram condenados (Est. 7.8)" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Davi e seus leais apoiadores... caminharam para leste, atravessando o vale do Cedrom e subindo o monte das Oliveiras" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Ver no *Dicionário sobre Monte das Oliveiras*. Ficava a cerca de quilômetro e meio de Jerusalém.

"Os egípcios cobriam a cabeça quando se lamentavam, tal como faziam os romanos em tempos posteriores (Vid. *Solerium de Pileo*, sec. 2, pars. 14,19); assim também Megara, sob circunstâncias difíceis, é representada como tendo a cabeça coberta com um pano (Sêneca, *Hercul. furens*, act 2)" (John Gill, *in loc.*).

15.31

Aitofel está entre os que conspiram. Davi teve um péssimo dia. Bem em meio à triste retirada de Jerusalém, ele recebeu a perturbadora notícia de que seu conselheiro de confiança, Aitofel (ver a respeito no *Dicionário*), tinha-se aliado a Absalão. Ver o vs. 12 deste capítulo. Essa má notícia fez Davi orar prontamente e em alta voz: "Ó Senhor, peço-te que transtornes em loucura o conselho de Aitofel". Sim, Davi acreditava no poder da oração para transformar as coisas. Cf. II Sam. 12.22.

*Mais coisas são feitas pela oração
Do que sonha este mundo.*

(Tennyson)

Ver o detalhado artigo do *Dicionário* chamado *Oração*.

"Aitofel era um homem sábio e versado nas questões do Estado. Somente Deus poderia confundir os seus conselhos" (Adam Clarke, *in loc.*). "Deus pode e algumas vezes realmente faz confundir os esquemas de conselheiros maliciosos... Jó 5.12,13. A oração de Davi foi respondida, II Sam. 17.14,23" (John Gill, *in loc.*).

15.32

Husai, o arquita. *O Homem Certo no Momento Certo.* Aitofel era homem de sabedoria e agora bandeira-se para o lado de Absalão. Ele prejudicaria Davi, mediante a aplicação de sua sabedoria ao sucesso da revolta. Por essa razão, porque a vontade divina não estava ao lado de Absalão, Yahweh enviou a Davi outro conselheiro, alguém a quem Absalão ouviria, a saber, Husai (ver sobre ele no *Dicionário*). Ele era um arquita. Talvez estejam em vista os *arquês*. Essa gente formava outro ramo dos cananeus (ver Gên. 10.17; I Crô. 1.15). Eles habitavam em Arca, modernamente Tell 'arqa, cerca de 19 quilômetros a nordeste de Trípoli, na Síria.

Husai daria conselhos contrários que anulariam a sabedoria de Aitofel, e foi exatamente o que sucedeu, conforme se vê em II Sam. 17.14,23. De acordo com a Septuaginta, esse homem era *amigo* de Davi.

Alguns intérpretes referem-se ao lugar de nascimento de Husai como estando a oeste de Betel, em consonância com Jos. 16.2, isto é, o lugar chamado *Atarote*. Ver o artigo que contém todos os lugares do Antigo Testamento assim chamados. Isso provavelmente é correto, em lugar de Arques, mencionada anteriormente. A geografia envolvida favorece esse ponto de vista. Seja como for, está em pauta um povoado gentílico não distante de Betel. "Husai veio a Davi naquele momento, como resposta à oração (vs. 31), e sua vinda sugeriu como ele poderia anular Absalão usando o seu próprio jogo" (George B. Caird, *in loc.*).

Em meio à sua provação mais severa, Davi investiu tempo para adorar e orar. Precisamos desesperadamente da ajuda e orientação divina, voltados para a única fonte dessas coisas, Yahweh. "Leitor, você age assim?" (Adam Clarke, *in loc.*).

15.33

Se aquele homem *divinamente escolhido* fosse com Davi, seria uma carga para ele. Mas se ele voltasse a Jerusalém, ser-lhe-ia entregue o poder capaz de fazer virar a maré da batalha. Não nos é dito *por que* Husai seria uma carga. Talvez ele fosse velho demais para resistir aos rigores da vida do exército no campo. Husai era um homem sábio, mas não um guerreiro, e era de guerreiros que Davi precisava no campo de batalha.

15.34

Dissipar-me-ás então o conselho de Aitofel. Husai fora um valioso servo de Davi, homem de boa reputação e cheio de sabedoria, por certo capaz de ajudar Absalão. Mas ele fingiria estar prestando ajuda, enquanto, o tempo todo, estaria esperando oportunidades para desacreditar os conselhos de Aitofel. Ele daria conselhos que, de fato, favoreceriam Davi, pois, se fossem seguidos, enfraqueceriam Absalão e seus esquemas. II Sam. 17.14,23 mostra que ele obtivera

sucesso e fora uma figura-chave para conferir a Davi vitória final sobre os rebeldes. Naturalmente, devemos entender que Yahweh estava por trás dos bastidores, ajudando a Davi e impedindo Absalão. Deus tinha instrumentos que podiam ajudar ou servir de empecilho.

"Davi aconselhou aqui a fraude e a traição, e Husai aceitou voluntariamente a parte que lhe foi confiada, a fim de distorcer os conselhos de Aitofel e debilitar a rebelião de Absalão" (Ellicott, *in ioc.*).

15.35

Tens lá contigo Zadoque e Abiatar. Husai juntaria forças aos sacerdotes espiões de Davi (vss. 24-28) e, unidos, eles feririam a Absalão. A "conspiração" de Davi contra Absalão não teria muitos ajudadores, mas alguns homens bem colocados fariam maravilhas em seu favor. Os sacerdotes agiriam livres de suspeita, pelo que teriam caminho aberto de informações com Husai, e por algum modo secreto, utilizando-se dos filhos dos sacerdotes (vs. 36), seriam capazes de enviar a Davi toda a informação que fossem capazes de recolher sobre as intenções e os movimentos de Absalão. Com esse conhecimento, Davi saberia como derrubar o movimento rebelde e recuperar o trono em Jerusalém.

15.36

Aimaás... Jônatas. Esses seriam os correios. Os filhos dos dois principais sacerdote (Aimaás, filho de Zadoque, e Jônatas, filho de Abiatar; ver o vs. 27) assumiriam a tarefa de levar a Davi as informações recolhidas.

Deus ajuda àqueles que ajudam a si mesmos.

(Benjamin Franklin)

Embora supondo que Yahweh fosse Aquele que guia os destinos, e que ele próprio não seria restaurado ao trono nem continuaria vivo, a menos que a vontade divina concordasse com isso, ainda assim Davi fez o que pôde, usando a própria inteligência e recursos para realizar os seus propósitos. Ver os vss. 25 e 26.

Esses filhos dos sacerdotes não estavam na cidade, mas *próximos* dela (ver II Sam. 17.17), e havia freqüente comunicação. Era um "bom esquema de inteligência e simples de ser posto em execução" (John Gill, *in loc.*).

15.37

Husai... Absalão. Tanto um como outro desses homens dirigiu-se a Jerusalém; e assim as sementes do fracasso de Absalão estavam ali, esperando por ele. Ele não era o único capaz de planejar e esquematizar. Seu esquema seria ultrapassado por esquemas superiores. Seus planos seriam ultrapassados por planos superiores. Sua rebelião sofreria a ação de rebeliões superiores.

As Tristes Vicissitudes da Vida. "Leitor, contemple o caso de Davi e as tristes vicissitudes dos negócios humanos, prova temível de sua *instabilidade*. Contemple um rei, o maior que já viveu, poderoso político, hábil general, poeta de gênio sublime... profeta do Altíssimo e libertador da nação, expulso de seus domínios pelo próprio filho, abandonado por seu povo inconstante e, por algum tempo, pelo seu próprio Deus... Em todos os casos, é coisa temerosa e amarga pecar contra o Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*).

Ver II Sam. 16.15 ss. sobre como Absalão confiaria em Husai, e não somente em Aitofel. Husai, ao que tudo indica, já se entregara à causa de Absalão.

Capítulo Dezesseis

Este capítulo continua a seção geral iniciada em 13.1: Consequências Temporais do Pecado (13.1-19.10). Davi jamais seria capaz de livrar-se inteiramente das consequências de seu adultério com Bate-Seba e do homicídio do marido de Urias (capítulos 11 e 12). *Em primeiro lugar*, seu filho infante (de Bate-Seba) morreu uma semana após ter nascido (capítulo 12); *em segundo lugar*, Amnom violentou Tamar, sua meia-irmã (irmã de Absalão) (capítulo 13); *em terceiro lugar*, Absalão matou Amnom (o primogênito de Davi) (13.23 ss.); *em quarto lugar*, essa circunstância lançou Absalão no exílio, privando Davi de outro filho (13.34 ss.); *em quinto lugar*, embora restaurado a Jerusalém, nenhuma verdadeira reconciliação entre Davi e Absalão foi possível, embora tivesse havido uma tentativa abortiva (capítulo 14); *em sexto lugar*, Absalão, amargurado pelo que acontecera (durante dois anos seu pai recusara-se a ver seu rosto, embora Absalão já estivesse vivendo de novo em Jerusalém), não tardou a planejar tomar o trono, e por algum tempo conseguiu realizar o seu propósito (capítulo 15); e, *em sétimo lugar*, rebentou uma guerra civil que perturbou todo o reino (capítulo 16). Portanto, a espada nunca se desviou da família de Davi, tal e qual Natã havia predito, quando a amaldiçoou por ordem divina (II Sam. 12.10).

"A fuga forçada de Davi, de Jerusalém, não somente pôs em perigo o seu próprio governo, mas também abriu a porta para novas contenções pelo trono, entre as dinastias de Saul e de Davi. Absalão, ao que parece, estava no processo de ocupar o trono em *Jerusalém*, mas isso de forma alguma subentendia que ele também poderia obter o controle das tribos nortistas. De fato, o abalo na família de Davi começou a reavivar a esperança dos saulitas de que seriam capazes de recuperar o reino para si mesmos" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

16.1

Ziba, servo de Mefibosete. Ao longo do caminho, Ziba (ver a respeito no *Dicionário*), servo de Mefibosete, trouxe algumas provisões para o rei em fuga, as quais são enumeradas neste versículo. No exílio, Davi e sua companhia tinham grande necessidade desses presentes e, embora o que Ziba trouxe fosse pouco para tantos, era pelo menos alguma coisa. As coisas trazidas provavelmente seriam consumidas por Davi e seus conselheiros imediatos. Outros meios (como despojos e ofertas forçadas) dariam conta das necessidades do restante do grupo. Além dos suprimentos alimentares, dois jumentos foram providos para Davi e sua companhia imediata. "Tais (suprimentos) nada teriam significado em tal companhia" (John Gill, *in loc.*). Mas havia uma razão sinistra por trás de tudo. Ziba tentava obter o favor de Davi, contra Mefibosete (filho de Jônatas), a quem Davi demonstrara grande bondade e dera provisões, por causa de Jônatas. Este era filho de Saul, e tinha estado muito próximo de Davi por muitos anos (ver I Sam. 18-20). Quanto à promessa de Davi a Jônatas, de que favoreceria os seus descendentes, ver I Sam. 20.42.

Mefibosete se tornara um homem rico, por causa de Davi (ver II Sam. 9). De acordo com a história de Ziba, a despeito de toda a bondade de Davi para com ele, Mefibosete (filho de Jônatas) tentava obter vantagem das perturbações causadas por Absalão, lançando uma revolta pessoal para recuperar o reino para a linhagem de Saul. Mas Ziba, entretanto, apostava em Davi, tanto contra Absalão quanto contra Mefibosete. Ele esperava tornar-se um homem rico, mediante os presentes generosos de Davi, por causa de sua "lealdade"; e foi exatamente isso que Davi lhe prometeu, pois, quando a poeira se assentasse, tudo quanto fora de Mefibosete seria dele (vs. 4).

A história contraditória de Mefibosete é registrada em II Sam. 19.25-27. Ele se declarou inocente de qualquer plano de rebeldia. Se realmente esse era o caso, então Ziba estaria mentindo. Finalmente, quando recuperou o poder e quando todos os planos rebeldes chegaram ao fim, Davi não sabia o que fazer, nem em quem acreditar. Portanto, ele simplesmente dividiu os bens entre Mefibosete e Ziba. Dessa forma, Ziba saiu ganhando, embora em proporções menores do que tinha esperado (ver II Sam. 19.29). Aquele era um tempo próprio para planos rebeldes. Era tempo para traidores, e os traidores surgiam de todos os lados.

Os intérpretes estão divididos quanto a essa questão. Alguns pensam que Ziba disse a verdade; mas outros opinam que quem disse a verdade foi Mefibosete. O próprio Davi não conseguiu determinar quem dos dois era o mentiroso, e ninguém pode ter certeza. Talvez houvesse um pouco de verdade e de mentira de ambas as partes.

16.2

Que pretendes com isto? Davi Ficou Surpreendido com os Presentes. Por qual motivo Ziba se mostrara tão generoso? Ziba declarou-se simplesmente generoso ao rei, em sua fuga, mas estava atrás de um ato de contrabondade, que o tornaria rico, conforme Davi fizera a Mefibosete. *Dinheiro* era o nome daquele jogo, e da maioria dos jogos.

Apresentar presentes era a maneira oriental de falar. Um grande homem era saudado com presentes, antes de qualquer palavra ser dita. Os presentes, segundo esperava-se, fariam as palavras tornar-se mais eficazes.

16.3

Então disse o rei. Outra Rebeldia. Justamente quando Davi já estava ocupado com a rebeldia de Absalão, foi informado de outra rebeldia. Presumivelmente, se pudermos acreditar na história de Ziba, Mefibosete esperava restaurar a dinastia de Saul, e ele, sem dúvida, seria o novo rei. Podemos presumir que as tribos nortistas teriam apoiado tal reversão da fortuna, e Mefibosete, como filho de Jônatas e neto de Saul, teria sido rei temporário, até que se encontrasse um candidato superior ao trono. Visto que era aleijado de ambos os pés (9.3), não permaneceria como rei por muito tempo. Somente o rei-guerreiro poderia perdurar no trono. Israel precisava de um rei que saísse ao redor derrotando os inimigos, e Mefibosete, com os pés aleijados, não estava equipado para essa tarefa.

"Quão vil e safado era Ziba! E quão infundada era essa acusação contra o pacífico, leal e inocente Mefibosete!" (Adam Clarke, que assim comentou por acreditar que Mefibosete fora *caluniado*, como, em ocasião posterior, ele afirmou ser verdadeiro, ver II Sam. 19.27).

Por outra parte, temos a opinião de Eugene H. Merrill (*in loc.*): "Ziba trouxe a Davi a triste notícia de que Mefibosete se tinha voltado contra ele, na esperança

de que, em meio à turbulência ocasionada pela revolução, pudesse recuperar o antigo trono de Saul (16.3; mas cf. II Sam. 19.24-30). Davi retirou então de Mefibosete a generosa pensão que anteriormente lhe dera e entregou-a inteira a Ziba (cf. II Sam. 9.7,13)".

16.4

Teu é tudo que pertence a Mefibosete. Essa Foi a Transferência da Generosa Pensão. Ziba sabia que Davi (e não Absalão nem Mefibosete) acabaria triunfando. Ele estava pondo todos os seus ovos em uma mesma cesta. Se (conforme afirmava Ziba) Mefibosete também estava envolvido em uma revolta, ele sabia que coisa alguma de bom poderia resultar disso. Saul e sua dinastia tinham tido sua época. Além disso, ele deve ter suposto que a estrela de Absalão logo sofreria violenta queda. Isso permitiria a Davi dar-lhe toda espécie de presentes, propriedades e dinheiro, por causa de sua lealdade em um momento difícil. Mefibosete mostrou-se um tanto acovardado. Absalão era como um meteorito que falcaria pelo firmamento para logo desintegrar-se no nada. Mas Davi era a estrela permanente que Israel seguiria por ainda muito tempo.

Davi acreditou na história de Ziba e imediatamente decretou que, quando toda aquela confusão estivesse resolvida, as propriedades de Mefibosete passassem a ele. Esta seria uma recompensa apropriada para o "bom homem, Ziba".

Tudo fora feito para "enegrecer o caráter de Mefibosete e obter as suas propriedades. Pois não havia a mínima probabilidade de o reino ser transferido para Mefibosete" (John Gill, *in loc.*).

"A conduta de Davi foi muito precipitada. Ele despojou um homem honroso para recompensar um vilão, não se dando tempo para examinar as circunstâncias do caso" (Adam Clarke, *in loc.*).

16.5

Simei... saiu, e ia amaldiçoando. Um Encontro Desgraçado. Ao longo do caminho, Davi recebia toda espécie de encontros-surpresa e aventuras interessantes. Chegando a Baurim (imediatamente a leste do monte das Oliveiras), Davi foi, de súbito, interpelado por um certo Simei, fanático apoiador do antigo rei Saul. De fato, o homem era aparentado de Saul, embora não saibamos dizer em que grau. Ele estava tão furioso e tão encorajado por sua queda aparente, que tomou sobre si a tarefa de amaldiçoá-lo, enquanto acompanhava o cortejo. E, conforme o amaldiçoava, lançava-lhe pedras, dificilmente uma maneira de injuriar um inimigo. Pois sabia que não podia causar contra Davi nenhum real dano. Tão-somente aproveitava-se da vantagem de Davi estar passando, para amaldiçoá-lo e lançar pedras contra ele, chamando-o de homem do diabo, devido à maneira pela qual ele havia matado a alguns da casa de Saul. Mas quando Davi voltou a ocupar o trono, Simei expressou seu arrependimento. Salomão, filho de Davi, finalmente, executou o homem. Ver amplos detalhes sobre ele no *Dicionário*.

"A atitude de Simei contra Davi deve ter sido bastante comum entre os membros da tribo de Benjamim, onde continuava a lealdade a Saul (II Sam. 20.1). Mas pelo menos havia alguns elementos dessa tribo que não compartilhavam de atitude tão amargamente contrária a Davi (ver II Sam. 17.18). Os parentes de Saul não estavam inclinados a dar a Davi o benefício da dúvida, mas deve ter havido algum fator remidor de tais incidentes, como a vingança dos gibeonitas (ver II Sam. 21.1-14) contra os filhos de Saul" (George B. Caird, *in loc.*). Lembremos que Saul pertencia à tribo de Benjamim.

"Simei representa o tipo de antagonismo latente contra todo regime que está em operação tempo suficiente para cometer alguns enganos, e para ser creditado com fracassos" (Ganse Little, *in loc.*).

16.6

Atirava pedras contra Davi e contra todos os seus servos. Era Simei, aquele homem ridículo, que tentava apedrejar Davi e seus atendentes, ao mesmo tempo que um pequeno exército de homens o observava. Isso nos mostra quão enlouquecido ele estava, por causa de seu ódio a Davi. Mas ninguém o levou a sério como uma verdadeira ameaça. A maioria de outros homens simplesmente tê-lo-ia executado no local. Mais tarde, acompanhado por um *milhar* de benjamitas, aquele homem pediu desculpas a Davi por sua conduta vergonhosa (ver II Sam. 19.16-23).

"Simei continuou acompanhando os fugitivos, fora de alcance, mas facilmente ouvido e capaz de aborrecê-los com suas pedradas" (Ellicott, *in loc.*).

16.7

Fora daqui... homem de Belial. Segundo Simei, o sanguinário Davi era também instrumento de *Belial*, por haver matado a família de Saul e arrebatado o trono que, realmente, pertencia àquela família. Davi seria um diabólico "usurpador". Talvez o homem também tenha lembrado Davi quanto ao tratamento dispensado a Bate-Seba e Urias como prova de suas acusações e maldições. O próprio fato de que Absalão se revoltara contra Davi comprovava a veracidade das maldições de Simei.

Era como se Simei dissesse: “Sai daqui! Sai de Israel! Estás indo para o exílio com justiça. Continua avançando até que ninguém mais ouça sobre ti novamente!”.

16.8

O Senhor te deu agora a paga de todo o sangue da casa de Saul. A Vingança de Yahweh. Era essa a idéia de Simei, ao crer que Davi havia caído por causa de seus pecados. O vs. 11 mostra que Davi aparentemente concordava com ele, pelo que tudo suportou com paciência, como se Simei tivesse sido enviado por Yahweh para falar aquelas coisas violentas. Visto que, supostamente, Davi teria usurpado o reino de Saul, era apenas justo que agora Absalão usurpasse o reino de Davi. Para Simei, aquele era um notável incidente da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

16.9

Então Abisai, filho de Zeruia. Esse homem, que era sobrinho e guarda pessoal de Davi (ver sobre ele no *Dicionário*), cansou-se de toda aquela arenga de Simei e estava pronto a arrancar a cabeça do insolente, que falava tão abusivamente do rei. Aquele homem era apenas um “cão morto”, fedorento e inútil (cf. II Sam. 9.8). Era detestável e abominável, e seguia o cortejo de Davi *ladrando* como um idiota e jogando pedras tolas contra o exército. Quanto à metáfora do *cão morto*, ver I Sam. 24.14 e II Sam. 9.8.

16.10

Que tenho eu convosco, filhos de Zeruia? Abisai tivera boa intenção, mas Davi teria agido mal se seguisse as sugestões dele com respeito àquela questão. Conforme Davi pensava, *Yahweh* poderia estar por trás das maldições de Simei, não porque ele tivesse arrebatado o trono de Saul, mas porque, verdadeiramente, era homem cheio de pecados e crimes e merecia boas maldições de um inferior. Em outras palavras, era Yahweh quem o estava castigando, e as maldições eram um modo de lembrá-lo desse fato. “Davi aceitou o assalto com completa resignação... porquanto pensava que o Senhor estava usando o veneno de Simei para castigá-lo pelos pecados dos quais ele era, realmente, culpado” (George B. Caird, *in loc.*). Davi, infelizmente, tinha sido incapaz de reter o afeto de sua própria família, embora tivesse derrotado os adversários com possibilidades diminutas. É como alguém já disse: “Coisa alguma pode compensar um fracasso no próprio lar”. Ademais, ele havia destruído uma família, em especial a família um homem que, por longo tempo, bem o servira. Portanto, Davi estava suportando a maldição por causa de seus pecados e equívocos. “Deixai que Simei expresse a sua ira. Essa é a voz de Yahweh”, como que disse Davi. Quanto a *Zeruia*, que era irmã de Davi, ver o *Dicionário* e notas em II Sam. 19.22.

“A humildade de espírito de Davi derivava-se do autoconhecimento. As acusações de Simei podiam ser malfundadas, mas Davi conhecia-se bem o bastante para saber que não estava acima da reprimenda. Esse é um conhecimento salvador em um ministro ou em qualquer outro líder de causas e de homens” (Ganse Little, *in loc.*).

Amaldiçoar um governante era contra a lei (ver Êxo. 22.28), e Simei poderia ter sido executado por esse crime. Mas Davi não exigiu o cumprimento da lei naquele momento.

16.11

Eis que meu próprio filho procura tirar-me a vida. Absalão era a verdadeira maldição da vida de Davi, tanto que estava procurando o pai para matá-lo e então tomar o trono! Assim, que diferença fazia que aquele insignificante benjamita procurasse matar Davi, quanto menos amaldiçoá-lo e jogar-lhe algumas pedras? Foi um argumento do maior para o menor. O maior era a maldição de Absalão. O menor era a maldição do benjamita. Se existia o maior, por que se preocupar com o menor? Além disso, era evidente que Yahweh tinha determinado que o homem amaldiçoasse Davi, e este, com paciência, permitia que as coisas seguissem o curso determinado. Simei foi assim livrado de qualquer repreensão, por palavra ou por ato violento. E lá se foi ele, amaldiçoando, jogando pedras e lançando sujeira no ar. Era inofensivo, embora procurasse ofender. Essa foi a menor das perturbações pelas quais Davi teve de passar naquele dia.

*Embora livre do sangue de Saul...
Ele não repreendeu às acusações.
A acusação sobre Urias foi mantida;
Urias contra ele clamava.*

*Deixai que Simei amaldiçoe. A vara que ele traz
Por pecados que a misericórdia havia perdoado.*

...

Aceitai o erro complicado

Da mão e da língua de Simei.

Aceitai como suaves repreensões de Tua Parte.

(Charles Wesley)

16.12

Talvez o Senhor olhará para a minha aflição. A Esperança. Davi suportou com paciência as maldições de Simei, esperando que nelas haveria algum elemento remidor. De alguma maneira, tendo sido amaldiçoado através de Simei, no futuro, Davi seria abençoado com o bem. Se Davi suportasse a punição com paciência e em bom espírito, então, algum dia, a tristeza poderia transformar-se em alegria.

O texto hebraico à margem, diz, em lugar das palavras “minha aflição”, “meu olho”. Yahweh veria escorrer as lágrimas dos olhos de Davi e presenciaria seu genuíno arrependimento. E em vez de angústia lhe daria alegria, algum dia no futuro.

*... uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de
pranto, veste de louvor em vez de espírito amargurado.*

(Isaías 61.3)

16.13

Também Simei ia ao longo do monte. Este versículo reitera a informação que já fora dada, exceto pelo fato de que agora vemos o desgraçado Simei a lançar poeira no ar, fazendo de si mesmo um tolo, enquanto seguia o cortejo de Davi. A despeito das provocações, Davi continuou a ignorar as ações de benjamita e a considerar Yahweh fonte da desgraça. Davi e seu pequeno exército caminhava ao longo da planície, e Simei ao longo da crista de uma colina, uma cadeia montanhosa baixa que seguia através da estrada. Encorajado pela paciência e pela inércia de Davi, Simei ficava cada vez mais atrevido em seus insultos. Por causa disso, talvez, ou de alguma circunstância semelhante, Davi escreveu o Salmo 7.

16.14

Finalmente, o grupo que seguia com Davi se distanciou do inconveniente Simei, prosseguiu e alcançou *Baurim* (ver o vs. 5). Ali eles puderam descansar. Josefo (*Antiq.* 1.7, cap. 9, sec. 4) revela-nos que esse lugar ficava bem próximo de Jerusalém. Alguns falam em apenas quilômetro e meio. Ver o *Dicionário* quanto a detalhes. Mas outros falam em 5 quilômetros. Seja como for, o grupo saíra de Jerusalém e estava a caminho.

16.15

Absalão... e com ele Aitofel. Enquanto Davi escapava, Absalão estava a caminho de Jerusalém para tomar a capital e o ofício de rei, o que ele esperava ser um arranjo permanente. O traidor, *Aitofel*, estava com ele, sendo um homem sábio que se tornaria seu principal conselheiro. Ver sobre esse homem no *Dicionário*. Note o leitor que “todo o povo, homens de Israel” estava com ele. O apoio popular de que ele gozava era grande. A maioria tinha abandonado o antigo rei, Davi. Aitofel fora um dos principais conselheiros de Davi (II Sam. 15.12), mas agora promovia a rebelião. Talvez Davi tenha feito referência a ele no Sal. 55.12-14.

16.16

Husai, o arquita. Obedecendo às instruções baixadas por Davi, ele se juntou a Absalão como espião e contraconselheiro, na tentativa de contradizer e anular os sábios conselhos de Aitofel. Somente dessa maneira o rebelde Absalão cometeria graves equívocos que ajudariam Davi a reconquistar o poder. Ver II Sam. 15.32 ss., quanto ao entendimento entre Davi e Husai. Detalhes completos são dados a respeito dele no *Dicionário*. Ele teria sucesso em seus contraconselhos, conforme se vê em II Sam. 17.14,23. II Sam. 15.34 mostra ele fora um valioso servo e conselheiro de Davi. Agora, Husai continuaria seus serviços sob circunstâncias bem mais difíceis.

Husai chamou Absalão de “rei”, dando início assim a seu logro esperto. E ao usar o título, Husai chamou a atenção favorável de Absalão. Absalão ficou surpreso diante dessa visita, pois Husai tinha reputação de ser amigo de Davi. Mas visto que aqueles eram dias de traição, por que o fiel Husai também não seria um traidor?

16.17

É assim a tua fidelidade para com o teu amigo Davi? Estupidamente, ao que parece, Absalão indagou sobre a *propriedade* do ato de Husai, sem pensar

que ele próprio agia de modo ainda pior, contra o próprio pai. Por outra parte, um homem que se rebelara contra o próprio pai, e sem dúvida intentava matá-lo, não teria dificuldades em aceitar um homem que abandonara seu amigo.

Absalão falou não como quem estava “desagradado com ele, mas, antes, tomado de alegria porque um amigo de confiança de Davi, e um de seus sábios conselheiros, o havia abandonado e se bandeado para o seu lado” (John Gill, *in loc.*).

16.18

Respondeu Husai a Absalão. *Husai declarou-se sem culpa de traição, com base no fato de que ele estava seguindo apenas o que tanto Yahweh quanto o povo tinham decidido, a saber, abandonar Davi e aceitar Absalão como o novo rei. Quem era Husai para manter-se em oposição à vontade de Deus? Cumprir os desígnios divinos era mais importante que manter a lealdade a um antigo amigo, e Husai tomara sua decisão em favor da vontade divina. Isso incluía “estar com Absalão”, o escolhido de Deus para ser o novo rei de Israel. Absalão, sem dúvida, ficou satisfeito com o apoio evidente de Husai. Tanto Deus como o povo assim queriam. Isso, sem dúvida, lisonjeou o homem vão. E, assim, eliminou qualquer suspeita de Absalão acerca de Husai.*

16.19

A quem serviria eu? Husai tinha servido a Davi enquanto este era merecedor da honra. Mas agora que Deus havia colocado Absalão como novo rei, Husai prestaria serviços ao novo rei. A transferência de lealdade também significava transferência de serviços, e Husai estava ali para “servir”. Pelo menos era isso o que ele afirmava. O que ele estava fazendo ali era enganar, mentir e dar contraconselhos, a fim de derrotar os sábios conselhos de Aitofel. Ele estava ocupado da traição, tal como sucedia a Absalão, mas não contra a mesma pessoa. De fato, o traidor Absalão recebia traição por seu engano, mas não o sabia. Era a política, como é usual.

16.20

Então disse Absalão a Aitofel. Começa aqui um novo parágrafo da história. O autor não diz que Absalão aceitou Husai como outro conselheiro, mas é isso que devemos entender. Absalão convocou seu primeiro-ministro, Aitofel e começou a pedir conselhos. Husai vigiava tudo atentamente, observando como desferia o “bem” que Aitofel aconselharia a Absalão. O “bem”, na verdade, seria um “mal”, se chegasse a ser realizado. Assim, para derrotar o “mal”, Husai estava agindo “bem”. Husai, contudo, não foi capaz de desfazer o primeiro conselho dado por Aitofel: “Coabita com as concubinas de teu pai” (vs. 21). Absalão, em sua rebelião, não consultou o Urim e o Tumim (ver no *Dicionário*), mas seguiu cegamente seus conselheiros.

16.21

Ao fugir, Davi deixara dez de suas concubinas em casa (ver II Sam. 15.16) para tomar conta das coisas. Ele esperava retornar. Podemos estar certos de que ele levou consigo mais de dez mulheres. Mas sacrificara aquelas dez para propósitos domésticos em Jerusalém. Que Absalão havia tomado pelo menos parte do harém de Davi era evidência da legitimidade de sua sucessão, porque assim ditavam os costumes da época. Cf. II Sam. 3.6,7. O fato de Absalão ousada e abertamente tomar as concubinas mostrava que ele odiava seu pai, e não meramente que ele era o legítimo novo rei. O povo comum, sabedor de que os novos reis se apossavam do harém de seus antecessores, compreenderia o ato de Absalão como outra evidência de sua vitória. Um homem que agisse como ele agira necessariamente “estaria exercendo as prerrogativas como sucessor ao trono” (George B. Caird, *in loc.*). Ele era rei, de fato, a despeito de ainda não ter sido ungido formalmente como rei. Nessa ocasião, vemos outra circunstância da punição do adultério de Davi com Bate-Seba e do assassinato do marido dela, Urias. Visto que ele tinha destruído uma família, assim também parte de sua família seria destruída. “A providência divina ordenou aquele conselho para que se cumprisse a profecia que Natã havia proferido, em II Sam. 12.11” (John Gill, *in loc.*).

16.22

Armaram, pois, para Absalão. A tenda, armada no alto do eirado, era a “tenda nupcial”, uma prática dos povos semitas. Mas aquela tenda foi armada ali para que todo o povo de Israel soubesse que Absalão estava ali com uma (e depois outra, e depois outra, e depois outra etc.) mulher de Davi. Desse modo, Absalão debochou de forma absoluta da família de Davi

e criou ódio permanente entre pai e filho, e uma ruptura completa em suas relações. Ver Sal. 19.4,5 e Joel 2.16 quanto à tenda nupcial.

Tudo isso sucedeu no palácio de Davi, que Absalão havia invadido e agora controlava. Assim também Absalão usava as mulheres de seu pai no eirado do palácio de Davi. Princípios morais como esses nos abalam, mas isso fazia parte dos costumes da época. Daquela lugar Davi tinha visto Bate-Seba e a desejara, trazendo sobre si mesmo e sobre ela a ruína.

O *Targum* diz aqui “dossel”. A tenda nupcial, de acordo com Jarchi, era um dossel espalhado entre quatro colunas, o qual, pendurado por quatro pontos, formava cortinas que circundavam a estrutura.

“As esposas dos reis conquistados eram sempre propriedade do conquistador... Heródoto (*Hist. iii.*, cap. 68) informa-nos que Smerdis, tendo ocupado o trono da Pérsia, tomou todas as esposas de seu antecessor. Mas um filho ficar com as esposas do pai era o cúmulo da abominação e, de acordo com Lev. 20.11, tal ato merecia pena de morte... A conduta de Absalão foi orgulhosa, vingativa, adúltera, incestuosa e parricida... réproba quanto a toda boa palavra e boa obra” (Adam Clarke, *in loc.*).

16.23

O conselho que Aitofel dava. Aitofel tinha notável reputação de homem de sabedoria e de superconselheiro, tanto em relação a Davi quanto em relação a Absalão. Contudo, vemos esse homem dando o conselho registrado nos vss. 21 e 22. Sua sabedoria agora se corrompera. Ele terminou sua carreira suicidando-se, quando Absalão recusou-se a continuar dando-lhe ouvidos. As más escolhas finalmente produziram mau resultado. Aitofel era altamente considerado, mas Husai, trabalhando em favor de Davi, conseguiu anulá-lo. “Absalão recebia maus conselhos que, contudo, o agradavam” (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Dezessete

Este capítulo dá continuidade à seção iniciada em II Sam. 13.1 (*Consequências Temporais do Pecado* (13.1-19.10)). Davi jamais seria capaz de livrar-se da maldição que Natã proferira (12.10), por causa do adultério com Bate-Seba e do assassinato do marido dela, Urias. A família de Davi foi duramente atingida, de diferentes maneiras:

Primeira: Seu filho com Bate-Seba, ainda infante, morreu uma semana após nascimento (capítulo 12).

Segunda: Amnon desvirginou sua meia-irmã, Tamar, que também era irmã de Absalão (capítulo 13).

Terceira: Absalão assassinou Amnon em vingança contra o ataque sexual a Tamar (13.23 ss.).

Quarta: Absalão foi forçado a exilar-se (13.34 ss.).

Quinta: Embora restaurado a Jerusalém, ele e seu pai retiveram amarga alianção (capítulo 14).

Sexta: Amargurado pelo que havia acontecido, Absalão revoltou-se e tentou tomar o poder em Israel (capítulo 15).

Sétima: Rebentou uma guerra civil que perturbou o reino inteiro (capítulo 16).

Oitava: A fim de consolidar o seu poder em Jerusalém, Absalão corrompeu a família de Davi, tomando dez de suas concubinas que haviam ficado em Jerusalém. Assim sucedeu que Davi, que tinha corrompido a família de outro homem, teve sua própria família corrompida. Estava em operação a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

O capítulo que se segue registra como Absalão continuou tentando consolidar seu poder, dependendo de Aitofel, cujos conselhos eram anulados por Husai, agente de Davi e contraconselheiro; ver II Sam. 15.32 ss. O capítulo que ora se inicia mostra como Husai obteve sucesso em sua missão, enfraquecendo assim a causa de Absalão e promovendo o retorno eventual de Davi à capital da nação.

17.1

Disse ainda Aitofel a Absalão. Aitofel estava com a razão. Absalão deveria ter-se lançado imediatamente em perseguição contra Davi. Se Absalão tivesse feito assim, provavelmente teria prevalecido contra ele. Aitofel pôs essa idéia na mente de Absalão, mas Husai, cheio de truques como era, conseguiu anular o conselho, levando Absalão a uma cautela nada característica. Ele aconselhou uma convocação geral, em lugar de enviar uma força armada limitada de 12.000 homens, conforme sugestão de Aitofel.

Esta noite. Ou seja, a mesma noite em que Davi fugira de Jerusalém. Absalão havia caído na degradação de querer matar o próprio pai e proveu meios para garantir isso.

"Doze mil homens armados que viessem contra Davi, em seu estado totalmente despreparado, logo teriam tomado conta dos negócios do reino" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.2.3

Em sua traição, Aitofel planejou trazer de volta a maioria dos homens de Davi e reconciliá-los com Absalão. Eles eram "por demais valiosos" para serem perdidos. Mas ao velho rei ele mataria, e esse seria o fim da história. Tendo executado o homem que fora seu amigo e rei, ele traria paz sobre Israel, pondo fim à guerra civil. Então o iníquo Absalão seria o novo mas falso rei, que controlaria tudo. "Aitofel era apenas um idoso e amargo político, refletindo apenas remanescentes do estadista que havia sido. Quão perigosa é a política de buscar conselho de homens alegadamente sábios mas completamente despidos de lealdade espiritual. Aitofel era um falso profeta político" (Ganse Little, *in loc.*). O fato de que Absalão se dispôs a adotar, sem nenhum reclamo da consciência, aquele plano atrevido, mostra-nos quão grande fora a sua degradação. "Destruí Davi, e os restantes se submeterão" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.4

O parecer agradou a Absalão. Absalão, lisonjeado pela atenção e pelos conselhos de Aitofel e sentindo que teria sucesso, não hesitou. Ele aceitou o plano de Aitofel, incluindo a parte *essencial* de que seu pai, Davi, seria morto. Sem isso, a guerra civil poderia continuar por longo tempo. Se Davi fosse morto, os demais se reconciliariam.

"Foi um esquema bem planejado surpreender Davi e seus homens durante a noite, na condição enfraquecida em que se achavam, tirando proveito da oportunidade e agindo com prontidão sobre um designio vilão" (John Gill, *in loc.*).

17.5

Embora feliz com o que Aitofel havia aconselhado, Absalão também chamou Husai para obter uma *segunda opinião*. Este foi seu equívoco fatal, porquanto Husai era realmente um traidor, inclinado a trazer Davi de volta ao poder e a livrar-se de Absalão. A providência divina também se fazia presente cegando a mente de Absalão para que ele visse maior sentido no conselho de *cautela* de Husai que no conselho de "nocaute com um único golpe" de Aitofel. O conselho de Husai permitiria a Davi e seu pequeno exército se reagrupar, planejar e se fortalecer. De acordo com Aitofel, Absalão haveria de vencer por nocaute, logo no primeiro round. De acordo com Husai, Davi ganharia por nocaute em um round posterior.

17.6

Desta maneira falou Aitofel. Absalão contou a Husai o que conselho de Aitofel (a saber, as informações dadas nos vss. 1-3). Foi como se Absalão dissesse: "O que você [Husai] pensa sobre o plano? Concorda? O que você adicionaria?". Ele certamente não supunha que Husai derrubaria a idéia inteira e apresentaria um plano substituto. Ali estava a primeira reviravolta na batalha, em favor de Davi, sendo aquela a própria razão pela qual Husai estava ali, para prestar seus conselhos enganadores (ver 15.32 ss.).

17.7

Husai foi tão diplomático quanto possível, a fim de não provocar suspeitas. Em tese, Husai afirmou: "Talvez, em essência, o conselho de Aitofel seja bom, mas não bom para ser executado imediatamente". O conselho de Husai foi longo e complicado, ocupando os vss. 8-13. Ele apresentou seu caso tão bem e com tão exatos detalhes, que convenceu não somente a Absalão, mas também a todos os líderes e conselheiros.

A Essência do Conselho de Husai:

1. A precipitação deveria ser rejeitada. Um ataque desfechado na mesma noite e com apenas 12.000 homens seria um equívoco e poderia terminar em amarga derrota (vs. 7).
2. Davi era um experiente homem de guerra. E tinha consigo alguns poderosos homens de guerra; eles estavam alertas, como um urso provocado pela perseguição, e mostrar-se-iam valentes em defender sua causa, tal como um urso defende seus filhotes; Davi também mostrar-se-ia ardiloso. Ninguém poderia encontrá-lo em uma cidade. Ele estaria lá fora, esquematizando no campo de batalha, e seria um inimigo difícil de enfrentar (vs. 8).
3. Davi se esconderia em lugares insuspeitos, pronto para atacar de surpresa. Ele mataria alguns dos homens de Absalão, mas espalharia o rumor de que houvera grande matança. O povo de Israel temeria e abandonaria a causa de Absalão (vs. 9).
4. Até os homens mais valentes teriam o coração desmanchado de medo, ao ouvir os rumores de que o selvagem Davi uma vez mais enfrentava possibi-

dades muito negativas, mas vencia, como *sempre fazia*. Além de Davi, havia ao seu lado alguns dos mais hábeis guerreiros de Israel, e todos estariam ansiosos em dar prosseguimento à matança (vs. 10).

5. Para derrotar Davi, seria inútil enviar meros 12.000 homens (vs. 11). Absalão deveria fazer uma convocação geral, de Dã a Berseba, do extremo norte ao extremo sul, ou seja, por todo o Israel, reunindo um poderoso e esmagador exército, que Davi não pudesse derrotar (vs. 11).

6. Com esse poder esmagador, "nós" (disse Husai, em suas palavras engana-doras) finalmente surpreenderemos a Davi, e então poderemos cair sobre ele e terminar com seu poder. Além disso, era imperativo matar os homens de Davi. Pois eles só poderiam causar dificuldades. Não deveria haver nenhuma tentativa de reconciliá-los com Absalão. Eles também deveriam ser sacrificados (vs. 12).

7. Se Davi se refugiasse em alguma cidade, o lugar inteiro deveria ser aniquilado, e todos os habitantes deveriam ser mortos, por terem oferecido abrigo àquele homem maligno (vs. 13).

17.8

Continuou Husai. Husai falou com eloquência, com gestos e expressões faciais apropriadas. Sua voz subia e descia de tom, com a paixão de um homem cuja sabedoria não poderia ser derrotada. Ele apresentou sua opinião com poder, embora soubesse, o tempo todo, que Aitofel é que falara com verdadeira sabedoria, embora com menos eloquência e vigor.

Quanto a um *sumário* dos argumentos de Husai, ver as notas sobre o vs. 7. Ver também este e os próximos cinco versículos (onde sua argumentação foi apresentada), aos quais adiciono alguns comentários.

O poderoso Davi sempre enfrentara questões difíceis e saíra vitorioso. Até mesmo como jovem pastor, ele tinha derrotado o gigante campeão dos filisteus. Não seria tarefa fácil enfrentá-lo, estando ele agitado e furioso, como um urso perseguido, cujos filhotes estivessem correndo perigo. Quem haveria de querer enfrentar esse tipo de Davi? Outrossim, ele tinha matadores ferozes em sua companhia, como Joabe. Eles estavam prontos e ansiosos por encontrar um maior número de vítimas. Quem haveria de querer sair atrás deles sem a preparação apropriada? "As tropas maduras de Davi, cercadas, formariam um inimigo temível" (George B. Caird, *in loc.*). Eles não entrariam em pânico. De fato, se houvesse pânico, isso seria entre os homens de Absalão. Husai bem poderia estar com a razão! "... enraivecidos, cheios de ira diante da rebelião... obrigados a abandonar suas habitações... desesperados... suas esposas e filhos correndo perigo... eles lutariam furiosamente na defesa do rei e de si mesmos" (John Gill, *in loc.*).

Seus cachorros. Aqui, metaforicamente, estão em pauta as famílias e as possessões daqueles homens de Davi que tinham fugido de Jerusalém. Eles defenderiam, furiosamente, tudo quanto lhes pertencia.

17.9

Quanto a um *sumário* dos argumentos de Husai, ver as notas expositivas no vs. 7.

Eis que agora estará de espreita. Os truques e a astúcia fariam parte da defesa e da ofensiva de Davi. Ninguém o acharia em cidade alguma. Ele estaria nos campos, pronto a matar. Ele haveria de atacar o inimigo de surpresa, obtendo uma vantagem inicial e matando alguns soldados do adversário. Espalhar-se-iam rumores de que ele obtivera grande vitória e efetuara grande matança. Até mesmo homens valentes perderiam a coragem e abandonariam a causa de Absalão. Davi estaria em algum lugar, à espreita. "Ele estava acostumado com esses lugares, desde que fugia de Saul" (John Gill, *in loc.*). Absalão seria o novo Saul, perseguindo um Davi incapaz de ser encontrado, sofrendo perdas o tempo todo.

17.10

Até o homem valente. Os dotados de coração de leão em Israel, que tivessem decidido apoiar Absalão, ao ouvirem as vitórias do invencível e antigo guerreiro Davi, pensariam melhor e se voltariam contra Absalão. Ver as notas expositivas em II Sam. 10.18 quanto aos oito povos que Davi havia derrotado. As pessoas também haveriam de lembrar que fora Davi quem livrara Israel de tantos adversários. O coração delas se confrangeria, quando subitamente elas percebessem que se tinham voltado contra aquele terrível e invencível homem, para apoiar a seu filho acovardado, Absalão.

Como o de leões. Um leão é um animal selvagem conhecido por sua coragem e força, por sua audácia e habilidade como matador. É um animal de feroz catadura e de rugido assustador. Os leões são corajosos e destemidos. Mas Davi era o verdadeiro leão de Israel. Outros homens haveriam de desmaiar, quando ele estivesse avançando. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Leão*.

17.11

Eu, porém, conselho. Doze mil homens não seriam capazes de vencer aquela guerra, conforme Husai acabara de descrever. Por conseguinte, ele aconselhou que Absalão ordenasse uma convocação geral, por todo o país, do extremo norte (Dã) até o extremo sul (Berseba). Quanto à freqüente metáfora “de Dã a Berseba”, ver as notas em I Sam. 3.20.

Como a areia do mar. Temos aqui uma metáfora que indica um grande número. Tanta gente que era como “a areia das praias do mar”. Quanto a essa metáfora, ver Gên. 22.17; 32.12; 41.49; Jos. 11.4; I Sam. 13.5; I Reis 4.20; Jó 29.18; Sal. 78.27; Osé. 1.10; Rom. 9.27; Heb. 11.12; Apo. 13.1 e 20.8.

Somente um *poder esmagador*, numeroso como a areia do mar, seria eficaz para derrotar um homem como Davi. Nenhum homem jamais conseguira derrotá-lo. Absalão não seria esse homem se corresse precipitadamente ao encontro de Davi, com seu pequeno exército de 12.000 homens.

E que tu em pessoas vás no meio deles. Absalão deveria liderar aquele grande exército. Ele tinha de mostrar que também era um grande guerreiro e *digno* de ser o rei. Todos os reis da época, em Israel ou em outros lugares, eram reis por serem *guerreiros* de distinção.

Seria preciso muito tempo para Absalão convocar tão grande exército; e Davi precisava de tempo para armar sua contra-ofensiva. Daí a razão do conselho de Husai.

17.12

Então iremos a ele em qualquer lugar em que se achar. Marchando à testa de tão imenso exército, seria inevitável que algum dia, em algum lugar, Absalão encontrasse Davi. E, então, uma vez descoberto, Davi seria despachado sem misericórdia. Tão grande seria o exército encabeçado por Absalão que seria universal como o orvalho que umedece o solo pela manhã. Não haveria lugar onde Davi pudesse esconder-se do “exército-orvalho”. O gigantesco exército faria Davi e seus homens parecer formigas, e então Davi seria esmigalhado. Seria contraproduutivo tentar reconciliar aqueles homens selvagens com Absalão. Eles sempre seriam como espinhos em suailharga. Portanto, fora errado Aitofel falar em termos de *reconciliação* com os homens de Davi, uma vez que o rei deles fosse morto (vs. 3).

O numeroso exército reunido por Absalão espalhar-se-ia por toda parte e não poderia deixar de encontrar Davi. Enquanto isso, um exército de 12.000 homens poderia procurar Davi por longo tempo, sem nunca encontrá-lo. As gotículas de orvalho são inúmeras, não havendo lugar na terra onde alguém se possa delas ocultar. Portanto, um vasto exército acabaria encontrando Davi em seu esconderijo.

17.13

Se ele se retirar para alguma cidade. Se, ao fugir dos campos, Davi se refugiasse em alguma cidade, então o vasto exército de Absalão avançaria para aquela cidade e a transformaria em lixo, matando todos os habitantes e livrando-se de Davi para sempre.

Levará cordas. Os intérpretes admiram-se dessas palavras. Talvez Husai as tenha proferido metaforicamente: o exército gigantesco de Absalão viria e puxaria aquela cidade, por meio de cordas, para um rio. A cidade inteira seria desmanchada e seus habitantes obliterados, por terem ousado dar apoio ao antigo rei. Ou, então, alguma coisa literal estava em sua mente. Tácito falou sobre a *vincla tormentorum*, isto é, as cordas das máquinas de guerra que eram postas nas muralhas, a fim de demolí-las. Mas Israel não dispunha dos tipos de máquinas de guerra que os romanos possuíam, em tempos bem posteriores. Talvez Husai tenha falado de cordas somente para escalar as muralhas, obtendo assim acesso ao interior, a fim de destruí-las. A palavra caldaica significa “torres”, e alguns supõem que estejam em vista torres para escalar muralhas.

Ribeiro. Algumas traduções dizem “vale”, e essa parece ser uma melhor tradução.

A descrição de Husai de um *poder invencível*, liderado pessoalmente por Absalão, lisonjeou o ego do jovem. E assim o plano mais sábio porém menos espetacular de Aitofel entrou em eclipse. O plano foi “agradável à vaidade e deslumbrante à imaginação de Absalão” (Ellicott, *in loc.*).

17.14

Melhor é o conselho de Husai. Absalão relutava em tomar uma decisão pessoal referente a uma causa tão momentosa. Por isso convocou seus líderes e conselheiros para discutir qual plano (o de Aitofel ou o de Husai) era o melhor. O conselho apoiou a decisão errada. A proposta de Husai prevaleceu. O autor infor-

ma-nos que *Yahweh* estava nos bastidores, trabalhando na mente dos rebelados, levando-os a votar em favor de Husai, por ser esse o plano melhor para Davi, e pior para Absalão. A vontade divina continuava favorável a Davi. Ele estava sendo castigado pelos seus pecados, mas suas reversões não seriam permanentes. Seria melhor para Israel que o castigado Davi voltasse a governar. *Yahweh* estava prestes a “trazer desastre contra Absalão” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Muitos propósitos há no coração do homem, mas o designio do Senhor permanecerá.

(Provérbios 19.21)

17.15

Disse Husai a Zadoque e a Abiatar, sacerdotes. Conforme tinha sido arranjado anteriormente, Husai comunicou aos sacerdotes o que estava ocorrendo, para que eles, por sua vez, levassem a informação a Davi. Ver II Sam. 15.35,36. Os filhos dos sacerdotes seriam os correios que levariam a informação. Este versículo sugere que a decisão em favor do conselho de Husai levou algum tempo. Ele deixou que Davi soubesse do que estava acontecendo, a fim de que pudesse planejar quanto a qualquer eventualidade.

“Assim sempre se deu na luta entre as nações. Desde os dias de Raabe, a meretriz, até as emocionantes escapadas do movimento de resistência da Holanda durante a Segunda Guerra Mundial, as vitórias externas, ganhas pelas forças das armas, sempre dependeram criticamente das *informações* obtidas por bravos homens e mulheres que espionavam dentro da cidadela inimiga. Uma vez mais, vemos quão dependente a causa da verdade é da valente cooperação de todos os tipos de classes de pessoas” (Ganse Little, *in loc.*).

17.16

Este versículo pressupõe que o plano de Aitofel poderia ter sido posto em ação. Nesse caso, Davi e seus homens teriam de evacuar a área de modo que os 12.000 homens não os alcançassem e os massacassem.

Nos vaus do deserto. Que se estendiam de Jerusalém a Jericó, cerca de 36 quilômetros ao nordeste. Davi foi aconselhado a cruzar o rio Jordão, onde estaria em maior segurança e fora do alcance imediato do exército de Absalão. Davi seria sábio o bastante para pôr o rio Jordão entre ele mesmo e os rebeldes. Pois Absalão, mesmo que a princípio aceitasse os conselhos de Husai, poderia mudar de idéia e enviar, de súbito, os 12.000 homens.

17.17

Entrementes, os filhos dos sacerdotes, Jônatas e Aimaás (ver sobre eles no *Dicionário* e em 15.36) estavam em *En-Rogel* (ver a respeito no *Dicionário*) a fim de não despertar suspeita de que ajudavam Davi através das mensagens enviadas por seus pais. En-Rogel era uma fonte imediatamente fora da cidade, que jazia na fronteira entre as tribos de Benjamim e Judá (ver Jos. 15.7 e 18.16). Situa-se bem ao sul de Jerusalém, no vale do Cedrom. Nos tempos antigos, esse manancial era mais ativo e suas águas borbotavam espontaneamente à superfície. Atualmente, as águas sobem através de bombas. Ver outros detalhes no artigo citado.

“O esconderijo deles era bem escolhido, visto que as mulheres, naturalmente, corriam àquele lugar para buscar água. Assim, a comunicação era efetuada sem atrair atenção” (Ellicott, *in loc.*). O sistema funcionava assim: os sacerdotes davam a uma mulher a mensagem, que então a transferia aos filhos dos sacerdotes, que a contavam a Davi.

17.18

Viu-os, porém, um moço. Um jovem observou a operação, e suspeito-so, comunicou a Absalão o que estava acontecendo. Entretanto, uma rápida investigação nada descobriu, visto que os filhos dos sacerdotes se esconderam em um poço sem água, na cidade de *Baurim* (ver a respeito no *Dicionário*), que ficava próxima. Por meio deste versículo compreendemos que Davi tinha apoiadores secretos em todos os lugares críticos, e estes o ajudavam em seus planos. A mulher levava a mensagem aos filhos dos sacerdotes, os quais, uma vez detectados, correram para uma casa cujo quintal tinha um poço; a mulher que havia levado a mensagem, ao que tudo indica, conduziu-os à casa do homem e então cobriu a boca do poço com um pano (vs. 19). Esse era o sistema subterrâneo de Davi, cru mas eficaz. Josefo adiciona que uma mulher os ajudou a entrar no poço com o auxílio de uma corda (*Antiq.* 1.7, cap. 9, sec. 7).

Simei era de Baurim. Fora ele quem, com tanta insolência, zombara de Davi (ver II Sam. 16.5 ss.). E outros, da mesma localidade, ajudavam Davi.

17.19

A mulher desse homem. Ao que parece, a mesma mulher que havia levado a mensagem aos filhos dos sacerdotes. Ela arriscara a vida pela causa de Davi, pois, se fosse flagrada, Absalão não hesitaria em matá-la. Mas alguns eruditos supõem que a mulher fosse a esposa do dono da casa. Seja como for, essa "mulher" cobriu a boca do poço com um pano e espalhou grãos de cereal por cima. Josefo afirma que ela usou *flocos de lã* para esse propósito (*Antiq.* 1.7, cap. 9, sec. 7). O uso dos artigos definidos nos vss. 17 e 19 provavelmente indica que a(s) mulher(es) era(m) pessoa(s) bem conhecida(s) na região. Este versículo também supõe que as mulheres não viviam tão reclusas no tempo de Davi.

17.20

Chegando, pois, os servos de Absalão à mulher. *Uma Mulher em Perigo.* Absalão e o jovem chegaram à casa e indagaram sobre o paradeiro dos filhos dos sacerdotes. A mulher da casa contou-lhes uma grossa mentira e informou ao rebelde que os homens já tinham ido embora da área e atravessado o "vau das águas", ou seja, o rio Jordão. John Gill (*in loc.*), juntamente com comentadores mais antigos, diz que a "mentira não teve justificativa". Mas a fim de salvar a vida de Davi e restaurá-lo a Israel, aquela *mentira* não tinha nenhum *conteúdo moral*. A mulher, contudo, arriscara a própria vida, pois, se sua mentira tivesse sido descoberta, ela teria sido executada no próprio local. Cf. Jos. 2.4-7 e I Sam. 19.12-17 quanto a outros enganos pespegados por mulheres.

O vau das águas. Está em pauta o rio Jordão ou algum outro ribeiro não identificado. A palavra hebraica aqui usada tem um sentido duvidoso, e por isso não há certeza se está em foco um riacho. Talvez a palavra indique um nome próprio, o que explicaria por que o riacho se chamava *Michal* (a palavra em questão).

17.21

Passado o perigo (Absalão engolira o engano), as duas mulheres, tendo completado sua tarefa, entraram em contato com Davi e transmitiram a mensagem de Husai para que eles evacuassem a região. Davi estava próximo ao rio Jordão e foi aconselhado a pôr aquele rio entre ele mesmo e o exército dos 12.000 homens, que poderiam sair atrás dele. Josefo acrescenta que as *mulheres* retiraram os homens de dentro do poço com a ajuda de uma corda e assim cumpriram sua parte da tarefa (*Antiq.* 1.7, cap. 9, sec. 7).

17.22

Davi... se levantou, e passaram o Jordão. *Foi uma completa evacuação.* Davi e seus homens cruzaram o rio Jordão naquela noite. Quando o sol nasceu, não brilhou sobre nenhum dos homens de Davi no lado ocidental do rio. Embora não tenha ocorrido nenhum ataque, Davi não desperdiçara o seu tempo, porquanto se encaminhava naquela direção, afinal de contas. O que aconteceu essencialmente é que, após um *dia muito ruim*, ele também perdera o sono durante a noite. O sistema de comunicação foi testado e provado eficaz. Talvez tenha sido nessa ocasião (ou relembando o incidente) que Davi compôs os Salmos 42 e 43.

17.23

Vendo, pois, Aitofel. O rejeitado Aitofel ficou desanimado. Ele pusera todos os seus ovos em uma única cesta: obter o favor de Absalão. Aitofel, de fato, obtivera um favor preliminar, mas, quando seu plano para eliminar a Davi foi rejeitado, ele se sentiu inútil. Mas talvez ele já estivesse desencantado e aquilo que aconteceu foi apenas a gota final que o empurrou ladeira abaixo. É provável que seu apoio insano a Absalão demonstrasse apenas que ele se tornara um homem psicologicamente perturbado. Portanto, ele semeou insensatez e pagou por isso com a própria vida. Ver no *Dicionário sobre Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. O sábio Aitofel provavelmente reconheceu que, uma vez que Absalão preferia seguir os conselhos de Husai, Davi logo estaria de volta ao poder, e ele mesmo só poderia esperar execução às mãos do antigo rei. "Aitofel era um traidor e encontrou o fim trágico de um traidor" (Ganse Little, *in loc.*). Com razão ele considerou o pecado de Davi com Bate-Seba (sua neta) como algo nojento. Mas então ele mesmo aconselhou Absalão a arruinar a família de Davi, apossando-se de dez concubinas que tinham ficado em Jerusalém. Portanto, Aitofel também não era nenhum grande exemplo moral. Talvez Davi fosse capaz de perdoar a lealdade "temporária" de Aitofel a Absalão, mas não a confusão que ele havia causado à sua família em Jerusalém. Assim sendo, ele teve de escolher entre executar a si mesmo ou deixar que Davi o fizesse. E escolheu a mais fácil das duas difíceis escolhas.

Comparar isso com o suicídio de Judas Iscariotes, também por haver traído o homem errado.

Foi para casa e para a sua cidade. Isto é, Giló, da tribo de Judá (15.12). Ver sobre este lugar no *Dicionário*.

17.24

Davi chegou a Maanaim. A salvo de qualquer embaraço imediato, Davi chegou a *Maanaim* (ver a respeito no *Dicionário*), uma cidade do outro lado (leste) do rio Jordão, na tribo de Gade (Jos. 13.26,30). Era famosa como o lugar onde o anjo de Elohim se encontrara com Jacó (Gên. 32.1,2). Ali também fora o local de residência do filho rebelde de Saul, Is-Bosete. Ver sobre II Sam. 2.8. Absalão, por sua parte, tendo falhado em encontrar os dois homens que levaram uma mensagem a Davi, retornara a Jerusalém.

17.25

Constituiu a Amasa em lugar de Joabe. Assim fez Absalão. Joabe, sempre fiel a Davi, estava na retirada com ele pelo momento. Por isso Absalão teve de escolher um novo comandante do exército, e a escolha recaiu sobre *Amasa* (ver a respeito no *Dicionário*).

Itra, o ismaelita. O texto hebraico original chama esse homem de israelita. Mas o trecho paralelo de I Crô. 2.17 chama-o de ismaelita.

Confusão. "Não fica claro, pelo restante da sentença, se Abigail ou Naás é descrita como a *irmã* de Zeruia. O cronista, contudo, sai em nosso socorro (ver I Crô. 2.16). De acordo com ele, tanto Abigail quanto Zeruia eram filhas de Jessé. Se aceitarmos o seu testemunho, há três possibilidades. O nome de Naás pode ter entrado no versículo no lugar de Jessé. Ou pode ter sido o nome de uma mulher (a primeira esposa de Jessé). E uma terceira possibilidade é que Naás fosse o famoso rei de Amom (vs. 27; I Sam. 11.1). Nesse caso, Jessé ter-se-ia casado na família de Naás, sob um sistema de casamento em que o marido ia viver com a família da esposa, e os filhos eram considerados pertencentes à família dela. Se esse sistema prevalecesse entre os amonitas, e se Zeruia se tivesse casado sob essa circunstância, isso explicaria por que os três filhos dela eram sempre chamados pelo nome da mãe, e não do pai. Essa teoria também proveria um laço entre Davi e Naás, explicando ainda o desejo de Davi de renovar a aliança com Hanum (ver II Sam. 10.2). Mas admitimos estar no terreno das conjecturas" (George B. Caird, *in loc.*).

Seja como for, o novo comandante, *Amasa*, tal como Joabe, era sobrinho de Davi. Joabe e Amasa, pois, eram primos. Absalão também era primo de Amasa.

17.26

Acamparam-se na terra de Gileade. Isso para oferecerem batalha a Davi. Absalão e suas forças acamparam-se em *Gileade*, uma faixa de terras no lado leste do rio Jordão, estendendo-se desde a terra de Moabe, ao sul, até Basã, ao norte. Quanto a maiores detalhes sobre a região, ver o artigo sobre ela no *Dicionário*. As tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés compartilharam dessa área.

17.27

Ver em artigos separados no *Dicionário* todos os *nomes próprios* que figuram neste versículo. A menção dos vários nomes sem dúvida é uma autenticação da historicidade da narrativa bíblica. Os nomes também asseguram que Davi ainda tinha um bom número de apoiadores.

Maanaim era uma cidade fortificada e, portanto, apropriada para ser usada por Davi. Servira como capital de Israel sob Is-Bosete (2.8). *Sobi*, ao que parece, era vice-rei no lugar de seu irmão Hanum, a quem Davi tinha ??? depois de ter capturado Rabá. *Maquir* era o nome de um dos clãs da tribo de Manassés que se tinham estabelecido a leste do rio Jordão (ver Núm. 26.29). Ele tinha servido como anfitrião de Mefibosete (II Sam. 9.4). *Barzilai*, ao que parece, era de ascendência aramaica, conforme o nome parece sugerir. "A reação dos amigos de Davi ao seu infortúnio presta forte testemunho do notável poder que ele tinha de conquistar os afetos dos homens. Se fosse julgado pela opinião de seus amigos, Davi sem dúvida seria uma figura importante da história" (George B. Cair, *in loc.*).

17.28,29

Tomaram. *Produtos agrícolas e animais* foram trazidos para que todos os homens de Davi tivessem fartas refeições. Ele e seu grupo foram reduzidos a "comer" da terra, o que incluía os artigos nomeados nesses dois versículos. Ou o povo ajudava voluntariamente, ou o grupo seria forçado a tomar suprimentos. Eles não tinham base de suprimento em Jerusalém ou em outra cidade qualquer. Era

dessa forma que muitos exércitos antigos eram obrigados a marchar. Eis uma das razões para tanto saque relacionado às guerras antigas.

"Somos aqui testemunhas dos dividendos da generosidade passada... Davi deixara de retribuir contra os amonitas pelo insulto feito aos seus embaixadores (II Sam. 10.4,5), e, ao invés disso, negociou um tratado de paz. Tal generosidade o pusera agora em uma boa situação. Os amonitas recusaram-se a tirar vantagem da guerra civil de Davi" (Ganse Little, *in loc.*).

É digno de nota que Davi teve apoiadores leais de diversas áreas e raças, tal como Jesus Cristo atrai todos os homens a Si mesmo (João 12.32). Cf. Apo. 7.9,10.

"Esses três homens (vs. 27) eram chefes tributários a Davi, ligados a ele por laços de lealdade e obrigação. Barzilai era idoso e rico (19.32). Além disso, eles devem ter preferido lançar sua sorte com Davi, que era uma quantidade conhecida, em oposição a Absalão, uma quantidade desconhecida" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Camas. Colchões de alguma espécie, a fim de terem lugares decentes onde dormir e descansar, tão necessárias eram essas coisas no momento.

Capítulo Dezoito

Este capítulo continua a seção iniciada em II Sam. 13.1 (*Conseqüências Temporais do Pecado*, 13.1 - 19.10). Davi jamais seria capaz de livrar-se da maldição que Natã proferira contra ele (ver II Sam. 12.10), por causa do adultério com Bate-Seba e do assassinato do marido dela, Urias. A *família de Davi*, bem como o próprio rei, foi duramente atingida.

Na introdução ao capítulo 17 listo oito maneiras pelas quais Davi foi punido. A elas (que não reitro aqui) devemos adicionar outras duas:

Nona: Davi foi enviado ao exílio, onde ficou vagueando e dependendo de outros quanto a seu suprimento alimentar diário (17.28,29). Era uma lamentável maneira de viver para um rei. Ele tinha vivido dessa maneira antes, quando fugia de Saul; mas agora ele estava mais velho e suportava com mais dificuldade os rigores da vida ao ar livre.

Décima: Davi foi obrigado a guerrear contra os próprios filhos e contra seus irmãos israelitas. Nessa guerra, Absalão seria morto, pelo que haveria outro duro golpe contra a família de Davi. Os vss. 1-19 deste capítulo registram *A Derrota e a Morte de Absalão*, o que, conforme demonstra o texto, foi um acontecimento amargo e angustiante para Davi.

"Davi, agora em segurança e com suprimentos em abundância, tomou medidas imediatas para reorganizar as tropas e prepará-las para a batalha inevitável contra Absalão" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Supervisionando o campo da batalha, Yahweh deu Sua aprovação a Davi. Os dias de Absalão estavam numerados. Restava-lhe pouco tempo de vida. Ele tinha cometido um erro fatal.

18.1

Contou Davi o povo. Davi perguntou a si mesmo: "De quantas forças disponho?". Então contou seus homens. E proveu comandantes para eles. Traçou planos. O velho guerreiro que tinha derrotado oito potências estrangeiras para livrar Israel dos opressores (II Sam. 10.19) agora precisava dirigir uma *guerra civil* na qual o adversário seria o seu próprio filho. Infelizmente, aquele homem era agora opressor de Israel e precisava ser detido.

"Davi esteve por algum tempo em Maanaim, organizando as forças que *continuamente se juntavam a ele*" (Ellicott, *in loc.*). As forças leais a Davi cresceram em Maanaim. Ele não ficou dependendo somente das forças que levaram até lá, quando fugira apressadamente.

Josefo diz que Davi tinha *4.000 homens* a essa altura dos acontecimentos; mas não sabemos quão exata é essa informação (*Antiq.* 1.7, cap. 10, sec. 1). Seja como for, Davi dividiu o exército em companhias de 1.000 e 100, com seus respectivos comandantes.

18.2

Davi nomeou três generais para que dessem ordens às várias companhias de tropas: Joabe, Abisai (irmão de Joabe) e Itai, o geteu. Ver os artigos separados sobre eles no *Dicionário*. Se Joabe estava presente, o temor caiu sobre todos ao redor. Joabe era uma magnífica máquina de matar, e seu irmão, Abisai, não lhe era muito inferior. Itai, por sua vez, era um antigo soldado e homem de renome, pois de outra sorte não teria chamado a atenção de Davi. Não fazia muito tempo que ele procurava Davi, buscando trabalhar como mercenário (ver II Sam. 15.19 ss. quanto à história). Ele queria trabalhar; e agora teria todo o trabalho que pudesse manusear. Essa era a sua profissão, e ele haveria de desfrutá-la a cada minuto.

O arranjo de um exército com *três divisões* era comum tanto entre os israelitas (ver Juí. 7.16; 11.43; I Sam. 11.11) como entre os seus inimigos (I Sam. 13.17). Ver

também II Reis 11.5,6. Davi propôs-se a liderar as três divisões como marechal" (Ellicott, *in loc.*).

18.3

Não sairá. *Davi foi assim dissuadido.* Seus generais o aconselharam a não entrar em batalha. Provavelmente, isso não se devia ao fato de ser ele muito velho para combater. Antes, não seria bom para ele, como rei, matar pessoalmente os próprios súditos. Além disso, havia Absalão. Ele seria morto. Nenhum grupo de soldados ficaria de pé diante de Joabe, Abisai e Itai. Absalão cairia. Seria melhor que o velho rei não testemunhasse a morte do filho. A *razão* apresentada era que Davi era *por demais valioso* para arriscar-se naquelas batalhas preliminares. Ele precisava manter-se seguro, a fim de assumir o comando quando a questão fosse resolvida. Ele valia por 10.000 homens! Em certo sentido, isso era uma verdade. Davi era quem *inspirava* os homens. Seu ofício não poderia ser reduzido a mero máquina mortífera.

"Se a metade deles morresse, a guerra continuaria. Mas se Davi morresse, a causa estaria perdida. Com relutância, pois, Davi concordou em ficar para trás, mas ordenou a seus oficiais que não ferissem Absalão" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Joabe, porém, não obedeceria a essa ordem. Ele garantiria que o rebelde Absalão não sobrevivesse à batalha, a fim de que sua causa se perdesse para sempre. Joabe sempre cuidava dos interesses de Davi com ferro e lealdade, mas nas ocasiões em que Davi pensava algo contrário aos seus próprios interesses, Joabe simplesmente o desconsiderava. Ele sempre fazia o que era melhor, em última instância.

18.4,5

Foi assim que, com o *coração pesado*, Davi pôs-se à entrada a cidade, enquanto suas tropas passavam. Ele gostaria muito de acompanhá-las. Calculando o que seria melhor para todos, o idoso rei sabia que *seus homens* tinham de sair vitoriosos por causa de Israel, se não por causa dele mesmo. Mas seu coração sofria por Absalão. Portanto, ordenou aos generais que tratassem bondosamente o jovem. Afinal, ele era culpado apenas de uma *indiscrição juvenil*. O amor de Davi pelo filho cegava-lhe a mente sobre quão terrível e rebelde era Absalão. Qualquer outro homem que fizesse o que Absalão tinha feito, seria objeto da ira implacável de Davi, e não de sua paciência e indulgência. Davi era um pai amoroso mas indulgente, ao mesmo tempo que tratava com outros severamente, se fossem culpados de alguma infração. "Davi era o pai daquele *indigno jovem*" (Adam Clarke, *in loc.*), e eis por que ele agiu como agiu.

"Se, por um lado, Absalão se desfizera de cada laivo de piedade e afeto filial, estando preparado para matar ao próprio pai, a fim de promover a própria ambição, Davi continuava a pensar nele como 'seu rapaz', com a exclusão dos outros membros de sua família e dos interesses do país" (George B. Caird, *in loc.*). Joabe, porém, não toleraria tamanha insensatez.

Adam Clarke pergunta aqui qual *pai* não agiria da mesma maneira, sob circunstâncias similares?

18.6

E deu-se a batalha no bosque de Efraim. *Começara a Guerra.* Não sabemos dizer por que eles escolheram uma área florestada, em lugar de um campo aberto para o encontro. Essa floresta era um lugar desértico nas vizinhanças de Maanaim (II Sam. 17.24,27), mas atualmente não pode ser positivamente identificada. A maior parte das florestas de Israel desapareceu há muito tempo, graças ao espírito predatório dos homens. Josefo diz-nos que a área tinha um grande campo com uma floresta *por trás* (*Antiq.* 1.7, cap. 10, sec. 1); e, se essa informação está correta, então podemos compreender melhor o que estava envolvido. Ambos os exércitos encontravam-se na área, embora o autor sagrado não nos tenha informado sobre a marcha até ali.

18.7

O autor poupou-nos dos detalhes mais sangrentos. Somos informados apenas que houve grande matança, e que Israel (as tropas de Absalão) levaram a pior. Em um único dia, foram mortos 20.000 homens. Muitos outros, sem dúvida, ficaram permanente e irreparavelmente mutilados.

Na guerra, não há vencedores.

(Neville Chamberlain)

A guerra é a maior praga que pode afligir a humanidade. Qualquer outra é preferível a ela.

(Martinho Lutero)

*A guerra é um inferno...
Olho para a guerra com grande horror.*

(William T. Sherman)

*Enquanto a humanidade continuar a prestar mais louvores
a seus destruidores que a seus benfeitores, a guerra
permanecerá sendo a principal ambição
das mentes ambiciosas.*

(Edward Gibbon)

Provavelmente, a cifra de 20.000 homens refere-se somente às perdas de Absalão. Não somos informados sobre quanto custou a vitória ao exército de Davi. Mas podemos estar certos de que qualquer custo foi vergonhoso.

18.8

E o bosque naquele dia consumiu mais gente do que a espada. Em *pânico total*, as forças restantes de Absalão corriam sem rumo pelo bosque, onde ou caíam de exaustão ou morriam de quedas no terreno rochoso. Eles tinham aprendido a terrível lição. Não deveriam ter submetido a teste o terrível Joabe. Maior número de homens morreu na retirada que os que tinham caído durante a batalha e, se essa declaração é a verdadeira, então mais de 40.000 homens encontraram o seu fim, somente no exército de Israel. Essa parte da batalha provavelmente durou alguns poucos dias. Aqueles pobres homens tiveram tempo para correr, somente para acabarem finalmente mortos. Devemos entender que o exército de Davi se saiu melhor na corrida através do terreno íngreme e foi matando muitos à espada enquanto avançava. Seja como for, tanto o bosque como a espada tiveram grande refeição naquele dia, devorando a milhares de homens. Os Targuns sobre o texto mencionam também as *feras*, que obtiveram sua partilha. Com isso concordam tanto a versão siríaca quanto a versão árabe.

18.9

Indo Absalão montado no seu mulo. Ao que parece, Absalão também estava em fuga, e aconteceu-lhe encontrar alguns dos homens de Davi. A sorte estava contra ele. Ele não seria poupado, conforme Davi esperava que acontecesse. Não existe coisa como a sorte. Yahweh observava Absalão de soslaio. Chegara a sua hora. Ele não merecia misericórdia.

*Aquilo que Deus escreveu em tua testa,
A isso chegarás.*

(Alcorão)

*Nossa hora está marcada, e ninguém pode
reivindicar um momento de vida além daquilo
a que a sorte nos predestinou.*

(Napoleão Bonaparte)

“Em meio ao pânico geral, Absalão defrontou-se com os veteranos de Davi; pôs-se em fuga, perdeu o controle sobre a sua mula e foi lançado com tanta força que sua cabeça ficou presa entre dois galhos de uma árvore” (George B. Caird, *in loc.*).

Notemos que o texto diz que ele ficou “preso nele pela cabeça”, e não pelos cabelos, que é a explicação popular. “A imaginação poética o tem retratado preso pelos cabelos, dos quais tanto se orgulhava, mas não há justificação para isso” (Caird, continuando seus comentários). Foi Josefo (ao que parece) quem lançou a idéia dos cabelos (*Antiq.* 1.7, cap. 10, sec. 1). “... sua cabeça ficou presa entre a forquilha de um carvalho” (John Gill, *in loc.*). Naturalmente, os longos cabelos não o ajudaram naquelas condições.

18.10,11

Um dos soldados de Davi viu a situação de Absalão e comunicou-a imediatamente a Joabe. Diante disso, Absalão perdeu toda a esperança de escapar. Ele não sairia vivo daquela árvore. O homem que descobrira Absalão temeu pôr a mão sobre o filho do rei. Ele sabia que ordens específicas tinham sido dadas aos generais de Davi para que a vida do jovem fosse poupada. Joabe, entretanto, não estava interessado em ordens específicas da parte de Davi. Antes, repreendeu amargamente o soldado por não ter matado a Absalão no local, sem misericórdia. Se ele tivesse feito isso, Joabe sem dúvida tê-lo-ia *recompensado* com alguma soma em dinheiro. Ademais, ter-lhe-ia dado um *cinturão militar*, um sinal de estima. Ver I Sam. 18.4. Ajaz dera tal item a Hector, como sinal de seu mais alto respeito (Homero, *Iliada*, vii. vs. 305).

Dez moedas de prata. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dinheiro* quanto aos vários valores do siclo. Ver também sobre *Pesos e Medidas*, seção VII. Abraão pagou pelo campo de Macpela 400 siclos. Não se pode atribuir nenhum valor moderno de compra a esse peso.

18.12

O obstinado homem nada faria contra o filho do rei, especialmente diante do fato de que o monarca fizera um pedido especial para que não o ferissem. Nem mesmo uma grande soma em dinheiro, que lhe desse independência financeira pelo resto da vida, poderia induzi-lo a tal ato de *traição*, ainda que fosse contra o *traíçoeiro* Absalão. O homem envolvido ouvira com os próprios ouvidos o apelo de Davi e esperava agora que Joabe cumprisse os desejos do rei. Mas Joabe era homem por demais poderoso, muito seguro de sua posição e de seus direitos para deixar-se mover por promessas insensatas feitas a Davi.

18.13

Se eu tivesse procedido traiçoeiramente. O homem alegou outros argumentos em sua defesa por não querer cometer dano contra Absalão. Sua própria vida correria perigo. Em outras palavras, Davi mandá-lo-ia executar. Provavelmente isso é verdade, mas nenhum homem, nem mesmo o rei, ousaria pesar a mão sobre o poderoso Joabe. O homem tinha um “argumento imbatível”, combinando a lealdade ao interesse pessoal, mas nada faria Joabe mudar seus desígnios. O *idealismo* do homem servia à causa errada. Os *ideais*, mesmo quando defendidos com sinceridade, nem sempre são justos, nem sempre são verdadeiros, nem sempre são dignos. Joabe não haveria de seguir um falso idealismo somente para afastar-se do dever real a Davi e a Israel.

18.14

Então disse Joabe. Joabe não tinha tempo para argumentos ridículos que só adiavam um resultado positivo para a guerra. Absalão estava ali, naquele dia, *para morrer*; e Joabe garantiria esse resultado. Absalão estava pendurado na árvore, estonteado, mas ainda vivo. Joabe, sabendo onde encontrá-lo, sem um único segundo de demora, correu diretamente na direção dele e atravessou-o com três dardos. *Três* porque o queria certamente morto; *três* porque Absalão merecia mais de um golpe fatal; *três* por ser necessário que todos soubessem que ele fora brutalmente assassinado, lançando o temor em todos. Três dardos atravessaram o coração de Absalão, não havendo chance de sobrevivência.

O propósito único de Joabe era aterrorizar em sua brutalidade. Sem um segundo sequer de hesitação, ele dependeu novamente da força bruta. Note-se que, embora tivesse agido em oposição à ordem expressa do rei, agiu em favor dos interesses do rei.

18.15

Muitos estudiosos consideram este versículo uma interpolação, embora não haja evidências nos manuscritos para tal opinião. Dez dos homens de Joabe, sem saber que Absalão já estava morto, traspassaram-no com outras flechadas, na hipótese de que talvez ainda lhe restasse alguma vida. Em outras palavras, eles mutilaram o seu corpo com fúria. O culpado estava morto e desgraçado, e agora a história se espalharia por toda a parte, e todos temeriam Davi, ao qual adversário nenhum jamais derrotou em campo de batalha.

Embelezamentos Judaicos do Texto. “Os judeus observam (*Mishn. Sotah*, cap. 1, sec. 8) que Absalão pagou, medida por medida, seus crimes. Ele tinha orgulho de seus cabelos. Portanto, ficou pendurado por eles. Ele se deitara com dez das concubinas de Davi. Portanto, seu corpo foi mutilado por dez homens. Ele furtara três corações (de seu pai, do sinédrio e do povo de Israel). Portanto, três dardos acabaram com a sua vida” (John Gill, *in loc.*).

18.16

Então tocou Joabe a trombeta. Era o suficiente para um único dia. Absalão estava morto, e a rebelião acabara. Talvez ainda houvesse alguns entretuchos, mas o resultado já estava determinado. Por conseguinte, Joabe tocou a trombeta e convocou os soldados para interromper a batalha. Joabe precisou constranger seus homens. Eles estavam ansiosos por continuar a matança. Quanto ao uso da trombeta em batalha, cf. II Sam. 2.28 e 20.22. Joabe não se importou em tomar prisioneiros ou continuar uma matança inútil. Isso significaria um maior número ainda de israelitas mortos. Esses tinham sido *seduzidos* pelo poder de atração de Absalão. Mas agora que aquele homem cheio de truques estava morto, eles devolveriam sua lealdade a Davi, e talvez até estivessem alegres com o rumo que as coisas haviam tomado. Quem se sentiria bem por rebelar-se contra o homem que libertara Israel de todos os seus inimigos (10.18; ver as notas expositivas)?

18.17

Levaram Absalão, e o lançaram no bosque. *Um Sepultamento Decente.* Um dos modos de sepultamento é retratado neste versículo. Em lugar de ser enterrado em um buraco, um corpo podia ser sepultado sob as pedras. Algumas vezes, um buraco era escavado, e então pedras eram postas sobre a terra jogada diretamente sobre o cadáver. No caso presente, aparentemente já existia um buraco. Eles lançaram o cadáver de Absalão ali e cobriram-no com uma pilha de pedras. E a grande pilha tornou-se um triste *memorial* ao homem que ousara fazer oposição a Davi. Ele era filho de Davi, mas nem esse relacionamento o ajudou na hora da *retribuição*. É possível que Davi tenha visitado o memorial, diante do qual chorou. Era tão inútil que Absalão houvesse desperdiçado a vida da maneira que o fez. Mas em algum lugar, de alguma maneira, a graça de Deus o teria alcançado, ou ainda haveria de alcançar — disso podemos estar certos. Ver I Ped. 4.6 e as notas sobre esse versículo, no *Novo Testamento Interpretado*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sepultamento, Costumes* de.

Absalão tinha erigido um memorial ao seu próprio nome, chamado Monumento de Absalão, no vale do rei (vs. 18). Mas seu verdadeiro memorial era aquela pilha de pedras que cobria o seu cadáver, na floresta de Efraim.

Absalão primeiramente ficou enganchado pela cabeça a uma árvore; em seguida, foi atravessado por três dardos. Ato contínuo, seu corpo foi mutilado. Então foi sepultado em um triste memorial, sob pedras. Assim a justiça foi servida, de modo parecido com o que se lê em Deu. 21.21, a morte por apedrejamento de um filho rebelde. Quanto a monumentos sepulcrais, ver Jos. 7.26 e 8.29.

Adam Clarke (*in loc.*) comentou sobre a universalidade das pilhas de pedras memoriais como lugares de sepultamento. Onde não havia pedras disponíveis, as pilhas eram feitas de terra.

Terminado todo esse evento, os soldados que tinham combatido por Absalão, voltaram para casa. Os demais também voltaram para seus lares. Cf. Deu. 16.7; Jos. 22.4-8; I Sam. 13.2; II Sam. 19.8; 20.1,22. Mas a palavra “fugiu”, usada aqui, aponta especificamente para os rebeldes.

18.18

Talvez Absalão tivesse erigido a coluna para perpetuar seu nome (ele não possuía filhos que pudessem fazer isso) com a intenção de transformá-la em um memorial de sepultamento. Nesse caso, o pobre Absalão nem ao menos teve o luxo de repousar no túmulo que havia preparado para si mesmo. Sua rebelião furtou-o até mesmo disso. II Sam. 14.27 fala sobre filhos de Absalão. Isso poderia ser uma simples contradição com II Sam. 18.18 e 14.27, derivada de outras fontes informativas. Ou então esses filhos tinham morrido ainda jovens, deixando-o sem herdeiro.

Vale do rei. Tradicionalmente é o vale do Cedro, a leste de Jerusalém. Josefo diz-nos que a coluna existia em seus dias. Ela era de mármore, postada a cerca de 400 metros de Jerusalém (*Antiq.* 1.7, cap. 10, sec. 3). Ver no *Dicionário* o verbete *Vale do Rei*.

Os monumentos sepulcrais eram comuns entre todos os povos. Minerva aconselhou Telêmaco a tentar encontrar seu pai. Mas, se não pudesse encontrá-lo, então que erigisse um monumento em sua memória (Homero, *Odisseia*, 1, vs. 297).

18.19,20

Então disse Aimaás. Ver sobre ele no *Dicionário*. Esse jovem (filho de um sacerdote; ver II Sam. 15.36; 17.17 ss.), cheio de entusiasmo por causa da grande vitória obtida naquele dia, queria ser o transmissor das boas novas a Davi. Em sua atitude precipitada, nem lhe ocorreu que ele seria o portador da terrível notícia de que Absalão havia sido morto. Foi por isso que Joabe precisou impedi-lo de levar a mensagem. Era uma notícia por demais solene para ser dada naquele dia. Algum outro dia seria mais apropriado para a terrível tarefa. Mas logo Joabe mudou de idéia e convocou outro homem para levar a mensagem. Evidentemente, era homem mais apropriado para levar a mensagem que o jovem Aimaás. Aimaás fora o portador de mensagens mandadas ao rei, conforme demonstram as referências acima. Não sabemos dizer por que ele foi rejeitado como o mensageiro da morte de Absalão, quando outro jovem foi imediatamente enviado para fazer a mesma coisa. Aqueles, porém, eram momentos de *confusão*, e isso pode explicar o episódio. Mas ver outras idéias sobre a questão, nas notas expositivas do vs. 21.

18.21

Joabe entregou a tarefa de dar as notícias ao rei, sobre a batalha (incluindo novas sobre a trágica morte de Absalão), a um cuxita, um estrangeiro, homem desconhecido de Davi. E não permitiu que Aimaás levasse a mesma mensagem. Aimaás era amigo pessoal de Joabe e Davi. Talvez Joabe não concordasse que

um amigo deveria levar tal mensagem, e, se outra pessoa transportasse as notícias, o golpe seria menos rude para Davi. Nossos costumes, porém, são diferentes dos costumes antigos. Presume-se que, quando um amigo leva más novas, isso ajuda o endereçado a suportar melhor as notícias, porquanto conta com a simpatia do amigo. A tragédia, partilhada de alguma maneira, tem seu impacto reduzido. Seja como for, o cuxita recebeu a desagradável tarefa. Mas ele não informou Davi que Joabe era o assassino de Absalão. Davi, no entanto, em breve o descobriria. O rei não precisava saber disso naquele mesmo dia. Ele teria de absorver um golpe por vez.

Os Corredores. Naqueles dias em que não havia veículos a motor, ou outros meios mais rápidos de transporte, eram empregados *corredores* para desempenhar a tarefa de mensageiro. Homens eram treinados com esse propósito e eram capazes de desenvolver grande resistência e considerável velocidade. Até no recente século XIX, homens montados a cavalo serviam ao mesmo propósito. Então apareceram os trens e, finalmente, os motores de combustão interna para pequenos veículos, o telégrafo, o telefone e o rádio. Agora temos a comunicação instantânea e internacional, sob forma escrita, através do fax e correio eletrônico. Assim sendo, os modos de os homens transmitirem mensagens têm sido aprimorados imensamente; mas as notícias tristes ainda perturbam o coração dos homens, e alguém precisa ser o mensageiro.

“O cuxita era um etíope, provavelmente um escravo, e assim sendo, uma pessoa mais apropriada para a desagradável tarefa” (George B. Caird, *in loc.*). Alguns estudiosos identificam-no com o cuxita do título do Salmo 7, e outros, toalmente, fazem dele o homem que encontrou Absalão pendurado da árvore (vs. 10). Mas todas essas informações são apenas imaginárias. Seja como for, ele primeiramente saudou a Joabe, prostrando-se diante dele, e então saiu correndo para desincumbir-se de seu dever.

18.22

Aimaás, porém, continuou insistindo. Ele tinha de ir. Joabe permitiu que fosse, mas lembrou-o de que ele não era o encarregado de dar a Davi as tristes notícias. Portanto, lá se foi Aimaás em um “passeio”, conforme alguns diriam. As palavras “não terás recompensas das novas” podem significar que Aimaás esperava alguma espécie de recompensa pelas boas notícias da derrota de Absalão. Mas a Vulgata Latina provavelmente está certa ao traduzir o difícil texto original em hebraico por “não serás o portador de boas novas”. As notícias eram, ao mesmo tempo, boas e más; e Aimaás simplesmente não recebeu a tarefa de levá-las a Davi, conforme discutido na exposição sobre os vs. 20 e 21.

18.23

Tendo recebido a permissão de Joabe de seguir juntamente com o portador das notícias (mas não de levar a mensagem), Aimaás alcançou o cuxita, talvez conhecendo melhor o terreno e tomando um atalho. Imagino que o homem correu com *alegria*, a despeito do impacto que a mensagem teria sobre Davi. Afinal, Aimaás ajudara Davi desde o começo, sendo um rapaz de recados que transmitia e possibilitava comunicações entre Husai, os sacerdotes e Davi. Ele realizou bem a sua tarefa, ao risco da própria vida. Embora ele mesmo não tivesse mensagem a ser dada a Davi, de que a vitória fora obtida, quis ter o prazer de estar presente quando as grandes novas fossem comunicadas. E então mereceu um “agrado” da parte do seu senhor.

Pelo caminho da planície. Provavelmente uma rota mais longa mas menos íngreme, enquanto o cuxita percorria as colinas.

18.24

Davi estava assentado. Davi esperava ansiosamente por notícias sobre a batalha. A sentinela estava postada em seu devido lugar. De súbito, aconteceu o que fora antecipado por tanto tempo. Um *corredor* (ver o vs. 21) foi visto. As expectativas eram grandes: estavam chegando notícias sobre a batalha.

Entre as duas portas da entrada. Provavelmente isso se refere a uma espessa muralha com duas portas paralelas, uma pelo lado de fora e outra pelo lado de dentro. Davi se posicionara entre as duas portas da entrada. Acima estava a sala da sentinela, que podia ser alcançada mediante uma escada. Visto que Aimaás era homem bom e leal, poder-se-ia presumir que ele estava trazendo boas-novas.

18.25,26

O *corredor* devia ser um mensageiro que trazia notícias da batalha ou então um *fugitivo*. Mas *fugitivos* (plural) provavelmente escapariam, pelo que deveria haver pelo menos um pequeno grupo deles. Se houvesse apenas um corredor,

então seria um mensageiro. Isso poderia ser dito com relação a até dois corredores, porém não mais que isso. A princípio, a sentinela viu apenas um homem. Eis que então (vs. 26) reconheceu outro homem; mas Davi corretamente julgou que ele também deveria ser um mensageiro. Com tais descrições, sem dúvida em harmonia com a história, o autor sacro aumenta a nossa ansiedade. Que tipo de mensagem estariam trazendo os corredores? A batalha tinha sido ganha, a rebelião havia terminado. Mas Absalão estava entre as vítimas.

18.27

Parece ser o correr de Aimaás. Aimaás estava chegando na frente, a quem a sentinela reconheceu devido ao estilo de corrida. Davi sentiu-se feliz com a notícia, porque Aimaás era um homem bom, que traria boas notícias, ou pelo menos era disso que Davi tentava convencer-se, impossibilitado de receber más notícias. A confiança de Davi de que Aimaás trazia boas notícias sem dúvida se baseava em um desejo interior. Mas também se alicerçava sobre a idéia que Joabe havia expressado, de que um *amigo* traria boas notícias e se apressaria em transmitir a mensagem. Ver as notas no vs. 21 quanto a esse particular.

18.28

Paz. Esse foi o grito de Aimaás. E sem dúvida o coração do rei pulou de alegria. A batalha tinha resultado em tranquilidade para o rei. A palavra foi usada como saudação, mas sem dúvida tinha por intuito comunicar uma mensagem acerca da batalha. A Yahweh foi dado o crédito por fazer a batalha voltar-se em favor de Davi. E os rebeldes tinham sido absolutamente derrotados. Yahweh ferira aqueles que tinham ferido a Davi.

"Ele atribuiu a vitória não a Joabe e seu exército, mas ao Senhor, a quem prestou agradecimentos, e isso concorda com o caráter de um homem bom e de um sacerdote do Senhor" (John Gill, *in loc.*).

18.29

Vai bem o jovem Absalão? Foi uma terrível pergunta que perturbou a paz. Esta era uma indagação que Aimaás não queria ouvir e à qual fora proibido de responder. Que dizer sobre Absalão? Estava ele em segurança? *Aimaás mentiu*. Ele sabia a resposta à pergunta, mas como amigo de Davi não podia proferir a resposta. Assim sendo, reivindicou apenas ter visto grande confusão e tumulto, mas não sabia o que havia acontecido a Absalão. "Espertamente, mas sem veracidade, Aimaás escapou da pergunta" (Ellicott, *in loc.*). Afeito às questões políticas, ele estava treinado a mentir "quando necessário".

18.30,31

Disse o rei. Aimaás não tinha toda a notícia que Davi queria ouvir. Portanto, recebeu ordens para pôr-se de lado, mas não para ir-se embora. Assim, seu relato podia ser comparado ao relato do cuxita. Logo chegou o segundo homem (vs. 31) e entregou a mesma mensagem: "Boas-novas ao rei meu Senhor". Novamente, Yahweh recebeu todo o crédito. *Vingança* era a palavra para aquele dia. Todos quantos se tinham rebelado estavam derrotados. Os que não haviam sido mortos fugiram e se dispersaram. A rebelião tinha terminado.

18.32

Em lugar de pular de satisfação, Davi fez a terrível pergunta: "Vai bem o jovem Absalão?". Somente o amor de um pai podia explicar tal preocupação. "Esta é uma das mais tristes cenas de toda a literatura mundial. A angústia de Davi surgiu não somente da tragédia, mas também de seu próprio fracasso como pai. Esse fracasso ele reconhecia e admitia em seu clamor do fundo do coração" (Ganse Little, *in loc.*).

Absalão havia sido brutalmente morto por aqueles três dardos, e então seu corpo fora mutilado. O cuxita desejou que a todos os inimigos de Davi acontecesse o mesmo que se abatera sobre Absalão: ser morto e ter o corpo mutilado, obliterado da face da terra. Foi uma maneira indireta de dar a Davi a notícia da morte de seu filho Absalão.

Aquele momento de júbilo, então, de súbito transformou-se no silêncio e na melancolia de um túmulo.

Em Absalão concentrava-se toda a preocupação de Davi. Que diziam sobre Absalão? Ele estava mais preocupado com o filho do que com o resultado da batalha: "... bem que merecia a repreensão que Joabe deu a Davi, em II Sam. 19.5" (Adam Clarke, *in loc.*). Joabe disse a Davi: "Hoje envergonhaste a face de todos os teus servos, que livraram hoje a tua vida, e a vida de teus filhos, e de tuas filhas, e a vida de tuas mulheres, e de tuas concubinas" (II Sam. 19.5). Contudo, o amor paterno é o amor paterno. Não requer explicações racionais. É incondicional, e é assim que *tudo* amor deveria ser. Somente um amor *incondicional* é o verdadeiro amor *agape*. Isto posto, Davi deu-nos uma lição sobre o amor, que não deve ser subestimada. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

18.33

"Avassalado, o rei retirou-se para um quarto superior, onde verteu seu coração, na presença de Deus, em tristeza que não se deixava consolar. As profundezas do amor por seu filho rebelde se ocultaram no lamento: 'Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!' Dois dos filhos de Davi, Amnom (II Sam. 13.28-39) e Absalão (18.15), morreram mortes violentas, em consequência do pecado de Davi (12.10)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

"A maioria dos mais hábeis comentadores admite que essa lamentação foi excessivamente patética" (Adam Clarke, *in loc.*).

"A tristeza de Davi... pode ter ficado mais pungente diante do pensamento — que com frequência deve ter-lhe ocorrido durante o progresso da rebelião — de que todo esse pecado e erro ocorreram por causa de seu próprio grande pecado" (Ellicott, *in loc.*).

"Ele se apressou-se a ir à câmara... por sobre o portão da cidade, onde estava a sentinela... e assim, enquanto subia as escadas, soluçava repetidamente: 'Meu filho Absalão. Absalão, meu filho, meu filho!'. Essa repetição exprimia a veemência de seus afetos, e quão inconsolável estava ele diante da morte do filho" (John Gill, *in loc.*).

Haverá Alguma Esperança para Absalão? Que dizer sobre a alma dele? Adam Clarke (*in loc.*) foi quem fez essa indagação. Davi consolou-se diante da esperança que o jovem se arrependera no último momento, tal como aconteceu ao ladrão na cruz. O dr. Clarke estava limitado por sua teologia metodista, tal como a maioria dos evangélicos e católicos está limitada por suas teologias. Mas os luminares da Igreja Cristã Oriental e da Igreja Anglicana não têm dificuldades em assumir que a graça de Deus já atingiu Absalão, para além do sepulcro. E esses mostram como prova para isso a história da descida de Cristo ao hades, mediante a qual Ele fez p lugar tornar-se um campo missionário. Assim sendo, "sem importar onde estejam os homens, Jesus pode ali atingi-los". Ver I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o verbete intitulado *Descida de Cristo ao Hades*.

Por que os homens relutam tanto a ponto de apagar toda a esperança? Por que eles insistem sobre uma teologia ultrapassada que corta a esperança por ocasião da morte biológica do corpo? As próprias Escrituras ultrapassam essa marca! Por que os homens preferem a condenação e o desespero, e não a esperança que as Escrituras nos trouxeram?

Capítulo Dezenove

Este capítulo, até o vs. 10, continua a seção iniciada em 13.1 (*Consequências Temporais do Pecado: 13.1 - 19.10*). Considere o leitor a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver esse artigo no *Dicionário*). Davi jamais seria capaz de libertar-se da maldição que Natã, o profeta, lhe impusera (II Sam. 12.10) por haver adulterado com Bate-Seba e assassinado o marido dela, Urias. A família de Davi foi pesadamente atingida; Davi foi pesadamente atingido; a nação de Israel foi pesadamente atingida.

Na introdução ao capítulo 17, listo *oito* maneiras pelas quais Davi foi castigado. E na introdução ao capítulo 18, acrescento outras *duas*. A essas dez maneiras, acrescento aqui as seguintes:

Décima Primeira: Agora, no capítulo que temos à frente, há outros fatores. Davi viveu a angústia de lamentar a morte de Absalão. Isso fez a vitória sobre o rebelde e sua restauração ao poder algo ao mesmo tempo doce e amargo. Até seu grande momento de triunfo foi contaminado.

Décima Segunda: O inescrupuloso mas sempre fiel Joabe repreendeu Davi por sua atitude, salientando que seus homens tinham combatido por ele, arriscando a própria vida. Mas Davi com nada se importava naquele momento, exceto com o rebelde Absalão. Assim sendo, a relação entre Davi e seus homens mais fiéis e de maior confiança ficou estremecida. Além disso, todo o povo de Israel (II Sam. 19.9) foi lançado em confusão.

Décima Terceira: Tão amargurado ficou com a morte do filho (e provavelmente já descobrira que Joabe fora o assassino de Absalão), que Davi estabeleceu Amasa como general de seu exército, em lugar de Joabe (vs. 13). Mas isso só causaria tristeza, ainda maior Pois Joabe finalmente mataria Amasa (II Sam. 20.10). Ninguém podia com o selvagem Joabe, nem mesmo o próprio Davi.

19.1

"Aquele que poderia ter sido um dia de alegria triunfal para Davi tornou-se um dia de profunda tristeza. Seu júbilo por ter recuperado o reino foi cortado pelo desespero de ter perdido um filho. Tão confusos sentiram-se os soldados de Davi

que escaparam para fora de Maanaim como se tivessem sido os perdedores, e não os vencedores" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Ali estava Davi, compreensivelmente triste por causa da morte de Absalão, mas "repreendido por Joabe por ter-se entregado a tão profunda tristeza" (John Gill, *in loc.*). Ele se esqueceu de regozijar-se pela singular e imediata vitória que seus homens lhe haviam dado, demonstrando-lhes alguma *gratidão*. Na verdade, Davi exagerou em sua tristeza e não disse uma única palavra de agradecimento aos fiéis soldados que lhe tinham devolvido o trono e apagado a sua desgraça. Davi, pois, manuseou a situação de forma inteiramente desequilibrada.

19.2,3

A vitória se transformara em lamentação; os vencedores foram reduzidos à condição de perdedores; a tristeza tomou conta de tudo, e a gratidão se perdeu. Nas ruas, deveriam estar sendo ouvidos gritos de vitória. Deveria haver vinho, cânticos e danças. Pelo contrário, Maanaim tornou-se semelhante a um túmulo. Nenhum homem ousava alegrar-se; nenhum homem ousava celebrar a ocasião, pois o rei estava lamentava a perda de Absalão.

"A tristeza pessoal corria o perigo de sabotar o bem público. Como um pai de consciência pesada, Davi só podia lamentar-se com a falta de restrição aqui descrita. Mas Joabe tinha toda a razão. O trono de Davi fora preservado pela ação corajosa de tropas leais. Davi não deveria dar a impressão de que a ira pela morte do filho rebelde pesava mais que sua gratidão pela salvação do reino" (Ganse Little, *in loc.*).

Maanaim, onde grandes celebrações deveriam estar tendo lugar, era agora uma cidade-fantasma. As pessoas que entravam e saíam da cidade faziam-no com tanto cuidado como se tivessem sido derrotados, em lugar de terem sido vitoriosas. Poderiam também ser castigadas pelo rei se demonstrassem alegria, pois ele estava inclinado somente à tristeza e à lamentação. Agiam como um bando de covardes, quando deveriam estar passando arrogantemente através das ruas, em paradas vitoriosas. "Eles se lamentavam por seu próprio sucesso" (Adam Clarke, *in loc.*).

19.4

Tendo o rei coberto o rosto exclamava. O rei perdeu completamente o controle. Ele continuava clamando o desesperado refrão: "Meu filho Absalão, Absalão, meu filho, meu filho!". Calmet disse corretamente aqui que a frequente repetição do nome do morto era comum na linguagem das lamentações..

Ali estava o rei, envolto em seu manto (um costume próprio das lamentações), chorando e pranteando, abalando a casa inteira com suas amargas lamentações.

19.5

Então Joabe entrou na casa do rei. Era terrível quando Joabe se irava. O próprio rei Davi tremia quando ele estava nessa condição. Em outras oportunidades, Joabe sofrera frustrações por fazer o que ele cria estar certo, somente para que o rei se voltasse contra ele (ver II Sam. 3.27-39; 14.28-33). Foi assim que Joabe entrou, num repente, na sala do rei, sem ao menos bater na porta, e iniciou sua tirada contra Davi.

Naturalmente, a tirada de Joabe era exagerada. As coisas, porém, não eram tão ruins quanto ele deu a entender. Quem não diz *absurdos* quando está irado?

Joabe e seus homens tinham sido *salvadores*. Eles tinham salvado Davi da vergonha e da destruição. De modo geral, sua família, que poderia ter sido destruída pelo rebelde Absalão, agora estava segura, seus filhos e filhas, suas esposas e concubinas. Os próprios *salvadores*, que Davi deveria estar louvando por tudo quanto tinham feito, ao risco da própria vida, Davi os estava *envergonhando*. Ele agora os tratava como se tivessem cometido um engano, ao ganharem a batalha para ele. Em lugar de celebrar a vitória, eles tinham de entrar e sair da cidade como se fossem um bando de criminosos.

"Joabe tratou o rei com completa insolência e com um ar de superioridade. Não obstante, aconselhou-o para seu próprio bem-estar" (Ellicott, *in loc.*)

Se a *rebelião de Absalão tivesse obtido sucesso*, então, em consonância com os costumes orientais, a família de Davi seria destruída, para que não restassem rivais candidatos ao trono (ver Juí. 9.5; I Reis 15.29; 16.11; II Reis 10.6,7 e 11.1). Mas o bom Joabe agiu como lhe era costumeiro. "Ele era um bom soldado, mas em tudo mais era um homem mau, um súdito perigoso" (Adam Clarke, *in loc.*).

19.6

Então estarias contente. Joabe *exagerou consideravelmente*, em consonância com a mente semítica que tendia (e tende) a pensar nas coisas em termos de preto e branco, "sim" ou "não", sem áreas cinzentas e intermediárias.

"Ele estava apenas exemplificando a formação habitual da mente semítica, que vê todas as coisas em extremos de negro e branco, sem os delicados tons pastel que estão acostumadas a ver entre a verdade e a falsidade, a crença e a incredulidade, o amor e o ódio" (George B. Caird, *in loc.*). Foram momentos críticos para Israel. Joabe falou de forma exagerada, mas com energia, para o bem de Davi e para o bem de todo o povo de Israel. Absalão havia distorcido a maneira de Davi pensar, pelo que transformara todos os seus amigos em perdedores, quando eram vencedores, e o fizera odiar (por assim dizer) seus amigos, mas amar seus inimigos; desejando que Absalão continuasse vivo, mesmo que isso significasse a morte de Joabe e das tropas que haviam obtido tamanha vitória em tão pouco tempo.

19.7

Levanta-te agora, sai, e fala. Ergue o teu rosto! Vai lá fora e consola os servos e amigos que estás desgraçando com seus tolos atos e atitudes!

A Ameaça. Se Davi não agisse conforme Joabe ordenava, ele provocaria outra rebelião. Todo o exército de Israel marcharia para fora da cidade e deixaria Davi *sozinho*. Se ele tivera dificuldades com Absalão, maior ainda seria sua dificuldade com o selvagem Joabe a encabeçar uma revolta *real*.

Fala segundo o coração de teus servos. Louva-os pela vitória obtida; assegura-lhes a tua gratidão; recomenda-os pela coragem; agradece-lhes por tudo quanto fizeram, arriscando a vida no campo de batalha.

Davi havia sofrido muitos males desde a juventude; mas Joabe prometeu-lhe que nenhum mal seria tão terrível como aquele que ele sofreria agora, se não recuperasse o bom senso.

19.8

Então o rei se levantou, e se assentou à porta. Davi *Obedeceu a Joabe!* Ele se levantou, parou suas lamentações, tomou lugar no assento dos juizes e recebeu em bom espírito a todos os que vieram a ele. Em suma, reassumiu seus deveres como rei-juiz e assim reconquistou o povo.

Israel havia fugido. Esta parte do versículo deveria ser o início do versículo seguinte, onde começa um novo parágrafo. Os que fugiram tinha imitado os apoiadores de Absalão, o qual, por ocasião de sua morte, escaparam para suas casas, conforme vimos em II Sam. 18.17. Por toda a narrativa da rebelião de Absalão, Israel aponta para seus apoiadores, ou seja, a maior parte do povo de Israel. Cf. II Sam. 16.15; 17.5,14,15,24,26; 18.6,7,16,17.

19.9

Em todas as tribos de Israel. Ou seja, os apoiadores de Absalão, de fato todas as tribos, incluindo Judá (19.11), estavam em confusão e conflito sobre: "Que haverá de acontecer agora? Absalão está morto. Perdemos o nosso líder. Que faremos com Davi? Iremos devolvê-lo ao trono? Renovaremos com ele a nossa lealdade?". Os pecados de Davi tinham lançado Israel na confusão. Quanto aos *treze* resultados dos pecados de Davi, ver a introdução a este capítulo.

Argumentos em Favor de Davi (de que todos os homens deveriam prestar-lhe lealdade). Esses argumentos estavam alicerçados sobre a história. Não fora ele quem libertara Israel de todos os seus opressores? Quanto ao fato de que Davi derrotou oito nações inimigas, ver as notas em II Sam. 10.19. Embora ele tivesse feito tudo isso, o povo tolamente apoiara o rebelde Absalão, fazendo seu verdadeiro campeão fugir. Eles tinham de reparar a brecha causada trazendo-o de volta e restaurando a normalidade.

"Com o colapso da rebelião, a paixão acompanhante passara, e o povo começou a relembrar tudo quanto devia a Davi" (Ellicott, *in loc.*).

19.10

Absalão estava morto e, com ele, a rebelião e a paixão pela sua causa. Somente aqui somos informados de que ele havia sido ungido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Unção*. É difícil acreditar que os sacerdotes (que apoiavam Davi) tivessem realizado a cerimônia em favor de Absalão. "Isso pode ter sido feito por algum profeta, ou essa é apenas uma expressão que significa... ter sido nomeado" (Ellicott, *in loc.*).

O *consenso geral* era trazer Davi de seu exílio e estabelecê-lo como rei. Naturalmente, isso aconteceria de qualquer maneira, mas era conveniente que Davi obtivesse apoio. Assim sendo, uma vez que Absalão foi retirado do caminho, não demorou muito para que o povo se voltasse novamente para Davi, com um renovado sentimento de gratidão por tudo quanto ele havia feito por Israel. Não obstante, eles hesitaram, embaraçados. Ademais, Davi facilmente poderia ter tira-

do alguma espécie de vingança do povo, especialmente dos anciãos e líderes que haviam transferido seu apoio para Absalão. Isso, sem dúvida, dava-lhes alguma razão para hesitar em restaurar a antiga ordem.

Davi de Novo em Jerusalém (19.11 – 20.22)

O autor informou-nos, longamente, como os pecados de Davi com Bate-Seba e Urias (adulterio e assassinato) lhe causaram um sem-fim de tribulações, tal e qual Natã, o profeta, havia predito que aconteceria (ver II Sam. 12.10). Ver na introdução ao capítulo 19 os treze resultados desses pecados. Naturalmente, até o fim da vida, Davi continuou a pagar por seus crimes. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. E agora a atenção do autor sagrado volta a relatar como o poder de Davi, uma vez mais, estava sendo restaurado por todo o Israel, incluindo Jerusalém, depois que a rebelião de Absalão fora esmagada e aquele homem fora morto.

19.11

Então o rei Davi mandou dizer a Zadoque e a Abiatar. Davi pertencia à tribo de Judá, mas até mesmo essa tribo hesitava em trazer Davi de volta a Jerusalém para reassumir o governo. Já fomos informados sobre a confusão em que *Israel* fora colocado (as tribos além de Judá), em II Sam. 19.9,10). Era necessário que Davi tomasse a iniciativa e enviasse um mensageiro aos sacerdotes Zadoque e Abiatar (ver os artigos sobre eles, no *Dicionário*), perguntando-lhes o que estava acontecendo. Pois o resto de Israel já havia agido favoravelmente a Davi.

"A opinião pública estava na frente dos líderes. A razão pela qual Judá hesitava era, naturalmente, que eles tinham sido os líderes da rebelião" (George B. Caird, *in loc.*). Davi, entretanto, revelou-se um diplomata e não salientou o fato. Ele simplesmente exortou aquela tribo a apressar o processo, a fim de que a normalidade retornasse ao país. O norte e o sul demonstraram uma tendência de separação, o que, finalmente, aconteceu, após o reinado de Salomão. Neste ponto, Davi tentou preservar a unidade e não lançou Judá contra o norte, mas lembrou-lhes diplomaticamente que as outras tribos já tinham agido.

19.12

Vós sois meus irmãos. Os argumentos de Davi foram: "Somos da mesma tribo; somos da mesma família, somos irmãos de uma maneira toda especial". Davi continuou em sua diplomacia. Eles tinham ligações de sangue mais estreitas do que o resto de Israel. Essa seria uma boa razão para Judá assumir a liderança, em vez de demorar-se para apoiar a volta de Davi ao trono, normalizando as coisas após a confusão causada pela rebelião encabeçada por Absalão. O rei reconheceu sua relação especial com aquela tribo, e esse fato foi calculado para encorajá-los a apressar a reentronização de Davi.

19.13

Uma Grande Concessão. Segundo tudo indicava, Davi estava tanto disposto (por causa de Judá) quanto ansioso (por sua própria causa) a depor Joabe como principal general do exército, nomeando Amasa em seu lugar. Esse homem seria mais agradável para Judá, que certamente tinha feito muitos inimigos, e, sem dúvida, também para Israel. Além disso, Davi fora insultado pelas duras palavras de Joabe, quando este lhe ordenara parar suas lamentações por Absalão e continuar a governar (ver II Sam. 19.5-7). Davi anelava contar com um homem que fosse um instrumento de paz, naquele momento.

A parte ridícula de toda a situação era que Amasa tinha sido o principal general dos exércitos de Absalão (ver II Sam. 17.25), de modo que Davi continuava com dificuldade para distinguir amigos de inimigos, acusação que Joabe lançara sobre ele (ver II Sam. 19.6).

"Fazia muito Davi estava em desassossego por causa da fortíssima influência de Joabe (ver II Sam. 19.22; 16.10 e 3.30) e agora, desde que ele havia matado Absalão, decidira livrar-se dele" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, seu ato fora injusto e brutal. Amasa deveria ter sido punido por *traição*! Segundo as condições antigas, isso significava execução. Além disso, Davi subestimou Joabe, o que não era algo fácil. O que Davi realmente conseguiu foi provocar o assassinato de Amasa por Joabe (ver II Sam. 20.10), o que seria previsível. Joabe não tinha ambições políticas, mas era muito zeloso quanto à questão de quem seria o chefe do exército de Israel.

Não és tu meu osso e minha carne? Tanto Joabe quanto Amasa eram sobrinhos de Davi. Amasa era filho de uma das irmãs de Davi. Quanto ao relacionamento entre Davi e Amasa, ver II Sam. 17.25; I Crô. 2.17 e I Reis 2.5,32.

19.14

Davi era um homem que sabia *realmente conquistar* o coração de outros homens, e foi exatamente o que fez com Judá. Como se fossem um só homem, a lealdade deles foi recuperada. Logo uma mensagem estava a caminho do rei:

"Volta. És bem acolhido". Era tempo de reconciliação, e não de acusações. O conflito terminara com a morte de Absalão. Mas agora eles deveriam preocupar-se com o bem-estar de Israel, e Davi era o homem ideal para promovê-lo. "Põe a confiança nas pessoas tanto quanto você puder, e isso não falhará em excitar a confiança delas para com você (Adam Clarke, *in loc.*).

Quanto maior for o homem, maior será a cortesia.

(Tennyson)

Falar bondosamente não fere a língua.

(Provérbio francês)

A polidez nada custa e ganha tudo.

(Lady Mary Montagu)

19.15

O cortês Davi foi cortesmente tratado por Judá. A tribo de Judá enviou uma delegação ao encontro dele em Gilgal, para acompanhá-lo quando ele atravessasse o rio Jordão; e então, desde a margem do rio Jordão, eles o escoltaram até Jerusalém. Portanto, Judá "caminhou a milha extra". A diplomacia rendera dividendos.

Nenhum grau de conhecimento atingível pelo homem é capaz de pô-lo acima da necessidade da ajuda a cada hora.

(Samuel Johnson)

Todos dependemos uns dos outros, cada alma de nós, na terra.

(George Bernard Shaw)

Gilgal ficava a cerca de 19 quilômetros de Jerusalém, e uma terça parte disso do rio Jordão. Portanto, as distâncias envolvidas não eram grandes. Mas o espírito do ato era bom para todas as pessoas envolvidas.

19.16

Apressou-se Simei. A *Volta de Simei*. Fora esse homem quem amaldiçoara Davi e jogara pedras contra ele e seus homens, quando eles fugiam de Absalão. Quanto a isso, ver II Sam. 16.5-8. Agora ele toma parte na delegação enviada para acompanhar Davi! Talvez ele estivesse realmente arrependido do que havia feito. Por outro lado, ele poderia ter agido em interesse próprio. Sem dúvida não soubera conquistar a amizade de Davi e o incidente poderia custar-lhe a vida. Simei, percebendo o perigo em que agora se encontrava, diante da restauração de Davi ao trono, prostrou-se perante o rei e buscou o seu perdão, um favor que Davi concedeu temporariamente, contra as objeções de Abisai (19.21-23).

I Reis 1.8,9 mostra que Salomão não deveria considerar Simei inocente, embora Davi tenha assegurado ao homem que não o mataria. Eventualmente, Salomão colocou-o sob prisão na cidade, proibindo-o de sair de Jerusalém. Por três anos, ele não deixou a cidade, mas, quando alguns de seus escravos fugiram, ele os perseguiu. Isso o fez sair da cidade. Salomão, pois, executou-o por ter desobedecido a ordens (I Reis 2.32-46). Assim era a brutalidade da época. Ver o artigo sobre *Simei*, quanto a maiores detalhes.

19.17

O fato de que Simei comandava mil homens mostra-nos que ele era homem dotado de algum poder. Embora não fosse inimigo dos principais, merecia atenção, o que Salomão fez, a fim de melhor controlá-lo. Eventualmente, Salomão simplesmente livrou-se da ameaça potencial. Entretanto, isso pode ter acontecido como simples vingança, pois não vemos que Simei se tenha metido em alguma dificuldade.

Ziba, que tinha ajudado com suprimentos, quando Davi fugia de diante de Absalão, também acompanhou os homens de Judá. Provavelmente ele havia mentido sobre Mefibosete ter-se tornado um traidor, a fim de obter riquezas e terras (a saber, aquelas originalmente dadas a Mefibosete, filho de Jônatas). Ver a história em II Sam. 16.1 ss. Ver a versão de Mefibosete da história em II Sam. 19.25-27. Sem saber em quem acreditar, Davi simplesmente dividiu as riquezas entre os dois. Ver sobre ambos os homens no *Dicionário*, quanto a maiores detalhes. Assim sendo, observamos cada caráter entrar na cena, e o que nos impressiona é o interesse próprio geral de quase todos eles. Eles esqueceram a lei do amor, o mais elevado princípio de todos, buscando o máximo possível para si mesmos. No entanto, o coração da lei (ver Rom. 13.8 ss.) e da

espiritualidade é o amor (I João 4.7 ss.). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*.

Ziba apressou-se para novamente valer-se do favor de Davi. Ele sabia que em breve o rei estaria ouvindo o lado de Mefibosete na história, e então haveria dificuldades. Ele levou consigo uma impressionante delegação, incluindo quinze filhos e vinte servos. Não enviou seu vice-presidente, conforme faria a maioria dos homens de poder. Mas foi pessoalmente e levou consigo boa parte de sua família.

19.18

E o atravessaram. A King James Version dá a impressão de que alguma espécie de jangada foi usada para a travessia. Talvez tenha sido usada uma espécie de ponte feita de barcos interligados. Mas outras traduções não transmitem tal idéia. Seja como for, a travessia feita por Davi foi facilitada pela delegação de tal modo que ele, suas esposas, seus filhos e mercadorias foram levados, em grande estilo, para o outro lado do rio.

Simei aproveitou-se da oportunidade para pedir perdão de seus pecados a Davi. O texto assegura-nos que ele fez tudo com grande talento. Sua vida dependia de causar a impressão certa sobre Davi, pelo que ele fez tudo direitinho. Ele queria que Davi esquecesse a cena das maldições e pedradas. Ele cometera um ato estúpido, e agora estava arrependido ou, pelo menos, assim afirmava.

19.19

Simei, pelo menos, não tentou executar-se por causa do que fizera, conforme fazem muitos dos que confessam seu erro. Ele simplesmente se atirou na misericórdia de Davi. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Perdão* e *Misericórdia*.

*Há uma amplitude na misericórdia de Deus
Como a amplitude do mar;
Pois o amor de Deus é mais lato
Que a medida da mente humana.
E o coração do Deus Eterno
É maravilhosamente bondoso.*

(Frederick W. Faber)

“A não-imputação de pecado, é, na verdade, o seu perdão” (John Gill, *in loc.*). Na hora da necessidade (quando Davi fugia de diante de Absalão), Simei tinha sido cruel. Esse homem agora implorava ao rei, prostrado diante de seus pés, não ser tratado conforme ele mesmo havia agido. Davi era homem grande o bastante para não retribuir a Simei os seus atos, embora fosse isso o que ele merecia.

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim.

(Lamentações 3.22)

Não me imputes, senhor. O pecado foi reconhecido, mas não houve nenhuma apresentação de desculpas; perdão simples, baseado na misericórdia, foi solicitado. Simei reivindicou apenas uma distinção que mitigava o seu pecado. Ele estivera entre os primeiros a encontrar Davi. Demonstrou sua ansiedade em estar ali, quando Davi atravessou o Jordão, a fim de prestar os devidos respetos.

19.20

A casa de José. Simei pertencia à tribo de Benjamim; mas Kimchi diz-nos que, de uma maneira frouxa, Benjamim, Efraim e Manassés eram todos chamados de “casa de José”. Estreitos laços históricos tornavam isso possível: Efraim e Manassés eram filhos de José, e Benjamim era seu irmão favorito. Portanto, todas as especulações a respeito de Benjamim não tinham caráter histórico, e tudo quanto se pode dizer sobre como se originou o nome dessa tribo está fora de ordem e é desnecessário.

No Salmo 80.1 José representa todo o povo de Israel, visto que, historicamente, foi uma figura-chave da história israelita e era o filho favorito de Jacó.

19.21

Então respondeu Abisai. Ver no *Dicionário* acerca de *Abisai*, um homem leal a Davi do começo ao fim (e não somente quando enfrentava tribulação), que objetou a qualquer liberalidade no trato com Simei. Fora ele quem teria saído em socorro de Davi para cortar a cabeça de Simei quando este amaldiçoava o rei (ver II Sam. 16.9). Abisai era sobrinho de Davi, filho de Zeruia, uma das irmãs de Davi.

19.22

Davi queria poupar Simei, para enfatizar a idéia que ele estava em busca de *reconciliação*, e não vingança. Isso era o melhor para Israel, naquele momento. Ele já demonstrara desejos radicais (e até mesmo estúpidos) de obter reconciliação, quando pôs Amasa como general-em-chefe, em lugar de Joabe. Se ele foi capaz de fazer isso, muito mais poderia perdoar Simei, por causa de suas zombarias.

Dar atenção a Abisai e seguir-lhe os seus desejos poderia perturbar os planos de reconciliação. Davi chegou ao ponto de chamar o fiel Abisai de *adversário potencial*. De fato, ele se tornaria adversário de Davi e de Israel se *perturbasse* a reconciliação que o rei arquitetava com tanto zelo.

A palavra para “adversário”, neste ponto, é *satan*; e poderíamos traduzir que Abisai se estava tornando um satanás para Davi, mas isso seria um anacronismo, porquanto a teologia judaica ainda não havia desenvolvido um diabo pessoal, que é como entendemos essa palavra. Cf. o espírito desse texto com Mar. 8.33, onde Jesus falou com Pedro da mesma maneira, quando este sugeriu algo que não concordava com a vontade de Deus. Cf. a introdução ao livro de Jó e Sal. 109.6.

Filhos de Zeruia. Ver sobre II Sam. 16.10 e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Zeruia*. Ela foi a mãe de três dos dois grandes oficiais militares de Davi: Joabe, Abisai e Asael. Todos os três eram sobrinhos de Davi. I Crô. 2.16 diz-nos que ela era irmã de Davi.

19.23

Davi perdoou Simei por pura graça, e isso porque queria dar outra demonstração de liberalidade que favorecesse a reconciliação. Ele o perdoou *daquela* ofensa, ou seja, das zombarias (ver II Sam. 16.5 e contexto). Talvez não o perdoasse de outras ofensas. Salomão finalmente executou Simei, quando ele desobedeceu às suas ordens (I Reis 2.38-46).

Simei fora culpado de traição, mas havia recebido perdão real. Mas Salomão, finalmente, garantiria que Simei fosse executado. O homem era um cabeça quente e constante uma ameaça, embora nunca tivesse feito nada de mal. Entretanto, ele, sem dúvida, apoiou Absalão, embora sua principal esperança fosse que a casa de Saul voltasse ao poder (II Sam. 16.8).

Mefibosete Declara Inocência (19.24-30)

19.24

Em II Sam. 16.s ss. temos a história de como Ziba colaborou com Davi quando ele fugia de Absalão. Ziba tinha um motivo secundário: obter o favor de Davi, na esperança de apossar-se das riquezas que o rei havia dado a Mefibosete, filho de Jônatas. Ver as notas em 16.1 (que não repito aqui), sobre o pano de fundo do texto presente. Por amor a Jônatas, Davi favoreceu seu filho Mefibosete, tornando-o um homem rico. Posteriormente, Ziba acusou Mefibosete de *traição*. O texto à nossa frente contém a resposta de Mefibosete às acusações de Ziba.

Parece que a mentira de Ziba agora o apanhava; ou seria mesmo uma mentira? Os intérpretes não conseguem decidir, nem o pôde fazer Davi, que terminou dividindo as terras e as riquezas entre os dois homens, um mentiroso, e o outro inocente. Ou talvez houvesse verdade e mentira de ambos os lados.

Sinais Notáveis de Tristeza. Entristecido pelo infortúnio de Davi, ao ser tirado do trono por seu rebelde filho Absalão, Mefibosete não fez o seguinte:

1. *Ajeitar seus pés:* Ele era aleijado e devia fazer alguma coisa para aliviar a dor. O Targum diz que ele não *lavava* os pés o tempo todo! Pense só nisso!
2. *Ele não aparava a barba,* o que constituía sinal de lamentação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*.
3. *Ele não lavava suas roupas,* interrompendo assim os procedimentos normais da vida, porque estava acontecendo algo que não permitia que o programa normal tivesse continuidade.

Alguns intérpretes pensam que esse sinais de lamentação se aplicaram quando o homem viu que Davi havia triunfado e voltaria ao poder, pelo que chorou pela boa sorte de Davi; mas o versículo é contra tal interpretação. O autor estava dizendo que Ziba (II Sam. 16.1 ss.) mentira a respeito de Mefibosete. De fato, Mefibosete era um súdito muito leal e lamentava-se profundamente pelo infortúnio de Davi, quando o rebelde Absalão o afastou do trono por algum tempo.

19.25

Tendo ele chegado a Jerusalém. Está em pauta Mefibosete. Davi já tinha chegado a Jerusalém. Mefibosete fora até ali para defender sua causa: ele era inocente das acusações de Ziba. Davi perguntou por que Mefibosete não o acompanhara no exílio, se era assim tão leal. Davi, pois, repreendeu o homem gentilmente. Ele já suspeitava que a história de Ziba era uma invenção.

19.26

Mefibosete acusou Ziba de estar mentindo desde o começo. Quando Davi fugia de Jerusalém, Mefibosete queria preparar um animal para fugir com ele. Mas Ziba, ao que tudo indica, desencorajou-o do ato. Pelo contrário, foi pessoalmente e aproveitou a oportunidade para dizer mentiras acerca do filho de Jônatas, acusando-o de traição por querer fazer a casa de Saul voltar ao poder (ver II Sam. 16.1 ss.). Embora aleijado de ambos os pés (ver II Sam. 4.4 e 9.3,13), ele faria o esforço, mas Ziba o dissuadiria.

“Ficara claro agora que os dois jumentos carregados de provisões que Ziba trouxera a Davi, em sua fuga (ver II Sam. 16.1,2), eram os animais que ele fora ordenado a preparar para seu senhor. Quando Ziba partiu com os animais, Mefibosete ficou impotente, com seu aleijão” (Ellicott, *in loc.*).

19.27

Ele falsamente me acusou a mim. Temos aqui uma calúnia da pior espécie. “Aquele Mefibosete a quem enriqueceste esqueceu-se da gratidão e voltou-se contra ti, promovendo a causa da casa de Saul” (ver II Sam. 16.3). A verdade, conforme Mefibosete desvendava agora, era que ele fizera o esforço de acompanhar a Davi, longe de ser o traidor denunciado. O autor sacro diz-nos que ele entrou em período de lamentação por causa do infortúnio de Davi (II Sam. 19.24).

O Simples e Humilde Apelo. Mefibosete não se importou em pleitear. Antes, chamou Davi de *anjo de Deus* (instrumento especial de Deus, homem altamente espiritual, pleno de *sabedoria*, tal como se esperava que os anjos fossem). E confiava que Davi saberia o que fazer. Sua defesa foi inteiramente sem dramaticidade; antes, foi simples e direta. Ele descansou seu caso sobre algumas poucas e simples palavras. Certas vezes a simplicidade, ajudada pela sinceridade, é a maior demonstração de eloquência.

19.28

Que direito, pois, tenho eu de clamar ao rei? Uma revolta encabeçada por ele seria obviamente estúpida e falsa. Davi sabia como a casa de Saul havia sido reduzida a nada. Somente para um louco ela poderia ser levantada de novo. Mefibosete afirmou não ser esse *louco*. A casa de Saul estava *morta*, e ele não estava interessado em ressurreições. Mas, embora a casa de Saul estivesse em ruínas, e os membros dessa casa corressem perigo de morte, bem no meio dessas condições, Davi fizera de Mefibosete (neto de Saul) membro honrado de sua casa, além de um homem rico (ver II Sam. 9). Tão grande fora a misericórdia e a graça de Davi ao jovem que ele pensou ser fora de propósito fazer qualquer apelo, exceto dizer “Sou inocente das acusações”, e deixar que Davi decidisse o resto. Ele deixou subentendido, naturalmente, que tinha somente gratidão por tudo quanto Davi lhe havia feito, e jamais seria capaz de trair o seu benfeitor.

19.29

Resolvo que repartas com Ziba as terras. Davi estava parcialmente convencido da inocência de Mefibosete, e parcialmente convencido das acusações de Ziba. Portanto, dividiu as terras e as riquezas entre os dois. Isso foi um excelente *negócio* para Ziba, e não tão ruim para Mefibosete, porquanto poderia ter perdido tudo, incluindo a própria vida. Além disso, ele provavelmente poderia ter multiplicado suas riquezas durante os anos, pelo que perder agora a metade para Ziba não as diminuiria de modo significativo. As probabilidades são que Davi simplesmente o perdoaria, por causa de Jônatas, mesmo que ele fosse culpado de todas as acusações. Afinal, Davi nomeara o traidor Amasa cabeça de seu exército, em lugar do fiel Joabe, e perdoara o arrogante Simei de suas blasfêmias. Portanto, por que Davi não perdoaria a Mefibosete, mesmo que este fosse culpado? A atitude de reconciliação continuou, a fim de que houvesse *restauração* em Israel, após a ruptura causada por Absalão. Havia abundância para todos, algo sempre desejável. Por conseguinte, que cada homem se regozijasse naquilo que possuía.

19.30

Disse Mefibosete ao rei. Generosidade por Demais? Foi conforme disse Shakespeare: “Penso que você protesta *demais!*”. Talvez Mefibosete tivesse a natureza de um homem generoso e sem egoísmo, e não se importasse em ter toda aquela riqueza. Portanto, que “Ziba ficasse com tudo. Eu já tenho a minha recompensa, meu senhor, meu rei voltou, e isso era tudo aquilo o que eu estava esperando”. Essa fala lança em dúvida a sua declaração. Ela parece por demais generosa, por demais forçada. Por outra parte, talvez Mefibosete tenha ido a Davi tremendo de medo de perder a própria vida. Nesse caso, grandemente aliviado, *naquele momento* ele não se importava com o dinheiro. Antes, era como um homem que foge de uma casa que se está incendiando. Naquele momento, salvar a vida é, realmente, tudo quanto importa.

Não percamos de vista um *ponto possível* na história. Mefibosete realmente poderia ter devoção e lealdade *singular* a Davi, tal como acontecera com seu pai, Jônatas. Talvez ele não estivesse mentindo. Tendo Davi agora voltado ao trono, essa era a única recompensa ou benefício de que ele precisava. *Ocasionalmente*, encontramos algum grande amor que consome toda a vida. Talvez estejamos diante de um caso como esse. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amor*. Esse é o cumprimento de toda a lei (ver Rom. 13.8 ss.), bem como a própria essência da espiritualidade (ver I João 4.7 ss.).

Todos nós nascemos para o amor...

Esse é o princípio da existência e sua única finalidade.

(Benjamim Disraeli)

Por teu mandato, eu mudaria não apenas meus costumes, mas até a minha própria alma... Tenho procurado a ti, e não os teus dons.

(Heloísa a Abelardo, uma das grandes histórias de amor que já foi contada)

A Devoção Incomum de Barzilai (19.31-39)

19.31

Ao ler as histórias concernentes a Davi, percebemos que ele era um homem que provocava ou devoção extrema ou ódio extremo, uma coisa da parte de algumas pessoas, e a outra da parte de outras. Acabamos de ler a história de Mefibosete (vss. 24-30). Talvez ele tenha sido outro homem dotado de extrema devoção e lealdade a Davi (ver as notas expositivas sobre o vs. 30). Mas também houve Saul, Absalão e Simei, que desenvolveram imenso ódio contra Davi e ficariam muito felizes se ele morresse, ou se o matassem pessoalmente, caso houvesse oportunidade. Pois ali estava Davi, como um grande magneto atraindo a alguns e repelindo a outros. Assim sempre acontece com homens fortes, especialmente com gênios criativos, independentemente do campo de atividades. Consideremos a Jesus Cristo, que foi o maior de todos os magnetos, atraindo e repelindo. Na verdade, sabemos que finalmente Ele atrairá todos os homens (ver João 12.32), para que se cumpra o mistério da vontade de Deus (ver Ef. 1.9,10), tornando-se tudo para todos (ver Ef. 4.10). Dessa maneira, Ele ultrapassará todos os gigantes que atraem ou repelem.

Quanto a este vs. 31, ver todos os nomes próprios que aqui aparecem, no *Dicionário*. Barzilai veio a Davi em Jerusalém (vs. 25), mas estivera entre os que se encontraram com Davi para ajudá-lo a atravessar o rio Jordão e acompanhá-lo ao longo do caminho. Davi, pois, convidou-o a acompanhá-lo a Jerusalém e viver ali em abundância (devido à generosidade do rei), mas Barzilai queria somente saudar o rei e expressar felicidade diante de sua restauração, para então voltar para casa. Ele era homem idoso e morreria em breve, e não tinha paciência com coisas que agradam a homens mais jovens. Ele só queria paz para os seus últimos dias. E isso lhe foi concedido. Esse homem assegurou que Davi e seu grupo teriam abundância enquanto permanecessem em Maanaim (vs. 32), pelo que ele já tinha abundância e não precisava de mais nada. Oh, Senhor, concedenos tal graça!

Quanto ao lugar da habitação de Barzilai, ver as notas sobre II Sam. 17.27. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gileade*.

19.32

Cf. II Sam. 17.27-29, onde vemos que *Barzilai* foi um daqueles que sustentou Davi e seu exército em Maanaim. Ver todos os nomes próprios no *Dicionário*.

Barzilai tinha 80 anos de idade (vs. 35), fora um grande homem (vs. 32) e era generoso, conforme diz o presente versículo. A medida de um homem é a sua generosidade, e essa é uma lição difícil de ser aprendida, e, no entanto, reside no auge dos ensinamentos espirituais. A generosidade é uma expressão da lei do amor. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Amor* e *Lei do Amor*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Liberalidade e Generosidade*. A liberalidade com outras pessoas provoca a generosidade divina que nos faz tão ricos e abundantes em toda boa obra.

Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.

(II Coríntios 9.8)

“Barzilai é o mais raro dos indivíduos consagrados. Ele era o homem cuja generosidade não reivindicava nenhum favor em retorno. Ele ajudava simplesmente porque queria fazê-lo” (Ganse Little, *in loc.*).

“... um *grande homem*, em bens e riquezas, um homem muito liberal, um homem de grande sabedoria e bom senso, um homem dotado de graça profunda...” (John Gill, *in loc.*).

19.33

Davi anelava por retribuir a Barzilai seus favores, em Jerusalém, onde estaria reinando e teria toda a sua autoridade restaurada. Davi foi realmente capaz de compensar Barzilai por muitas vezes. Mas Barzilai era homem destituído de egoísmo e não pediu nenhuma devolução de favores, tal como figuras como Madame Curie e seu marido, Pierre Curie ou madre Tereza de Calcutá, que serviam com magnificência, livres de qualquer interesse pessoal. Essa é uma área onde a Igreja Católica Romana tem brilhado, enquanto que as igrejas evangélicas tem sido tradicionalmente fracas: no campo da *caridade*. Além disso, temos figuras como a irmã Dulce, do Brasil, que espantava com sua caridade cristã, uma figura dedicada em grau supremo aos pobres.

Inácio de Loyola pediu, em sua oração sem igual: “Ensina-nos, bom Senhor, a servir-Te como mereces; dar sem contar o custo; lutar e não prestar atenção em nossos ferimentos; labutar e não buscar descanso; trabalhar sem procurar recompensa, salvo a de saber que estamos cumprindo a Tua vontade; através de Jesus Cristo, nosso Senhor” (Morgan P. Noyes, *Prayers for Services*, pág. 118).

Tais palavras inspiram-nos a ser melhores do que éramos. O exemplo de Barzilai ensinou outros a ser melhores do que eram. Barzilai espantou Davi com seu espírito altruísta. Todas as pessoas altruístas nos surpreendem, porque são extremamente raras.

19.34

Barzilai tinha quase terminado seu curso; havia cumprido a sua missão. Ele nada mais precisava provar; poucos anos de vida lhe restavam. De que lhe adiantaria viver suntuosamente na companhia do rei, em glória e honra, e com abundância de bens? Barzilai não estava interessado nisso. Uma vida de dedicação a outras pessoas era o que o fazia sentir-se grande (vs. 32), e ele deixava seu caso descansar aí. Ele não seria grande somente porque o rei lhe dera muito dinheiro. Barzilai preferia morrer em suas próprias terras, entre sua gente, em paz. Não estava interessado em viver na capital.

19.35

As Fraquezas de Barzilai:

1. “*Poderia eu discernir...?*”. É evidente que, com essas palavras, Barzilai se referia ao fato de que sua capacidade intelectual tinha diminuído por causa da idade avançada. Difícilmente ele estaria referindo-se à sua sensibilidade moral. Ele não teria uso para Davi, em sua idade avançada. Ficaria ali apenas recebendo, sem nada dar, e isso não o agradava.
2. Davi proveria bom alimento e bebida, mas, em sua idade, a percepção dos sentidos tinha diminuído tanto que ele deixaria de apreciar tais acespices. De fato, os alimentos provavelmente deixariam seu estômago enjoado. Portanto, ele não estava interessado em coisas para provar e beber.
3. Na corte de Davi haveria vinho, mulheres e canções, e danças frenéticas e graciosas. Mas que faria um octogenário com tudo isso? Seus dias tinham passado. Ele preferia descansar em seu leito e esperar que o anjo de Deus viesse buscá-lo para a terra gloriosa.

Que as câs aprofem a juventude, e que a morte a complete.

(Robert Browning)

Os jovens pensam que os homens de idade são insensatos. Mas os homens de idade sabem que os jovens é que são insensatos.

(George Chapman)

4. Barzilai tornar-se-ia um peso para Davi, e isso era a última coisa que ele desejava ser.

Viveu tempo demais aquele que viveu até todos o aborrecerem.

(Henry George Bohn)

Conforme minha mãe costumava dizer: “As pessoas de idade apenas atrapalham”. Uma das coisas que ela mais desejava na vida era morrer cedo o bastante para não ser uma carga a quem quer que fosse. Conforme as coisas aconteceram no fim, ela viveu em minha companhia somente por seis semanas, e de modo inteiramente dependente. Portanto, acredito que as coisas se passaram como ela desejava, embora tenha lutado com o câncer por cerca de quatro e meio anos. Na maior parte do tempo, ela conseguiu viver em sua própria casa.

19.36

Ambições Humildes. Barzilai não estava interessado na capital. Ele só queria saudar Davi, que estava retornando a Jerusalém e ao trono. Também não queria recompensas por sua boa folha corrida do passado. Queria apenas voltar para casa. Isso era recompensa suficiente para ele. Haveria entretenimentos esplêndidos na corte real, mas Barzilai preferia a calma e a paz de sua casa.

19.37

Morrerei na minha cidade. Os psicólogos observam como as pessoas olham para casa como o lugar onde querem passar seus anos finais e morrer. Elas podem querer visitar o mundo quando são jovens, mas na idade avançada buscam sua casa.

Estou pronto para ir ao encontro de meu Criador. Se meu Criador está preparado para a grande tarefa de encontrar-se comigo, já é outra questão.

(Winston Churchill, em observação feita às vésperas de seu 75º aniversário)

Quimã. Este era um dos servos de maior confiança de Barzilai, um homem que o havia servido bem. Visto que Davi parecia mostrar-se tão generoso, Barzilai sugeriu que Davi lhe desse um “cheque em branco”. Que lhe fosse dada a liberdade de escolha! Quimã era jovem bastante para tirar proveito da capital e de todas as suas vantagens. Ver o *Dicionário* sobre o que se sabe sobre *Quimã*. I Reis 2.7 sugere que ele era filho de Barzilai. Seja como for, o texto mostra-nos que Davi cuidou dos filhos de Barzilai, sem importar se Quimã era um deles ou não.

Jer. 41.17 fala sobre os “habitantes de Quimã”, que ficava perto de Belém, peio que talvez ele tenha sido generosamente recompensado com uma propriedade.

A versão siríaca chama Quimã, no texto presente, de *filho* de Barzilai, mas se essa notícia tem exatidão histórica é outra questão, de difícil solução.

19.38

Davi concordou com a sugestão de Barzilai e deu a Quimã o “cheque em branco”. Dali fluíram muitas graças reais, uma boa vida, uma propriedade, proviões de toda espécie, coisas que o próprio Barzilai teria desfrutado se ainda fosse jovem o bastante. Davi deu a Barzilai um “cheque em branco”, permitindo-lhe preencher como quisesse, para benefício de Quimã. Isso certamente soa como se tudo tivesse sido feito para um filho. Por outro lado, um amigo e servo fiel poderia tornar-se como um filho para Barzilai e receber tais benefícios, embora não houvesse laço de sangue entre eles.

19.39

Havendo, pois, todo o povo passado o Jordão. E foi assim que todo o grupo que estava com Davi, incluindo sua família, servos e pequeno exército, atravessaram o Jordão, ajudados pela companhia que tinha vindo ali com esse propósito (vss. 17 ss.). Foi um momento de triunfo. Davi estava deixando o exílio e voltando para casa.

Mas Barzilai foi enviado à sua casa, com um ósculo e a bênção de Davi. Alegremente, Quimã juntou-se ao grupo do rei e foi viver uma nova vida. Foi assim que cada indivíduo, naquele dia, recebeu exatamente o que queria. Não há muitos dias assim. Sê feliz, portanto, quando qualquer dia particular for o *teu dia*. A graça de Deus é suficiente para o resto dos dias. Barzilai, pois, voltou para Rogelim, sua cidade (vs. 31), e nenhuma outra coisa poderia tê-lo agradado tanto.

Sucesso. “Obteve sucesso quem viveu bem, quem riu com freqüência e quem amou muito; quem obteve o respeito de homens inteligentes e o amor das criancinhas; quem preencheu o seu lugar e realizou a sua tarefa, quer se trate de uma papoula aprimorada, de um perfeito poema ou de uma alma libertada; a quem nunca faltou apreciação pelas belezas terrenas, nem deixou de expressá-las; quem buscou o melhor que há nos outros, e deu o melhor que possuía; cuja vida foi uma inspiração e cuja memória é uma bênção” (Robert Louis Stevenson).

19.40

Dali passou o rei a Gilgal. O rei e seu grupo (agora incluindo Quimã) movimentaram-se para Gilgal, que ficava a cerca de 3 quilômetros das margens do rio Jordão, a caminho de Jerusalém. A distância de Maanaim para Gilgal era de cerca de 40 quilômetros na direção quase diretamente sul. Mas Gilgal ficava ligeiramente a oeste. Jerusalém situava-se a cerca de 32 quilômetros de Gilgal, na direção sudoeste. Uma numerosa representação da tribo de Judá acompanhava o rei. Provavelmente isso significa que, conforme o grupo de Davi se aproximou de Jerusalém, grande número de pessoas juntou-se a ele, em uma espécie de cortejo triunfal.

Metade do povo de Israel. George B. Caird (*in loc.*) supôs que tenhamos aí uma “tola interpolação” que não representa o texto original, mas seja a inserção de algum editor posterior. Isso parece referir-se à parte *norte* da nação, em contraste com a tribo de Judá, e significaria que “um largo número” (como se fosse a metade) do povo de Israel se reuniu ao cortejo triunfal. O versículo seguinte quase certamente concorda com a idéia de Caird. Levantou-se uma querela entre facções de Israel, por causa da maneira como o cortejo estava ocorrendo. Os “homens de Israel” objetaram por Judá estar obtendo toda a glória por trazer o rei de volta para casa. Mas se um tão grande número vindo das tribos do norte também participou, por que essa disputa? E assim temos a estranha cena de Israel e Judá a disputar sobre quem teria a glória de acompanhar o rei de volta para casa, o mesmo rei a quem, tão recentemente, eles haviam *rejeitado*!

John Gill (*in loc.*) cortou o nó górdio, sugerindo que mil benjamitas (vs. 17) formavam a *metade* referida, por serem uma representação bastante grande vinda do norte. Se isso é verdade, então estamos lidando com um uso muito estranho da língua hebraica, que se perdeu para nós.

19.41

Eis que todos os homens de Israel. Ou seja, um grande corpo representativo veio registrar queixa contra os representantes da tribo de Judá, que havia trazido Davi de volta a Jerusalém, ficando com toda a glória. Isso eles fizeram, embora pouco antes tivessem *rejeitado* o rei. “Ciúmes entre as tribos, especialmente entre Judá, por um lado, e então as dez tribos (Israel), por outro, sempre existiram, e a tribo de Efraim sentia-se especialmente sensível (ver Jui. 8.1 e 12.1). Mediante as guerras bem-sucedidas de Saul, esses ciúmes foram mantidos sob controle, mas romperam-se em separação nacional por ocasião de sua morte. Após sete e meio anos, esses ciúmes estavam em parte curados por Davi e foram controlados por Salomão, mas por ocasião da morte deste último, rebentaram mais uma vez, com vigor renovado. Tal circunstância desmembrou a nação para sempre” (Ellicott, *in loc.*). E assim vieram à existência, após o tempo de Salomão, as dez tribos (de Israel), como uma nação, em oposição às duas tribos (Judá e Benjamim), como outra. Essa ruptura só foi curada quando as dez tribos se perderam para sempre devido ao cativeiro assírio, e Judá (tendo absorvido a minúscula tribo de Benjamim) tornou-se a única sobrevivente da comunidade, progenitora do “Israel futuro”.

19.42

Então responderam todos os homens de Judá. Judá replicou que, uma vez que Davi pertencia à tribo de Judá, era apenas apropriado que eles acompanhassem o rei. Outro argumento foi que eles não tinham recebido favores especiais da parte do rei (não tinham comido do *bolso dele*), nem quaisquer presentes especiais pela atenção que lhe dispensavam. Em outras palavras, eles estavam agindo daquela maneira simplesmente porque queriam fazê-lo (e também porque era apropriado que o fizessem, mesmo sem nada ganhar da parte do rei).

19.43

A resposta de Israel foi que eles tinham *superioridade numérica*, formando dez tribos, e não apenas duas. Portanto, eles “possuíam” Davi mais do que Judá. Em outras palavras, tinham “mais direitos” à atenção real e podiam prestar-lhe aquele serviço com mais propriedade do que as tribos do sul. Além disso, não apreciaram a atitude despreziva de Judá, como se eles fossem inferiores. E, adicionalmente, Israel fora o primeiro a insistir quanto ao retorno de Davi e, contudo, foi deixada de fora do cortejo que o trouxera de volta. Eles deveriam ter sido avisados quanto ao fato, sendo-lhes permitida a participação. Cf. os vss. 9 e 10, que parecem apoiar essa reivindicação.

“O argumento revela a volubilidade do povo que havia cedido diante da rebelião de Absalão, se não mesmo a apoiado ativamente, mas que *agora* clama-va ser o primeiro a acompanhar Davi de volta. Isso também indicava a profundidade do cisma que se estava desenvolvendo entre Israel e Judá, o qual eventualmente produziu dois reinos separados” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

“A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pro. 16.18). Essa fútil, infrutífera e insensata briga pressagiava a tragédia do reino dividido entre Reoboão e Jeroboão. Israel, devido a uma consciência pesada, ficou para trás ao apresentar novamente lealdade ao seu rei e então acusou Judá de furtar-lhe o monarca” (Ganse Little, *in loc.*).

Capítulo Vinte

Este capítulo continua a seção iniciada em II Sam. 19.11. Ver as notas de introdução ao capítulo anterior.

A Revolta de Seba (20.1-26)

Primeiro Absalão revoltou-se; mais tarde foi a vez de Seba. Davi ainda não encontrara paz em seu reino, embora mantivesse todas as coisas sob relativo

controle. Mas aquele homem, Seba, um benjamita, homem maligno e diabólico, apreciava a confusão. Ele era importante o suficiente para atrair um bom número de seguidores. Isso, uma vez mais, lançou o norte contra o sul (as dez tribos contra as duas tribos). Amasa recebeu a tarefa de abafar a rebelião. Joabe, ainda um dos principais generais, foi com eles e aproveitou a oportunidade para matar a Amasa (vs. 10), o que o tornou comandante-em-chefe do exército. Portanto, o selvagem Joabe estava novamente no centro das lides da guerra. E o safado Seba em breve estaria morto. A Joabe, entretanto, foi poupada a tribulação, por parte de uma mulher sábia, que convenceu os seguidores de Seba a livrar-se do homem que causava perturbação. Eles lhe deceparam a cabeça e a entregaram a Joabe, por sobre a muralha da cidade. Esse foi o fim daquela rebelião particular.

Mas, aí, o clamor guerreiro de Segá foi renovado por Jeroboão (ver II Reis 12.16), que separou com sucesso o norte do sul, de modo que surgiram duas nações onde havia antes uma só.

A “revolução” de Seba (ver II Sam. 20.1) desenvolveu-se das querelas entre Israel (o norte) e Judá (o sul), sobre o incidente de trazer Davi de volta ao poder (ver II Sam. 19.16 ss. e especialmente os vss. 41 a 43). O espírito de ciúmes e contendas crescerá a ponto de, finalmente, a antes única nação de Israel se dividir em duas para sempre. Somente quando as dez tribos do norte foram levadas ao cativeiro pelos assírios (722 A. C.), para nunca mais retornarem, foi curada a ruptura. Judá (tendo absorvido Benjamim) tornou-se a única fonte da nova nação de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Assírio*. O *Cativeiro Babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*), de 597 A. C., levou Judá para o exílio. Mas dessa tribo isolada, um remanescente retornou a Jerusalém, o que resultou, finalmente, na restauração de Israel.

20.1

Homem de Belial. Talvez fosse melhor traduzir esse nome com inicial minúscula. Não parece haver aqui referência a um diabo pessoal, chefe dos demônios, conforme veio a fazer parte da teologia posterior de Israel. Antes, a palavra deveria ser tratada como um adjetivo. Ver a Revised Standard Version, que diz “um sujeito indigno”. “O Targum diz aqui um homem mau; um homem ímpio, sem senso de obrigação... sem proveito, inútil, maldoso e pernicioso” (John Gill, *in loc.*).

Cujo nome era Seba. Quanto ao que se sabe sobre ele, ver o *Dicionário*. Profundos sentimentos de rancor inspiraram esse homem da tribo do norte a, uma vez mais, rejeitar Davi como rei. Parece evidente que ele usou a disputa sobre o retorno de Davi como desculpa para promover nova *revolta*. Quanto a essa disputa, ver II Sam. 19.41-43. Visto que havia fortes sentimentos no ar, e o norte e o sul gradualmente se aproximavam de uma ruptura permanente, é fácil ver Seba a ganhar apoio popular. E embora ele tivesse fracassado dentro de pouco tempo, seu *grito de guerra* foi renovado por Jeroboão (I Reis 12.16), até que a divisão finalmente tornou-se realidade. “Todo o contingente de Israel, que viera saudar Davi, virou-se para Seba, fazendo Davi temer uma revolta geral das tribos do norte” (George G. Caird, *in loc.*).

O qual tocou a trombeta. Cada indivíduo foi para a “sua tenda”, uma expressão comum. Ver em I Reis 12.16. Desgostosos, abandonaram a causa de Davi e abraçaram a causa de outrem, usando seus lares, no norte, como quartéis-generais.

20.2

Todos os homens de Israel. Israel passou a indicar as tribos do norte, em contraste com Judá, como se um só homem se tivesse afastado de Davi, tomado de desgosto, para promover ainda outra revolta. Talvez Seba pertencesse à família de Saul, e, nesse caso, essa foi outra inspiração para rejeitar a Davi, na tentativa de conseguir outro rei. Davi era um grande magneto que atraía amor poderoso, mas causava, por outra parte, grande *repulsa*. Quanto a esse conceito, ver II Sam. 19.31 e as notas ali existentes. Judá e Benjamim, as duas tribos do sul, permaneceram com Davi, com singular devoção. Eles já tinham passado por bastante confusão. Judá, naturalmente, absorveu a Benjamim, pelo que somente uma tribo se tornou o sul.

20.3

Vindo, pois, Davi para sua casa. Davi cuida de Seu Harém. Absalão, já contando em ser rei, tomou as dez mulheres que Davi havia deixado em Jerusalém, embora elas fossem apenas uma representação simbólica do harém paterno. Essa apropriação era prática comum na antiguidade. Ver a história em II Sam. 15.16 (Davi havia deixado as dez mulheres em Jerusalém para cuidarem das coisas). Em II Sam. 16.21 vemos que Absalão as possuiu. Essas mulheres secundárias tomaram-se, por assim dizer, “viúvas”, porquanto não mais faziam parte como porção ativa do harém. Davi continuou provendo-as do necessário, mas

nunca mais fez sexo com elas, tendo sido poluídas por seu filho, Absalão. Não obstante, aceitá-las de volta era sinal de que ele havia reconquistado a autoridade de rei e revertido a maldade de Absalão.

O Dilema. “Ele não podia divorciar-se delas; ele não podia puni-las, visto que não tinham transgredido; ele não podia mais ser familiar com elas, uma vez que haviam sido contaminadas por seu filho; ele não podia casá-las com outros homens, visto que isso poderia ser considerado perigoso para o Estado. Portanto, ele as encerrou, alimentou-as e deu-lhes conforto, e elas continuaram a viver como viúvas” (Adam Clarke, *in loc.*).

20.4

Amasa. Um dos sobrinhos de Davi fora feito chefe do exército, tomando o lugar de Joabe, outro de seus sobrinhos. Ver a mudança efetuada em II Sam. 19.13. A parte ridícula de tudo é que Amasa foi o principal general de Absalão e líder de sua revolução! Davi tomara uma decisão precipitada, esperando livrar-se do selvagem Joabe, que havia matado Absalão. Mas isso condenara Amasa ao assassinato, por parte de Joabe, o qual voltaria a qualquer custo à sua posição de poder. Ver amplos detalhes sobre Amasa, no *Dicionário*.

Na qualidade de novo general-em-chefe, tornou-se tarefa de Amasa abafar a rebeldia de Seba, restaurando a unidade a Israel. Mas faltava-lhe poder de decisão e uma natureza selvagem e brutal. Ele não era o homem para a tarefa.

20.5

Demorou-se. Amasa começou sua tarefa, mas era inepto. Ultrapassou o tempo determinado para a convocação, deixando Seba livre para lançar suas sementes de dissensão. Joabe (ver o vs. 11) insinuou que Amasa não era realmente leal. Talvez Amasa não tivesse seu coração no jogo da guerra, conforme Joabe sempre fizera. Talvez estivesse simplesmente cansado de tanta matança. “Amasa não tinha a iniciativa para ocupar o lugar do enérgico Joabe” (George B. Caird, *in loc.*). Talvez o povo estivesse indisposto a seguir Amasa, que tinha colaborado na revolta sem sucesso de Absalão. Ninguém se dispunha a seguir aquele homem. Além disso, o povo, de modo geral, estava cansado da guerra e relutava em deixar-se envolver *uma vez mais*.

20.6

Mais mal agora nos fará Seba. Davi percebeu que havia escolhido o homem errado para o posto, e teve de apelar a Abisai (outro de seus generais) para reunir tropas de elite e fazer algo sobre a revolta, antes que esta se tornasse pior do que a encabeçada por Absalão. Abisai era irmão de Joabe, pelo que enviá-lo significaria que Joabe também iria. Se Joabe fosse, então as dificuldades de Davi logo chegariam ao fim. E embora insultado por ter sido substituído por Amasa, Joabe encontraria um meio de voltar ao poder. Portanto, ele estaria ansioso por dirigir-se à guerra. Ele só combatia por aquilo que era direito e divertido. Davi conquistara sua lealdade, sem importar os insultos e as circunstâncias adversas. Davi sempre contou com seu apoio. Nem bem a expedição começou, e Joabe assumiu o comando. Josefo (*Antiq.* 1.7, cap. 11, sec. 6) disse-nos que Davi fez um apelo direto a Joabe pedindo ajuda; mas a verdade parece ser que Joabe nem ao menos foi convidado. Ele tomou parte da expedição e logo tornou-se o “líder” não oficial do exército. O pobre Seba logo teria o encontro fatal com Joabe.

Cidades fortificadas. Qualquer demora (como aquela causada por Amasa) poderia complicar as coisas. Seba teria tempo de fortificar certas cidades e tornar a vitória mais difícil para Davi.

20.7

Então o perseguiram os homens de Joabe. Forças terríveis foram reunidas, começando com Abisai, irmão de Joabe, então Joabe, homem que lançava terror no coração de qualquer um, e as tropas de elite de Joabe. Joabe era sábio na batalha, homem de sangue e de tufano, violento, treinado e experiente na matança.

20.8

À pedra grande. Essa pedra era alguma espécie de marco fronteiro. Talvez fosse um obelisco. Só nos resta especular. Seja como for, onde essa pedra estava localizada, em Gibeom, havia um ponto de encontro das tropas de Davi, que seria fatal para Amasa. Gibeom ficava cerca de 16 quilômetros a noroeste de Jericó, pelo que o grupo mal tinha começado a viagem, quando Joabe já estava pondo em execução o seu plano traiçoeiro.

É difícil imaginar o que realmente aconteceu. A espada que *caiu* poderia ter sido aquela que Joabe usou para matar Amasa. Nesse caso, Amasa, não suspeitando de traição alguma, não se alarmaria com a espada carregada por um

homem que saía à guerra. Ou talvez uma segunda e escondida adaga estivesse oculta nas dobras do manto de Joabe, a qual ele usou para assassinar Amasa. Alguns intérpretes supõem que Joabe tenha provocado deliberadamente a queda da espada a fim de atrair a atenção de Amasa. Naquele momento de distração, Joabe usou outra arma branca para matar o oponente. Mas o vs. 10 parece indicar que uma única arma foi vista por Amasa, embora ele não a tivesse temido.

20.9

Outro Beijo Traiçoeiro. Não estamos acostumados com a cena de um homem beijando a outro homem, mas alguns povos têm esse costume, um ósculo *na barba*, não no rosto. Esse beijo pode ser comparado ao de Judas Iscariotes (ver Luc. 22.27,48). Aparentemente, o que aconteceu foi que Joabe, fingindo um ósculo de saudação, segurou com a mão direita a barba de Amasa, e então, com a espada na mão esquerda, golpeou o ventre de Amasa. Ele o matou com um único golpe, sinal de um matador experiente. A menos que Joabe fosse canhoto, o fato de que matar com a mão esquerda demonstrou incomum habilidade. Imagino que ele podia matar com eficácia com ambas as mãos.

Passagens retiradas dos poetas gregos demonstram que, quando um homem queria pedir favor a outro, segurava sua barba com a mão direita e seu joelho com a esquerda. Talvez Joabe tenha assumido tal postura. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Beijo*.

20.10

Amasa não temeu a espada de um general do exército que estava indo para a guerra, pelo que não tinha razão aparente para reagir. Por isso mesmo, antes que tivesse oportunidade de defender-se, a espada ou adaga abriu-lhe o abdômen, e suas entranhas escorreram para fora. Nenhum segundo golpe se fez necessário, e não houve nenhum milagre, pondo de volta no lugar os seus intestinos ou curando o ferimento. Portanto, Amasa morreu ali, miseravelmente.

Sem tomar profunda respiração, o autor diz-nos que Joabe e seu irmão, Abisai, em seguida saíram em perseguição a Seba. Alguma outra pessoa teria de limpar a sujeira. Os dois selvagens tinham coisas mais importantes a fazer. Ademais, Amasa tinha sido traiçoeiro para com Davi, ajudando Absalão em sua revolta, e, sem dúvida, matara pessoalmente a muitos homens. Portanto, ele colheu o que havia semeado, algo que acontecia com frequência no antigo povo de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Aquele que tinha vivido pela espada, morreu à espada.

Agora Joabe era, de fato, o chefe do exército, e mais tarde seria oficialmente reintegrado (ver II Sam. 20.23).

20.11

O Porta-voz. Ali estava Amasa no chão, agonizante, mas a batalha precisava continuar. O porta-voz de Joabe indagou: “Quem agora é favorável a ter Joabe como chefe do exército? Todos os que forem a favor, sigam a Joabe agora que ele voltou à sua antiga posição de chefe do exército”. E todos se puseram a segui-lo. Não era o momento certo para desagradar Joabe. Na verdade, nunca era o momento certo para desagradar aquele temível homem. Por conseguinte, a transferência de um comandante por outra foi imediata e indolor para todos, exceto para Amasa. “Joabe prontamente assumiu o comando, como se nada houvesse acontecido” (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Seja como for, ser leal a Joabe era a mesma coisa que ser leal a Davi, e isso era um fator que não podia ser esquecido. “O motivo real pelo qual Joabe assassinou Amasa, tanto quanto assassinou Abner (ver II Sam. 3.27) era ciúme pessoal e ambição” (Ellicott, *in loc.*). Mas por que isso nos surpreenderia?

20.12

Amasa *atraiu a atenção* de muitos soldados curiosos. Ele ficara à beira da estrada agonizando em seu sangue. E os soldados paravam e contemplavam a cena, quando passavam marchando pelo local. Mas certo homem, vendo-os naquele ridículo ato de curiosidade, removeu o corpo e o transportou a um campo, colocando um pano sobre o cadáver. Isso pôs fim ao jogo de contemplação, e agora os soldados passavam sem parar, saindo em perseguição a Seba. Aparentemente, nenhum sepultamento foi concedido ao “traidor”, o que ele, naturalmente, era. Mas isso representava um sinal de vergonha, um insulto para o morto.

O moço. O uso do artigo definido antes da palavra “moço” parece indicar que foi o próprio Joabe quem arrastou o cadáver para o campo e o cobriu com um pano, a fim de impedir os olhares curiosos dos soldados. Ou então Joabe algum auxiliar particular para fazer o trabalho. Foi um ato “sem coração”, mas a própria guerra é sem coração. Assim acontecera com a traição de Absalão, da qual Amasa havia participado.

20.13

Terminado esse drama lateral, o exército pôs em marcha, em perseguição a Seba, tendo Joabe como chefe restaurado. Joabe (convocado por seu irmão, Abisai) e as tropas que Amasa havia convocado estavam novamente juntos. E o infeliz Seba em breve estaria morto.

20.14

Houve então uma longa marcha a partir de Gibeom. Eram cerca de 190 quilômetros de Gibeom a Abel e Bete-Maaca, ou como alguns dizem, até Abel de Bete-Maaca. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário*. No *Dicionário* trato esses nomes próprios como *Abel-Bete-Maaca* são traduzidos como “prado da casa da opressão”. Essa localidade é identificada com a moderna Abi-el-Qamh. “... ficava na parte do extremo norte de Israel, ocupada pela tribo de Naftali, não distante do monte Hermon, já perto das fronteiras com a Fenícia. O fato de que Joabe perseguiu Seba às próprias periferias do reinado de Davi, ilustra seu zelo e bom julgamento. A revolta de Seba tinha fracassado. Agora ele parecia ser um problema extremamente secundário, incapaz de criar qualquer dificuldade real. Mas Joabe sabia do efeito salutar que a perseguição laboriosa e a morte de um líder tão secundário teria sobre *todas as outras* rebeliões latentes” (Ganse Little, *in loc.*).

Os beritas. Ver no *Dicionário* sobre esse povo, mencionado somente neste versículo da Bíblia. Não há informação certa sobre eles. Mas, quanto ao que se pode especular, ver o artigo com esse nome.

Seba conseguiu um bom número de seguidores naquela área e, quando ouviu falar no avanço de Joabe, encerrou-se na cidade de Abel, preparando-se para sofrer um longo cerco. Infelizmente, Seba morreria naquele mesmo dia, outra obra de arte de Joabe.

20.15

O cerco lançado por Joabe foi adequado para que houvesse uma invasão da cidade em breve. Como usual, os habitantes seriam dizimados. Os seguidores de Seba seriam aniquilados. Ver sobre Guerra no Dicionário, quanto aos modos de guerrear e os equipamentos usados nas guerras antigas.

Um montão. Esta palavra pode significar uma máquina de guerra, um aríete, para derrubar as muralhas da cidade. Porém o mais provável é que esteja em vista um montão de terra, a fim de que os homens de Davi pudessem escalar as muralhas, ou de onde as muralhas pudessem sofrer a ação do aríete. Ou também poderia ser um montão artificial, do qual flechas e outros misseis seriam lançados contra a cidade. Os soldados de César construíam grandes montões. Em certa ocasião, em vinte e cinco dias, eles construíam um montão de 100 metros de largura por 24,5 metros de altura (*Palestina Ilustrada*, tom 2, p. 519), e isso anulou as muralhas do lugar que estavam cercado. Portanto, no caso em foco, uma cidade inteira estava sofrendo, por causa do homem que conseguira obter ali um bom número de seguidores.

20.16

Então uma mulher sábia gritou. Foi a *Intervenção de um Único Homem*. Havia na cidade uma mulher dotada de sabedoria e influência especial. Talvez ela fosse uma juíza, ou a única juíza, do lugar. Fosse como fosse, exercia grande poder sobre os habitantes. Ela sabia que era Joabe quem liderava aquela frenética atividade de derrubar as muralhas, entrando o mais rapidamente possível na cidade e lançando-a ao caos. Assim sendo, para interromper essa ação, ela foi até a beira da muralha e conseguiu localizar o selvagem Joabe. Se se tratasse de um homem, provavelmente Joabe teria feito um dardo atravessar-lhe o coração, mas como se tratava de uma mulher, Joabe ouviu com respeito o apelo proferido. Adam Clarke supunha que a mulher, por haver sido tachada de “sábia”, fosse, na realidade, uma governanta. Talvez ela fosse uma vidente, alguém de quem o povo buscava conselhos.

20.17

Em primeiro lugar, ela garantiu que estava falando ao general-em-chefe, Joabe, pois somente ele teria autoridade de seguir o plano dela; somente ele poderia controlar aquelas forças loucas que estavam ansiosas por fazer a maior matança, livrando assim Israel do novo rebelde. A mulher assumiu a posição de subordinada a Joabe, até mesmo de sua criada, porque, afinal, ela estava fazendo mera petição, e Joabe tinha poder para aceitar a ideia ou não. Ela se mostrou extremamente humilde. Algumas vezes, mostrar-se humilde é o melhor plano para a autopromoção. “Ouça”, disse ela, quando Joabe assegurou que “estava ouvindo”. A única linguagem que os fanáticos como Seba entendem é a violência, e algumas vezes esses fanáticos são mentalmente doentes, até mesmo insanos.

Nenhuma diplomacia pode afetá-los; portanto, que se continuasse com a violência, que é a única coisa que eles entendem. Somente porque um homem é mentalmente desequilibrado, ou mesmo insano, isso não significa que ele não tenha grandes poderes de raciocínio e não seja capaz de influenciar outras pessoas. Somos informados que Hitler tinha uma insanidade incipiente devido à sífilis, e Stálin, definitivamente, não tinha boas condições psicológicas. As mesmas acusações são feitas contra Kadafi e Saddam Hussein. Desperdiçamos a nossa diplomacia quando estamos tratando com tais pessoas. Mas em Abel-Bete-Maaca havia aquela *mulher sábia* que tinha poder suficiente para reverter a maré da batalha, e isso salvou muitas vidas. Para alguns assassinos, a *diplomacia* é apenas um meio de ganhar tempo, a fim de inventarem planos ainda mais diabólicos.

20.18

Neste versículo estamos tratando com um provérbio popular, que fala da sabedoria incomum das pessoas que viviam em Abel. Ou, pelo menos, aquele lugar sempre teve líderes sábios, capazes de prestar bons conselhos. Talvez esse local incluía um oráculo, do qual as pessoas podiam obter ajuda. Em referência a Deu. 20.10, o Targum diz: “Lembre-se do que está escrito no livro da lei, para primeiramente buscar paz com uma cidade que você estiver assediando. Você deveria ter perguntado dos habitantes de Abel: Vocês querem a paz?”.

John Gill sugeriu (*in loc.*) que, quando partidos em disputa queriam solução para algum problema mas não eram capazes de encontrá-la, iam a Abel para obter uma terceira opinião, ou alguém que servisse de árbitro. O rabino Isaías mencionou essa tradição, e agora ela estava realmente funcionando. O Targum sobre Deu. 20.10 sugeriu que em todos os casos a paz deveria ser buscada em primeiro lugar, e a guerra só deveria seguir-se quando esforços em favor da paz tivessem fracassado. Isso se tornou um *conceito da lei*, embora nem sempre seguido.

20.19

A mulher sábia era, igualmente, uma mulher de paz e orgulhava-se por estar entre homens de paz, que não apelavam à violência para solucionar os problemas. Ela salientou que a violência destruiria a herança do Senhor, pelo menos aquela parte que ficava em Abel. Além disso, ela, como mãe de Israel, pereceria juntamente com a cidade. Porventura tais considerações não tinham peso para Joabe?

Uma mãe em Israel. Essas palavras poderiam ser uma referência à mulher sábia, ou à *cidade de Abel*, a qual tinha *filhas* (aldeias) que a circundavam e dela dependiam. Ver Núm. 21.25.

Essa mulher e os homens de paz que a circundavam sempre tinham sido leais a Yahweh e ao povo de Israel. Joabe estava em grave erro ao trazer sua máquina de guerra a Abel. A cidade era *inocente*. Havia ali um homem que era *culpado*.

20.20

O selvagem Joabe havia deixado todos *chocados* ao declarar que promoveria uma violência excessiva e desnecessária! Naturalmente, ele estava disposto e até ansioso por arbitrar o caso. Ele não tinha nenhum desejo de destruir inutilmente uma porção da herança de Yahweh ou de matar uma mãe inocente de Israel, ou uma cidade-mãe.

“É digno de nota que a sábia mulher de Abel era afortunada para tratar com um sábio general, chegado de Jerusalém. Joabe nunca hesitara em derramar sangue que julgasse inocente. Mas ele era sábio o bastante para perceber a insensatez de derramar o sangue inocente dos habitantes de Abel” (Ganse Little, *in loc.*, que prosseguiu louvando os poucos generais que também são diplomatas).

20.21

A Cidade Era Inocente. Apenas um homem da cidade era *culpado*, e Joabe exigia que ele fosse entregue. Sob *essa condição*, o general levantaria o cerco da cidade e pouparia a vida de todos os demais. A mulher sabia, de modo absoluto, que poderia cumprir as exigências de Joabe e reconheceu que elas eram justas. “Espera um minuto”, disse ela, “e verás a cabeça de Seba ser lançada a ti!”. Só podemos imaginar que, de fato, ela tinha grande poder na cidade, muito maior que o poder de Seba. Seba era culpado de traição. Ele era um rebelde perturbado, que não poderia continuar vivo. Davi estava tentando consolidar a paz e, com homens como Seba por perto, isso era impossível. Não obstante, poucos anos depois, Jeroboão apareceria no palco da história, e a ruptura entre o norte e o sul de Israel estaria completa.

Um homem da região montanhosa de Efraim. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Monte Efraim*.

É evidente, por meio deste versículo, que a rebeldia encabeçada por Seba já havia perdido o impulso inicial. Seus seguidores em Abel seriam facilmente persuadidos a desistir da empreitada. Que importava se o “líder” deles tivesse a cabeça decepada, contanto que os habitantes da cidade escapassem, e não tivessem de guerrear contra Joabe?

20.22

E cortaram a cabeça de Seba. A mulher cumpriu sua parte de convencer os outros. Todos sabiam que ela era dotada de uma sabedoria toda especial, e, afinal, estavam cansados daquela história de rebelião. Portanto, certos homens fortes agarraram Seba e o executaram no local, decapando-lhe a cabeça. O pobre “rei” terminou um corpo acéfalo, para que todos os demais habitantes de Israel vissem o que acontecia a tais pretendentes ao trono. Não haveria modificações radicais em Israel, enquanto a dupla Davi-Joabe estivesse presente.

Ao ver a cabeça de Seba cair no chão, Joabe soube que a “batalha” tinha terminado. Não havia mais necessidade de assediar a cidade, pelo que ele tocou a trombeta, assinalando a retirada das tropas. As tropas retiraram-se de perto das muralhas, e cada homem voltou para sua casa (ou sua tenda). Cf. II Sam. 18.17; 20.1 e I Reis 12.16.

Joabe, por sua parte, deu notícias ao rei Davi acerca dos acontecimentos. Como ele ocupara a função de chefe do exército, nessa capacidade, pois, enviou notícias a Davi. Joabe não se manteve rancoroso por haver sido temporariamente deslocado da chefia do exército por parte de Davi, que entregara a posição a Amasa. Antes, permaneceu em sua feroz lealdade a Davi. Ele não tinha ambições políticas, mas encabeçar o exército lhe era muito importante. Ninguém, nem mesmo Davi, podia impedi-lo de ocupar esse posto.

“Os filhos de Zeruia talvez fossem duros demais para Davi, mas a firme resolução deles, naqueles dias de confusão e rebeliões, salvou o reino. É um fato deveras curioso que, se Davi não podia matar por meio de truques, no interesse da intriga política, ele podia e realmente assassinava por procuração, a fim de satisfazer seus desejos pessoais” (Ganse Little, *in loc.*, referindo-se ao assassinato por procuração do heteu Urias, marido de Bate-Seba). É um erro fazer de Joabe um homem melhor do que ele era. Por outro lado, “dê-se ao diabo o que ele merece”. O propósito de Deus, operando através de Davi, requeria que Joabe estivesse presente, para ocupar-se das tarefas difíceis e sangüinárias que o próprio Davi jamais poderia realizar. Joabe era homem com mão de ferro, vontade dura como o aço e lealdade a toda prova, o verdadeiro “capitão das hostes”, como nenhum outro homem jamais foi.

Oficiais de Davi (20.23 – 21.22)

20.23

Ver o paralelo abreviado em II Sam. 8.15 ss. Os capítulos 21 a 24 formam uma espécie de apêndice a II Samuel. A narrativa do reinado de Davi é retomada no livro de I Reis. O apêndice é introduzido com um novo sumário dos oficiais de Davi, ao que se seguem materiais miscelâneos.

O Novo Arranjo. Não somos informados de que Davi, formal e oficialmente, fez novamente de Joabe capitão das hostes, general-em-chefe. Talvez isso não fosse necessário. Pois Joabe estava presente. Ele era o general-em-chefe. E Joabe tinha um *general secundário*, Benaia, que era *chefe dos quereteus e dos peleteus*. Benaia controlava as tropas especiais de elite. Benaia já tinha esse posto e continuou a ocupá-lo. Ver as notas sobre II Sam. 8.18 quanto a essa informação. Ver todos os nomes próprios que aparecem nestes quatro versículos, no *Dicionário*, para detalhes. Portanto, o novo arranjo era simplesmente o antigo arranjo, que agora se perpetuava.

Os vss. 23-26 apresentam *sumários* de oficiais no reino de Davi, o que já vimos, em essência, no oitavo capítulo.

Joabe aparece em *primeiro lugar* na lista dos administradores reais de Davi, os quais tinham diferentes tarefas a cumprir, em diferentes postos. Devemos entender que Davi tolerou o assassinato de Amasa por parte de Joabe, e não fez mais nenhum esforço para substituí-lo.

20.24

Adorão. Este era o principal cobrador de impostos, que também controlava os “sujeitos a trabalhos forçados”. Havia certo número de oficiais subordinados a ele, tanto dentre os cidadãos como dentre os estrangeiros. Este homem não é mencionado no paralelo de II Sam. 8.16 ss., e sua autoridade representava uma mudança ou um crescimento no complexo administrativo de Davi.

Josafá. No paralelo de II Sam. 8.16, apresento notas expositivas sobre ele e sobre a natureza de seu ofício.

20.25

Seva. Era o escrivão. Ver as notas sobre a natureza desse ofício, que provavelmente incluía ser secretário particular do rei. No paralelo do capítulo 8 (vs. 17),

Seraías aparece como o escrivão. Talvez Seva fosse o mesmo Seraías, dois nomes para um só homem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado Seva.

Zadoque e Abiatar. Eles continuaram como sumos sacerdotes, uma informação paralela com II Sam. 8.17, onde há notas expositivas sobre a questão.

20.26

Ira, o jairita. Este versículo é paralelo ao capítulo 8, vss. 15-18. Ver sobre *Ira* (o número 3 das pessoas listadas), no *Dicionário*. De acordo com algumas traduções, ele era sacerdote, embora pertencesse à tribo de Manassés, o que parece impossível. Por isso, algumas traduções dizem “governante-em-chefe” (King James Version), ao passo que nossa versão portuguesa fala em “ministro”. Talvez ele fosse uma espécie de conselheiro religioso de Davi, e não um oficial sacerdote levítico. Na verdade, o termo hebraico *hoken* usualmente se refere a um “sacerdote”. Talvez o uso da palavra aqui realmente se refira a um sacerdote, uma reminiscência dos primeiros tempos quando os chefes tribais também eram sacerdotes, antes de os levitas terem sido estabelecidos como uma tribo de sacerdotes. Essa palavra talvez continuasse a ser usada em um *sentido lato*, para indicar um homem de alguma função sacerdotal que não pertencesse à tribo de Levi. Ver as notas expositivas sobre II Sam. 8.18. Ali os filhos de Davi são chamados “ministros” (no hebraico, *hoken*), a mesma palavra usada aqui e, provavelmente, com o mesmo sentido não-específico.

“Ira, um itrita, acha-se na lista dos trinta e sete heróis de Davi (ver II Sam. 23.38). Mas não há base para identificar os dois homens” (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Um

Este capítulo continua a seção iniciada em II Sam. 20.23, onde uma breve nota de introdução é apresentada. Os capítulos 21 a 24 funcionam como uma espécie de apêndice, pois interrompem a narrativa sobre o reinado de Davi, que é reiniciada em I Reis.

É possível que II Sam. 21.1-14 tenha sido deslocado cronologicamente, porquanto cabe melhor antes do capítulo 9. Uma grande fome afligia a terra e Davi inquiriu que Yahweh determinasse a causa. Alguma restituição tinha de ser feita, porque Saul havia matado aos gibeonitas. *Sete dos filhos* de Saul tinham de ser sacrificados, para que fosse feita a justiça e assim estancasse a fome.

Este capítulo repousa sobre a fé em uma *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

O ato de Saul contra os gibeonitas não ficou registrado (exceto por alusão aqui), mas isso não é razão para duvidar da veracidade dos acontecimentos.

21.1

Uma fome de três anos consecutivos. Três anos de fome inspiraram Davi a consultar o oráculo, provavelmente através do Urim e do Tumim (ver a respeito no *Dicionário*), mediante a agência de um dos sumos sacerdotes (ver II Sam. 20.25). Era doutrina padrão, em Israel, que Yahweh controlava as condições atmosféricas e que a agricultura do país estava sob Seu poder direto.

O oráculo informou a Davi que uma matança injusta dos gibeonitas (ver a respeito no *Dicionário*), por parte de Saul, era a causa da fome. Não existe registro bíblico desse acontecimento, mas não há razão para duvidarmos de sua historicidade. A casa de Saul era uma *casa de sangue*, violenta e corrupta, e o sangue de suas vítimas clamava do solo por uma vingança apropriada.

Jos. 9.15-21 mostra-nos que, nos dias de Josué, fora firmada uma aliança entre Israel e aquele povo, e que eles deveriam ter sido isentados dos selvagens ataques de Saul.

Os *pagãos* também acreditavam que a esterilidade, a falta de frutos da terra e a fome, bem como os abortos, eram resultado da punição dos deuses contra os homens, por causa dos seus pecados. Filostratus (*Vita Apollon. Tyan.* 1.3, cap. 6) conta-nos que, por causa do assassinato do poderoso *Ganges* (rei dos etíopes), houve seca, fome, abortos etc., até que os assassinos do rei foram castigados.

Em Israel, a seca era sempre o resultado de chuvas insuficientes durante o inverno, um fenômeno comum. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Seca*. A seca sempre trazia *fome* (ver esse artigo no *Dicionário*).

Na mente do povo hebreu, os *pactos* eram questões sérias e, embora o pacto feito com os gibeonitas tivesse ocorrido através de fingimento por parte deles, o pacto em si era considerado válido. A norma que estava sendo seguida no trato com estrangeiros era a da *guerra santa* (ver sobre Deu. 7.1-5 e 20.10-18). Para escapar de seus efeitos, os gibeonitas usaram de astúcia.

21.2

Os gibeonitas não eram dos filhos de Israel. O autor sagrado faz uma pausa para explicar que os gibeonitas eram um ramo da nação dos amorreus,

não pertencente ao povo de Israel. Ainda assim, uma aliança firmada com eles deveria ter sido respeitada. Mas Saul, no zelo de libertar Israel de todos os inimigos, decidiu destruir aquela população. Saul, pois, revoltou-se contra os costumes sociais e contra a teologia. Yahweh desagradou-se diante da *presunção* de Saul. Não estava sob sua autoridade quebrar costumes antigos e inovar.

Quanto a detalhes sobre o pano de fundo racial dos gibeonitas, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Amorreus*. "Eles eram remanescentes dos antigos cananeus, os quais, algumas vezes, eram chamados amorreus e, de outras, heveus. Ver Jos. 9.7 e 11.19" (John Gill, *in loc.*). Ver sobre os heveus, no *Dicionário*. "Os gibeonitas eram heveus, e não amorreus, conforme aparece em Jos. 11.19, mas o termo "amorreus", que significa "montanheses" era com frequência aplicado aos cananeus em geral. Ver Gên. 15.16 e Amós 2.9" (Adam Clarke, *in loc.*).

21.3

Que quereis que eu vos faça? Davi reconheceu as justas reivindicações dos gibeonitas, mas estava na dúvida sobre como aplicar devidamente a vingança. Ele desejava não somente justiça, mas também que aquele povo tivesse boas relações com Israel, e assim "abençoasse a herança de Yahweh", em lugar de opor-se a ela e atacá-la.

É curioso que a justiça havia esperado por tão longo tempo, mas, para Yahweh, o tempo não é calculado pelos padrões humanos. Há exatidão nos julgamentos divinos, e eles ocorrem quando devido.

*Embora os moinhos de Deus moam lentamente,
Contudo, moem excessivamente fino.
Embora, com paciência, Ele fique a esperar,
Com exatidão Ele mói a todos.*

(Henry Wadsworth Longfellow)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira*.

Os gibeonitas queriam receber "satisfação pelas injustiças cometidas" (John Gill, *in loc.*). Esse é um princípio moral correto. O julgamento não deveria consistir somente em *vingança*, mas também em *cura*. Mas não nos enganemos a respeito, pois todo erro cometido deve ser corrigido com a punição apropriada. O argumento de que pena de morte não diminui a taxa de criminalidade não é suficiente. Também deve haver "satisfação pelas injustiças cometidas". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Punição Capital*. Ver Êxo. 21.23-25 quanto à doutrina do "olho por olho e dente por dente", que é a *lex talionis*, ou seja, vingança de acordo com o crime cometido.

Davi havia honrado Mefibosete porquanto fizera um acordo com o pai dele, Jônatas (ver I Sam. 20.15,16), e assim também aconteceria ao pacto feito por Josué com os gibeonitas; caso contrário, os ofensores seriam castigados.

Que resgate vos darei? "Resgate", aqui, vem do vocábulo hebraico que significa "cobrir". É a mesma palavra usada teologicamente para apontar para a "expição pelo pecado". Ao fazer a justiça, Davi "cobriria os vergonhosos assassinados cometidos por Saul" com ações apropriadas, e assim os *esconderia* de Yahweh. O resultado seria o fim da seca. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Expição*.

21.4

Havia muitas possibilidades de fazer justiça. Poderia haver indenização por meio de dinheiro ou terras, mas os gibeonitas não estavam interessados nesse método de ajuste. *Ouro ou prata* poderia ter sido tirado diretamente dos sobreviventes de Saul, o que expressaria, pelo menos em parte, a *lex talionis*. Mas os gibeonitas também não desejavam empobrecer essa família. Eles não queriam punir a algum indivíduo em Israel, mediante a execução, que não pertencesse à casa de Saul. Nem queriam fazer guerra e tirar vingança de Israel em geral. O povo de Israel não era culpado. Saul era o culpado.

21.5

Os gibeonitas queriam vingança contra aquele homem, Saul, o qual tentara obliterá-los da terra de Israel quando fez guerra santa contra eles. Quanto a esse tipo de guerra, ver as notas expositivas em Deu. 7.1-5 e 20.10-18. A guerra santa fora ordenada por Yahweh, mas houve a *intervenção de tratados*, mesmo que esses tivessem sido feitos de forma apressada e enganosa. Não há nenhum registro histórico quanto a esse acontecimento, exceto a alusão no presente capítulo. Isso, entretanto, não nos dá razão para duvidarmos de sua historicidade. Saul deve ter efetuado *muitas* campanhas militares sangrentas que não foram mencionadas pelos historiadores.

21.6

Sete filhos de Saul seriam executados por causa da maldade feita pelo pai deles. Isso não prejudicaria Israel de forma especial, mas seria uma *vingança direta* contra a família do homem que não respeitava a aliança firmada com Josué. "O cabeça e sua casa estavam intimamente identificados em todas as idéias da antiguidade. Estando Saul morto, seus descendentes masculinos eram considerados como 'quem estava em seu lugar', apresentando-se como responsável por seus atos" (Ellicott, *in loc.*). O número *sete* seria apenas o número de filhos de Saul, embora fosse um número bastante grande para fazer essa família sentir e lamentar-se. O número *sete* sempre teve associações secretas, como se, de alguma maneira, falasse de perfeição e divindade. Talvez alguma noção parecida com isso também estivesse por trás da escolha de sete filhos. Ver sobre o número *Sete* no *Dicionário*, no artigo chamado *Número (Numeral, Numerologia)*, seção III. 1. e 2. Matar os filhos (ou descendentes) de um homem por seus crimes (quando ele mesmo ficara impune) era uma forma comum de aplicar a *lex talionis*. Até hoje se toma vingança da família dos ofensores, mas isso contraria a ética cristã.

Cada um, porém, será morto pela sua iniquidade.

(Jeremias 31.30)

Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais: cada qual será morto pelo seu pecado.

(Deuteronômio 24.16)

Em contraste, a crença na *responsabilidade coletiva* era muito forte. Ver Deu. 5.9. O código de Hamurabi (lei 230) permitia a morte vicária de um filho por um pai ou de um pai por um filho. Mas não há nenhum registro histórico do cumprimento dessa lei. Quanto a notas expositivas completas, ver a exposição sobre Deu. 24.16. Provavelmente ambos os conceitos coexistissem, pelo que, em certas ocasiões, era aplicado o primeiro e, em outras, o segundo. Alguns intérpretes sugerem, no presente texto, que os filhos de Saul haviam participado nos crimes de Saul, pelo que mereciam o que receberam, por causa de seus pecados pessoais; mas não temos nenhum registro disso, e é sempre precário interpretar com base no silêncio.

21.7

O rei poupou a Mefibosete. Mefibosete era homem de propriedade e de posição, porquanto Davi o fizera tal por causa de Jônatas, seu pai. Davi e Jônatas tinham feito um pacto mediante o qual o sobrevivente trataria bem os descendentes do outro. Esse acordo afirmava especificamente que, quando Davi chegasse ao trono, trataria bondosamente a família de Jônatas (ver I Sam. 18.3; 20.14-17; II Sam. 9). A casa de Saul sofreria total remoção, mediante matança ou mediante fuga. O modo de proceder normal, no Oriente Próximo e Médio, era que um novo rei destruísse a família de seu antecessor. Mas Mefibosete era uma exceção desde o começo e agora continuava sendo uma exceção, sob as graças do rei. Ver a história dele, em II Sam. 4.4 e 9.6 ss.

O Pacto entre Davi e Saul. Davi havia prometido que, quando subisse ao trono, não destruiria a família de Saul (I Sam. 24.21,22). Foi possivelmente com alguma lamentação que Davi descobriu ser necessário quebrar a promessa. Seja como for, a promessa foi essencialmente, mas não absolutamente, quebrada. Se não fora a queixa dos gibeonitas, ela teria sido essencialmente cumprida.

21.8

A Triste Lista das Vítimas. A parte temível dessa lista foi que uma única mulher perdeu cinco filhos na matança. Ver todos os nomes próprios no *Dicionário*.

Mical. Esta mulher, filha de Saul, tinha sido esposa de Davi. Se lermos o texto hebraico do modo como ele se encontra, então não poderemos escapar da mensagem que esta mulher, que havia zombado de Davi, sofreu, finalmente, uma grande dor. Entretanto, o versículo diz que ela "deu à luz" aos cinco filhos a Adriel, que não era seu marido. A verdadeira mãe era *Merabe*, conforme figura em dois manuscritos em hebraico e na Septuaginta. Mas alguns eruditos (seguidos pela Revised Standard Version) simplesmente substituem Mical por Merabe, supondo que algum erro primitivo tivesse entrado no texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah)*; *Texto Massorético*. Os textos siríaco e árabe dizem aqui *Nadabe*. Fazer Mical criar os filhos de outra mulher (Merabe, irmã dela) provavelmente é outra glosa antiga do texto, que cortou o nó górdio, visto que sabemos que Mical não podia ter filhos (ver II Sam. 6.23). I Sam. 18.19 refere-se a Merabe como filha de Saul. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Nó*; e, no último parágrafo desse artigo, *Cortando o Nó Górdio*.

De conformidade com as tradições judaicas (*T. Hieros. Kiddushin*, ffol. 65.2), as vítimas eram homens simples, e não soldados ou homens perigosos. Dois eram rachadores de lenha; dois eram coletores de água; um deles era guardador em uma sinagoga; outro era escriba e o último era um servo. Se a informação está correta, então toda a narrativa é patética. Aqueles homens comuns e desprezíveis tornaram-se vítimas de uma violência insensata.

21.9

Os quais os enforcaram no monte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Enforcamento*. A historicidade do evento foi confirmada pela exatidão da linguagem. O autor sacro diz-nos quando isso ocorreu, a saber, no começo da colheita da cevada, ou seja, na Judéia, no começo do equinócio vernal, ou vinte e um de março. Isso teria acontecido imediatamente após a páscoa (ver Lev. 23.10,11); e alguns situam o fato em meados de abril, e não no mês de março.

Perante o Senhor. Assim foi escrito pelo autor sagrado porque o ato foi tido como uma vingança justa, aprovada pelo Senhor, de tal modo que Ele estancou a seca que assolava a terra há nada menos de três anos (vs. 1).

21.10

Então Rispa, filha de Aiá. Esta Foi a Patética Lamentação de Rispa. Ela havia perdido dois filhos e não permitiu que seus cadáveres fossem sepultados, mas armou uma vigia, cobrindo-se com pano de cilício (provavelmente com a forma de uma tenda), como sinal de *lamentação* (ver a respeito no *Dicionário*). E impediu que se aproximassem as aves e os animais ferozes dos cadáveres.

Os intérpretes batem a cabeça sobre esse ato, mas para mim a razão para isso é perfeitamente clara. Aquela mãe queria que os corpos continuassem a ser vistos publicamente, como um protesto contra a violência insensata. Era como se ela dissesse: "Estão vendo os corpos de meus filhos, fazendo ali? Vocês estão vendo quão cruel é tudo isso? O que eles tiveram que ver com os atos de Saul?". Alguns intérpretes (estupidamente, em minha opinião) pensam que o que ela fez foi um ato de piedade, em concordância com o que havia sido feito, deixando os corpos ali como lições objetivas sobre como a justiça de Deus deveria operar! Isso é um absurdo. Adam Clarke (*in loc.*) mostra-se correto ao lamentar toda a questão e ao perguntar se não poderia ser achada outra maneira de satisfazer os gibeonitas, sugerindo que o que fora dito de modo algum poderia ter sido um oráculo de Deus. E então ele ajunta: "Deus não aceita o sangue do homem em sacrifício, tal como não quer o sangue de porcos. A fome poderia ter sido removida da terra devidamente expurgada, oferecendo-se os sacrifícios prescritos pela lei, e com a humilhação geral do povo".

Os corpos continuaram pendurados ali até que começou a chover, sinal de que a terrível prova tinha terminado. Mesmo assim, a mãe nada fez. Foi Davi quem sepultou os ossos deles, conforme nos relata a história.

As chuvas de outono começaram em outubro, e assim podemos calcular que a vigília de Rispa atravessou os meses, talvez nada menos de seis meses. Deu. 21.23 diz-nos que qualquer um que fosse pendurado em uma árvore era maldito (ver 21.23), portanto que fosse executado por tal maneira. Assim, aquele estado amaldiçoado perdurou por longo tempo e deve ter atraído muita atenção.

Sobre uma penha. Ou ela pôs o pano sobre uma rocha e viveu ali por todos aqueles meses, nada tendo senão o pano sobre o qual assentar-se e sobre o qual dormir; ou devemos compreender que ela fez uma espécie de tenda com o pano, e ali viveu durante aqueles dias.

21.11-12

Após um longo tempo, Rispa chamou a atenção de Davi. Ele não podia permitir que tal espetáculo continuasse. Então juntou os ossos de Jônatas e Saul, e os ossos daqueles homens, e (evidentemente) sepultou-os em um sepulcro comum, embora o texto mencione somente os ossos de Saul e Jônatas no ato de sepultamento. Talvez diferentes sepulcros tenham sido usados, mas o texto não deixa isso claro. Seja como for, um sepultamento decente foi finalmente provido, o que era importantíssimo na cultura dos hebreus.

Recolhendo os Ossos de Saul e Jônatas. Ver a história em I Sam. 31.11-13 sobre como as entranhas de Saul e de seu filho Jônatas foram expostas na parede de Bete-Seã como sinal de ódio. O povo de Jabes-Gileade tinha tomado os corpos da parede e os sepultara em sua cidade, muito distante de Gibeá, onde morava a família de Saul. Davi, pois, resolveu trazer os ossos de volta de Jabes-Gileade e sepultá-los no sepulcro do pai de Saul, Quis, em Zela, no território de Benjamim (vs. 14). Ver também Jos. 18.28.

Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre *Sepultamento*, *Costumes de*.

21.13,14

Davi transportou os ossos de Saul, e os ossos de Jônatas seu filho. Uma vez reunidos, todos os ossos, incluindo os ossos dos homens enforcados, recebe-

ram um sepultamento decente, onde quer que tenha parecido apropriado. Não se diz que os ossos dos dois netos de Saul foram sepultados com os de Saul e de Jônatas, mas é isso que, provavelmente, devemos entender. O sepultamento ocorreu em Zela, local desconhecido, mas provavelmente próximo de *Gibeá*, a aldeia natal de Saul, pelo que ter sido sepultado em Zela era a mesma coisa que ter sido sepultado em Gibeá. Há alguma coisa em um homem que o faz querer ser sepultado no lugar onde nasceu e foi criado. Davi reconheceu que esse desejo era apropriado e cumpriu o que Saul, sem dúvida, desejava.

O novo local de sepultamento ficava cerca de 113 quilômetros a sudoeste de Jabes, envolvendo uma mudança de localização tribal, de Manassés para Benjamim.

A vingança foi eficaz, e Yahweh ouviu as orações de Israel. E o resultado foi que as chuvas retornaram, a seca passou e as plantações foram salvas.

Feitos das Tropas de Elite de Davi (21.15-22)

21.15

Uma revolta que perturbava o recém-consolidado reino de Davi teve de ser abafada. Os filisteus, antigos inimigos de Israel, sem dúvida não demorariam a produzir mais problemas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteus*, *Filístia*. O vs. 17 sugere que Davi era rei, mas homem idoso, mais fraco e realmente impossibilitado para a batalha. Nenhum paralelo da presente narrativa realmente aparece em I Crônicas, que é paralelo à maior parte de II Samuel. Esse pouco de "tradição flutuante" repousou na sequência errada do livro, não se ajustando ao seu lugar exato.

21.16

Isbi-Benobe. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Era membro da raça dos gigantes, que Israel finalmente destruiu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gigantes*. A ponta de sua lança pesava cerca de 300 siclos de bronze. Isso orçava em cerca de 3,4 quilos, pois o siclo tinha cerca de 11,4 gramas. Ver no *Dicionário* sobre *Pesos e Medidas*, seção VII. Além da pesada lança, o gigante trazia uma *espada*, conforme indicam algumas traduções, ou alguma "nova arma", conforme o original hebraico poderia ser traduzido. Provavelmente está em vista uma "nova espada", mas a nova arma poderia ser um dardo ou outra arma letal. O Targum de Jarchi diz aqui meramente um "novo cinto", em vez de uma arma, supondo que o homem fosse vaidoso de suas roupas. Seja como for, o homem tinha intenções assassinas e esperava matar Davi, provavelmente com a sua lança.

21.17

A Vida de Davi Estava em Perigo. Agora Davi era um homem de mais idade, já debilitado (vs. 15), por tantas batalhas e tanta matança. No momento, era fácil matá-lo, e o gigante avançou a fim de acabar com sua vida. Mas *Abisai*, irmão de Joabe, um dos que pertenciam às tropas de elite de Davi (e que servia como um de seus generais; ver sobre ele no *Dicionário*), veio em socorro do rei, e logo despachou o homem, a despeito de seu tamanho e força. E Yahweh, sem dúvida, obteve o crédito por esse feito.

Os *homens de Davi* preocupavam-se com seu bem-estar. Ele era o rei de Israel e muito recentemente tinha chegado ao poder. Era a *luz* de Israel, o homem que representava todas as esperanças. Davi era o *salvador nacional* que livrara Israel de todos os inimigos estrangeiros. Davi, pois, foi exortado a esquecer a guerra, deixando as batalhas para os mais jovens e preocupando-se com os negócios do governo, sua *nova missão*. Sua antiga missão terminara. Ver II Sam. 10.19 quanto à vitória de Davi sobre os *oito inimigos* de Israel.

"A morte de Davi significaria o fim de sua liderança, uma tragédia sinônima a apagar a *lâmpada de Israel*, pois em e através de Davi as bênçãos da aliança divina haveriam de cumprir-se (ver I Reis 11.36; 15.4; II Reis 8.19)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

O homem confiava em sua grande espada, a qual, afinal, tinha apenas metade do peso da de Golias (ver I Sam. 17.7). Mas ele não contava com o súbito aparecimento de Abisai. Davi estava destinado a viver ainda bastante tempo, pelo que não pôde ser liquidado nessa ocasião. O mesmo acontece a todos os que, honestamente, tentam cumprir o propósito divino em sua vida. Há um anjo guardião que os protege. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Anjo* e *Anjo da Guarda*.

21.18

Houve ainda em Gobe outra peleja contra os filisteus. O propósito do autor é ilustrar os feitos das tropas de elite de Davi, e ele escolheu várias batalhas com essa finalidade.

Ver no *Dicionário* os vários nomes próprios que figuram neste versículo. Gobe é chamada de Gezer, em I Crô. 20.4. Sibecai, um dos heróis de Davi, conseguiu despachar *Safe*, outro membro da raça dos gigantes que Israel final-

mente exterminou. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Gigantes*. Esse gigante é chamado Sipai em I Crô. 20.4. Sibecai estava entre os trinta poderosos guerreiros de Davi (ver I Crô. 11.29). Era capitão da oitava divisão do exército (I Crô. 27.11). Mediante tais vitórias, os filisteus foram subjugados, conforme nos diz o paralelo de I Crônicas.

21.19

Houve ainda em Gobe. Na mesma Gobe, houve outra notável vitória alcançada por um dos heróis de Davi. *Elanã* (ver no *Dicionário*) matou o temível *Golias*. Esse relato tem causado alegria entre os críticos e consternação entre os eruditos conservadores. Ele anula ou põe em dúvida toda a história de Davi e *Golias* (registrada em I Sam. 17). Ver sobre *Elanã* no *Dicionário*.

Explicações:

1. Alguns estudiosos supõem que tenhamos duas histórias contraditórias da morte de *Golias*. *Elanã* seria o herói de uma das histórias; e Davi seria o herói da outra. Alguns também dizem que Davi recebeu glória por uma vitória que não foi, realmente, de sua autoria. Algumas versões portuguesas dizem *Hel-Hanã*.
 2. Algumas traduções, desonestamente, suprem as palavras "irmão de". Ou seja, o gigante morto por *Elanã*, por meio desse truque, seria, na verdade, irmão de *Golias* (assim diz a King James Version). I Crô. 20.5 diz: "E *Elanã*, filho de *Jair*, feriu a *Lami*, irmão de *Golias*, o geteu". Mas essas palavras podem ser uma tentativa de harmonização com o texto presente. Ademais, seu pai é chamado ali de "*Jair*", e isso poderia significar que um *Elanã* diferente está em foco. Quanto a detalhes, ver a exposição em I Crô. 20.5. Mesmo que seja historicamente verdadeiro que *Elanã* matou o irmão de *Golias*, não é isso o que diz II Sam. 21.19.
 3. Alguns inventam dois *Golias*: *Elanã* matou um, e Davi matou outro.
 4. Alguns supõem que em II Samuel haja um erro primitivo no texto hebraico, supondo que o verdadeiro original não contivesse o nome de *Elanã*. Mas esse é um argumento baseado em mera conjectura e, sem dúvida, errôneo.
 5. Talvez *Elanã* tenha efetuado a morte de *Golias*, mas Davi recebeu o crédito, porquanto *Elanã* servia a Davi. Essa explicação, porém, não tem sentido, considerando que I Sam. 17 conta longamente a história, e nenhum *Elanã* é mencionado ali.
 6. Alguns supõem que o relato de I Sam. 17 não seja histórico, mas foi inventado propositadamente para mostrar que Davi era digno de tornar-se rei. Nesse caso, o autor de I Samuel teria distorcido a história com o intuito de glorificar Davi.
 7. *Golias* era um nome genérico e podia referir-se a vários homens, talvez todos os que pertencessem à raça dos gigantes.
 8. Uma tradição preservada por Jerônimo, em *Quest. Heb. in Libros Regnum*, faz de *Elanã* um nome alternativo para o próprio Davi. Mas é muito difícil que o poderoso Davi viesse a ser chamado assim, em conexão com a história de *Golias*, sem uma única palavra de advertência, da parte do autor sacro, para evitar confusão.
 9. Ou, de acordo com outros, o nome *Golias* (em I Sam. 17) é uma interpolação feita por um editor posterior. Nesse caso, o gigante que Davi matou não foi nomeado no texto hebraico original da história. Mas uma vez mais caímos em conjectura, o que dificilmente resolve o dilema.
- A verdade da questão parece ser que não há explicação adequada para a contradição. Isso perturba a vida de duas classes: os críticos radicais, que gostam de alegar-se por qualquer coisa, motivados pelo seu ceticismo; e os conservadores radicais, que supõem que as Escrituras não podem conter contradições e fazem todo esforço para removê-las.

Jaaré-Oregim. Era o pai de *Elanã*, acerca de quem não dispomos de informação, exceto a sugerida pelo texto presente. O pouco que pode ser dito dele e das circunstâncias que o envolveram é registrado no artigo sobre ele no *Dicionário*. I Crô. 20.5 dá o nome desse homem como *Jair*, ou então temos aí outra contradição. Ver as notas nesse ponto quanto a observações sobre as contradições do texto.

21.20

Ainda outro feito foi a morte de um gigante que tinha como anormalidade (geneticamente herdada) seis dedos e seis artelhos nas mãos e nos pés. Foi morto por *Jônatas*, irmão de Davi. Anoto dezoito homens com o nome de *Jônatas* no *Dicionário*. Esse *Jônatas*, que alguns fazem de tio, outros fazem de sobrinho de Davi, aparece sob o ponto oitavo. Dois homens diferentes, entretanto, podem estar em vista nas várias referências citadas.

Essas porções supérfluas podem ter sido bastante comuns naquela época. Lev. 21.18 inclui uma lista de deformidades que não permitiam a um homem servir no templo.

"As características genéticas que produzem o gigantismo também podem ter causado essa deformidade" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). O fenômeno, entretanto, continua comum. Atualmente, os membros extras são cortados na sala de parto, e não se permite que a pobre criança sofra diante de seus companheiros.

21.21

Quando ele injuriava a Israel. O Ato de *Golias*. Esse homem, tal e qual o *Golias* de I Sam. 17, "atacava" Israel, mas logo foi silenciado por um guerreiro superior.

Embora o breve comentário deste versículo nos traga à memória o que *Golias* fez contra Israel e contra Davi (ver I Sam. 17), e embora um famoso gigante dos filisteus fosse o autor dos picantes comentários, não há razão para pensar que qualquer uma das histórias também tivesse sido criada. É perfeitamente possível que tais incidentes ocorressem em ocasiões diversas. Ver I Sam. 16.9 e I Crô. 2.13 quanto a nomes alternativos desse "irmão" de Davi. Se ele fosse filho de *Simei*, então seria sobrinho de Davi. Ou seria ele o voluntarioso *Jonadabe* de 13.3? O relacionamento exato que ele tinha para com Davi permanece em dúvida, o que discuti no vs. 20. Adam Clarke chama nossa atenção para o fato de que o texto sofreu vários erros, emendas etc., presumivelmente por parte de copistas. Algumas tradições chegam a fazer desse homem o profeta Natã, o que, manifestamente, é um absurdo (*Hieron. Trad. Heb.*, fol. 76D).

21.22

Estes quatro nasceram dos gigantes. Os gigantes de Gate tiveram uma sorte terrível ao se encontrarem com Davi e seus supergigantes, em uma época em que a força e a habilidade pessoal na matança eram os fatores decisivos na guerra. A Septuaginta diz: "Eles eram a prole dos gigantes de Gate, cuja família era *Rafa*". *Abarbinel* faz de *Rafa* uma mulher das filhas dos gigantes. O Talmude a chama de *Orfa* (Rute 1.4). Provavelmente eles descendiam dos anaquins (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Anaque (Anaquim)*). Ver também sobre os *Gigantes*. Esses gigantes ficaram em Gate, depois que Josué os retirou de outros lugares (ver Jos. 11.22). Primeiramente Isbi-Benobe (vs. 16) caiu por Abisai e Davi, e então temos os outros três, derrotados conforme a descrição dos vss. 18 ss.

Capítulo Vinte e Dois

Ação de Graças de Davi (22.1-51)

O capítulo à nossa frente contém um célebre salmo de ação de graças quase idêntico ao Salmo 18, onde faço anotações adicionais. Ali o subtítulo é diferente e atribui o salmo a Davi, além de citar a ocasião particular de sua composição... Trata-se de um belíssimo salmo, majestático em seu louvor e ação de graças, em suas representações simbólicas do poder e da graça de Deus, e em sua humildade. Segue-se uma útil divisão do assunto:

- a. Um grito a Deus, em meio a aflição (vss. 1-7)
- b. Manifestação do poder de Deus (vss. 8-16)
- c. Salvação atribuída ao justo merecedor (vss. 17-29)

Nos vss. 26,27 Deus é revelado de maneira importantíssima como ser "tudo para com todos (ver I Cor. 9.22)" (*Garne Little, in loc.*).

O título do Salmo 18 é o seguinte: "Ao mestre do canto: Salmo de Davi, servo do Senhor, o qual dirigiu ao Senhor as palavras deste cântico no dia em que o Senhor o livrou de todos os seus inimigos, e das mãos de Saul".

"Essa composição, colocada no relato das guerras de Davi contra os filisteus (II Sam. 21.15-22) e em sua lista de heróis (23.8-39), é um poema que celebra a providência de Deus ao livrá-lo de todos os seus inimigos (cf. vs. 4). Acha-se em palavras quase idênticas no Salmo 18, uma peça geralmente classificada como *hino real de agradecimento*" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Não se pode demarcar nenhum tempo definido para a composição deste salmo, e não podemos fazer melhor do que seguir as sugestões do subtítulo, no que tange a esta questão. Ademais, as discussões dos eruditos quanto à autoria, sobre quanto realmente se originou de Davi, e quanto mais pode ter sido adicionado por outros salmistas, incluindo editores, é uma discussão inútil e cheia de pareceres pessoais.

22.1

Falou Davi ao Senhor as palavras deste cântico. Este versículo é essencialmente idêntico ao título do Salmo 18. Tenta estabelecer um tempo particular em que Davi compôs o salmo, o qual, finalmente, foi reunido na coletânea a que chamamos de *Salmos*, a maioria dos quais é atribuída a Davi. Ver a introdução a esta seção, acima, quanto aos detalhes concernentes à composição.

Jarchi diz-nos que o salmo foi composto na idade avançada de Davi, quando ele considerava sua vida passada. Kimchi concordou com a avaliação. "... provavelmente já nos seus últimos dias, Davi revisou a composição e adaptou-a às

circunstâncias em geral, enviando-a com o restante de seus salmos ao músico-chefe" (John Gill, *in loc.*). Se essa observação está correta, isso poderia explicar algumas diferenças entre esta versão da composição e aquela do Salmo 18.

22.2

O Senhor é a minha rocha. Yahweh é o verdadeiro tema do poema. Ali, o que Ele faz por nós é razão para agradecermos. Nossa proteção vem da parte Dele. Nossos benefícios são enviados por Ele. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Deus, Nomes Bíblicos de e Yahweh*.

"Uma série de designações é dada: rocha... fortaleza... libertador... escudo... força da salvação (ver I Sam. 22.2-3). Todos os feitos de Deus no passado e todas as Suas promessas para o futuro dependem de *quem Ele é*. Essas descrições do Senhor (Yahweh) são especialmente apropriadas à luz dos pontos altos do cântico, ou seja, a fuga, o conflito e a vitória" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Rocha. Proteção contra ataques, nas montanhas; esconderijo; fonte de águas como no milagre de Moisés; sólido fundamento para a vida; força divinamente conferida; firme alicerce sobre o qual nossas esperanças podem ser edificadas; base da própria vida. Ver Cristo como a *Rocha*, em I Cor. 10.4. Ver Deus como uma guarnição armada, em I Ped. 1.5. Cf. Sal. 61.23; Isa. 32.2; 33.3 e Mat. 16.18. O paralelo está no Salmo 18 (vs. 2), que diz "a minha rocha"; e à margem, "meu Deus, minha rocha". Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Rocha* e *Rocha Espiritual*.

Cidadela. Os filhos de Deus são resguardados em um lugar fortificado, protegido, livre do poder de qualquer inimigo. Ver I Ped. 1.5 e comentários adicionais em Sal. 18.2.

Libertador. De todos os oito inimigos que Davi finalmente derrotou (ver II Sam. 10.19). E, mais especificamente, Saul, que o perseguiu quando ele se pôs a vagar pelo deserto; mas também em um sentido geral, em todas as vicissitudes de sua vida, sempre tão repletas de violência. Ver Sal. 18.2 quanto a outros comentários.

22.3

Agora *Elohim* é chamado de *Rocha* divina em favor de Davi, um paralelismo com o vs. 2 e o Sal. 18.2. *Elohim* é o Deus de poder e força (conforme se vê na palavra hebraica *El*). *Yahweh* é o *Deus eterno*. O Deus Todo-poderoso e eterno inspira *confiança* e certeza do livramento de todo o *mal*.

Escudo. O escudo era um artigo vital de defesa nas guerras antigas. Paulo também listou o escudo entre as peças da armadura que os crentes devem carregar para seu bem espiritual (ver Efê. 6.16). É o poder defensivo da fé que pode apagar todos os dardos inflamados que o diabo despede contra nós. Ver os comentários desse versículo em *O Novo Testamento Interpretado*, quanto a explicações completas sobre a metáfora. No *Dicionário*, ver o artigo *Fé*.

Força (ou chifre) da minha salvação. O paralelismo com o Sal. 18.2 continua. O *chifre* é a arma ofensiva de vários animais. Davi atirava-se contra os inimigos, e não vivia somente fugindo. Cf. Luc. 1.69. Os chifres do altar eram o lugar de abrigo daqueles que fugiam de assassinos potenciais e o lugar onde o sangue era esfregado. Ver sobre *Chifre* no *Dicionário*, quanto a amplas implicações da metáfora.

Da violência, tu me salvas. Essas palavras acham-se somente aqui, e não no Salmo 18, nem mesmo através de alguma designação específica.

22.4

invoco o Senhor. A *eficácia da oração* era parte óbvia da crença de Davi, conforme testificam muitos salmos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*. Em Efê. 6.18, a oração é enfatizada em relação à batalha do crente contra o mal, para a qual ele precisa de *toda* a armadura de Deus. Um homem em perigo mortal pode ser livrado pelo poder da oração, e essa é a sua principal arma ofensiva contra todas as manifestações do mal. O paralelo acha-se no Sal. 18.3. O Deus que livra é digno de louvor, pelo que o louvor mistura-se aqui às petições por livramento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Louvor*.

22.5

A *morte* é apresentada como um dilúvio furioso, como as ondas do mar ou como algum grande rio que venha contra a alma. *Águas espumantes* são uma força temível, usadas simbolicamente para indicar os grandes testes e perigos nos sonhos e nas visões. Os inimigos de Davi eram as águas revoltas; eles se aproximavam como se fossem um dilúvio. Só Deus tinha poder para deter tal força. O Sal. 18.4 diz "laços de morte" que têm o poder de atar suas vítimas e esmagá-las. Assim, em português temos "laços da morte" e "tramas de morte"

(Sal. 18.4 e 5). Somente a providência de Deus é suficientemente forte para salvar uma alma desesperada. Ver no *Dicionário* sobre *Providência de Deus*. O temor será sempre parte de um grande perigo, até mesmo para os corajosos. Esse é um poder debilitador que a graça de Deus pode anular e realmente anula.

22.6

Cadeias infernais. Ver o paralelo no Sal. 18.5. Essas são as conseqüências dos laços da morte. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Seol*. É provável que, nos dias de Davi, nenhuma idéia fixa sobre o céu ou o inferno (hades) já tivesse sido formulada na teologia dos hebreus, pelo que o termo *seol*, aqui usado, se refere somente à extinção da vida física. A doutrina da imortalidade pessoal entrou na teologia hebraica nos Salmos e nos Profetas, mas as condições dessa imortalidade, e onde ela seria passada, não estavam ainda bem definidas. Os livros apócrifos e pseudepígrafos (escritos durante o período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento) é que trouxeram essa definição, e parte dela foi adotado no Novo Testamento. Este último documento, naturalmente, ampliou grandemente o assunto. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Alma* e *Imortalidade*, e os mesmos títulos quanto a maiores artigos e discussões na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Davi preferia viver a morrer. A imortalidade poderia esperar. Ele tinha uma missão a cumprir nesta esfera física, e precisava de uma longa vida para cumpri-la. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os *paralelismos poéticos* identificam os laços da morte com as cadeias infernais.

22.7

A *eficácia da oração* é novamente enfatizada. Ver o vs. 4. Ambos os nomes divinos, *Yahweh* e *Elohim*, são empregados no tocante a essa questão. O Deus Todo-poderoso e Eterno é Quem responde às nossas orações e nos fornece segurança e livramento. Por Sua própria escolha voluntária, Deus faz provisão para os homens, incluindo a provisão de Sua *presença*. Deus está no Seu *templo*, tanto o celestial quando o terreno. Ele está ali para ouvir e responder às nossas orações. Sal. 19.6 é o paralelo, onde adiciono outros comentários. Temos aqui o conceito do *teísmo*, em contraposição ao *deísmo* (ver sobre ambos no *Dicionário*). Deus não somente criou, mas também se mantém próximo; Ele é imanente, recompensa e castiga. Ele ouve e responde às nossas orações. Ele pune o ímpio e o opressor. Mas não abandona o Seu universo (a Sua criação), conforme ensina o deísmo. O poder de Deus, contudo, não deve ser confundido com os poderes da natureza, como o trovão, o relâmpago, os terremotos, os dilúvios, os cataclismos. Deus atua diretamente e em todas as circunstâncias da vida. Ocasionalmente, além disso, realiza um ato benévolo ou um *milagre* misericordioso (ver a respeito no *Dicionário*).

O original hebraico literal diz aqui: "Meu clamor chegou perante ele, isto é, em seus ouvidos", uma forte expressão do teísmo.

*Mais coisas são operadas pela oração
Do que este mundo sonha.*

(Tennyson)

22.8

Então a terra... os fundamentos dos céus... Deus pode fazer coisas acontecer na natureza, aqueles cataclismos terríveis, como os gigantescos abalos sísmicos, que fazem a terra estremecer. Sua *ira* provoca tais eventos, mas Davi falava em sentido *metafórico*. Deus abalou os inimigos de Davi com a Sua ira e enviou-os à confusão e à obliteração. Em outras palavras, há um *poder* por trás de Seu amor e de Sua preocupação com o Seu povo. "Há um grande poder na oração."

O paralelo está no Sal. 18.7. Cf. Sal. 14.32; 77.16-18 e Êxo. 19.18. Os alicerces das colinas são abalados. Cf. Hab. 2.6,7; Heb. 12.26,27; Apo. 6.12,14 e 11.13. Terremotos metafóricos e literais fazem parte do arsenal de Deus, que Ele usa ocasionalmente, quando a necessidade se torna grande. Quando Deus se *ira* diante de condições adversas, Ele faz coisas terríveis. Esse uso é, naturalmente, antropomórfico. Atribuímos a Deus nossos sentimentos (*antropopatismo*), bem como nossas características (*antropomorfismo*). Ver ambos os termos discutidos no *Dicionário*. Tal *humanização* de Deus pode fazer-nos desviar de uma verdadeira compreensão metafísica de Sua pessoa, mas essa humanização é *útil*, porquanto ilustra questões práticas. Deus está ali; Ele ouve as nossas orações; Ele julga o mal e recompensa o bem.

Céus. No trecho paralelo do Sal. 18.7, *montes*. "Os montes são referidos como os pilares do céu (cf. Jó 16.11)." A antiga cosmologia hebraica pintava o firmamento como uma taça invertida, de natureza sólida, tocante na terra na região dos montes e descansando sobre eles. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Astronomia*, quanto a informações sobre essas crenças antigas. Em qual ponto da história os hebreus viam, *literalmente*, os montes e

os alicerces do céu, não sabemos dizer. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o verbete chamado *Cosmologia*.

22.9

As Metáforas Têm Prosseguimento. O fogo é algo espantoso. Deus é aqui retratado como quem solta fogo das narinas e da boca, uma força consumidora que castiga os homens ímpios por aquilo que pensam, tentam fazer e fazem. O paralelo é Sal. 18.8.

"A majestade de Deus é demonstrada mais ou menos na mesma linguagem que foi usada para descrever o leviatã, em Jó 41.19-21" (John Gill, *in loc.*). Cf. Êxo. 19.16,18, onde tais fenômenos são apresentados como *literais*, quando a presença de Deus se manifesta. Em certas ocasiões é justo que Deus exiba Sua indignação e ira. A vingança divina deve atingir certos pecados e atos hediondos. Cf. Sal. 97.2-5. Ver sobre *Ira de Deus* no *Dicionário*.

22.10

Baixou ele os céus e desceu. Os próprios céus são rebaixados para que Ele desça e efetue julgamento sobre a terra, descendo sobre nuvens escuras. O paralelo está no Sal. 18.9. A linguagem aqui é altamente metafórica e antropomórfica. O autor sacro cita coisas que os homens poderiam fazer, se tivessem o celebrado poder de Deus. Ver Gên. 11.4 e seus comentários, quanto à idéia primitiva dos céus de Deus. Ver sobre o *Céu* no *Dicionário*. O Targum diz "nuvem escura" como o veículo da descida de Deus. "É Yahweh quem está entronizado nos céus e reduz toda a criação ao Seu serviço" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). A descida divina tinha por propósito específico executar julgamento contra os inimigos de Davi, que o avassalaram como um dilúvio. Davi precisava continuar vivo para cumprir a sua missão em prol do povo de Israel. Uma nação unificada tinha de emergir, livre dos assédios dos inimigos, e Davi livre do assassino Saul. Davi, morto em algum campo de batalha, dificilmente poderia cumprir a missão que lhe fora dada. Portanto, ele teria forças para passar todo o tempo necessário na terra. Sua vida não podia ser cortada prematuramente.

A sorte guia os bem dispostos e arrasta após si os que se deixam ficar para trás.

(Sêneca)

Há a divindade, que dá forma aos nossos fins.

(Shakespeare)

É a sorte que lança os dados e, quando ela é lançada, faz reis de aldeões, e aldeões de reis.

(John Dryden)

Como os teus dias durará a tua paz.

(Deuteronômio 33.25)

22.11

Cavalgava um querubim. O veículo de Deus era um poderoso ser angelical, o *querubim* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também sobre *Anjo*. O vento também servia de asas para Deus, pelo que a Sua majestade era vista por todos os quadrantes da terra. O paralelo é o Sal. 18.10. Aqui temos as palavras "foi visto", mas no paralelo temos "voou". Essas duas palavras, "foi visto" e "voou", no original hebraico, são bastante parecidas, e uma delas, sendo copiada da outra, poderia ter sofrido a substituição.

O Antigo Testamento usa o termo hebraico *ruah* (vento), como um agente especial de Deus. Isso ocorre por trinta e sete vezes. Seu arsenal é composto por todas as forças naturais do fogo, do dilúvio, do vento, do terremoto etc. Mas podem ser também veículos de Sua manifestação, e não de Sua força destruidora. Cf. João 3.8 e Atos 2.2, usos neotestamentários da metáfora do "vento".

O Targum, a Septuaginta e as versões siríaca e árabe dizem *cherubim* (plural), em lugar do singular, conforme se vê no hebraico. A metáfora de grande ruído de carruagens e cavalos nos é apresentada, mas esses são seres poderosos e divinos que fazem parte do séquito de Yahweh. Cf. Zac. 6.5; Sai. 58.17 e Isa. 6.2.

22.12

Por pavilhão. O pavilhão de Deus é densas trevas, são nuvens celestiais, mas dentre elas Sua glória brilha de repente (vs. 13). O paralelo é o Sal. 18.11. As nuvens escuras são ameaçadoras porque estão repletas das águas da ira de Deus, prontas para serem enviadas em dilúvio que leve os ímpios de roldão.

O texto diz aqui "por pavilhão pôs, ao redor de si, trevas". Mas o trecho paralelo diz: "Das trevas fez um manto em que se ocultou". Novamente, há pequenas discrepâncias no original hebraico, que explicam as diferenças que um copista poderia ter produzido.

22.13

Do resplendor que diante dele havia. Embora encoberta pelas trevas (vs. 12), a glória irrompeu sob a forma de esplendorosa luz, um *brilho* que riscou o firmamento como grande cometa enquanto Ele voava através dos céus. Esse resplendor tocou fogo em tudo quando se aproximava e espalhou terror entre os inimigos de Deus.

O paralelo (Sal. 18.12) é mais completo e emprega mais elementos do arsenal divino: "Do resplendor que diante dele havia, as densas nuvens se desfizeram, em granizo e brasas chamejantes". Talvez a saraiva seja, ela mesma, retratada como uma chuva de mísseis de fogo que cai sobre a terra em temerosa exibição de poder. O brilho nos faz lembrar do *relâmpago*, mas a tempestade descrita é divina, fracamente sugerida pelos elementos naturais da tempestade. Cf. Apo. 8.7 e 16.1 ss.

22.14

Trovejou o Senhor desde os céus. A tempestade celestial incluía o *trovão* de Yahweh, um ruído assustador que lançou o terror no coração de Seus inimigos. O paralelo está no Sal. 18.13. O poderoso trovão é a voz de Yahweh, que brada o grito de guerra. Aqui Ele é chamado de "o Altíssimo", o que corresponde ao paralelo.

Quanto ao *trovão* como a voz de Deus, ver Jó 37.4; 40.9; Sal. 29.3-9. Ver também o Sal. 68. O Targum diz aqui "Ele levantou Sua palavra", isto é, enviou Seu trovão a todos os lugares da terra.

22.15

Despediu setas. Setas também fazem parte do arsenal divino e, lançadas em um número prodigioso, espalham os inimigos de Deus, enquanto o relâmpago corisca ao redor, pondo em fuga a todos. O trecho paralelo é Sal. 18.14, não havendo diferenças substanciais nas duas versões do poema, neste ponto. Cf. Sal. 77.17,18 e 14.6. As armas de Deus "perturbaram, aterrorizaram e deixaram aflitos" os inimigos de Deus (John Gill, sobre o trecho paralelo).

O Deus da criação, por assim dizer, foi rearranjado por Davi. A natureza e a divindade vieram em Seu socorro. Houve uma "intervenção divina", da qual todos necessitamos ocasionalmente, quando as forças externas e internas se tornam demasiadas para nós.

22.16

As forças físicas terrenas reagiram diante da tempestade celestial. Os canais do mar foram vistos. O que está em pauta é o leito do mar ou das águas. A ira de Deus *desnudou* o que está por baixo das águas. O paralelo é o Sal. 18.15. Talvez estejam em vista águas se secando, ou forças tais que movem as águas para longe de seu curso natural. Talvez a alusão seja ao Mar Vermelho e ao milagre de Moisés ali, quando Israel escapou do Egito. Ver Êxo. 14.26 ss. e o capítulo 15, que encerra uma celebração poética dessa vitória.

*Quando Israel saiu de sua escravidão,
Jazia diante deles o mar;
O Senhor baixou Sua poderosa mão,
E afastou o mar.*

(H. J. Zellej)

Foram descobertos os próprios *fundamentos* da terra, e a terra não continuou servindo de obstáculo à limpeza divina. No artigo sobre a *Astronomia*, no *Dicionário*, illustrei aquilo em que os antigos hebreus acreditavam sobre tais coisas. Naturalmente, aqui as expressões são poéticas.

A *reprimenda* do Senhor vem através das chamas e da fumaça que saem de Suas narinas e Sua boca, conforme dito no vs. 9. O autor sagrado retrata os poderes divinos sob maneiras poéticas, assegurando que o homem bom conta com a proteção ativa de Yahweh. Há também aquele poder ofensivo que espalha os malignos e dá aos bons paz e vitória.

22.17

Aqui a figura, como é evidente, é Israel, tirado das águas que afogaram os egípcios. Esse julgamento foi terrível e fatal, mas Israel foi salvo. O paralelo está no Sal. 18.16. O texto diz aqui "tirou-me das muitas águas". Em nossa versão portuguesa, o paralelo concorda plenamente com isso. Talvez haja alusão à sal-

vação de Moisés, dentre as águas, para que ele pudesse cumprir sua missão (ver Êxo. 2.10), pelo que todos os homens bons estão igualmente protegidos de forças sinistras. Cf. Sal. 69.1,2. As águas referem-se aos ataques dos inimigos e a todas as formas de aflição e tristeza. O homem bom é, finalmente, libertado de tais desgraças, enquanto o ímpio *nelas* perece.

22.18

Um *inimigo* impossível de manusear, impossível de derrotar, fora derrotado pelo poder de Yahweh. O homem bom tem *recursos* desconhecidos pelos ímpios. Suas orações podem salvá-lo (vs. 7). O paralelo é o Sal. 18.17, virtualmente idêntico ao presente versículo. Davi tinha também muitos *inimigos* *impossíveis* de enfrentar. Em sua experiência houve muitos *Golias*, mas o poder salvador de Yahweh nunca lhe foi negado.

22.19

Davi teve de enfrentar muitos dias de *calamidades*; precisou vencer oito nações inimigas distintas (ver as notas expositivas em II Sam. 10.19). Mas quando a calamidade o ameaçava, o poder salvador de Yahweh estava presente. Yahweh era sempre o seu *amparo* quando as coisas fugiam de controle. O paralelo é o Sal. 18.18. Cf. Isa. 42.1. 50.7-9; 49.7,8. O Targum diz aqui: "A Palavra de Yahweh era meu suporte".

22.20

Trouxe-me para um lugar espaçoso. Davi foi retirado dos espinheiros, de lugares perigosos onde estava sujeito a golpes e corria perigo, para um *lugar espaçoso*, onde estava seguro e o inimigo não podia encantoná-lo. O paralelo é o Sal. 18.19. Não há diferenças substanciais nos dois versículos. Cf. Sal. 31.8 e 118.5. O adjetivo "espaçoso" contém a idéia de um lugar de amplo suprimento, de graças superabundantes e as bênçãos multiplicadas.

Yahweh deleitava-se em Davi, e *por essa razão* eram feitas por ele as coisas enumeradas neste poema. O *amor* de Deus é a fonte de todas as bênçãos. Esse amor é ativo, dando ao homem tudo aquilo de que ele precisa, mas também fazendo dele tudo quando ele deve ser, finalmente, para que o propósito divino possa ser cumprido. Yahweh amava Davi, operava nele, através dele e salvava sua vida por uma série de importantes razões. "... porquanto Davi era homem segundo seu próprio coração, em quem ele se deleitava" (John Gill, sobre I Sam. 13.14).

*As muitas águas não poderiam apagar o amor,
nem os rios afogá-lo.*

(Cantares 8.7)

22.21

Retribuiu-me o Senhor. O Coração de Davi Estava Certo. Ele era homem de guerras e matanças. Mas matava os inimigos de Yahweh, promovendo *guerras santas* (ver as notas expositivas em Deu. 7.1-5). Portanto, do ponto de vista daquela filosofia, ele possuía mãos limpas, embora elas tivessem derramado muito sangue. Era porque seu coração estava correto e suas mãos estavam limpas que Yahweh o abençoava, cuidando para que nenhum mal o atingisse, a despeito de ele ter de enfrentar inimigos formidáveis. Além disso, Davi seguia a justiça da lei, algo que seus inimigos não faziam. Seus pecados eram perdoados através de sacrifícios apropriados. Ele estava continuamente engajado no culto. O paralelo é o Sal. 18.20. "O livramento de Deus a Davi era seguido por Suas bênçãos, e recompensas divinas acompanhavam a retidão de Davi... os benefícios de Deus são obtidos nesta vida mediante a fiel perseverança na piedade. Ele guardava os caminhos de Deus (vs. 22), Sua lei (vs. 23) e Seus decretos (vs. 23) e refreava-se da iniquidade (vs. 24)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

Os intérpretes cristãos injetam aqui a justificação pela fé, lembrando que as bênçãos divinas não são recebidas por nós por causa do mérito humano. Isso é um anacronismo, entretanto. Davi conhecia muito pouco de tais conceitos. Suas esperanças firmavam-se na lei, que era a essência do judaísmo antigo.

22.22

Pois tenho guardado os caminhos do Senhor. Os caminhos do Senhor foram definidos pelas exigências da lei. Davi tinha o cuidado de realizar todos os sacrifícios e rituais prescritos. Ele havia estabelecido um novo tabernáculo em Jerusalém e (através de seu filho, Salomão) haveria de edificar o templo, que seria o centro do culto religioso em Israel. (Ver II Sam. 6.15 ss. e o capítulo 7.) Davi se mostrava zeloso pela lei, e através disso obtivera seu estado distintivo e abençoado. Sobre como a lei *dá vida*, ver Deu. 4.1 e 5.33. Quanto ao caráter *distintivo* de Israel, alicerçado essencialmente sobre a lei, ver Deu. 4.4-8.

Em contraste, os inimigos de Davi eram irremediavelmente ímpios, e nada sabiam sobre a lei e seus benefícios. Foi assim que aqueles homens malignos foram impedidos em suas tentativas de ferir a Davi.

O paralelo é o Sal. 18.21. Davi era um elemento conservador que seguiu todas as tradições dadas por Moisés. Ele não trouxe inovações, mas permanecia nos caminhos antigos. Nisso, segundo ele pensava, consistia a retidão. Yahweh *recompensou-o* por sua diligência em relação à lei e às tradições dos hebreus (vs. 25).

22.23

Porque todos os seus juízos... seus estatutos... Há várias maneiras de referir-se à lei. Este versículo encerra duas delas: *juízos* e *estatutos*. Ver sobre a tríplice designação da lei, em Deu. 6.1: *mandamentos*; *estatutos* e *juízos*. As diferenças que podemos fazer desses termos são exploradas naquela exposição. Os hebreus não seguiam nossa maneira artificial de separar a lei em aspectos morais e cerimoniais. Para eles, a lei *inteira* continha obrigações morais. Portanto, quer a lei dissesse "Faze isso", "Não faças aquilo" ou "Realiza este ritual", tudo era parte da moralidade, à qual Davi observava.

O paralelo é o Sal. 18.22, onde ofereço comentários adicionais.

... **me estão presentes.** Ou seja, estão continuamente em minha mente, são sempre observados, sempre praticados, fazem parte diariamente da minha mentalidade e dos meus pensamentos. Em outras palavras, Davi vivia saturado com a lei. Ele "se deleitava, respeitava, amava e tinha prazer na lei" (John Gill, no paralelo). Davi nunca se tornou culpado de negligenciar a lei. Ele nunca se afastou da lei, a rejeitou ou negligenciou. Seu zelo nunca falhou nem diminuiu de intensidade.

22.24

Também fui inculpável. Davi aplicava a lei a todos os aspectos e a todas as avenidas de sua vida, e assim era guardado de qualquer forma de iniquidade, permanecendo *inculpável* diante da presença de Yahweh. Entrementes, o poder divino mantinha Davi ativamente afastado dos pecados que, de outra sorte, ele teria cometido. O paralelo é o Sal. 18.23. Ele era "reto no coração e na conversação, sendo sincero e fiel" (John Gill, no paralelo).

Davi não mencionou aqui todos os grandes pecados que ele havia cometido e devido aos quais havia sofrido tão longa série de punições divinas (o caso de adultério com Bate-Seba e o assassinato de Urias). Mas esses pecados também foram expiados pelos sacrifícios apropriados. Seja como for, essas infrações e desvios sérios não eram parte *característica* de Davi, e ele, no presente poema, refere-se ao que era geralmente peculiar à sua vida.

22.25

Este versículo refraseia o vs. 24. O paralelo é o Sal. 18.24. Temos aqui, simplesmente, "a minha pureza", em contraste com o paralelo, que diz "a pureza das minhas mãos". Ou seja, as mãos de Davi não foram sujas por atos sujos de violência, crimes, más obras etc. A retidão de um homem ocorre "diante dos seus olhos", o que se refere ao escrutínio divino e ao julgamento devido.

*Os olhos do Senhor repousam sobre os justos,
e os eus ouvidos estão abertos ao seu clamor.*

(Salmo 34.15)

22.26

Está em vista aqui a lei da colheita segundo a sementeira. Ver no *Dicionário a Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira*. Só Deus pode ser o Juiz apropriado. Sua misericórdia estende-se aos misericordiosos; a justiça divina recompensa os que são verdadeiramente justos. O paralelo é o Sal. 18.25. Os intérpretes cristãos continuam insistindo, conforme fazem ao longo deste poema, em que a justiça de um homem não pode ser a sua própria justiça, e que Deus não recompensa a retidão humana; essas observações, contudo, são anacrônicas. Davi estava falando sobre a retidão da lei, conforme se vê nos vss. 22 e 23. Tendo sido cuidadoso em todas as questões de lei e rituais, conforme prescrito por Moisés, Davi não tinha dúvidas sobre a sua retidão e esperava o favor divino por causa do que ele era e fazia. Jesus enfatizou que a vontade misericordiosa receberá misericórdia da parte de Deus (ver Mat. 5.7 ss.). A recompensa do puro é a plena revelação de Deus. Desse modo, a doutrina foi elevada a um plano superior. Ver sobre *Visão Beatífica* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Cf. este versículo com Isa. 53.10-12; João 17.4,5; Fil. 2.9,10. As verdadeiras bênçãos são divinamente administradas e dadas especificamente através do Filho. Deus torna-se tudo para todos (ver I Cor. 9.22).

22.27

Aquele que é puro de coração tem uma visão divina especial (ver Mat. 5.8). Ver este versículo anotado (*in loc.*) no *Novo Testamento Interpretado*, onde as explicações são abundantes. Aqui a *pureza humana* é fomentada pela santidade divina, e a recompensa é que isso toca em todos os aspectos da vida humana. Ver no *Dicionário sobre Santidade*. O homem *perverso*, em contraste, deve enfrentar o desprazer e a reversão divina e, assim, cumprir-lhe humilhar-se e ser esmagado.

O paralelo é o Sal. 18.26. Ofereci alguns comentários suplementares nas notas sobre o Salmo 18. Cf. esta parte do versículo com Sal. 32.5,20; Mat. 17.17; Lev. 26.27,28. Existe aquela "verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (João 1.9). Mas a perversidade humana é capaz de bloquear a luz. Deus, contudo, é persistente, e assim, afinal, a luz brilha sobre os ímpios (Isa. 9.2). Dessa forma, em um sentido bem real, a Luz de Cristo vence todas as trevas, operando *restauração* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Não obstante, amargos juízos seguem-se nas veredas dos que resistem à luz e preferem andar em caminhos perversos. Ver sobre *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, no *Dicionário*, quanto ao *modus operandi* desse juízo.

22.28

Prossegue aqui a interação entre o humano e o divino. O divino encontra-se com o humano. Os aflitos (por causa da justiça, os que são esbofeteados no mundo) são *libertados* de suas aflições. Ver Mat. 5.4,10,11 quanto a idéias paralelas no Novo Testamento. O paralelo é o Sal. 18.27. Os humildes são exaltados, mas os arrogantes são humilhados, um conceito comum tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Ver Isa. 2.11. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Humildade*.

"... ele derrubará olhares altivos ou homens orgulhosos... a esses ele aborrece, resiste a eles, lança-se contra eles, espalha e destrói" (John Gill, sobre o Sal. 18.27).

22.29

A iluminação pertence aos justos. Ver sobre essa palavra no *Dicionário*.

Ó Mestre, deixa-me andar Contigo,
Em veredas humildes de serviço livre.
Conta-me Teu segredo, ajuda-me a suportar
A tensão da labuta, a preocupação dos cuidados.

...
Em uma esperança que envia um raio brilhante,
Pelo caminho alargado futuro a dentro.

(Washington Gladden)

Lidera-nos, ó Pai, pelas veredas da retidão;
Cegamente tropeçamos quando andamos sozinhos.

(William Henry Burleigh)

O paralelo é o Sal. 18.28. Cf. Sal. 27.1. Ali, Deus *acende a candeia* do homem justo. Na versão do poema em II Samuel, Deus é a *lâmpada* do homem. Seja como for, Deus é Luz e envia luz. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Luz*, *A Metáfora de e Luz*, *Deus como*, onde há abundantes materiais ilustrativos.

Mat. 5.14 mostra-nos que homens iluminados tornam-se, eles mesmos, luzes neste mundo escuro. João 1.9 mostra-nos que o Logos, na missão de Cristo, é a luz do mundo e ilumina todos os homens que vêm a este mundo. Ver a explicação sobre esse versículo no *Novo Testamento Interpretado*.

22.30

Os justos são capazes de feitos prodigiosos por causa da ajuda divina de que desfrutam. Um homem no campo seria morto por uma tropa de soldados opositores, mas o homem justo pode *atravessar* isso sem sofrer nenhum dano. Um ímpio seria apanhado por seus perseguidores, mas o justo pode saltar sobre uma muralha e sair em segurança. Ou então, se ele estiver atacando, pode saltar sobre uma muralha e entrar em batalha com seus adversários. A Revised Standard Version diz "esmagar uma tropa". Contra grandes possibilidades, um homem poderia obter notável vitória, a despeito dos números envolvidos.

O paralelo é o Sal. 18.29. Alguns interpretam as palavras "desbarato exércitos" como "ponho em fuga grande número de homens". Assim sendo, Davi perseguiu as tropas de Ziclague (I Sam. 30.8). Os autores judeus dizem-nos que a raiz da palavra envolvida aqui é "quebrar", pelo que a Revised Standard Version provavelmente está correta com sua idéia de "desbaratar". Assim disseram Kimchi e Ben Melech. Apolinário chamou de "salto sobre a muralha" o ato de subjugar

cidades fortificadas. Jarchi aplicou esse versículo ao fato de que Davi conquistou a fortaleza de Jerusalém, pertencente aos jebuseus. A referência primária é a uma guerra literal. Os *soldados* de Yahweh eram favorecidos nas guerras, mesmo que fosse uma *guerra santa*, que indicava a total obliteração do inimigo (ver as notas sobre Deu. 7.1-5; 20.10-18). A aplicação secundária é como o homem justo vence todos os conflitos da vida, como obtém triunfo pela graça e pelo poder divino.

22.31

O *Ajudador* é perfeito tanto em si mesmo como em Seus caminhos. Sua Palavra fora submetida a teste e provada perfeita e imperecível. O Senhor (Yahweh) é o *escudo* do homem justo. Ver o vs. 3 quanto a explicação para a *metáfora do escudo*.

O paralelo é o Sal. 18.30, onde há comentários adicionais com base em outras fontes. Na presente exposição, listo e discuto as *diferenças* entre as duas versões do poema.

Deus nunca se equivoca. Seus atos são justos, e o caminho que Ele toma é sempre correto. Em contraste, o homem esforça-se por encontrar um caminho e mesmo assim incorre em muitos equívocos.

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Perfeito, Perfeccionismo*. Somente Deus é perfeito, e a perfeição, aplicada a qualquer pessoa ou a qualquer coisa é uma forma de idolatria. A perfeição é um dos atributos divinos. Ver no *Dicionário* o artigo *Atributos de Deus*. O verdadeiro Deus mantém *todos os Seus atributos* em perfeito grau e estado. Tomás de Aquino fez da *perfeição última* uma prova da existência de Deus. Quanto às coisas menores, *graus* de perfeição podem ser vistos, o que sugere a Perfeição Final, e nessa sugestão encontramos uma prova racional da existência de Deus. Este é o argumento chamado *axiológico*, ou seja, com base no *valor*. Ver no *Dicionário* o verbete *Deus*, V.5, quanto a uma discussão. Todos os valores sugerem valores finais.

A palavra do Senhor é provada. Algumas traduções, como a King James Version, dizem aqui "a promessa de Deus". As promessas representam parte da Palavra de Deus. Tal como um calor extremo refina metais preciosos, isto é, "submete-os a teste", assim também todas as promessas de Deus têm sido testadas e provadas fidedignas e verazes. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Promessa*.

Porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o
sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus,
por nosso intermédio.

(II Coríntios 1.20)

22.32

Pois quem é Deus senão o Senhor? Em hebraico ele é *Elohim*, um plural de glorificação. Somente Deus é *El* (poder). É também *Yahweh*, o Deus eterno. Ele é a nossa *Rocha*, conforme discutimos no vs. 2. Ver no *Dicionário* os verbetes denominados *Deus* e *Deus*, *Nomes Bíblicos de*. Somente o único e verdadeiro Deus é uma Rocha para os que Nele confiam. Outros homens, que confiam nos *deuses*, acham-se sobre a areia movediça.

O paralelo é o Sal. 18.31, onde são oferecidas anotações adicionais.

Rochado. Para termos abrigo e proteção; ou para confiar e edificar sobre Ele; em quem temos vida eterna e salvação. Os deuses falsos são rochedos. Assim Apolo de Delfos é chamado de rochedo delfiano (Sophocles Oedipus, vs. 272)" (John Gill, sobre Sal. 18.31). Ver a exposição sobre vs. 2, quanto a detalhes sobre a *metáfora do rochedo*.

Repetições vieram à mente do autor conforme ele foi desenvolvendo o seu tema. Assim, *Elohim*, o Todo-poderoso, é o mesmo Deus *Yahweh* dos hebreus. Dessa maneira são repetidos os dois nomes divinos ao longo do poema.

22.33

Deus é *El* (ou *Elohim*), o Deus de Poder, que dá forças aos homens que Nele confiam. Tornar perfeito o caminho de um homem diante dos olhos divinos faz parte do Seu labor.

O paralelo é o Sal. 18.32. Ali Deus é visto a *envolver* o homem com a Sua força. Aqui Deus é a fortaleza do homem. O vs. 40 da atual versão do poema abriga a idéia do *envolver com forças*. Ver Efé. 6.14. O cinto de envolvimento é a *verdade*.

Um homem punha o cinto para entrar na guerra. Ver o vs. 40 quanto a uma exposição mais completa sobre o assunto. Um homem tem uma cidade fortificada como proteção. Termos militares são usados aqui porque Davi precisava de forças para derrotar todos os seus inimigos (todos os *oito adversários*, ver II Sam. 10.18). Mas também podemos aceitar metaforicamente os termos.

*Deus é nosso refúgio e fortaleza,
Socorro bem presente na angústia.*

(Salmo 46.1)

Cf. I Sam. 2.4; Sal. 80.17 e 89.21.

22.34

Velocidade e agilidade são vantagens importantes na batalha, e a vida de um homem pode depender dessas qualidades. A *corça* não é um animal poderoso, mas é ligeiro e ágil.

Nas minhas alturas. Ver no *Dicionário* essa expressão. Os cultos religiosos eram conduzidos em tais lugares, que freqüentemente caíam na idolatria. Mas o versículo presente não se refere a esse tipo de lugar alto. Antes, estão em foco as torres e fortificações nos lugares altos; cidades fortificadas, edificadas sobre as colinas, que eram difíceis de atacar. Cf. Hab. 3.19 e Isa. 33.16 quanto a aplicações espirituais.

O paralelo é o Sal. 18.33, onde comentários adicionais são oferecidos.

*Os altos são das cabras montesinhas
e as rochas o refúgio dos arganazes.*

(Salmo 104.18)

*Elevo os meus olhos para os montes;
de onde me virá o socorro?
O meu socorro vem do Senhor.*

(Salmo 121.1,2)

22.35

Ele adestrou as minhas mãos para o combate. O homem forte, o matador, com braços de aço, o homem capacitado a usar o arco, a espada e o dardo, esse era o vitorioso na hora do teste. Davi deu a *Yahweh* o crédito por tê-lo tornado o homem de guerra que ele era.

O paralelo é o Sal. 18.34. Alguns intérpretes vêem nesse versículo um *texto de prova* que justifica a guerra. "... a guerra, em alguns casos, é legítima. Toda a habilidade, a arte de treinar homens para a guerra, o uso da armadura, a reunião de tropas, o lançar cercos etc., tudo vem de Deus" (John Gill, *in loc.*). Naturalmente é isso o que os hebreus pensavam quando promoviam o aniquilamento associado à *guerra santa* (ver as notas expositivas sobre Deu. 7.1-5; 20.10-18). Em tempos mais *civilizados*, foram inventadas armas de guerra mais poderosas, e os homens continuavam a falar em "guerras justas" e até em "guerras santas". Maior espiritualidade ocorreu quando tais conceitos, que pertenciam ao homem primitivo, começaram a emergir.

Um arco de bronze. Algumas versões falam aqui em arco de ferro ou aço. Kimchi e Ben Melech disseram, aqui "aço", mas Apollinarus preferiu o "bronze". O Targum, por sua vez, diz "aço". Cf. Jó 20.24. Os braços dos guerreiros ficavam tão fortes, devido ao exercício e às artes guerreiras, que pareciam feitos de aço ou bronze. A King James Version fala em braços tão fortes que eram capazes de *quebrar* um arco de aço. Mas a Revised Standard Version, tal como a nossa versão portuguesa, fala de braços fortes o suficiente apenas para vergarem os formidáveis arcos de metal usados para atirar flechas. Um homem comum não seria forte o bastante para usar um arco de metal. Teria de apelar para um arco feito de madeira.

22.36

O escudo. A principal arma de defesa era o "escudo", que já havia entrado no texto no vs. 3, onde damos as notas expositivas a respeito. Aqui o escudo é chamado de "escudo do teu salvamento". O vs. 3 é similar, mas ali aparece com a forma de "a força da minha salvação". Paulo (ver Ef. 6.16) faz do "escudo" uma representação da *fé*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escudo*.

O paralelo é o Sal. 18.35. Além do escudo, que anula as armas ofensivas dos inimigos, há a intervenção direta do *braço direito* de Deus. Em meio a isso tudo, temos a estranha observação (e, aparentemente, fora de lugar) de que é a clemência de Deus que torna grande um guerreiro. Mas a Revised Standard Version tem a frase mais provável: "eles me ajudam a ficar grande", tornando a segunda parte do versículo um paralelo da primeira. Deus salva através de Seu escudo; Deus dá poder para a vitória por meio de Sua *ajuda*. A palavra em questão (clemência ou ajuda) pode significar "tua resposta", ou seja, a ajuda dada por causa da *oração*, da qual já tratamos no vs. 7. O homem em batalha, em perigo de perder a vida e ansioso por obter a vitória, estava sempre invocando a Deus. Coisa alguma é mais comum nas descrições de guerra, gregas e latinas, do que

homens que pedem a seus deuses ajuda em meio à batalha. Assim o *sucesso* na batalha quase sempre se devia à intervenção dos deuses.

Há uma paráfrase no caldaico, que diz "tua espada me aumentou". O rabino Jonah relaciona essa parte do versículo à *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*).

22.37

Em meio a uma batalha, um homem podia sofrer um escorregão do pé e dar vantagem ao inimigo que o estava atacando. Mas é *Yahweh* quem firma os pés dos guerreiros, dando-lhe o *espaço largo* (Revised Standard Version) sobre o qual firmar os pés.

O paralelo é o Sal. 18.36. A versão portuguesa diz ali: "Alargaste sob meus passos o caminho". Com a ajuda divina, o guerreiro nunca é apanhado em um lugar estreito ou difícil. É livre para mover-se e lutar. Pode acabar cercado, mas sempre acha um caminho para escapar. Cf. Sal. 31.8 e Pro. 4.12. Um guerreiro pode estar em lugares escorregadios, mas seus pés são mantidos firmes pelo poder de Deus. "Os meus pés não resvalam." Cercado por touros e cães (inimigos formidáveis), no perigo de enterrar-se no charco, sempre haverá provisão divina para impedir o desastre. Cf. Sal. 22.22,16 e 69.2. Cf. o vs. 19 quanto a sentimentos similares.

22.38

Protegido de todas as vicissitudes da batalha, o vitorioso guerreiro de *Yahweh* era capaz de pôr em fuga os seus adversários e persegui-los com insistência. Algumas vezes, a batalha ficava crítica. O homem bom poderia ser morto em meio à refrega. Mas de súbito *Yahweh* daria a vitória, e os inimigos bateriam em retirada, correndo para escapar com vida.

O paralelo é o Sal. 18.37. A *perseguição* seria tão determinada e bem-sucedida que os inimigos seriam totalmente obliterados, de modo que não sobreviveriam por mais um dia. Ver I Sam. 30.8,10, que fala da vitória de Davi sobre os amalequitas, quando essas palavras foram compostas. Davi tinha muitos inimigos que não tiveram melhor fim que essa gente, pelo que esses inimigos foram aniquilados ou confinados, ao passo que Davi entregou a seu filho e sucessor, Salomão, um reino que essencialmente desfrutava paz.

22.39

Acabei com eles. O caráter definitivo da vitória aparece aqui. Quando Davi perseguia seus inimigos, poucos dentre eles escapavam. Ele *destruía exércitos*, e não meramente ganhava vitórias. Ele não recuava (vs. 38), enquanto seus inimigos não fossem aniquilados (vs. 39).

O paralelo é o Sal. 18.38. Os *pés* de Davi os esmagavam, uma metáfora que indica vitória total sobre um povo *humilhado*. O paralelo diz apenas "esmaguei-os...", eliminando as palavras iniciais "acabei com eles", embora fosse isso o que Davi fez quando os alcançou. Ambas as versões do poema, porém, falam do esmagamento sob os pés, a total obliteração do inimigo. Ver em II Sam. 8 uma ilustração de tal vitória. Ver também Sal. 110.6.

22.40

O Sal. 18.32 diz "o Deus que me revestiu de força". Seu paralelo é II Sam. 22.33, onde o leitor deve observar as notas expositivas. Ora, o vs. 40, da atual versão do poema, apresenta esse "envolvimento" com forças. O paralelo, Sal. 18.39, reitera a idéia do cinto de forças. Em Ef. 6.14 o cinto significa a "verdade". Quanto a amplas explicações, ver a exposição sobre esse versículo no *Novo Testamento Interpretado*. Esse simbolismo se alicerça em Isa. 11.5, onde a verdade também é retratada como um cinturão. O *cinto* não era apenas um adorno do soldado. Passado ao redor da cintura, na extremidade inferior do peitoral, também era usado para sustentar a espada e a combinação das peças da armadura, segurando-as em seu devido lugar.

Os atacantes do bom guerreiro não tinham chance de fazer-lhe mal, porque a *ajuda divina* operava em favor dele. Os inimigos eram subjugados sob os pés do bom guerreiro, sendo assim reiterada a expressão do vs. 39. Cf. Sal. 110.1, onde se lê: "Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés".

22.41

O *inimigo, totalmente derrotado*, jazia agora prostrado no solo, pisado no pescoço, uma brutalidade que indicava morte mediante tortura. Dessa forma, os *odiadores* eram odiados e derrotados.

O paralelo está no Sal. 18.40. Os que *fugiam* voltavam as costas para o perseguidor, e é isso que diz o Salmo, ao referir-se ao pescoço. Ver Jos. 7.8. A Revised Standard Version, à semelhança da nossa versão portuguesa, tem o mesmo texto do Salmo 18. Cf. Jer. 18.17 e Sal. 21.12.

22.42

Mas ninguém lhes acudiu. Sua busca por aliados era inútil, e eles chegaram a clamar a Yahweh, pedindo ajuda na hora do desespero; mas não obtiveram proveito. Perceberam todos miseravelmente na presença de Davi. A fuga deles fora inútil, e suas orações de desespero cairam por terra sem alcançar os ouvidos de Yahweh.

O paralelo é o Sal. 18.41. II Samuel diz "olharam", ao passo que o salmo diz "gritaram". Houve uma busca inútil por aliados e gritos vão aos que poderiam ajudar. Eles olharam em agonia e clamaram em angústia, cenas de matança e morte. Jarchi fá-los clamar aos seus ídolos, o que, sem dúvida, aconteceu em alguns casos. Saul clamou futilmente a Yahweh (ver I Sam. 18.6), porquanto é assim que Deus trata com os réprobos. Ver Pro. 18.28 e Zac. 7.13.

22.43

Espancamentos, golpes, esmagamentos, tudo em meio à violência e ao ódio, à mutilação de corpos humanos nas guerras antigas — é isso que é descrito aqui. Agora deixamos às bombas e aos canhões fazer o trabalho sujo.

O paralelo é o Sal. 18.42. Temos aqui o "pó da terra". Mas no Salmo 18 temos "pó ao léu do vento", tudo o que se refere ao aniquilamento cabal dos inimigos. Mas de fora ficam as palavras do Salmo 18: "como a lama das ruas os amassei", substituídas por "lançei-os fora como a lama das ruas".

"É descrita aqui a destruição das quatro monarquias, aquela imagem feita de ferro, barro, bronze, prata e ouro, quebrada em pedaços e transformada na poeira das eiras do verão, transportados pelo vento, para que não se achasse mais o seu lugar (ver Dan. 2.35)" (John Gill, falando sobre o Salmo 18).

Foram reduzidos a pó como a lama nas ruas, sem valor algum. Ninguém se importou com eles. Ver Isa. 10.6 e Miq. 7.10.

22.44

E me fizeste cabeça das nações. A *Dupla Vitória*. Davi foi libertado dos conflitos internos de Israel, a despeito das rebeliões que surgiram, incluindo a revolta encabeçada por seu próprio filho Absalão. Assim diz o texto hebraico, mas na primeira cláusula a Septuaginta fala em "povos". Nesse caso (se assim dizia o texto original), a segunda cláusula, "me fizeste cabeça das nações", é paralela à primeira. Davi subjugou dez povos, aniquilando-os, confinando-os ou submetendo-os ao pagamento de tributos. Ver sobre isso em II Sam. 10.19. Dessa maneira, ele obteve paz interna e externa, e foi capaz de entregar a seu filho, Salomão, um reino unido. Mas logo esse reino unificado se despedaçou, devido à rebelião de Jeroboão. O norte separou-se do sul, e os dois reinos, até hoje, não foram reunidos, estando destinados a unir-se de novo por ocasião do milênio. Ver Isa. 11.13.

O paralelo é o Sal. 18.43. É provável que Davi seja um tipo de Cristo quanto a esse ponto: todos os povos lhe estavam sujeitos (ver Fil. 2.10). Mas no caso do Rei-Messias, a sujeição visa o próprio bem deles, para que o Logos se torne tudo para todos (ver Efé. 1.10), quando finalmente efetivar-se o *mistério da vontade de Deus* (ver sobre isso no *Dicionário*). O destino de Israel dependia da vitória absoluta de Davi, e o bem de todos os homens depende da vitória absoluta de Cristo, o cumprimento de todas as suas três missões: na terra; no hades e nos céus. Ver sobre *Missão Universal do Logos (Cristo)*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver Isa. 54.4,5 e Efé. 4.8-10.

Em II Samuel Davi foi conservado como cabeça das nações. Em Sal. 18.43 ele foi "feito", mas ambas as coisas apontam para a mesma circunstância, embora de maneiras levemente diferentes.

22.45

Os estrangeiros. Eles tinham ouvido a marcha incansável de Davi e vieram a ele clamando, ansiosos por entrar em acordo ou simplesmente oferecendo-se para pagar-lhe tributo.

O paralelo é o Sal. 18.44. Eles louvaram sua captura proferindo palavras falsas, porquanto sabiam que Davi podia esmagá-los num instante. Eles lhe prestaram "uma obediência fingida, ver Sal. 66.3... alguns habitantes prontamente se submeteram, mas outros apenas fingiram, mediante o temor, e forçados a fazê-lo por um poder superior" (João Gill, sobre os Salmos).

22.46

Sumiram-se os estrangeiros. Na Revised Standard Version, eles "perderam a coragem". E, não tendo lugar de segurança no qual confiar, chegaram clamando de seus esconderijos e submeteram-se a Davi antes que ele o encontrasse e os esmagasse. Eles saíram ao ar livre pedindo misericórdia.

O paralelo é o Sal. 18.45. Na primeira cláusula, a King James Version, em II Samuel, apresenta "sumiram-se os estrangeiros", como as folhas de outono, quando elas caem e perecem, terminado o seu dia, e eles foram exterminados e reduzidos a nada. Ver Jud. 12. A segunda cláusula tem sido interpretada por algumas autoridades judaicas como se os inimigos tivessem ficado aleijados, injuriados e

tropeçando sozinhos, por estarem feridos e por terem correntes presas às pernas, sendo tangidos em meio a grande opróbrio. E foram tirados de seus esconderijos em condições assim vergonhosas.

22.47

Yahweh é o Deus Eterno (conforme o nome dá a entender) e também é o *Deus Vivo*. Cf. Deu. 5.26; Jos. 3.10; Sal. 42.4; Jer. 10.10; Dan. 6.20; Mat. 26.63; Atos 15.15; Rom. 9.26; I Tes. 1.9; Heb. 3.12; Apo. 7.2. Os ídolos eram deuses mortos, e não ouviam, nem respondiam, nem ajudavam. Em contraste, o Deus vivo é uma ajuda sempre presente em tempos de tribulação (ver Sal. 46.1). Deus é a fonte de toda a vida; em outras palavras, Ele não pode não existir. Sua independência é um de Seus atributos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Atributos de*, e também o artigo geral sobre *Deus*. Em Cristo, esse tipo de vida é dado a Cristo, porquanto ter a vida eterna é ter o próprio tipo de vida de Deus, e não meramente existir para sempre. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Vida Eterna*. O Pai tem "vida em Si mesmo", auto-existência, vida independente (João 5.26; ver sobre esse versículo no *Novo Testamento Interpretado*). Essa vida ele dá ao Filho, e através Dele aos filhos de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos intitulados *Ser Necessário e Independência de Deus*.

O Deus Vivo vive para ajudar aos outros. Isso é o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus recompensa, pune e intervém; Ele não se divorciou do universo, conforme ensina o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*).

Rocha. Esta é a terceira vez em que esse tema é repetido no poema. Ver 22.2 (onde é dada a exposição) e, novamente, no vs. 32.

O paralelo é o Sal. 18.46. O Deus Vivo também é o Salvador. Ele exerce o Seu poder em favor de outros. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação*. No presente contexto, está em foco a salvação temporal (livramento dos inimigos), e não a salvação da alma. Mas alguns intérpretes vêem aqui as duas coisas. "Deus era o Deus de salvação em um sentido temporal, livrando-o de seus muitos inimigos; e em um sentido espiritual, por ser o Planejador, Autor e Aplicador da salvação. Ele atribuía o total da salvação a Ele" (John Gill, sobre o Salmo 18).

22.48

O Deus Vivo, a Rocha, o Deus teísta, o Deus eterno, Yahweh, é Aquele que tinha aplicações práticas na vida de Davi. Também era o Vingador que operava contra os inimigos de Israel a fim de que os elevados propósitos para a nação se tornassem eficazes. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vingança*.

Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor.

(Romanos 12.19, citando Levítico 19.18, Provérbios 24.29 e Deuteronômio 32.35)

O paralelo é o Sal. 18.47. "Vingança particular não deve ser exercida por ninguém. A vingança pública contra os delinquentes pode ser exercida pelos magistrados civis, a quem Deus conferiu poder e autoridade (Rom. 13.4) (John Gill, sobre o Salmo 18). Cf. Isa. 61.2 e 63.4. A vingança de Deus garantia a vitória de Davi sobre todos os seus oito inimigos (ver II Sam. 10.19), e isso consolidou seu reino (ver II Sam. 22.45,46).

22.49

Este versículo é uma espécie de *sumário* sobre como Davi foi libertado de todos os seus inimigos. Davi reconhecia, em todas as batalhas e vitórias, a mão divina, a ajuda que Deus lhe dava. A violência era derrotada pela violência. Os que se elevavam acima de Davi viam-no subir mais e mais, enquanto eles eram subjugados e humilhados.

O paralelo é o Sal. 18.48. Davi tinha inimigos internos e externos: Saul, Abner, Is-Bosete e até um de seus filhos, Absalão. Além disso, havia todos aqueles povos violentos que constantemente assediavam Israel, as oito nações cananéias que ele derrotou (ver II Sam. 10.19).

22.50

Uma vitória universal exigia "cânticos do mais elevado louvor":

*Correntes de misericórdia, incessantes,
Requerem cânticos do mais elevado louvor.
Cá meu Ebenézer ergo,
Para ali chegar com Tua ajuda.*

*E espero que por Teu bel-prazer,
Seguramente chegarei no meu lar.*

(Robert Robinson)

Ver sobre *Louvor* no *Dicionário*.

O paralelo é o Sal. 18.49. Não somente Israel, mas também os povos conquistados, e quaisquer outros povos pagãos, ouviriam os cânticos de louvor de Davi. Este versículo foi citado por Paulo em Rom. 15.9, onde é anotado longamente no *Novo Testamento Interpretado*. No poema de II Samuel e no Salmo 18, a aplicação é a cânticos de louvor, ouvidos por aqueles que tinham sido derrotados e humilhados, confinados e sujeitos a tributos, bem como a “quaisquer outros” que poderiam querer ouvir falar nas glórias militares de Davi. Paulo faz uma aplicação evangélica universal a essas palavras: a salvação foi trazida aos pagãos. Cânticos de louvor à salvação outorgada por Deus devem ser ouvidos por todos os povos. As guerras de Davi eram feitas na paz do Messias. A destruição transformava-se em salvação. Os espezinados são levantados. Os derrotados são glorificados; os inimigos são transformados em filhos. Essa é a diferença que Cristo faz.

22.51

Um texto hebraico aqui diz: “Ele é a torre da minha salvação” (assim diz a King James Version). Outro texto diz: “Grandes triunfos dá Ele ao seu rei” (Revised Standard Version). Assim fala o texto em nossa versão portuguesa. Seja como for, a salvação de Deus oferece é exaltada. Novamente (conforme se vê no vs. 47), a salvação temporal pode estar exclusivamente em foco, porém alguns intérpretes vêem aqui tanto a salvação temporal quanto a salvação eterna. A salvação assemelha-se a uma torre que aponta para o céu, um lugar de vigiar inimigos que poderão atacar, um mecanismo de defesa.

O paralelo é o Sal. 18.50. Davi viu um poder de longa duração nos atos de Deus. Seu reino passaria a seus descendentes, mas somente no Rei-Messias, seu Filho distante, teriam cumprimento todas as provisões e promessas. A unção de Davi tinha de resultar na unção de Jesus, que era o Ungido (o Cristo). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Unção*. Cf. este versículo com Eze. 34.23,24; 37.24,25; Osé. 3.5. A misericórdia é eterna. Cf. Sal. 89.28.

“Este salmo é uma grande oferta de ações de graça de Davi pelas muitas misericórdias que ele recebera — uma completa e confiante expressão de sua confiança em Deus, sob todas as circunstâncias, e bem assegurada declaração de sua confiança nas promessas de Deus sobre a perpetuidade do seu reino, através da vinda Daquela ‘em quem todas as famílias da terra seriam abençoadas’” (Ellicott, *in loc.*).

Ver sobre *Pacto Davidico*, em II Sam. 7.4, e sobre *Pacto Abraâmico*, ao qual Ellicott se referiu, em Gên. 15.18. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Pactos*.

Capítulo Vinte e Três

Últimas Palavras de Davi (23.1-7)

O capítulo 22 apresentou um poema ou salmo que é, essencialmente, o Salmo 18. Agora segue-se outro poema, muito mais breve, mas dotado de eloquência própria. “Este poema muito tem em comum como os poemas da fonte informativa J, em Núm. 24, que pode ser tão antigo quanto o século X A. C. O texto está tremendamente corrompido, o que pode dever-se à antiguidade do poema” (George B. Caird, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

“A lista dos homens poderosos de Davi é antecédida por um breve poema (vss. 1b-7) intitulado “as últimas palavras de Davi”. Na primeira estância (vs. 1), Davi se identificou como filho de Jessé, o homem que “foi exaltado”, o “ungido do Deus de Jacó”, o “mavioso salmista de Israel”. Houve notável progresso desde o filho humilde de um cidadão comum de Belém até o maravilhosamente dotado rei de Israel, o que Davi atribuiu ao fato de ter sido escolhido e ungido pelo Senhor. Sua consciência de ser um *instrumento* de Deus é clara na segunda estrofe (vss. 2-4), onde ele reconhece que Deus lhe *falara*... Na terceira estrofe (vss. 5-7), Davi enfatizou sua atenção sobre o pacto davidico, através do qual Deus o escolheu e o abençoou. Deus fez a Davi uma promessa eterna” (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

23.1

Palavras de Davi. Este poema é chamado de *oráculo*, uma declaração divinamente inspirada sob forma poética. Ele representa as últimas palavras (poéticas) de Davi, conforme utilizadas neste livro, mas nenhuma comparação é feita com outras palavras que ele escreveu nos Salmos, muitas das quais sem dúvida vieram depois do presente poema. Até mesmo neste livro seguem-se outras pala-

avras de Davi, embora não sob forma poética. Por essa razão, alguns intérpretes pensam que essas palavras poéticas foram últimas em comparação com seus escritos poéticos inteiros, formando uma espécie de apêndice aos seus salmos. Outros estudiosos fazem essas “últimas palavras” serem suas últimas “declarações inspiradas” no livro de II Samuel, ou seja, palavras que formavam uma espécie de apêndice aos salmos. Seja como for, este poema não tem paralelo nos salmos, pois nunca fizeram parte daquela coleção.

O humilde menino pastor, filho de um homem relativamente desconhecido, foi exaltado pelo poder divino e feito rei em um período crítico da história de Israel. Ver a introdução a este capítulo para um desenvolvimento sobre o tema.

Ungido. Está em pauta a unção divinamente conferida (ver a respeito no *Dicionário*), que aponta para o Filho maior de Davi, o Rei-Messias, o qual haveria de confirmar o poder real da linhagem davidica e dar-lhe absoluta *universalidade*, por ser Ele o *Cristo*, o Ungido.

Mavioso salmista de Israel. De acordo com a opinião dos críticos, ele teria sido o autor da maioria dos salmos; mas, conforme a tradição hebraica e conservadora, ele escreveu todos os salmos. Seus escritos eram maviosos por serem deleitosos ao ouvido e consoladores ao coração. Suas composições também incluíam profecias messiânicas que confortavam os homens até o tempo de Cristo, falando da salvação e das bênçãos celestiais.

23.2

Inspiração divina é reivindicada pelo pequeno poema que se segue e, por extensão, pelos demais poemas que Davi compôs. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Inspiração* e *Espírito*. A inspiração foi reduzida à forma escrita, para que as pessoas tivessem acesso conveniente às mensagens e uma obra permanente para consultas posteriores. Davi foi contado entre os profetas. Ver Atos 1.16 e 2.30.

Davi tinha *consciência* de ser um instrumento do Espírito para comunicar mensagens vitais.

23.3

Este versículo reafirma a inspiração divina do poema, mas agora foi o Elohim de Israel que proveu essa inspiração. *El* aponta para poder. O poder divino produziu mensagens divinas para os homens.

Rocha. Quanto a este título de Deus, ver II Sam. 22.2. Quanto a maiores detalhes, ver no *Dicionário* os artigos *Rocha* e *Rocha Espiritual*. O refúgio e a força de Israel, o seu esconderijo, a sua fonte de poder, era o revelador. Ele era *El* (o Poder), Quem *governava* sobre os homens como verdadeiro Rei, postado por trás do rei Davi, para inspirá-lo enquanto ele escrevia. Seu governo se daria, afinal, através do Rei Messias, que continuaria a casa real de Davi. Ver sobre o *Pacto Davidico* em II Sam. 7.4, quanto a maiores detalhes. Cf. Jer. 23.5,6; Zac. 9.9. O Targum diz aqui: “um verdadeiro Juiz disse, que ele me apontaria como Rei, que é o Messias, que governará e governará no temor do Senhor”. Cf. Mat. 28.18-20.

No temor de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*. Está em pauta um temor real, mas também a reverência. Eis aí um grande poder para julgar, mas também sempre pronto a abençoar. Os reis inspiram temor porque tem o poder de agir. Quanto mais o Rei dos reis!

“É mediante o temor de Deus que Jesus Cristo governa o coração de todos os Seus seguidores! E aquele que não tem temor de Deus perante os seus olhos, nunca poderá ser um verdadeiro crente” (Adam Clarke, *in loc.*).

23.4

Elohim é a fonte de toda a vida e da própria existência, a bênção da vida diária e a esperança do homem quanto ao futuro. O poema apresentado por Davi enfatizou precisamente esses fatos.

*Ele brilha como a luz matinal,
Como o sol em uma manhã sem nuvens,
Que faz a terra verde resplandecer
após a chuva.*

(Nathaniel Micklem)

Toda a vida física depende do sol e da chuva. Por igual modo, toda vida espiritual depende de Deus como a Luz, bem como de Suas bênçãos espirituais, que se assemelham à chuva, dada em Sua misericórdia e graça. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Luz*, *A Metáfora da Luz*, *Deus como*. Ver também o artigo chamado *Chuva*.

OS TRINTA HOMENS VALENTES DE DAVI

Comparação de II Samuel 23 com I Crônicas 11

II Samuel	I Crônicas 11
Os Três Principais	
Josebe-Bassebete, filho de Taquemoni, o principal de três: vs. 8 Eleazar, filho de Dodô: vs. 9 Samá, filho de Agé, o hararita: vs. 11	Jasobeão, o hacmonita: vs. 11 vs.12 Omitido; talvez implicado nos vss. 15-19
Outros Especialmente Honrados	
Abisai, irmão de Joabe, filho de Zerua: vs 18 Benaia, filho de Joiada: vs. 20	vs. 20 vs. 22
Os Trinta	
Asael, irmão de Joabe: vs. 24 Elenã, filho de Dodô: vs. 24 Samá, o harodita: vs. 25 Elica, o harodita: vs. 25 Helez, o paltita: vs. 26 Ira, filho de Iques: vs. 26 Abiezer, o anatotita: vs. 27 Mebunai, o husatita: vs. 27 Zalmom, o aoíta: vs. 28 Maarai, o netofatita: vs. 28 Helede (Helebe), filho de Baaná: vs. 29 Itai, filho de Ribai: vs. 29 Benaia, o piratonita: vs. 30 Hidai, do ribeiro de Gaás: vs. 30 Abi-Albom, o arbatita: vs. 31 Azmavete, o barumita: vs. 31 Eliaba, o saalbonita: vs. 32 Bene-Jásen: vs. 32 Jônatas: vs. 32 Samá, o hararita: vs. 33 Aião, filho de Sarar: vs. 33 Elifelete, filho de Aasbai: vs. 34 Eliã, filho de Aitofel: vs. 34 Hezrai, o carmelita: vs. 35 Paarai, o arbíta: vs. 35 Igal, filho de Natã: vs. 36 Bani, o gadita: vs. 36 Zelege, o amonita: vs. 37 Naarai, o beerotita: vs. 37 Ira, o itrita: vs. 38 Garebe, o itrita: vs. 38 Urias, o heteu: vs. 39	vs. 26 vs. 26 Samote, o harorita: vs. 27 Omitido Helez, o pelonita: vs. 27 vs. 26 vs. 28 Sibecai, o husatita: vs. 29 liai, o aoíta: vs. 29 vs. 30 vs. 30 vs. 31 vs. 31 Hurai, do ribeiro de Gaás: vs. 32 Abiel, o arbatita: vs. 32 Azmavete, o baarumita: vs. 33 vs. 33 Bené-Hasém: vs. 34 Jônatas, filho de Sage: vs. 34 Omitido Aião, filho de Sacar: vs. 35 Elifal, filho de Ur: vs. 35 Omitido vs. 37 Naarai, filho de Ezbai: vs. 37 Omitido Mibar filho de Hagri: vs. 38 vs. 39 vs. 39 vs. 40 vs. 40 vs. 41

Observações:

1. O Número trinta tornou-se um termo técnico para indicar "os valentes", em quantidade indefinida. Diferenças nos nomes podem ser meras variações de soletração. Ao longo do caminho, quando alguns dos valentes foram mortos em batalhas, eram substituídos. O número, naturalmente, cresceu.
2. Joabe é mencionado nestas listas somente como irmão de Abisai e Asael, mas sabemos que ele era o mais valente de todos e tornou-se o general do exército de Davi durante seu reinado (ver II Sam. 5.6-10; I Crô. 11.5-8).
3. Adições em I Crônicas 11: Héfer, o mequeratita, e Aías, o pelonita (vs. 36); Joel, irmão de Natã (vs. 38); Zabade, filho de Alai (vs. 41); Adina, filho de Siza (vs. 42); Hanã, filho de Maaca, e Josafá, o mitanita (vs. 43); o mitanita (vs. 43); Uzia, o asteratita, e Sama e Jeiel, filhos de Hotão (vs.44); Jediael, filho de Siniri, e Joa, irmão de Jediael (vs. 45); Eliel, o maarita, Jeribai e Josavias, filhos de Elnão, e Itma, o moabita (vs. 46); Eliel, Obede e Joasiel, filhos de Zoba (vs. 47).

O governo de Davi haveria de trazer esses fatores a Israel, em consonância com a profecia de Natã (II Sam. 7). Alguns pensam que essas linhas dizem respeito a Davi e ao seu governo, mas isso é verdade apenas em um sentido secundário. Davi era luz e chuva para Israel, mas somente porque Elohim era Luz e Chuva. Alguns intérpretes cristãos fazem o versículo referir-se ao Messias. "... um governante que governa em justiça e no temor de Deus, ele é a luz e a glória de seu povo, tornando-os animados e confortáveis" (John Gill, *in loc.*). E também existe a Verdadeira Luz, a Estrela da Manhã, o Sol da Justiça. Ver é Osé. 6.3. Nele encontramos o dia do evangelho. Cf. Sal. 72.7 e Isa. 30.26. Ver Mal. 4.2 quanto ao Sol da Justiça.

23.5

Não está assim com Deus a minha casa? A casa de Davi permanecia pelo poder de Deus. Havia a ordenação divina, a predestinação a ser cumprida no Filho maior de Davi, o Messias. Para garantir que a vontade de Deus seria cumprida, o pacto davidico foi estabelecido. Ver plenas explicações sobre esse pacto em II Sam. 7.4, e ver o artigo geral sobre os Pactos, no *Dicionário*. Foi assim que a eternidade da casa de Davi foi prometida e será efetuada. Trata-se de uma obra do Deus Todo-poderoso, a saber, de Elohim (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*).

"Tudo está seguro relativamente ao meu sucessor espiritual, embora Ele ainda não tenha aparecido. O pacto está firme, e dará fruto no devido tempo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Algumas traduções e intérpretes dão à primeira cláusula o sentido de declaração, em lugar de interrogação. Nesse caso, Davi reconheceu que sua casa nada era, mas somente o pacto davidico (a ser administrado através do Messias) poderia ter alguma utilidade. Leia-se, pois: "Embora minha casa nada seja, contudo, Ele estabeleceu um pacto eterno". A idéia é que, apesar de a casa de Davi nada ser, contudo, através do pacto essa casa foi engrandecida. Portanto, Davi disse, por causa desse fato: "Não é grande a minha casa, por que Deus fez o pacto?".

23.6

Em contraste com Davi e sua casa, havia os oponentes da graça e do propósito divino, os filhos de Belial. É provável que, nesse estágio da teologia hebréia, Davi não estivesse contemplando um diabo pessoal com suas legiões de auxiliares demoníacos. Talvez fosse melhor traduzir (juntamente com a Revised Standard Version) simplesmente por "homens ímpios". Esses homens eram como espinhos inúteis, que precisavam ser lançados fora, porquanto ninguém podia tocar neles. Eram perigosos e tinham de ser eliminados. "Os ímpios prejudicam qualquer coisa que neles tocar, mas algum meio seria encontrado para seguramente pô-los fora do caminho" (Ellicott, *in loc.*). Dessa forma, homens ímpios não podiam impedir o propósito de Deus que operava através da casa de Davi. Ele foi capaz de vencer aqueles oito adversários pagãos (ver II Sam. 10.19) e acalmar toda a contenda interna que ameaçava a unidade de Israel, consolidando assim sua casa e o bem-estar de Israel.

"Uma metáfora baseada no ato de *sachar*. O trabalhador separa os espinhos com um instrumento de alguma espécie, ou com a mão protegida por um tipo de punhete ou luva. E então, ao chegar às raízes, ele as corta" (Adam Clarke, *in loc.*). "Os homens malignos, tal como os espinhos, serão jogados fora e consumidos pelo julgamento de Deus (cf. Mat. 13.30,41)" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

23.7

Mas qualquer para os tocar. Homens que têm de tocar os espinhos (homens malignos, vs. 6) devem ter proteção apropriada, um equipamento defensivo contra as picadas, bem como um equipamento ofensivo para destruir esses espinhos. A alusão é à ação militar, que era o que Davi sempre empregava para livrar a si mesmo e a Israel de seus inimigos. Assim como os espinhos eram *queimados* (ver Mat. 13.40,41), também o soldado de Yahweh deve queimar as cidades e consumir os inimigos a fogo, enquanto faz *guerra santa* contra eles (ver as notas em Deu. 7.5 e 20.10-18).

Os espinhos precisavam ser manuseados com ganchos de ferro, presos à ponta de uma lança ou cajado. Alguns intérpretes judeus viam no versículo uma profecia messiânica concernente à eliminação dos inimigos de Deus, mediante Seus terríveis julgamentos. Deus tem o equipamento apropriado para lidar com os espinhos. Pessoas espinhosas, como Saul, Abner, Absalão e Jeroboão, tinham de sofrer diante das habilidades de remoção dos soldados de Deus, e então seriam finalmente removidos pelo próprio Messias.

Feitos dos Maiores Guerreiros de Davi (23.8-39)

A seção à nossa frente verdadeiramente consiste em "sangue e entranhas", conforme uma expressão idiomática que fala em total destruição e violência.

Devemos lembrar que o *soldado individual* era muito importante em uma época em que não havia armas sofisticadas. Davi contava com temíveis e formidáveis heróis individuais em seu exército; e agora encontramos uma lista deles, com a breve descrição da inacreditável coragem e das coisas terríveis que eles (como indivíduos) eram capazes de fazer.

"Esta passagem é uma continuação de II Sam. 21.15-22. Ela é reproduzida em I Crô. 11.11-47, onde o texto está mais bem preservado" (George B. Caird, *in loc.*).

"A galeria dos heróis de Davi consistia em trinta e sete homens (vs. 39), os quais se distinguiram por poderosos feitos no serviço de Deus e de Israel, e, evidentemente, compunham as tropas de elite de Davi" (Eugene H. Merrill, *in loc.*). O trecho paralelo adiciona outros dezesseis nomes.

A Natureza da Lista:

1. *Joabe*, o maior de todos os heróis, não figura na lista. É impossível pensar que ele tenha sido propositadamente deixado de lado apenas porque, certa ocasião, causou a Davi alguma tribulação com seus atos unilaterais. Ele era o comandante-em-chefe do exército, e talvez o autor da lista pensasse que sua reputação era tão grande que dispensava qualquer menção especial. Joabe foi o principal general de Davi (ver II Sam. 20.23). Mas os dois irmãos de Joabe, Abisai e Asael, são listados (vss. 18 e 24). Somos informados de que eles eram irmãos de Joabe, pelo que seu nome é citado, embora desacompanhado de qualquer descrição.
2. *Três* principais generais são mencionados (vss. 8-17).
3. *Dois* subchefes, generais inferiores, são mencionados (vss. 18-23).
4. Então seguem-se outros trinta e dois nomes, e a lista mais longa deles aparece nos vss. 24-39.
5. Há diferenças na forma da escrita dos nomes, quando comparamos as listas de II Samuel e I Crônicas, mas usualmente se podem conseguir paralelos. A lista em I Crônicas é a mais longa, incluindo nomes de dezesseis outros guerreiros especiais. Alguns deles podem ter substituído nomes da lista de II Samuel, por terem sido mortos em batalha ou se terem retirado das ações militares.

23.8

Os nomes dos valentes de Davi. Ver a introdução, antes dos comentários gerais sobre a lista. Todos os nomes que aparecem na lista recebem artigos separados no *Dicionário*.

Josebe-Bassebete. Sob o comando de *Joabe* (que não é listado) agia esse homem, um dos *três* principais generais. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*. Ele era tão poderoso que, em certa ocasião, conseguiu matar, sozinho, 800 homens. E esse feito angariou para ele o primeiro lugar (após Joabe) na lista dos heróis de Israel. Ver I Crô. 11.11.

23.9,10

Eleazar. Ver sobre ele no *Dicionário*. Foi um dos *três* principais generais de Joabe. Ver a introdução a esta seção quanto à estrutura da lista. Não somos informados sobre quantos homens Eleazar matou, em nenhuma ocasião; mas ele foi um homem terrível e feroz, capaz de combater da manhã à noite, sem se cansar. Ele se distinguiu especialmente na ocasião descrita: quando os filisteus forçaram Israel à luta, de súbito, esse homem, *sozinho*, fez virar a maré da batalha, de modo que foi obtida grande vitória. Ele ficou com câibra na mão, mas isso não o deteve. Em vez das câibras, Josefo sugere que tanto sangue se juntou em torno de sua mão, braço e espada que a massa de sangue, endurecendo, fez a mão apegar-se à espada (*Antiq.* 1.7, cap. 12, sec. 4). Israel teve muitas batalhas contra os filisteus, e esta batalha particular só foi mencionada aqui. Ver I Crô. 8.4 quanto a variantes do nome desse homem. Ver também I Crô. 11.12, que é o trecho paralelo.

23.11,12

Samá. Ver o trecho paralelo em I Crô. 11.15-19, embora o nome deste homem não seja especificamente mencionado ali. Ele foi um dos *três* principais generais de Joabe. Ver sobre ele no *Dicionário*.

A semelhança de Eleazar, Samá também deteve uma retirada de Israel por seu feito singular, revertendo a maré da batalha. Isso sucedeu em Leí (ver no *Dicionário* o verbete a respeito). Foi outra daquelas batalhas contra os filisteus, mencionada especificamente somente neste texto. Yahweh recebeu o crédito por haver inspirado e ajudado Samá a fazer o que ele fez. Ver o artigo chamado *Guerra Santa*, nas notas expositivas sobre Deu. 7.1-5 e 20.10-18.

Era típico das nações antigas atribuir as vitórias na guerra aos seus deuses, e nós nos perguntamos até que ponto as guerras podem ser inspiradas por Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Guerra Justa, Critérios de uma*.

Deve-se entender plenamente que as terras perdidas nunca serão conquistadas de volta por apelos solenes ao bom Deus, nem pelas esperanças de qualquer Liga das Nações, mas somente pela força das armas.

(Adolfo Hitler, *Mein Kampf*)

Nós, por nosso lado, oramos para que Ele que nos dê a vitória, porquanto cremos que estamos com a razão. Por outro lado, os que estão no lado oposto também oram a Ele pedindo a vitória, crentes de que estão com a razão. O que Ele deve estar pensando de nós?

(Abraham Lincoln, em referência à Guerra Civil Americana)

Essa última citação torna-se mais memorável quando percebemos que a maioria das pessoas que oravam (1861-1865) compunha-se de evangélicos!

23.13

Os vss. 8-12 nos dão alguns poucos detalhes dos feitos heróicos dos três principais generais do exército de Davi que trabalhavam sob Joabe, o comandante-em-chefe. Agora ficamos sabendo que, desde o começo do exílio de Davi, quando ele fugiu de Saul, aqueles homens já serviam ao futuro rei de Israel.

Trinta. Este é um número arredondado. A lista tem trinta e sete nomes (vs. 39). I Crô. 11 adiciona dezesseis nomes, sem dúvida referindo-se, em alguns casos, a substituições dos homens citados neste capítulo. A palavra “trinta” poderia ter-se tornado uma espécie de termo técnico para indicar as “tropas de elite” que, originalmente, tinham sido cerca de trinta.

Adulão... Refaim. Ver sobre estes dois lugares no *Dicionário*. Talvez II Sam. 5.17 e contexto falem da batalha aqui mencionada.

E assim continuam os feitos dos grandes matadores. “Certamente as histórias, contadas na íntegra, comparar-se-iam aos contos dos cavaleiros do rei Artur. Houve certa feita um muito eficaz mestre de escola dominical que entretinha uma classe de rapazes com um curso de estudo bíblico em inglês que comparava os feitos de Davi e seus valentes guerreiros... com os atos heróicos de Robin Hood” (Ganse Little, *in loc.*).

Naturalmente, os escritos de Homero (a *Iliada*, a *Odisséia*) conferem-nos algo da mais eloquente literatura do mundo, embora fale, do começo ao fim, de matanças. Verdadeiramente, coisas nobres perdem-se no meio do sangue e das entranhas da guerra.

“Não quando Davi estava ali, fugindo de Saul (I Sam. 22.1), mas depois que se tornou rei, ocupado na guerra com os filisteus” (John Gill, *in loc.*). Ver Jos. 15.8 (e o *Dicionário*), quanto ao vale de Refaim.

23.14

Davi estava na fortaleza. Um lugar fortificado, o quartel-general de onde ele lançava seus ataques. Alguns falam na fortaleza de Sião, como Josefo (*Antiq.* 1.7, cap. 12, sec. 4). Mas outros preferem pensar na caverna de Adulão (I Crô. 11.15). A guarnição dos filisteus estava a cerca de 10 quilômetros de Jerusalém, no vale de Refaim.

O tempo era o da colheita do trigo, durante o verão (vs. 13). O paralelo deixa de fora esse detalhe, bem como a rocha (I Crô. 11.15), ou seja, algum lugar próximo à caverna de Adulão onde havia uma formação rochosa que favorecia a segurança das tropas de Davi.

23.15

Quem me dera beber água do poço. A *História da Sede de Davi*. Um pequeno mas notável acontecimento ocorreu no meio da confrontação entre Israel e os filisteus. Davi teve um súbito desejo de beber água do poço de Belém, que ficava localizado defronte de seu portão principal. Sem dúvida, o lugar era bem conhecido. “Davi estava cansado de beber da água empoçada dos tanques e anelou beber da água viva de sua fonte nativa. Mas quando a água do poço lhe foi trazida, o risco da vida envolvido fez a água transformar-se em sangue, aos seus olhos” (George B. Caird, *in loc.*). E o resultado disso foi que ele fez da água um sacrifício oferecido a Yahweh, e dela não bebeu.

“... era a estação do verão, quando prevalecia um tempo quente, e Davi estava com sede... a água do poço era excelente, sugeriu conforme Kimchi. Esse poço ficava a cerca de quilômetro e meio de Belém e atualmente é chamado de poço de Davi” (John Gill, *in loc.*). Somos informados que se tratava de um poço grande, com três bocas, ligeiramente fora da estrada, não distante do lugar onde Raquel fora sepultada.

23.16

Os três generais (descritos nos vss. 8-13) estiveram envolvidos no drama da água do poço de Belém. Isso lhes deu a oportunidade de mostrar ousadia e valor,

algo que os jovens anseiam por fazer. Foi assim que conseguiram penetrar, sem ser detectados, nas fileiras dos filisteus, chegaram a Belém e tiraram água do poço. Foi, de fato, uma água preciosa. De fato tão preciosa que só Yahweh a mereceu. Aos olhos de Davi, essa água se transforma em sangue, por causa do risco de vida envolvido na sua obtenção. Portanto, foi como sangue que a água foi vertida na presença de Yahweh, como sacrifício. O sangue e a gordura pertenciam a Yahweh, e Ele sempre obtinha a Sua porção em primeiro lugar (ver Lev. 3.17, quanto às leis sobre a questão). A água preciosa tornou-se assim uma libação (ver a respeito no *Dicionário*). “Gerson pensa que corria então a festa dos tabernáculos, quando era colhida a produção da terra. Grandes quantidades de água eram então tiradas e derramadas sobre o altar, algo feito para obter as bênçãos das chuvas anteriores. Ver João 7.37,38)” (John Gill, *in loc.*). Podemos ter certeza de que Davi orou a Yahweh através dessa oferta pelo sucesso na batalha contra os filisteus. Os intérpretes cristãos fazem questão de falar aqui sobre Jesus Cristo, a *água da vida*, João 4.10,11). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Água*, quanto aos sentidos simbólicos.

Conta-se uma história similar sobre Alexandre, o Grande, que recebeu água especial para matar a sede, mas que ordenou levá-la de volta, explicando que a quantidade era tão pequena para todas as suas tropas, que ele não haveria de beber sozinho (*Arriano*, livro vi).

23.17

A água era muito preciosa para ser usada meramente para matar a sede. Tinha sido obtida por um ato extraordinário de devoção e mordomia. Davi era semelhante a um grande imã que atraía a poderosa devoção de alguns, mas repelia a outros com igual energia. “Incontáveis vidas tinham sido sacrificadas para que possuíssemos nosso atual tesouro de verdades científicas, médicas, morais e filosóficas. Tudo quanto somos e temos são dons que muito custaram aos que nos têm servido fielmente, tanto quanto a Deus” (Ganse Little, *in loc.*).

“Não é isto sangue? Beberei o sangue desses homens? Não, o sangue irá para Yahweh como um sacrifício, sob a forma de uma libação.” Esses eram os sentimentos de Davi.

23.18

A breve história sobre a água tinha interrompido os relatos de matança morte. Agora o autor volta às histórias dos feitos das tropas de elite de Davi, os *trinta*.

Após os três generais principais, figuram dois subgenerais de especial nota. Ver a introdução (vs. 8) quanto a comentários sobre a estrutura da seção. Os dois subgenerais são descritos nos vss. 18-23.

Abisai. Era um dos dois subgenerais, irmão de Joabe, comandante-em-chefe do exército. Estranhamente, o próprio Joabe nunca é descrito. Talvez seus feitos fossem tão grandes e tão conhecidos que o autor sacro não deu detalhes sobre ele. Por outra parte (conforme supõem alguns), ele foi omitido propositalmente por ter causado um transtorno ocasional a Davi. “A omissão do nome de Joabe constitui a *ingratidão* coroadora de uma dinastia que devia mais a ele do que qualquer outro gênio militar, mas estava determinada a apagar o seu próprio nome do livro das lembranças. “Como os poderosos estão caídos” (1.19)” (Ganse Little, *in loc.*).

Ver o detalhado artigo sobre *Abisai* no *Dicionário*. Um de seus feitos heróicos não poderia mesmo ser esquecido. Em certa ocasião, ele conseguiu, sozinho, matar a 300 homens, e assim herdou um grande nome “além dos três que já tinham sido louvados”, e ocupou uma posição gloriosa, por assim dizer, próxima a deles.

Talvez, conforme explicou George B. Caird (*in loc.*), Joabe não tenha sido descrito porque pertencia a “uma classe por si mesmo”, sendo tão grande que não foi posto junto com homens menores. Por outra parte, o fato de que foi ele quem matou Absalão, o filho do rei (ver II Sam. 19.13), pode ter sido razão suficiente para deixá-lo fora da lista dos heróis de Davi. Além disso, houve sua infeliz passagem de lado para a facção errada, em uma disputa sobre o trono (ver I Reis 1.7). Não possuímos resposta para esse dilema. Cf. I Sam. 26.6-12 quanto a um feito similar de ousadia.

23.19

Ele era mais nobre do que os trinta. A King James Version diz aqui: “o mais honroso dos três”, o que faz de Abisai o mais honroso dos três principais generais. Mas os vss. 8-11 já tinham dado os três: Josebe-Bassebete, Eleazar e Samá. É possível que várias versões dessa seção existissem e, quando o editor as compilou, ele cometeu um descuido, mencionando três (entre os quais Abisai não foi contado), e então reconhecendo que o mesmo Abisai era maior do que eles. Mas algumas traduções (como a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa) falam em *trinta*. Porém, se preferirmos o texto mais difícil, ficaremos com os três. Talvez isso tenha sido alterado para *trinta* a fim de aliviar a contradição. Além disso, note-se que o próprio editor, desajeitadamente, tentou aliviar a contradição. Primeiramente

ele nos disse que Abisai era o mais honrado dos três, e em seguida diz que ele não alcançou a posição ocupada por aquele grupo seleto. Ou então devemos entender que ele era mais nobre do que os três, embora não pertencesse ao grupo. Mas o problema inteiro é solucionado pelo texto que diz: "Ele tinha mais renome do que os trinta", aparecendo em segundo lugar depois dos três primeiros.

Talvez o texto (desajeitadamente) queira dizer-nos que havia dois grupos de três heróis, os mencionados nos vss. 8-11, e então outro grupo, Abisai, Benaia e um terceiro homem, cujo nome não é fornecido. Essa explicação aliviará o problema, mas pode ser apenas imaginária. Não há como resolver o problema com certeza, nem é tão importante fazê-lo.

23.20

Benaia. Ver sobre ele no *Dicionário*. Era um grande matador de homens e feras, tendo chegado a duplicar o feito de Sansão, que matou um leão (vs. 20). Seu ponto forte foi matar anti-heróis especiais, em lugar de matar muitos homens ao mesmo tempo. Antes de ter matado o leão, ele matou os dois filhos de Ariel, de Moabe, um acontecimento notável, porque aqueles dois homens eram conhecidos como ferozes e formidáveis guerreiros, tal como Davi matou Golias. Benaia era o general da terceira divisão do exército de Davi (I Crô. 27.5,6) e obteve essa posição por sua ousadia e feitos. Também era o comandante dos quereteus e peleteus (ver II Sam. 8.18; 20.23), que provavelmente pertenciam à terceira divisão. Quanto a outros detalhes sobre ele e sua família, ver aquele artigo.

Cabzeel. Ver sobre este lugar no *Dicionário*. Ficava no extremo sul do território de Judá, na fronteira com Edom (ver Jos. 15.21).

A Revised Standard Version diz "ele matou dois ariels", não fazendo referência ao pai do homem morto e observando que o sentido da palavra é desconhecido. Ellicott diz "homens como leões", tentando adivinhar o significado da palavra "ariel". Essa interpretação pode estar de acordo com a verdade dos fatos. Isso parece ter lembrado ao autor da crônica que ele deveria mencionar a morte do leão literal, em algum tempo durante o inverno, quando havia neve. O Targum faz a palavra significar *príncipes*, talvez filhos do rei, o que teria feito a morte deles parecer especialmente notória.

O paralelo é I Crô. 11.22. Esse texto, no hebraico, também inclui a palavra "ariels". As versões síriaca e árabe dizem "gigantes", procurando adivinhar o sentido da palavra.

23.21

Benaia também efetuou outro notável abatimento de um único homem, a saber, algum egípcio notório cujo nome não é mencionado. O que houve de incomum nessa morte foi que Benaia estava armado somente com um cajado, mas conseguiu tomar com o cajado a lança do egípcio, e com essa arma o matou. A história, sem dúvida alguma, foi recontada diversas muitas vezes por Benaia e por outros. O egípcio era homem de *terrível aspecto*, mas isso não assustou Benaia, embora outros, sem dúvida, tivessem temido combatê-lo.

O paralelo, I Crô. 11.22,23, faz o egípcio ser um gigante, um homem com cinco côvados, ou seja, cerca de 2,30 metros. Esse paralelo também observa o imenso tamanho da lança do gigante egípcio, mais ou menos do tamanho da lança de Golias. Cf. I Sam. 17.7.

23.22,23

Entre os primeiros três valentes. Estes versículos sugerem que um *segundo grupo de três* está sendo explorado. Quanto ao problema, ver o vs. 19. Nesse caso, os *primeiros três* eram Josebe-Bassebete (vs. 8), Eleazar (vs. 9) e Samá (vs. 11). Em seguida, os segundos três notáveis gerais, embora não tão notáveis quanto os primeiros, eram Abisai (vs. 18), Benaia (vs. 20) e um terceiro homem cujo nome não é dado. O maior desses segundos três era Abisai (vs. 18). Os intérpretes judeus têm várias idéias sobre o terceiro homem, como Adina (I Crô. 11.42). Os *dois três* eram tidos em mais alta estima do que os trinta, mas os segundos três eram inferiores aos primeiros.

Davi fez de Benaia chefe sobre sua *guarda pessoal*, provavelmente para selecionar os homens que dela fariam parte, incluindo os quereteus e peleteus (ver II Sam. 18.18; 20.23). O texto hebraico chama-os de "seus ouvidos", porque ele estava sempre pronto a ouvir e cumprir as ordens de Davi, seu chefe, capitão e rei.

Ninguém podia competir com os primeiros três (vss. 8-11). E também havia o segundo grupo de três; e esses eram mais honrosos do que os trinta, o que significa que eram mais poderosos na batalha, matadores mais habilidosos, *salvadores* de Israel em um tempo em que a Terra estava sendo conquistada e os inimigos de Israel estavam sendo neutralizados. "Se em I Crô. 27.34 Joiada, filho de Benaia, é um erro em lugar de Benaia, filho de Joiada, o fato de que ele tinha esse ofício (na guarda pessoal de Davi) também é mencionado ali" (Ellicott, *in loc.*).

23.24

Asael. Ver a respeito dele no *Dicionário*. Outro dos irmãos de Joabe, fazia parte da elite dos *trinta*, não estando entre os três (ou seis) mais talentosos matadores, apesar de ser um feroz, incansável e formidável adversário em batalha. Joabe, Abisai e Asael eram sobrinhos de Davi. Asael era filho de uma das irmãs de Davi, Zeruia, e irmão de Joabe e Abisai (ver II Sam. 2.18 e I Crô. 2.16).

O restante deste capítulo dá a lista das tropas de elite de Davi, sem mencionar feitos específicos. Mas em todos os casos devemos compreender que houve grandes realizações em campo de batalha. Asael foi morto por Abner quando Davi ainda reinava somente sobre o sul (Judá). O que se sabe sobre esses homens é dado nos artigos do *Dicionário* sobre cada um deles. O trecho paralelo é I Crô. 11.26.

Eianã. Ver sobre seu nome no *Dicionário*. Ele era de Belém, cidade natal de Davi. Alguns textos atribuem a morte de Golias a ele, e não a Davi, o que é discutido nesse artigo e nas notas expositivas sobre II Sam. 21.19. O trecho paralelo é I Crô. 11.26.

23.25

Samá. Um homem com o mesmo nome que um dos *três* chefes (vs. 12). "Talvez seja o mesmo Samute, o izraita, capitão da quinta divisão do exército de Israel (I Crô. 27.8). Ver detalhes sobre ele no *Dicionário*."

O paralelo é I Crô. 11.27, que tem uma leve variação na grafia do nome, onde as letras correspondentes a R e D são intercambiáveis, um fenômeno comum, de acordo com John Gill (*in loc.*).

Elica. O que se sabe sobre ele é mencionado no artigo do *Dicionário*. Seu nome, contudo, não é mencionado no paralelo em I Crô. 11, mas aquela lista tem dezesseis nomes que não figuram aqui.

23.26

Helez. O trecho paralelo é I Crô. 11.27, onde ele é chamado de *pelonita*. As diferenças na grafia são consideráveis quando se comparam as duas listas, e, em alguns casos, lugares de origens ou laços étnicos diferentes são atribuídos a uma mesma pessoa. O Targum fala sobre um lugar chamado *Pelete*, razão pela qual este homem é chamado de *paltita*. Esse homem era general da sétima divisão do exército de Israel (ver I Crô. 27.10).

Ira. O trecho paralelo é I Crô. 11.28. Ele era natural da cidade de Tecoa, a cidade nativa do profeta Amós, uma cidade famosa por seu azeite, a qual ficava a cerca de 19 quilômetros de Jerusalém. Três homens são assim chamados no Antigo Testamento, e o que figura neste versículo é o segundo da lista.

23.27

Abiezer. O trecho paralelo é I Crô. 11.28. Sua cidade natal era Anatote, na tribo de Benjamim, que também era o lugar de nascimento do profeta Jeremias.

Mebunai. O trecho paralelo é I Crô. 11.29, mas ali temos Sibecai, o husatita. Presume-se, pois, que a mesma pessoa tivesse dois nomes, mas não é impossível que a variação indique pessoas diferentes. Os dois nomes são muito semelhantes no hebraico e podem ter sido confundidos. Esse homem matou o gigante Safe (ver II Sam. 21.18) e era um dos generais do exército de Israel (ver I Crô. 27.11).

23.28

Zalmom. O paralelo é I Crô. 11.29, mas ali temos Iai, o aoita. Novamente, presume-se que estamos tratando com dois nomes diferentes de um mesmo homem. O termo *aoita* refere-se aos descendentes de Aoá, neto de Benjamim (ver II Crô. 8.4). Consultar o artigo do *Dicionário* sobre *Zalmon*.

Maarai. O paralelo é I Crô. 11.30. Ele era da cidade de Netofa, da tribo de Judá, mencionada juntamente com Belém, em Neemias 7.26. Esse homem comandava a décima divisão do exército de Israel (ver I Crô. 27.13).

23.29

Helebe. O paralelo é I Crô. 11.30. Os manuscritos e as traduções dão a variante Helede. Ver sobre *Heldai* (*Helede*), no *Dicionário*. *Helebe* parece ser um erro de cópia. I Crônicas diz Helede. Ver Heldai, em I Crô. 27.15. Ele era o general do exército no décimo segundo mês.

Itai. O paralelo é I Crô. 11.31. Sua cidade natal era Gibeá, onde também nasceu o rei Saul. Ele era, pois, da tribo de Benjamim. Esse homem deve ser distinguido de itai, o geteu (ver II Sam. 15.19).

23.30

Benaia. O paralelo é I Crô. 11.31. Ele deve ser distinguido do homem do mesmo nome, que fazia parte de segundo grupo de três, mais distinguido que os trinta. Ver os vss. 20-23. O Benaia do presente versículo era de Piratom, da tribo de Efraim, e general do décimo primeiro mês (ver I Crô. 27.14).

23.31

Abi-Albom. O paralelo é I Crô. 11.32, que dá seu nome como Abiel. Era natural de Bete-Arábá (ver Jos. 15.6,7), da tribo de Benjamim. Ver também Jos. 18.18,22. Talvez o Albom tenha sido um erro clerical segundo o qual o olho do copista caiu dali para um *saalbonita* (vs. 32), incorporando, por descuido essa parte ao nome deste versículo.

Azmavete. O paralelo é I Crô. 11.33, no qual o nome do lugar de onde ele veio é diferente, provavelmente devido ao erro de um copista. Ele era cidadão de Baurim. Ver também II Sam. 3.16 e 19.16.

23.32

Eliaba. O paralelo é I Crô. 11.33. Ele era de Saalabim, uma cidade de Dã (Jos. 19.42). Ou era de Ilbonitis, conforme disse Josefo (*De Bello Jud.* 1.3, cap. 3, sec. 3).

Bené-Jásen. O paralelo é I Crô. 11.34. A nota poderia significar que Eliaba era filho de Jásen, ou um homem separado pode estar em foco.

Jônatas. Ver no *Dicionário* o número 5 da lista. O texto poderia significar que ele era "filho de Samá".

23.33

Samá. Deve ser distinguido de outros homens com o mesmo nome, mencionados nos vss. 12 e 25. Esse homem era chamado de *hararita*, o que dá a entender uma região montanhosa. As versões árabe e siríaca dizem aqui "o monte das Oliveiras". Ele era filho de Agé, o *hararita*. Alguns intérpretes fazem-no ser o mesmo homem dos vss. 23 e 25, mas isso tornaria difícil explicar por que seu nome foi repetido.

Aião. O paralelo é I Crô. 11.35. Conforme diz o Targum, ele era "da montanha alta". Este versículo pode ser paralelo ao vs. 11 deste mesmo capítulo, fazendo os dois nomes referir-se ao mesmo homem, mas isso nos daria uma repetição difícil de explicar, visto que a lista é dos *trinta*, e não dos três principais. Em I Crô. 11.35 ele é chamado de filho de Sacar, provavelmente uma variante do mesmo nome.

23.34

Elifelete. O paralelo é I Crô. 11.35 onde um nome diferente é dado a seu pai (Ur). Neste ponto, o trecho paralelo adiciona dois nomes, Héfer e Aias (vs. 36). As tropas de elite provavelmente formavam uma guarda pessoal que se mantinha com cerca de trinta homens. Mas conforme o tempo passava e alguns morriam e tinham de ser substituídos, o número *total* excedeu os trinta. É por isso que I Crô. 11.41-47 adiciona dezesseis nomes, além daqueles que, ao longo do caminho, foram sendo acrescentados. Em todos os casos, os artigos do *Dicionário* contêm detalhes que não repito aqui.

Eliã. O paralelo é I Crô. 11, que, contudo, não menciona esse homem. Por essa razão alguns poucos nomes aparecem na lista, em II Samuel, que não estão contidos no trecho paralelo, aumentando o número total de nomes listados para mais de cinquenta, ou talvez até sessenta. As tradições judaicas fazem esse homem ser o pai de Bate-Seba, mas a idade dele parece ser um fator contrário a essa conjectura. Hillerus (*Onomastic. Sacr.* par. 906) diz-nos que esse era o mesmo homem chamado Aias, o pelonita, adicionado pelo trecho paralelo. Ver acima o primeiro parágrafo das explicações sobre este versículo. Não há como testar essa identificação. Ele era filho de *Aitofel*, o astuto conselheiro de Davi, que o abandonou quando Absalão se rebelou, tornando-se seu conselheiro, com resultados desastrosos. Ver sobre ele no *Dicionário*, quanto ao relato. Compreendemos que o filho do traidor permaneceu fiel a Davi, não seguindo o exemplo paterno.

23.35

Hezrai. O paralelo é I Crô. 11.37. O nome no paralelo é levemente diferente. Ele era do Carmelo, a cerca de 11 quilômetros de Hebrom. O Targum dá seu lugar de nascimento como Carmela.

Paarai. O paralelo é I Crô. 11.37, que dá o nome de seu pai, Ezbai. Outra forma do nome de Paarai era Naarai. Ezbai faz-nos lembrar a palavra *arbita*, no hebraico, e pode ter sido um erro de substituição cometido por algum copista. O homem era de Arba, cidade da tribo de Judá. Ver Jos. 15.52.

23.36

Jigeal. O nome desse homem não é incluído no paralelo, que apresenta dezesseis nomes que não se encontram em II Samuel. Portanto, cerca de sessenta nomes foram incluídos na lista de heróis, a qual provavelmente representa a história daqueles guerreiros de elite, incluindo substituições ocorridas ao longo do caminho, a fim de que os *trinta* nomes tradicionais (número arredondado) fossem mantidos. Alguns estudiosos supõem que o Joel que aparece no trecho paralelo se refere a esse homem (ver I Crô. 11.38), conforme Hillerus diz em *Onom. Sacr.* par. 499. Aqui ele é chamado de filho de Natã, mas no trecho paralelo Joel é dito irmão desse homem. Há variantes nos manuscritos hebraicos. Ver o artigo sobre o homem, quanto a detalhes. Alguns dizem que Ainatã era o nome do pai (irmão) desse homem.

Bani. O paralelo é I Crô. 11.38, mas a identificação é duvidosa. Alguns intérpretes identificam o Mibar daquele texto com este homem. Ver no *Dicionário* sobre *Bani*, número 1.

23.37

Zeleeque. O paralelo é I Crô. 11.39. Ele era um amonita e presumivelmente um prosélito da fé hebréia. É a única pessoa do Antigo Testamento a ser assim chamado. Ver o artigo do *Dicionário* com o seu nome.

Naari. O paralelo é I Crô. 11.39. Ele era nativo de Beerote (Jos. 18.15) e um dos dez escudeiros de Joabe. Talvez fosse o chefe dos escudeiros (ver II Sam. 18.15). Isso nos mostra quão grande era Joabe. Seja como for, além de ser um servo direto de Joabe, Naari era tão grande guerreiro, por seus méritos pessoais, que tinha um lugar entre a elite dos *trinta*.

23.38

Ira. O paralelo é I Crô. 11.40. Um dos trinta também tinha esse nome (vs. 26). Ele era itrita. Ver sobre *itritas* no *Dicionário* quanto a detalhes. Dentre os trinta, dois eram dessa gente referida neste versículo, que também identifica o guerreiro seguinte como itrita. Mas alguns supõem que a derivação seja do lugar chamado Jatir, um distrito montanhoso do território de Judá. É isso que diz o presente versículo nos Targuns. Jeter, o homem, descendia de Calebe, da tribo de Judá (I Crô. 2.50,53; 4.15,17).

Garebe. O trecho paralelo é I Crô. 11.40, e o que foi dito sobre Ira, o nome anterior, aplica-se também a esse homem. Ver sobre *Garebe*, no *Dicionário*, em seu segundo ponto.

23.39

Urias. Sentimos dor ao escrever sobre este homem, um dos *trinta*, que foi traído por Davi, sendo deixado para morrer na frente de batalha, por ordem direta e abandono de Joabe. Ele foi o marido de Bate-Seba, a mulher com quem Davi cometeu adultério. Para ocultar a gravidez resultante, Davi ordenou que Urias fosse morto. Portanto, ele adicionou o assassinato ao adultério. Que um dos fiéis trinta heróis tenha sido tratado dessa maneira pelo próprio rei é uma das páginas mais dolorosas do Antigo Testamento. Quanto à história, ver II Sam. 11. Ver os nomes próprios no *Dicionário*.

O paralelo é I Crô. 11.41. O homem era heteu. Ver sobre *Hititas*, *Heteu*. Presume-se que ele fosse um convertido à fé hebraica. Bate-Seba tornou-se a mãe do rei Salomão.

Ao todo trinta e sete. O livro de I Crônicas adiciona outros dezesseis nomes, e, ao longo do caminho, há alguns poucos nomes, em II Samuel, que I Crônicas não contém, e alguns poucos nomes que I Crônicas apresenta II Samuel não contém. Talvez nada menos de sessenta nomes sejam referidos na lista total de heróis. Esse número, sem dúvida, representa a história das tropas de elite de Davi, incluindo as substituições feitas ao longo do caminho, para os que tinham morrido ou se retirado do serviço ativo. "A lista completa deve ter incluído a todos quantos pertenciam à ordem dos heróis de Israel. O número era mantido mais ou menos em *trinta* nomes, e os lugares vagos foram sendo preenchidos conforme iam ocorrendo. A lista começa com Asael, que foi morto durante o reinado de Davi em Hebrom, pelo que a ordem dos heróis deve ter sido iniciada no começo do reinado de Davi" (George B. Caird, *in loc.*). Naturalmente, alguns desses homens serviram Davi quando ele fugia de Saul, antes de ter-se tornado o segundo rei de Israel.

Estar preparado para a guerra é um dos meios mais eficazes de preservar a paz.

(George Washington)

A guerra é um inferno... olho para a guerra horrorizado.

(William T. Sherman)

Capítulo Vinte e Quatro

O Recenseamento (24.1-25)

É difícil datar este tanto flutuante de tradições que o autor sacro escolheu para colocar no final de sua produção em I e II Samuel. O paralelo, I Crônicas 21, situa essa tradição imediatamente antes das instruções de Davi a Salomão sobre a construção do templo de Jerusalém. Seja como for, o recenseamento provavelmente ocorreu no fim do reinado de Davi, não muito antes de Salomão ter chegado ao poder. Yahweh, pois, novamente *irou-se* com Israel. Essa palavra provavelmente refere-se a II Sam. 21.1-14, ocasião em que uma *fome* foi a punição contra os pecados. Os maus tratos dos gibeonitas por Saul foram o pecado a ser punido. Yahweh haveria de punir Israel, mas queria adicionar combustível às chamadas da ira divina, pelo que *incitou* (Revised Standard Version) Davi a realizar um ato de orgulho e arrogância, ao contar o povo para ver quão numerosos eles se tinham tornado. Feito isso, outro julgamento divino sobreviria. Uma variedade de julgamentos poderia ter remediado a situação, e a Davi foi dado escolher o tipo de castigo que Yahweh aplicaria (vs. 13). Ele escolheu *um ato de Deus, em lugar de falhar nas mãos de seus inimigos, pelo que a pestilência caiu do céu* (vs. 15). Cerca de 70.000 pessoas pereceram, aplacando assim a ira de Yahweh.

É curioso que Yahweh, ao "incitar" Davi a recensear o povo, somente para ter ainda maior razão para castigá-los, ofendeu o cronista, que lançou a culpa toda sobre Satanás (ver I Crô. 21.1). Essa circunstância tem criado toda espécie de dificuldades para os intérpretes. Mas devemos lembrar que a teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, pelo que todas as coisas foram enviadas para serem de Yahweh, tanto o bem quanto o mal. Ao longo do caminho, os intérpretes começaram a perceber que Deus, realmente, não era culpado de todas as coisas que aconteciam, conforme os antigos pensavam. Há outras causas por trás dos acontecimentos. Ilustrando a situação, temos a história do rabino que se riu publicamente diante de um homem deformado. Mas logo caiu no arrependimento e pediu que Yahweh o perdoasse, visto que, afinal, em sua teologia, *Deus* era a causa da deformidade daquele homem, bem como de todas as demais calamidades.

Meus amigos, quero dizer que a ênfase extrema sobre a *predestinação* que continua corrente no calvinismo radical hoje em dia, é outra instância do *absolutismo* no qual as causas secundárias não são reconhecidas. Em outras palavras, alguns cristãos continuam presos ao antigo absolutismo dos hebreus, de acordo com os quais Deus, alegadamente, é a causa de todas as coisas. Isso é uma teologia primitiva, para dizer o mínimo. Encontrar textos de prova quanto a esse tipo de predestinação não alivia o problema. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Predestinação* (e *Livre-arbítrio*) e *Determinismo* (*Predestinação*). Além disso, há o artigo intitulado *Livre-arbítrio*, que acrescenta informações sobre o assunto e seus problemas.

Cf. Êxo. 14.4,8 onde encontramos a mesma circunstância. Romanos 9 não está isentado do problema, ainda que, em *outros textos*, Paulo nos apresente um ponto de vista mais equilibrado.

Que o fiel e superior guerreiro, *Joabe*, foi convocado a efetuar o recenseamento (vs. 2), ficou implícito que, originalmente, o censo seria feito com propósitos militares, para saber quão grande era Israel. Assim poder-se-ia saber quão grande exército podia ser convocado em qualquer emergência. O *orgulho* era o pecado envolvido, e também havia a ofensa inominável que Yahweh puniria juntamente com o novo pecado de arrogância.

24.1

Tornou a ira do Senhor a acender-se. O *Pecado Desconhecido*. Não somos informados *por que* Yahweh "novamente" ficou irado com Seu povo. A palavra "tornou" muito provavelmente refere-se à *outra* ocasião em que Ele ficou infeliz com o que Saul havia feito contra os gibeonitas. Ver II Sam. 21.1-14.

O julgamento tinha de cair contra alguma ofensa *não-mencionada*; e, para agravar a ofensa, de modo que um grande juízo pudesse ser administrado, Yahweh instigou Davi a fazer a contagem do povo. Isso envolveria orgulho e arrogância, e assim adicionaria combustível à fúria divina. Quanto aos problemas lógicos e morais envolvidos no incitamento divino, para que um homem praticasse o mal, somente para que o mal fosse divinamente julgado, ver a introdução a este capítulo, anteriormente. Não solucionamos o problema sugere-

rindo que Deus *permitiu* a Satanás tentar a Davi. A verdade é que "Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta" (Tia. 1.13), o que reflete uma teologia mais recente, a qual já reconhece as *causas secundárias*. Deus, pois, não é a causa de *todas* as coisas, conforme alguns supõem tola-mente. Os intérpretes passam por toda espécie de contorções a fim de explicar como Yahweh incitou (encorajou, inspirou) Davi a fazer coisas erradas. É melhor dizer simplesmente que o cronista estava certo. Algumas coisas são inspiradas pelo mal, e os homens estão sujeitos às más sugestões. Por outro lado, é uma teologia primitiva aquela preservada em II Sam. 24.1, que o cronista não podia deixar conforme a achou. Não podemos tolerá-la, nem devemos perturbar a nossa mente tentando "explicar" isso com toda espécie de argumentos sutis (e estúpidos).

24.2

Disse, pois, o rei a Joabe. O fato de que *Joabe* recebeu a tarefa de fazer o recenseamento sugere que ele foi, originalmente, feito com propósitos militares: Quão grande é Israel? Quão numeroso exército poderíamos convocar em um momento de emergência? A glória de Deus não estava em vista, e tudo servia de inspiração para orgulho e arrogância. Essa circunstância daria a Yahweh *outra* razão para castigar Israel, porquanto o Senhor faria isso de qualquer maneira e queria que algo mais inspirasse o Seu juízo. O primeiro versículo deste capítulo menciona algum outro pecado que seria julgado, mas não informa qual seria. Talvez a razão do recenseamento tenha sido econômica. Davi poderia aplicar um novo imposto e queria saber o potencial para tanto. Núm. 1.1-4 refere-se a um censo que mereceu a aprovação divina. Houve outro recenseamento em Núm. 26.1-4, e por razões legítimas. Mas o censo aqui mencionado foi motivado por alguma forma de mal, como o orgulho, a arrogância ou a ganância. Talvez um labor forçado estivesse envolvido na questão. Davi talvez quisesse saber quantos escravos poderia fazer trabalhar em seu reino, para torná-lo grande e glorioso perante os olhos dos homens. O vs. 10 mostra-nos que a consciência de Davi o feriu, por causa de sua motivação ao ordenar o censo, mas não nos é dito qual(is) pecado(s) estava(m) envolvido(s).

De Dã até Berseba. A extensão do recenseamento, ou seja, do extremo norte ao extremo sul. Esta expressão é freqüentemente usada no Antigo Testamento para indicar "todo o Israel". Ver as notas a respeito em I Sam. 3.20. Os autores sacros não se importavam em dar-nos designação de distâncias de oeste para leste.

24.3,4

Então disse Joabe ao rei. De imediato, *Joabe* se opôs à má idéia do rei, defendendo assim a espiritualidade. Ele percebeu os motivos de Davi. Por que agora o rei, "sendo velho, dar-se-ia licença a tal curiosidade, orgulho e vaidade? Ademais, o projeto era inteiramente desnecessário e inútil" (John Gill, *in loc.*). O trecho paralelo também deixa de lado qualquer menção a essas objeções. Joabe antecipou que *tal providência poderia atrair o julgamento divino e queria livrar o povo de Israel de qualquer transtorno*.

"Até aos olhos do inescrupuloso Joabe, o ato de Davi pareceu abominável... sua esperteza natural mostrou-se suficiente para mostrar-lhe que o ato de Davi discordava do princípio fundamental da existência nacional" (Ellicott, *in loc.*).

Davi utilizou-se das forças armadas para efetuar o recenseamento. "Ele enviou recenseadores por toda terra" (Eugene H. Merrill, *in loc.*).

24.5

Tendo eles passado o Jordão. O recenseamento foi feito na direção anti-horária, começando pela Transjordânia, na parte norte até Dã, então na direção oeste, e então a sudoeste, para Sidom e Tiro, através das planícies e vales de populações cananéias e heveias, e daí na direção sul, até Berseba. O processo tomou nove meses e vinte dias, e então foi apresentado o relatório final.

Todos os nomes próprios recebem artigos separados no *Dicionário*, pelo que não damos aqui detalhes. Ver também sobre a *Transjordânia*. Aroer ficava na margem norte do rio Arnon, que formava a fronteira sul entre a Transjordânia e Israel. Tinha o formato de uma ferradura e seguia caminho até Berseba, a cidade mais ao sul de Israel. Gade era uma das tribos hebreias da Transjordânia, e *Jazer* ficava na fronteira daquele território (Jos. 13.25). Dali eles partiram para *Gileade*. Jazer era uma cidade dada aos gaditas (ver Núm. 23.3,35) e ficava a cerca de 26 quilômetros de Aroer.

24.6

Os quatro nomes próprios locativos deste versículo recebem artigos no *Dicionário*. Metade de Gileade pertencia às tribos de Rúben e Gade, e a outra metade à meia tribo de Manassés. A Transjordânia continua aqui a ser descrita. Ver Deu. 3.12,13.

Cades na terra dos heteus. Assim dizem a Revised Standard Version, seguida pela nossa versão portuguesa. Outras versões dizem *Tatim-Hodsi*, como única menção na Bíblia. Esta cidade parecia localizar-se entre Gileade e Dã-Jaã (outro nome para Dã). Os intérpretes ficam perplexos pelo fato de o nome talvez referir-se aos "heteus de Cades". O Targum chama o lugar de terra sulista de Hodsi, perto da cidade de Corzin, no território da meia tribo de Manassés, a cerca de 80 quilômetros de Jerusalém. Mas *Tatim* parece ser uma forma corrupta dos *hititas*, envolvendo a mudança de uma única letra consoante. A palavra poderia significar "território recém-conquistado". O sentido exato da referência permanece na dúvida.

Dã-Jaã. Por certo temos aqui uma referência ao território de Dã; mas os intérpretes disputam o que seria a palavra adicional "Jaã", e não chegam a nenhuma conclusão definitiva. Contudo, a Vulgata Latina diz "Dã-Jaar", ou seja, "Dã na floresta". E talvez este seja o seu sentido, afinal. Seu nome anterior era Laquis e assinalava a ponta mais ao norte do território de Israel. Ver sobre a expressão *de Dã até Berseba*, nas notas expositivas de I Sam. 3.20.

24.7

O extenso círculo tomado pelos recenseadores levou-os até Tiro e várias cidades ocupadas pelos heveus, sobre os quais Davi exercia controle e os quais, sem dúvida, pagavam-lhe tributo. A mesma coisa deve ser dita em relação aos *cananeus*. Aqueles que Davi não conseguiu obliterar (dentre as oito nações; ver I Sam. 10.19), ele confinou e sujeitou a tributo. "Se é verdade que foram até Cades, na terra dos heteus, às margens do rio Orontes, então o recenseamento deve ter sido feito depois das guerras sírias de Davi, que lhe deram possessão daquele território até o extremo norte" (George B. Caird, *in loc.*).

Finalmente, ao completar o circuito na direção anti-horária, os recenseadores chegaram à extremidade sul de Israel, *Berseba*.

24.8

Ao cabo de nove meses e vinte dias. Esse foi o tempo necessário para completar o recenseamento, *de Dã até Berseba* (ver as notas expositivas em I Sam. 3.20). Terminaram o trabalho em Jerusalém e entregaram a Davi o relatório completo. I Crô. 21.6 e 27.24 sugerem que a tarefa, de fato, não se completou, mas podemos estar certos de que os recenseadores chegaram perto desse alvo. Davi estava decidido a *saber* o resultado. Mas a tarefa não se completou porque Joabe continuava resistindo à idéia.

24.9

Oitocentos mil homens de guerra... quinhentos mil. Esses homens eram capazes de ir à guerra em Israel (parte norte do país), e em Judá (para sul do país), respectivamente. O total era de 1.300.000 homens capazes de ir à guerra. O mesmo critério foi usado pelos outros recenseamentos (ver Núm. 1.3). Ver Núm. 1.2 quanto a um gráfico que mostra os resultados numéricos nos outros dois censos.

O números que aparecem em I Crônicas 21 não concordam com os do presente texto. Ali se afirma que em Israel (parte norte da nação) havia um 1.100.000 homens capazes de ir à guerra, e em Judá (a parte sul da nação) havia 470.000. Os intérpretes gastam muito tempo e energias na tentativa de reconciliar esses números. Um modo possível de fazê-lo consiste em dizer que II Samuel contém um relatório mais completo acerca de Judá, mas menos completo no tocante a Israel. I Crô. 21.5,6 diz-nos que os levitas e os homens de Benjamim não foram contados. Quiçá em uma das versões do recenseamento eles foram incluídos, e isso foi aproveitado pelos cronistas. Talvez os *exércitos permanentes* não tenham sido incluídos nos números de uma dessas versões. Por exemplo, talvez os 500.000 de Judá incluísem os 30.000 do exército profissional, ao passo que os números do cronista não concordassem com esse critério. Basta adicionar os 30.000 aos 470.000, e obtêm-se 500.000. Mas tais modos de reconciliação são apenas conjecturas, e não é importante reconciliar os números. É claro que mais de um resultado circulou, porém a maneira como cada resultado foi conseguido permanece em dúvida. Não há razão para supor que corrupções penetraram no texto. Havia simplesmente duas versões do recenseamento, que resultaram em números diferentes, embora não saibamos dizer como isso se deu.

Talvez a população total de Israel, incluindo os que não tinham idade para servir o exército, os que não podiam ir à guerra, as mulheres e crianças, os sacerdotes etc., fosse de cerca de 6.000.000 de pessoas. Mas isso também não passa de conjectura. Fazendo-se a comparação desse recenseamento com os resultados dos dois outros (anotados em Núm. 1.2), vemos que a população de Israel tinha quase *dobrado* desde os dias de Josué, e isso é surpreendente, considerando-se quantos homens devem ter sido mortos nas muitas guerras em que Israel esteve ocupada.

24.10

Sentiu Davi bater-lhe o coração. *Um Toque da Consciência.* Tendo obtido o que tanto queria, Davi notou subitamente que a providência era inútil e peca-

minosa, pelo que a consciência lhe palpitou, e ele confessou seu *pecado* a Yahweh. Ele pediu *perdão* (ver a respeito no *Dicionário*) e esperou que nenhum julgamento divino sobreviesse por causa de seu ato apressado e estúpido. Quão humano tudo isso é. Faça o que você quiser, e arrisque-se a merecer o desagrado de Deus depois! Também é muito humano um homem obter o que ele quiser, embora seu coração lhe diga que tal coisa é errada, para mais tarde reconhecer que todo o esforço despendido não valeu a pena.

"Ao fazer o recenseamento, Davi estava enganando a si mesmo, crendo que a possessão do poder de um homem é a origem e a substância da grandeza de seu reino" (Ganse Little, *in loc.*). Foram necessários dez meses para que Davi reconhecesse o seu pecado, e isso também é muito humano. Nenhum de nós possui grande iluminação celestial. "Durante nove a dez meses, sua consciência jazeu dormiente, mas agora que a coisa estava feita ela despertou" (John Gill, *in loc.*).

Provavelmente o recenseamento era de natureza militar, mas, com o aumento da população, Davi aumentaria suas rendas através de impostos cobrados. Ele se mostrou orgulhoso e ganancioso. Ver Exo. 30.12,13.

24.11

Profeta Gade, vidente de Davi. Ele foi enviado por Yahweh para falar com Davi acerca de seu pecado. Não sabemos dizer como Yahweh inspirou o profeta. Talvez mediante uma visão ou um sonho, ou em resultado de sua consulta a um oráculo. Israel contava, além da casta sacerdotal, com os *videntes* e *profetas* que supostamente mantinham agudo discernimento quanto à vontade de Deus e eram capazes de prever o futuro. Há estudos que comprovam que o conhecimento anterior é uma possessão comum da psique humana, mas certas pessoas são mais dotadas que outras. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Precognição*. Um verdadeiro vidente é um homem espiritual que pode ajudar aos outros com problemas, compreensão espiritual e a vida em geral, e não apenas uma pessoa capaz de prever o futuro.

O homem em foco neste texto é chamado de "vidente de Davi", o que subentende que o homem tinha contatos freqüentes com Davi e o ajudava ocasionalmente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Gade*, quarto ponto.

24.12

Vai, e dize a Davi. *O julgamento era certo*, mas a Davi foi permitido fazer a escolha de seu *modus operandi*. O julgamento divino poderia ocorrer de uma dentre três maneiras diferentes, conforme nos informa o vs. 13. Talvez forçar Davi a *escolher* entre três possíveis punições o impressionasse com a pecaminosidade de seu ato. Ele seria considerado responsável pelas muitas mortes que haveriam de ocorrer. Além disso, havia aquele *outro* pecado que seria castigado, mencionado no vs. 1, mas não descrito. De fato, a questão do recenseamento foi inspirada por Yahweh para que ele tivesse razão ainda maior para castigar a Davi, o que ficou subentendido no vs. 1. Mas o trecho paralelo, I Crô. 21.1, lança sobre Davi a culpa pela inspiração. Já abordei essa contradição na introdução a este capítulo e também na exposição do primeiro versículo.

24.13

Os Três Modos Possíveis de Punição:

1. *Sete anos de fome.* Esse antigo lâtego, brandido pela vontade divina, sempre deixava muitos mortos. O trecho paralelo de I Cor. 21.12 diz *três anos*, assim como a Septuaginta.
2. *Três meses de derrota*, durante os quais inimigos combateriam e vexariam a Israel, matando a muitos. Isso reverteria, temporariamente, as vitórias de Davi sobre as oito nações (anotadas em II Sam. 10.19). Como é óbvio, isso significava a morte de muitos em Israel.
3. *Três dias de pestilência.* Uma pestilência tão violenta que muitos morreriam. Não perduraria por muito tempo, mas seria uma grande calamidade.

Sem importar como Davi fosse castigado, haveria grande devastação. Isso aconteceria em um tempo maior ou menor, mas teria de acontecer.

Sete... três... No original hebraico do presente texto, lemos sobre *sete anos*, com o que concordam Josefo, bem como as versões síriaca e árabe. Mas *três anos* é o que dá o texto do paralelo (ver I Cor. 21.12), bem como a Septuaginta. Não há como determinar qual dessas variantes está certa, mas é provável que os *três anos* tenham sido postos no presente texto para que houvesse harmonia com os outros dois *três*, e com o paralelo em I Crônicas.

24.14

Caíamos nas mãos do Senhor. O terceiro *modus operandi* foi preferido por Davi, por representar cair nas mãos do Senhor, e não nas mãos dos homens. E em vez de ter sete (ou três) anos de pestilência, uma punição longuíssima, Davi preferiu a breve e totalmente devastadora pestilência. Isso também significava

que Davi se lançava na misericórdia do Senhor, em vez de enfrentar a bárbara crueldade de seus inimigos humanos. Naturalmente, esperava que a praga não fosse tão devastadora como acabou sendo. Mas os julgamentos de Deus são sempre remediais, e Ele pode fazer, mediante o julgamento, melhor do que de qualquer outra maneira. Como ilustração, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

24.15

Então enviou Israel a peste a Israel. A praga atingiu toda a nação de Israel (de Dã a Berseba), tal como o recenseamento de Davi fora totalmente inclusivo. Portanto, houve uma espécie de aplicação da *lex talionis*, ou seja, julgamento conforme a ofensa: olho por olho, dente por dente etc. Ver os vss. 6 e 7 quanto à extensão do censo.

Até ao tempo que determinou. Provavelmente essas palavras apontam para os *três dias* que a praga deveria durar, começando e terminando exatamente conforme Yahweh tinha determinado.

Setenta mil homens do povo. Todos esses homens morreram de alguma bactéria ou vírus, ou quem sabe o quê. Essa bactéria era toda-poderosa! Davi orgulhara-se do grande número de habitantes de seu reino, mas de súbito perdeu 70.000 homens, de modo tão estúpido e desnecessário. Famílias ficaram sem pais; mães foram deixadas sem filhos; maridos e mulheres perderam sem seus cônjuges.

*Semeai um hábito, e colhereis um caráter.
Semeai um caráter, e colhereis um destino.
Semeai um destino, e colhereis... Deus.*

(Huston Smith)

*... retribuição...
Jaz perto, invisível, contudo,
Ela sabe a quem deve ferir.
Mas não sabes a hora quando, de súbito
e de repente,
Ela virá e varrerá os iníquos da terra.*

(Êsquilo)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura*.

24.16

Basta, retira a tua mão. A praga estava prestes a atingir Jerusalém, a cidade mais populosa de Israel e sua capital. Mas foi então que Yahweh se arrependeu e ordenou ao anjo (que estava espalhando a destruição) que parasse. Quanto ao *arrepentimento de Yahweh*, ver Êxo. 32.14. Uma grande epidemia de cólera, na Inglaterra, foi interrompida meramente cobrindo os poços (que estavam contaminados), forçando assim as pessoas a buscar outros suprimentos de água potável. Não sabemos dizer de que maneira o anjo deteve a praga, nem como a começou. Mas o fato é que a praga terminou tão repentinamente quanto se iniciou. Os 70.000 homens que morreram foram suficientes para satisfazer a ira de Yahweh. Naturalmente, em tudo isso temos o *antropomorfismo* e o *antropopatismo*. Ver sobre esses termos no *Dicionário*. Atribuímos a Deus nossas características, atributos e emoções. Tais atos, sem dúvida, distorcem a verdadeira natureza de Deus, mas estamos no dilema humano, que nos força a falar sobre Deus de tais maneiras. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus*. Talvez a praga seja aqui *personificada* pelo termo "anjo". Cf. II Reis 19.35. Naquele caso não precisamos pensar na intervenção pessoal do ser angelical. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo*.

O tempo era o da colheita do trigo. Por isso mesmo o autor mencionou a eira de Araúna, o jebuseu. Foi ali que ocorreu a manifestação do anjo, e presume-se que não apenas Davi a viu. Foi um fenômeno notável.

I Crô. 21.12 pitorescamente representa o anjo de pé por cima de Jerusalém, com a espada desembainhada, pronto para golpear. Misericordiosamente, Yahweh deteve seu guerreiro celestial e assim Jerusalém foi poupada da terrível espada do anjo.

24.17

Vendo Davi ao anjo. A Davi foi dada a visão da realidade do caso. Havia, realmente, um ser celeste ali, espalhando a destruição. Por conseguinte, Davi clamou a Yahweh, pedindo misericórdia e confessando seus pecados, a fim de que Israel não continuasse a sofrer por culpa *dele*. Mas também houve aquele outro pecado que estava sendo julgamento, o qual não é identificado (ver o vs. 1),

sendo um pensamento razoável pensarmos que Israel estava envolvido nesse pecado, pelo que o povo israelita *merecia* o que estava sucedendo. Isso quer dizer que Yahweh estava irado com *Israel* (vs. 1), e não meramente com Davi. Seja como for, Yahweh ouviu a oração de Davi e fez cessar a temível praga. E foi assim que o povo morreu *por seus próprios pecados* (através daqueles representantes). Ver sobre isso em Deu. 24.16. "O salário do pecado é a morte" (Rom. 6.23). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Intercessão*. É patente que Davi acreditava nos efeitos da oração intercessória.

24.18

Naquele mesmo dia veio Gade. Outro Serviço Espiritual Prestado por Gade. Podemos presumir que Yahweh tenha falado com ele novamente (através de um anjo), instruindo para que ordenasse a Davi que erigisse um altar em honra a Yahweh, o que serviria de memorial do terrível evento que acabara de ocorrer. Em *primeiro lugar*, seria um *local apropriado* para fazer as oferendas e os sacrifícios que aplacariam a ira de Yahweh. Seria um lugar apropriado porque *ali* o anjo foi visto por Davi e talvez por outras pessoas. Gade foi dirigido pelo anjo (ver I Crô. 21.18).

"O local da teofania deve, como é usual, ser consagrado... O local da eira evidentemente deve ser identificado com o local do templo de Salomão, mas dificilmente é o local da atual Dome of the Rock, conforme atualmente aparece, pois é um terreno por demais irregular para aquele propósito. Mas pode ter sido *próximo* da rocha, e essa rocha ainda pode estar no lugar do altar de Davi" (George B. Caird, *in loc.*).

Araúna. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, quanto à história completa e detalhes que não foram incluídos aqui.

24.19

Davi subiu. Davi, temeroso em desobedecer a Yahweh e causar alguma outra calamidade, agiu rapidamente para obter a eira de Araúna. Era propriedade particular de um cidadão, e Davi não podia simplesmente apossar-se dela, sem nada pagar. Ele desapropriaria o terreno por um preço justo, algo que ele tinha o direito de fazer.

24.20

Olhou Araúna do alto. Sem dúvida Araúna ficou espantado, ao ver aproximar-se o próprio rei e seus oficiais e soldados. Imediatamente fez-se de tão humilde quanto lhe era possível, inclinando-se com o rosto em terra e mostrando ser um súdito leal, a despeito de ser um jebuseu, um dos habitantes de Jerusalém, antes que Davi tivesse tomado o lugar. Provavelmente devemos entender que o homem se convertera à fé dos hebreus. I Crô. 21.20 fornece-nos o detalhe de que esse homem e seu filho tinham visto a teofania e se haviam ocultado. Mas agora eles saíram de seu esconderijo e Araúna adiantou-se ao encontro de Davi.

24.21

Por que vem o rei meu senhor ao seu servo. Qual o Motivo Daquela Visita? Essa foi a pergunta do proprietário da eira, porquanto não era todos os dias que o próprio rei fazia tal visita. Muitas coisas devem ter atravessado sua mente. Qual *ofensa* sua poderia ter atraído o rei naquela visita? O que poderia haver de errado? Que malefício poderia advir de tão temível visita? Mas o rei só estava ali para fazer-lhe uma generosa oferta por seu terreno, a fim de que pudesse oferecer os sacrifícios apropriados e assim deter a praga. A maioria de nossos temores nunca se materializa, e, com frequência, em lugar deles, obtemos grandes vitórias. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

A oferenda ou sacrifício era necessário, porquanto havia *pecado* a ser expiado e perdoado. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Perdão; Expiação; Sacrifícios e Sacrifícios e Oferas*.

24.22

Então disse Araúna ao rei. Além de dispor-se a vender a eira por *qualquer* preço que o rei oferecesse, Araúna trouxe o material necessário para os sacrifícios, dentre suas próprias possessões. E também deu a Davi os instrumentos usados na eira, para o caso de o rei querer continuar a usar o lugar com *aquele* propósito, ou como um santuário de memorial, por causa da teofania que ali ocorrera. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teofania*. Quanto à eira como cenário de um ato de adoração, ver Osé. 9.1.

Os trilhos. Isto é, as tábuas chatas com nós de ferro na parte de baixo, que eram puxadas sobre o grão pelos bois, para separar a palha do grão. Além desses instrumentos, ele também trouxe os jugos para os bois, que poderiam ser usados no processo. John Gill (*in loc.*) explica que os trilhos eram carroças equi-

padas com dentes de ferro na parte inferior que passavam sobre o grão colhido. As carroças eram carregadas de pedras.

24.23

Tudo isto, ó rei, Araúna oferece ao rei. Araúna ofereceu-se para dar ao rei todas aquelas coisas, incluindo o próprio terreno da eira. Talvez ele se tenha sentido tão aliviado de que sua vida não corria perigo que, alegremente, se dispôs a dar ao rei *qualquer* coisa material. Ou então se mostrara apenas generoso e contou como honra ser capaz de “contribuir” como pudesse para estancar a praga. Cf. I Crô. 21.23. O texto adiciona ainda grãos para a oferta de cereais, pelo que o homem estava pensando em *tudo*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas*. Quanto aos *tipos de ofertas*, ver a exposição sobre Lev. 7.37. Sem dúvida, o fato de que Araúna também vira a teofania encorajara sua generosidade.

24.24

Porém o rei disse a Araúna. Davi comprou a eira e tudo quanto Araúna trouxera. O presente texto dá o preço admiravelmente baixo de apenas cinquenta siclos. Esse valor (um peso) é explicado no *Dicionário*, no artigo chamado *Dinheiro*, especificamente na sua seção II. Ver também o artigo *Pesos e Medidas*, seção VII. Cinquenta siclos representavam apenas 567,5 gramas de prata. Mas I Crô. 21.25 redime a questão, informando-nos que Davi pagou 600 siclos de ouro, ou seja, cerca de 6,81 gramas de ouro. E isso dá à propriedade considerável valor.

Ao tentar reconciliar as quantias contraditórias mencionadas nos dois relatos, alguns intérpretes judeus supõem que os “cinquenta” siclos representavam cada tribo de Israel. Assim, $12 \times 50 = 600$, o número de siclos que aparece em I Crônicas 21. Essa é uma explicação engenhosa, mas dificilmente merece a nossa atenção. O autor sacro certamente nos teria informado sobre tão complicada transação. Além disso, por que Davi misturaria todas as tribos de Israel na negociação? Ele simplesmente daria a Araúna o que ele merecia receber. É melhor

supor que Davi comprou todo o território de Araúna pelo preço maior, e que o preço menor se refere somente à eira e seu equipamento. Mas essa é apenas uma idéia nossa. Seja como for, podemos estar certos de que Davi ansiava por mostrar-se justo e generoso, tal como Araúna demonstrara ser. A medida de um homem é a sua generosidade, outro nome para o amor. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Liberalidade e Generosidade*.

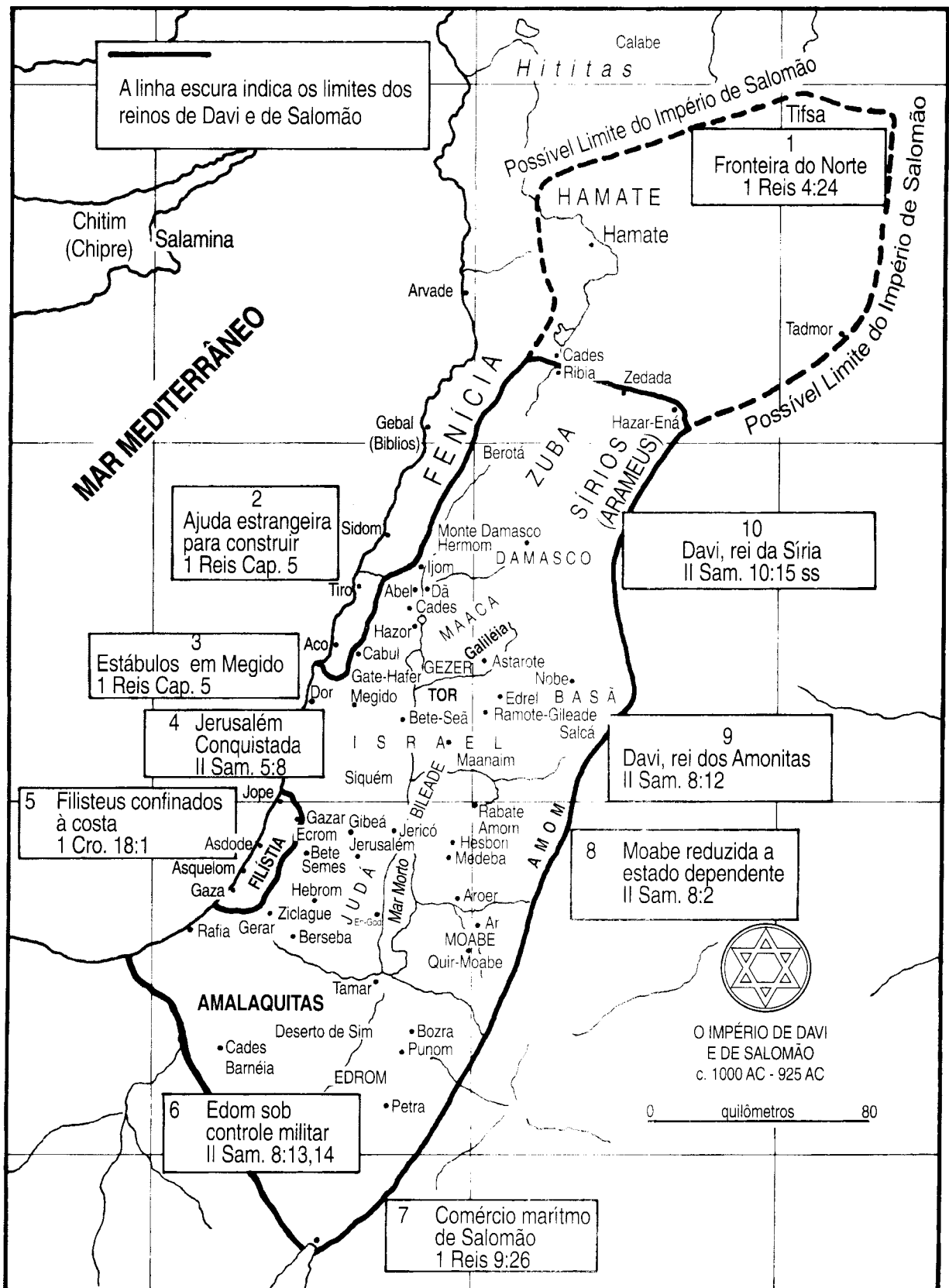
Provavelmente, a importância comprou o terreno onde havia a eira, e o terreno poderia ter vários acres de área. Uma larga fatia do monte Moriá pode ter sido assim comprada, e tornou-se um bom local para Salomão, mais tarde, construir o templo de Jerusalém. A teofania ali manifestada aumentou o prestígio do lugar, para que ali se fizesse uma construção.

24.25

Edificou ali Davi ao Senhor um altar. O terreno foi adquirido, a eira e todo o seu território em redor, bem como os instrumentos mencionados no vs. 22. Davi realizou imediatamente os sacrifícios que aplacariam Yahweh e fariam cessar a praga que já tinha matado 70.000 pessoas. “Foi no monte Moriá que Abraão oferecera Isaque (ver Gên. 22.2). E no mesmo local, Salomão mais tarde construiu seu magnífico templo (I Crô. 22.1,2; II Crô. 3.1)” (Eugene H. Merrill, *in loc.*). Portanto, o bem saiu do mal. O trecho paralelo de I Crô. 21.29,30 lembra-nos que o tabernáculo (onde Davi mais apropriadamente poderia ter realizado os sacrifícios ali oferecidos) continuava em Gibeom. Mas Davi não foi até lá, porque temia que o anjo brandisse novamente sua espada e ceifasse sua própria vida. Assim sendo, ele realizou o sacrifício em um lugar próximo.

“Assim, como o arrependimento de Davi e a reconciliação dele com Deus, após o seu segundo grande pecado, o autor sagrado encerrou essa narrativa e o seu livro. O reinado e a vida de Davi tinham chegado substancialmente ao fim, um testemunho a todos os tempos do poder da graça divina sobre a fragilidade e o pecado humano, bem como da fidelidade e da misericórdia de Deus para com aqueles que Nele confiam, a despeito de grandes e graves falhas” (Ellicott, *in loc.*).

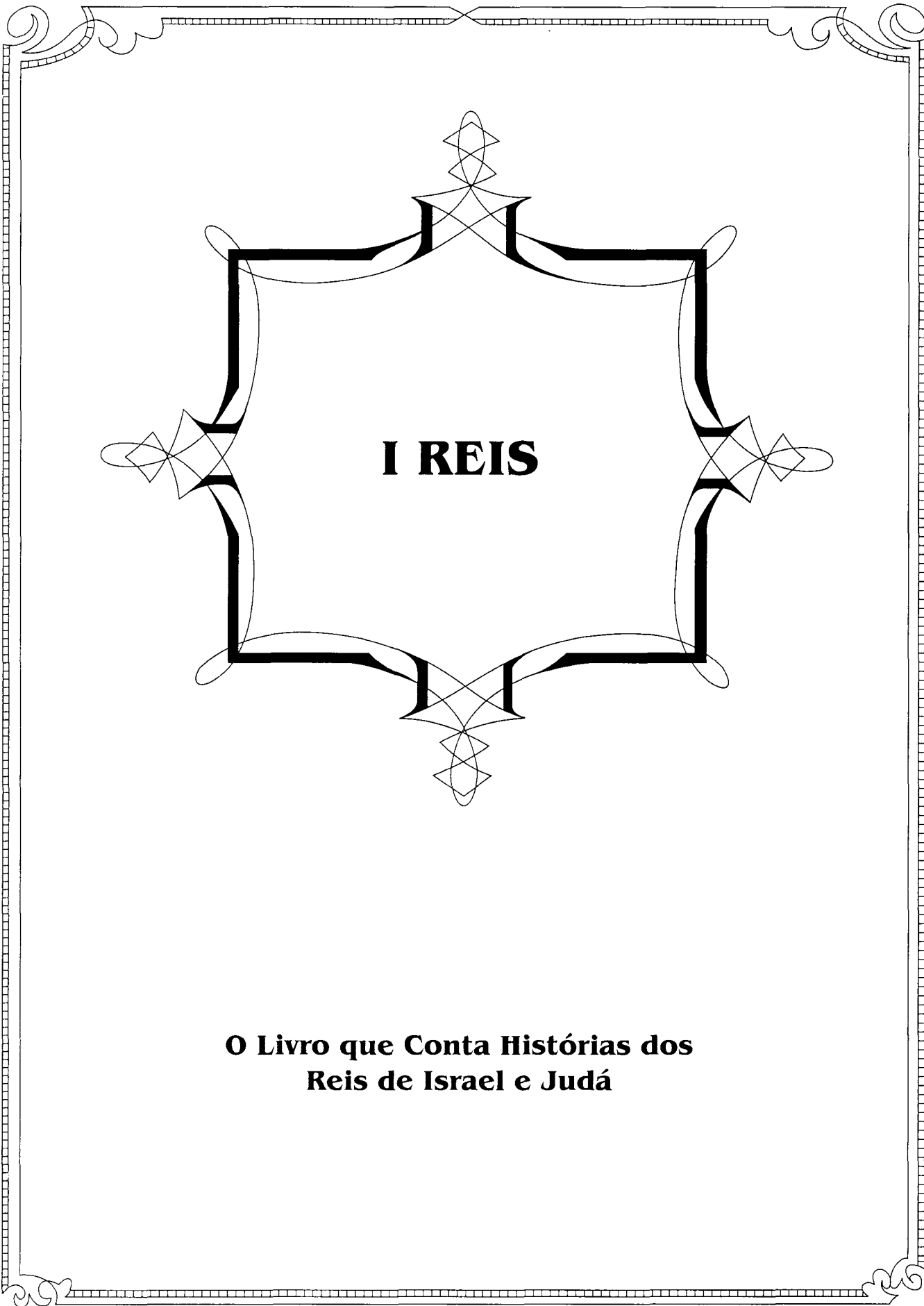
O IMPÉRIO DE DAVI E DE SALOMÃO



AS REALIZAÇÕES DE DAVI PREPARAM O CAMINHO PARA A ÉPOCA ÁUREA QUE SEU FILHO, SALOMÃO, ADMINISTROU.

Davi derrotou, de modo decisivo, os filisteus (II Sam. 5.17-25; 21.15-22; I Crô. 18.1). Além disso, os amonitas, os idumeus, os moabitas, os arameus e os amalequitas foram subjogados (II Sam. 8.10; 12.26-32), e um império substancial foi estabelecido sob as ordens de Davi. Estendia-se desde Ezion-Geber, no extremo sul do golfo de Ácaba, até a região de Hums, perto da cidade de Hamate, no extremo norte. Trechos bíblicos, como I Crô. 22.17 ss., comentam as habilidades diplomáticas e militares de Davi, e, ocasionalmente, há vislumbres da sua espiritualidade.

Ver sobre os *oito inimigos* vencidos por Davi, nas notas oferecidas em II Sam. 10.19. Ver também sobre Davi, o rei ideal de Israel, em I Reis 15.3.



I REIS

**O Livro que Conta Histórias dos
Reis de Israel e Judá**